UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
ÁREA DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

HIGOR CODARIN

REVOLUCIONAR A VIDA, RECONSTRUIR O MUNDO: UMA BIOGRAFIA HISTÓRICA DE VERA SÍLVIA MAGALHÃES

NITERÓI
2023

HIGOR CODARIN

REVOLUCIONAR A VIDA, RECONSTRUIR O MUNDO: UMA BIOGRAFIA HISTÓRICA DE VERA SÍLVIA MAGALHÃES

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense (PPGF-UFF), como requisito para o Grau de Doutor em História.

Área de concentração:
História Contemporânea II. Política e Sociedade

Orientador: Prof. Dr. Daniel Aarão Reis Filho

NITERÓI

2023

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG Gerada com informações fornecidas pelo autor

N244r Nascimento, Higor Codarin
Revolucionar a vida, reconstruir o mundo : Uma biografia histórica de Vera Sílvia Magalhães / Higor Codarin Nascimento. - 2023.
540 p.

Orientador: Daniel Aarão Reis Filho.
Tese (doutorado)-Universidade Federal Fluminense, Instituto de História, Niterói, 2023.

1. Biografia. 2. Subjetividades. 3. Luta armada. 4. Comunismo. 5. Produção intelectual. I. Reis Filho, Daniel Aarão, orientador. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de História. III. Título.

CDD - XXX

Bibliotecário responsável: Debora do Nascimento - CRB7/6368

HIGOR CODARIN

REVOLUCIONAR A VIDA, RECONSTRUIR O MUNDO: UMA BIOGRAFIA HISTÓRICA DE VERA SÍLVIA MAGALHÃES

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial a obtenção do título de Doutor em História.

Aprovada em: 24 de agosto de 2023.

BANCA EXAMINADORA

_____

Professor Dr. Daniel Aarão Reis – UFF (Orientador)

_____

Professora Dra. Denise Rollemberg – UFF (Arguidora)

_____

Professora Dra. Caroline Bauer – UFRGS (Arguidora)

_____

Professora Dr. Marcelo Siqueira Ridenti - UNICAMP (Arguidora)

_____

Professora Dr. Rodrigo Patto Sá Motta – UFMG (Arguidora)

_____

Professora Dra. Janaína Martins Cordeiro – UFF (Suplente)

_____

Professora Dr. Fernando Perlatto – UFJF (Suplente)

NITERÓI,

2023

AGRADECIMENTOS

Apesar da solidão inerente ao exercício de escrita desta tese, por vezes angustiante, seria impensável sua conclusão sem o apoio das pessoas e instituições que agora agradeço.

Inicialmente, agradeço ao meu orientador, Daniel Aarão Reis. Lembro-me, com nitidez, quando, após minha defesa de mestrado, abriu-me a possibilidade de escrever a biografia de Vera sob sua orientação. Além disso, agradeço pela leitura atenta do texto, pelos comentários críticos e, sobretudo, pela presença constante, auxiliando como historiador e, também, como participante de muitos dos eventos que vão impressos nessas páginas. A academia, que parece pouco afeita aos afetos, mostrou-me que essa relação, superou em muito, a relação orientador/orientando.

Agradeço, também, à minha família. Cada um, à sua maneira, me incentivou e possibilitou a conclusão deste trabalho. À minha mãe, Sandra, agradeço sua persistência em meus momentos de rebeldia. Apesar de tudo, nunca desistiu de que eu pudesse me tornar uma pessoa melhor. Sua confiança em mim foi fundamental para que eu confiasse em mim mesmo, tentando me tornar um ser humano melhor a cada dia. Sua bondade contagia todos a seu redor. Meu amor e admiração por você são infindáveis. Ao meu pai, Nailson, agradeço sua visão combativa e persistente para com a vida. Se temos divergências políticas e discussões acaloradas, estas não são impedimento para enxergar a bravura com a qual você combate o mundo, sempre renovando as energias de um dia para o outro, sem a qual seria impossível eu estar onde estou hoje e com a qual aprendi, também, a me posicionar diante de um mundo tão desigual a nossa volta. À minha irmã, Hingrid, pela nossa convivência leve e feliz dos últimos anos, de quem me aproximei e me considero confidente. A ela, principalmente, devo a perspectiva de que a melhor maneira de enfrentar o mundo é com felicidade. Sua simplicidade em levar a vida me mostrou que, às vezes, devemos olhar para o mundo com olhos menos severos.

À minha avó, Mirian, agradeço pelo incentivo intelectual. Para quem o esquecimento se tornou uma visita que, a contragosto, insiste em ficar, deixo aqui, impresso, meu agradecimento por tudo, em todos esses anos. Sem sua presença, instigando, em mim, o hábito pela leitura e pela reflexão intelectual sobre o mundo, esta tese não seria escrita.

Aos meus amigos todos, por tanto. Em especial, ao Caetano, pela presença constante, sempre interessado em saber sobre os avanços da biografia e os dilemas do passado da esquerda brasileira. À Mariana Bianco, historiadora, parceira de docência e de tantos projetos. Além da afinidade profissional, suas palavras de amizade e incentivo, além da leitura atenta do texto, foram imprescindíveis para a realização desta tese. Ao Rafael Duckur, pela presença

fundamental em momentos severamente difíceis, contribuindo para que eu reencontrasse alguns caminhos.

No período em que estive na França, não posso deixar de agradecer a Ariane Ekelund. Uma *Française profonde*, filha de pai comunista, amável e doce, que me acolheu como seu filho durante minha estada de 12 meses na capital francesa. Em sua casa, compartilhamos risadas, confidências e preocupações, superando, juntos, o período inicial da pandemia ligada ao novo coronavírus. Além dela, os grandes amigos Pedro e Vitor, parceiros que a música aproximou. A genérica *Maison du Brésil,* onde passeiam os minerais do reino, foi um refúgio indispensável nos períodos de asperezas várias.

Ainda sobre a França, agradeço, especialmente, a Rui Frati, pela generosa acolhida e disponibilidade. Além dele, agradeço, também, a Luiz Eduardo Prado, pelas diversas vezes que nos encontramos para discutir sobre Vera. Além disso, agradeço a ida aos *Archives Nationales* para auxiliar no desbloqueio aos documentos reservados.

Agradeço também aos companheiros de militância, amigos, amores e familiares de Vera pela abertura de suas casas e respectivas memórias. Todos, sem exceção, disponibilizaram-se, prontamente, para me auxiliar no que fosse necessário. Em especial, agradeço a Carlos Henrique Maranhão. Sua memória impressionante e a disponibilidade em responder minhas mensagens inconvenientes aos finais de semana foram de imensa importância para diversos momentos diferentes da vida movimentada do exílio parisiense e do retorno ao Brasil.

Aos funcionários dos diversos arquivos em que pude pesquisar. Em todos encontrei pessoas solícitas e dispostas a auxiliar no que fosse necessário. Ao Programa de Pós-Graduação de História da Universidade Federal Fluminense (PPGH-UFF), pela guarida institucional. À FAPERJ, pela concessão de duas bolsas (Sanduíche e Doutorado Nota 10). Sem o auxílio financeiro, este trabalho seria impossível. A Maud Chirio, pela acolhida em meu estágio na França, através da Université Gustave Eiffel.

Ao professor Marcelo Ridenti por tanto, em todos esses anos. Além de participar da banca qualificação e defesa, indicando novas perspectivas, essenciais ao desenvolvimento da tese, agradeço a acolhida como orientador do meu mestrado e a amizade desde 2016. Poder tê-lo, em tantos momentos, presente em minha trajetória acadêmica é um privilégio.

A Denise Rollemberg, pela participação na banca de defesa e apontamentos importantes realizados mas, sobretudo, pela produção historiográfica que tanto me inspira.

A professora Maria Lygia Quartim de Moraes, pela participação da banca de qualificação e pelos apontamentos realizados.

A Janaína Cordeiro pelo incentivo, leitura e auxílio nas questões relacionados ao PPGH.

A Juliana Marques, pela indicação dos caminhos do Superior Tribunal Militar.

Aos professores Caroline Bauer e Rodrigo Patto Sá Motta, pela participação na banca de defesa e pelos valiosos apontamentos.

Por fim, mas, definitivamente, não menos importante, agradeço a Hannah, minha companheira. O amor, como diria Ferreira Gullar, é refrigério. Sem o seu, as dificuldades na escrita deste trabalho talvez fossem intransponíveis. Sua companhia diária, escuta atenta e seus conhecimentos na área de psicologia foram fundamentais para o material que se segue. Seu interesse em ler todas as palavras que aqui estão apenas me dão a certeza de que o mais certo é, mesmo, o nosso amor.

RESUMO

Esta tese tem por objetivo realizar uma biografia histórica de Vera Silvia Magalhães. Militante política da Dissidência Comunista da Guanabara, posteriormente Movimento Revolucionário 08 de Outubro (DI-GB/MR-8), fez parte da esquerda armada brasileira contra a ditadura civil-militar. Presa e exilada em meados de 1970, realizou treinamento guerrilheiro em Cuba e estava no Chile no momento da derrubada de Salvador Allende. Passou longo período na Europa e retornou ao Brasil após a Lei da Anistia, em 1979. Partindo de uma perspectiva historiográfica do gênero biográfico, procurou-se tecer as relações entre indivíduo e sociedade, entre escolhas e determinações. Através da análise de uma "personagem limite" da geração 1968, fundada em marcos rebeldes e revolucionários, buscou-se aprofundar as análises a respeito da subjetividade militante, constituída e constituinte de um *ethos* revolucionário. Realçou-se, por um lado, as questões de gênero relacionadas à militância em uma organização e, sobretudo, em uma cultura política majoritariamente masculina. Por outro, mobilizou-se questões outras, pouco tratadas pela historiografia, a respeito do engajamento e, especialmente, desengajamento dos militantes que optaram pela luta armada como forma de derrubar a ditadura e realizar a revolução brasileira. Como uma análise microscópica do cosmo social, a trajetória de Vera ilumina a viagem através do tempo da geração de 1968 brasileira, desde sua formação até o retorno ao Brasil após o exílio, momento em que a revolução havia deixado de figurar no horizonte. Como "caso-limite", o descompasso, a desorientação e o estranhamento de Vera no exílio e, especialmente, na volta ao Brasil, como representação, pela margem, dos estranhamentos e desorientações de toda uma geração.

Palavras-chave: Biografia; Subjetividade; Luta armada; Comunismo; Militantismo

RÉSUMÉ

Cette thèse vise à réaliser une biographie historique de Vera Silvia Magalhães. Militante politique de la Dissidence communiste de Guanabara, devenue le Mouvement révolutionnaire du 8 octobre (DI-GB/MR-8), elle faisait partie de la gauche armée brésilienne contre la dictature civil-militaire. Arrêtée et exilée au milieu des années 1970, elle suit une formation de guérilla à Cuba et se trouve au Chili au moment du renversement de Salvador Allende. Elle séjourne longtemps en Europe et revient au Brésil après la loi d'amnistie, en 1979. Partant d'une perspective historiographique du genre biographique, on tente de tisser les rapports entre individu et société, entre choix et déterminations. À travers l'analyse d'un « personnage limite » de la génération 1968, fondé sur des repères insoumis et révolutionnaires, nous avons cherché à approfondir les analyses concernant la subjectivité militante, constituée et constitutive d'un ethos révolutionnaire. D'une part, les questions de genre liées au militantisme dans une organisation et, surtout, dans une culture politique à prédominance masculine ont été mises en lumière. En revanche, d'autres questions ont été mobilisées, peu traitées par l'historiographie, concernant l'engagement et surtout le désengagement des militants qui ont opté pour la lutte armée comme moyen de renverser la dictature et de faire la révolution brésilienne. Analyse microscopique du cosmos social, la trajectoire de Vera éclaire le voyage dans le temps de la génération brésilienne de 1968, dès sa formation jusqu'à son retour au Brésil après l'exil, moment où la révolution avait cessé d'apparaître à l'horizon. Comme « cas limite », le décalage, la désorientation et l'éloignement de Vera en exil et, surtout, à son retour au Brésil, comme représentation, à la marge, de l'éloignement et de la désorientation de toute une génération.

Mots-clés: Biographie ; Subjectivité ; Lutte armée ; Communisme ; Militantisme

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 11

I ORIGENS 35

1 MATIZES DE DOURADO..... 36
1.1Uma família de elite, entre a cultura, a política e o dinheiro..... 36
1.2 A Montanha, o Sol e o Mar 41
1.3 Anos Nem Tão Dourados Assim 60

2 UM MUNDO A GANHAR 69
2.1 Morada da Sexta Felicidade 69
2.2 Referências Cruzadas 74
2.3 "Ser Revolucionário" 93

II IRRESISTÍVEL SEDUÇÃO DO POSSÍVEL 103

3 ORGANIZAÇÃO E LUTA 104
3.1 Os Estudantes e a Ditadura 104
3.2 A Dissidência da Guanabara (DI-GB) 110
3.3 Os Ares da Praia Vermelha 135

4 O ANO CURTO DE TODOS OS DESEJOS 149
4.1 Centro da Tormenta 149
4.2 "Eu vou mostrar que sou Homem"..... 158
4.3 O Afeto também é Revolucionário 172
4.4 Imersão Geral na Luta Armada 184

5 NO PRINCÍPIO, ERA A AÇÃO 189
5.1 Batismo de Fogo..... 194
5.2 Movimento Revolucionário 8 de Outubro..... 201
5.3 O Ápice da Utopia..... 208

6 VIDA E MORTE NA REVOLUÇÃO 224
6.1 Últimos Narodniks ou Primeiros Bolcheviques? 227
6.2 Era difícil jurar amor eterno, pois a vida podia terminar antes do amor..... 234
6.3 "Por que sobreviver se não por aqueles que não sobrevivem?"..... 247
6.4 Via Sacra 251

III OS EXÍLIOS 272

7 REVOLUCIONÁRIA SEM PÁTRIA 273
7.1 "Meca dos Revolucionários" 280
7.2 O Primeiro Território Livre da *Nuestra America*..... 302

8 A DERROTA DE UM CONTINENTE 317
8.1 Vida em Suspenso 320
8.2 Velho Continente, Novas Referências..... 325
8.3 A Nova Capital do Exílio..... 332
8.4 Internacional de Feridos 340

9 *LUMIÈRES ET TENÈBRES* 350
9.1 All Countries Except Brazil and Chile 350
9.2 Pelos Bancos da Universidade de Paris 357
9.3 Montanha Mágica..... 368
9.4 Boulevard Raspail..... 393
9.5 Ampla, Geral e Irrestrita? 403

10 SOBREVIVENTE A MIM MESMO..... 422
10.1 O apagar das luzes do Raspail..... 422
10.2 Estrangeira em seu próprio país 427
10.3 Balanço sem perspectiva 453
10.4 Fósforo Frio..... 477
À GUISA DE CONCLUSÃO – AS SOMBRAS DE 1968 502
REFERÊNCIAS..... 507

“Come, my friends,
‘Tis not too late to seek a newer world.
[…]
Though much is taken, much abides; and thought
We are not now that strength which in old days
Moved earth and heaven; that which we are, we are;
One equal temper of heroic hearts,
Made weak by time and fate, but strong in will
To strive, to seek, to find, and not to yield.” (Ulysses, Alfred Tennyson)

INTRODUÇÃO

«[…] être d'avant-garde, c'est marcher au pas de la réalité.»
International Situationniste, nº 8, 1963, p. 37

« Ceux qui font les révolutions à moitié n'ont fait que se creuser un tombeau. »
Saint-Just, 26/02/1794, *Œuvres complètes*, 2004, p. 667

Aproximei-me da trajetória de Vera Sílvia Araújo Magalhães, cuja biografia histórica é o objetivo desta tese, ao realizar as pesquisas para meu trabalho anterior. Naquele momento, buscava reconstruir o percurso da organização de esquerda armada brasileira da qual Vera Sílvia fez parte: a Dissidência Comunista da Guanabara (DI-GB), posteriormente Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8), entre 1966 e 1972, com especial ênfase para o período da luta armada.[1]

É verdade que aspectos da trajetória de Vera Sílvia fazem parte de um certo senso-comum dos interessados pela autointitulada esquerda revolucionária: a participação, como única mulher, da captura do embaixador norte-americano Charles Burke Elbrick, em setembro de 1969, como também sua libertação da prisão, quando trocada pela vida do embaixador da Alemanha Ocidental, Ehrenfried von Holleben, em junho de 1970, sem o movimento das pernas, registrada em fotografias que rodaram o mundo.[2] Em conjunto, construindo uma imagem algo misteriosa e épica, alimentavam, em mim, uma curiosidade inquietante.

Naquele início de pesquisa, em meio a dezenas de trajetórias entrelaçadas pela militância, com as quais entrava em contato pelos arquivos – em especial os depoimentos orais, que ofereciam vozes, rostos e impressões digitais às ações armadas e resoluções teóricas que buscavam a idealizada revolução brasileira –, relacionava-me, gradativamente, com elementos que indicavam o "excepcional normal"[3] representado pela trajetória de Vera Sílvia. Soube,

---

[1] Para maiores detalhes, cf. CODARIN, Higor. *O MR-8 na luta armada: as armas da crítica e a crítica das armas.* São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2019.

[2] A participação de Vera Sílvia na luta armada foi, inclusive, retratada, embora de modo distorcido, como veremos adiante, no filme *O que é isso, companheiro?*, de Bruno Barreto, lançado em 1997. O filme é uma adaptação ao livro homônimo de Fernando Gabeira.

[3] "Excepcional normal" é uma expressão cunhada por Edoardo Grendi, um dos teóricos da micro-história, ao tratar, especificamente, do *corpus* documental com o qual o historiador se depara: "[...] o documento excepcional pode ser extraordinariamente 'normal', precisamente por ser revelador." GRENDI, Edoardo. Microanálise e História Social. *In*: ALMEIDA, Carla Maria Carvalho de; OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de (org.). *Exercícios de micro-história.* Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2009. p. 27.
Utilizo-o aqui com um sentido algo diverso. Se, conforme Lima, a expressão de Grendi originalmente serviu à descrição de documentos que "[...] testemunhavam indiretamente sobre um cotidiano normal e mal documentado do passado" realço a utilização do termo proposta por Carlo Ginzburg: "Mas o 'excepcional normal' pode ter ainda um outro significado. Se as fontes silenciam e/ou distorcem sistematicamente a realidade social das classes

então, que Vera e Yedda Botelho Salles haviam sido as únicas militantes a integrarem a Direção-Geral da organização. Além disso, após a opção pela luta armada, Vera foi a única mulher a fazer parte da Frente de Trabalho Armado (FTA), setor responsável pela realização das ações armadas, até sua prisão, em março de 1970.

Essas descobertas, que se apresentavam aos olhos de um historiador recém ingresso na pós-graduação, que nunca procurou esconder sua relação afetiva com este tema e esses militantes[4], exerciam uma espécie de força gravitacional para com a vida de Vera Sílvia. Nesse contexto, em um golpe de sorte, desses que, por vezes, recompensam os escafandristas mergulhados em vestígios de outros tempos, encontrei, em meio aos processos judiciais vinculados ao Superior Tribunal Militar (STM), uma carta de "Ângela" a Mirian Chaves Albuquerque. "Ângela" era o nome de guerra de Vera. Um dos vários que lhe davam, àquela altura, a "oportunidade de renascer, de ganhar um jogo contra a ameaça da morte."[5] Mirian era vizinha de porta de Vera Sílvia, em um dos "aparelhos" que serviam de guarida durante a fase mais difícil da vida clandestina, localizado em um prédio de três andares da rua Montevideo, número 391, na Penha, zona norte do então Estado da Guanabara. "Ângela" e Mirian ficaram, dentro dos limites possíveis, amigas. Mirian, inclusive, confiava a "Ângela" o cuidado de seus dois filhos, quando precisava sair. Contudo, Mirian, em meados de fevereiro de 1970, denunciou a presença de subversivos no prédio.

---

subalternas, um documento que seja realmente excepcional (*e, portanto, estatisticamente não frequente)* pode ser muito mais revelador do que mil documentos estereotipados. *Os casos marginais, como notou Kuhn, põem em causa o velho paradigma, e por isso mesmo ajudam a fundar um novo, mais articulado e mais rico.*" *In*: GINZBURG, Carlo. *A micro-história e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991. p. 177. Para a citação de Lima, cf. LIMA, Henrique Espada. *A micro-história italiana: escalas, indícios e singularidades*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p. 331.

[4] Indiquei, em outro momento, a relação afetiva que cultivo com a temática da esquerda armada e seus militantes. Não partilho da visão de que o ofício do historiador deva ser pautado por uma pretensa – e, no limite, inatingível – imparcialidade. Com exceção de um "intensivo esforço de objetividade", que não deve ser confundido com neutralidade, como nos diz, sabiamente, José Paulo Netto, em sua recém-lançada biografia de Karl Marx, não vislumbro restrições à escolha de objetos de pesquisa aos quais estamos ligados afetivamente. Ao contrário. Tributário das reflexões abertas pela vereda historiográfica da história do tempo presente, faço minhas as palavras de Maria Paula Araújo: "A história do tempo presente reconhece o historiador comprometido com seu tempo, com as questões do seu tempo. Reconhece seu engajamento pessoal, sua paixão. E justamente por isso torna crucial a questão da verdade. Não uma verdade pretensamente objetiva e imparcial (e por isso 'científica'). Mas a busca da verdade como compromisso ético moral do historiador. Ele sabe que a verdade 'total', pura, cristalina é impossível de ser atingida. O historiador chega a 'retalhos' de verdade, pedaços parciais. Mas a busca por esta verdade – que ele sabe que, de certa forma, nunca será atingida- é o que o move e o faz estar atento a qualquer forma de manipulação da narrativa histórica. Não apenas do passado, mas também do presente." ARAUJO, Maria Paula. Por uma história da esquerda brasileira, *Topoi,* Rio de Janeiro, PPGHIS/UFRJ, v. 5, p. 333-353, 2002 . p. 345. Para a reflexão de José Paulo Netto, cf. NETTO, José Paulo. *Karl Marx*: uma biografia. São Paulo: Boitempo, 2020. p. 47.

[5] ACSELRAD, Henri. *Sinais de fumaça*: uma sociologia da clandestinidade na luta contra a ditadura no Brasil. Rio de Janeiro: Lamparina, Faperj, 2015. p. 23.

A descoberta desta carta, direcionando-me para esse momento específico da vida de Vera Sílvia, foi o impulso inicial desta tese. A transformação do interesse curioso em objeto historiográfico.[6] Residiam ali, escritos à mão, soçobrados, em meio a outros tantos documentos que gritavam sua rigidez teórica através da tinta do mimeógrafo, elementos outros que escapavam, em maior ou menor grau, às linhas mestras da pesquisa. Cotidiano na clandestinidade; relação entre os militantes e os moradores das regiões periféricas ou, como "Ângela" dizia na carta, dos *revolucionários* com o *povo*; e, por último, mas não menos importante, os laços afetivos entre militantes, que amalgamavam – às vezes conflituosamente, amor e revolução, lançando luz à questão dos costumes, como também ao compromisso de permanência na luta armada. Em síntese, excepcionalmente normal, nos dois sentidos da expressão, operando como "espias ou indícios de uma realidade oculta"[7], os elementos da carta colocaram-me em diálogo, mais intenso, com as imbricações e encruzilhadas entre o público e o privado da vida militante. Dito de outro modo, a dimensão da subjetividade militante.

Sempre tive consciência da necessidade em responder negativamente à questão posta por Marco Aurélio Garcia: "É possível uma história da esquerda, sem uma história da militância política?"[8] Contudo, os limites impostos pelos objetivos daquela pesquisa, aliados ao tempo curto do mestrado, fizeram com que alguns dos aspectos da subjetividade militante, realçados a partir da descoberta da carta, ficassem apenas indicados ou pouco desenvolvidos. Além de outros que, acredito, apenas o enfoque atento aos casos-limite, como o é o de Vera Sílvia Magalhães, pode desenvolver plenamente.

Mais do que puramente a subjetividade militante, algo que é ao mesmo tempo amorfo e universal, descortinava-se, para mim, as questões da subjetividade da mulher militante. Vera foi socializada a partir dos padrões de gênero de sua época. Tornar-se mulher, como diz Simone de Beauvoir, a partir da inserção no mundo social, faz com que, invariavelmente, todas as relações sociais em que Vera esteve inserida tenham de utilizar a categoria gênero, como aponta Joan Scott, como grade de análise, ou seja, como "meio de decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre várias formas de interação humana."[9] Neste sentido,

---

[6] A partir da descoberta da carta, escrevi um artigo sobre esse período específico da vida de Vera Sílvia. Para maiores detalhes, cf. CODARIN, Higor. Entre o individual e o coletivo: uma análise acerca da trajetória de Vera Sílvia Magalhães e José Roberto Spiegner na esquerda armada brasileira (1966-1970). *Plural*, v. 26, n. 2, p. 340-362, 2019. DOI: 10.11606/issn.2176-8099.pcso.2019.143135. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/143135. Acesso em: 19 fev. 2021.

[7] GINZBURG, 1991. p. 177.

[8] GARCIA, Marco Aurélio. O gênero da militância: notas sobre as possibilidades de uma outra história da ação política. *Pagu,* n. 8-9, 1997. p. 320.

[9] SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e realidade,* v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995. p. 89.

analisar a subjetividade militante, sobretudo pelo prisma da subjetividade feminina, indicava para uma redefinição das relações entre a esfera privada e as esferas pública e política, conforme aponta Anne Muxel:

> O privado, não no sentido do que seria confiscado, subtraído ou escondido da esfera pública, mas o privado enquanto lugar onde a política revela as escolhas individualizadas, subjetivadas e investidas afetivamente, inclusive em sua dimensão pública e coletiva.[10]

Nesta perspectiva, portanto:

> A situação limite das mulheres nas organizações revolucionárias, sobredeterminada pelas condições específicas da clandestinidade, abriu espaço para que se constituísse um campo de reflexão em torno da especificidade da militância, esse complexo fenômeno no qual se articulam a esfera pública e a esfera privada. A história da vida privada da esquerda, entendida como a presença do político na esfera privada – a politização do cotidiano – ganha assim sua pertinência e objeto.[11]

Abria-se, assim, a perspectiva de realizar sua biografia histórica.

O retorno[12] à historiografia desse "modo particular de fazer história"[13] remete ao questionamento, nas décadas de 1970 e 1980, dos paradigmas – até então dominantes – marxista e estruturalista. A história havia se fartado de não ter rosto nem gosto, conforme a metáfora de Bernard Guénée.[14] A narrativa, após eclipse proporcionado pelo fato social total[15], retomava, metamorfoseada, seu lugar à mesa dos historiadores. Reabilitava-se o gênero biográfico como possibilidade fecunda de produção do conhecimento histórico, acompanhando – ou

---

Apesar de, como sublinha Scott, compreender que "gênero é uma questão perpetuamente aberta", enxergamos, também com Scott, que gênero, enquanto categoria analítica, mantém-se útil para a análise histórica. Portanto, utilizaremos nesta tese a definição de gênero, já clássica, proposta pela historiadora norte-americana: "O núcleo da definição repousa numa conexão integral entre duas proposições: (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder." SCOTT, op. cit., p. 86.
Neste sentido, ao demonstrar que gênero é uma forma primária de significação das relações de poder, aproximamo-nos, também, de Bourdieu que, ao descrever a dominação masculina, aponta para o fato de que ela se inscreve e se legitima "*em uma natureza biológica que é, por sua vez, ela própria uma construção social naturalizada.*" BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina.* 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. p. 33.

[10] MUXEL, Anne. La politisation dans ou par l'intime. *In*: MUXEL, Anne (org.). *La vie privée des convictions. Politique; affectivité, intimité*. Paris, França: Presses de Sciences Po, 2014. p. 21.

[11] GARCIA, 1997, p. 333.

[12] Sobre as chamadas "reabilitações" e "retornos" deve-se fazer, com Le Goff, a seguinte ressalva: "Essas voltas são equívocos. Se cada uma delas pode ser aceita pela nova história e se os partidários da nova história não raro delas deram o exemplo, é porque cada um desses gêneros históricos (ou quase) volta com uma problemática profundamente renovada." LE GOFF, Jacques. (org). *A história nova.* São Paulo: Martins Fontes, 1990. p. 7-8. Além disso, pode-se dizer que as biografias, mesmo em segundo plano, nunca deixaram de ter seu lugar na historiografia.

[13] LE GOFF, Jacques. *São Luís.* Rio de Janeiro: Record, 1999. p. 20.

[14] GUÉNÉE, Bernard. Apud DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida.* 2. ed. São Paulo: Edusp, 2015. p. 17.

[15] Eclipse da narrativa é uma expressão cunhada por Paul Ricœur para designar uma mudança no objeto e na forma de escrita da história. Para maiores detalhes, cf. RICŒUR, Paul. *Tempo e narrativa.* Campinas/SP: Papirus, 1994. Tomo 1.

acompanhado – de um reposicionamento significativo do papel do indivíduo na historiografia. (Re)encontravam-se, assim, após um hiato, indivíduo e História.

Desse reencontro, ressurge o indivíduo enquanto sujeito histórico. Não à maneira da "idade heroica"[16] das biografias, mas sim numa "inerradicável interdependência"[17] aos demais. Em outras palavras, diria Thomas Mann, em *A montanha mágica,* um dos livros preferidos de Vera Sílvia: "O homem não vive somente sua vida pessoal como indivíduo; consciente ou inconscientemente, participa também da vida de sua época e de seus contemporâneos."[18] Indivíduo e sociedade condicionam-se, então, dialeticamente. Nesta perspectiva, a micro-história italiana sublinha que "nenhum sistema normativo é suficientemente estruturado para eliminar qualquer possibilidade de escolha consciente."[19] A cultura, em sentido amplo, como apontou Carlo Ginzburg em sua famosa biografia do moleiro Menocchio, "oferece ao indivíduo um horizonte de possibilidades latentes – *uma jaula flexível e invisível na qual se exercita a liberdade condicionada de cada um*."[20] Portanto, conforme as palavras de Mary Del Priore, para este modo de conceber uma biografia histórica:

> [...] o indivíduo é, ao mesmo tempo, ator crítico e produto de sua época, seu percurso iluminando a história por dois ângulos distintos. Um explícito, pela iniciativa voluntária do observador que propõe uma análise da sociedade na qual o personagem está inscrito. O outro, implícito, avaliado no percurso do personagem que ilustra, por sua vez, as tensões, conflitos e contradições de um tempo, todos essenciais para a compreensão do período.[21]

Atriz crítica e produto de sua época. A trajetória de Vera Sílvia Magalhães como "monografia de toda uma época"[22], como possibilidade de compreensão dos caminhos e descaminhos da geração *soixante-huitard* brasileira. Esta é a hipótese desta tese. Entretanto, ao

---

[16] Segundo François Dosse, durante muito tempo, desde a Antiguidade à época moderna, as biografias serviam "de modelo moral edificante, para educar, transmitir valores dominantes às gerações futuras. [...]. Inscreve-se, durante esse longo período, no respeito absoluto a uma tradição que se organiza na Antiguidade em torno dos valores heroicos; em seguida, com a cristianização, os valores religiosos é que se difundem tomando por modelo as vidas exemplares." Cf. DOSSE, 2015, p. 123.

[17] ELIAS, Norbert. A sociedade dos indivíduos. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. p. 20.

[18] MANN, Thomas. *A montanha mágica.* São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 44

[19] LEVI, Giovanni. Usos da biografia. *In*: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos & Abusos da História Oral.* 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 179

[20] GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes. O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição.* 2. ed. (de bolso). São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 20. (grifo nosso)
Gilberto Velho, antropólogo brasileiro, aponta na mesma direção, ao propor a relação entre *projeto* e *campo de possibilidades:* "[...] procuro mapear e resgatar a possível margem de manobra e iniciativa dos agentes sociais envolvidos.
Continuo lidando com duas vertentes ou pontos de vista: o da unidade e o da diferenciação." Cf. VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose*. *Antropologia das sociedades complexas.* Rio de Janeiro: Zahar, 1994. p. 15.

[21] PRIORE, Mary del. Biografia: quando o indivíduo encontra a história. *Topoi*, v. 10, n. 19, p. 7-16, jul./dez. 2009. p. 11.

[22] GRAMSCI, Antonio *apud* MARTINHO, Francisco Carlos Palomanes. A monografia de um tempo português. *Tempo*. Revista do Departamento de História da UFF, v. 31, p. 313-316, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/tem/v17n31/13.pdf. Acesso em: 17 abr. 2018.

contrário de uma "biografia modal", que sublinhe o indivíduo médio, típico, de um grupo social, partilha-se, aqui, do conceito de "caso-limite."[23] Em "uma descontinuidade entre o micro e o macro"[24], pode-se falar de Vera Sílvia em termos singulares e gerais. Por um lado, a atipicidade de sua trajetória impede que a reduzamos à média. Por outro, sua peculiaridade limítrofe, iluminando as "margens do campo social"[25], engendra o vislumbre às "possibilidades de ação e pensamento"[26] de sua geração, da qual foi, a um só tempo, constituinte e constituída.

Mais do que uma "classe de idade", ou seja, um estrato demográfico marcado, exclusivamente, por medidas de tempo, "uma geração é uma reunião de homens [e mulheres] marcados por um grande evento ou uma série de grandes eventos."[27] Em uma caracterização do conceito de geração que pressupõe as imbricações entre o político, o social e o cultural, Jean-François Sirinelli, realçando a importância de eventos que caracteriza como inauguradores ou assinaladores, postula que "[...] um estrato demográfico só se torna uma geração quando adquire uma existência autônoma e uma identidade."[28] Assim, da vivência partilhada de um, ou mais, eventos inaugurais, produzem-se os "efeitos de idade". Estes, nas palavras do historiador francês:

> [...] são às vezes suficientemente poderosos para desembocar em verdadeiros fenômenos de geração, compreendida no sentido de estrato demográfico unido por um acontecimento fundador que por isso mesmo adquiriu uma existência autônoma. Por certo, as repercussões do acontecimento fundador não são eternas e referem-se, por definição, à gestação dessa geração e a seus primeiros anos de existência. *Mas uma geração dada extrai dessa gestação uma bagagem genética e desses primeiros anos uma memória coletiva, portanto ao mesmo tempo o inato e o adquirido, que a marcam por toda a vida.*[29]

Lançar mão do conceito de geração, conforme proposto por Sirinelli, é especialmente importante pois apesar de ser, a um só tempo, um "instrumento de investigação, para tentar isolar estratos geracionais, e uma grade de análise, para classificar e comparar", não se trata de

---

[23] Caso-limite ou caso-extremo é um conceito proposto pela micro-história italiana. Conforme aponta Carlo Ginzburg: "[...] mesmo um caso-limite (e Menocchio com certeza é) pode se revelar representativo, seja negativamente – porque ajuda a precisar o que se deva entender, numa situação dada, por 'estatisticamente mais frequente' – seja positivamente – porque permite circunscrever as possibilidades latentes de algo que nos chega apenas por meio de documentos fragmentários e deformados". Cf. GINZBURG, 2006, p. 20.
[24] LIMA, 2006, p. 326.
[25] LEVI, 2006, p. 176.
[26] LIMA, op. cit., p. 326.
[27] LUCHAIRE, Nome apud SIRINELLI, Jean-François. Effets D'Age et Phénomènes de Génération dans le Milieu Intellectuel Français. *Cahiers de L'Institut D'Histoire du Temps Présent*: Générations Intellectuelles, n. 6, p. 5-18, nov. 1987. p. 9.
[28] SIRINELLI, Jean-François. A Geração. *In*: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos e Abusos da História Oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 133
[29] SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. *In*: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política.* 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 255. (grifo nosso)

uma reconstrução *a posteriori*, "mas de um dado originário das representações coletivas de uma época."[30]

Nesta perspectiva, partindo de Sirinelli, Denise Rollemberg, ao analisar a experiência de exílio de "gerações que contestavam, a partir de um projeto, a ordem política e/ou econômica identificada à ditadura militar"[31], propõe uma distinção entre duas gerações que o vivenciaram. A primeira, caracterizada pela autora como *geração de 1964*, foi marcada "[...] pelos movimentos reformistas e o golpe civil-militar que depôs o presidente João Goulart."[32] Constituída por esses marcos fundadores, está

> [...] toda uma geração de lideranças ativas na cena política no pré-1964 [que] passou a ser perseguida pelo regime militar. De políticos experientes, que já atuavam antes de 1945, quando se extinguiu a ditadura do Estado Novo, até militantes bem mais jovens; de políticos e intelectuais que defendiam reformas no país, através da disputa legal e institucional, a grupos que já propunham transformações mais profundas, apontando para a necessidade de se recorrer ao confronto direto, sem recurso da lei. Em comum, tinham a experiência dos embates da conjuntura anterior ao golpe: as barganhas políticas, as negociações pré-eleitorais, as greves, as manifestações de rua, a cumplicidade e a proteção do Estado, os comícios na Central do Brasil, a reforma agrária na lei ou na marra, as Ligas Camponesas, as rebeliões de cabos, sargentos e marinheiros. Entretanto, em geral, associa-se a primeira geração [de 1964] àqueles que se identificavam com o projeto das reformas de base, ligados aos sindicatos e a partidos políticos legais, como o PTB, ou ilegais, como o PCB.[33]

Com relação à geração *soixante-huitard*, Rollemberg descreve como

> [...] militantes mais jovens, extremamente críticos às posições e práticas do PCB, muitos originários do movimento estudantil, de onde saíram para se integrarem à luta armada em organizações que supervalorizavam a ação revolucionária – de *massas* ou de *vanguarda*. Os eventos e as lutas do pós-1964 – o movimento estudantil, as passeatas, as greves, a luta armada, os sequestros de diplomatas – são as referências.[34]

Como se pode notar, a descrição da geração de 1968 é mais sucinta, apesar de satisfatória, mobilizando parte fundamental dos eventos matriciais desta geração. Contudo, ultrapassando a perspectiva clássica de *événement*, deve-se ter em vista, também, eventos inauguradores outros, sem os quais se torna difícil traçar um quadro mais completo da geração *soixante-huitard* brasileira. Neste sentido, Sirinelli nos oferece uma outra boa pista ao apontar a importância dos eventos fundadores de "ordem ideológica". Estes, por serem dilatados no tempo, são "menos espetaculares que aqueles de um conflito ou de uma grave crise", embora não sejam menos eficazes em "suas funções coagulantes."[35] A partir deles é que conseguimos

---

[30] SIRINELLI, 1987, p. 10.
[31] ROLLEMBERG, Denise. *Exílio. Entre raízes e radares.* Rio de Janeiro: Editora Record, 1999. p. 47.
[32] Ibid., p. 49.
[33] Ibid., p. 50. (grifo nosso)
[34] Ibid.
[35] SIRINELLI, 1987, p. 10.

recuperar os ares da época, fundamentais para compreensão dos eventos clássicos constituídos e constituintes desta geração, como os apontados por Rollemberg.

Um estado de espírito pautado pela negatividade. Um "protesto contra o que é."[36] Talvez este seja o amálgama ideológico, cultural, inaugurador da geração *soixante-huitard* brasileira. A negação da sociedade tal qual ela era, em seus mais diversos aspectos. Negava-se a ditadura, que sedimentava suas bases e articulava o processo de modernização conservadora do capitalismo à brasileira. Negavam-se as formas tradicionais, institucionais, de fazer política, como também os principais atores políticos de esquerda do período, em específico o trabalhismo e o comunismo do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Este último, considerado por muitos como responsável pela conjuntura do golpe de 1964. Negava-se a estrutura arcaica e hierárquica das universidades, a repressão e supressão das entidades estudantis, além da influência externa na política universitária, simbolizada nos acordos MEC-USAID. Em sua grande maioria jovens, estudantes, recusavam-se a encenar o papel social que lhes era previsto. Desafiavam e desafinavam do destino social que lhes havia sido escrito, com uma trajetória regular de universidade, trabalho, casamento e filhos.

No entanto, essa negatividade não se restringia a críticas difusas e estéreis às amarras da sociedade e às práticas políticas, consideradas obsoletas e reacionárias. Muito ao contrário. Conforme aponta Albert Camus, o homem – e a mulher – revoltado(a) "é também um homem que diz sim."[37] Assim, no ventre da negatividade crítica repousava o sonho utópico de construção de uma outra sociedade brasileira e, no limite, de um outro mundo. Sonho utópico que, na visão dos *soixante-huitards* brasileiros, não guardava o sentido usual da palavra utopia, como algo abstrato ou alheio ao mundo, "mas sim inteiramente voltado para o mundo: o sentido de ultrapassar o curso natural dos acontecimentos."[38]

Pairava no ar o imperativo da ação, em suas variadas matizes. Ultrapassar o curso natural dos acontecimentos pela ação rebelde e revolucionária. Por um lado, a marcha em direção ao socialismo parecia ter chegado à América Latina através do mar do caribe. Com ela, passava-se a partilhar da máxima de que o dever de todo revolucionário era fazer a revolução, visando transformar a Cordilheira dos Andes na Sierra Maestra da América do Latina, como dizia Fidel Castro. Por outro, influências teóricas difusas, sejam originárias na psicanálise ou no existencialismo, reforçavam, no campo marxista, a autonomia relativa, mas real, dos

---

[36] MARCUSE, Herbert. *A ideologia da Sociedade Industrial. O Homem unidimensional.* 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973. p. 75.
[37] CAMUS, Albert. *O homem revoltado.* 9. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2011. p. 25.
[38] BLOCH, Ernst. *O princípio esperança*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005. tomo I, p. 22.

indivíduos, incorporando, "numa síntese viva, a responsabilidade pessoal do homem ao sentido universal da história."[39]

Em conjunto, negação e proposição realizavam, de uma maneira particular, a síntese dos contrários. Utopia e realidade; ação e sonho; coletivo e individual, aparentavam ser combinações possíveis. Formava-se, assim, como "bagagem genética" da geração *soixante-huitard*, o que chamo de *ethos revolucionário*.[40] Uma visão de mundo específica, constituída na combinação complexa de vários elementos, expressão da confluência entre dois projetos revolucionários: coletivo e individual.

Coletivamente, enxergando-se como *marco zero*, buscava refundar a esquerda brasileira em uma perspectiva, efetivamente, revolucionária. Entre rupturas e continuidades, a geração de 1968 via-se em condições de tomar o céu de assalto pelo questionamento demolidor das análises e práticas políticas das gerações comunista e trabalhista precedentes. Apostava em novos referenciais conjunturais, tático-estratégicos e revolucionários para acabar com a exploração do homem pelo homem, como se dizia na época. Muito influenciados – apesar de não exclusivamente – pelo foquismo cubano[41], confiavam na luta armada, através da guerra de guerrilhas, para derrubar a ditadura e transformar a realidade brasileira.

Ao projeto coletivo, integrava-se um projeto individual, apoiado na necessidade de construção do *homem-novo*[42], com o qual se ligava, intimamente, a perspectiva "libertária" de

---

[39] GARAUDY, Roger. *Perspectivas do homem.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. p. 39.

[40] A própria Vera Sílvia ressaltou, por diversas vezes, em entrevistas, a importância do olhar para a compreensão do *ethos* da esquerda armada brasileira, em específico da organização a qual fez parte. Tive contato com essa perspectiva, apresentada por Vera, pela primeira vez por Daniel Aarão Reis. Segundo o historiador, Vera havia desenvolvido um projeto de pesquisa para discutir as questões do ethos da Dissidência que, por razões diversas, nunca foi adiante. Para maiores detalhes, cf. AARÃO REIS, Daniel. *et. al*. *Versões e ficções. O sequestro da História.* São Paulo: Fundação Perseu Ábramo, 1999; AARÃO REIS, Daniel. *Ditadura militar, esquerdas e sociedade.* Rio de Janeiro, Zahar, 2000, p. 43. Além de Vera, outros militantes da esquerda armada ressaltam a formação de um modo de agir específico, baseado em valores éticos. Carlos Vainer, também militante da DI-GB/MR-8, por exemplo, ressaltou: "A geração não é o que os demógrafos dizem como coorte etário, a geração é um ethos, é um conjunto de referências, um projeto partilhado [...]. Minha pátria é minha geração [...]. Com quem eu tenho a ver? Eu tenho a ver com essas pessoas. Elas partilham desse mesmo ethos, desse caldo de cultura. Que é uma cultura política, mas não apenas. Uma cultura moral, também." VAINER, Carlos. Entrevista concedida a Higor Codarin, via Skype, no dia 27 de junho de 2020.

[41] Sistematização teórica da revolução cubana realizada, sobretudo, por Che Guevara em *A guerra de guerrilhas* e Régis Debray em *Revolução na revolução?*. Guardadas as diferenças, conforme veremos adiante, as visões de Che Guevara e Régis Debray fundavam a concepção de que a Revolução Cubana havia inaugurado um modelo revolucionário que atendia, especificamente, ao contexto latino-americano. Preconizava-se a criação, no campo, de focos guerrilheiros tendo em vista o desenvolvimento da guerra de guerrilhas.

[42] O conceito de homem-novo – no sentido de ser humano, independente do gênero – está respaldado nos textos de juventude de Marx, em especial, nos *Manuscritos Econômico-Filosóficos*, de 1844, que chegavam ao Brasil a partir da obra de Erich Fromm, *O conceito marxista de homem*, de 1961. A supra-sunção do capitalismo traria consigo a superação dialética do indivíduo estranhado, inserido na sociedade capitalista, resumido à condição de mercadoria. No sistema capitalista: "O trabalhador se torna uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadorias cria. Com a valorização do mundo das coisas aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens. O trabalho não produz somente mercadorias; ele produz a si mesmo e ao trabalhador como uma mercadoria." Cf. MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. 1844. São Paulo: Boitempo, 2004. p. 80.

ruptura com os valores morais dominantes. Às críticas ao capitalismo, acoplavam-se críticas ao autoritarismo, à burocracia dos partidos políticos e às relações entre os sexos, com as mulheres reivindicando equidade nas relações com os homens, libertando-se sexualmente e forçando a participação em espaços sociais antes exclusivos aos homens.

Neste sentido, no projeto revolucionário coletivo se inseria o imperativo de mudar o curso do mundo modificando o curso da própria vida, como bem resume a frase de Raoul Vaneigem, célebre teórico do movimento situacionista francês da década de 1960: "Aqueles que falam de revolução e luta de classes sem se referir, explicitamente, à vida cotidiana, sem compreender o que há de subversivo no amor e de positivo na recusa às coerções, estes portam em sua boca um cadáver."[43] Em síntese, as "esperanças impacientes"[44], o afã do "tudo e imediatamente" [45], ou, como Vera escreveria duas décadas depois de 1968: "Éramos jovens e, porque tínhamos tempo, tínhamos urgência."[46] Urgência e totalidade. Combinadas, recuperavam algo do "homem total"[47] de Marx, como apontava Garaudy:

> [...] não se trata mais de operação simplesmente defensiva contra uma doutrina em que determinadas interpretações políticas e sociais vão em sentido contrário à vida, *mas de um esforço construtivo por destacar sua intenção profunda de nada deixar perder do homem, de não mutilar sua existência, não amputar nenhuma de suas dimensões: nem sua história real com o sentido que traz consigo, nem sua responsabilidade a respeito do futuro que ele cria.*[48]

Este ethos baseava-se em maneiras de agir específicas, que foram construídas e construíram, dialeticamente, uma identidade coletiva. Esta, por sua vez, intensificada pela lógica da clandestinidade, reforçava o laço entre os companheiros e, consequentemente, os laços com o *ethos*, ambos materializados no projeto revolucionário da luta armada. Em síntese,

---

No comunismo, pelo contrário: "O comunismo na condição de supra-sunção *positiva* da *propriedade privada*, enquanto *estranhamento-de-si humano*, e por isso enquanto *apropriação* efetiva da essência *humana* pelo e para o homem. Por isso, trata-se do retorno pleno, tornado consciente e interior a toda riqueza do desenvolvimento até aqui realizado, retorno do homem para si enquanto homem *social*, isto é, humano." MARX, op. cit., p. 105.
Nos anos de 1960, Che Guevara recoloca essa questão a partir do desenvolvimento do processo revolucionário em Cuba. Em discurso realizado em março de 1965, denominado *El socialismo e el hombre em Cuba*, fica clara sua concepção sobre o processo de construção do homem-novo, como parte indispensável do próprio processo revolucionário. Para maiores detalhes, cf. GUEVARA, Ernesto "Che". *Obras Escogidas*. Santiago: Resma, 2004. p. 423.

[43] VANEIGEM, Raoul. *Traité de savoir-vivre à l'usage des jeunes générations.* Paris: Galimard, 1967. p. 32.

[44] BLOCH, 2005, p. 36.

[45] COHN-BENDIT, Daniel. *1968. A revolução que tanto amámos.* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1988. p. 12.

[46] MAGALHÃES, Vera Silvia; SALLES, Yedda Botelho. Balanço sem perspectiva. 1968 – os que não se esqueceram, os que não se arrependeram, 1998, mimeo., p. 5. *In*: *Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro*, Fundo Vera Sílvia Magalhães, caixa 2, doc. 1.

[47] Como aponta nos *Manuscritos econômico-filosóficos:* "[...] assim a supra-sunção positiva da propriedade privada, ou seja, a apropriação *sensível* da essência e da vida humanas, do ser humano objetivo, da *obra humana* para e pelo homem, não pode ser apreendida apenas no sentido da *fruição imediata*, unilateral, não somente no sentido da *posse*, no sentido do *ter.* O homem se apropria da sua essência omnilateral de uma maneira omnilateral, portanto como um homem total." MARX, op. cit., p. 108.

[48] GARAUDY, 1968, p. 42. (grifos nossos)

como aponta Nathalie Ethuin: "O 'eu' do militante constrói-se no 'nós' do partido."[49] Contudo, embora construída no seio ou na órbita das organizações políticas, isto não impediu a manifestação das subjetividades e, tampouco, é construída, unicamente, a partir de perspectivas "cognitivas". Devido ao amálgama particular entre coletivo/individual, deve-se dizer que a dimensão das emoções não pode ser desprezada. Ao contrário. A partir do *ethos*, fica evidente que esses aspectos, desprendidos de seus sentidos usuais, como manifestações de uma suposta irracionalidade[50], ganham terreno na experiência militante e, consequentemente, marcam a subjetividade dos indivíduos desta geração, devendo ser, portanto, incorporados à análise. As emoções, como aponta Cristina Scheibe Wolff, "[...] estão sempre permeadas por argumentos e noções baseadas em uma racionalidade e, por outro lado, o pensamento racional não existe em um lugar distante das emoções. Estão, ao contrário, no mesmo lugar, no corpo, no humano."[51]

Tendo isso como pano de fundo, é notório que o *ethos* não se firmou e permaneceu da mesma maneira para todos os sujeitos históricos que constituíram a geração *soixante-huitard* brasileira. Como demonstra Gilberto Velho: "Um projeto coletivo não é vivido de modo totalmente homogêneo pelos indivíduos que o compartilham. Existem diferenças de interpretação devido a particularidade de status, trajetória."[52] Assim, no seio de uma geração "coexistem temperamentos e sensibilidades políticas diversas."[53] No entanto, Sirinelli ressalta que a vanguarda, seja ela de uma geração política, cultural ou intelectual, é, pelo seu caráter ativista e disruptivo, "a parte emergente, visível de uma geração."[54] Portanto, se, por um lado,

---

[49] ETHUIN, Nathalie. De l'idéologisation de l'engagement communiste. Fragments d'une enquête sur les écoles du PCF (1970-1990). *Politix*, v. 16, n. 63, p. 145-168. p. 168.

[50] Ao contrário das análises que negavam às emoções um papel relevante, tanto por serem aspectos irracionais, tratando-as como reações das "multidões", ou como reações psicológicas restritas aos indivíduos – recuperando o legado psicanalista de Freud –, devemos levá-las em conta como apontam Jeff Goodwin, James Jasper e Francesca Polletta: "[...] Como os demais aspectos da cultura, sejam eles significados cognitivos ou princípios morais, as emoções são moldadas por expectativas sociais tanto quanto são emanações de personalidades individuais." Cf. GOODWIN, Jeff; JASPER, James; POLLETTA, Francesca. *Passionate Politics*: Emotions and Social Movements. Chicago: University of Chicago Press Books, 2001. p. 9.

[51] WOLFF, Cristina Scheibe. Razón y emoción: mujeres militantes en las dictaduras del cono sur. *Historia del presente*, n. 33, p. 75-87, 2019. p. 75.

Além disso, como aponta Pascal Perrineau, ao enfatizar a relação entre política e as emoções: "A política não pode se reduzir, apesar dos devaneios positivistas de numerosos sociólogos do século XIX, à gestão racional da vida comum. A política, quer seja no espaço privado ou no espaço público, é o teatro das paixões e dos afetos. Amor e ódio, esperança e decepção, identificação e rejeição, introjeção e projeção, são feitos e atravessam a vida política, as instituições, as atitudes e os comportamentos políticos." Cf. PERRINEAU, Pascal. Les affects en politique. Ce qu'en dit la science politique. *In*: MUXEL, 2014, p. 61.

[52] VELHO, 1994, p. 41

[53] SIRINELLI, Jean-François. Les générations. Génération et histoire politique. *Vingtième Siècle*. *Revue d'histoire*, n. 22, p. 67-80, avril-juin 1989. p. 69

[54] Ibid, p. 75. Sobre este ponto deve-se fazer uma ressalva. Levando ao extremo a definição de geração proposta por Sirinelli, deve-se concordar que não há uma única geração de 1968. O próprio Sirinelli realçaria este fenômeno, que também pode ser encontrado no Brasil, ao falar sobre *les générations 68* na França: "[...] parece mais justo,

os integrantes da luta armada, de modo geral, podem ser considerados a parte mais visível da geração de 1968 brasileira, Vera Sílvia Magalhães, como caso-limite desta geração, é um dos postos avançados desta vanguarda.

Fazer esta afirmação não implica incorrer em um discurso, frequente em biografias, da máxima de que o indivíduo esteve à frente de sua época. Como aponta Hegel: "No que se refere aos indivíduos: cada um é filho de seu tempo."[55] Vera Sílvia foi uma mulher de seu tempo. Marchou ao passo da década de 1960, protagonizando e, sobretudo, incorporando, como poucos, os eventos inaugurais de sua geração, manifestando suas mais amplas possibilidades. A particularidade de sua família, seja em decorrência da relação afetiva conturbada de seus pais, ou o ambiente de permanente discussão política, tendo como ponto alto o *entourage* familiar e a militância comunista de seus tios; sua militância no movimento estudantil secundarista no colégio Andrews; sua curiosidade e capacidade intelectual; a relação com a psicologia e a psicanálise; a irreverência, em diversas perspectivas, seja "psicologizando" provocativamente as discussões políticas, ou relacionada às relações afetivo-sexuais; o ingresso na Dissidência da Guanabara; a atuação no movimento estudantil universitário, como uma das líderes do diretório acadêmico do curso de Economia na Praia Vermelha, ou como representante da direção da DI-GB no Comitê Universitário; a capacidade militante; a busca por participar, em caráter de igualdade, nos espaços de militância construídos e, majoritariamente, compostos por homens; a opção pela luta armada; as ações armadas na Frente de Trabalho Armado; a captura do embaixador norte-americano; a morte de José Roberto Spiegner; a prisão; a tortura; a libertação; o exílio na Argélia; o treinamento guerrilheiro em Cuba; a caminhada clandestina por Birkhaden, Roma, Paris e Berlim; a chegada em Santiago, no conturbado ano de 1973; o golpe contra Salvador Allende; a busca de refúgio na embaixada da Argentina; o asilo

historicamente, falar gerações de 1968, no plural." (SIRINELLI, Jean-François. Génération, Générations, *Vingtième Siècle. Revue d'histoire*, n. 98, p. 113-124, 2008/2. p. 113)
Julie Pagis, em *Mai 68, um pavê dans leur histoire*, também faz alusão a essa discussão, ao propor como objetivo "[...] desconstruir a categoria de geração de 1968 pela evidência empírica de diferentes *microunidades de geração*, irredutíveis a uma interpretação unívoca." (PAGIS, Julie. *Mai 68, um pavê dans leur histoire.* Paris, França: Presses de Sciences Po, 2014. p. 18)
Isto posto, não significa que todas as gerações de 1968 brasileiras orbitaram em torno dos mesmos marcos inaugurais. O presente trabalho lança luz sobre uma das gerações de 1968. Leilah Landim, por exemplo, ressalta a importância dos marcos inauguradores aqui citados para sua formação, apesar de não ter aderido à luta armada, demonstrando que a geração tratada neste trabalho não diz respeito, apenas, aos militantes que optaram pelo enfrentamento armado à ditadura: "Eu não fui para a luta armada, não fui presa por diversos outros motivos mas, de alguma forma, isso marcou a minha vida de uma forma muito profunda. Passei alguns anos achando que eu ia ser uma revolucionária, que eu ia tinha de deixar a minha origem de classe, me ariscando. Me arisquei muito, não fui presa por um acaso, mas poderia ter sido. Não fui para a luta armada mas isso não quer dizer que não tenha sido algo que não marcou." LANDIM, Leilah. Entrevista concedida a Higor Codarin. Rio de Janeiro, 1 de Agosto de 2019.
[55] HEGEL, Georg. *Princípios da filosofia do direito.* São Paulo, Martins Fontes, 1997, p. 37.

concedido pela Suécia e o exílio definitivo em Paris, que terminaria somente em 1979, com a Lei da Anistia.

Na combinação desses e outros fatores, pode-se perceber que Vera Sílvia Magalhães foi a vanguarda da geração de 1968 não por estar à frente de seu tempo, mas por ter mais bem incorporado todas as referências geracionais disponíveis em seu tempo. Por ter mais bem articulado seus *projetos* com o *campo de possibilidades*, se utilizarmos a terminologia de Gilberto Velho.[56] Em outras palavras, Vera Sílvia realizou uma síntese rara entre os projetos coletivo e individual de sua geração. Por consequência, incorporou significativamente o *ethos* revolucionário, na sobreposição complexa dos diversos elementos que o constituíam, tendo como principal ferramenta de amálgama, o afeto.[57] Ver-se-á, contudo, que este amálgama não restou livre de contradições, como também os elementos coletivos e individuais, formadores do *ethos*, combinaram-se de maneiras diferentes em diferentes momentos de sua vida, afastando, assim, a "ilusão biográfica."[58] Em síntese, dentre todos os que amavam a revolução[59], como caso-limite na incorporação e manutenção do *ethos* revolucionário da geração de 1968 brasileira, Vera Sílvia projetou e buscou viver uma revolução completa, *a vera*, onde o "eu" e o "nós" confluíam para a mesma ruptura revolucionária.

Sendo assim, à guisa de uma análise microscópica do cosmo social[60], como uma espécie de *Aleph*[61] da literatura fantástica de Borges, a vida de Vera Sílvia ilumina a "viagem através

---

[56] "As noções de campo de possibilidades e de projeto com que venho trabalhando há vários anos, a partir de influências significativas como a dos muitas vezes citados Simmel e Schutz, buscam lidar com a problemática da unidade e fragmentação. Campo de possibilidades trata do que é dado com as alternativas construídas do processo sócio-histórico e com o potencial interpretativo do mundo simbólico da cultura. O projeto no nível individual lida com a performance, as explorações, o desempenho e as opções, ancoradas a avaliações e definições da realidade." VELHO, 1994, p. 28.

[57] Analisar a incorporação do ethos revolucionário na trajetória de Vera Sílvia deve incorporar, como ponto fundamental, a construção dos afetos. À maneira das emoções de modo geral, a construção dos afetos deve integrar as análises sobre a experiência militante, sobretudo à de Vera Sílvia. Assim, inscrevo-me na perspectiva de Ludivina Bantigny, para a qual: "A racionalidade não precede necessariamente os afetos, que, certamente, por vezes deles procedem. Contudo, podem, também, presidi-los, numa configuração dialética." BANTIGNY, Ludivine. Affects et émotions dans l'engagement révolutionnaire post-1968. *In*: MUXEL, Anne (org.). *La vie privée des convictions. Politique; affectivité, intimité*. Paris, França: Presses de Sciences Po, 2014. p. 153.

[58] O sociólogo Pierre Bourdieu, em seu famoso e polêmico texto *A ilusão biográfica*, alerta-nos, acertadamente, sobre impossibilidade de analisar uma trajetória como um "conjunto coerente e orientado", desconsiderando as interações sociais e, sobretudo, as mudanças de direção que perpassam a existência do indivíduo. Em suas palavras: "Tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um 'sujeito' cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações." BORDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. *In*: AMADO, FERREIRA, 2006, p. 189-190.

[59] Inspirado na frase de Cohn-Bendit, um *soixante-huitard* francês: "Nós que amávamos tanto a revolução". Para maiores detalhes, cf. COHN-BENDIT, 1988.

[60] Metáfora utilizada por Eric Hobsbawn, em seu ensaio *A volta da narrativa*, disponível em: HOBSBAWM, Eric. *Sobre História.* São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

[61] BORGES, Jorge Luis. *O aleph (1949).* São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

do tempo", como diz Sirinelli, da geração *soixante-huitard*. Por um lado, acrescenta aspectos outros, além dos usualmente mobilizados, à experiência política da geração de 1968 em seus primeiros anos de vida. Como uma "unidade de medida para perceber e medir a evolução da cultura política de um partido", analisar a geração de 1968 através da subjetividade militante e, em particular, da subjetividade militante de Vera, lança luz sobre os conflitos e contradições no seio da geração e na relação desta com a cultura política[62] comunista à qual estava vinculada. Mais do que analisar, exclusivamente, as estruturas partidárias criadas pela geração de 1968 que, como se sabe, buscavam romper com a experiência partidária da geração precedente, podemos discutir outras rupturas – mesmo que esboçadas –, permanências, choques, contradições e contribuições desta geração à cultura política comunista.

Neste sentido, destaca-se a relação coletivo e individual na "contra-sociedade"[63] que eram os partidos e organizações da esquerda armada brasileira. De que modo a trajetória de Vera Sílvia, diante da incorporação deste *ethos* revolucionário que, como vimos, pressupunha uma perspectiva individual, relacionava-se e, entre permanências e esboços de rupturas, perturbava a tradição dominante na cultura política comunista, que minimizava aspectos individuais e subjetivos sob o chavão dos "desvios pequeno-burgueses." Qual o papel da emoção e dos afetos na imbricação público/privado da vida militante. Como se relacionavam a "análise concreta da situação concreta"[64], conforme a máxima de Lenin, e o clima da época, quando "el revolucionario verdadero esta guiado por grandes sentimientos de amor."[65]

Para além, como se relacionavam, no próprio imaginário da época, o quadro militante de novo tipo, imbuído de características político-militares – fortemente vinculadas a traços "masculinos" e à rigidez militar – e as subjetividades. Em específico, as subjetividades

---

[62] Conceito formulado no seio da renovação da história política francesa, por Bernstein e Sirinelli, que o historiador brasileiro Rodrigo Patto Sá Motta sintetiza da seguinte maneira: "[...] conjunto de valores, tradições, práticas e representações políticas partilhado por determinado grupo humano, que expressa uma identidade coletiva e fornece leituras comuns do passado, assim como fornece inspiração para projetos políticos direcionados para o futuro." Cf. PATTO SÁ MOTTA, Rodrigo. Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política pela historiografia. *In*: PATTO SÁ MOTTA, Rodrigo (org.). *Culturas políticas na História*: Novos estudos. Belo Horizonte: Argumentum, 2009. p. 21.

[63] O conceito de "contra-sociedade" foi cunhado pela historiadora francesa Anne Krigel. Ao analisar a experiência política do Partido Comunista Francês (PCF), Kriegel parte das reflexões etnográficas da antropologia para analisar o PCF como uma "microssociedade fechada". Deste, a autora avança para a definição de "contra-sociedade minoritária." Como Kriegel mesmo aponta: "[...] toda sociedade minoritária, para não enfraquecer e abdicar, deve ser capaz de fechar-se sobre si mesma, proibindo assim que as influências estranhas a penetrem e, ao mesmo tempo, ser suficientemente aberta, suficientemente agressiva para pressionar o exterior, não produzido por ela, perseguindo o sonho de tornar-se, por sua vez, majoritária." Cf. KRIEGEL, Anne. *Les communistes français. Essai d'ethnographie politique.* França: Éditions du Seuil, 1968. p. 7.

[64] LENIN, Vladimir. I. Kommunismus. Journal of the Communist International For the Countries of South-Eastern Europe (in German), Vienna, n. 1-2 (February 1, 1920) to n. 18, May 8, 1920. *In*: *Collected works*. Moscou: Progress, 1966. v. 31, p. 166.

[65] GUEVARA, Che. *Obras escogidas.* Santiago, Chile: Resma, 2004. p. 423.

femininas. Neste sentido, a trajetória de Vera Sílvia é, também, evidência da "dupla transgressão"[66] representada pela militância feminina, contribuinte à inclusão de "possibilidades antes não admitidas para o feminino."[67] No entanto, apesar das possibilidades abertas, ressalta-se que foi uma militância permeada por "mal-estares sem nome"[68] diante do "mundo dos homens"[69], além de tratamento distinto – e mais perverso – dado pelos órgãos de repressão da ditadura. Em síntese, o processo de militância política na esquerda armada teria contribuído para uma "tomada de consciência de gênero"[70]?

Nesta trilha, relacionada ao período da militância mas não restrito a ele, a trajetória de Vera Sílvia também se faz importante para levantar questões pouco mobilizadas no debate sobre a experiência militante, através das "consequências biográficas do engajamento."[71] De início, como analisar a experiência militante através da dinâmica da clandestinidade. De que modo a

---

[66] Como aponta Marco Aurélio Garcia, ao discorrer sobre a importância dos textos *Mulheres. Militância e memória – histórias de vida e histórias de sobrevivência*, de Elisabeth Xavier Ferreira, *A resistência da Mulher à Ditadura Militar no Brasil*, de Ana Maria Colling e os trabalhos de Elisabeth Souza Lobo: "A militância de mulheres nas organizações revolucionárias nos anos 60/70 é tratada implícita ou explicitamente pelas três autoras como uma dupla transgressão. Primeiro porque o engajamento nessas organizações, a maioria dedicada a realizar ações armadas contra o governo, significava colocar-se 'fora da lei'[...]. A segunda transgressão estava em que 'a conduta das militantes também desafiava o código de gênero de sua época.'" Cf.: GARCIA, 1997, p. 326.

[67] GARCIA, op. cit., p. 338.

[68] Frase de Chyntia Sarti para descrever os conflitos de gênero no seio das organizações de esquerda armada que, naquele momento, não eram analisados e sentidos, pelas mulheres, a partir da perspectiva feminista. Estes foram construídos no período final da década de setenta e início da década de oitenta. Forjados, principalmente, "[...] no exílio, em contato com o feminismo, principalmente europeu, e com a psicanálise"[68], em uma perspectiva de reelaboração política e pessoal da derrota do processo de resistência à ditadura, seja de forma armada ou não. SARTI, Cynthia. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. *Estudos Feministas,* v. 12, p. 35-50, maio/ago. 2004. p. 38. Disponível em: http://www.jstor.org/stable/43596613. Acesso em: 17 fev. 2020.

[69] GARCIA, op. cit., p. 338.

[70] Expressão de Michelle Perrot que nos chegou por intermédio de Rachel Soihet. Cf. SOIHET, Rachel. Mulheres moldando esteticamente suas existências: feminismo como alavanca para uma sociedade mais justa. *Projeto História*, São Paulo, v. 45, dez. 2012. p. 37. Disponível em: http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/15006/11200. Acesso em: 6 jul. 2021.

[71] A análise das consequências biográficas da experiência militante é tributária de uma corrente bibliográfica – ainda pouco relevante no Brasil – fortemente enraizada na sociologia norte-americana e francesa: a sociologia do engajamento militante ou sociologia do *militantisme*. Adquirindo contornos mais nítidos a partir da década de 1970, a sociologia do *militantisme* tem como objetivo fundamental compreender o fenômeno do engajamento ou, em outras palavras, a "participação *duradoura* em uma ação coletiva que vise à defesa ou à promoção de uma causa." Diante da fecundidade de problemáticas levantadas a partir desta corrente bibliográfica, alguns trabalhos, mais recentes, realçam as consequências biográficas da atividade militante. Para esse "subcampo" da sociologia do *militantisme* interessa compreender "[...] as maneiras pelas quais o engajamento gera ou modifica disposições para agir, pensar, perceber - e perceber a si mesmo." Invertendo a lógica analítica clássica sobre a atividade militante, que privilegia o nível mesológico, ou seja, focada nas organizações políticas e/ou macrossociológico, relacionadas às estruturas sociais, o enfoque não se restringe ao processo social que produziu o indivíduo enquanto militante. Apesar de esta ser, também, uma questão fundamental, o objetivo é "[...] saber como o engajamento é suscetível de influenciar continuamente, redefinindo ou modificando o conjunto de representações e práticas individuais." Para a primeira citação: SAWICKI, Frédéric., SIMÉANT, Johanna. Décloisonner la sociologie de l'engagement militant. Note critique sur quelques tendances récentes des travaux français. *Sociologie du travail,* v. 51, n. 1, p. 97-125, janv./mars 2009. https://doi.org/10.4000/sdt.16032 . Para as demais, cf. LECLERQ, Catherine; PAGIS, Julie. Les incidences biographiques de l'engagement. *Sociétés Contemporaines*, n. 84, p. 5-23, 2001/4. p. 5-6.

clandestinidade se relacionava com o ethos, sobretudo na relação afetiva com os companheiros e com o projeto da luta armada. Em que medida a permanência na luta armada, a despeito da conjuntura, era também algo definido pelos afetos, realçados pela lógica clandestina.

Além disso, como a derrota definitiva do projeto revolucionário, simbolizado no golpe contra Salvador Allende, em setembro de 1973, pressupõe novos desafios e dificuldades, colocando na ordem do dia a questão do desengajamento. A partir do desengajamento, busca-se analisar como se deu o desprendimento de uma vida, entremeada por "aparelhos", "estanquizações", "geladeiras", nomes de guerra e identidades falsas, situando-se fora de grande parte das normas sociais, e o retorno à institucionalidade. Um retorno à institucionalidade permeado por uma sensação de *mal à l'aise*. De estranhamento. Como ela mesma disse, fazendo um balanço do exílio e do retorno ao Brasil, em 1998:"[...] continuo estrangeira em qualquer lugar do mundo. Sou meio estranha."[72]

Nesse sentido, portanto, de que modo a permanência, apesar das metamorfoses, do *ethos* revolucionário na vida de Vera Sílvia se relaciona com as adversidades decorrentes do desengajamento. Dificuldades que vão desde crises psicóticas que deram seus primeiros sinais na segunda metade da década de 1970, até os desafios de reencontrar ou refazer caminhos e projetos que a empolgassem no retorno ao Brasil, onde estava em curso um processo de redemocratização pautado pela conciliação.

Conciliação que trouxe em seu bojo algumas "(re)construções históricas, verdadeiros *deslocamentos de sentido*"[73]. Ao mesmo tempo em que a sociedade brasileira buscava se desvincular do período da ditadura, "um tempo de trevas, o predomínio da truculência, o reino da exceção, os chamados *anos de chumbo*"[74], construía-se a memória da geração de 1968 como a geração dos resistentes democráticos. Como um dos principais deslocamentos de sentido, a metamorfose da *revolução* em *democracia*. Luta armada como resistência democrática. Neste contexto, qual o papel e lugar social reservado a uma *soixante-huitard* como Vera? Posto de outro modo, como se relacionou a perspectiva revolucionária completa, *a vera*, forjada na segunda metade da década de 60, com uma conjuntura sócio-histórica em que a revolução havia não apenas deixado o horizonte político mas, inclusive, tornava-se um vocábulo antiquado, fora de lugar, no léxico das esquerdas.

---

[72] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, fita n. 10, 15/08/1998, transcrição p. 36.
[73] AARÃO REIS, Daniel. *Ditadura militar, esquerdas e sociedade.* Rio de Janeiro: Zahar, 2000. p. 70
[74] Ibid., p. 7-8.

Em um dos vários depoimentos que concedeu, dado em 1986, ao fazer um balanço da experiência da luta armada, Vera diz:

> Percebo, no meu comportamento, ainda hoje, passados vinte anos, a marca desse período. É uma marca fundamental. Eu me comporto, em determinadas circunstâncias, como uma pessoa da Dissidência da Guanabara. Do ponto se vista do trabalho, da política. É uma coisa muito forte. *É uma ética positiva, mas é uma ética extremamente divagante, extremamente sonhadora. É, também, um camisa de força.*[75]

Assim, analisar a trajetória de Vera Sílvia é analisar essa "marca fundamental" na geração de 1968. Uma marca que construiu, sobretudo para militantes como Vera, uma visão de mundo revolucionária, utópica, sonhadora de um outro mundo que, paradoxalmente – e gradativamente – tornava-se uma camisa de força.

Em síntese, mais do que elementos já tratados na historiografia sobre sua trajetória – que em sua imensa maioria se restringem às relações de gênero no seio das organizações de esquerda armada[76] – esta biografia busca iluminar as "zonas mudas"[77] de sua vida. Por consequência, lança luz também às zonas mudas de uma geração. Ao que me parece, o compasso de Vera Sílvia com seu tempo, com os marcos inaugurais de sua geração, são parte fundamental para explicar o descompasso, inadequação e estranhamento que permearam sua vida no exílio pós-Chile e, sobretudo, no retorno ao Brasil até sua morte, em 2007.

***

Buscou-se reconstruir a vida de Vera Sílvia Magalhães através dos diversos rastros de sua vida que permanecem nos arquivos, nos depoimentos que concedeu e nas memórias, abertas a mim, por companheiros de militância, amigos, amores e familiares.

---

[75] MAGALHÃES, Vera Silvia. Entrevista concedida a Marcelo Ridenti e Daniel Aarão Reis Filho *In*: *Arquivo Edgar Leuenroth (AEL/Unicamp)*, Fundo Militância Política e luta armada no Brasil, fita 1, lado b (Arquivo Digital: 139b).

[76] Vera Sílvia foi incorporada às análises acadêmicas sobre as esquerdas brasileiras dos anos 60 a partir do trabalho de Marcelo Ridenti "As mulheres na política brasileira: os anos de chumbo.". Para sua tese de doutorado, Ridenti realizou uma entrevista com Vera, a partir da qual extraiu as informações sobre sua experiência militante, que integram o supracitado artigo, além de fazer parte, também, de seu clássico trabalho *O fantasma da revolução brasileira*. Este depoimento foi utilizado, dentre outros, por diversos trabalhos que buscavam deslindar as relações e conflitos de gênero nas organizações de esquerda. Assim, a análise da trajetória de vida de Vera Sílvia, com exceção do trabalho de Denise Rollemberg sobre o exílio e de um artigo sobre as representações de Vera Sílvia no cinema, restringiu-se ao período de militância no fim dos anos 60 e início dos anos 70. Para maiores detalhes, cf. RIDENTI, Marcelo Siqueira. As mulheres na política brasileira: os anos de chumbo. *Tempo Social*, v. 2, n.2, p. 113-128, 1990. DOI: https://doi.org/10.1590/ts.v2i2.84806. ROLLEMBERG, Denise, 1999; FIGUEIREDO, Cesar Alessandro Sagrillo. As Representações Fílmicas de Vera Silvia Magalhães: Gênero, Testemunho e Resistência. *Porto Das Letras*, v. 3, n. 2, p. 22-42, 2018. Recuperado de https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/4617.
Um dos exemplos das análises de Vera Sílvia sobre essas questões, pode ser encontrado em: BACK, Lilian. Gênero, sacrifício e moral nos grupos de esquerda armada. (Brasil e Argentina dos anos 1960 aos 1980). *In*: PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe; VEIGA, Ana Maria (org.). *Resistências, gênero e feminismos contra as ditaduras no Cone Sul*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2011. p. 371-390.

[77] PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história.* Bauru: EDUSC, 2005. p. 9.

Com relação aos documentos textuais, analisei, no Brasil, fundos e coleções documentais sob a guarda de sete instituições diferentes: Arquivo Nacional (AN), Biblioteca Nacional (BN), Arquivo Público do Estado de São Paulo, Arquivo Público do Rio de Janeiro (APERJ), Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro (AMORJ) , Arquivo Edgar Leuenroth (AEL/Unicamp), Centro de Documentação da Universidade Estadual Paulista (CEDEM/UNESP) e o Arquivo Brasil: Nunca Mais (BNM).

No Arquivo Nacional, foram compilados e analisados documentos disponíveis em quatro fundos diferentes: *Centro de Informações do Exterior* (CIEx), *Divisão de Segurança e Informações do Ministério da Justiça*, *Divisão de Segurança Interna do Ministério de Relações Exteriores* e *Serviço Nacional de Informações* (SNI). Na Biblioteca Nacional, foram analisados os periódicos disponíveis na *Hemeroteca*, abrangendo desde os jornais do Rio Grande do Sul, Estado de origem das famílias Araújo e Magalhães, como também os do Rio de Janeiro. No Arquivo Público do Estado de São Paulo, foi-me importante o fundo do *Departamento Estadual de Ordem Política e Social* (DEOPS). No APERJ, fiz uso de três fundos diferentes: *Vera Sílvia Magalhães*, onde constam diversas informações e produções pessoais de Vera, doados ao arquivo após a sua morte; *Comissão Estadual da Verdade do Rio de Janeiro* (CEV-Rio); e, também, *Departamento de Ordem Política e Social* do então Estado da Guanabara (DOPS-GB). No Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro, vinculado à Universidade Federal do Rio de janeiro (UFRJ), vali-me do fundo *Organizações de Esquerda*. Pesquisei, também, na coleção *Archivio Storico Del Movimento Operaio Brasiliano* (ASMOB), disponível no CEDEM/UNESP. Com relação ao AEL/Unicamp, foram analisados os documentos textuais relativos às organizações de esquerda armada disponíveis no fundo *Gilberto Mathias*, as entrevistas realizadas por Marcelo Ridenti e Denise Rollemberg disponíveis no fundo *Militância política e luta armada no Brasil* e, também, entrevistas realizadas por Janaína Teles, que são encontradas no fundo *Intolerância e resistência*. Por fim, no arquivo *Brasil: Nunca Mais*[78], analisei os processos judiciais referentes ao Superior Tribunal Militar (STM). Existem

[78] O Arquivo Brasil: Nunca Mais é formado a partir dos processos judiciais relativos ao Superior Tribunal Militar. Foi idealizado por um grupo de advogados do Rio de Janeiro, que se dedicara, desde o Estado ditatorial de Getúlio Vargas, à defesa dos perseguidos políticos, idealizaram o projeto junto ao Reverendo Jaime Wright, da Igreja Presbiteriana, com o apoio do cardeal D. Paulo Evaristo Arns, que garantiu cobertura institucional. Esse grupo de advogados, a partir da visualização de uma brecha na Lei da Anistia, podia requerer processos referentes a crimes políticos por 24 horas, visando obter a anistia para seus respectivos clientes. No entanto, utilizavam esse tempo para fotocopiar os processos e arquivá-los, de diversas maneiras e em diversos locais diferentes, para garantir sua preservação e integridade. Foram fotocopiados 710 processos referentes a presos políticos e organizações políticas ao final do projeto e, atualmente, estão digitalizados e disponíveis no http://bnmdigital.mpf.mp.br/. Desta soma de processos, seis tratam, especificamente, de Vera Sílvia, além de outros que a citam de maneira colateral. Todos foram analisados para o presente trabalho. Para maiores informações sobre o projeto BNM, cf. TESSITORE, Viviane. Projeto 'Brasil: Nunca Mais': Reconstrução histórica, recuperação e aplicação da metodologia. *Projeto*

sete processos nos quais Vera Sílvia é, diretamente, processada. Além desses, todos os processos referentes à Dissidência da Guanabara (DI-GB) foram analisados para a presente biografia.

Para além dos arquivos brasileiros, pesquisei em quatro instituições francesas: *Archives Diplomatiques, Archives Nationales*, *La contemporaine* e nos arquivos do *Office français de protection des réfugiés et apatrides* (OFPRA). Nos *Archives Diplomatiques* foi possível acessar pastas a respeito das intervenções de autoridades e personalidades francesas em favor dos brasileiros e as denúncias de tortura. Com relação aos *Archives Nationales,* interessaram-me os documentos produzidos pela *Direction de la Surveillance du Territoire* (DST) e *Direction Centrale des Renseignements Généraux (DCRG),* responsáveis pelos serviços de vigilância interna, com a primeira realizando as atividades de contraespionagem e a segunda tendo em vista produzir informações que garantiriam a segurança do Estado, fato que a fazia ser acusada, por vezes, como a polícia política francesa. Nos arquivos compilados pela *La contemporaine*, vinculada à Universidade Paris-Nanterre, pude pesquisar em diversos fundos e coleções a respeito da atividade política dos brasileiros na Europa e, também, informações da Anistia Internacional sobre o período pós-golpe no Chile. Com relação os arquivos do OFPRA, encontrei uma pasta específica sobre o pedido de refúgio político de Vera Sílvia na França.

Por fim, de acordo com Benoît Peeters, existe uma fronteira que separa biografias frias e biografias quentes.[79] As frias, como ao autor da biografia de Derrida, não me interessam. Portanto, não poderia me restringir aos papeis. Era-me preciso depoimentos. Assim, foram-me importante os diversos depoimentos orais que Vera concedeu ao longo de sua vida e as entrevistas que realizei com pessoas que fizeram parte de sua trajetória. Realizei, para a presente biografia, 40 entrevistas, todas gravadas em formato de áudio, com companheiros de militância, amigos e familiares.

Com relação aos depoimentos de Vera, são, ao todo, quatro. Para além de três deles[80], já conhecidos, sublinho a importância de um longo depoimento, inédito, com duração de cerca de 33 horas, registrado em 26 fitas, com transcrição, entre julho e setembro de 1998. Realizado

---

História, São Paulo, n. 50, p. 275-288, ago. 2014. Disponível em: http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/24044. Acesso em: 13 fev. 2017

[79] PEETERS, Benoît. *Trois ans avec Derrida. Les carnets d'un biographe* (Édition numérique). Paris: Flammarion, 2010. p. 39.

[80] Depoimento concedido a Marcelo Ridenti, em 1986, disponível no fundo *Resistência política e luta armada no Brasil*, Arquivo Edgar Leuenroth, Universidade Estadual de Campinas; Depoimento concedido a Denise Rollemberg, em 1994, disponível no fundo *Política no Brasil: Exílio,* disponível no Laboratório de História Oral e Imagem, Universidade Federal Fluminense; Depoimento concedido ao projeto Memória Política, da Câmara dos Deputados, em 2003. Ressalto que Vera, para além desses depoimentos longos, concedeu entrevistas para a televisão e periódicos, que serão, também, incorporados à biografia.

pelos companheiros de militância e amigos, Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Glória Ferreira, Daniel Aarão Reis, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte, tinha como objetivo a edição de um livro autobiográfico de Vera. Devido à não realização do trabalho, o depoimento ficou no acervo pessoal de Glória Ferreira. Com a autorização dos envolvidos, pude utilizar as transcrições, na íntegra, para esta biografia. Não apenas pela duração e detalhamento, que supera, em muito, os demais, julgo-o de extrema importância por ter sido produzido entre amigos de longa data, o que confere menos restrições ao livre exercício da subjetividade de Vera[81], além das reflexões e discussões entre entrevistada e entrevistadores que entremeiam a totalidade do longo depoimento. Vera, em um dos encontros, ressalta essa peculiaridade ao dizer: "[...] muitas coisas [que disse pra vocês] não foram um depoimento, apenas."[82]

A utilização dos depoimentos, dados em um intervalo grande de tempo, pode demonstrar mudanças nas análises e opiniões de Vera ao longo dos anos, visto que, como aponta Beatriz Sarlo, a memória é sempre uma "[...]captura do passado pelo presente."[83] O que faz com que, neste momento, seja necessário discorrer sobre os limites e potencialidades dessas fontes.

No processo de rememoração, implícito à dinâmica da concessão de depoimentos, cabe ressaltar que a construção da memória individual se relaciona com a construção da memória coletiva sobre um mesmo fenômeno. Esta, conforme nos indica Michael Pollack, ao contrário de ser uma imposição, tem como objetivo "[...] fortalecer a coesão social, não pela coerção,

---

[81] Vera tinha por característica uma forma específica de falar, que orbitava em torno da sinceridade, com grandes pitadas de irreverência, sarcasmo, ironia e humor. Em específico neste depoimento, Vera discorreu sobre diversos assuntos com a sinceridade habitual, acrescida do fato de ser um depoimento entre amigos e companheiros que partilharam dos mesmos eventos. Dentre os diversos assuntos, as anedotas afetivo-sexuais não deixaram de estar presentes. Como ela mesma diz em determinado momento: "Eu não sei contar um bom caso, mas sei fazer um bom caso." (MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, Fita nº 21, 25/09/1998, transcrição p. 21.)
As relações afetivo-sexuais e a maneira como Vera as concebia são parte indispensável da compreensão do aspecto individual de sua revolução *a vera*. Assim, é imperativo ressaltá-las. Contudo, como historiador-biógrafo, como alguém que olha pelo "buraco da fechadura", estou atento à necessidade de estabelecer "princípios éticos" para o desenvolvimento desta biografia. Conforme aponta Benito Schimidt, com o qual concordo, uma biografia não visa "[...] fazer vir à tona segredos antes escondidos, mas sim compreender historicamente os percursos de certos personagens, de modo a entender, por exemplo, o funcionamento de determinados mecanismos sociais e sistemas normativos, a pluralidade existente em grupos e instituições vistas normalmente como homogêneas, a construção discursiva e não-discursiva dos indivíduos, as margens de liberdade disponíveis às pessoas em diferentes épocas históricas, entre outras questões." SCHMIDT, Benito. Quando o historiador espia pelo buraco da fechadura: biografia e ética. *História*, São Paulo, v. 33, p. 124-144, jan./jun. 2014. p. 140.

[82] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, Fita nº 21, 25/09/1998, transcrição p. 21.

[83] SARLO, Beatriz. *Tempo Passado*: Cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007. p. 9

mas pela adesão afetiva ao grupo."[84] Nessa perspectiva, memória coletiva e memórias individuais passam por um processo de negociação, que tem por resultado final uma conciliação entre as duas formas de memória.[85] A principal problemática dessas fontes reside, justamente, neste sentido, pois, conforme nos indica Jean-Jacques Becker, no processo de rememoração, o entrevistado:

> [...] pode resgatar lembranças involuntariamente equivocadas, lembranças transformadas em função dos acontecimentos posteriores, lembranças sobrepostas, lembranças transformadas deliberadamente para "coincidir" com o que é pensado muitos anos mais tarde, lembranças transformadas para justificar posições e atitudes posteriores.[86]

Além disso, devemos indicar, conforme análise do sociólogo francês Pierre Bourdieu, que:

> [...] o relato autobiográfico se baseia sempre, ou pelo menos em parte, na preocupação de dar sentido, de tornar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consistência e uma constância, estabelecendo relações inteligíveis, como a do efeito à causa eficiente ou final.[87]

Portanto, deve-se ter sempre em vista que os relatos orais, como exercícios de rememoração, são processos construídos *a posteriori*, que além de levar em consideração o processo de negociação envolvendo a memória coletiva, também se caracterizam por ser uma tentativa ilusória de produzir coerência e linearidade. Cabe, assim, ao pesquisador estar vigilante quanto às problemáticas envolvendo essas fontes. Isso, por óbvio, não implica deixá-las de lado. Ao contrário. Sendo, por excelência, o reduto da subjetividade, os depoimentos nos dizem coisas que os documentos textuais, por sua característica usual, estão impossibilitados de dizer.

***

Há quatro anos esta biografia começou a tomar forma. De início, apenas figurava como um objetivo distante. Mais adiante, passou a habitar os rascunhos das versões de projeto de pesquisa para ingressar no doutorado. Agora, ganha contornos nítidos. Desde então, já passados quase mil e quinhentos dias, não houve um único deles em que eu não tenha meditado, falado ou ouvido algo sobre Vera Sílvia. Deu-se, assim, gradativamente, uma espécie de possessão do biografado pelo biógrafo. Entrei na vida de Vera e a conheci como poucos. Contudo,"[...] como tudo que vai volta, a possessão se exerce igualmente em sentido contrário, numa relação de

[84] POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Revista Estudos Históricos,* Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989. p. 3
[85] Ibid., p. 3-4
[86] BECKER, Jean-Jacques. O handicap do a posteriori. *In*: AMADO; FERREIRA, 2006, p. 28.
[87] BORDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. *In*: AMADO; FERREIRA, op. cit., p. 184.

reciprocidade. O biógrafo acaba possuído pelo biografado."[88] Fui, também, transformado por Vera. Mais do que isso: vivi em seu universo como se fosse o meu próprio. Partilhei de suas felicidades e tristezas, suas vitórias e fracassos, seus exílios, internos e externos, seus amores, suas loucuras, doenças e tratamentos como se fossem todos meus. Como se houvessem acontecido comigo ou com alguém muito próximo a mim.

Apesar de viver tudo com Vera, vivi de forma algo diferente. Como homem, foi-me, e ainda o é, impossível vivenciar e pensar todas as experiências através dos mesmos prismas de Vera. Para além das diferenças históricas e sociais, exercem grande influência as diferenças que, apesar de, também, historicamente e socialmente construídas, compõem uma esfera particular: as diferenças de gênero. Assim, antecipo-me em enfatizar que possíveis lacunas e silêncios – para além dos que, frequentemente, habitam as mesas de pesquisa dos historiadores-biógrafos pois, como diz Lacouture, uma vida "nos agarra e nos escorre por todos os poros, por todas as veias"[89] – poderão estar presentes no que dizem respeito, especificamente, a essas diferenças. Contudo, aceito os possíveis riscos na certeza de que a maior das lacunas, e o maior dos silêncios, seria a não realização desta biografia, por diversas vezes aventada mas nunca realizada.

Um dos biógrafos do filósofo francês Jacques Derrida, Benoît Peeters, simultaneamente ao lançamento de sua biografia, lançou um livro com suas notas de pesquisa, em forma de diário: *Trois ans avec Derrida. Les carnets d'un biographe*. Em uma das notas, diz: "Não estou escrevendo um livro, parto para uma aventura. Inicio uma história com Derrida. Ele fará parte de minha própria vida, como uma espécie de amigo póstumo."[90]

Apesar de nunca a ter conhecido, Vera tornou-se algo como uma amiga e colaboradora das páginas que se seguem. Uma colaboração "estranha, com o outro diante de nós, presente tanto quanto ausente, eminentemente vulnerável, como se estivesse à nossa mercê. Este outro não poderá me responder, mas é sob seu olhar que escrevo, como se ele fosse me ler."[91]

Firmei este compromisso com Vera. Como se estivesse sendo observado, sobre os ombros, por ela, enquanto escrevo. Compromisso que não é, de modo algum, tributário às hagiografias ou, tampouco, às variadas vigilâncias impostas à história e aos historiadores, como diria Marc Ferro.[92] Tentarei justamente o contrário. Sinto-me observado pela complexidade

[88] DADOUN, Roger *apud* DOSSE, 2005, p. 14.
[89] LACOUTURE, Jean *apud* DOSSE, op. cit., p. 121.
[90] PEETERS, 2010, p. 41.
[91] PEETERS, op. cit., p. 265.
[92] FERRO, Marc. *L'Histoire sous surveillance. Science et conscience de l'histoire.* Paris, França: Calmann-Levy, 1985.

vertiginosa de sua individualidade, em sua totalidade contraditória, vacilante, ziguezagueante, como uma espécie de quebra-cabeças em constante recomposição, não limitada a nenhuma das "memórias oficiais", incluindo à da própria Vera.

Na busca incessante por recompor todas as peças, por vezes senti "a pressão de uma realidade tão inexaurível"[93] como a que se abatia sobre Funes, o memorioso, personagem de Borges, que adquiriu uma memória completa sobre todas as coisas que, ao fim e ao cabo, impedia-o de dormir. No esforço de Sísifo, típico dos biógrafos, em recompor a totalidade da vida do biografado, percebi, com Borges, que apesar de uma memória completa, Funes "não era muito capaz de pensar. Pensar é esquecer as diferenças, é generalizar, abstrair."[94]

Buscando, portanto, "empreender o impossível e equilibrar-me, de salto alto, à beira do abismo"[95], espero que esta biografia tenha alguma serventia. Em uma conjuntura em que temos, guardadas as devidas diferenças históricas, a reedição de um projeto autoritário de extrema-direita baseado em uma ode ao período ditatorial brasileiro, como também à tortura; e, diante da completa ineptidão e complacência deste mesmo governo à maior crise sanitária da história, com centenas de milhares de mortos e tantos outros morrendo no momento em que escrevo essas páginas, espero que os caminhos e descaminhos de Vera Sílvia e de sua geração possam, ao menos, inspirar o vislumbre de sendas no futuro.

Em um regime de historicidade[96] presentista, onde o presente é "desprovido de sentido"[97] e o futuro "[...] não é mais concebido como indefinidamente aberto, mas, ao contrário, como cada vez mais restrito, ou fechado"[98], anseio – ingenuamente, talvez – que esta biografia sirva como estímulo a um outro futuro possível. Estimule, ao menos, a compreensão, com Sartre, de que um "futuro vedado ainda é um futuro."[99] Mesmo que "o assalto contra a ordem do mundo"[100] tenha malogrado e o inimigo, que parecia, aos olhos ingênuos, extirpado, reapareceu fulgurante, a derrota do sonho de Vera e da geração de 1968 brasileira não é

---

[93] BORGES, Jorge Luis. *Ficções* (1944). São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 107
[94] Ibid., p. 108.
[95] DOSSE, 2005, p. 10.
[96] Baseando-se, sobretudo, nas reflexões de Reinhart Kosseleck e da antropologia de Marshall Sahlins, regime de historicidade é um conceito de François Hartog para explicar como uma determinada sociedade, em um determinado contexto histórico, articula as três categorias do tempo: passado, presente e futuro. Para maiores detalhes, cf. HARTOG, François. *Regimes de historicidade*: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
[97] ROUSSO, Henry. *A última catástrofe. A história, o presente, o contemporâneo.* Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2016. p. 225.
[98] HARTOG, François. *Crer em História.* Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 224
[99] SARTRE, Jean-Paul apud MÉSZAROS, István. *A obra de Sartre*: busca da liberdade e desafio da história. São Paulo: Boitempo, 2012. p. 12.
[100] DEBORD, Guy *apud* LÖWY, Michael. *A estrela da manhã. Surrealismo e marxismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 85.

indicativa de que as armas dos *soixante-huitards* não tenham permanecido enfiadas "na garganta do sistema de mentiras dominantes."[101] Apenas aponta, como bem diz o título do livro de Zuenir Ventura, que o ano de 1968 não terminou.[102]

Não há dúvida de que vivemos numa "idade escura", como disse Bertolt Brecht. Contudo, como sugere Hannah Arendt

> [...] mesmo no tempo mais sombrio temos o direito de esperar alguma iluminação, e que tal iluminação pode bem provir, menos das teorias e conceitos, e mais da luz incerta, bruxuleante e frequentemente fraca que alguns homens e mulheres, nas suas vidas e obras, farão brilhar em quase todas as circunstâncias e irradiarão pelo tempo que lhes foi dado na Terra [...]. Olhos tão habituados às sombras, como os nossos, dificilmente conseguirão dizer se sua luz era a luz de uma vela ou a de um sol resplandecente.[103]

Assim, que as páginas que se seguem sejam capazes de demonstrar a inconformidade *a vera* de Vera. Inconformidade como "forma de estar no mundo em oposição a este mundo."[104] Que sua trajetória, como grito "da voz da intransigência, a intransigência moral e intelectual não acomodada"[105], possa – ao modo, talvez, de uma lamparina titubeante – iluminar aspectos da idiossincrasia brasileira, com a esperança impaciente de dias melhores.

Março, 2021.

---

[101] Ibid.
[102] VENTURA, Zuenir. *1968. O ano que não terminou.* São Paulo: Objetiva, 2018.
[103] ARENDT, Hannah. *Homens em tempos sombrios*. ed. digital. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008. p.6.
[104] ÁVILA, Maria Betânia. Entrevista concedida a Higor Codarin. Recife, 19 de julho de 2019.
[105] MÉSZÁROS, 2012, p. 24.

PARTE I – ORIGENS

CAPÍTULO 1 – MATIZES DE DOURADO

1.1 UMA FAMÍLIA DE ELITE, ENTRE A CULTURA, A POLÍTICA E O DINHEIRO

O relógio marcava cinco horas e dez minutos do dia cinco de fevereiro de 1948 quando nascia, em Copacabana, na então capital da república, Vera Sílvia Araújo de Magalhães. Pouco menos de um ano antes, no dia 07 de fevereiro de 1947, o vespertino *A noite*, dedicara um espaço de sua edição para a seguinte nota:

> [...] chegou, ontem, em avião da 'Real', ao Rio, o Sr. Claudio Pestana de Magalhães, novo oficial de gabinete do ministro da Viação.
> O Sr. Claudio Magalhães viajou acompanhado de sua Exa. esposa, Sra. Virgínia Araújo Magalhães e da única filhinha do casal.[106]

Claudio, Maria Virgínia e Ana Lúcia, então com um ano de idade, chegavam à cidade "habituada a hospedar o poder"[107], para a qual a história não cessava de dar sossego, por intermédio da nova função de Claudio: oficial de gabinete de seu tio, Clóvis Pestana, Ministro de Viação e Obras Públicas do governo de Eurico Gaspar Dutra. A família paterna, depois de um hiato de duas gerações, voltava a ter um integrante nascido na "caixa de ressonância dos problemas nacionais"[108] com a chegada de Vera.

Apesar de idas e vindas à capital, a família Pestana, de origem portuguesa, parcialmente radicada no Brasil desde meados do século XVIII, construiu seu prestígio no Rio Grande do Sul por intermédio da trajetória do bisavô de Vera. Augusto Pestana, carioca, nascido em 1868, cultivado, desde cedo, era ávido por leitura. Enciclopédias e, mais importante, as obras de Augusto Comte foram companhias inseparáveis de juventude e marcariam sua trajetória pessoal e política.

Desde 1876, com a fundação da "Sociedade Positivista do Brasil", segmentos da sociedade brasileira viviam em uma espécie de "atmosfera positivista."[109] A "filosofia positiva", como uma filosofia da história, buscando desvelar as leis universais do desenvolvimento social e construir a "sociedade científico-positiva", amalgamou-se, no transcorrer da produção teórica de Comte, a aspectos religiosos, acentuando as "[...] formas de vivência comunitária, a família, a pátria e, como culminação do processo evolutivo, a

---

[106] *A noite*, 8 fev. 1947, p. 9. Disponível em: http://memoria.bn.br/. Acesso em: 6 maio 2021.
[107] CASTRO, Ruy. *Metrópole à beira-mar*: O rio moderno dos anos 20. ed. digital. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 68.
[108] MOTTA, Marly. *O Rio de Janeiro continua sendo?* Rio de Janeiro: CPDOC, 2000. p. 1.
[109] LIMA FILHO, Acacio Vaz. O positivismo e a República. *Revista Da Faculdade De Direito*, São Paulo, n. 99, p. 3-33, 2004. p. 26. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/rfdusp/article/view/67617. Acesso em: 21 maio 2021.

Humanidade (que Comte escrevia com h maiúsculo).”[110] Desta visão específica de progresso, que se relacionava com outras correntes de pensamento contemporâneas[111], aliada à ideia de nação, o positivismo teve um papel fundamental no desenvolvimento do movimento republicano, que adquiriu contornos nítidos a partir de 1873, com a Convenção do Partido Republicano.

Positivista e republicano, Augusto Pestana negou duas bolsas de estudo, uma no Colégio Pedro II e outra na Faculdade de Direito em São Paulo, oferecidas pela Princesa Isabel. Lecionou para ajudar a família a custear seus estudos na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, onde se formou engenheiro civil em 1888.[112] Como ramificação da Escola Central, antiga Escola Militar, fortemente influenciada pela faceta política dos ideais positivistas e pelo republicanismo, a Escola Politécnica exerceu papel importante no aprofundamento das convicções político-filosóficas de Augusto. Diz a lenda familiar que, na cerimônia de formatura, colocou as mãos para trás, recusando-se a receber o diploma das mãos do imperador Pedro II.[113]

Formado, foi contratado para a Comissão de Estudos e Construção da Estrada de Ferro Porto Alegre-Uruguaiana, deslocando-se para o Rio Grande do Sul. Os ideais republicanos, para além de estimularem atitudes irreverentes diante das personificações do poder imperial, guiavam, também, os afetos. Como consequência do trabalho na estrada de ferro, movimentava-se, com frequência, pelo interior do Estado, onde conheceu e se casou com Virgínia da Fontoura Trindade. Integrante de família abastada de Cachoeira do Sul, Virginia era neta de Antônio Vicente da Fontoura, líder republicano que negociou a Paz de Ponche Verde, reintegrando o Rio Grande do Sul ao Brasil e pondo fim à guerra dos farrapos.

Ao longo dos anos 1890, Augusto acompanhou de perto a Revolução Federalista e o líder político Júlio de Castilhos, personagem central do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR). Foi importante figura no processo de demarcação de terras e assentamentos rurais no noroeste do Estado tendo emprestado, inclusive, seu nome a uma das cidades da região de Cadeado. Elegeu-se deputado federal entre os anos de 1915 e 1918 pelo PRR e diretor-presidente da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, dando início à tradição familiar em habitar as esferas de poder relacionadas aos transportes e obras públicas. Teve, com Virgínia, 10 filhos.

---

[110] MURILO DE CARVALHO, José. *A formação das almas*: o imaginário da república no Brasil. São Paulo: Companhia das letras, 1995. p. 22

[111] Jogava um papel importante, junto do positivismo comtiano, o evolucionismo de Spencer. Para maiores detalhes, cf. LIMA FILHO, op. cit.

[112] LOUREIRO, Janis. *et al*. *Caminhos da história*: Augusto Pestana em 145 anos de imigração. Augusto Pestana: Z Agência, 2015. p. 28.

[113] MAGALHÃES, Cecília. Entrevista concedida a Higor Codarin, São Paulo, 13 de maio de 2021.

Algo na letra c atraía o casal republicano: Cora, César, Carlos, Carmen, Cyro, Celso, Cleto, Clotilde, Clóvis e Cylla.

A mais velha, Cora, nascida em 1893, auxiliava a mãe no extenuante exercício da maternidade cuidando dos mais novos. "Gaúcha faca na bota", corajosa e forte, recebeu, como os demais irmãos, um espólio cultural significativo por parte da família. Estudou em colégio feminino fundado pela renomada professora Cecilia Corseuil du Pasquier, onde, em 1906, com então 13 anos, tocou, no piano, *Rigoletto*, ópera de Giuseppe Verdi, na cerimônia de encerramento do ano letivo junto a outras alunas.[114] Fluente em francês, teve, até os estertores do atual segundo grau, oportunidades escolares e culturais similares aos irmãos homens. Contudo, evidenciando as diferenças de gênero da época, ao contrário dos varões, para os quais Engenharia e o Direito apareciam no horizonte, tornar-se-ia professora e dona de casa, sendo uma doceira de mão cheia, segundo os relatos familiares. Casou-se com um médico, nascido em Bagé, descendente de "tradicionais famílias do velho patriciado gaúcho, originárias de gloriosos troncos portugueses, proprietários e povoadores de estâncias"[115], chamado Landerico Teixeira de Magalhães. Nomeado em homenagem a São Landerico, bispo de Paris no século VII e idealizador do primeiro hospital da região[116], suas opções de vida fariam jus ao nome.

Após o casamento, em 1914, mudaram-se para São Jerônimo, cidade próxima à Porto Alegre. No cotidiano, Cora cuidava dos afazeres domésticos e Landerico chefiava os serviços médicos da Companhia Estrada de Ferro e Minas de São Gerônimo, além de atender, gratuitamente, à maneira de São Landerico, pacientes que não dispunham de recursos na Santa Casa de Misericórdia.

O casamento era algo conflituoso. Diante dos amores infiéis de Landerico, Cora dizia que não se separava devido aos seus dotes como amante. A sintonia à *huis clos* frutificou. Foram, no total, seis filhos. Seguindo a tradição da família Pestana, iniciaram o nome de seus rebentos com a terceira letra do alfabeto: Chloé, Catulo, Cely, Cláudio, Carlos e Cléa.

Apesar da relação estreita de seu pai, Augusto, com o positivismo, Cora criou os filhos próximos ao catolicismo. Além de ser, desde 1916, personagem importante da instituição, marcando presença constante na "Seção Católica" do jornal *A federação*, os rebentos estudaram em escolas de matriz católica, notáveis à época.

Nascido em 1924, Claudio, pai de Vera, formou-se no segundo grau, assim como os demais irmãos homens, no Ginásio Anchieta, em Porto Alegre. Baseado na proposta

---

[114] *A federação,* 30 nov. 1906, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/. Acesso em: 6 maio 2021.
[115] Jornal sem referência de data e nome. Acervo de Cecília Magalhães.
[116] Conhecido, atualmente, como *Hôtel-Dieu.*

pedagógica inaciana, o colégio, ainda existente, promovia, a partir das premissas humanistas, uma "educação orientada para valores e para a abertura e crescimento permanente em um conhecimento realista do mundo", geradora de "compromisso da ação na vida."[117] A qualidade e as perspectivas pedagógicas integravam-se bem à herança cultural familiar que se tornava, nesta segunda geração, uma marca tradicional dos Pestana.

Por outro lado, a família materna de Vera era mais discreta em relação à política. Mais relevante, porém, no cenário comercial-industrial de Porto Alegre. O bisavô materno, Fabio Luís de Araújo, era integrante do "alto comércio local."[118] Um dos proprietários da bem-sucedida Barbosa, Araújo & Companhia[119], era figura recorrente nas páginas e informações relativas ao comércio do jornal *A federação*, especialmente relacionadas às importações e exportações. Casou-se com Ernestina Martins Barcellos, com quem teve três filhos: Edgar, nascido em 1897, Alice, nascida no ano seguinte e Arildes, nascida em 1907. A situação econômica favorável da família fez com que o primogênito, Edgar, avô de Vera, tenha, à maneira dos Pestana, frequentado o Colégio Anchieta e, posteriormente, sido admitido na Escola de Engenharia, em 1915.[120]

A avó materna de Vera, Heloísa, nascida em 1899, no dia da independência do Brasil, foi fruto de uma união, aparentemente, desprovida de interesses financeiros ou sociais como era frequente à época. A mãe de Heloísa, Tarcília, era uma das filhas de José Manoel Só, proprietário da empresa pioneira da indústria naval brasileira, o Estaleiro Só. Importante no cenário industrial da virada do século XIX para o século XX, o Estaleiro Só se instalou às margens do Lago Guaíba, tornando-se umas das maiores referências nacionais no setor.

Tarcília Só se casou, em fins do século XIX, com Adolpho Torres Gonçalves, um guarda-livros, profissão que na época transitava entre contabilista e gerente de contas. Para além da relação com os papeis cheios de números, indicativos do sucesso ou fracasso dos negócios, aventurava-se, também, pelo universo da fotografia. Mais velho de cinco irmãos, nascido em 1869, em Rio Grande, Adolpho não teve a vida confortável dos demais familiares de Vera. [121]

---

[117] BARBOSA LIMA, Marcos Epifanio; DE ALMEIDA, Maria Zeneide Carneiro Magalhães; MOREIRA, Sebastiana Aparecida. O paradigma pedagógico inaciano e a formação continuada de professores das séries iniciais: práticas exitosas na formação de docente em exercícios. *In*: Simpósio Encontro Estadual de Didática e Práticas de Ensino, 6., 2015, Goiânia. **Anais** [...]. Goiânia: EDIPE, 2015. p. 1 Disponível em: http://cepedgoias.com.br/edipe/viedipe/PDF/GT13%20Dialogos%20pdf/GT13%20O%20PARADIGMA%20PEDAGOGICO%20INACIANO.pdf. Acesso em: 21 set. 2021.

[118] *A federação,* 11 de dezembro de 1916, p. 6. Disponível em: http://memoria.bn.br/. Acesso em: 6 maio 2021.

[119] *A federação,* 20 de janeiro de 1916, p. 5. Disponível em: http://memoria.bn.br/. Acesso em: 6 maio 2021.

[120] *A federação,* 03 de dezembro de 1910, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/. Acesso em: 6 maio 2021.

[121] Curiosamente, a família Torres Gonçalves teceu laços, em suas origens, com os Magalhães de Portugal, indicando, talvez, parentesco distante com a família paterna de Vera Sílvia. Para maiores informações sobre as

Apesar de terem recebido uma certa quantia de herança em ocasião da morte de seu avô materno, a família passaria por maus bocados. O pai de Adolpho, Joaquim Antônio Gonçalves, levou-os à falência e cometeu suicídio aos 41 anos. Sua mãe, Virgínia, ficou em situação delicada para sustentar os cinco filhos. Em meio às dificuldades da família, Adolpho, embora tenha frequentado o Colégio Nossa Senhora da Conceição em São Leopoldo, não fez faculdade. Ingressou, precocemente, no mundo do trabalho. Através dele, deslocou-se à capital gaúcha. Teve, com Tarcília, três filhas: Heloísa, Francisca Beatriz e Virgínia, nome dado em homenagem à mãe. Esta última, morreu prematuramente, em 1905.

O positivismo, especialmente em sua perspectiva religiosa, também encontrou abrigo no cotidiano da família Torres Gonçalves. Adolpho, apesar das poucas informações, foi um contribuinte do fundo positivista rio-grandense.[122] Isso se deveu, talvez, à influência de seu irmão mais novo, Carlos Torres Gonçalves.

Engenheiro, foi um destacado apóstolo da Igreja Positivista do Brasil, representante da Religião da Humanidade criada por Comte, além de importante personagem "na execução das políticas fundiária e indigenista"[123] do Rio Grande do Sul na Primeira República. Com uma trajetória algo parecida com a de Augusto Pestana, Carlos comandou, por longo período, a Diretoria de Terras e Colonização, órgão da Secretaria de Obras Públicas do Rio Grande do Sul, preocupando-se com a situação da demarcação e proteção das terras indígenas. Intelectual e erudito, produziu, em português e francês, livros sobre diversas questões nacionais e internacionais.[124]

Provindos de duas famílias com importante participação no ramo do comércio e da indústria de Porto Alegre, Heloísa Só Gonçalves e Edgar Barcellos de Araújo casaram-se na casa dos pais de Heloísa, localizada na Rua Moinho de Vento, número 41, em novembro de 1925.[125] Tiveram três filhos. Um menino, que morreu prematuramente com apenas seis meses, e duas meninas, nomeadas em homenagens aos antepassados. Maria Virgínia, mãe de Vera, nascida em 27 de fevereiro de 1927, era uma homenagem à avó de Edgar, mas também fazia referência à mãe de Adolpho. Por outro lado, Beatriz foi uma maneira de homenagear a irmã de Heloísa.

---

origens da família Torres Gonçalves, cf. PEZAT, Paulo Ricardo. *Carlos Torres Gonçalves, a família, a pátria e a humanidade*: a recepção do positivismo por um filho espiritual de Auguste Comte e de Clotilde de Vaux no Brasil (1875-1974). 2003. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/ndh/files/2019/06/Pezat-TeseCompleta.pdf. Acesso em: 7 jun. 2021.

[122] PEZAT, op. cit., p. 360.

[123] Ibid., p. 8.

[124] Para maiores detalhes sobre a trajetória de Carlos Torres Gonçalves, cf. PEZAT, op. cit.

[125] *A federação,* 26 nov. 1925, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/. Acesso em: 6 maio 2021.

O breve resumo dos antepassados de Vera aponta que a cultura, a política, o poder e o dinheiro eram, guardadas algumas diferenças, íntimos de ambas as famílias. Como não podia deixar de ser, tornar-se-iam parte da herança recebida por Vera, com especial ênfase para a relação com a cultura e a política.

Ana Lúcia, irmã de Vera, em entrevista concedida para esta biografia, iniciou seu depoimento com a seguinte frase: "A história da família vai muito com a história no geral."[126] Em outro depoimento, concedido em conjunto com Vera, em 1998, Ana, ao tentar localizar o ponto inicial da política em suas vidas, diz: "[...] não consigo situar onde ela começou. É como se a política fosse..." Ao que Vera acrescenta: "[estivesse] nas veias, no sangue."[127]

Resta óbvio que Ana e Vera sabiam que essa relação não advinha da genética familiar. Tampouco aponta para uma aptidão "natural" das irmãs – e sobretudo de Vera – para a atividade política que desenvolveriam ao longo de suas vidas. O passado da família, e a maneira como este passado fora transmitido, evidenciados por esses trechos, articulavam-se na produção de uma identidade[128], sobretudo política.

Mais do que apenas uma identidade vinculada ao passado, a política encontrava morada permanente na infância de Vera. Representada na função de seu pai como oficial de gabinete do tio-avô ministro e, também, na opção de dois de seus tios, irmãos de Claudio, pela militância comunista, a política se fazia presente nos âmbitos público e privado de sua vida.

1.2 A Montanha, o Sol e o Mar

Os pais de Vera, Cláudio e Maria Virgínia, conheceram-se ainda adolescentes na capital gaúcha. Virgínia, três anos mais nova que Claudio, indica, em sua autobiografia manuscrita, que mantiveram um namoro irregular desde os 14 anos. A relação, no entanto, firmou três anos depois.

Claudio, a esta altura estudante de direito, frequentava a Faculdade de Direito de Porto Alegre, dando seguimento à tradição familiar, concedida aos homens, em optar por engenharia ou advocacia. Em uma combinação de atributos físicos das famílias Pestana e Magalhães, Claudio era um homem bonito. Alto, com rosto de traços firmes, assemelhava-se ao seu pai,

---

[126] MAGALHÃES BARROS, Ana Lucia. Entrevista concedida a Higor Codarin. Rio de Janeiro, 02 de abril de 2019.

[127] MAGALHÃES, Vera Sílvia; MAGALHÃES BARROS, Ana Lucia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, fita n. 22, 25/09/1998, transcrição p. 5.

[128] Como apontam Fleury, Mathieu e Pette: "O indivíduo e sua família se sentem portadores de uma história de longa duração, que tende a definir sua identidade e sua relação com a política." FLEURY, Laure; MATHIEU, Lilian; PETTE, Mathilde. Les genèses enfantines des humeurs contestataires. *In*: BEROUD, Sophie. *et al*. (orgs.). *Changer le monde, changer sa vie.* Paris: Actes Sud, 2018. p. 360.

Landerico. Culto, desenvolveu grande interesse pela leitura, fato que lhe deu, desde cedo, formação ampla, levando-o a ser apelidado de "professor". Virginia, relembrando o apelido – e uma certa arrogância de Claudio –, descreveu o então namorado: "[...] logo que começou a ler livros importantes passou a usar os termos novos em tom doutoral no meio de qualquer conversa normal. Ele dizia aos 16 anos: 'É inexorável. Não sabe o que é inexorável?' Ria vitorioso e dava uma explicação qualquer."[129]

Apesar da idade, Virgínia, como era chamada, impunha sua presença nos ambientes que frequentava. Sua beleza, ressaltada em todos os depoimentos concedidos a esta biografia, não decorria apenas dos fatores físicos. Apesar de inconteste, à beleza física incorporavam-se aspectos disruptivos de sua mãe, Heloísa.[130]

Segundo relatos familiares, Heloísa, sufragista na década de 30, educou as filhas algo fora de parte dos padrões de gênero da época. Em um casamento conflituoso, divorciou-se do marido Edgar e, apesar da dependência financeira, adotou uma postura relativamente autônoma ao ex-marido. Edgar, patriarca severo, foi autoritário na criação das filhas. Beatriz e Virgínia tiveram uma infância difícil, conforme relembrou a mãe de Vera:

> De fato, ele [Edgar] era uma figura autoritária e absorvente. Bastante excêntrico, mantinha mamãe, minha irmã e eu em torno de seus desejos. Não me lembro de papos cordiais entre nós. Tudo era expresso em forma de ordem e crítica. Inclusive nós crianças éramos permanentemente ironizadas. Papai e mamãe nunca brincavam conosco, nunca riam conosco. Eles riam de nós e de nossos erros.[131]

Atestado do autoritarismo paterno foi o impedimento em Virgínia fazer faculdade. A mãe de Vera sonhava em ser engenheira. O pai, porém, dizia que as universidades eram espaços exclusivos aos homens. Após pressão de uma de suas irmãs, Edgar cedeu. No entanto, autorizaria Virgínia a fazer algo que considerava mais adequado às mulheres. Evidenciando as rígidas e quase intransponíveis demarcações entre profissões masculinas e femininas, a mãe de Vera, apesar da pouca aptidão, se matricularia em Artes Plásticas. No Instituto Belas Artes, local onde passou a estudar, tornou-se Diretora Social do Centro Acadêmico. No cotidiano estudantil adquiriu certo protagonismo, sendo escolhida para representar, junto a outros estudantes, a instituição no VII Congresso Nacional da União Nacional dos Estudantes, realizado em julho de 1944.[132] Como forma de homenagem do congresso às mulheres

---

[129] GONÇALVES ARAUJO, Maria Virgínia. *Meus nervos*. s/d, manuscrito. *In* : *Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro*, fundo *Vera Sílvia Magalhães Albuquerque Maranhão* (BR RJAPERJ VSM), Caixa 3, doc. 3, p. 20.

[130] MAGALHÃES, Vera Sílvia; MAGALHÃES BARROS, Ana Lucia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 25/09/1998, fita n. 21.

[131] GONÇALVES ARAUJO, op. cit., p. 6.

[132] *Correio da manhã*, 28 jul. 1944, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/. Acesso em: 6 maio 2021.

participantes, Virgínia foi escolhida para presidir, parcialmente, uma das sessões, sublinhando seu papel de destaque.[133]

Apesar da instabilidade no relacionamento, Claudio e Virginia atraíam-se reciprocamente. Juventude e beleza eram atributos de ambos. Virgínia, além deles, desenvolvera postura irreverente. Claudio, por sua vez, gabava-se de sua intelectualidade.

O namoro tornou-se noivado pouco tempo após a realização do Congresso da UNE, em setembro. Após curto período de seis meses, seria confirmado em casamento, em março e 1945.

Em cerimônia simples, realizada na casa da avó de Virgínia, saltava aos olhos os choques entre a tradição das famílias e as afinidades políticas do pai de Vera, conforme relata a noiva: "A cerimônia religiosa foi às 11:00 horas do mesmo dia e teve suas particularidades. Para padrinhos tínhamos oito pessoas. Do lado dele tivemos minha mãe e minha tia ultra religiosas que tiveram como pares dois estudantes amigos do noivo, conhecidos como comunistas."[134]

A lua de mel aconteceu em Canela, cidade das serras gaúchas. Apesar de serem de famílias tradicionais, Claudio não tinha emprego à época e, por uma temporada, moraram com a mãe de sua esposa, Heloísa. Neste período, Virgínia ficou grávida.

Em 1946 nasceu a primeira filha do casal, Ana Lúcia. Impunham-se, a partir de então, necessidades práticas. Claudio precisava arranjar um emprego.

Sobrinho preferido de seu tio Clóvis, Cláudio tinha grandes afinidades com o tio que, substituindo Edmundo de Macedo Soares e Silva desde outubro de 1946, exercia a função de Ministro de Viação e Obras Públicas do governo recém-eleito de Dutra.[135] A afinidade abriu a possibilidade para Claudio tornar-se oficial de gabinete do ministério. Abria-se, consequentemente, para a recém-constituída família Araújo de Magalhães o caminho para "a montanha, o sol e o mar", como diz a canção de Billy Blanco sobre o Rio de Janeiro. "Vida nova, caras novas. Isto me fazia bem"[136] escreveria Virgínia ao rememorar os tempos da mudança para o Rio. Chegavam à capital da república, cidade com a qual a família construiria grande identidade. Ali viveriam os diversos tons dos anos dourados cariocas e, no limite, brasileiros. Alguns extremamente brilhantes. Outros bastante foscos. Todos, sem exceção, teriam significativa importância na infância e juventude da menina que nasceu um ano depois da chegada dos pais à capital.

---

[133] GONÇALVES DE ARAÚJO, op. cit., p. 29-30
[134] Ibid., p. 35.
[135] *A noite*, 16 de outubro de 1946, p. 13. Disponível em: http://memoria.bn.br/. Acesso em: 6 maio 2021.
[136] GONÇALVES DE ARAÚJO, op. cit., p. 38.

***

A segunda metade da década de 1940 foi marcada por diversas mudanças sociais, econômicas e políticas ao redor do globo. Especificamente no Brasil, o fim da ditadura do Estado Novo de Getúlio Vargas simbolizava o início de um processo de redemocratização, concretizado nas eleições de dezembro de 1945 para a Presidência da República e para o Congresso Nacional. Este último seria, ainda, responsável pela elaboração de uma nova carta magna. Os ares de abertura para o novo, mesmo que entremeado pelo velho, seja no contexto internacional, com o fim da Segunda Guerra Mundial, ou no contexto nacional com o fim da ditadura varguista, geravam um sentimento difuso de reconstrução. Reconstrução que serviria de antessala à modernização e às turbulentas conjunturas sociais, políticas e econômicas que viriam na década de 1950.

Como cidade-capital, ou seja, como "o lugar da política e da cultura, como núcleo da sociabilidade intelectual e da produção simbólica, representando, cada uma a sua maneira, o papel de foco da civilização, núcleo da modernidade, teatro do poder e lugar da memória"[137], o Rio de Janeiro condensava e representava, de maneira única, os diversos aspectos da conjuntura inaugurada pós-1945. E, dentro da cidade, o bairro em que Vera nasceu despontava como principal manifestação dos aspectos da "capitalidade" do Rio de Janeiro.

Copacabana, em 1948, era um bairro relativamente recente da cidade centenária. Segundo Gilberto Velho, foi apenas no final do século XIX, com a inauguração do Túnel Velho, que conecta o bairro de Botafogo a Copacabana, que a região, "apertada entre o oceano Atlântico e as montanhas do litoral carioca", passa a ser ocupada.[138]

A ocupação do bairro faz parte de um processo maior pelo qual a cidade passava desde o início do século XX. O Rio de Janeiro, sobretudo a partir do processo de industrialização nacional da década de 1920, transformava-se. Para além da condição de capital, a cidade deixava de ser apenas um grande centro comercial portuário para se tornar uma grande metrópole com expressivas atividades industriais, aglutinando "uma série de aglomerados que ficam na periferia."[139]

A cidade crescia. Copacabana crescia em um ritmo ainda maior.[140] A partir da década de 1940, verificava-se uma significativa expansão vertical do bairro, transformando,

---

[137] MOTTA, Marly Silva da. *Rio de Janeiro*: de cidade-capital a Estado da Guanabara. Rio de Janeiro: ALERJ, 2001. p. 24.
[138] VELHO, Gilberto. *A utopia urbana. Um estudo de antropologia social.* 7. ed. (ed. digital). Rio de Janeiro: Zahar, 2012. p. 54.
[139] Ibid., p. 52
[140] Segundo dados do censo demográfico, entre as décadas de 1920 e 1940 a cidade cresceu, aproximadamente, 52%, enquanto o bairro cresceu 315%. Cf. VELHO, op. cit., p. 57.

gradativamente, o "pacato bairro à beira-mar" em uma "floresta de cimento armado" que adquiriria, naquela década e nas seguintes, características de "outro 'Centro' da cidade, onde todas as pessoas vão para fazer compras, divertir-se e, cada vez mais, trabalhar."[141]

Virgínia dera à luz a Vera na principal maternidade de Copacabana, a Arnaldo de Moraes. Receberam alta do hospital em uma terça-feira de carnaval. Faltava, entretanto, a alegria carnavalesca à criança que havia acabado de nascer. Vera foi uma criança que chorava muito. Ana Lúcia, dois anos mais velha, indica nos depoimentos uma certa fragilidade da irmã na infância. Faltavam sorrisos e sobravam lágrimas, interrompidas somente no colo da mãe entremeado pelo cantarolar da irmã.[142]

Neste momento, completando um ano na capital, a família Araújo de Magalhães ainda não morava em um apartamento próprio. Desde a chegada ao Rio habitavam o apartamento do tio-avô Clóvis, localizado na rua Domingos Ferreira. Apesar de ser uma personalidade ilustre, um dos fundadores do Partido Social Democrático (PSD)[143] no Rio Grande do Sul, além de diretor do Departamento de Estradas e Rodagens do RS e prefeito de Porto Alegre antes de assumir o ministério da Viação e Obras Públicas, Clóvis era humilde. Para além de receber a família do sobrinho, acrescida, agora, de uma nova integrante, fazia de seu quarto o escritório da casa. Com então 44 anos, solteiro, a ida da família de Claudio para seu apartamento era também indicativa de uma vida algo solitária. Apegou-se às sobrinhas-netas. Ana Lúcia, nas mais tenras lembranças, aponta para a extensa cultura e doçura do tio-avô, além de um hábito que se tornava uma espécie de tradição entre ele e as sobrinhas netas. Após o café da manhã de Ana Lucia e Vera, Clóvis levava-as, ainda sujas de chocolate e café com leite da refeição matutina recém-terminada, para comprar o jornal infantil Tico-tico.[144]

Nessa primeira infância, para as duas irmãs, Clóvis foi uma figura central. Tornava-se um dos vários vetores que instigavam a "curiosidade pela coisa pública" em Vera e Ana Lúcia. Ambas se lembram, ainda pequenas, de acompanharem discursos do tio-avô na praia de Copacabana. Nos primeiros anos de vida de Vera, entretanto, sua presença se fazia sentir mais pelo afeto do que pela cultura e política. Incorporava, por vezes, a figura paterna, diante dos

---

[141] Ibid., p. 71.
[142] MAGALHÃES BARROS, Ana Lucia. Entrevista concedida a Higor Codarin. Rio de Janeiro, 02 de abril de 2019.
[143] Partido político fundado em 1945, nos estertores da ditadura de Vargas. No período entre 1945-1965, participaria da maioria das eleições. Elegeria, neste período, dois presidentes da república: Eurico Gaspar Dutra e Juscelino Kubitschek. Para maiores detalhes, cf. *CPDOC, Verbete Temático*: Partido Social Democrático (PSD 1945-1965). Disponível em: http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/partido-social-democratico-psd-1945-1965. Acesso em: 29 dez. 2021.
[144] MAGALHÃES, Vera Sílvia; MAGALHÃES BARROS, Ana Lucia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 25/09/1998, fita nº 21, transcrição p. 3.

sucessivos e intensos conflitos que se avolumavam, conforme o tempo passava, no casamento de Claudio e Virgínia. As turbulências no ambiente doméstico, entremeadas por passeios para comprar periódicos infantis ao lado do ministro da Viação e Obras Públicas, eram as primeiras manifestações da pouca convencionalidade de sua família e, consequentemente, de sua criação.

As crises conjugais dos pais de Vera giravam em torno de uma tríade: infidelidade, ciúmes e álcool. Claudio e Virgínia desenvolviam, frequentemente, relações fora do casamento. A juventude e beleza de ambos chamava atenção na capital federal, como apontou Virgínia: "Jovens [...] cheios de vida e saúde. Vivíamos estimulados com elogios de todo mundo que eram feitos à queima-roupa."[145]

As relações paralelas, conforme descritas por Vera e Ana Lúcia, ganham contornos tragicômicos. Claudio, segundo as filhas, era um grande galanteador. Usava seus dotes para conquistar mulheres do ciclo social de ambos. Não satisfeito, mantinha relações sexuais com uma de suas primas, o que causava desconforto em Virgínia. Ela, no entanto, não ficava atrás. Reza a lenda familiar que Virgínia mantinha relações com um de seus primos, apelidado de tio por Vera e Ana Lúcia. Este primo da mãe de Vera, inclusive, foi motivo de uma enorme briga do casal. Claudio aventava a possibilidade de que Vera fosse resultado de um amor extraconjugal dos dois, algo nunca comprovado e negado veementemente por Virgínia.

A riqueza de detalhes com os quais Vera e Ana Lucia descrevem os conflitos dos pais denota que não havia qualquer anteparo entre as crises conjugais e as filhas. Mais. Denotam sua anormalidade. Em meio às ásperas discussões, os conflitos adquiriam aspectos bastante violentos, de ambos os lados. Em não raras vezes, escalavam para agressões verbais e físicas, ganhando proporções ainda mais dramáticas devido ao consumo excessivo de álcool, companhia onipresente dos pais de Vera.

Pouco poupadas desses momentos, Vera e Ana Lucia viviam "feito umas mosquinhas tontas no meio desta balbúrdia"[146], como relembrou Virgínia. Ao contrário de Ana que, por vezes, acabava intervindo nos conflitos desde bastante jovem, Vera, segundo os relatos da irmã, ficava "num cantinho, catatônica, olhando."[147] O cotidiano doméstico adquiria aspectos perturbadores e traumáticos para Vera.

---

[145] GONÇALVES DE ARAÚJO, s.d, p. 41.
[146] Ibid., p. 44
[147] MAGALHÃES, Vera Sílvia; MAGALHÃES BARROS, Ana Lucia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 25/09/1998, fita nº 21, transcrição, p. 7.

Apesar da onipresença dos conflitos conjugais, que ofereciam tons de dourado menos reluzentes à infância, Claudio e Virginia, cada um à sua maneira, contribuíram para uma criação que apresentava amparos e cuidados.

Mesmo que apagado em seu viés afetivo, Claudio exercia o papel paterno por intermédio, sobretudo, de aspectos culturais. Conforme citamos anteriormente, a família Pestana transformara o hábito pela leitura, do conhecimento crítico, das obras e de idiomas em uma espécie de tradição familiar. Nesta perspectiva, Claudio buscava, segundo depoimento de Ana Lucia, proporcionar um cotidiano voltado para experiências vinculadas aos livros, seja através de sua própria rotina de leitura, como também a partir de comentários e livros que comprava. Com uma cultura francófila familiar extensa, Claudio seria, para além do tio-avô ministro, a principal referência intelectual de Vera e Ana Lucia na primeira infância. Segundo Virginia, ao descrever a relação do pai com as filhas, Claudio buscava "[...] se mostrar não pai amoroso, mas homem interessante."[148]

Virginia, por outro lado, exercia seu papel materno através do cuidado. O nascimento de Vera, ainda com 20 anos, reforçou o peso do exercício da maternidade: "A segunda [filha] nasceu antes de eu completar a maioridade. De modo que éramos três crianças brincando. Mesmo assim meu senso de responsabilidade era muito grande. Agora dobrado."[149]

Assim, em virtude da juventude, o cuidado era permeado por medos diversos. Em especial, uma hipocondria excessiva, especialmente relacionada a Verinha, apelido pelo qual a filha mais nova era carinhosamente chamada.

Conforme Vera crescia, mãe e filha se tornavam muito próximas, descritas tanto por Ana quanto por Vera como simbiótica. Vera, inclusive, rememora um desenho que fez, ainda pequena, buscando representar sua família. Ela desenhara, apenas, duas mulheres, idênticas, diferentes em tamanho, além de uma palavra ao lado "família". Segundo Vera, a palavra seria para descrever o restante dos integrantes da sua família. Personificadas, apenas Virgínia e ela.

Essa simbiose talvez seja resultado da esfera conflituosa na qual Vera foi inserida desde o nascimento. Os conflitos que Vera presenciara podem ter jogado um papel nesta relação, como uma espécie de compensação por parte de Virgínia. Além disso, na infância Vera demonstrava uma certa fragilidade fisiológica, tendo facilidade em ficar doente. Embora cuidasse de ambas as filhas, Ana notava a clivagem no cuidado da mãe. Um caso representativo aconteceu em 1953, quando Verinha tinha recém-completado cinco anos.

---

[148] GONÇALVES DE ARAÚJO, op. cit., p. 40.
[149] Ibid., p. 39.

Àquela altura morando em um apartamento próprio, na mesma rua Domingos Ferreira, Virgínia tomou contato com as notícias que invadiam cada vez mais o espaço dos jornais daquele ano: um surto de poliomielite na cidade. No início negado pelas autoridades, sugerindo que os casos recentes não eram motivo para o "alarde que se tem feito", o aumento no número de infectados ao longo dos cinco primeiros meses do ano, equiparado ao número total de casos do ano anterior, gerou uma situação de "quase pânico" na população do Distrito Federal. , de fato, o maior surto de poliomielite da cidade até então.[150]

Virgínia, diante deste cenário de incerteza e medo, resolveu, na contramão dos costumes da época, impedir que as filhas saíssem de casa. Verinha que, neste período, estudava no colégio Pássaro Azul, em Copacabana, perdeu o restante do ano letivo. Diante da extrema preocupação da mãe, Vera buscou, à sua maneira, reagir ao confinamento forçado. Ana Lucia relembra que a irmã, diante da mãe, recusava-se a comer. Depois de um certo período, passou a mancar propositalmente. Contudo, às escondidas, ia à cozinha e furtava frutas da fruteira.[151] Desesperada, Virgínia solicitou, semanalmente, a presença de um pediatra no apartamento para monitorar a saúde das filhas, fato que desvelou as tentativas de Vera de "enlouquecer" Virgínia, como disse Ana Lúcia. [152]

Auxiliando nos cuidados de Virgínia com as filhas, outra figura importante da infância de Vera era Rosa, a babá das irmãs Araújo de Magalhães. Ambas relembram a doçura de seus cuidados como algo luminoso da infância. Verinha, muito apegada a ela, chorava, segundo Ana, quando Rosa saía de férias. No entanto, a presença de Rosa, que era negra, causava desconforto nos espaços sociais frequentados pela família, quase que exclusivamente restritos aos brancos.

Em determinada ocasião, a família fora almoçar no hotel Copacabana Palace e Rosa foi barrada na entrada. Diante de toda a confusão gerada pela conduta racista, Vera, tempos depois, demonstrando a ingenuidade infantil, solidarizava com Rosa dizendo que queria ser negra. "Foi a primeira questão de racismo que vimos na vida", rememorou Ana Lúcia.[153]

A presença em locais como o Copacabana Palace demonstra, também, o status social e financeiro que a família adquiriu, com o passar dos anos, na capital federal. Apesar de uma

---

[150] CAMPOS, André Luiz Vieira de; NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; MARANHÃO, Eduardo. A história da poliomielite no Brasil e seu controle por imunização. *História, Ciências, Saúde Manguinhos*, v. 10, p. 573-600, 2003. Supl. 2, p. 581.

[151] MAGALHÃES, Vera Sílvia; MAGALHÃES BARROS, Ana Lucia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 25/09/1998, fita nº 21, transcrição p. 5.

[152] MAGALHÃES BARROS, Ana Lucia. Entrevista concedida a Higor Codarin, Rio de Janeiro, 02 de abril de 2019.

[153] MAGALHÃES, Vera Sílvia; MAGALHÃES BARROS, Ana Lucia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 25/09/1998, fita nº 21, transcrição p. 15.

constante instabilidade, devida, em grande medida, à postura pouco regrada de Claudio com relação às finanças, dinheiro não era, efetivamente, um problema, proporcionando uma vida confortável à família. Além da condição financeira da família de Virgínia, Claudio, como assessor de gabinete do tio, ganhava um bom salário. Trabalhou com o tio até o pedido de exoneração de Clóvis, aceito por Dutra, em abril de 1950, visando o processo eleitoral próximo. Devido à sua influência e importância no PSD gaúcho, aventava-se a possibilidade de concorrer ao governo do Estado. Contudo, acabou se candidatando à Câmara Federal, sendo o candidato mais votado da bancada gaúcha.[154] Embora tenha dado, em seu período como ministro, ênfase à melhoria e expansão da malha férrea brasileira, a obra de maior relevo de sua gestão foi a conclusão da rodovia que liga os Estados do Rio de Janeiro e São Paulo, nominada de rodovia Presidente Dutra.

Ao longo da permanência no ministério, Claudio, mais do que o confortável salário, se beneficiou dos contatos políticos que realizava junto ao tio ao longo de sua permanência no ministério. Diante da substituição do modal ferroviário pelo rodoviário, Claudio, mantendo a tradição da família Pestana, seguiu seus rumos profissionais vinculado ao setor da viação. Tornar-se-ia procurador do Departamento Nacional de Estradas e Rodagens (DNER)[155], fato que lhe conferiria, além de estabilidade, prestígio, fazendo com que a família passasse a participar dos circuitos sociais mais favorecidos da cidade.

A posição de procurador do DNER proporcionava, também, não raros momentos de viagens de automóvel à família, lembrados por Vera e Ana como momentos de alegria. Alegrias familiares ao modo dos Araújo de Magalhães. Provisórias, entremeadas pelos conflitos conjugais dos pais. Como Ana Lucia rememorou: "[as viagens] eram o máximo. Assim, singrando os brasis, as estradas... A mamãe passava o tempo todo reclamando com o papai. O papai mal-humorado."[156]

Os conflitos conjugais dos pais de Vera atingiram um ponto crítico em 1953 quando, em uma das separações momentâneas, assinaram o divórcio. A pensão, estabelecida no divórcio, era insuficiente, segundo Virgínia, para o sustento no Rio. Sendo assim, a mãe de

---

[154] CPDOC, Verbete biográfico "PESTANA, Clóvis." Disponível em: http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/pestana-clovis. Acesso em: 2 setembro 2021.
[155] Correio da manhã, 20 de junho de 1956, p. 7. Disponível em: http://memoria.bn.br/. Acesso em: 21 setembro 2021
[156] MAGALHÃES, Vera Sílvia; MAGALHÃES BARROS, Ana Lucia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 25/09/1998, fita nº 21, lado a. Transcrição, p. 10.

Vera pediu auxílio ao pai, Edgar. Apesar do aceite, Edgar condicionou a ajuda financeira ao deslocamento de Virgínia com as filhas para Porto Alegre.[157]

Em verdade, Virgínia já havia buscado refúgio na capital gaúcha quando Vera tinha apenas quatro meses. Contudo, o distanciamento durou apenas 30 dias. Agora, seria por mais tempo e, ao que indicavam as circunstâncias, seria definitivo.

A ida a Porto Alegre, para morar na casa dos bisavôs maternos, serviu como alívio – relativo – para as tensões constantes que Vera e Ana Lucia presenciavam no Rio. Como a família, seja materna ou paterna, construiu sólidas raízes no Rio Grande do Sul, em especial em na capital, Vera e Ana Lucia conviviam, cotidianamente, com a família pela primeira vez. Ana Lucia, por exemplo, relembra algo que não tinham na rotina de apartamento no Rio de Janeiro: as brincadeiras com os primos no fundo de quintal da casa dos avós. Isso era, em alguma medida, um respiro diante da difícil convivência no Rio.

Contudo, Verinha não se adaptou neste período que duraria, de acordo com as memórias familiares, cerca de dois anos. Segundo Ana Lucia, foram momentos difíceis, em que Vera, ainda pequena, buscava refúgio nos livros infantis, sempre quieta e introvertida. Sentia, também, falta do mar. Desde pequena, segundo relatos, Verinha gostava de ver o movimento inexorável das águas. Talvez a diferente dinâmica da capital gaúcha tenha dificultado sua adaptação, longe do convívio escolar e do cotidiano no Rio.

Outro fator marcante da passagem por Porto Alegre foi o contato, mais frequente, de Vera com o estigma de transtorno mental da família. A parte materna, especificamente o ramo Gonçalves, apresentava diversos casos de transtorno afetivo bipolar ou, como se dizia na época, psicose maníaco-depressiva.[158]

Relatado por diversos médicos ao longo da história, sendo nomeado, no século XIX, como *folie circulaire* ou *la folie à double forme*[159], o transtorno afetivo bipolar, apesar das

---

[157] GONÇALVES DE ARAÚJO, s.d, p. 44.

[158] O termo Psicose Maníaco-Depressiva, proposto por Emil Kraepelin em 1899, foi substituído por Transtorno Afetivo Bipolar em 1980, no *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (DSM-III), compilado que se tornou hegemônico na categorização e descrição dos transtornos mentais. Deve-se salientar, contudo, que a reformulação na nomenclatura dos transtornos mentais não é neutra, tendo, também, sua própria historicidade. Como apontam Vladimir Safatle, Nelson da Silva Junior e Christian Dunker: "Não é um mero acaso que a ascensão do neoliberalismo nos anos 1970 tenha sido acompanhada pela reformulação brutal da gramática do sofrimento psíquico através da hegemonia do *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (DSM-III). Há relações profundas entre os experimentos de engenharia social do neoliberalismo e a reconstrução das estruturas categoriais clínicas, reconstrução que se expressa, principalmente, com o apagamento das neuroses, com a hegemonia da depressão, com a redução da psicose à forma unitária da esquizofrenia [...]. O que esse conjunto de transformações torna manifesto é que categorias clínicas dependem de sistemas de valores sociais exteriores à clínica." Cf. DUNKER, Christian; SAFATLE, Vladimir; SILVA JUNIOR, Nelson da. (org.). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico.* Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p. 10.

[159] Loucura circular ou loucura de dupla forma, em tradução livre.

nuances, configura-se, especialmente, a partir de um intercalar entre episódios maníacos e depressivos.[160] Além disso, não é raro que os episódios de mania e depressão sejam acompanhados por outros sinais da doença, como, por exemplo, sintomas psicóticos de delírio e/ou alucinação.

Sem excluir fatores socioambientais para o desenvolvimento do transtorno, fato que aponta para razões multifatoriais de seu desenvolvimento, estudos científicos do início do século XXI apontam a importância dos fatores genéticos como etiologia da doença.

Segundo Fernando Silva Neves e Humberto Corrêa, o transtorno bipolar "é a doença psiquiátrica que apresenta o maior percentual de participação de fatores genéticos em sua gênese."[161] Embora não seja possível confirmar quais genes estão envolvidos na aquisição da doença, os estudos, portanto, indicam a herdabilidade como um fator significativo. E, neste sentido, a família materna de Vera é representativa.

O suicídio de Joaquim Antônio Gonçalves, tataravô de Vera, estaria relacionado, mas não limitado, ao transtorno. Aparentemente, Adolpho, bisavô de Vera, não desenvolveu sintomas da doença. Contudo, suas filhas, Heloisa e Francisca foram perseguidas, ao longo de toda vida, por manifestações de bipolaridade. A mãe de Vera, por exemplo, relembra que, na infância, sua mãe, Heloísa, diante dos sucessivos conflitos em seu casamento que, coincidentemente, traçam paralelos com os conflitos conjugais entre os pais de Vera, foi internada em um hospital psiquiátrico quando ela tinha 11 anos de idade.[162]

Vera também se recorda de manifestações de mania da tia-avó Francisca. Aos olhos da sobrinha-neta, eram engraçadas, embora a fizessem parecer um pouco "fora do lugar."[163] Para além, Vera presenciou uma forte depressão da avó, da qual presenciaria outros eventos semelhantes, ainda mais dramáticos, ao longo da adolescência.

Mesmo cercada pela família, este ambiente turbulento, para além da crise conjugal com Claudio, desestabilizou também Virgínia, que se considerava "uma mulher emocionalmente doente."[164] Além da traumática separação, o status social de desquitada era condenável àquela época, sobretudo em uma sociedade menos arejada como a porto-alegrense. "Vivia com os nervos à flor da pele, chorando por qualquer motivo, perdendo a certeza da vida", relembra

---

[160] Mais adiante constarão as definições de ambos os episódios.
[161] CORRÊA, Humberto; SILVA NEVES, Fernando. Genética do transtorno bipolar. *In*: KAPCZINSKI, Fabio; QUEVEDO, João. *Transtorno bipolar. Teoria e clínica.* 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2016. p. 83.
[162] GONÇALVES ARAUJO, s.d, p. 20.
[163] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 12/09/1998, fita nº 19, transcrição p. 16.
[164] GONÇALVES DE ARAÚJO, op. cit., p. 70.

Virginia. Diante dessa confluência de fatores, Virginia atravessou crises depressivas ao longo da estadia em Porto Alegre.[165] A esta altura, havia sido diagnosticada, também, com transtorno bipolar.

As crises de Virgínia geravam, colateralmente, consequências para a relação entre a mãe e as filhas. Por um lado, o fato de ser acossada pela depressão, para além de fatores intrínsecos à doença em si, entristecia-a pela impossibilidade de ser, em tempo integral, uma mãe presente. Apesar da presença de seus cuidados maternos, as crises eram fatores coercitivos e limitantes no exercício da maternidade, que se retroalimentavam ora do consumo excessivo de álcool, ora dos conflitos conjugais.

Por outro, a relativa ausência de Virgínia passava a costurar, com fios delicados, uma relação de proximidade, amor e companheirismo entre as irmãs Vera e Ana Lúcia. Ao longo de da infância e adolescência, a relação fraternal serviria de refúgio aos conflitos e problemas familiares, incorporando, também, as perspectivas culturais e políticas. Tornar-se-iam "uma ilha de paz dentro da confusão." [166]

O cuidado de Ana Lucia por Verinha exacerbou-se nesta passagem por Porto Alegre. Despontou, inicialmente, no contexto escolar. Ambas estudaram em um instituto público, popular à época, com propostas pedagógicas inovadoras, chamado Instituto de Educação General Flores da Cunha, localizado no Parque Farroupilha. Como havia uma diferença de dois anos entre as irmãs, Vera e Ana Lúcia tinham de ficar em salas separadas. No entanto, com medo de ficar sozinha, passou grande parte do primeiro ano letivo em Porto Alegre assistindo às aulas na sala da irmã, conforme ela mesmo rememorou: "No Farroupilha eu só tenho uma lembrança: não frequentava a aula da minha série, mas da Ana. Eu tinha tanto medo."[167] Além da escola, Ana Lucia fazia, na medida do possível, as vezes de mãe. A irmã de Vera recorda que Verinha se machucava com frequência e não podia ver sangue pois desmaiava. Ana fazia curativos e, junto da babá Rosa, levava a irmã ao hospital.

Outro ponto importante desta temporada na capital gaúcha foi o aprofundamento da relação entre Virgínia e sua irmã, Beatriz. Após um relacionamento malsucedido em Porto Alegre, Virginia retomou contato com Claudio e, em mais uma das voltas, retomaram a relação, colocando na ordem do dia a perspectiva de voltar ao Rio. Neste retorno, apesar de a babá Rosa

---

[165] MAGALHÃES BARROS, Ana Lucia. Entrevista concedida a Higor Codarin, Rio de Janeiro, 02 de abril de 2019.
[166] MAGALHÃES, Vera Sílvia; MAGALHÃES BARROS, Ana Lucia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 25/09/1998, fita nº 21, transcrição p. 7.
[167] Ibid., p. 11.

ter optado em permanecer na capital gaúcha, Virgínia teria a companhia de Beatriz no Rio. Mais do que próximas, morariam no mesmo prédio e andar no bairro do Leme. O avô de Vera comprara todo o sexto andar de um prédio localizado na rua General Ribeiro da Costa, número 32. Virgínia, Claudio, Vera e Ana Lucia morariam no 601 e Beatriz, com presença frequente da mãe Heloisa, moraria no 602. A partir de então, a irmã seria um grande esteio de Virginia e, sobretudo, das sobrinhas. Exerceria, nas ausências involuntárias de Virginia, o papel de criação das duas, seja afetivamente ou de maneira prática, no cotidiano.

Na volta para a capital, Verinha passou a estudar no colégio Chapeuzinho Vermelho. Localizado na rua Prudente de Morais, número 1365, em Copacabana, o colégio era comandado pela diretora Magdalena Kahn. Vera se lembra com carinho de Magdalena. A diretora a adorava, mesmo diante das insubordinações com relação ao desenvolvimento das atividades escolares em língua inglesa, quando se recusava a fazê-las em inglês. Verinha não gostava do idioma. E essa repulsa tinha duas razões de ser. A primeira pode ser encontrada na tradição francófila da família, que afastava as irmãs do idioma anglo-saxão. Para além desta, uma outra, ainda mais importante, diz respeito ao cotidiano familiar de Vera e a visão de sua família sobre os Estados Unidos no contexto da polarização com a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) no início da Guerra Fria.

Como vimos, desde o início da vida de Vera a política fazia parte do cotidiano familiar. Contudo, não se manifestava apenas nas funções burocráticas do tio-avô e do pai. Ao contrário. Discussões sobre temas desta seara tinham morada permanente na casa dos Araújo de Magalhães, alimentando, assim, a curiosidade das irmãs pela coisa pública. Como dissemos, o tio-avô Clóvis estava vinculado à *realpolitik*. Embora sensível às questões sociais, posicionava-se mais à direita. Claudio, ao contrário, apesar de ter como força motriz principal a perspectiva de "ganhar" a vida e desfrutá-la, nutria simpatia, sobretudo teórica, pela perspectiva comunista.

O comunismo, para além das leituras do pai de Vera, encontrava morada na família por intermédio da militância política do irmão mais velho de Claudio, Catulo. Engenheiro, o primogênito da família Pestana de Magalhães fez sua vida profissional em Santos, onde militava pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB).[168]

[168] Embora não possa servir como única explicação para o engajamento e simpatia dos irmãos Pestana de Magalhães para com as ideias comunistas e/ou militância partidária relacionada ao PCB, deve-se salientar a existência de pontos de convergência entre a filosofia comtiana e a construção histórica do ideário socialista no Brasil. O positivismo que, conforme vimos, era uma forte herança familiar, deu o tom, segundo Marcos Del Roio, da "oposição cultural ao predomínio do liberalismo clássico da oligarquia no Brasil, desde o último quartel do século XIX." DEL ROIO, Marcos. Os comunistas, a luta social e o marxismo (1920-1940). *In*: AARÃO REIS FILHO, Daniel; RIDENTI, Marcelo (orgs.). *História do Marxismo no Brasil*: Partidos e organizações dos anos 1920 aos 1960. Campinas: Editora Unicamp, 2002. v. 5, p. 13.

***

O Partido Comunista Brasileiro havia sido fundado em março de 1922. Sua fundação respondia à confluência de aspectos das conjunturas nacional e internacional da década de 1920. Nacionalmente, notava-se a influência das "ondas grevistas de 1917 que haviam abalado o país entre 1917 e 1920, com momentos fortes, entre outros, na greve geral de São Paulo, em julho daquele primeiro ano, e no movimento insurrecional, em novembro de 1918, no Rio de Janeiro."[169] Internacionalmente, respondia ao impacto do Outubro bolchevique de 1917, que inspirava, ao redor do globo, o vislumbre de futuros outros, pautados na transformação revolucionária por intermédio do cabedal teórico de Marx, acrescidos, a partir de então, das propostas teórico-práticas de Lenin, vitoriosas na Rússia. Visando não apenas inspirar, mas, sobretudo, concretizar os sonhos revolucionários é que surgia, em 1919, a Internacional Comunista (IC)[170], tendo por objetivo congregar esforços na construção de partidos e linhas políticas que atendessem ao objetivo de internacionalizar a revolução.

Assim, o PCB, fundado por apenas 73 militantes em sua primeira conferência realizada em Niterói, surgira como uma alternativa leninista[171] à influência anarquista no tímido movimento operário brasileiro do início do século XX. Colocado na ilegalidade no ano em que foi fundado – situação que se tornaria regra em sua trajetória histórica – voltaria à legalidade

---

Neste sentido, segundo Del Roio, sobretudo a partir da visão evolucionista do pensamento de Auguste Comte, houve uma contribuição do positivismo à construção das correntes socialistas no Brasil. Isso, mesmo que de forma difusa, deve ter jogado um papel na recepção das ideias comunistas na família Pestana Magalhães.

[169] AARÃO REIS, Daniel. *Luis Carlos Prestes*: um revolucionário entre dois mundos. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 114.

[170] Para maiores detalhes sobre a Internacional Comunista, cf. BROUÉ, Pierre. *História da Internacional Comunista (1919-1943).* São Paulo: Sundermann, 2007. 2 v.; HOBSBAWM, Eric (org.). *História do Marxismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985-86. v. 5-7.

[171] Utilizaremos *leninismo* para nos referirmos à produção teórica de Lênin, conforme propõe Vladimir Palmeira, que utiliza o termo: "[...] para identificar o pensamento e a ação de Lênin." Cf. PALMEIRA, Vladimir. *O leninismo até 1917*: Estratégia política e doutrina sobre o Estado. 2005. Tese (Doutorado em História) – Instituto de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005. p. 9. Sendo assim, a "alternativa leninista" diz respeito, especificamente, à concepção de partido de vanguarda criada pelo bolchevique russo.

Imerso no contexto da virada do século XIX para o século XX, quando da erupção de partidos socialdemocratas na Europa, incluindo a criação do partido socialdemocrata russo, em 1898", impunha-se como necessidade, diante da "atualidade da revolução", uma discussão a respeito do aspecto organizativo do movimento das massas.

Nesta perspectiva, Lênin inicia a construção, de modo sistemático, de uma teoria política do marxismo, focando em aspectos táticos e organizativos da atuação política, trazendo, assim, para o centro do debate teórico, a questão do partido. Seu esforço neste sentido é de tal monta, que, segundo Johnstone: "Nenhum marxista, antes ou depois de Lênin, dedicou como ele uma parte tão grande da própria atenção teórica e prática ao problema do partido. Diferentemente de Marx e Engels, Lênin foi, durante grande parte de sua vida, o líder e o organizador de um partido revolucionário, que teve, entre outros, um papel sem igual na plasmação da história nacional e internacional, tanto através da ação direta, como, indiretamente, enquanto modelo para outros partidos irmãos." Cf. JOHNSTONE, Monty. Um instrumento político de tipo novo: o partido leninista de vanguarda. *In*: HOBSBAWM, Eric J (org.). *História do Marxismo*. São Paulo: Paz e Terra, 1985. v. 6, p. 14.

em 1927. Adquiriu, gradativamente e de forma ziguezagueante, protagonismo na cena política brasileira a partir da década de trinta.

Após um período de intenso obreirismo e sectarismo em fins da década de 1920, parcialmente influenciado pela concepção de "classe contra classe" proposta pelo VI Congresso da IC realizado em 1928, o Partido, apesar do não abandono da perspectiva insurrecional, mudou a concepção de atuação. Mudança essa que o levou, segundo Del Roio, ao papel hegemônico "no campo da esquerda e do movimento operário autônomo"[172] durante os primeiros anos da Era Vargas. Revisando e abandonando a perspectiva de "classe contra classe", centrou esforços contra o avanço do nazifascismo, encarnado, no contexto nacional, no integralismo brasileiro.

Mostrava-se, assim, após um período de significativo isolamento, "[...] apto a iniciar um processo de aglutinação das forças nacionais populares." Neste contexto, configurando uma intenção de frente popular – ao contrário da frente única pela base do período anterior – é que os comunistas fazem parte, de forma hegemônica, da Aliança Nacional Libertadora (ANL), criada em março de 1935. A presença dos comunistas na frente ampla que configurava a ANL e o levante insurrecional do PCB em novembro de 1935 são representativas da política dúbia do partido no período, em que pesavam, ao mesmo tempo, as vontades de construção de uma frente ampla e a insurreição de massas.

A tentativa dessincronizada de assalto aos céus, iniciada em Natal, no dia 23 de novembro, foi desbaratada pelas forças repressivas de Vargas, sofrendo o golpe final na capital federal no dia 27.[173]

O levante comunista, denominado, pejorativamente, de intentona, fora muito bem utilizado politicamente por Vargas, que explorava o pânico gerado em alguns setores da sociedade, amedrontados com a insurreição. Conforme aponta Patto de Sá Motta:

> A ameaça pairando sobre a ordem social seria grave a ponto de suscitar o esquecimento de velhas rivalidades, notadamente indisposições contra o governo, transformadas em assunto secundário pela emergência do 'perigo comunista'. Urgia, principalmente, promover a unificação das frações políticas até então ocupadas em suas pequenas disputas pelo poder, pois o comunismo destruiria a todas, independente da cor partidária.[174]

---

[172] DEL ROIO, op. cit., 2002, p. 58.

[173] Como não faz parte dos objetivos desta tese, o levante insurrecional foi tratado de forma essencialmente reduzida. Para maiores detalhes, cf. AARÃO REIS, 2014, p. 182-188.

[174] MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o "perigo vermelho": o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. 2000. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000, p. 246.

Construía-se, assim, o imaginário anticomunista[175], que fortaleceria Vargas "a ponto de dois anos depois, instaurar um regime ditatorial escudado no compromisso anticomunista."[176]

A repressão aos comunistas, portanto, foi feita com mão de ferro. Resultou na prisão de quase todos os dirigentes do PCB e redução drástica no número de seus militantes, fato que o deixou próximo da extinção, além de impor ilegalidade ao partido até 1945.[177]

Em 1945, diante da pressão social e da vitória dos aliados na Segunda Guerra Mundial, Getúlio Vargas passou a costurar, politicamente, a transição para o regime democrático. Em 28 de fevereiro assinava-se a Lei Constitucional nº 9, prevendo eleições gerais. Em 18 de abril era assinado o Decreto-Lei nº 7.474, concedendo anistia política. Em 28 de maio, o Decreto-Lei nº 7.586, conhecido pelo nome do então Ministro da Justiça, Agamenon Magalhães, regulamentando a criação dos partidos políticos de âmbito nacional e as eleições.

Neste contexto, dava-se continuidade ao processo de reorganização partidária do PCB. Iniciado em 1943, com a Conferência da Mantiqueira, alcançaria novos patamares. Além de readquirir a legalidade, o partido teria novamente em suas fileiras seus principais quadros postos em liberdade – em especial, do *cavaleiro da esperança,* Luís Carlos Prestes, preso desde março de 1936. Nesse processo de reestruturação, mantinha-se a proposta contra o nazifascismo, orientando-se em favor de uma grande união nacional sob liderança do político que havia reprimido duramente os comunistas: Getúlio Vargas. Apesar do apoio a Vargas encontrar resistências, a construção da linha política em torno da união nacional foi aprovada.

Segundo Daniel Aarão Reis, a proposta de união nacional contra o nazifascismo obteve grande respaldo na sociedade, fazendo com que os comunistas, também a partir da influência da União Soviética no contexto da guerra, aparecessem como:

> [...] os antifascistas mais decididos, abnegados, corajosos, reivindicando a condição de, e reconhecidos como patriotas, prontos a qualquer sacrifício em nome dos interesses nacionais. A aureola de acossados e perseguidos, as chagas de torturados, o sofrimento de Prestes, o martírio de Olga e tantos outros, tudo isso fazia uma legenda. [...]. Ao mesmo tempo, agindo no mesmo sentido, a importância da União Soviética, reconvertida, no quadro da grande Aliança antifascista, em potência democrática e amiga da Democracia e das Liberdades. Stalingrado e Stálin deixaram de ser meros nomes de uma cidade e de um líder político, transformaram-se em poemas, em símbolos de uma época e de uma luta – titânica, de caráter universal –

[175] Ao analisar a construção do imaginário anticomunista no Brasil, Patto identifica que após o levante insurrecional do PCB de 1935, criaram-se as "bases para estabelecimento de uma sólida tradição anticomunista na sociedade brasileira, reproduzida ao longo das décadas seguintes através da ação do Estado, de organismos sociais e mesmo de indivíduos, cujo zelo militante levou à constituição de um conjunto de representações sobre o comunismo, um verdadeiro imaginário anticomunista.".

[176] Ibid., p. 245.

[177] Para verificar, de forma mais profunda, o contexto e as posições políticas do PCB em seu período inicial de atuação, cf. DEL ROIO, 2002, p. 11-72.

> que, agora, estava esmagando, de forma definitiva, a poderosa e considerada invencível Besta nazista. [178]

Nesta perspectiva, findada a Segunda Guerra Mundial e extirpado o nazifascismo, a união nacional mantinha-se em favor, sobretudo, da bandeira da paz. Respaldados no sentimento difuso na sociedade por paz, justiça e harmonia, os comunistas mostravam-se como "paladinos da ordem política e da paz social."[179]

Essa visão política se mostrou acertada nas eleições, ao final de 1945. O candidato à presidência pelo partido, Yedo Fiúza, lançado um mês antes das eleições, atingiu cerca de 10% dos votos. Resultado ainda mais expressivo foi a eleição de quatorze deputados para a Assembleia Constituinte, incluindo Carlos Marighella, e a de Prestes para o senado.[180] No entanto, a eleição de Eurico Gaspar Dutra para a presidência inauguraria um novo período turbulento para o PCB.

No contexto de início do processo crescente de radicalização da Guerra Fria, vinculado ao alinhamento claro de Dutra ao polo norte-americano, um pedido de cassação do registro partidário do PCB, impetrado em 1946, começava a tomar força para ser julgado em 1947. Para surpresa dos comunistas que, subestimando a possibilidade de cassação, planejavam o IV Congresso, a cassação foi confirmada. Para além do registro do partido, no ano seguinte perderiam os direitos políticos aqueles que haviam sido eleitos pela legenda na eleição de 1945. Inaugurava-se, diante do prestígio crescente do PCB, uma nova conjuntura de anticomunismo agudo.

A cassação foi um balde de água fria nos comunistas que iniciavam uma nova trajetória de enraizamento na sociedade, após um grave período que quase o levou à extinção. A reação do partido viria, condensada, nos que ficaram conhecidos como *Manifesto de Janeiro*, de 1948 e *Manifesto de Agosto,* de 1950. Ambos assinados por Prestes, concluíam que: a união nacional é excluída do horizonte político; o governo Dutra é traidor da nação, e o país estava polarizado. De um lado "[...] os latifundiários e grandes capitalistas [...], com os dirigentes de todos os partidos políticos das classes dominantes, que quer[em] a guerra, a colonização, o terror e a fome para o povo" e, de outro "as grandes massas trabalhadoras, operários e camponeses [...] pequenos comerciantes e industriais, a maioria do nosso povo enfim, que luta contra a miséria,

---

[178] AARÃO REIS FILHO, Daniel. Entre reforma e revolução: a trajetória do Partido Comunista no Brasil entre 1943-1964. *In*: AARÃO REIS FILHO; RIDENTI, 2002, p. 75.
[179] Ibid., p. 76
[180] Ibid., p. 77

que quer paz e liberdade. Que luta pela independência da pátria do jugo imperialista."[181] Nesta leitura conjuntural, a única saída era a necessária revolução agrária, anti-imperialista, sob direção do proletariado em uma Frente Democrática de Libertação Nacional. Revolução que seria atingida somente por intermédio da violência revolucionária, pois, diante da violência da "ditadura feudal-burguesa serviçal do imperialismo" a "violência das massas é inevitável e necessária, é um direito sagrado e o dever inelidível de todos os patriotas."[182] Entretanto, apesar da radicalidade da resposta política do PCB à cassação de seu registro, houve intensa dificuldade na realização das propostas contidas nos manifestos assinados por Prestes.

A atuação do tio de Vera, Catulo, pelo Partido, inicia-se neste período do pós-guerra e evidencia, de forma nítida, as perspectivas políticas que animavam os corações e mentes dos comunistas, além de demonstrar o paradoxo entre os manifestos radicalizados e a atuação política prática.

Radicado em um histórico reduto de lutas dos trabalhadores, especialmente estivadores, vinculados ao principal porto do país, Catulo, segundo relatório produzido pelo Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) – que evidenciava a vigilância a que os militantes comunistas estavam submetidos – era "elemento comunista de evidência" e "líder intelectual"[183] do partido na cidade de Santos. Integrou, segundo o referido relatório, a Comissão Provisória de Orientação dos Comitês Democráticos Populares em 1945. Capitaneados pelo PCB, os comitês desempenharam entre 1945-1947 "papel de considerável relevância na mobilização e organização de setores populares", constituindo-se como "mediadores entre as demandas da população e as instituições públicas."[184]

Além disso, em 1946, Catulo realizou campanha de arrecadação de fundos para financiamento da Imprensa Popular, órgão de imprensa do partido e, dois anos depois, após o partido ser colocado na ilegalidade, buscava donativos para os presos políticos ligados ao PCB.

---

[181] PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL (PCB), *Manifesto de Agosto de 1950*. p. 7 Disponível em: https://pcb.org.br/fdr/index.php?option=com_content&view=article&id=89:o-manifesto-de-agosto&catid=1:historia-do-pcb. Acesso em: 17 fev. 2017.

[182] Ibid.

[183] SÃO PAULO (Estado). Prontuário nº 5836. Catulo Pestana Magalhães. Departamento de Ordem Política e Social – Santos (DOPS-Santos). *In*: Arquivo Público do Estado de São Paulo, Repositório digital, DEOPS – Documento. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/prontuarios/BR_SP_APESP_DEOPS_SAN_P005836_01.pdf. Acesso em: 20 set. 2021.

[184] DE OLIVEIRA PINHERO, Marcos Cesar. *Dos comitês populares democráticos (1945-1947) aos movimentos de educação e cultura popular (1958-1964)*: uma história comparada. 2014. Tese (Doutorado em História) – Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. p. 9. Disponível em: https://ppghc.historia.ufrj.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=71-dos-comites-populares-democraticos-1945-1947-aos-movimentos-de-educacao-e-cultura-popular-1958-1964-uma-historia-comparada&category_slug=teses&Itemid=155. Acesso em: 21 set. 2021.

A partir do início dos anos 50, tornou-se presidente do Conselho Consultivo da Diretoria da Cruzada Humanitária pela Proibição de Armas Atômicas, organização também capitaneada pelo partido e exemplo do "movimento pela paz"[185] dos comunistas na década de 50.[186]

A presença de Catulo não era frequente na casa de Vera, mas as irmãs se lembram do tio procurar, por vezes, morada no apartamento do Leme, seja para compromissos ligados ao partido na capital federal e/ou para se refugiar em tempos mais bicudos. Catulo chegou a ser brevemente preso em 1949, demonstrando que o tempo de liberdade aos comunistas fora efêmero.

Prestes, neste contexto, na condição de Secretário-Geral do Partido, fez um balanço da perseguição aos comunistas ao longo do governo Dutra, oferecendo contornos nítidos ao momento delicado de militância política clandestina de Catulo. Citava, inclusive, um assassinato na cidade do tio de Vera:

> [...] no governo Dutra, 55 companheiros nossos foram assassinados em comícios e manifestações. A primeira na lista [que elaborei] foi a Zélia Magalhães no Largo da Carioca. No dia 1º de Maio de 1947, em manifestação na cidade do Rio Grande, mataram a Angelina Gonçalves e um outro companheiro, o Requi, ficou com uma bala na espinha, paralítico [...] viveu muitos anos numa cadeira [...] morreram três ou quatro na cidade de Santana do Livramento. Em Pernambuco, foi assassinado o jornalista Jaime Calado. Em Santos, mataram o Diocleciano dos Santos, um negro, portuário. Em São Paulo, na cidade de Tupã, no governo Ademar, a polícia fuzilou o Marma e o Godói, um operário e um camponês, eles morreram dentro da própria casa. Em Nova Lima, Minas Gerais, morreu o presidente do sindicato, o William Gomes.[187]

É desnecessário acrescentar que Vera, ainda pequena, pouco compreendia o comunismo, as perseguições e a atividade militante clandestina de seu tio. Vivenciaria todos esses aspectos da atividade política de forma ainda mais viva – e dramática – anos mais tarde. Contudo, essas questões pairavam no ar do cotidiano de sua família. Como também pairavam discussões a respeito da tensa conjuntura política que se abria na década de 1950.

---

[185] Conforme aponta Jayme Ribeiro, a partir de 1947, no contexto da Guerra Fria, a URSS lançou uma nova diretiva aos partidos comunistas ao redor do globo. A "luta pela paz foi definida como tarefa central do movimento comunista, à qual deveriam subordinar-se todas as outras tarefas e objetivos. Acreditava-se numa possível 'ação direta' do imperialismo norte-americano contra a União Soviética." Nesta perspectiva, dentro do movimento pela paz, inseria-se a "Campanha pela Proibição das Armas Atômicas", da qual Catulo participou. Para maiores detalhes, cf. RIBEIRO, Jayme. Os 'combatentes da paz' – a participação dos comunistas brasileiros na Campanha Pela Proibição das Armas Atômicas (1950). *Estudos Históricos,* Rio de Janeiro, v. 21, n. 42, p. 261-283. jul./dez. 2008. p. 263.

[186] SÃO PAULO (Estado). Prontuário nº 5836. Catulo Pestana Magalhães. Departamento de Ordem Política e Social. *In*: *Arquivo Público do Estado de São Paulo*, Repositório Digital, DEOPS documentos, DOPS Santos. p. 4. Disponível em: BR_SP_APESP_DEOPS_SAN_P005836_01.pdf. Acesso em: 21 set. 2021.

[187] PRESTES apud AARÃO REIS, 2014, p. 255.

1.2 Anos Nem Tão Dourados Assim

Apesar de comumente chamados de anos dourados, os anos 50 foram permeados por uma conjuntura crítica. É certo que a sociedade brasileira – ao menos parte dela – partilhou das benesses do desenvolvimentismo, que teve como estandarte os "50 anos em cinco" do governo Juscelino Kubitschek.

Experimentava-se, conforme aponta Marcos Napolitano, "[...] um período democrático, com o crescimento da participação da sociedade civil na cena política"[188]. Neste contexto, entretanto, pairavam no ar dificuldades econômicas, conflitos sociais, perspectivas autoritárias e golpistas, que colocavam em risco a jovem e frágil democracia brasileira.

Assim, rivalizavam, em linhas gerais, duas propostas para o Brasil.

Por um lado, à esquerda, uma perspectiva nacionalista, defensora da soberania nacional, das reformas estruturais e da ampliação de direitos sociais e trabalhistas. Centrada nas ideias de *povo* e *nação*, vislumbravam, gradativamente, no imperialismo o principal inimigo e entrave ao desenvolvimento nacional autônomo. Neste sentido, apresentavam distintas propostas de reforma da sociedade ou de construção de novas alternativas.

Por outro, à direita, uma perspectiva liberalizante, moralista e elitista, condenando a intervenção do Estado na economia, obstaculizando o aprofundamento da democracia.

Apesar dos matizes inerentes aos dois projetos, os momentos mais críticos desta década acabam por remontar à rivalidade entre eles, encarnados, em maior ou menor medida, em partidos, instituições, organizações, personalidades, manifestações culturais e movimentos sociais.

Após o governo Dutra, voltou ao poder, em 1950, agora pela via eleitoral, Getúlio Vargas. Ao trabalhar pela eleição de seu então Ministro da Guerra, o ditador Getúlio, nos estertores de sua ditadura, transfigurava-se, gradativamente, no democrata Getúlio. O "Velho", "pai dos pobres", voltava ao poder pela legenda da qual era o presidente de honra: o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB).[189] O trabalhismo, encampado e encarnado pelo partido, seria uma das principais forças políticas do período, tendo como fundamental base política os trabalhadores urbanos e suas representações sindicais. O ideal trabalhista, que se consolidava ao longo da década de 1950, baseava-se, em linhas gerais, conforme aponta Jorge Ferreira:

---

[188] NAPOLITANO, Marcos. Forjando a revolução, remodelando o mercado: arte engajada no Brasil (1956-1968). *In*: AARÃO REIS FIHO, Daniel; FERREIRA, Jorge. *Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 587.

[189] Para maiores detalhes sobre o PTB no período, cf. CASTRO GOMES, Angela. Partido Trabalhista Brasileiro (1945-1965): getulismo, trabalhismo, nacionalismo e reformas de base. *In*: AARÃO REIS FILHO; FERREIRA, 2007, p. 53-82.

> [na] soberania nacional, libertação econômica do país dos controles das agências financeiras internacionais, defesa das riquezas naturais contra os interesses das empresas monopolistas estrangeiras, condenação do capitalismo predatório e usurário, ampliação da legislação urbanos e sua extensão ao mundo rural, reforma agrária, melhoria das condições de vida da população, reconhecimento da cidadania política e social dos trabalhadores e do movimento sindical, entre outras questões.[190]

Naquele cenário, não havia ninguém melhor do que Getúlio, principal formulador da primeira vaga do "nacional-estatismo"[191], para representar este projeto no governo federal. Os anseios "queremistas" confirmavam-se.

Contudo, seria um governo turbulento, permeado por dificuldades várias, sobretudo econômicas, além de uma oposição permanente e incansável de outra considerável força política do período, a União Democrática Nacional (UDN)[192], extremada na atuação de seu principal líder, Carlos Lacerda. Este, inclusive, dizia, antes das eleições, prenunciando o tipo de oposição que seria feita ao governo de Vargas: "Getúlio não pode ser eleito, se eleito, não pode ser empossado, se empossado, deve ser retirado."[193]

Segundo Jorge Ferreira, Getúlio herdara

> um quadro de dificuldades econômicas, principalmente pela retomada do processo inflacionário e pelo desequilíbrio no setor público. Assim, o projeto político de Vargas implicava, em um primeiro momento de seu governo, equilibrar as finanças públicas, debelando a inflação; a seguir, retomar o crescimento econômico.[194]

Até 1952, com a alta dos preços do café e a boa relação econômica com os Estados Unidos, materializada na instalação da Comissão Mista Brasil-Estados Unidos, a política econômica dava bons resultados. Todavia, com a eleição do republicado Dwight Eisenhower, imbuído do anticomunismo e da suposta necessidade de corte de gastos, a Comissão mista foi suspensa. Além disso, o Banco Mundial passava a cobrar as dívidas dos empréstimos vencidos.

Neste contexto, acrescido da campanha dos Estados Unidos contra o café brasileiro no mercado internacional, nem a sinalização de Getúlio para uma condução ortodoxa da política econômica, simbolizada no destacamento de Oswaldo Aranha para o Ministério da Fazenda,

---

[190] FERREIRA, Jorge. *João Goulart: uma biografia.* 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. p. 138

[191] Segundo Aarão Reis Filho, a gênese da cultura política nacional-estatista remonta à ditadura de Vargas. Nela, assentam-se as bases de alguns dispositivos estratégicos desta cultura política, a saber: "a) um Estado centralizado e integrador, ao qual se subordinam todas as 'particularidades egoísticas' – a ideia é assinalada como marca registrada e uma 'nova era'; b) um ideário nacionalista, unificador; c) o esteio das Forças Armadas – Getúlio é um líder civil, mas o poder é exercido com base no e sob supervisão do Exército (coadjuvado pela Marinha); d) amplas alianças sociais, incluindo-se os trabalhadores urbanos e rurais, sempre sob vigilância e tutela; e) concepções de modernização e industrialização em nome das quais todos os sacrifícios são demandados; f) uma política externa de afirmação nacional." Cf. AARÃO REIS FILHO, Daniel; PATTO SÁ MOTTA, Rodrigo; RIDENTI, Marcelo (orgs.). *A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 15-16.

[192] FERREIRA, op. cit., p. 75.

[193] FARIAS DE SOUZA, Fabiano. Conjuntura política e econômica no Brasil (1950-1964): terreno fértil para o Golpe de 1964. *História e cultura,* v. 2, n. 1, 2013. p. 190.

[194] FERREIRA, 2014, p. 75.

surtiu o efeito esperado. O governo perdera o controle sobre a inflação. Agrava-se a corrosão dos salários. Ambas, combinadas, culminaram em uma grande mobilização dos trabalhadores em São Paulo, conhecida como greve dos 300 mil.

Greves consecutivas remontam a esse período, gerando um fator importante para o desenvolvimento da atuação das classes trabalhadoras na década de 1950 e início da década de 1960: a aliança comunista-trabalhista no comando das mobilizações.[195] Além disso, foi dentro dessa conjuntura que surgiram as intersindicais, "unindo sindicatos de diferentes categorias com objetivo de se articularem em conjunto."[196]

Os comunistas, apesar da ilegalidade, eram, também, força política considerável. Mesmo sem participação nas esferas do poder, o PCB, de maneiras variadas, inclusive culturalmente, fazia sentir suas posições políticas e visões sobre o Brasil na sociedade. Após, conforme vimos, as definições políticas propostas nos manifestos de 1949 e 1950, altamente radicalizadas, mas sem sucesso prático, o partido, a partir de 1952, promovera uma "viagem de volta à sociedade brasileira". Conforme aponta Daniel Aarão Reis:

> De modo geral, e, muitas vezes, apesar deles mesmos, os comunistas começaram a voltar aos sindicatos, empenhando-se nas campanhas salariais, participando ativamente da grande campanha nacionalista a favor da Petrobras, conduzida por uma ampla frente, integrando militares, profissionais liberais, políticos moderados e líderes de trabalhadores e que empolgaria a opinião progressista brasileira em boa parte da primeira metade dos anos 50.[197]

Diante dessas forças políticas, e dos diversos desafios sociais e econômicos, Vargas buscava equilibrar-se à beira do abismo, sofrendo pressões de todos os lados. À direita, o

> antigetulismo radical dos udenistas em grande parte provinha do nacionalismo dos trabalhistas. Recusavam a ideia de que o atraso brasileiro provinha da dependência econômico-financeira das potências estrangeiras. Assim, as saídas nacionalistas, estatizantes e reformistas, como instrumentos para superar o subdesenvolvimento, eram refutadas pelos liberais.[198]

À esquerda, diante dos acenos aos liberais e do contexto econômico, recebia críticas variadas, desde os comunistas até de fileiras do seu próprio partido, além de mobilizações e greves dos trabalhadores, indicativas de "que a estima e o reconhecimento ao presidente tinham limites."[199]

Diante da conjuntura, Getúlio refugiou-se sob a sombra de seus maiores fiadores: os trabalhadores. A indicação do então presidente do PTB, João Goulart, com excelente trânsito

---

[195] Para maiores detalhes desta aliança, a qual retomaremos alguns aspectos mais adiante, cf. SANTANA, Marco Aurelio. Bravos companheiros: a aliança comunista-trabalhista no sindicalismo brasileiro (1945-1964). *In*: AARÃO REIS; FERREIRA, 2007, p. 237-278.
[196] FERREIRA, 2014, p. 112.
[197] AARÃO REIS FILHO, 2002, p. 85.
[198] AARÃO REIS FILHO, 2002, p. 76.
[199] Ibid.

entre os sindicatos, para o Ministério do Trabalho, em 1953, era um claro sinal. Jango recomendaria, ainda em 1953, diante do contexto de greves e mobilizações dos trabalhadores, a duplicação do salário-mínimo. A princípio, diante da virulenta reação da oposição e dos militares – estes, inclusive, escreveram um manifesto contrário ao aumento –, temerosos da transformação do Brasil em uma abstrata república sindicalista, a proposta foi engavetada por Vargas. Culminou, inclusive, na saída de Jango do ministério. O objetivo era claro: resfriar os ânimos da oposição.

Contudo, diante da escalada da instabilidade política, baseada, sobretudo, na ferrenha oposição udenista, que utilizava um discurso abertamente golpista contra o governo, Getúlio dobrou as apostas concedendo o aumento de 100% no salário-mínimo no dia 1º de Maio de 1954.

Se a crise atingia níveis altíssimos, tornar-se-ia insolúvel com a tentativa de assassinato de Carlos Lacerda, na madrugada de 5 de agosto, na rua Tonelero. O atentado, que visava o principal opositor do governo, foi malsucedido. Além disso, feriu de morte um major da Aeronáutica, guarda-costas de Lacerda. A tentativa de assassinato de Lacerda respingou, politicamente, em Vargas. Contudo, após a descoberta de que o autor havia sido seu Chefe de Segurança e fiel escudeiro, Gregório Fortunato, Getúlio tornou-se o principal responsável pelo atentado.

Militares e a oposição passaram, então, a exigir sua renúncia. Diante da recusa de Getúlio, articulava-se um golpe para tirá-lo, a força, do Palácio do Catete.

A saída política encontrada por Getúlio foi o suicídio, em 24 de agosto. Saía da vida para entrar para a História, como dizia sua carta-testamento. Uma jogada política que garantiria seu legado. Mais. Diante da intensa e imensa comoção nacional que se seguiu, impediria o golpe que se articulava. Conforme aponta Daniel Aarão Reis:

> ao contrário do que imaginavam os inimigos, ao ruído do estampido não se seguiu o silêncio que cerca as derrotas. Uma imensa vaga de protesto popular varreu o país. Multidões queriam reverenciar pela vez derradeira um líder político que já se tornara uma lenda. O suicídio fora um último golpe político. A morte de Vargas salvara o varguismo.[200]

A oposição udenista perdera seu principal trunfo. Ao contrário da renúncia, o suicídio eliminava as chances de a UDN galgar o poder. As eleições legislativas de outubro de 1954 provaram isso, com os udenistas perdendo dez cadeiras no Parlamento. Vargas havia, ainda que morto, derrotado a oposição. Café Filho, vice de Getúlio, assumia a presidência até as eleições

[200] AARÃO REIS FILHO, Daniel. O Estado à sombra de Vargas. *Revista Nossa História*, n. 7, 2004.

de 1955, que levariam ao poder a chapa PSD-PTB, nas figuras de Juscelino Kubitschek para presidência e do principal herdeiro de Vargas, João Goulart, para vice.

Após as eleições, ganhas por JK com 35,68% dos votos, a posse, no ano seguinte, não era dada como certa. O estigma do golpismo continuava presente. As direitas buscavam impedir a posse de JK e Jango. Os movimentos conspiratórios, mais uma vez, seriam malsucedidos. Nesta ocasião, em decorrência do "contragolpe de novembro de 1955, conduzido pelo general Lott, à frente de um grupo de oficiais-generais legalistas."[201] Assim, depois de um período de incertezas, presidente e vice assumiram seus respectivos cargos.

Guardando aspectos do nacional-estatismo, especialmente a necessidade de fomento a uma política de industrialização, JK convenceu, através de uma política de crédito vigorosa, , o empresariado, nacional e internacional, a investir no país. Apesar de aceitar, de bom grado, o processo de internacionalização da economia brasileira, não deixava de compreender que "países capitalistas atrasados necessitam do 'Estado-empresário' como alavanca de seu próprio desenvolvimento."[202]

O governo JK prometia mudar o Brasil. Acelerar seu desenvolvimento, condensando 50 anos de mudanças nos cinco de seu mandato. A construção da capital, Brasília, no centro do país, seria a pedra de toque de um país – e de um projeto nacional – que se queria jovem, otimista e moderno. Como meta-síntese do Plano de Metas, Brasília seria a materialização de um país integrado e industrializado.

JK, em certa medida, concretizou as mudanças a que se propôs. Segundo Jorge Ferreira, entre "[...] 1956 e 1960, a taxa média de crescimento da economia foi de 8,1% e a participação do setor industrial no PIB passou de 20,44% para 25,6%."[203]

Transporte e energia eram as principais áreas visadas pelo governo. Através das leituras do Banco Nacional do Desenvolvimento (BNDE) e da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), que enxergavam obstáculos infra estruturais no desenvolvimento do Brasil, JK buscou construir essa infraestrutura, mesmo que incentivando a brusca entrada de capital estrangeiro. Contudo, apesar do governo ter fomentado, a níveis consideráveis, o crescimento econômico e o crescimento industrial, levando a renda *per capita* nacional a ser três vezes maior que a do restante da América Latina[204], geravam-se efeitos colaterais: inflação, endividamento e concentração de renda.

---

[201] AARÃO REIS, 2014, p. 264
[202] FERREIRA, 2014, p. 179.
[203] Ibid., p. 199.
[204] Ibid., p. 203.

Nos principais centros urbanos e, especialmente, para as classes médias, o crescimento econômico do período JK e, de modo geral, da década de 1950, conflui para a construção retrospectiva dos anos 50 como anos dourados. Assentavam-se as bases da sociedade de consumo, com o desenvolvimento dos meios de comunicação, assim como das cidades. O Brasil se urbanizava. Crescia a população econômica e politicamente ativa. Contudo, o novo e o velho, o arcaico e o moderno, coexistiam em um mesmo país, gerando novas questões, aguçando contradições e colocando novos atores políticos em cena.

Um deles, que passou não apenas a fazer parte do debate político, mas também a figurar nas reflexões sobre a realidade brasileira e ações políticas, foi o campesinato e a questão agrária. Mario Grynszpan e Marcus Dezemone, ao se debruçarem sobre o tema, apontam que "[entre] décadas de 1940 a 1960, [houve] uma mudança fundamental na forma de percepção do campo e de suas populações no Brasil." [205]

Embora se mantivesse a percepção do campo "como lugar por excelência do atraso, por oposição às cidades, desenvolvidas e industrializadas"[206], alteravam-se as razões explicativas dessa dicotomia. Ao contrário de um determinismo natural e geográfico, até então dominante como explicação para o atraso do campo, ganhavam força as explicações que salientavam as raízes econômicas e sociais como suas principais causas.

Deste reposicionamento, que centralizava a questão agrária no debate sobre a sociedade brasileira, o camponês passa a ser um ator político fundamental. E, neste aspecto, as Ligas Camponesas, formadas em 1955 em Pernambuco, tendo Francisco Julião como líder, surgem como principal manifestação política.

Apesar de presente nos prognósticos das forças de esquerda do período, a concentração fundiária passa, gradativamente, a ocupar um lugar central nos debates e, também, nas mobilizações políticas. De proposta política abstrata, impressa nos manifestos e documentos políticos, a reforma agrária tornava-se uma possibilidade real no horizonte das esquerdas, transfigurada em grande bandeira ao longo da segunda metade da década de 1950 e início da década de 1960.

Além disso, como sintomas das transformações socioeconômicas do período, desenvolviam-se, também, os campos intelectual e artístico-cultural. Conforme aponta Marcos Napolitano:

---

[205] GRYNSZPAN, Mario; DEZEMONE, Marcus. As esquerdas e a descoberta do campo brasileiro: Ligas Camponesas, comunistas e católicos (1950-1964). *In*: AARÃO REIS; FERREIRA, 2007, p. 213.
[206] Ibid.

> Culturalmente, aquela década pode ser vista como uma conjuntura de encontro de várias temporalidades históricas, no qual um Brasil arcaico, provinciano e tradicional era confrontado pelo impacto da modernização capitalista.[207]

Deste encontro, propõem-se novas estéticas e questões, tendo como principal exemplo, a bossa-nova. Se Brasília, no campo das realizações estruturais, inaugurada em 1960, era o símbolo deste Brasil que se imaginava e se queria novo, a bossa-nova, estética musical que harmonizava, de maneira improvável, samba e jazz, era sua pedra angular cultural.

Todavia, como outra face deste mesmo processo, surgia uma arte engajada, intentando intervir nos rumos em que o país se transformava. Simbolizando o início de uma "relativa hegemonia cultural de esquerda"[208], gestava-se, a partir de um "idioma cultural nacional-popular"[209], um ideário cultural, multiforme e heterogêneo, que buscava a "defesa do povo-nação contra a alienação e a dominação 'cultural' imperialista.'"[210]

Tentava-se "[...] estabelecer não apenas novos canais de comunicação com as classes populares, mas também de incorporá-las como parte de um novo projeto de país". O campesinato, para além de figurar nas análises sobre a realidade nacional e ações políticas, passa a "ocupar lugar privilegiado na produção artística e cultural de maneira geral", tornando-se, em certa medida, a representação do *povo* brasileiro.

Assim, essa arte engajada, em busca do povo brasileiro, buscava e definia (um)a brasilidade. Não uma brasilidade abstrata, mas, conforme aponta Ridenti, uma brasilidade revolucionária, que apostava na revolução, fosse ela nacional-democrática ou socialista, como forma de "realizar as potencialidades de um povo e de uma nação."[211]

Esses fatores todos, combinados, impulsionavam um processo de radicalização política, que cresceria vertiginosamente na década seguinte.

Estando no coração político-cultural do Brasil, o Rio de Janeiro, que passava, com a inauguração de Brasília à condição de Estado da Guanabara[212], Vera respirava todos esses ares

---

[207] NAPOLITANO, 2007, p. 587.

[208] Como aponta Ridenti, retomando e concordando, em partes, com o argumento de Roberto Schwarz, essa relativa hegemonia deve ser compreendida "[...] num sentido amplo, como a capacidade de sedução de ideias críticas a ordem estabelecida, o poder de atração de formulações e propostas transformadoras sobre setores importantes dos meios artísticos e intelectuais. Arriscando traduzir essa problemática para a linguagem sociológica de Pierre Bourdieu: embora fossem dominadas no campo da política, as esquerdas foram relativamente dominantes no campo intelectual brasileiro nos anos 1960 e princípio dos 1970, sobretudo entre 1964 e 1968, já sob a ditadura." RIDENTI, Marcelo. A 'relativa hegemonia cultural de esquerda' e a revista *Cadernos Brasileiros* na época de 1968. *In*: MULLER, Angelica (coord.). *1968 em movimento*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018. p. 49-74, p. 51.

[209] NAPOLITANO, 2007, p. 591. Segundo o autor, esse "idioma cultural nacional-popular" foi construído ao longo do primeiro período getulista, em grande parte fruto dos intelectuais e artistas modernistas, confluindo para uma "institucionalização da brasilidade."

[210] Ibid, p. 590.

[211] RIDENTI, Marcelo. *Brasilidade revolucionária. Um século de cultura e política.* São Paulo: Editora UNESP, 2010. p. 10.

[212]Criado em 1960, após a transferência da capital federal para Brasília, tinha por objetivo a manutenção do prestígio político da antiga capital federal. Foi mantido até 1975. Para maiores detalhes, cf. MOTTA, Marly Silva

dos anos "dourados". Alguns, por vezes insólitos, quase irrespiráveis, como a radicalizada conjuntura política, chegavam-lhe, certamente, pelos debates políticos que presenciava no ambiente doméstico e que, evidentemente, serviam ao seu processo de politização. Outros, bastante oxigenadores, diziam respeito à efervescência sociocultural brasileira e, especialmente, do Rio. Tudo isso se combinava, mesmo que de forma difusa, na formação de Vera. E a política, seu aspecto fundamental, passava a emitir cada vez mais sinais conforme ela crescia.

***

Além do caso no colégio Chapeuzinho Vermelho, onde Vera se recusava a realizar as atividades em inglês, outro, ainda mais evidente das ideias que circulavam no âmbito familiar, aconteceu no colégio em que Verinha e Ana fizeram os três primeiros anos do então curso ginasial. As irmãs foram matriculadas no tradicional Colégio São Paulo, localizado na Avenida Vieira Souto, em Ipanema. Verinha, no exame de admissão, em 1959, teve bom desempenho: 8,7 em Português, 8,3 em Matemática, 7,8 em História e 9,6 em Geografia, contabilizando uma média de 8,6.[213]

Fundado por freiras em 1922, o colégio tinha, como não poderia deixar de ser, a doutrina católica como premissa pedagógica. Vera e Ana Lúcia tiveram uma criação diametralmente oposta ao catolicismo, apesar da fé da avó Cora e da formação em colégio católico do pai Claudio. Não haviam sido batizadas e poucas eram, por exemplo, as comemorações de Natal em família. Ademais, chocavam-se contra a perspectiva criacionista do mundo, em um misto de influência das perspectivas positivista e materialista histórica que faziam parte da atmosfera familiar. Em uma aula de história, segundo depoimento de Ana Lucia, Verinha insistia em contra-argumentar a professora dizendo que, ao contrário da humanidade ser criação de deus, os seres humanos provinham dos macacos.[214]

Apesar dos constrangimentos vários, e da inadaptabilidade das irmãs ao Colégio, Vera, ao longo dos três anos, teria um bom desempenho escolar. Manteria uma média acima de sete: 7,43 em 1960, 7,23 em 1961 e 7,25 em 1962. Suas melhores notas seriam em Francês, Matemática, História, Geografia e Canto. As piores seriam em Latim, Inglês e Trabalhos

---

da. *O lugar da cidade do Rio de Janeiro na federação brasileira: uma questão em três momentos.* Rio de Janeiro: CPDCOC, 2001. Disponível em: https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace;/handle/10438/6799. Acesso em: 21 jan. 2022.

[213] COLEGIO ANDREWS. Certificado de conclusão de curso de Vera Sílvia Araújo de Magalhães, 3 de agosto de 1972. *In*: *Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro*, fundo *Vera Sílvia Magalhães Albuquerque Maranhão* (BR RJAPERJ VSM), Caixa 1, Documentos Pessoais II, 2º doc., p. 2.

[214] MAGALHÃES, Vera Sílvia; MAGALHÃES BARROS, Ana Lucia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 25/09/1998, fita nº 21, transcrição p. 14.

Manuais. A nota baixa em trabalhos manuais indicava a difícil e desastrada relação de Vera com as habilidades manuais.[215]

A entrada no curso ginasial, confluindo com a chegada da década de 1960, transformaria radicalmente a vida de Vera. Se a infância, conforme vimos, foi, predominantemente, tingida de tons menos reluzentes de dourado, estes, apesar de ainda presentes, saltariam menos aos olhos. Na aurora da nova década, passariam a sofrer a concorrência de outros, brilhantes e fulgurosos, seja no apartamento do Leme ou nos diversos espaços sociais que Vera frequentaria ao longo da década.

[215] COLEGIO ANDREWS. Certificado de conclusão de curso de Vera Sílvia Araújo de Magalhães, 3 de agosto de 1972. *In*: *Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro*, fundo Vera Sílvia Magalhães Albuquerque Maranhão (BR RJAPERJ VSM), Caixa 1, Documentos Pessoais II, 2º doc, p. 2.

CAPÍTULO 2 – UM MUNDO A GANHAR

> "Tenho certeza inabalável de que amanhã não seremos apenas nós, mas milhões de outros brasileiros que não hesitarão em trilhar os caminhos da revolução, se os caminhos das reformas não levarem o nosso país à posse de seu destino." (Leonel Brizola)

2.1 Morada da Sexta Felicidade

Em fevereiro de 1960, Vera completara 12 anos. A abertura de uma nova década significava, também, a abertura para novos mundos. No ambiente doméstico, conforme a idade avançava, Vera passou a compreender – e aproveitar – aspectos outros da não convencionalidade de sua família.

Virgínia, em seu livro autobiográfico, aponta para momentos dessa época como "realmente felizes." Os conflitos, em parte dos casos, eram resolvidos de forma satisfatória. A família viajava aos finais de semana e passava as férias em estações de água, tudo em "excelente convívio."[216]

Neste período fica evidente o gosto dos pais de Vera pela vida social. Frequentavam os melhores restaurantes e bares da cidade. Por vezes, comiam as famosas ostras e o filé ao molho tártaro, renomados pratos do restaurante *Au Bon Gourmet*. Localizado em Copacabana, entraria para a história como o restaurante onde estrearam cinco das maiores canções da Bossa Nova: "Só danço samba", "Samba do Avião", "Samba da Benção"; "O Astronauta"; e, por último, mas, definitivamente, não menos importante "Garota de Ipanema."[217]

Além da presença constante e marcante na vida noturna carioca, também aconteciam, com grande frequência, jantares realizados por Claudio e Virgínia no apartamento do Leme. Talvez seja eufemismo chamá-los, exclusivamente, de jantares. Animadíssimos, esbarravam no limite de serem descritos como festas. Representativos da vida da classe média alta carioca, que desfrutava dos anos dourados, eram regados a boa comida, álcool, música, conversas e discussões sobre temas variados, sendo a política um de seus pontos altos.

Embora jovens, Vera e Ana Lúcia não eram apenas espectadoras distantes desses jantares. Participavam e conviviam, com fluidez, dos encontros. Ana Lúcia, ao relembrar das festas e do convívio com os pais na adolescência, ressalta a dualidade desse ambiente na

---

[216] GONÇALVES ARAÚJO, s.d, p. 50.
[217] CASTRO, Ruy. *Chega de saudade. A história e as histórias da Bossa Nova.* 4. ed. (ed. digital). São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 424.

formação das irmãs, demonstrando uma certa síntese de contrários: "Foi muito traumática nossa vida, com aqueles pais litigiados. Mas foi fantástica. A família era de uma vanguardia (sic) total."[218]

Não apenas elas, mas também o grupo de amigas que se formava nesses anos partilhava desses momentos e constatava a particularidade da família. Como Vera e Ana Lúcia eram muito próximas, Vera passou a partilhar do ciclo social da irmã. Desenvolveria, nesse início, maior afinidade com algumas das amigas de escola de Ana Lúcia, em especial: Ângela Abrahão, Maria Luíza Carvalho e Vera Araújo. Todas, quando estimuladas a revisitarem suas respectivas memórias, foram unânimes em relembrar as festas como ápice da convivência no apartamento do Leme.

A família e o apartamento funcionavam como uma espécie de forma gravitacional na vida das amigas. Com a anuência dos pais de Vera, passavam boa parte dos dias no imóvel da rua General Ribeiro da Costa. Angela, ao descrever a família, diz: "Uma família muito divertida. Adorava ir para a casa delas. Sempre tinha muita gente. As pessoas bebiam e cantavam."[219]

Neste convívio, realçavam-se a especificidade da família de Vera. De perfis socioeconômicos parecidos, as amigas, quando comparavam a família de Vera com suas respectivas famílias, notavam as evidentes diferenças:

> Muito diferentes das famílias da época e da minha família. Eram todos de esquerda, falavam muito de política. Sempre se falava muito de política. [...] Uma referência de família na minha adolescência. Era o máximo. Bastante original. As famílias não tinham isso.[220]

Todavia, a política era uma das várias facetas que construíam essa particularidade no contexto do Rio de Janeiro na virada dos anos 50 para os anos 60. Maria Luíza, outra das amigas, relembra a irreverência dos pais de Vera, característica essa que se tornaria, também, uma marca registrada da filha: "Na casa da Virgínia, falava-se 'palavrão' à vontade. Eram irreverentes, não possuíam os convencionalismos da minha família."[221]

Irreverência que marcava presença constante no cotidiano de Vera. Segundo Angela, em uma das diversas festas que caminhava noite adentro, a polícia foi chamada por um dos moradores do prédio que se sentia incomodado com o barulho. Virgínia, ao atender aos policiais

---

[218] MAGALHÃES BARROS, Ana Lucia. Entrevista concedida a Higor Codarin, Rio de Janeiro, 02 de abril de 2019.
[219] ABRAHAO, Ângela. Entrevista concedida a Higor Codarin, via telefone, 16 de abril de 2021.
[220] Ibid.
[221] LUIZA DE CARVALHO, Maria. Entrevista concedida a Higor Codarin, via aplicativo de mensagens, 14 e 22 de abril de 2021.

na porta, surpreendendo-os e arrancando gargalhadas dos convidados, disse: “Entrem! Fiquem à vontade. Vamos beber e conversar.”[222]

Esse fato, que demonstra parte da personalidade irreverente de Virgínia, é, também, representativo da admiração que as amigas e amigos de Vera teriam pela sua mãe ao longo dos anos de convívio. Para além da bebida, dos problemas conjugais e das crises depressivas, citadas quase em uníssono, a admiração por Virgínia é algo constante. “Ela era muito inteligente, muito interessante, divertida. Se vestia bem. Me lembro muito das roupas. Era a minha ídola de mãe.”[223]

Virgínia buscava alimentar a imagem marcante da família. Não apenas para seu ciclo social, mas, também, para o ciclo de suas filhas. Em sua autobiografia, aponta o apelido curioso dado à casa por uma das amigas das filhas, em uma referência a um filme de 1958, além da tentativa de construir a imagem de uma família funcional*:* “Dávamos a todos a melhor impressão possível. Parecia que tudo se encaixava perfeitamente. Uma amiga das meninas apelidou nossa casa com o nome de um filme: ‘Morada da sexta felicidade.’”[224]

Entretanto, embora tentasse oferecer as melhores impressões possíveis, a irreverência da família aparecia, também, nos conflitos conjugais. As amigas das irmãs Araújo de Magalhães relembram, a constância dos casos extraconjugais dos pais de Vera. Claudio e Virgínia, por mais que consolidassem, aos olhares distantes, a visão de que tudo caminhava bem, deixavam tudo às claras no ambiente doméstico para as filhas e, consequentemente, para os frequentadores mais assíduos do apartamento. Como já dissemos, não havia anteparo para os conflitos do casal, assim como para os episódios dos transtornos bipolares da família de Virgínia.

Ainda em 1960, Vera soube que a avó Heloísa havia tentado suicídio em Porto Alegre. Em uma das idas de Heloísa ao apartamento no Leme, Vera presenciou o convívio em crise entre a avó e a mãe. Permanentemente conflituoso, atingiu o paroxismo quando Virgínia tentou atacar Heloísa com uma faca. Vera, tomada pela perplexidade, nada conseguiu fazer. “Fiquei paralisada.”[225] A situação foi controlada por Ana Lucia que, a exemplo dos conflitos entre os pais, conseguiu tomar a faca da mão de sua mãe.

---

[222] ABRAHAO, Angela. Entrevista concedida a Higor Codarin, via telefone, 16 de abril de 2021.
[223] Ibid.
[224] GONÇALVES ARAÚJO, s.d, p. 53.
[225] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 05/09/1998, fita n. 16, lado A, transcrição p. 4.

A “morada da sexta felicidade” era composta, também, pelo seu contrário, impondo-lhes tristezas e traumas.

Imersa nesse contexto, Vera absorvia todas as referências familiares. Muitas delas a acompanhariam pela vida: a irreverência, o gosto pela vida social, a cultura, os traumas e, mais importante, a política. Esta última, inclusive, deixaria de ser, apenas, algo difuso no meio familiar. Passaria a habitar seu mundo de leituras.

É certo que Vera, influenciada pelo pai, buscava, desde cedo, a companhia dos livros como forma de interagir com o mundo. Como uma certa tradição da família Pestana, Vera leu, quando menina, a série literária *Os Pardaillans*. Escrita pelo jornalista e anarquista francês Michel Zévaco, é uma história épica, que corre ao passo da história francesa desde o século XVI. Além deste, a biblioteca do pai, provavelmente, aguçava a curiosidade de Vera. Contudo, um livro que não seria dele, mas seu, chamou-lhe a atenção.

O espectro do comunismo, que rondava a Europa, como diziam as primeiras palavras do panfleto clássico e incendiário de Marx e Engels escrito em 1848, passou a rondar, também, seu mundo particular. O tio caçula, Carlos Pestana, que, a exemplo do irmão Catulo, militava, nesse período, pelo PCB, deu-lhe o *Manifesto Comunista* de presente em 1960. O pai de Vera protestou com o irmão: “Ela não vai entender nada.” Carlinhos, consciente das dificuldades, propôs-se a ajudá-la.

Apesar de escrito com objetivo de ser entregue aos trabalhadores, algo que, naturalmente, forçava Marx e Engels a escreverem de maneira menos rebuscada, a linguagem – e os termos – era nova e cara a uma menina de 12 anos. “Comunismo”; “capitalismo”; “burgueses e proletários”; “história das lutas de classes”; “propriedade privada”; “meios de produção.”[226] Todas aquelas palavras, combinadas, eram um novo universo. Talvez já as tivesse ouvido, *en passant,* pelas salas e corredores da casa, mas, até aquele momento, não tinha se defrontado intimamente com elas. Obviamente, não as entendeu de imediato. Buscou a inteligência de Claudio para sanar as muitas dúvidas. Auxiliando o pai, tio Carlinhos disse que o comunismo era dividir tudo, de maneira igualitária.

Assim, munida dos guias de leitura e de sua imaginação, Vera significava-o à sua maneira. Interpretava o manifesto da Liga dos Comunistas[227] de um modo particular, indicando a forma como enxergava e, no limite – guardadas as evidentes e significativas diferenças –, como enxergaria sua forma de atuar politicamente, permeada pelo sentimento de generosidade.

---

[226] MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto comunista. (1848).* São Paulo: Editora Boitempo, 1998.

[227] O *Manifesto Comunista* era o panfleto divulgador das ideias da chamada Liga dos Comunistas, primeira organização internacional marxista, derivada da Liga dos Justos.

Quando terminou de lê-lo, a frase impactante e imperativa "Proletários do mundo todo: Uni-vos!" foi marcante. Ecoando na cabeça da jovem menina, tornou-se impossível que a frase ganhasse o vazio. Ao contrário. Aquela junção particular de palavras impelia a alguma atitude prática.

Assim, a união entre teoria e prática aconteceu da maneira como era possível. O alvo foi a propriedade. Não as propriedades alheias, mas as suas próprias. Vera, enxergando-se como possuidora de diversas coisas, passou a doá-las, como ela mesma relembrou em depoimento:

> [...] foi uma literatura, claro, difícil, mas eu me encantei: "Proletários do mundo, uni-vos". Eu me encantei, achei uma coisa bonita. E saí dando as minhas bicicletas. [...] eu tinha que ficar despossuída. [...] E eu despiroquei. Saí dando as minhas bonecas. Minha mãe dizia: "Olha, minha filha, não é isso. Isso não é o socialismo". Eu disse: "Claro que é". [...] eu entendi o socialismo como dar tudo que é meu.[228]

Desse modo, compreendendo a generosidade e o desprendimento como pedras angulares do arcabouço teórico que despontava no horizonte, é que ocorreu o primeiro encontro entre Vera e o marxismo. Despontava no horizonte um mundo a ganhar, conforme dizia o *Manifesto.*

Esse encontro com um novo mundo, no seio da família, é representativo do tipo de "patrimônio" familiar que Vera herdara e que, ao que pudemos notar, diferia, significativamente, do desvio padrão das famílias de perfil socioeconômico semelhante.

Essa herança, que compreende a política como aspecto central, mas, ao mesmo tempo, entrelaçava-se com outras esferas da vida, não explica, isoladamente, a atividade militante posterior de Vera. Sendo assim, descrever o cotidiano familiar, seja em relação aos conflitos conjugais dos pais; seus relacionamentos extraconjugais; suas festas; as manifestações do transtorno bipolar de sua família materna; a vida intelectualizada e politizada; o comunismo de seus tios; e o contato precoce com o *Manifesto Comunista*, não estabelece, automaticamente, uma linha coerente e permanente, livre de ziguezagues, entre a menina que habitava o apartamento do Leme e a militante política da esquerda armada alguns anos depois. Toda essa miscelânea teria de ser interiorizada. E o seria de forma particular, num emaranhado entre o seu mundo familiar e os diversos espaços sociais que o excediam, expandindo, complexificando e se chocando com as referências de Vera.

O patrimônio familiar, portanto, seria digerido, reinterpretado, transformado e reapropriado. Tornar-se-ia parte constituinte e explicativa, mas não única, das escolhas futuras

---

[228] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Depoimento concedido ao projeto Memória Política, da Câmara dos Deputados, 12 de maio de 2003. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/a-camara/documentos-e-pesquisa/arquivo/historia-oral/Memoria%20Politica/Depoimentos/vera-silvia-magalhaes/texto. Acesso em: 13 jan. 2021.

de Vera que, como dissemos, incorporou aspectos que ultrapassavam o político em sentido restrito. [229]

Dito de outro modo, a família, de um modo peculiar, unindo os contrários de forma intensa, onde coexistiam momentos fantásticos e traumáticos, funcionaria como uma espécie de "cartografia original"[230], a partir da qual as escolhas de Vera, seja com relação à política, vida social e/ou cultura, poderiam, em contato com outros mundos sociais, se prolongar, se ajustar ou divergir das recebidas no cotidiano familiar.

2.2 Referências Cruzadas

Constituinte de um outro mundo social, a escola, ou melhor, os ambientes escolares, transformavam-se, gradativamente, em protagonistas da vida – e da formação – de Vera a partir de 1963. Conjugar-se-iam ao ambiente familiar no processo crescente de politização da menina que morava no Leme. Refletiriam, também, o crescente e vertiginoso processo de polarização e radicalização política da sociedade brasileira no início dos anos 60.

Naquele ano, Vera terminava o curso ginasial, atual ensino fundamental II. A partir dele, os ambientes escolares, ao contrário de, apenas, cerceadores e rígidos, como eram até então, tornavam-se desafiadores, arejados e instigantes, além de servirem como espaços de construção dos afetos e amores.

Ao analisar a gênese do comportamento contestatório dos militantes de 1968 na França, as sociólogas Laure Fleury, Lilian Mathieu e Mathilde Pette centram esforços para compreender, por um lado, a família e, por outro, as instituições escolares. Ao salientarem, especificamente, o papel das escolas secundárias, as autoras apontam que a escola "[...] oferece, de maneira bastante concreta, tempo e espaços de liberdade por intermédio das atividades integradas ao quadro escolar."[231] Como oferecimento de tempo e espaços de liberdade é que podemos compreender a vida de Vera nos ambientes escolares a partir de 1963.

Diante da constante inadaptabilidade das irmãs ao Colégio São Paulo, Vera e Ana Lúcia foram transferidas para outro colégio particular, o *Andrews*, onde haviam estudado, por um curto período, nos primeiros anos do atual ensino fundamental. Fundado em 1918 e localizado na Praia de Botafogo, era um dos principais colégios do Estado da Guanabara. Àquela altura,

---

[229] Ao descrever a família como local importante da politização dos *soixante-huitards* franceses, Laure Fleury, Lilian Mathieu e Mathilde Pette apontam: "A interiorização de um patrimônio político não pode ser suficiente para explicar o engajamento posterior dos soixante-huitards. É necessário que ele seja digerido, reinterpretado, transformado. Em outros termos, ele deve ser reapropriado para que as disposições transmitidas possam se atualizar em uma prática militante. Cf. FLEURY; MATHIEU; PETTE, 2018.

[230] FLEURY; MATHIEU; PETTE, 2018, p. 374

[231] Ibid., p. 402.

abrigava os filhos da classe média abastada carioca, como relembrou Leilah Landim, que viria a ser a principal amiga de Vera no Andrews: "Estavam ali os filhos das classes médias mais intelectualizadas, dos profissionais autônomos. Era caro o colégio."[232]

Embora partilhasse de aspectos do tradicionalismo do Colégio São Paulo, o Andrews diferenciava-se por defender um projeto educacional laico. Assim, era, de início, mais adequado à não religiosidade da família de Vera. Para além, afastado da ortodoxia e do conservadorismo da escola católica de outrora, o Andrews abria novas perspectivas e possibilidades para a vida de Vera e Ana Lucia. E essas possibilidades seriam sentidas de imediato, ainda no quarto ano ginasial.

Propondo uma perspectiva plural de ensino, o colégio dispunha de diversas atividades escolares que extrapolavam as disciplinas consideradas regulares pelo currículo e dialogavam com a conjuntura política e social brasileira, como por exemplo, o teatro.

Vera e Ana Lucia, desde o ingresso no colégio, passaram a participar dos grupos de teatro. Embora não tivesse caráter eminentemente político[233], a atividade teatral no colégio dialogava, inevitavelmente com as propostas e inovações que surgiam no cenário teatral brasileiro, representadas, especialmente, pelo Teatro Paulista do Estudante (TPE) e o Teatro de Arena. A fusão dos dois grupos, em 1956, "marcou o nascimento de um teatro engajado"[234] que, vinculado à brasilidade revolucionária, buscava recuperar e defender as tradições culturais, alimentando, através da arte, uma nova consciência social. Como um teatro de novo tipo, se difundiria, a partir de São Paulo, pelo Brasil afora, fazendo-se sentir, também, no Rio. Em uma evidência dessa atmosfera, Ana Lucia relembrou da leitura de peças de Bertold Brecht que, embora não encenadas, fizeram parte do cotidiano das irmãs.[235]

Além do teatro, a escola mantinha espaços como o jornal mural, em que os próprios alunos, com boa margem de autonomia, podiam desenvolver suas ideias, discutir e disputar posições que, naquele momento, referiam-se, majoritariamente, à polarização política que imperava na sociedade brasileira.

A conjuntura política esquentara desde 1961. No ano anterior, haviam sido eleitos para presidência e vice-presidência da República, respectivamente, Jânio Quadros, pela coligação PTN (Partido Trabalhista Nacional)-UDN, e João Goulart, novamente pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Jânio havia derrotado Marechal Lott por mais de dois milhões de votos.

---

[232] LANDIM, Leilah. Entrevista concedida a Higor Codarin, Rio de Janeiro, 1 de agosto de 2019.
[233] SAAVEDRA DURAO, Jorge. Entrevista concedida a Higor Codarin, via e-mail, 10 de abril de 2021.
[234] NAPOLITANO, 2007, p. 594
[235] MAGALHÃES BARROS, Ana Lucia. Entrevista concedida a Higor Codarin, Rio de Janeiro, 2 de abril de 2019.

Apesar de fazer parte da chapa com Lott, pela coligação PSD-PTB, Jango, consciente da impossibilidade de vitória de Lott, aceitou e estimulou campanhas de uma "chapa extra e informal"[236]: Jan-Jan. Jânio para presidente e Jango para vice. Como a constituição de 1946 previa votação independente para presidente e vice-presidente, Jânio Quadros beneficiava-se da "força eleitoral do PTB nos centros urbanos"[237] e Jango adquiria votos onde o PTB era fraco eleitoralmente, caso de São Paulo, reduto eleitoral de Jânio.

O governo Jânio herdara uma situação difícil de seu antecessor. Apesar dos índices de crescimento e industrialização, bases do nacional-desenvolvimentismo de Juscelino, o país se endividara. Além de bancos internacionais, o Fundo Monetário Internacional (FMI) era o principal credor. A política econômica do governo JK, que apostava na livre entrada de capital estrangeiro para impulsionar o desenvolvimento, deixava sequelas.

O governo Jânio seria tenso, tumultuado e breve. Não apenas pela questão econômica, que se fazia sentir nas diversas camadas da sociedade brasileira, mas também por seu dualismo político, acenando à direita e à esquerda. Como aponta Daniel Aarão Reis:

> Havia um Jânio de direita, representado pelos ministros militares, pela equipe econômica e pelas medidas moralizantes. Mas, na condução de uma política externa independente, havia outro Jânio, de esquerda, expresso nas restrições à política norte-americana para a América Latina e na orientação de restabelecer relações com o mundo socialista.[238]

O contexto externo, da polarização do mundo entre os polos capitalista e comunista, parecia não admitir dualismos. Além disso, ganhava um novo ingrediente, sem o qual não é possível compreender, na totalidade, o impacto da política externa de Jânio na radicalização da sociedade brasileira.

Em janeiro de 1959, chegavam a Havana, capital de Cuba, os guerrilheiros barbudos, vestidos de verde-oliva, liderados por Fidel Castro. Vitoriosos depois de três anos de embates nas cidades e nas *sierras*, derrubavam o ditador, alinhado aos Estados Unidos, Fulgêncio Batista. Inaugurava-se no crepúsculo da década de 1950 um novo governo, nacionalista, em Cuba. Pouco tempo depois, em 1961, diante da tentativa fracassada de invasão da Baía dos Porcos pelos Estados Unidos, visando derrubar o governo recém-constituído, a revolução cubana toma um novo caminho. Liderados por Fidel, os cubanos marchavam em direção ao socialismo.

Em meio ao desdobramento da revolução cubana em direção ao socialismo, os norte-americanos entraram em polvorosa. A hegemonia no continente americano estava sendo

---

[236] FERREIRA, 2014, p. 211.
[237] Ibid.
[238] AARÃO REIS, 2014, p. 292.

questionada como nunca. No contexto da guerra fria, era necessário garantir que a revolução, que acontecera a menos de 80 milhas de Miami, não se espraiasse pelo continente.

Por outro lado, para o mundo comunista, a guinada da revolução em Cuba era uma possibilidade de questionar a hegemonia norte-americana em seu próprio quintal. Se a partir da revolução de outubro de 1917, acrescida da revolução chinesa em 1949, partilhava-se do imaginário de que o mundo caminhava ao socialismo, a revolução cubana era a confirmação dos prognósticos. O socialismo chegava nas Américas. Especialmente para os setores nacionalista e comunista da esquerda brasileira, a derrubada de Fulgêncio Baptista e o desdobramento ao socialismo apontavam para algo que se aprofundaria entre as esquerdas ao longo da década de 1960: o imperativo da ação.

Dentro desse contexto, Jânio parecia pouco se importar com os anseios do governo norte-americano em manter sua hegemonia no continente. Ao contrário. Defendendo uma política externa, efetivamente, independente, condecoraria, em agosto, duas personalidades do mundo socialista: o astronauta Iúri Gagarin e, mais importante, o argentino Ernesto "Che" Guevara, um dos principais líderes da Revolução Cubana e defensor da revolução socialista em *Nuestra America*.

No contexto nacional, era a fagulha que faltava. As direitas, permeadas pelo anticomunismo, elevaram o tom das críticas ao governo. Diante do isolamento de sua base política, Jânio renunciou, em 25 de agosto de 1961, com menos de um ano de governo. Embora não haja concordância, os analistas indicam que a renúncia era, em verdade, uma tentativa de golpe.[239] Contudo, o rápido aceite da renúncia por parte do Congresso Nacional frustrou qualquer possibilidade.

A vacância do cargo gerava um imbróglio que elevava, ainda mais, as temperaturas da política nacional. João Goulart, famoso por sua tradição trabalhista, herdeiro do getulismo, era o sucessor. Mais. No momento da renúncia de Jânio, estava em visita oficial à China comunista de Mao Tsé-Tung. Para as direitas, era inaceitável que Jango assumisse. Tampouco para parte dos militares. A posse seria o sucesso da "república dos sindicalistas." Como no passado, pairava no horizonte a possibilidade de ruptura da legalidade constitucional. E, mais uma vez, seria derrotada.

Como resposta aos anseios golpistas, articulou-se, sob a liderança do então governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola, uma resistência democrática, em defesa da posse do

---

[239] FERREIRA, Jorge. Entre a história e a memória: João Goulart. *In*: AARÃO REIS, Daniel; FERREIRA, Jorge. *Nacionalismo e reformismo radical. (1945-1964).* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. v. 2, p. 509-542 (Coleção As esquerdas no Brasil)

vice-presidente. Não apenas as personalidades e os partidos, mas também a sociedade civil se empenhou na garantia dos preceitos constitucionais. "Organizações de trabalhadores e empresários, a UNE, a OAB, a CNBB, os partidos políticos, a imprensa, clubes de futebol, católicos e protestantes alinharam-se pela legalidade."[240] Era a campanha pela legalidade, que ganharia reforço de uma parcela das Forças Armadas.

Diante da mobilização de segmentos importantes da sociedade, as direitas recuaram. Encontrou-se, assim, uma saída, à brasileira, conciliada, para a situação de Jango. Assumiria, porém não governaria. O Brasil se tornava uma república parlamentarista.

Mesmo que com os poderes parcialmente tolhidos, João Goulart tinha, ao assumir a cadeira da presidência, de responder aos anseios das esquerdas em relação às suas demandas históricas, as chamadas reformas de base. Defendidas pelos diversos grupos de esquerda, incluindo os trabalhistas, desde, ao menos, a década de 1950, as reformas eram

> um conjunto de medidas que visava a alterar as estruturas econômicas, sociais e políticas do país, permitindo o desenvolvimento econômico autônomo e o estabelecimento da justiça social. Entre as principais reformas constavam a bancária, fiscal, administrativa, urbana, agrária e universitária, além da extensão do voto aos analfabetos e oficiais não-graduados das Forças Armadas e a legalização do PCB.[241]

Embora ilegal, o PCB vivia "seu apogeu naquele período, quando contou com muitas adesões e suas ideias influenciaram a luta política e sindical."[242] Neste contexto, entre concordâncias e divergências com o trabalhismo, os comunistas protagonizavam a cena política brasileira como principal referência de esquerda. Conforme indica Gorender, o partido:

> Dispunha de quadros experientes e completamente dedicados ao trabalho partidário, sua radicação no movimento operário era sólida e muito mais importante do que a das outras correntes, contava com ramificações no meio camponês, tinha forte influência no movimento estudantil e nas campanhas anti-imperialistas.[243]

Essa capilaridade social, que atingiu o auge no início da década de 1960, remonta ao processo de "viagem de volta à sociedade brasileira", em parte já descrito, a partir de meados da década anterior. As posições radicalizadas propostas em 1949 e 1950, ratificadas pelo IV Congresso de 1954, não sensibilizaram a sociedade brasileira conforme o esperado. Assim, como apresentado anteriormente, construiu-se um progressivo distanciamento entre a atuação política dos militantes e as resoluções partidárias, semeando a necessidade de reavaliar as leituras conjunturais e a atuação do partido. A nova linha política, gestada em 1958, diria

---

[240] FERREIRA, 2007, p. 521. Doravante, FERREIRA, 2007a.
[241] FERREIRA, Jorge. Leonel Brizola, os nacional-revolucionários e a Frente de Mobilização Popular. *In*: AARÃO REIS; FERREIRA, 2007, p. 545-546. Doravante, FERREIRA, 2007b.
[242] RIDENTI, 2010, p. 27.
[243] GORENDER, 2014, p. 23.

Gorender, "[...] gerou-se no próprio esforço de aplicação da linha anterior e nos resultados positivos colhidos à revelia dela."[244]

Contudo, o impulso final para sua concretização foi o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) e suas consequências para o PCB. Neste congresso, realizado em 1956, Kruschev, então secretário-geral, denunciou, em um relatório secreto, os crimes cometidos por Stálin. A imagem mitificada do "guia dos povos", maquinista da locomotiva da História, caía por terra. E a notícia, depois de confirmada pelos comunistas brasileiros, caíra como uma bomba. Um amplo processo de discussões internas, sobre o relatório, foi tornado público. A partir de então, amplo movimento de acusações e autocríticas, das mais variadas matizes, teve início. "Muitos reivindicavam o aprofundamento dos debates e o estudo da dimensão brasileira do stalinismo. Outros, contudo, consideravam inaceitáveis os termos em que se colocavam os ataques à obra e à pessoa de Stálin."[245] Entre "abridistas", que defendiam o aprofundamento dos debates, e os "fechadistas", defensores do fim dos debates e acusações a Stalin, ganhavam espaço os de posição intermediária. Estimulada por Prestes, esta última tendência consolidaria seu domínio no partido. Como saldo, depurações à direita e à esquerda, desembocando em uma declaração política que, na prática, apresentava-se como um novo programa político.[246]

A *Declaração sobre a Política do PCB*, de março de 1958, era uma mudança histórica. Reavaliava-se, de forma drástica, a leitura conjuntural sobre a sociedade brasileira, as formas de luta, as alianças necessárias e as estratégias de poder. O desenvolvimento do capitalismo no Brasil passava, agora, a ser considerado "elemento progressista por excelência da economia brasileira."[247] Progressista pois ainda persistiam, segundo o documento, "velhas relações semifeudais" no meio rural. Relações que eram os principais fatores que acentuavam "a extrema desigualdade de desenvolvimento das diferentes regiões do Brasil." Sedimentava-se a visão dualista da sociedade brasileira, opondo capitalismo urbano e atraso feudal rural.[248]

O desenvolvimento capitalista, conforme indicado pelo documento, para além de positivo economicamente, reverberava, de forma natural, no "caráter do Estado brasileiro",

---

[244] Ibid., p. 26

[245] AARÃO REIS FILHO, Daniel. O maoísmo e a trajetória dos marxistas brasileiros. *In*: AARÃO REIS FILHO, Daniel; MORAES, João Quartim (org.). *História do marxismo no Brasil*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. v. 1, p. 181.

[246] Para maiores detalhes, cf. AARÃO REIS, 2014, p. 273 et seq.

[247] CARONE, Edgar. *O P.C.B (1943 – 1964)*. São Paulo: Editora Difel, 1982. v. 2, p. 176.

[248] Para uma síntese sobre a análise teórica dualista na sociedade brasileira, Cf. DÓRIA, Carlos Alberto. O dual, o feudal e o etapismo na teoria da revolução brasileira. *In*: QUARTIM DE MORAES, João (org.). *História do marxismo no Brasil*. *Teorias e interpretações*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014. v. 3, p. 245-298.

direcionando-o "no sentido da democratização, da extensão dos direitos políticos a camadas cada vez mais amplas."[249]

A partir desta ampliação, preconizava-se uma frente única, na "luta por um governo nacionalista e democrático", onde "proletariado e burguesia se aliam em torno do objetivo comum: lutar contra a "exploração imperialista e a estrutura tradicional"[250] representadas, respectivamente, no imperialismo norte-americano e na "agricultura baseada no latifúndio e nas relações pré-capitalistas de trabalho."[251] Vislumbrava-se, portanto, a existência de interesses em comum entre a burguesia nacional, interessada no desenvolvimento capitalista do Brasil, e o proletariado.

O combate da frente única, segundo o documento, "pela independência nacional do Brasil é parte integrante da luta pela paz mundial." Pavimentava-se, assim, o "caminho pacífico da revolução brasileira", pois a conjuntura nacional existente criava "a possibilidade real de conduzir, por formas e meios pacíficos, a revolução anti-imperialista e antifeudal."[252] Assim, ao contrário dos ataques às instituições vigentes, presentes nos manifestos de 1949 e 1950, incentivava-se uma luta "dentro da legalidade democrática e constitucional", através de uma ação "parlamentar e extraparlamentar."[253]

A conjuntura, portanto, não era de uma revolução socialista. O momento era de aprofundar o desenvolvimento do capitalismo brasileiro, rompendo com os resquícios feudais nos meios rurais, para, posteriormente, caminhar ao socialismo, consolidando a visão da revolução por etapas.

Uma "solução não pacífica"[254] era aventada, apenas, caso houvesse violência perpetrada pelos inimigos do povo. Contudo, os comunistas, para além de renunciarem à direção da frente única, estavam, segundo a declaração, empenhados em conquistar a revolução brasileira evitando o "derramamento de sangue na insurreição armada ou na guerra civil."[255]

Essa leitura conjuntural e tático-estratégica seria confirmada, em linhas gerais, no V Congresso do partido. Apesar da manutenção da concepção de caminho pacífico, reforçava-se a necessidade de mobilização social, além de citar, para além de "solução não pacífica", a "luta armada" como uma possibilidade. Assim, com a nova linha política redigida após as discussões do Congresso, em 1960, construía-se "um horizonte em que se tornava possível aos militantes

[249] CARONE., 1982, p. 178
[250] Ibid.
[251] Ibid., p. 176
[252] CARONE., 1982, p. 191-192.
[253] Ibid., p. 192.
[254] Ibid., p. 193.
[255] Ibid.

comunistas tomar atitudes e adotar posições diferenciadas, sempre reivindicando a linha aprovada, das mais prudentes às mais combativas."[256]

De todo modo, seja para os mais prudentes ou mais combativos, com o governo Jango parecia que, finalmente, as propostas de reformas profundas na sociedade brasileira tinham possibilidades reais de se realizarem. No entanto, as forças de oposição, à direita, fariam de tudo para impedir. Se não foi possível impedir a posse de Jango, impediriam, ao menos, as mudanças que ele, e as forças políticas de esquerda, queriam implementar no Brasil.

Embora partidário das reformas, Goulart, desde o início de seu governo buscava, conforme era sua tradição, costurar acordos para viabilizar sua realização. Todavia, a radicalidade da conjuntura parecia não suportar costuras. Ao menos para boa parcela das esquerdas, "acordo" e "conciliação" perdiam – ou nunca tiveram – significado político.

As esquerdas, e os movimentos sociais, radicalizaram em muito suas posições ao longo do governo. Nos meios urbano e rural. Nas regiões agrárias, as Ligas Camponesas e o movimento de formação dos sindicatos rurais ganhariam relevância nacional, reafirmando a centralidade do debate sobre reforma agrária. Nos meios urbanos, os trabalhadores, no contexto de greves e paralisações setoriais ao longo do governo Jango, combinavam reivindicações imediatas a demandas políticas. Por intermédio delas, conseguiriam ganhos relevantes, como a "a paridade entre funcionários civis e militares, o décimo terceiro salário, a antecipação do plebiscito sobre parlamentarismo/presidencialismo, para janeiro de 1963, em vez de 1965, como previsto em lei."[257]

A respeito do plebiscito, criou-se uma campanha para a retomada dos poderes políticos do presidente. As esquerdas, capitaneadas pelo PCB, encontravam-se em sintonia, considerando o presidencialismo indispensável para a concretização das reformas. Engajando-se em grandes campanhas junto aos setores sociais em que tinham capilaridade, essas organizações – sejam elas de cunho marxista, como era o caso do PCB e da Organização Revolucionária Marxista - Política Operária (ORM-POLOP), trabalhista, como o Partido Trabalhista Brasileiro ou católica, como a Juventude Universitária Católica, da qual sairia a Ação popular (AP) – tiveram papel fundamental na vitória do plebiscito, realizado em janeiro de 1963. A vitória, inclusive, foi acachapante: "dos 11,5 milhões de eleitores, 9,5 milhões aprovaram o retorno."[258]

---

[256] AARÃO REIS, 2002, p. 96
[257] Ibid. p. 96
[258] FERREIRA, 2007a, p. 523.

Embora houvesse retomado os poderes, colocavam-se novas dificuldades para Jango. Ao tentar, à sua maneira, realizar as reformas por cima, através de acordos políticos, elas não caminhavam conforme o esperado pelas bases. As esquerdas e os movimentos sociais tinham urgência. Além disso, não aceitariam reformas que ficassem no meio do caminho. O principal exemplo era a reforma agrária.

Goulart havia enviado ao Congresso um projeto de reforma agrária em que se estabeleciam possibilidades de indenização aos proprietários. Fez isso com o objetivo de arregimentar apoio do PSD, favorável a uma reforma moderada. As esquerdas e movimentos sociais, entretanto, não aceitavam qualquer tipo de projeto que indicasse indenização aos proprietários. Defendiam a realização da reforma em seus termos. "Na lei ou na marra", conforme se dizia na época.

Radicalizadas, as esquerdas constituíram a Frente de Mobilização Popular (FMP), liderada por Leonel Brizola. O então governador do Rio Grande do Sul, entre 1963 e 1964, tornou-se um importante, se não o principal, líder da perspectiva radical entre as esquerdas. "Seu nome passou a significar, naquele momento, o que de mais à esquerda havia no trabalhismo brasileiro, expressando e unificando ideias e crenças de grupos esquerdistas heterogêneos e muitas vezes divergentes."[259]

Considerada o "parlamento das esquerdas"[260], a FMP, criada em 1963, reunia as principais organizações que lutavam pelas reformas de base. Esforçava-se "para que João Goulart assumisse imediatamente o programa reformista, sobretudo a reforma agrária, mesmo à custa de uma política de confronto com as direitas e os conservadores."[261] Os discursos de Brizola, neste período, davam o tom da atuação da frente: "Tenho a certeza inabalável de que amanhã não seremos apenas nós, mas milhões de outros brasileiros que não hesitarão em trilhar os caminhos da revolução, se os caminhos das reformas não levarem o nosso país à posse de seu destino."[262]

Reformas e revolução. Tomava forma, naquele período, um reformismo revolucionário. O anti-imperialismo, sedimentado na construção imagética do povo-nação, ganhava ressonância social e impregnava, cada vez em maior tom, os discursos políticos. Dizia Brizola: "Não é possível obter reformas internas em nossos países da América Latina sem atingirmos o processo espoliativo que mina nossas energias." Do imperialismo, era indissociável a

[259] FERREIRA, 2007b, p. 548.
[260] MARINI; RUY MAURO apud FERREIRA, 2007b, p. 547.
[261] Ibid.
[262] BRIZOLA apud FERREIRA, op. cit., p. 549.

exploração de classe. A burguesia nacional despontava, na análise das parcelas mais radicais, como sócia menor dos interesses imperialistas, sendo necessário, portanto, um ataque conjunto para libertação do país.

Neste sentido, apesar das diferenças, a FMP era uma tentativa da unidade na diversidade, indicativa dos diversos movimentos partidos e organizações de esquerda que se articulavam em torno de um eixo comum: as reformas. Como aponta Jorge Ferreira:

> De origens doutrinárias diversas, a frente reuniu marxistas de extração stalinista ou trotskista; as esquerdas cristãs e socialistas; a esquerda do PTB – como parlamentares trabalhistas, deputados do Grupo Compacto e os nacionais-revolucionários; integrantes da Frente Parlamentar Nacionalista; organizações de trabalhadores urbanos, camponeses, estudantes e subalternos das Forças Armadas; lideranças como Leonel Brizola e Miguel Arraes. Durante o governo Jango, as esquerdas superaram suas diferenças e conseguiram se unir em torno de um programa reformista comum.[263]

***

No ambiente doméstico, Vera sentia o processo de radicalização política. Não apenas pelas discussões, mas também pela atuação de seu pai. Como advogado, Claudio passou a fazer parte do Comando de Trabalhadores Intelectuais (CTI), integrado à FMP, indicando sua militância em prol das reformas radicais. Esse fato, certamente, elevou o tom das discussões no espaço doméstico, além de, conforme depoimento de Ana Lucia, transformar o apartamento do Leme em local de encontro político.[264] Seria, entretanto, nos ambientes escolares que Vera aprofundaria, rapidamente, seu processo de politização e sua relação com a conjuntura radicalizada.

No segundo semestre do quarto ano ginasial, em 1963, Vera estava em seu primeiro ano no Colégio Andrews. Neste semestre, os alunos foram surpreendidos por um comunicado da escola de que haveria aumento de 100% na mensalidade. Os alunos com tendências à esquerda, diante dessa possibilidade, indignaram-se, argumentando que os colegas com menor poder aquisitivo não conseguiriam arcar com os novos custos e acabariam deixando a escola. Dentre os indignados, destacavam-se três: Ana Lúcia, Vera e Jorge Eduardo Saavedra Durão.[265] Mais do que indignados, resolveram agir. Inspiraram-se na principal forma de mobilização dos trabalhadores. Construíram uma greve, tendo em vista fazer a escola recuar em relação à proposta de aumento.

Madrugando no colégio, Vera, Ana Lucia e Jorge Durão colocavam em prática um plano bastante rudimentar: passar uma corrente no portão de entrada e, além disso, fazer uma barreira

---

[263] BRIZOLA apud FERREIRA, 2007b, p. 580.
[264] MAGALHÃES BARROS, Ana Lucia. Entrevista concedida a Higor Codarin. Rio de Janeiro, 2 de abril de 2019.
[265] SAAVEDRA DURAO, Jorge. Entrevista concedida a Higor Codarin, via e-mail, 10 de abril de 2021.

humana, impedindo a entrada de alunos e professores. Leilah Landim, acrescentando detalhes à greve, relembra o constrangimento da mãe de Vera em relação às filhas e uma certa satisfação dos estudantes em questionar a autoridade dos pais: "Nunca vou me esquecer da mãe de Vera Sílvia indo buscá-las e mandando-as para casa. Elas não iam, foi um bate-boca no meio da rua. Foi um escândalo maravilhoso, pois era isso que nós queríamos, fazer também isso com nossos pais."[266]

Apesar de rudimentar, a greve surtiu o efeito desejado. Segundo Jorge Durão, a direção do Andrews aceitou discutir a possibilidade de não realizar o aumento para os alunos que não pudessem pagar.[267]

Mais do que o resultado positivo da mobilização, a greve lança luz para o processo de politização pelo qual Vera passava. Além disso, demonstra que esse processo não é compreensível sem a presença de Ana Lucia. "Éramos amicíssimas. Era uma irmandade mesmo, pois excedia apenas familiarismo. Era, também, política."[268] Criava-se uma rotina de estudos entre as irmãs. Ana Lucia, por exemplo, relembra o período de radicalização do governo Jango como "a glória da juventude", ao que acrescenta: "Estudávamos muito. *A história da riqueza do homem* lida durante a semana, sábado grupo de estudos e depois uma festa americana."[269]

A história da riqueza do homem, do escritor marxista Leo Huberman, alçava a relação de Vera com o marxismo a outro patamar. Talvez tenha sido neste momento que a obra máxima de Marx, inacabada, culminação de toda a sua vida intelectual, *O Capital – Análise Crítica da Produção Capitalista*, tenha despontado pela primeira vez na vida de Vera. Surgia, diante de seus olhos, a análise sobre a sociedade capitalista realizada por Marx. Teoria do Valor-Trabalho; Mais-Valia; Capital Constante; Capital Variável; Crises inerentes ao sistema capitalista. Conteúdos fundamentais da principal obra do revolucionário alemão eram sistematizados por Huberman de forma simples, exemplificadas. Em conjunto, realçavam as contradições insolúveis do capitalismo.

Mais do que isso. Indicava-se a solução. As contradições do presente indicavam a sociedade do futuro. "A Rússia tem um plano", título do penúltimo capítulo do livro escrito em 1936, descrevia o plano russo que se tornara realidade a partir de outubro de 1917. Era a teoria

---

[266] LANDIM, Leilah. Entrevista concedida a Higor Codarin, Rio de Janeiro, 1 de agosto de 2019.
[267] SAAVEDRA DURAO, Jorge. Entrevista concedida a Higor Codarin, via e-mail, 10 de abril de 2021.
[268] MAGALHÃES BARROS, Ana Lucia. Entrevista concedida a Higor Codarin, Rio de Janeiro, 2 de abril de 2019.
[269] Ibid.

de Marx posta em prática. A revolução bolchevique como prova de que a teoria marxiana, "se posta em prática, criaria um mundo novo e melhor."[270]

A leitura, atenta, feita por Vera e Ana Lucia era um grande passo. Talvez fundamental. Apresentava-se como o início da transição entre uma visão elementar, baseada na leitura do *Manifesto* e nos debates familiares, e uma visão mais realista e concreta sobre o marxismo. Deslindavam-se possibilidades de transformação do mundo que ultrapassavam a doação das bicicletas.

Para além dos livros, os cotidianos escolares aguçavam a curiosidade pelo mundo da política. Refletiam, no microcosmo escolar, a conjuntura radicalizada. No Andrews, Jorge Durão relembra a divisão, pela política, dos professores. À esquerda, estavam Hugo Weiss, de História, Clóvis Dottori, de Geografia, e Lélia Gonzales, de Filosofia. À direita, havia um professor de latim, "ultrarreacionário" e Madame Blanche Thiry Jacobina, de Francês.[271] As posições políticas dos professores reverberavam nos ambientes escolares e passavam a fazer parte das discussões dos alunos.

Apesar da predominância do Andrews, outros ambientes escolares contribuíam à politização de Vera. Neste mesmo ano, 1963, Vera passou a fazer o curso de *degré littéraire*, oferecido pela Aliança Francesa, em Copacabana. Estudando língua e literatura francesa, Vera aprofundava diálogo com a cultura francófila. Ali, tornar-se-ia amiga de Carlos Vainer, seu companheiro de militância e organização política alguns anos depois.

Vainer, em depoimento concedido, relembra o cotidiano do curso, realçando aspectos vários. Por um lado, a postura progressista do professor em relação às leituras e atividades propostas. Para além, a constante presença do marxismo nos debates e leituras. Por fim, a ênfase na miscelânea de referências teóricas e culturais – que excediam a política em sentido estrito – , imprescindíveis para a formação política da geração da qual eles fazem parte, o que justifica a longa citação

> Nós tínhamos um professor de literatura francesa, que era um cara muito avançado, progressista.
> [...]
> Líamos os iluministas. Líamos Rousseau. Tinha comunismo no Rousseau, segundo o professor. Líamos Voltaire. Eram leituras formadoras, mas de uma ideologia de esquerda humanista, iluminista. Para mim, pelo menos, foi muito importante, como formação pessoal. E eu tenho a impressão de que havia professores progressistas na Aliança Francesa que também influenciaram algumas cabeças. Influenciaram no sentido de formar uma ideologia humanista, que dialogava com o marxismo em um certo sentido, pois o marxismo tem um pé no iluminismo e no humanismo. Existe uma corrente humanista no marxismo, essa coisa do homem geral.

[270] HUBERMAN, Leo. *História da riqueza do homem.* 7. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. p. 288
[271] SAAVEDRA DURAO, Jorge. Entrevista concedida a Higor Codarin, via e-mail, 10 de abril de 2021.

> Além das aulas, esse professor promovia sessões para ouvirmos os discos da *comédie française*, interpretando Corneille e Racine, com os textos das peças na mão. Isso tudo era muito formador. É um caldo de cultura geracional, onde há uma série de referências cruzadas que não são apenas as da literatura política *strictu sensu*.[272]

Neste contexto, portanto, se, por um lado, Vera lia e discutia, entre amigos, livros que buscavam "explicar a história pela teoria econômica e a teoria econômica pela história"[273], por outro, a experiência na Aliança Francesa se agregava à leitura humanista que Vera construía sobre o marxismo. Construía-se, assim, gradativamente, a partir das diversas "referências cruzadas" com as quais Vera entrava em contato, certa curiosidade intelectual em suas buscas teóricas, que excediam o marxismo economicista.

A experiência da greve e as leituras na Aliança Francesa são apenas alguns dos indícios de que os ambientes escolares, para além de estimularem sua curiosidade intelectual, expandiam, também, suas experiências políticas. Vera se politizava em ritmo acelerado, ainda no final do quarto ano ginasial. As amigas mais velhas notavam a mudança de Vera, com então 13 anos, conforme apontou Maria Luiza:

> A Vera era uma menina e nossa turma adolescente tratava-a de forma condescendente. Mas passaram-se uns três ou quatro anos e ela deu uma súbita virada. Amadureceu, tratando-nos em pé de igualdade. Foi súbito mesmo. Ela nos surpreendia com sua inteligência e lucidez.[274]

Seu processo de politização, ainda como estudante secundarista, não era, entretanto, um raio em céu azul. No seio do processo crescente de radicalização política, os estudantes despontam como uma das forças relevantes do cenário. Assim, o movimento estudantil, especialmente universitário, passa a disputar, com cada vez mais protagonismo, a cena política.

Se, conforme Martins Filho, podemos conceber o movimento estudantil apenas a partir da criação da UNE em 1937[275], quando a "participação circunstancial dos estudantes" se torna um "movimento unificado em torno de alguns objetivos em comum"[276], para compreendermos o movimento estudantil na década de sessenta, sobretudo no estado da Guanabara, é importante atentarmos que, como nos indica Poerner, "[...] os estudantes se unem, acima de tudo, pela

---

[272] VAINER, Carlos. Entrevista concedida a Higor Codarin, via Skype, 27 de junho de 2020.
[273] HUBERMAN, 1981, p. 7.
[274] LUIZA DE CARVALHO, Maria. Entrevista concedida a Higor Codarin, via aplicativo de mensagens, 14 e 22 de abril de 2021.
[275] Existe uma polêmica sobre a data de fundação da UNE. Alguns acreditam ser 1938 enquanto a entidade aponta o ano de 1937. Utilizaremos a data proposta pela entidade. Cf. http://www.une.org.br/2011/09/historia-da-une/. Acesso em: 2 mar. 2021.
[276] MARTINS FILHO, João Roberto. *Movimento estudantil e ditadura militar*: 1964-1968. Campinas: Papirus, 1987. p. 16.

universidade."[277] Deve-se, assim, seguir a principal trilha unificadora dos estudantes: a reforma universitária.

A reforma universitária aparece no horizonte na segunda metade da década de 50, a partir da abertura da "universidade aos setores sociais médios, que se expressa na significativa expansão das vagas, a partir do início do segundo governo Vargas." [278] O aumento das vagas universitárias – que passariam de 30 mil em 1945 para 142 mil em 1964[279] – tinha por objetivo atender às mudanças socioeconômicas pelas quais passava o Brasil. Em especial, o aumento da população urbana. De acordo com Francisco Vidal e Herbert Klein, 19 milhões de brasileiros viviam, no início da década de 1950, nas cidades. Este número saltaria para 31 milhões no final da mesma década, representando um aumento de, aproximadamente, 63%. Este processo traria como consequência, em meados da década seguinte, a predominância de pessoas vivendo na cidade em relação ao campo. [280]

No entanto, se houve um aumento significativo na abertura de vagas – o que não impediu a criação da figura do universitário excedente, conforme veremos adiante –, este não foi acompanhado de um processo de modernização e democratização das universidades. O arcaísmo das universidades, simbolizado, principalmente, na figura dos professores catedráticos, de cargos vitalícios, vinculados à péssima e obsoleta estrutura, seja em relação a pesquisas ou aos prédios e dependências, ofereciam contorno às principais reivindicações dos estudantes, para além da busca por representatividade nas decisões universitárias.

Neste contexto, se a precariedade estrutural gerava um virtual consenso entre os estudantes, à esquerda e à direita, sobre a necessidade da reforma universitária, havia, contudo, grandes diferenças a respeito de como colocá-la em prática.

À esquerda, buscava-se impulsionar a transformação da universidade em um espaço crítico e, sobretudo, popular. Enxergando-a dentro de uma perspectiva geral de transformação social, vinculada ao contexto de crítica ao imperialismo, as universidades deveriam servir ao desenvolvimento nacional autônomo. À direita, por outro lado, a modernização das universidades tinha sentido mais pragmático, tendo como objetivo melhorias estruturais para melhor formação dos estudantes, visando o mercado de trabalho e a esfera produtiva. Em

---

[277] POERNER, Arthur *O poder jovem:* história da participação política dos estudantes brasileiros. 5. ed. Rio de Janeiro: Booklink, 2004. p. 190.
[278] MARTINS FILHO, op. cit., p. 34.
[279] PATTO SÁ MOTTA, Rodrigo *As universidades e o regime militar*: cultura política brasileira e modernização autoritária. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 24
[280] Para a verificação dos gráficos e análise das mudanças sociais no período da ditadura, Cf. LUNA, Francisco Vidal; KLEIN, Herbert S. Mudanças sociais no período militar (1964-1985) *In*: AARÃO REIS FILHO, Daniel; PATTO SÁ MOTTA, Rodrigo; RIDENTI, Marcelo (org.). *A ditadura que mudou o Brasil*: 50 anos do golpe de 1964. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 66-91.

síntese, nessa conjuntura, o ponto de convergência entre os setores divergentes do movimento estudantil baseava-se na melhoria infra estrutural das universidades. [281]

A partir da retomada da hegemonia de esquerda na UNE, através da Juventude Universitária Católica (JUC)[282], a luta pela reforma chegou ao ápice neste contexto com a deflagração da greve do 1/3. Realizada em 1962, ficou conhecida por este nome por reivindicar essa porcentagem como representação estudantil no corpo decisório das universidades.

No entanto, após a greve, que não conseguiu atingir seus objetivos, a UNE, em um processo de radicalização vinculado à conjuntura nacional, passa a ser liderada por um grupo surgido à esquerda no interior da JUC, a Acão Popular (AP).

Sob liderança da AP, a agremiação estudantil adota postura ainda mais radical com relação à reforma. Propunha-se, a partir dali, a convergência entre as reivindicações estudantis e o projeto político mais amplo das reformas de base, demandadas, como vimos, por diversos movimentos de massa e encampada por João Goulart. Para os estudantes à esquerda, a reforma universitária despontava como uma das reformas necessárias ao desenvolvimento nacional livre das amarras imperialistas. Exemplo disso é um documento da entidade, lançado em 1963, que caracterizava a reforma universitária:

> [...] como uma das reformas necessárias à libertação nacional e à emancipação do povo. [...] percebe-se claramente que a Reforma Universitária não é do interesse apenas do estudante, mas sobretudo do povo, e que ela só será possível, no seu pleno sentido, com a libertação nacional e a reestruturação da sociedade brasileira, e que, portanto, é necessário lutar pelas outras reformas e pela libertação nacional para lutar consequentemente pela Reforma Universitária, assim como lutar pela Reforma Universitária já é uma forma de lutar pela libertação nacional e do povo brasileiro. [283]

Isso aproximou, de maneira significativa, a UNE do governo Goulart durante o biênio 1963-1964.

Embora Vera ainda não estivesse na universidade, existiam pontos de contato significativos entre o movimento estudantil universitário e o movimento estudantil secundarista. De início, ressalta-se a proximidade entre a UNE e a e a União Brasileira dos

---

[281] PATTO SÁ MOTTA, 2014, p. 67-68.

[282] A Juventude Universitária Católica, conforme aponta Ridenti, "era um setor especializado de um movimento mais amplo, a Acão Católica (AC), apostolado de leigos promovidos pela alta hierarquia da Igreja católica em todo o mundo, a partir dos anos 30." Com o passar dos anos, ainda segundo Ridenti, "os jovens da JUC passaram a questionar aspectos das ideias dominantes na Igreja, como a passividade política diante da ordem estabelecida, num contexto de convivência universitária com outras correntes de pensamento, especialmente as socialistas e comunistas". Para maiores detalhes, cf. RIDENTI, Marcelo. Ação Popular: Cristianismo e Marxismo. *In*: AARÃO REIS FIHO; RIDENTI, 2002, p. 228; 230.

[283] UNIÃO NACIONAL DOS ESTUDANTES apud SILVA, Izabel Priscila Pimentel da. *Os filhos rebeldes de um velho camarada*: A Dissidência Comunista da Guanabara (1964-1969). 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009. p. 61. Disponível em: www.historia.uff.br/stricto/td/1338.pdf. Acesso em: 20 jan. 2022.

Estudantes Secundaristas (UBES). Vera, como integrante do grêmio estudantil do Andrews, passou a fazer parte de reuniões da Associação Municipal de Estudantes Secundaristas (AMES). Deve-se ressaltar, também, que os estudantes secundaristas, imaginando-se como universitários num futuro próximo, buscavam se inteirar e engrossar as fileiras do movimento.[284]

Além disso, os laços afetivos que Vera criava, nesse contexto, encontravam-se com o movimento estudantil universitário. Carlos Vainer, por exemplo, fazia parte do Colégio Aplicação (CAp) que, por ter como quadro docente estudantes universitários, acabava por replicar, em parte, a *ambiance* universitária no colégio secundarista.[285]

Mas mais do que os amigos, os amores também teciam os laços de Vera com a universidade e com o movimento estudantil. Entre 1962 e 1963, Vera passou a namorar Roberto Quartin. Estudante de Direito, 10 anos mais velho, frequentava, há tempos, a universidade. "Cultíssimo", segundo Vera, era, além de universitário, músico e militante do Partido Comunista Brasileiro.[286] As amigas de Vera e Ana Lucia lembram que, a partir deste período, as festas no apartamento do Leme se dividiam entre as oferecidas pelos pais e pelas filhas. Lembram, inclusive, que se conversava e se cantava enquanto Quartin tocava piano. Ao que indicam os relatos, era um exímio pianista.

A ligação de Quartin com a música fez com que Vera se aproximasse, nesses tempos, das manifestações culturais das entidades estudantis do Estado da Guanabara. Vera Araújo, amiga de Vera Sílvia e Ana Lúcia, lembra, em depoimento concedido a esta biografia, que, por vezes, foram à sede do Centro Popular de Cultura (CPC) da União Nacional dos Estudantes.[287]

Conforme aponta Marcos Napolitano, o CPC, fundado em março de 1962, no Estado da Guanabara, "acabou por ser o ponto de convergência dos debates e das correntes que formavam o campo das artes engajadas no Brasil."[288] Nesse sentido, seus criadores concebiam que "fora da arte política não existe arte popular." Além de que, o processo de criação artística deveria

---

[284] Para maiores detalhes sobre o movimento secundarista no Estado da Guanabara, cf. ABREU, Alzira Alves de. *Intelectuais e guerreiros*: o Colégio de Aplicação da UFRJ de 1948 a 1968. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1992; MAFRA, Patrícia Henriques *Uma escola contra a ditadura:* a participação política do CAp-UFRJ durante o regime militar brasileiro (1964-1968). 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de História e Ciências Sociais (IFCS), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: http://objdig.ufrj.br/34/teses/PatriciaHenriquesMafra.pdf. Acesso em: 16 jan. 2022.

[285] Outro colégio que reafirmava esses laços era o Pedro II, do qual sairiam, também, diversos militantes para os partidos e organizações de esquerda.

[286] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, fita n. 1, 18/07/1998, transcrição p. 15

[287] ARAUJO, Vera. Entrevista concedida a Higor Codarin, via telefone, 20 de abril de 2021.

[288] NAPOLITANO, 2007, p. 592.

atender ao povo: "nossa arte só irá aonde o povo consiga acompanhá-la, entendê-la e servir-se dela."[289]

Abria-se o universo cultural universitário para Vera, onde convergiam e rivalizavam as propostas e perspectivas artísticas que tinham por objetivo encontrar os caminhos da *revolução brasileira.* Assim, Vera estreitava contatos com a estrutura de sentimento, para utilizarmos o conceito de Raymond Willians, da "brasilidade (romântico) revolucionária" que, centralizando uma ideia abstrata de povo,

> não significava criar utopias anticapitalistas passadistas, mas progressistas; implicava o paradoxo de buscar no passado (nas raízes populares nacionais) as bases para construir o futuro de uma revolução nacional modernizante que, ao final do processo, poderia romper as fronteiras do capitalismo.[290]

O contato com o CPC demonstra algo que se aprofundaria nos anos seguintes. A política, *strictu sensu*, não seria a única via que possibilitava o desenvolvimento de Vera em direção à militância política.

A proximidade com o mundo artístico-cultural aguçava sua curiosidade pelo cinema. Neste período, com as amigas e com Quartin, passou a frequentar os principais cinemas de Copacabana: Metro, Art-Palacio e Copacabana. Em depoimento concedido a esta biografia, Vera Araújo relembrou uma história cômica sobre a presença nesses cinemas. Ao comprarem um ingresso para um filme com a famosa atriz Ingrid Bergman, perceberam a confusão feita quando se depararam com um filme do diretor sueco Ingmar Bergman, do qual não gostaram.

A essas referências todas, que se cruzavam, entrelaçavam e rivalizavam, inseria-se uma mais: a psicanálise. Talvez pelo diagnóstico de transtorno bipolar, Virgínia passou a fazer psicanálise com 21 anos, ano de nascimento de Vera. Em sua autobiografia, a mãe de Vera relembra o papel fundamental que o processo de análise teve em sua vida e na criação das filhas: "A psicanálise, entre muitas coisas que me proporcionou, deu-me uma noção mais certa da educação e formação das minhas meninas. Foi muito bom para elas."[291]

As ideias de Sigmund Freud, criador da psicanálise, chegaram ao Brasil na virada do século XIX para o século XX. No entanto, seria apenas em 1927, com a fundação da Sociedade Brasileira de Psychanalyse, em São Paulo, que se deu, efetivamente, um movimento para desenvolvê-la no Brasil. Mesmo com a criação da Sociedade em São Paulo e, um ano depois, no Rio de Janeiro, as ideias de Freud sobre a análise dos sonhos e a relação da vida consciente

---

[289] CPDOC, Dossiê: Jango, Centro Popular de Cultura. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/NaPresidenciaRepublica/Centro_Popular_de_Cultura. Acesso em: 29 dez. 2021.
[290] RIDENTI, 2010, p. 88-89.
[291] GONÇALVES ARAÚJO, s.d, p. 43.

com o universo do inconsciente demorariam para adquirir tração na sociedade brasileira. Apenas na década de 1940 é que se iniciou "um movimento de médicos psiquiatras interessados em se qualificarem como psicanalistas."[292] Sendo assim, pode-se perceber que o contato de Virginia com a psicanálise em 1948 foi no início de seu desenvolvimento no Brasil.

Vera, portanto, provavelmente foi apresentada à psicanálise pela mãe. Podemos inferir que no seio do processo analítico, para além das questões individuais de sua adolescência, despontava uma nova ferramenta para compreender e analisar seu mundo particular e o mundo no geral. Seu contato, ainda na adolescência, com o universo freudiano, aliado à miscelânea de referências com as quais tinha contato nessa conjuntura de efervescência político-cultural, unir-se-iam à referência que se tornava cada vez mais fundamental em sua vida: o marxismo. Dessa "unidade na diversidade", surgiria uma forma específica de compreender o cabedal teórico que derivava das ideias de Marx.

***

Dentre todos os mundos, diversos, que eram reconhecidos e, em certa medida, ganhos por Vera ao longo do início da década de 1960, um se perderia. A "morada da sexta felicidade", diante dos conflitos insustentáveis, desmancharia no ar. Ainda em 1963, seu mundo familiar, doméstico, se transformaria pelo divórcio definitivo de seus pais.

As brigas entre eles haviam atingido um ponto de não-retorno. Virginia, em seu livro de memórias, aponta que, neste período, se o relacionamento não terminasse "[...] íamos terminar nos matando de ódio." Oferecendo contornos vívidos, relembra, com detalhes, um dos conflitos, apontando para sua gravidade, fator que justifica a longa citação:

> Lembro-me bem que me revoltei, disse-lhe todos os desaforos possíveis, ele saiu da mesa e foi para uma poltrona na sala de estar. Saí também e continuei os desaforos, em pé ao lado dele e foi quando [ele] chutou meu pé com força. Tirei aquele mesmo sapato e dei-lhe uma sapatada ao lado do rosto. Ele levantou e me deu um soco do lado esquerdo que chegou a fazer barulho.
> [...]
> Era meia noite e como a dor continuava chamei àquela hora um amigo nosso, meio entendido em medicina, que me mandava fazer exercícios para ver se tinha algum osso quebrado. Ele fez o diagnóstico de que era apenas muscular, mas, na verdade, a cada exercício quer fazia estava piorando. Dormi muito mal. Era um sábado e eu precisava ir ao nosso ortopedista. [...] O médico constatou que havia costelas quebradas.[293]

---

[292] SALIM, Sebastião Abrão. A história da psicanálise no Brasil e em Minas Gerais. *Mental,* Barbacena, v. 8, n. 14, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167944272010000100009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em : 4 de fev. 2022.

[293] GONÇALVES DE ARAUJO, s.d, p. 55.

Diante da insustentabilidade, o divórcio fora definido. Inicialmente, a separação foi encarada, por Virgínia e pelas filhas, como um alívio diante do cotidiano conflituoso. Vera diria: "Eu acho que ele saiu na hora certa para nós." Além disso, conforme se tornava tradição na família Araújo de Magalhães, os conflitos adquiriam caráter tragicômico. Ana Lucia, em entrevista concedida com Vera, relembra:

> [...] o dia que ele saiu de casa e a gente batendo palmas: "Finalmente, ele saiu de casa!" A coisa mais hilariante do mundo, papai saindo de casa e nós às gargalhadas. A gente estava em casa estudando, um grupo de estudos, como sempre. As amigas de infância até hoje se lembram das gargalhadas, todo mundo morrendo de rir, né? Até a Virgínia... que bom que se resolveu.[294]

Apesar de parecer, de início, pouco verossímil, essa versão se confirma pelo depoimento de Angela Abrahao e pela autobiografia de Virginia. Angela relembrou Virgínia contando, às gargalhadas, que Claudio, quando ia arrumar suas coisas para ir embora, pediu-lhe que tirasse as malas do armário. Ela, obviamente, esbravejou e disse que ele era quem deveria tirá-las.[295] Virgínia escrevera, também, sobre esse período: "Logo no início fiquei bastante satisfeita, afinal aquela separação representava mais uma trégua em nossas desavenças. Fiquei logo muito aliviada, ri muito e fiz muitas brincadeiras em torno do fato. Parecia uma criança em férias."[296]

Todavia, as férias acabariam rápido. Claudio, em represália ao divórcio, consciente da dependência financeira de Virgínia, buscou dificultar sua vida. Apesar do estabelecimento de uma pensão alimentícia pequena, que não sustentava o padrão de vida da mãe e das filhas, Claudio, diante de uma vida desregrada financeiramente, não as depositava regularmente. "Às vezes até o dia 15 não tinha nada na minha conta. Era um horror, as meninas mocinhas, 15 e 17 anos, necessitando de muitas coisas e o dinheiro não chegava na hora certa."[297] Virginia, diante disso, teve de vender alguns bens, dentre eles o outro apartamento que tinha no mesmo andar, além de começar a trabalhar.

Deixando a nu as diversas dificuldades pelas quais as mulheres divorciadas passavam naquele período, além do estigma social, Virgínia respondeu privando as filhas de verem o pai. Isso seria bastante sentido por Vera: "Eu só acho que foi dramático para mim a maneira como

---

[294] MAGALHÃES, Vera Sílvia; MAGALHÃES BARROS, Ana Lucia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 13 e 14/01/1999, fita nº 22, transcrição p. 6.
[295] ABRAHAO, Angela. Entrevista concedida a Higor Codarin, via telefone, 16 de abril de 2021.
[296] GONÇALVES DE ARAUJO, s.d, p. 61.
[297] Ibid.

a Virgínia passou a tratar o Claudio. Ela já o tratava mal dentro de casa, mas depois que ele saiu virou uma merda. Fiquei dois anos sem ver meu pai."[298]

Nesse período, diante das imensas dificuldades pelas quais passava, Virgínia fazia questão de ressaltar às filhas para que elas nunca dependessem de homem algum, conforme relembra Vera:

> Eu acho que a Virgínia tinha um negócio muito interessante, era o papel da mulher, ela se sentia tão submissa, tão oprimida, que ela o dia inteiro dizia pra gente coisas do tipo: não se casem, não aprendam a cozinhar, etc. não façam nada, sejam independentes, ganhem seu próprio dinheiro, tenha a sua própria vida, tenha sua própria profissão. É necessário estudar, estudar muito. Estudávamos como malucas.[299]

Anos depois, a mãe de Vera se orgulharia disso: "Meu exemplo negativo de mulher dependente teve um efeito positivo sobre minhas filhas."[300] E esse efeito positivo começava a dar sinais, também, nas relações afetivo-sexuais de Vera.

2.3 "Ser Revolucionário"

No início de 1964, a radicalização da conjuntura não dava sinais de arrefecimento. Ao contrário. "Enquanto as esquerdas agrupadas na FMP atacavam duramente João Goulart, as direitas avançavam no processo conspiratório e a crise financeira do país se agravava."[301] Sem grandes chances de realizar as reformas pelo alto, Jango era execrado pelas direitas e renegado pelas esquerdas. Até então tentando conciliar, custava a aceitar que o contexto não compreendia conchavos, mas sim confrontos.

Seu isolamento o empurrava para seus aliados de longa data, as esquerdas e o movimento sindical. Empurrou-o, também, para a radicalização, marcando sua tomada de decisão pela "estratégia de confronto."[302] Conforme aponta Daniel Aarão Reis:

> No âmbito de suas atribuições, Jango começou a legislar. Regulamentou, em janeiro, a Lei de Remessa de Lucros, em relação à qual tanto hesitara; decretou o monopólio da importação do petróleo; anunciou para breve a desapropriação das terras às margens das rodovias e ferrovias federais.[303]

Consciente das reações às suas medidas, Jango, ao radicalizar, acenando para seus aliados, contava com eles para realizar as pressões sociais necessárias às aprovações das

---

[298] MAGALHÃES, Vera Sílvia; MAGALHÃES BARROS, Ana Lucia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 13 e 14/01/1999, fita nº 22, transcrição p. 7.
[299] MAGALHÃES, Vera Sílvia; MAGALHÃES BARROS, Ana Lucia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 13 e 14/01/1999, fita nº 22, transcrição p. 10.
[300] GONÇALVES DE ARAUJO, s.d, p. 56-57.
[301] FERREIRA, 2007b, p. 572.
[302] FERREIRA, 2007a, p. 528.
[303] AARÃO REIS, 2014, p. 316-317.

medidas. Assim, marcando uma série de comícios, buscava combinar as ações presidenciais às pressões sociais. O primeiro, marcado para dia 13 de março de 1964, seria realizado no Rio de Janeiro. O último, no dia 1º de Maio, em São Paulo.

A estratégia se confirmava no primeiro comício, realizado na central do Brasil. Com a presença de, aproximadamente, 150 mil pessoas, as palavras de Jango e dos líderes sociais foram fortes e firmes. Não seriam, entretanto, palavras ao vento. Dias depois, em mensagem ao Congresso Nacional, projetando as reformas de base, Jango dedicava espaço especial à reforma agrária sem indenizações. Além disso, ressaltava a necessidade de realização de um plebiscito sobre elas. Às esquerdas, parecia que, finalmente, havia chegado a hora das reformas. Seriam, agora com a definição de Jango, definitivamente, na lei ou na marra. Se fossem na lei, a FMP defendia a realização de outro plebiscito para convocação de uma nova Assembleia Constituinte, visando uma nova constituição e a aprovação das reformas. Se fossem na marra, Brizola, consciente da radicalização à direita, indicava os caminhos: "O nosso caminho é pacífico, mas saberemos responder à violência com violência."[304]

Diante das mobilizações à esquerda, as direitas não ficariam inertes. Passaram "a se mobilizar e a mobilizar as gentes, temerosas do 'caos' da 'república sindicalista' e do 'comunismo ateu.'"[305] Em uma tempestade perfeita, unificavam-se forças heterogêneas. Articulavam-se "setores tradicionalmente reacionários, liberais de diversa índole, classes médias apavoradas e mesmo segmentos populares assustados."[306] Contra-atacariam. Em resposta aos comícios das esquerdas, programavam-se diversas Marchas da Família com Deus pela Liberdade.[307] A primeira, realizada em São Paulo, no dia 19 de março, reuniu meio milhão de pessoas. "Esboçava-se ali uma poderosa aliança entre a Cruz, a Espada e o Capital."[308]

Vera, imersa nesse contexto, dava passos importantes em seu processo de politização. Conforme relembrou, apoiava as posições de Brizola "loucamente."[309] No Andrews, as disputas entre os alunos espelhavam as disputas sociais em torno das reformas. Jorge Durão relembrou

---

[304] BRIZOLA apud FERREIRA, 2007b, p. 576.
[305] AARÃO REIS, 2014, p. 317.
[306] Ibid.
[307] Para maiores detalhes, cf. PRESOT, Aline. Celebrando a "Revolução": as Marchas da Família com Deus pela Liberdade e o Golpe de 1964. *In*: ROLLEMBERG, Denise; QUADRAT, Samantha Viz. (org.). *A construção social dos regimes autoritários. Legitimidade, consenso e consentimento no século XX. Brasil e América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. v. 1, p. 71-96.
[308] AARÃO REIS, op. cit., p. 320.
[309] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, fita 1, lado a, 29/7/1998, transcrição p. 11.

que, nesta época, houve uma discussão, que se tornou uma grande polêmica no colégio, sobre o que deveria vir antes: a educação ou a redução da desigualdade econômica.[310]

Além disso, em disputa com os alunos de direita, Vera e seus colegas à esquerda ganharam o controle do Jornal Mural. Transformaram-no. Passaram a publicar artigos abertamente de esquerda. Mudaram, inclusive, o nome. *Ser revolucionário*. Nada mais sugestivo. Vera, se recordou do editorial, escrito por Jorge, indicando quais deveriam ser as características do revolucionário, além de outros artigos presentes nessa primeira edição:

> [O revolucionário] tinha que ser intelectual, lutar pelas classes proletárias, renunciar a tudo que era seu.
> [...]
> Havia, também, o artigo do Fernando Goldfarb, fazendo estatísticas sobre a educação na União Soviética. [Havia também outros] artigos enormes sobre a União Soviética.[311]

Essa busca pela definição do que era ser revolucionário não estava, apenas, no jornal mural. Residia, também, na cabeça de Vera. Leilah Landim, bastante próxima dela, relembrou que, nesse período, estava namorando o poeta Antônio Cacaso. Vera demonstrava restrições ao namorado de Leilah por não o achar, efetivamente, uma pessoa revolucionária.[312]

Obviamente isso não se restringia à atitude em relação aos namorados das amigas. Como não poderia deixar de ser, Vera procurava, também, construir-se nesse sentido. E isso gerava consequências para seu relacionamento com Roberto Quartin. Apesar de culto e militante do PCB, Vera, inspirando e expirando os primeiros ares de uma época de maior liberdade para as mulheres – ou, ao menos, para as mulheres de seu perfil socioeconômico – com relação à sexualidade, percebia certas limitações em Roberto Quartin. Em específico, diante da possibilidade de se relacionarem sexualmente. Como ainda era virgem, percebia certa resistência de Quartin em relação à possibilidade de que transassem antes do casamento. Vera, entretanto, estava disposta a perder a virgindade.

Quartin não era o único, nessa conjuntura, a demonstrar essa postura. No longo depoimento concedido por Vera aos amigos de militância, é seguida por Leilah Landim e Glória Ferreira quando diz que tomou a iniciativa da primeira relação sexual com os respectivos parceiros.[313]

---

[310] SAAVEDRA DURAO, Jorge. Entrevista concedida a Higor Codarin, via e-mail, 10 de abril de 2021.
[311] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, fita n. 1, 18/07/1998, transcrição p. 12.
[312] LANDIM, Leilah. Entrevista concedida a Higor Codarin. Rio de Janeiro, 1 de agosto de 2019.
[313] colocar citação.

Além disso, outro fator importante de ser mencionado é a diferença etária. Ficaria, ao longo dos anos subsequentes, bastante evidente, entre as organizações de esquerda, posturas divergentes com relação aos costumes. Organizações surgidas após o golpe, quando formadas por militantes mais jovens, tendiam a lidar de outro modo com essas questões. Nesse sentido, Quartin, dez anos mais velho que Vera, integrante do PCB, organização tradicional com relação aos costumes, sentia-se desconfortável com a possibilidade da relação sexual antes do casamento.

Como sinal dos tempos, a questão da virgindade era maior do que, apenas, vontade ou curiosidade sexual. Vera, nesse período, para além das leituras que citamos, tomou contato com a obra de Simone de Beauvoir, *O segundo sexo*. Não foi possível precisa como Vera chegou à leitura de Beauvoir. No entanto, como ela mesma rememorou : "Era um panfleto pra mim."[314] Isso se confirma por Leilah Landim, que apontou como o livro se encaixava diante da questão da virgindade naquele contexto, além de sublinhar a distinção com o feminismo que apareceria posteriormente:

> Ela me apresentou Simone de Beauvoir, embora na minha casa tivesse todos os livros dela. Minha mãe já tinha lido em francês, pois éramos esse tipo de classe média esclarecida. Conversávamos [Vera e eu] sobre "O Segundo sexo". Era um papo de mulher, mas não era algo feminista. Vera não era feminista. Veja bem, não havia um movimento feminista no Brasil naquela época, mas a Vera tinha esse tipo de atitude, de conversar sobre. O que estava em jogo, para a gente, era a questão da virgindade. Aquilo era uma questão importante para nós.[315]

Se não era feminista, o livro, sendo lido por Vera à luz das questões femininas com relação à virgindade, colocava em perspectiva histórica a hierarquia entre os sexos. Demonstrava, especialmente, como as "mulheres foram historicamente associadas à fragilidade e à inferioridade."[316] Conforme apontam Dalmás e Méndez:

> Para Beauvoir, diferenças biológicas, como a capacidade de gestar e amamentar, foram culturalmente associadas a funções inferiores. Como resultado, as próprias mulheres reconheceriam o universo como obra masculina e não se considerariam responsáveis, porque sua experiência não lhes ensina a ser sujeito.[317]

"Que é uma mulher?" e "Ninguém nasce mulher: torna-se mulher", frases que inauguram os dois volumes d'*O segundo sexo*, publicados, originalmente, em 1949, sintetizam o tom de realce em relação às condições históricas – mais que as biológicas – que Beauvoir

---

[314] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, fita n. 1, 18/07/1998, transcrição p. 29.
[315] LANDIM, Leilah. Entrevista concedida a Higor Codarin, Rio de Janeiro 01 de agosto de 2019.
[316] DALMÁS, Giovana; MÉNDEZ, Natália Pietra. Beauvoir, Simone (Verbete). *In*: COOLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio. *Dicionário crítico de gênero*. 2. ed. Dourados, MS: Ed. Universidade Federal da Grande Dourados, 2019. p. 68-74, p. 73.
[317] Ibid.

buscava desvelar para compreender as relações de gênero. E, como questões históricas, construídas socialmente, poderiam, portanto, ser desconstruídas e transformadas. Em síntese, se, por um lado, o livro "explicitava a condição feminina como de objeto e não de sujeito, por outro apontava que o ser humano é capaz de modificar a própria natureza."[318]

Vislumbrando teoricamente, talvez pela primeira vez, essa hierarquia, Vera passava a compreender, com Beauvoir, que, enquanto o homem era educado para ser ativo, "a mulher era educada a ser passiva e aprender a aguardar o amor, a não perder sua feminilidade."[319] Nesse sentido, a iniciativa em perder a virgindade parecia, também, uma maneira de superar essa passividade, condição social característica do feminino.

Embora seja possível compreender o efeito da obra de Beauvoir na postura sexual de Vera, deve-se, também, colocá-lo em seu contexto. Aquela conjuntura indicava, também, mudanças importantes na condição feminina no Brasil. Por um lado, a década de 1960 consolidou maior presença das mulheres nas universidades e na esfera do trabalho. Por outro, Vera fazia parte do que Joana Maria Pedro chamou de "geração pílula."[320] A pílula contraceptiva passou a ser comercializada no Brasil em 1962 e isso abria, ao menos para uma parcela da sociedade, a discussão e a possibilidade da ampliação do leque de possibilidades para a relação sexual, especialmente para as mulheres. Mudava-se, assim, conforme aponta Pedro, o trato "que essas mulheres passaram a dar a seus corpos" e o "significado que passaram a ter suas funções reprodutivas."[321] Vera começou a tomar a pílula entre 1962 e 1964, incentivada pela mãe.[322]

Aliava-se a tudo isso seu histórico familiar. Apesar de Vera reconhecer em seu pai perspectivas cerceadoras com relação ao seu papel enquanto mulher, sua mãe, como vimos, buscava incentivá-la a romper com certos padrões. Além de que, a postura de sua mãe, em que pesem os conflitos com Claudio, também apontava para algo menos passivo e mais ativo. Por fim, as relações sexuais na casa de Vera nunca foram assuntos proibidos e os casos extraconjugais dos pais eram conversados sempre às claras.

Portanto, num misto entre a família, a conjuntura da época, sua curiosidade sexual e as leituras que fazia, Vera, talvez não da forma teorizada como gostava de deixar claro nas

---

[318] Ibid., p. 74
[319] Ibid.
[320] "As mulheres que estou chamando de 'geração pílula' nasceram entre 1940 e 1959". Cf. PEDRO, Joana Maria. A experiência com contraceptivos no Brasil: uma questão de geração." *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 23, n. 45, p. 239-260, 2003. p. 245.
[321] Ibid., p., 246
[322] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, fita n. 1, 29/07/1998, transcrição p. 15.

entrevistas que concederia ao longo dos anos posteriores, compreendia como importante buscar ser protagonista – e não coadjuvante – de sua vida sexual.

Essa postura, porém, não restava livre de contradições e restrições impostas por sua época. Àquela altura, Vera ficou noiva de Roberto Quartin. Não apenas ficara noiva, como também passou a usar aliança, evidenciando sua vinculação aos códigos de morais do período.

Noiva e com aliança, Vera teria sua primeira relação sexual. Embora tivesse perdido, enfim, a virgindade, seria uma péssima experiência. Não gostou de fazer sexo. Às amigas, disse que foi horrível. Recomendou, inclusive, que não fizessem. Acreditava – e verbalizava – que a experiência sexual era superestimada. A decepção foi tamanha que, algum tempo depois, Vera e Roberto romperam o noivado.

As conversas, aliás, ressaltavam características de Vera que impressionavam – e impressionariam – os que passavam a conviver com ela, resultado da síntese entre as diversas referencias cruzadas, por vezes contraditórias, que faziam parte de sua vida. Conforme aponta Leilah Landim:

> A Vera tinha um carisma, uma rapidez de raciocínio, esse romper com tabus com a maior tranquilidade... foi a primeira vez que convivi com alguém assim. O que não quer dizer que não existiam ambiguidades: noiva, problemas com o sexo, pois pintavam, também, todos os preconceitos que estavam em nós.
> [...]
> Ela um pouco fez a minha cabeça. Tinha uma abertura enorme para as relações. Não era fechada. Meus pais que, na época, chegaram a ser lacerdistas, adoravam a Vera Sílvia pois ela era uma pessoa, não sei se humanista, mas se interessava pelo que a família lia, romances franceses do século XIX. Ela lia também. Conversava. Tinha uma cultura muito grande e tinha essa abertura. [323]

***

No ano de 1964, a decepção com a relação sexual não seria o único desapontamento com a qual teria de lidar. Em fins de março, a conjuntura política atingia um de seus desfechos. As forças sociais radicalizadas à direita, heterogêneas, com ampla capilaridade social, dotada de uma histeria anticomunista construída e capitaneada, em grande medida, pelo IPES/IBAD[324], conseguia arregimentar apoio significativo nas Forças Armadas. Depois da revolta dos marinheiros, anistiados por Goulart, parte substancial deles resolveu aderir ao golpismo.

A ruptura institucional, que pairava nos céus brasileiros desde a década de 1950, consumou-se em 31 de março. Ao contrário de outrora, quando líderes de dentro das Forças

---

[323] LANDIM, Leilah. Entrevista concedida a Higor Codarin. Rio de Janeiro 1 de agosto de 2019.

[324] O primeiro autor a enfatizar o papel do Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES) e do Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD) na desestabilização do governo Goulart e na construção de uma atmosfera golpista e anticomunista, por intermédio de uma vigorosa campanha propagandística, além de financiamento de grupos de oposição, foi o historiador e cientista político uruguaio René Armand Dreifuss. Para maiores detalhes sobre essa rede civil que ofereceu sustentação ao golpe, cf. DREIFUSS, René. *1964*: A conquista do Estado. Petrópolis: Vozes, 1981.

Armadas resistiam às tentativas de ruptura, o desfecho, desta vez, seria outro. Os militares tomavam o lado do impedimento das reformas de base. Posicionavam-se contra o reformismo revolucionário. Levantavam-se contra Jango.

Como resposta ao levante, o silêncio. Apesar de resistências esparsas, as forças de esquerda, mais ou menos radicalizadas, que se utilizavam, retoricamente, das palavras de ordem que pressupunham o enfrentamento, caso fosse necessário, nenhuma resistência impuseram à "passeata militar."[325] Luís Carlos Prestes, líder do PCB, que dizia, pouco antes do golpe, que os golpistas teriam as cabeças cortadas caso se aventurassem, após uma efêmera proposta de resistência, não mobilizou as fileiras de seu partido para impedir que o golpe se concretizasse. Nem mesmo Brizola que, conforme vimos, dizia que responderia violência com violência, mobilizou suas redes. Por fim, mas não menos importante, João Goulart, o líder máximo da nação, pedra angular de uma possível resistência, também capitulou. Diante de sua tradição conciliadora e pacífica, buscou evitar uma guerra civil e voou para Rio Grande do Sul, de onde viu ser declarada vaga, pelo Congresso Nacional, a cadeira da presidência da república.

O silêncio atordoou a todos. Jacob Gorender, a esta altura militante do PCB, em seu famoso *Combate nas trevas*, relato autobiográfico/histórico sobre a luta das esquerdas no período, descreve o clima de fracasso e o ressentimento com relação às lideranças que pairavam dentre as forças de esquerda:

> Nenhuma das lideranças operárias e nacionalistas mostrou audácia e iniciativa de luta. *Todos ficaram à espera do comando do presidente da República.* Fracassaram não só os comunistas, mas também Brizola, Arraes, Julião e os generais nacionalistas.[326]

Com o cargo da presidência considerado vago, Ranieri Mazzilli, então presidente da Câmara dos Deputados, assumiu interinamente a presidência. Apesar de Mazzilli, com o desenrolar dos acontecimentos, foi aparecendo, sob a névoa, quem efetivamente se apossaria do poder político. Sob a liderança dos chefes das três Forças Armadas, criava-se o Comando Supremo da Revolução que, efetivamente, se encarregaria do poder. O Comando, no dia 09 de abril, decretaria o primeiro dos Atos Institucionais, buscando consolidar e legitimar juridicamente seus poderes.

Poderes imaginados como transitórios. Diante do amplo, e heterogêneo, arco social que se construía em torno do impedimento do avanço da chamada "república sindicalista", o golpe, para segmentos dessa aliança, era uma intervenção. Cirúrgica. Breve. Como poder moderador da república, os militares intervinham tendo em vista devolver a "normalidade" ao país.

---

[325] Descrição, irônica, de Caio Prado Júnior, em *A revolução brasileira*, a respeito do levante militar que resultou no golpe.
[326] GORENDER, 2014, p. 74.

Repressões e perseguições se fizeram sentir de imediato. Por intermédio da chamada "Operação Limpeza"[327], os militares realizavam uma perseguição policial, seja a partir dos dispositivos criados pelo AI-1 ou através dos chamados Inquéritos Policiais-Militares (IPM).[328] Prisões, cassações, aposentadorias compulsórias e perseguições várias se abateram sobre os opositores do novo regime. O golpe, de pronto, foi um violento choque. Ao país que vivia em um clima de liberdades inédito na república, ao menos desde o governo JK, as repressões e perseguições no período imediatamente posterior ao golpe eram a evidência de que aquele período havia acabado de forma brusca.

Vera, apesar de ter participado junto de Ana Lucia do comício na central do Brasil, assistiu à consolidação do golpe no apartamento do Leme. Ao contrário da irmã, ingressante na Faculdade Nacional de Direito (FND), vinculada à Universidade do Brasil (UB)[329], que se dispôs a ir ao Centro Acadêmico Candido Oliveira (CACO) para resistir, Vera relembra que apenas chorou.[330]

A despeito da resistência de Ana Lucia, as irmãs sentiram, em seu círculo familiar, as consequências do golpe. Catulo, tio de Vera e Ana Lúcia, que, à época, não mais militava pelo PCB, foi preso, segundo relatório do Departamento de Ordem Político Social (DOPS), no dia 27 de abril. Seria solto sete dias mais tarde. Contudo, por "professar ideologia contrária ao regime democrático", segundo os policiais do DOPS, continuaria sendo monitorado.[331] A prisão do tio era mais um impulso para Vera resistir à consolidação do golpe como pudesse. E, naquele momento, isso aconteceria no Andrews, debatendo e rivalizando com os colegas que eram favoráveis ao golpe.

Nos anos que se sucederiam, os estudantes se tornariam o principal polo de oposição à ditadura, especialmente no seio das universidades. Vera mergulharia nesse mundo e nos embates que orbitavam em seu entorno ainda antes de ser, propriamente, uma universitária. E,

---

[327] "A expressão foi utilizada por agentes do Estado e seus apoiadores para expressar a determinação de afastar do cenário público os adversários recém-derrotados – comunistas, socialistas, trabalhistas e nacionalistas de esquerda, entre outros." Cf. PATTO SÁ MOTTA, 2014, p. 25.

[328] Processo investigativo da Justiça Militar que foi extrapolado para crimes considerados políticos.

[329] Fundada em 1937 teria seu nome alterado em 1965 para Universidade Federal do Rio de Janeiro. Nome que carrega até os dias atuais.

[330] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, fita n. 22, 25/09/1998, lado a, transcrição p. 14.

SÃO PAULO (Estado). Prontuário nº 5836. Catulo Pestana Magalhães. Departamento de Ordem Política e Social – Santos (DOPS-Santos), pp. 50-51. *Arquivo Público do Estado de São Paulo*, Repositório digital, DEOPS – Documentos. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/prontuarios/BR_SP_APESP_DEOPS_SAN_P005836_01.pdf. Acesso em: 20 set. 2021.

para isso, uma vez mais, o apartamento do Leme servia como local importante. O apartamento, onde viviam, naquele período, Virgínia, tia Beatriz, a irmã Ana Lucia e Vera, mudara. Após o divórcio dos pais, as festas rarearam. Virgínia, diante das asperezas financeiras, se entristeceu. Além disso, a conjuntura política era desastrosa para a família politizada de Vera. Tudo isso, conforme ela relembra, fazia com que o apartamento fosse tomado por uma atmosfera decadente, com a qual ela "não conseguia compactuar."[332] Ao ar de decadência, contrapunha-se a vida universitária de Ana Lucia, recém-ingressante na FND. Conforme veremos, parte dessa vida universitária passaria a habitar o apartamento do Leme, exercendo força gravitacional sobre Vera.

Neste período, a vida de Vera no Andrews, para além das discussões políticas, caminhava sem sobressaltos com relação ao desempenho. Ao longo do biênio 1964-1965, teria 8,53 como média em 1964 e 8,6 em 1965, destacando-se as notas em Português (9,5 e 9,1), Física (9,0 e 8,6), Filosofia (9,8) e História (8,83).[333]

Relembrando os anos 1964 e 1965, Ana Lucia disse: "Estudávamos e líamos muito juntas. Uma irmandade político-ideológica muito afetiva."[334] Afeto e política caminhando juntos. Ana Lucia, inclusive, passou a namorar Fernando Barros, estudante de Direito que havia sido eleito para presidência do CACO após o golpe. A eleição de Barros, por uma chapa de esquerda, indicava que as universidades, apesar da repressão que se seguiu, conforme veremos a seguir, serviriam de relativa guarida às atividades de oposição à ditadura. E se mobilizariam. A FND, inclusive, seria uma das três únicas universidades a realizar uma greve neste ano. Em outubro de 1964, como reposta às perseguições, o centro acadêmico, comandado por Barros, aprovaria uma paralisação, indicativa da postura combativa da faculdade, que se aprofundaria nos anos seguintes.[335]

Vera absorveria, mesmo a distância, os debates políticos e universitários, participando, também, das não poucas manifestações que aconteceriam no período, mesmo ainda fazendo o curso científico no colégio Andrews.

Nesse contexto, figuraria, de forma cada vez mais presente, a possibilidade de Vera entrar em contato com as novas organizações políticas que surgiam no período. A partir delas

---

[332] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, Fita nº 1, 29/07/1998, transcrição p. 11.

[333] COLEGIO ANDREWS. Certificado de conclusão de curso de Vera Sílvia Araújo de Magalhães, 3 de agosto de 1972. *Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro*, Fundo Vera Sílvia Magalhães Albuquerque Maranhão (BR RJAPERJ VSM), Caixa 1, Documentos Pessoais II, 2º doc., p. 2.

[334] MAGALHÃES BARROS, Ana Lucia. Entrevista concedida a Higor Codarin. Rio de Janeiro, 2 de abril de 2019.

[335] MARTINS FILHO, 1987, p. 105.

e para além delas, seu processo de politização demandava maior engajamento. “Ser revolucionário” exigia mais de Vera. E o ano seguinte, 1966, uniria suas ânsias às ânsias de outros estudantes, que se acreditavam imbuídos do papel de transformação da História.

A não resistência das lideranças de esquerda ao golpe parecia abrir espaços que eles, nos anos que se seguiriam, buscariam preencher. Como as reformas não haviam sido realizadas – deixando, inclusive, de figurar no horizonte próximo – “os trilhos da revolução”, como dizia Brizola, estavam abertos. Ferreira Gullar, em escrito de 1967, iria além:

> O rio que vinha avolumando suas águas e aprofundando seu leito, até marco de 1964, desapareceu de nossas vistas. Mas um rio não acaba assim.
> Ele continua seu curso, subterraneamente, e quem tem bom ouvido pode escutar-lhe o rumor debaixo da terra.[336]

Parecia ter chegado a hora. Era um chamado da História. Chamado que Vera ouviria e atenderia, primeiro por intermédio dos debates com os quais entrava em contato, segundo pela sua própria prática militante que adquiriria contornos nítidos a partir do último ano do Científico.

[336] GULLAR, Ferreira. Quarup ou ensaio de deseducação para brasileiro virar gente. *Revista Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, n. 15, p. 251-258, set. 1967. p. 253.

PARTE II – IRRESISTÍVEL SEDUÇÃO DO POSSÍVEL[337]

"Achávamos que tudo era possível." (Lucia Murat)[338]

[337] O título deste capítulo refere-se ao poema de Bertolt Brecht "Não desperdicem um só pensamento". BRECHT, Bertolt. *Poemas (1913-1956)*. 7. ed. São Paulo: Editora 34, 2012. p. 90.
[338] MURAT, Lucia. Entrevista concedida a Higor Codarin. Rio de Janeiro, 1 de agosto de 2019.

CAPÍTULO 3 – ORGANIZAÇÃO E LUTA

Conforme vimos no capítulo anterior, o contato de Vera com o mundo universitário, ainda antes de se tornar, propriamente, uma universitária se dava por duas vias fundamentais. Por um lado, o convívio com sua irmã, ingressante do curso de Direito da FND e, por outro, por intermédio do movimento secundarista, que guardava pontos de contato com o movimento estudantil universitário. Desta maneira, Vera, a partir de 1966, último ano do então chamado Curso Científico, pôde vislumbrar – e participar – o alvorecer do "movimento antiditatorial por excelência"[339] dos primeiros anos da ditadura.

3.1 Os Estudantes e a Ditadura

Apesar de não serem reprimidas com a mesma intensidade das organizações sindicais e dos partidos e organizações políticas de esquerda, as escolas, universidades e, consequentemente, o movimento estudantil, sentiram de imediato as consequências da derrubada de Jango.

A primeira delas – e mais simbólica – foi o incêndio à sede da UNE, no Estado da Guanabara, logo no dia seguinte ao golpe. Além de incendiar a sede da entidade, perseguiram e ameaçaram os opositores. Para além dos partidos políticos e organizações de esquerda, a "Operação Limpeza" se fazia sentir, também, nos circuitos universitários. Os Inquéritos Policiais-Militares (IPM)[340] acabavam por aposentar compulsoriamente professores universitários, além de estimular pressões internas e persecutórias no seio das instituições. Hugo Weiss, professor de Vera, foi um exemplo disso. Conforme aponta relatório da Faculdade Nacional de Filosofia (FNFi) ao DOPS, foi demitido do Andrews e do Colégio de Aplicação por ser comunista:

> HUGO WEISS: Fazia parte da célula comunista na referida Faculdade, demitido do colégio Andrews e do colégio de Aplicação, pregava abertamente em suas aulas ideias comunistas, incitando os alunos à subversão e induzia os mesmos alunos à indisciplina para com os professores democratas.[341]

---

[339] MARTINS FILHO, João Roberto. Movimento estudantil e militarização do Estado (1964-1968). *In*: MULLER, ANGELICA. *1968 em movimento.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2018. p. 11.

[340] Para além dos Inquéritos Policial-Militar, os processos de sindicância, interno às universidades, também tiveram papel significativo na repressão de lideranças estudantis. Para maiores detalhes, cf. PATTO SÁ MOTTA, 2014.

[341] GAMA PEREIRA, Ludmila. *O historiador e o agente da história*: os embates políticos travados no curso de história da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (1959-1969). 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010. p. 93. Disponível em: https://www.historia.uff.br/stricto/td/1416.pdf. Acesso em: 28 abr. 2022.

Para a frente heterogênea que havia dado o golpe, as repressões indistintas, como a desferida junto ao movimento estudantil, construíam fissuras. O protagonismo e a permanência dos militares no poder, ao contrário da perspectiva de intervenção cirúrgica, também.

Assim, se o choque gerado pelo golpe emudeceu, em grande medida, as classes populares que haviam tomado parte no processo político de 1961-1964, as classes médias, cientes de sua "condição de cidadania", e afetadas pela repressão, iriam revoltar-se.

Especificamente com relação aos estudantes, o período imediatamente posterior ao golpe é marcado pela desarticulação do movimento estudantil. Além da postura repressiva da ditadura com relação à liderança do movimento, outro fator contribuinte foi o significativo distanciamento entre a vanguarda e o conjunto dos estudantes.

Como vimos no capítulo anterior, a UNE, após a greve de 1962, radicalizou suas posições. A radicalização, entretanto, não surtiu o efeito esperado. Vinculada ao contexto de refluxo do movimento após a greve do 1/3, a nova posição acarretou um distanciamento entre as ações da vanguarda, representada pela direção da organização, e a massa estudantil, sobretudo no momento do golpe.[342]

Posicionada junto de Goulart, porém à esquerda, a UNE tentou resistir ao golpe decretando greve geral. A expectativa, àquela altura, era mobilizar uma resistência articulada a outros setores, especialmente segmentos das Forças Armadas e partidos políticos. Além da frustração, tendo em vista que a articulação não se realizou, os estudantes, de modo geral, não se posicionaram de forma tão clara como sua liderança.

Além dos setores estudantis que apoiaram o golpe, parte dos estudantes, ainda antes, demonstrava sinais de recusa à radicalização política da UNE. Sinais evidenciados, principalmente, através da eleição de chapas de oposição à frente de esquerda em diversas entidades estudantis. Exemplo importante foi a eleição de uma chapa liberal de direita para a União Metropolitana dos Estudantes (UME)[343], considerada como principal termômetro das mudanças de tendência no movimento estudantil.[344]

---

[342] Para analisarmos o momento estudantil e sua movimentação política, devemos ter sempre em mente que, apesar de inter-relacionadas, as ações de sua vanguarda não são, necessária e automaticamente, seguidas pela totalidade heterogênea do movimento. Conforme aponta Martins Filho: "[...] no interior do próprio movimento, definem-se dois níveis de análise, sem dúvida inter-relacionados, mas que mantém entre si um significativo grau de autonomia. Faz-se necessário considerar, além das práticas da massa, a especificidade das práticas e orientações ideológicas que se configuram no nível de direção do movimento." Cf. MARTINS FILHO, 1987, p. 30.

[343] Apesar de ser, de fato, a União Estadual dos Estudantes do Estado da Guanabara (UEE-GB), mantinha, como tentativa de distinção, a denominação "metropolitana", referência anterior à mudança de transferência da capital do Rio de Janeiro para Brasília.

[344] MARTINS FILHO, 1987, p. 68.

O golpe, portanto, para além da desmoralização de partidos políticos e organizações de esquerda, também sacramentou o fracasso da política radical da UNE, que buscava articular a reforma universitária ao contexto global das reformas de base. O grande respaldo da greve do 1/3, em torno da representatividade estudantil no corpo diretório das universidades, e o fracasso subsequente da proposta radicalizada da UNE, lançavam luz ao fato de que parte significativa dos estudantes se mobilizava, apenas, em relação às pautas estudantis. Não havia, portanto, identificação automática com propostas que extrapolavam as universidades e flertavam com perspectivas revolucionárias e/ou consideradas – pelos setores contrários – de cunho comunista.

Se a distância entre as lideranças e o conjunto dos estudantes contribuíam para a desarticulação, em caráter geral, do movimento, a insatisfação gerada a partir das políticas repressivas da ditadura deram início a um processo de aglutinação de forças a partir de novembro de 1964.

A primeira delas corresponde à aprovação da lei de nº 4.464, que passaria à história como lei Suplicy, em referência ao então Ministro da Educação Flávio Suplicy de Lacerda. Inspirada "no sindicalismo operário atrelado ao Estado"[345], previa diversas modificações nas entidades estudantis, como: a substituição da UNE, declarada extinta desde o mês anterior, pelo Diretório Nacional dos Estudantes (DNE); substituição das Uniões Estaduais dos Estudantes (UEEs) por Diretórios Estaduais dos Estudantes (DEEs); e criação Diretórios Acadêmicos (DA´s) nas respectivas faculdades.

Mais do que uma simples e inofensiva mudança na nomenclatura das entidades estudantis, a nova lei previa a vinculação orgânica entre elas e o Ministério da Educação e Cultura (MEC), algo que, na prática, feria gravemente a autonomia universitária.[346] Vedava, ainda, qualquer "[...] ação, manifestação ou propaganda de caráter político-partidário, bem como incitar, promover ou apoiar ausências coletivas aos trabalhos escolares."[347]

Simbolizava, assim, "[...] uma 'contraofensiva preventiva' na Universidade, antecipando-se à retomada das atividades políticas estudantis através do controle de suas entidades."[348]

---

[345] MARTINS FILHO, 2018, p. 12. Deve-se ressaltar, contudo, que a UNE também havia nascido nesses moldes. Contudo, foi ganhando mais autonomia, distanciando-se do estado.
[346]Para maiores detalhes sobre a Lei nº 4.464, cf. na íntegra. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L4464.htm. Acesso em: 1 mar. 2022.
[347] Ibid., art. 14.
[348] MARTINS FILHO, 1987, p. 87.

O descontentamento diante da promulgação da lei foi amplo, excedendo em muito os redutos de esquerda do movimento. Atingiu, também, setores liberais de direita, incluindo apoiadores do golpe. Como apontou Martins Filho,

> [...] as medidas do governo militar no sentido de controlar a representação estudantil encontraram oposição também entre os porta-vozes da orientação liberal antipopular, que se manifestaram nitidamente contrários à perda de autonomia das entidades e à sua vinculação ao Estado.[349]

Manifestação disso foram as vaias com as quais o general-presidente Castelo Branco foi recebido na aula inaugural da Escola Nacional de Arquitetura, da Universidade do Brasil, no dia 09 de março de 1965. As vaias, inclusive, foram citadas como "manifestação" em um documento produzido pela UME, que buscava explicar a não participação das entidades estudantis na aula inaugural por conta das medidas do governo, notadamente a Lei Suplicy:

> [...] a posição assumida por todas as entidades estudantis da Guanabara foi a de não participação estudantil nas solenidades de abertura do ano letivo da UB, em sinal de protesto pacífico contra as medidas adotadas pelo governo, *de liquidação do movimento estudantil*: fechamento de DAs, punições e prisões por motivos políticos; [...] outrossim, achamos que a referida manifestação é um produto automático das ações do governo, contrários aos interesses estudantis e seus sentimentos democráticos.[350]

Assim, contraditoriamente ao desejado, a contraofensiva preventiva da ditadura, simbolizada na tentativa de ataque à autonomia estudantil, acabou por servir como "ponto de concordância comum ao conjunto da categoria estudantil, logo depois do golpe"[351], pavimentando o caminho para a retomada da influência dos setores de esquerda na liderança das entidades, perdida, parcialmente, durante o biênio 1963-1964.

Além disso, os estudantes voltariam a se mobilizar em torno da pauta da reforma universitária, atualizada a partir das propostas de modernização projetadas pela ditadura.

Ao contrário de uma modernização que buscasse a democratização do ensino superior e a livre circulação de ideias, a ditadura buscaria impor uma modernização autoritário-conservadora[352] para as universidades e, no limite, para o país. Especificamente para as

---

[349] Ibid., p. 90.
[350] UNIÃO METROPOLITANA DOS ESTUDANTES apud POERNER, 2004, p. 235.
[351] MARTINS FILHO, op. cit., p. 95.
[352] O conceito de modernização conservadora é apropriado de Barrington Moore Jr. Nas palavras de Patto Sá Motta, esse conceito busca explicar processos de modernização nos quais "as tendências modernizadoras poderiam se mesclar a forças conservadoras. Essencialmente, [...] a formação de alianças reunindo burguesia e proprietários rurais, que, tangidos pelo medo da revolução social, iniciariam processos de modernização conservadora conduzido pelo Estado." PATTO SÁ MOTTA, 2014, p. 11.
Cabe ressaltar que este projeto foi se delineando ao longo da ditadura e, de modo algum, foi linear. Os impulsos conservadores e modernizadores se chocaram ao longo do processo, não apenas nas universidades, mas, de modo geral, em todos os setores da sociedade brasileira.

universidades, isso se traduzia em fomentar a formação de profissionais para o desenvolvimento de atividades econômicas, como também a novas tecnologias.

Assim, no projeto de reforma universitária idealizado pela ditadura, a face modernizadora "liga-se à economia e à administração, tendo em vista o aumento da industrialização e a melhoria da máquina estatal", buscando a adequação do ensino universitário ao mercado capitalista. Já a face autoritário-conservadora "pautava-se em manter setores subalternos excluídos, combatendo ideias de esquerda, defendendo valores tradicionais como pátria, família e religião."[353]

Baseada nessa concepção de modernização é que ocorre a aproximação, durante o governo Castello Branco, entre o MEC e a United States Agency for International Development (USAID).[354]

Com objetivo de formular uma política de cooperação para a modernização das universidades, o governo brasileiro, através do MEC, firmou acordos com a USAID, que enviaria especialistas para o Brasil de modo a diagnosticar os problemas e propor saídas, à moda norte-americana, para o atraso das universidades. Os acordos, firmados em 1966 e não divulgados à opinião pública, e a postura liberal de Castello Branco com relação aos cortes de gastos do Estado, tentando responder à crescente crise econômica, conferem substrato às políticas de ataque às universidades públicas e gratuitas, como a perspectiva de cobrança de anuidades dos estudantes.

Além disso, o projeto de modernização da ditadura teria de lidar com o aumento constante do número de jovens que tentavam ingressar nas universidades durante a década de 1960. Como os vestibulares não tinham caráter classificatório e as universidades sofriam com o déficit de vagas, surgiu, com força, a figura do universitário excedente, ou seja, o estudante que era aprovado no vestibular mas não conseguia obter vaga. Segundo dados de Pereira Martins, em 1960 havia 28.728 estudantes excedentes. Esse número saltaria a 161.527 em 1969.[355]

---

[353] Ibid., p. 16

[354] Deve-se ressaltar o contexto da Guerra Fria, e de consequente disputa ideológica entre EUA e URSS neste período, para compreender as intenções do governo norte-americano para com as universidades brasileiras. O USAID funcionava como ponta de lança do projeto Aliança para o Progresso, de Kennedy, que visava a modernização dos países terceiro mundistas, dentro da lógica capitalista, para impedir o avanço do comunismo na América Latina. Para uma maior profundidade sobre os acordos MEC-USAID e a influência norte-americana no processo de modernização das universidades brasileiras, Cf. PATTO SÁ MOTTA, op. cit., p. 110-147

[355] MARTINS, Antonio Carlos Pereira. Ensino superior no Brasil: da descoberta aos dias atuais. *Acta Cirúrgica Brasileira* [online], v. 17, p. 4-6, 2002. Supl. 3. DOI: https://doi.org/10.1590/S0102-86502002000900001. ISSN 1678-2674.

Em síntese, o que se queria enfatizar neste momento é: por um lado, a bandeira da reforma universitária, durante os primeiros governos militares, continuaria a unificar os estudantes em torno de pautas comuns – a necessidade de melhoria de infraestrutura, resolução do problema dos excedentes, autonomia estudantil e representatividade nos corpos decisórios. No entanto, por outro, os estudantes teriam de lidar com a proposta de reforma da ditadura - acrescida da tentativa de influência norte-americana na educação brasileira, simbólica da influência do imperialismo para os setores mais à esquerda – cujo objetivo era impor uma universidade tecnocrática, não gratuita e, sobretudo, com pouca autonomia e ausência de poder decisório nas mãos dos estudantes.

Assim, imerso nesse contexto, o movimento estudantil, em caráter geral, reestruturou-se a partir de 1965. Segundo dados de Martins Filho, foram realizadas, nesse ano, 13 manifestações universitárias contra ações do governo e/ou a respeito das condições das universidades no Brasil. Duas delas aconteceram nos principais polos de oposição à ditadura no Estado da Guanabara: a FND e a Faculdade Nacional de Filosofia (FNFi). Esta última, inclusive, era considerada "escalão avançado do movimento estudantil"[356] e "baluarte dos comunistas no meio universitário."[357] Ambas vinculadas à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Foi nesse contexto, de reorganização e reestruturação do movimento, que Ana Lucia, na Faculdade Nacional de Direito, entra em contato com integrantes do PCB que reorganizavam a atuação do Centro Acadêmico Cândido de Oliveira (CACO).

O CACO, apesar de despontar como uma das principais entidades estudantis de embate à ditadura na Guanabara, tinha uma tradição liberal importante. Desde, ao menos, 1945, havia um grupo denominado Aliança Libertadora Acadêmica (ALA) com perspectivas liberalizantes para o centro acadêmico. Como contraposição, formou-se outro, chamado Reforma, com ideais de esquerda, embora sem filiação partidária. A partir de meados da década de 1960 é que o CACO se sedimenta à esquerda, especialmente após o golpe.[358]

Inseridos neste contexto, os integrantes do PCB que buscavam reorganizar o CACO não rezavam a cartilha programática do partido. Ao contrário. Cultivando críticas à atuação partidária, divergiam das leituras tático-estratégicas do Comitê-Central. Conjuravam, assim, clandestinamente, no seio de uma organização clandestina, uma transformação radical do

[356] POERNER, 2004, p. 189.
[357] PATTO SÁ MOTTA, 2014, p. 31.
[358] COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. *CACO: 90 anos de História.* Rio de Janeiro: UFRJ, 2007. p. 72 e 143.

partido. Organizavam uma dissidência. E Vera, através de Ana Lucia, se interessaria pela nova perspectiva política.

3.2 A Dissidência da Guanabara (DI-GB)

A Dissidência da Guanabara (DI-GB) faz parte de um conjunto, não articulado, de bases estudantis, sobretudo universitárias, do PCB que, após o golpe, passam a cultivar severas críticas às posições políticas e ações do partido. Formaram-se, a partir de 1965, diversas "DI's" no Brasil, sendo uma das expressões da pletora de cisões e rachas, pela cúpula e pelas bases, que afetariam o partido após o golpe.

Em verdade, especificamente sobre a DI-GB, sua gênese, ainda embrionária, remonta ao período imediatamente anterior à derrubada de Jango. Àquela altura, estudantes que militavam no partido, radicados na FND e na FNFi, principais redutos dos comunistas universitários da Guanabara, "divergiam da orientação do partido e simpatiza[va]m com as divergências chinesas em relação à linha da URSS, mantendo um embrião de luta interna no setor estudantil do PCB"[359]. Apesar de não haver, ainda naquele momento, articulação orgânica ou política entre esses militantes, "acompanhava-se a luta interna ao movimento comunista internacional e simpatizava-se com a linha chinesa. No fundo, havia um questionamento a respeito da transição pacífica ao socialismo."[360]

Conforme vimos, desde 1919, com a criação da Internacional Comunista, o PCUS buscava orientar o movimento comunista internacional, através do envio de diretivas políticas, tático-estratégicas, além de militantes e auxílio financeiro. Mesmo com o fim da organização internacional, em 1943, a União Soviética continuava, ao menos para os PC's, servindo de principal farol revolucionário.

Dois processos, entretanto, quebraram a monolítica predominância das diretivas de Moscou. Em 1949, o Partido Comunista Chinês (PCCh), dirigido por Mao Zedong, cercando, pelo campo, as cidades, até então dominadas pelo Kuomitang, chegava ao poder na China.

Após o sucesso da revolução, recebido com surpresa pelos soviéticos, o maoísmo, ou pensamento de Mao Zedong, aparece como aplicação criadora das diretrizes teóricas soviéticas ou, nas palavras da época, do marxismo-leninismo. Gradativamente, as posições políticas maoístas passavam a figurar, com cada vez mais força, como alternativas, rivalizando com as posições soviéticas no movimento comunista internacional.

---

[359] AARÃO REIS FILHO, Daniel, Entrevista concedida a Marcelo Ridenti. *In*: Arquivo Edgar Leuenroth (AEL/Unicamp), Fundo Militância Política e luta armada no Brasil, fita 1, lado a. (Arquivo digital: 110 a)
[360] Ibid.

As divergências entre chineses e soviéticos se fariam notar, de forma mais nítida, a partir do XX Congresso do PCUS. Desenhava-se, a partir dali, o cisma sino-soviético. Diante das denúncias dos crimes de Stálin, ficavam em posição delicada, também, as diretrizes de Moscou. Em oposição à coexistência pacífica, à transição pacífica ao socialismo e à possibilidade de alianças com setores da burguesia, como defendiam os soviéticos, o maoísmo reivindicava a manutenção dos "princípios essenciais do marxismo-leninismo". Defendiam a revolução violenta, a união operário-camponesa, a hegemonia proletária no processo revolucionário e a ditadura do proletariado como caminho fundamental para a revolução. Ou seja, contra o "revisionismo soviético" – como diziam os chineses – o maoísmo despontava como novo modelo revolucionário universal.[361]

O resgate aos "princípios essenciais do marxismo-leninismo" era o que agradava, em caráter geral, o núcleo originário da DI-GB. Em verdade, as posições chinesas, sob quaisquer aspectos desse "resgate", agradavam os críticos à postura política do PCB. Se, antes do golpe, criticavam-se, de forma pouco articulada, as posições políticas defendidas pela alta cúpula do partido, o golpe fez com que as críticas reverberassem, atingindo o paroxismo nos anos seguintes.

A deposição de João Goulart jogava por terra parcela significativa da leitura e da prática políticas do PCB. A conjuntura nacional que, em tese, gerava "a possibilidade real de conduzir, por formas e meios pacíficos, a revolução anti-imperialista e antifeudal"[362] era desmentida pela realidade. Ao contrário da democratização, cada vez mais ampla, da sociedade brasileira, o golpe gestara seu contrário. A luta "dentro da legalidade democrática e constitucional" deixava de figurar no horizonte. A burguesia nacional, vista como aliança tática na construção da frente única, aliara-se aos militares para sustentar o golpe. Em síntese, como um castelo de cartas, as posições do PCB desabavam junto com Jango.

Não apenas as leituras políticas do PCB eram abaladas pelo processo histórico. Demolia-se, também, os fundamentos de um programa político histórico. As reformas de base, de caráter reformista-revolucionário, deixavam de figurar como "um caminho, uma porta, um horizonte" para o desenvolvimento do país.[363]

---

[361] AARÃO REIS, op. cit., 2003.
[362] Resoluções apontadas pelo partido na *Declaração sobre a política do PCB* de 1958 e referendada pelo V Congresso em 1960. Para maiores detalhes, cf. capítulo anterior.
[363] AARÃO REIS, 2014, p. 328.

Neste contexto, no seio do PCB, mas, de modo geral, em todos os setores de esquerda, buscava-se explicações e culpabilizações para a "estranha derrota."[364] Nas discussões que se seguiram ao golpe, especialmente entre 1964 e 1965, tateavam-se respostas para explicar a perplexidade paralisante que afetou, em maior ou menor medida, todas as organizações de esquerda no momento do golpe. No campo marxista, por seu peso e relevância, as responsabilizações recaíam, especialmente, sobre o PCB.

Críticas demolidoras e impiedosas vinham de todos os lados, tanto externamente como internamente. Em linhas gerais, o partido fora considerado o principal responsável pela conjuntura resultante. Seguindo os jargões comunistas, os críticos caracterizavam o partido como "reboquista" em relação a João Goulart e à burguesia nacional, "etapista" por considerar a revolução por etapas e, por fim, "pacifista" por vincular-se à concepção de transição pacífica ao socialismo.

Externamente, as críticas surgiram ainda antes do golpe, visto que na década de 1960 o PCB se defrontava "com uma esquerda diversificada, como novas correntes que disputavam a preferência dos movimentos de massa e desafiavam[-no] no próprio campo marxista."[365] Dentre elas, destacavam-se a Organização Revolucionária Marxista – Política Operária (ORM-POLOP), a Ação Popular (AP) e o Partido Comunista do Brasil (PCdoB)[366], além dos menos relevantes Movimento Revolucionário Tiradentes (MRT) e o Partido Operário Revolucionário – Trotskista POR(T).

A POLOP, defensora de um enfrentamento anticapitalista imediato, visto que defendia que o Brasil era um país plenamente capitalista, destoava das posições do PCB desde antes do golpe. A conjuntura posterior, no entanto, elevou o tom das críticas feitas pela organização ao partido, sobretudo em relação às táticas e estratégias.

A AP, flertando com as propostas da revolução cubana[367], especialmente ao contrapor a ação ofensiva dos guerrilheiros cubanos à inação do PCB em relação ao movimento golpista, defendia a perspectiva de enfrentamento violento. Criticavam e responsabilizavam, portanto, a

[364] A expressão foi cunhada por Marc Bloch, em ocasião da derrota francesa diante dos nazistas no contexto da II Guerra Mundial. Foi recuperada por Aarão Reis ao descrever a derrota diante do golpe. Para maiores detalhes, cf. AARÃO REIS, op. cit., p. 326.
[365] GORENDER, 2014, p. 36.
[366] O PCdoB resultou da cisão de um setor stalinista minoritário do PCB que entrou em conflito após o XX Congresso do PCUS e, sobretudo, após o V Congresso do PCB. Na cisão, em 1962, reivindicou para si a herança do partido fundado em 1922. Protagonizaria, no início dos anos de 1970, a única tentativa de guerrilha rural brasileira, a guerrilha do Araguaia, entre os anos de 1972-1974.
[367] A influência da revolução cubana é demasiado importante e será tratada, em pormenores, no capítulo seguinte.

crença ilusória na transição pacífica ao socialismo e a inação do partido em relação ao movimento golpista.[368]

Internamente, abria-se, como de praxe nos partidos comunistas, um debate interno. Neles, buscavam-se as razões para os erros, os chamados "desvios" nos quais o partido teria incorrido. Desvios que o teriam afastado da rota revolucionária e resultado no golpe. Para alguns, especialmente membros do Comitê Central, tendo Prestes como principal articulador, o partido havia incorrido em "desvios de esquerda", expressão do jargão comunista que, conforme apontou Jacob Gorender, "indica superestimação das próprias forças, avaliação exagerada das possibilidades objetivas, ações precipitadas, isolamento das massas."[369] Em suma, teriam apresentado alternativas para as quais a sociedade brasileira ainda não estava preparada.

Para outros, especialmente para as bases, lideranças estaduais e membros da Comissão Executiva, o partido havia incorrido em "desvios de direita". Demonstrando, também, porosidade às críticas externas, o partido teria "alimentado ilusões nas massas sobre a possibilidade de realizar, através de uma aliança do proletariado com a burguesia uma reforma estrutural de base, dentro dos marcos estritamente legais."[370]

Diante da impossibilidade do Comitê Central em rever suas posições, dois caminhos despontavam no horizonte para os militantes que elegiam os "desvios de direita" como responsáveis pela conjuntura resultante. Por um lado, desvincular-se dele, tendo em vista a criar organizações que respondessem, de maneira efetivamente revolucionária, os desafios da conjuntura. Por outro, tentar, em um esforço hercúleo, reverter a posição do Comitê Central nos debates que se realizariam no próximo congresso do partido.

As oposições internas, de modo geral, dividiram-se em duas vertentes: pelas bases e pela cúpula. Pela cúpula organizou-se, sob liderança de Carlos Marighella, Joaquim Câmara Ferreira, Mário Alves, Jacob Gorender e Apolônio de Carvalho, o grupo denominado Corrente. Consolidava-se com fortes bases em São Paulo, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e no estado do Rio. Pelas bases, como dissemos, organizavam-se, de acordo com suas localidades, as "DI's".

---

[368] Como não fazem parte, direta, do escopo deste trabalho, as posições teórico-políticas dessas organizações, assim como suas respectivas trajetórias, aparecerão pontualmente, de modo a compreender sua relação com as posições dos dissidentes da Guanabara. No entanto, estão detalhadamente descritas em meu trabalho anterior. Para maiores detalhes, cf. CODARIN, 2019.

[369] GORENDER, 2014, p. 98-99.

[370] PANDOLFI, Dulce Chaves. *Camaradas e companheiros*: memória e história do PCB. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: Fundação Roberto Marinho, 1995. p. 198-199.

Fora nesse contexto que os estudantes da Faculdade Nacional de Direito e da Faculdade Nacional de Filosofia tateavam caminhos possíveis para a atuação política. Ainda não restava claro se os caminhos os manteriam no interior da estrutura partidária. Concluíam, em fins de 1964 e início de 1965, que, para se manterem no Partido, teriam de mudá-lo radicalmente. E foi justamente em 1965 que Vera entraria em contato com os dissidentes.

***

Desde o ingresso no curso de direito, a irmã de Vera participava, atentamente, das questões políticas que rondavam a universidade. No dia do golpe, como vimos, Ana Lucia, caloura da faculdade, fez vigília no CACO em uma tentativa de resistir à deposição de João Goulart.

Ao ingressar na FND, Ana Lucia tornava-se a primeira mulher da família, seja materna ou paterna, a chegar à universidade. Seria, junto de Vera e da prima Cecília Magalhães, a primeira geração de mulheres a alcançar o feito. [371] O interesse pela política e a chegada ao meio universitário contrastavam com o lugar – e o papel – social reservado às mulheres na sociedade brasileira daquele período. Em específico relacionado às universidades.

A presença das mulheres no ensino superior não era, propriamente, uma novidade. Tampouco uma normalidade. Se é possível datar o primeiro diploma do 3º grau conquistado por uma mulher ao fim do século XIX[372], isso não se tornara regra desde então. Ao contrário. O diploma universitário feminino, ao longo de toda a primeira metade do século XX, continuava sendo exceção.

Um dos aspectos que ressalta sua excepcionalidade é a legislação educacional vigente. De acordo com o Decreto-Lei nº 4.244, de 9 de abril de 1942, que regulamentava o ensino secundário, estabelecia-se clara distinção entre homens e mulheres. Ao dispor sobre a estruturação do segundo grau, separava-o em ginasial e colegial. Para além, subdividia-se este último em clássico e científico, assegurando a todos os concluintes "o direito de ingressar em qualquer curso de ensino superior", caso fossem aprovados nos exames necessários.

Pesavam, porém, especificamente sobre as mulheres, condições particulares. Para o ensino secundário feminino, dentre as prescrições, consta a seguinte: "3. Incluir-se-á, na terceira e na quarta série do curso ginasial e em todas as séries dos cursos clássico e científico, a

[371] Virgínia, mãe de Vera e Ana Lucia, havia ingressado, como vimos, no Instituto Belas Artes, ainda na década de 1940. No entanto, o curso não se configurava como curso universitário. Além disso, havia uma mudança qualitativa nos cursos escolhidos por Ana Lucia, Cecília e Vera.

[372] Rita Lobato Velho Lopes (1867-1954) foi a primeira mulher a conquistar um diploma universitário no Brasil. Graduou-se em 1897 em medicina pela Faculdade de Medicina da Bahia.

disciplina de economia doméstica. 4. A orientação metodológica dos programas terá em mira a natureza da personalidade feminina e bem assim a missão da mulher dentro do lar."[373]

Refletia-se, portanto, na esfera normativa, a distinção, socialmente construída, entre as esferas público e privada relacionada aos gêneros. Aprofundada no século XIX na Europa e incorporada pela sociedade brasileira, o público e o privado imaginados como "equivalentes dos sexos." Aos homens, conforme aponta Michelle Perrot, "o público, cujo centro é a política. Às mulheres, o privado, cujo coração é formado pelo doméstico e a casa."[374]

Dados estatísticos confirmam essa diferença. Em 1955, apenas 21% dos concluintes dos ensino científico eram mulheres.[375] Isso se refletia no acesso aos cursos superiores. Em 1956, mulheres eram 2% do total de matriculados em Engenharia, 3% em Agronomia, 3 % em Veterinária, 6% em Ciências Econômicas e 12% em Direito, compondo apenas 26% do total de matrículas no ensino superior brasileiro.[376]

Contudo, a despeito disso, as transformações socioeconômicas pelas quais passava o Brasil, em especial nas décadas de 50 e 60, reverberavam nas universidades. A criação de novas instituições de ensino superior, o aumento do número de vagas nas universidades já existentes, além da percepção do ensino superior como forma de ascensão social contribuíam para uma maior presença das mulheres nos ambientes universitários.

O caso de Ana Lucia, neste sentido, é emblemático. Não apenas ingressava no ensino superior, mas no curso de Direito. Como vimos, tornar-se advogado, para a família de Vera, era, até então, possibilidade aventada e direcionada, apenas, aos homens. Não apenas na família de Vera. Àquela época um dos cursos superiores mais tradicionais, que remontam ao início da oferta de ensino superior no Brasil, o Direito era o curso representante, por excelência, das "profissões da palavra", conforme expressão de Michelle Perrot.[377] A profissão da advocacia e o ato de advogar como funções de quem "está exposto ao espaço público", mantendo "relação

---

[373] BRASIL, Decreto-Lei nº 4.244, de 9 de abril de 1942 apud COSTA, Nailda Marinho da.; DIEGUEZ, Priscila. Feminismo em revista: a União Universitária Feminina nas páginas do periódico Jornal das Moças (década de 1950). *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, [S. l.], v. 1, n. 79, p. 69-86, 2021. p. 81. DOI: 10.11606/issn.2316-901X.v1i79p69-86. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/189941. Acesso em: 3 jun. 2022.

[374] PERROT, 2005, p. 459.

[375] BARROSO, Carmen Lúcia de Melo; MELLO, Guiomar Namo de. O acesso da mulher ao ensino superior brasileiro. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 15, p. 47–77, 1975. p. 48. Disponível em: https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/1813. Acesso em: 3 jun. 2022.

[376] Ibid., p. 51.

[377] PERROT, op. cit., p. 465.

direta com a elaboração das leis e com a tomada de decisões de uma sociedade."[378] Em síntese, algo destinado aos homens.

Rompendo com esse padrão normativo, Ana Lucia, entre o fim do ano letivo de 1964 e início de 1965, respirava os ares políticos da FND. Os ares de insatisfação com a ditadura que, por vezes, lufavam as críticas dos dissidentes, ainda restritos a um pequeno círculo.

Em verdade, o contato concreto de Ana Lucia com a política não se deu no interior das fronteiras físicas da faculdade. Como vimos no capítulo anterior, após o golpe, especificamente no segundo semestre de 1964, uma chapa de esquerda foi eleita para a direção do CACO. Tinha como presidente Fernando Barros, vinculado aos ideais trabalhistas, a esta altura noivo de Ana Lucia.

Sendo a primeira das entidades a propor uma reorganização, pela esquerda, do movimento estudantil, o CACO passou a sofrer diversas incursões da Polícia Militar ao longo do ano. Neste contexto, Fernando e os demais integrantes da chapa, por organizarem uma assembleia geral dos estudantes, foram suspensos e impedidos de entrar na universidade por ordem do então diretor Hélio Gomes.[379]

Para além disso, após a Lei Suplicy, o CACO passou a ser vinculado ao MEC. Assim, buscando fugir da fiscalização da ditadura, a organização dos estudantes de esquerda, capitaneados pelos que viriam a formar a DI-GB, realizou-se fora das universidades. Organizariam, em 1965, o CACO-Livre.[380] Não muito distante. Em frente. Do outro lado da rua da Faculdade Nacional de Direito, localizada na Praça da República, centro do Estado da Guanabara, existia um boteco, apelidado de "Uruguai" pelos estudantes de esquerda. O nome foi dado por se referir ao destino de grande parte dos militantes brasileiros que estavam sendo perseguidos pela ditadura e buscavam, naquele momento, exílio no país vizinho. Era, em certa medida, também o exílio daqueles estudantes que, a exemplo dos verdadeiros exilados, buscavam se reorganizar fora dos circuitos oficiais da faculdade.

---

[378] EDIMAR SOUZA, José; BRASIL COSTA, Valesca. Gênero e campo jurídico: a mulher na Faculdade de Direito (1960-1974), *Educação, Ciência e Cultura*, v. 22, n. 3, p. 147-161, 2017. p. 153.

[379] Entrevista com Fernando Barros, disponível em: COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, 2007, p. 143.

[380] O CACO-Livre foi uma tentativa de boicote aos diretórios oficiais. Apesar do apoio dos estudantes, que elegeram a chapa de esquerda, presidida por Antônio Serra, da AP, e Daniel Aarão Reis, pela DI-GB, como vice, a criação de um diretório paralelo foi um erro. Como aponta Vladimir Palmeira: "[...] largamos o diretório oficial e concorremos a um diretório que nós criamos na rua e batizamos de CACO-Livre. Ora, com isso, nós entregamos à direita o diretório oficial. E a direita [...] passou a ter um instrumento de organização e congregação que nós entregamos grátis para ela."
Arthur Poerner, mantendo a visão, aponta que a ideia teve como principal consequência a "automarginalização dos progressistas." Para a entrevista de Vladimir Palmeira, cf. PALMEIRA, Vladimir. Entrevista concedida ao Projeto *Memórias Estudantis.* Núcleo de História Oral e Memória (Tempo/UFRJ). p. 12-13; para a citação de Poerner: POERNER, 2004, p. 237.

Ali, no "Uruguai", parte dos dissidentes se encontrava. Um deles, inclusive, era um rosto familiar a Ana Lucia. Jorge Saveedra Durão que, como vimos, havia se formado com ela no Andrews, era um dos principais formuladores das críticas dos dissidentes ao PCB. Junto de Sérgio Marques e Vladimir Palmeira eram considerados as principais referências da célula da nova organização na FND. A eles, se juntaria, ingressando na faculdade naquele ano, Daniel Aarão Reis.

Mais consolidada em suas posições contra as diretivas da hierarquia partidária do PCB, a DI-GB, enquanto "fração"[381] partidária, angariava novos militantes para o partido, tendo em vista travar a luta interna. Como indicou o recém-ingresso na faculdade, Daniel Aarão Reis: "[...]você entra no PCB, mas para uma fração. Para travar a luta interna. A expectativa que se tinha, em 1965, era que uma vasta articulação de esquerda no PCB ganharia o congresso."[382] Por outro lado, mesmo se "ganhar" o congresso não fosse possível, a militância clandestina dentro do partidão era uma possibilidade de construção de contatos para rachar com o partido e formar uma nova organização. Assim, coexistiam, nesse momento, as duas possibilidades.

De forma paralela, a outra principal célula do PCB ligada à DI-GB, radicada na FNFi, também passava a adquirir protagonismo nos órgãos diretivos dos estudantes. Tanto na FND como na FNFi, os estudantes dissidentes, ingressantes, em sua maioria, entre 1964 e 1965, encontraram um vácuo de lideranças estudantis, o qual buscaram ocupar.[383] À repressão que se sucedeu ao golpe nas universidades, adicionava-se a Lei Suplicy de Lacerda. Em conjunto, afastavam as antigas lideranças, pavimentando o caminho para o surgimento de novas. Assim, nesse início, não apenas os dissidentes, mas, como veremos, os militantes da Ação Popular, outra organização influente no movimento estudantil da Guanabara, encontraram o terreno relativamente livre, em específico das velhas lideranças vinculadas ao PCB. Com isso, passaram a liderar parte das organizações estudantis.

Ora rivalizando, ora se aliando à Ação Popular neste início de reorganização do movimento, os dissidentes organizaram duas das 12 manifestações estudantis que ocorreram no

---

[381] "No jargão comunista, um agrupamento, reunindo militantes de diferentes células, que se juntam para articular posições políticas, à revelia das direções estabelecidas." AARÃO REIS FILHO, Daniel; CAMURÇA, Marcelo. O Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8). Da luta armada contra a ditadura à luta eleitoral no PMDB *In*: AARÃO REIS FILHO, Daniel; FERREIRA, Jorge (org.). *Revolução e democracia (1964 - ...)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 131-148, p. 145. (Coleção As esquerdas no Brasil, v. 3).

[382] AARÃO REIS FILHO, Daniel. Entrevista concedida a Marcelo Ridenti. *In*: Arquivo Edgar Leuenroth (AEL/Unicamp), Fundo *Militância Política e luta armada no Brasil*, Fita 01, lado a (Arquivo digital: 110 a).

[383] Segundo Patto Sá Motta, a FNFi foi um dos principais alvos da repressão logo após o golpe, tendo 19 alunos expulsos acusados de infração aos regulamentos da instituição em atividades políticas realizadas no período pré-golpe. A FNFi teria, segundo entrevista de Daniel Aarão Reis, confirmado por Rodrigo Patto Sá Motta, 120 militantes do PCB no período pré-golpe. A repressão, para além da expulsão efetiva, afastou esses militantes do espaço universitário.

Brasil em 1965. A primeira em abril, na FND, e a segunda em agosto, na FNFi.[384] Além delas, organizaram, também, uma passeata contra a promulgação do Ato Institucional nº 2 (AI-2) que, dentre outros dispositivos[385], acabava com o pluripartidarismo e instituía o bipartidarismo.

Os dois partidos, Aliança Renovadora Nacional (ARENA) e Movimento Democrático Brasileiro (MDB), representando a ditadura e a oposição, respectivamente, eram uma tentativa de manter a aparência democrática. À revelia das diretivas do PCB, que não recomendavam manifestações políticas a respeito, a passeata era uma das evidências de que os conflitos e as divergências com o partido se acirravam.

Ana Lucia, apesar de acompanhar a mobilização política da DI-GB, não se sensibilizava por uma perspectiva que tomava, cada vez mais, os corações e as mentes dos estudantes dissidentes: a luta armada. A visão sobre a transição pacífica, como vimos, havia sido demolida. Sobre ela, sedimentava-se, ganhando terreno, uma outra, baseada na experiência revolucionária cubana e nas guerras de libertação nacional, em especial na Argélia e no Vietnã. Ainda turva, sem contornos nítidos, a violência revolucionária aparecia como farol aos dissidentes. Farol que não orientava Ana Lúcia. Além de partilhar afeto com Fernando Barros, partilhavam, também, dessa concepção política. Ambos defendiam uma resistência democrática à ditadura. Fernando, inclusive, após a suspensão da universidade, buscaria continuar sua militância pela via institucional, candidatando-se pelo recém-criado MDB nas eleições do ano seguinte.[386]

Porém, mesmo não atraída, Ana Lucia levava as ideias dissidentes até o apartamento do Leme. Na "irmandade político-ideológica" construída entre as irmãs, Vera passaria a nutrir simpatia pela dissidência. Os nomes se tornavam familiares. Alguns rostos também. Assim, o impulso inicial para o encontro entre Vera e a DI-GB se deu em casa, por intermédio de Ana Lucia. A partir disso, em 1966, os contatos se desenvolveriam, tendo como pano de fundo as posições políticas e as manifestações estudantis, alçando-os para além das fronteiras domésticas.

***

O último ano do curso Científico no Andrews era voltado aos vestibulares. Diante da constante crescente de inscritos e da defasagem de vagas, os colégios de elite buscavam oferecer

---

[384] Os dados foram compilados por MARTINS FILHO, 1987, p. 105.

[385] Durante todo período ditatorial, os militares legislaram através de Atos Institucionais, que se sobrepunham, inclusive, à própria Constituição, que seria promulgada em 1967. Com relação ao AI-2, para além da extinção do pluripartidarismo e imposição do bipartidarismo, outras determinações são importantes: eleição indireta para presidente e vice-presidente; possibilidade de imposição de Estado de sítio e o poder de legislar a partir de decretos-lei. Para maior profundidade de análise dos AIs e da legislação da ditadura, cf. FICO, Carlos. *Como eles agiam. Os subterrâneos da Ditadura Militar*: espionagem e polícia política. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

[386] MAGALHÃES, Ana Lucia. Entrevista concedida a Higor Codarin. Rio de Janeiro, 2 de abril de 2019.

a melhor estrutura possível para o bom desempenho de seus alunos nos exames. Naquele ano, para além das aulas regulares, o Andrews desenvolveu uma espécie de convênio com um famoso curso preparatório para o vestibular, chamado AESSE[387]. Criava-se, assim, a Turma Especial do 3º Ano Científico e Curso AESSE.

O preparatório, que ocorria no contraturno escolar, era uma opção dada, exclusivamente, aos alunos que haviam decidido prestar o vestibular de Economia. Funcionando como uma espécie de reforço específico, era formado por cinco disciplinas: Matemática, ministrada pelos professores Arnaldo Struzberg, Abrahao Rumchisnky, Jorge Fróes, Paulo Asaiag e Sérgio Salvador; Português, sob responsabilidade de Ivan Alves; Wan-Tuyl da Silva Cardoso, ensinando História; Paulo Amoroso, Inglês; e José Francisco de Araújo Lima, responsável pela disciplina de Francês. A ênfase em Matemática, com cinco professores, aponta para a formação pormenorizada proporcionada aos alunos. Vera, desde o dia 8 de março de 1966, frequentava o Andrews pela manhã e o AESSE, localizado na Rua das Marrecas, no centro, à tarde.[388]

Sua participação na turma especial denota que Vera havia escolhido seu caminho acadêmico. Seu futuro seria o curso de Ciências Econômicas. Nas entrevistas que concedeu posteriormente, Vera pouco dizia a respeito da escolha por Economia. Ana Lucia, porém, apontava a familiaridade da irmã com a Matemática como um dos principais motivos. Podemos inferir que a relação com o marxismo também foi uma das potenciais razões. Talvez não de forma completamente racionalizada. O marxismo, como forma de compreender o mundo, aparecia para Vera, ao menos até aquele momento, em sua perspectiva econômica. O materialismo histórico era o desvelamento das leis econômicas do funcionamento do mundo. Sendo assim, para além do gosto e facilidade com os números, a relação de Vera com a economia era cruzada, também, pelo marxismo.

O curso AESSE, além de prepará-la para os exames vestibulares, estreitaria sua relação com a teoria de Marx. Mais. Seria um ponto fundamental de sua trajetória. Em contato com estudantes secundaristas de outros colégios, reafirmaria posições e escolhas, alargando horizontes. Para além, reencontraria o amor.

Com recém-completos 18 anos, a presença de Vera no Andrews, no AESSE e nos demais espaços sociais que frequentava era bastante notada. Lucia Murat, colega de sala, relembrou o primeiro contato com Vera nessa turma especial Andrews/AESSE:

---

[387] O nome fazia referência à sonoridade das iniciais do diretor-fundador Arnaldo Struzberg.
[388] *Jornal Diário de Notícias*, 16 de janeiro de 1966, 5ª seção, p. 5. Disponível em: https://memoria.bn.br. Acesso em: 9 jun. 2022.

> Ela era mitificada por ser bastante de esquerda. Já era uma figura que todo mundo olhava meio de lado e tal. Muito diferente. Por tudo. Era um momento muito conservador do Brasil. Éramos meninas de classe média. [...] Os pais dela eram separados, o que já era um escândalo.
> Eu me lembro que a aproximação da sala com ela era um pouco espantada, de ver aquela figura muito fora dos padrões.[389]

Sua presença era, por múltiplos fatores, marcante. Não apenas pela particularidade de sua família ou por sua perspectiva de esquerda. Chamava atenção, também, a beleza física de Vera, unanimidade nos depoimentos e entrevistas a seu respeito. Alguns, poucos, evitando a beleza, prefeririam descrevê-la como charmosa.

Seja como for, independente dos padrões estéticos, mobilizados subjetivamente, Vera era admirada e, também, desejada. Assemelhava-se, cada vez mais, aos traços delicados de Virginia. Incorporava, também, aspectos da excentricidade da mãe, seja em relação à maneira de se expressar ou à busca pela independência e autonomia com a qual Virgínia inspirava as filhas. Para além disso, como indica Lucia Murat, a bagagem intelectual de Vera e suas posições políticas espantavam e aguçavam a curiosidade.

Para os alunos do Andrews, Vera já era, desde a greve estudantil e a constituição do grêmio, uma significativa referência política. Leilah, por exemplo, relembra que Vera, mais avançada com relação ao marxismo e à possibilidade de militância política, fez um discurso sobre a indecisão que pairava em sua cabeça. Sem atacá-la, Vera buscava explicar, utilizando exemplos metafóricos, como a indecisão de Leilah dizia respeito à sua origem de classe pequeno-burguesa:

> Eu sabia que ela tinha uma prática política e eu não tinha nenhuma. Uma vez chegou na minha casa e fez um discurso sobre o pequeno-burguês. Aquele que vacila. Indeciso. Não sabe se compra o sapato verde ou marrom. Fica horas na vitrine sem saber qual comprar. Me identifiquei totalmente. Mas ela não falou me agredindo. Estava tentando me 'ganhar' para mudar minha cabeça.[390]

Assim como discursava para Leilah, Vera buscava, também, definir-se. Seu conhecimento sobre o marxismo se complexificava. A prática política estudantil e o enfrentamento com os alunos de direita no colégio serviam como espaços para divulgar as ideias que lia com voracidade. Utilizava, inclusive, o espaço das aulas para isso. Em uma delas, fez uma exposição sobre o conceito de dialética apresentado no livro *Princípios fundamentais da Filosofia*, escrito por Guy Bezze e Maurice Caveing a respeito do curso do filósofo e teórico marxista, de origem húngara, Georges Politzer. Tudo muito elementar, diria Vera, anos depois.

---

[389] MURAT, Lucia. Entrevista concedida a Higor Codarin no Rio de Janeiro, 1 de agosto de 2019.
[390] LANDIM, Leilah. Entrevista concedida a Higor Codarin, Rio de Janeiro, 1 de agosto de 2019.

Eram elementares, assim, ambos. Resultado de uma compilação das aulas dadas por Politzer na Universidade Operária de Paris, fundada em 1932 com o objetivo de ensinar "a ciência marxista aos trabalhadores manuais", o livro era um compêndio filosófico. Buscava, através do arcabouço teórico marxista, em linguagem clara e simples, dar aos trabalhadores "um método de raciocínio que lhes permitisse compreender o nosso tempo, e orientando a sua ação, tanto na técnica, como no domínio político e social." Maurice Le Goas, um dos organizadores do livro, relembrou, no prefácio, o objetivo do curso – e de vida – de Politzer, que integrou a resistência francesa e seria morto em combate contra a invasão nazista, em ocasião da II Guerra Mundial: "Georges Politzer [...] recordava energicamente que ao filósofo materialista não falta ideal, e que está pronto a combater para o fazer triunfar. Soube, a partir de então, prová-lo pelo seu sacrifício, e a sua morte heroica ilustra esse curso inicial, em que afirmava a união, no marxismo, da teoria e da prática."[391]

Este livro, e a exposição de Vera, talvez sejam representativos do momento vivido por ela. União e prática. Como uma espécie de chamamento, o livro se integrava às demais referências de sua vida. Começando com a pergunta, "Por que devemos estudar a filosofia?", Politzer responde com a célebre frase de Lenin em *Que fazer?* : "Sem teoria revolucionária, não há movimento revolucionário."[392]

Assim, as diversas sugestões de leitura ao longo do livro, a exposição sobre a diferença entre a dialética e a metafísica e, por fim, a explicação sobre o materialismo histórico-dialético, recorrendo a diversas referências clássicas de Marx e Engels, tinham por objetivo levar à compreensão de que, ao contrário de reformas, "as revoluções são *necessidades*."[393] Vera, imersa em um contexto no qual as reformas eram afastadas do horizonte, compreendia. Não apenas compreendia como buscava construir seu papel nesta conjuntura que, a um só tempo, destronava as reformas e alçava as revoluções da esfera da necessidade à da possibilidade.

Maturações que faziam a cabeça de Vera e guiavam-na em direção ao aprofundamento de suas posições, seja com relação ao marxismo de modo geral ou, em particular, a respeito da militância política. Em verdade, cristalizava-se a noção de que eram perspectivas inseparáveis.

No AESSE, Vera entrava em contato com outros estudantes. A turma especial do Andrews era incrementada por alunos radicados em outros colégios do Estado da Guanabara. A esses alunos, provindos, sobretudo, dos Colégios de Aplicação e Pedro II, públicos e

---

[391] BEZZE, Guy; CAVEING, Maurice. *Politzer. Princípios fundamentais da filosofia.* p. 6 Disponível em: https://www.marxists.org/portugues/politzer/1936/mes/principios-pt.pdf. Acesso em: 7 jul. 2022.
[392] Ibid., p. 7.
[393] Ibid., p. 82.

qualificados[394], o curso era oferecido gratuitamente, tendo em vista inflar a lista de aprovados e dinamizar as propagandas sobre a eficiência do preparatório. Em sua maioria homens, alguns, como Carlos Vainer, provindo do Aplicação, Vera conhecia. Outros, não, como foram os casos de Franklin Martins, Henri Acselrad, José Paulo Kupfer, Marcos Dantas, Raimundo Arroio, Arnaldo Chain, Eduardo Homem e José Roberto Spiegner. Como relembrou Eduardo Homem, o ponto de afinidade entre eles foi o contexto de mobilização do movimento estudantil: "Como todos estávamos comprometidos e participando das lutas estudantis, foi natural e imediata a conexão."[395]

1966 foi "o momento-chave que marcou a decadência da influência liberal e o início da nova ascensão da esquerda"[396] nos cargos diretivos das organizações estudantis. A DI-GB, no início do ano, por intermédio de suas principais bases, ampliava sua atuação, através de protestos e/ou manifestações. Assim, passava a ser notada, cada vez mais, pelos estudantes secundaristas de esquerda. Contra o pagamento das anuidades, em relação à situação dos excedentes, a demissão de professores, a violência policial e/ou em solidariedade a outros estudantes, as manifestações pululavam no cenário nacional. Em termos numéricos, as ocorridas no primeiro semestre de 1966 superavam as manifestações realizadas ao longo de todo o ano anterior. O "poder jovem", conforme jargão que ia se consolidando à época e tomava conta dos jornais, construía-se como principal força de oposição à ditadura.

Neste contexto, os contatos que a DI-GB realizava extrapolavam seus redutos originários. Abriam-se novos, em outros *campi* da UFRJ. Praia Vermelha, especialmente nos cursos de Economia, Estatística e Medicina e Ilha do Fundão, representando nos cursos de Engenharia, Arquitetura e Belas Artes. Ao contrário da perspectiva de criação de diretórios livres, fora das universidades, os dissidentes, revisando a tática do ano anterior, voltam a concorrer aos diretórios estudantis vinculados às universidades. Voltam e ganham. O CACO seria hegemonizado pela DI-GB na eleição de agosto, com a vitória da chapa encabeçada por Vladimir Palmeira e Daniel Aarão Reis, para presidente e vice, respectivamente.

Além disso, ganhariam, também, os diretórios de Medicina e Arquitetura. Esse processo culminou na reativação, clandestina, da União Metropolitana dos Estudantes (UME), extinta

---

[394] Tanto o Colégio da Aplicação, como o Colégio Pedro II, funcionavam como uma espécie de laboratório didático para a formação de docentes do ensino secundário. Neste sentido, grande parte dos docentes eram estudantes universitários, fator que possibilitava o contato dos estudantes com propostas pedagógicas inovadoras. Além disso, ambos os colégios requeriam, como necessidade de ingresso, a realização de exames rigorosos, fator impulsionador da construção de uma elite estudantil. Especificamente sobre o Aplicação, Alzira Alves de Abreu aponta: O Cap se destacou realmente por recrutar professores entre os mais bem preparados intelectualmente e com maior capacidade de liderança, ou seja, por reunir um corpo docente de elite." DE ABREU, 1992, p. 75.
[395] HOMEM, Eduardo. Entrevista concedida a Higor Codarin, via e-mail, 21 de setembro de 2020.
[396] MARTINS FILHO, 1987, p. 104.

pela Lei Suplicy. Daniel Aarão Reis foi eleito presidente, tendo como seu vice Luiz Eduardo Prado, também militante da Dissidência. A UME, como relembra Daniel, tinha como principal objetivo rearticular o movimento estudantil da Guanabara: "Eu fui muito à Universidade Rural, que estava inteiramente desarticulada, incentivei a articulação. Fui à chamada UEG [atual UERJ]. Foi possível estruturar alguns diretórios na PUC, na UEG, Rural, na UNIRIO."[397/398]

Nesse contexto de expansão, das manifestações e da DI-GB, Vera passa a participar de todas as passeatas estudantis. As duas que participou no primeiro semestre de 1966, realizadas em março, levando às ruas em torno de três mil pessoas[399], tinham por objetivo demonstrar solidariedade aos estudantes mineiros que haviam sido violentamente reprimidos em ocasião de uma passeata de calouros.

A repressão policial se tornava cada vez mais frequente. Não por acaso. O governo ditatorial acompanhava de perto a reorganização dos estudantes. Vinculando as passeatas, greves e protestos à subversão, a ditadura colocava nas ruas, em 1966, "um aparato de repressão até então desconhecido, no Brasil, na ação contra protestos universitários." O próprio general-presidente Castelo Branco afirmava no mês de abril, em texto publicado no jornal *Visão*: "O governo chegou à conclusão de que a agitação estudantil que se observa neste momento tem inspiração comunista e alcance subversivo e vai agir em consequência."[400]

Isso não arrefeceria os ânimos dos estudantes dissidentes. Tampouco os de Vera. Ao contrário. Serviriam de reforço à sua militância. Em junho de 1966, no contexto de uma greve estudantil realizada na FNFi, ingressou na Dissidência. Em entrevista, longos anos depois, Vera relembrou seu ingresso vinculando-o à familiaridade com os membros da dissidência, aos debates que acompanhava por intermédio da irmã e a algo que se tornava marca daqueles militantes, a predisposição intelectual:

> Por que eu me identificava com a dissidência? Primeiro, eram pessoas que frequentavam minha casa. Eu sabia das greves do CACO, estando ainda no movimento secundarista, acompanhava minha irmã. Depois, acho que me identifiquei, também, porque havia esse lado intelectual da dissidência. Havia uma atração por estudar.[401]

---

[397] Daniel refere-se aqui às faculdades independentes que, fundindo-se, viriam a formar, em 1979, a UNIRIO.
[398] AARÃO REIS FILHO, Daniel. Entrevista concedida ao Projeto *Memórias estudantis. In*: Núcleo de História Oral e Memória (Tempo/UFRJ). p. 29
[399] Estimativa feita entre os números indicados pela polícia e o dado pelos estudantes, disponíveis em: MARTINS FILHO, 1987, p. 106.
[400] MARTINS FILHO, op. cit., p. 100.
[401] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 29/07/1998, fita n. 1, transcrição p. 2.

A Dissidência, àquela altura, desenvolvia uma estrutura, mais bem articulada nos anos seguintes, de grupos de estudo. Estes, para além das discussões teóricas, serviam como celeiro de novos militantes. Como era uma organização clandestina no interior de um partido também clandestino, os grupos, mesmo para os participantes, mantinham a aparência de uma reunião estudantil sem teor político. Tendo um assistente teórico, vinculado à DI-GB, buscava-se estudar, especialmente, marxismo e a realidade brasileira.

Alguns, como era o caso de Eduardo Homem, faziam parte dessa rede de grupos de estudo ainda no Pedro II. Outros, como Raimundo Arroio e José Roberto Spiegner, inseparáveis à época, desenvolviam grupos por conta própria, como acontecia, até então, com Vera. Assim, do encontro e das trocas no AESSE, surgiam e se entrecruzavam diversas referências do campo teórico marxista. Dentre elas, algumas, clássicas, como eram os casos das *Obras escolhidas*, em três volumes, de Marx e Engels e os textos *Que fazer?* e *Imperialismo: estágio superior do capitalismo* de Lênin. Outras, novas, menos ortodoxas, despontavam no horizonte da década de 1960, incorporando-se à conjuntura, dando-lhe novos matizes revolucionários.

Popularizando-se entre os estudantes, as obras de Roger Garaudy, Jean-Paul Sartre e, sobretudo, Erich Fromm interessavam, particularmente, Vera. Por um emaranhado de razões, dentre elas as referências e experiências com a psicanálise, seu passado familiar e sua ânsia intelectual curiosa, os novos autores a seduziam, impactando seu percurso intelectual.

Combinados, apesar das diferenças, esses autores tinham em comum o reposicionamento – ou recuperação – de uma visão humanista do marxismo. O capitalismo, ao universalizar a forma mercadoria, transforma, também, o ser humano em um produto, tal qual qualquer outro. A "atividade vital consciente" do ser humano, o trabalho, que lhe confere humanidade, ao ser apropriado por outra pessoa, torna-se estranho a ele. Mais. Torna-o estranho a si mesmo. "Com a *valorização* do mundo das coisas aumenta em proporção direta a *desvalorização* do mundo dos homens. O trabalho não produz somente mercadorias; ele produz a si mesmo e ao trabalhador como uma *mercadoria*."[402]

Assim, não restringindo a ruptura revolucionária com o capitalismo aos aspectos econômicos, realçavam-na como forma de emancipação de indivíduos desumanizados, alienados de si mesmos. Pensando-a, portanto, como libertação individual da alienação, a revolução social incorporava aspectos de responsabilidade, também, individual. Além disso, especificamente para os comunistas, essas novas leituras, centrando críticas à "burocracia toda-

[402] MARX, 2004, p. 80.

poderosa", como a URSS era descrita por Fromm, serviam como espelho ampliado às burocracias partidárias nacionais, em específico, do PCB.

Em *Conceito marxista de homem*, publicado pela primeira vez no Brasil em 1961, chegavam ao território nacional os *Manuscritos Econômico-Filosóficos* de Marx. Ao mesmo tempo em que recuperava o texto de juventude de Marx, publicando-o na íntegra, Fromm interpretava-o, oferecendo sua própria visão sobre o marxismo. Operando conexões entre a psicologia, a psicanálise e as ideias de Marx, aponta a importância do materialismo-histórico por sua "capacidade para descobrir um *racional essencialmente ético*."[403] Mais do que o desvelar das leis dialéticas do desenvolvimento econômico, os manuscritos escritos em 1844, segundo Fromm, acrescentavam um caráter ético ao marxismo, expandindo os objetivos da superação do capitalismo.

Crítico ao regime soviético – considerado por ele como um governo concebido "segundo o espírito do capitalismo" –, o filósofo alemão defende que, ao contrário da URSS, "a meta de Marx é libertar o homem da pressão das necessidades econômicas, de modo a poder ser completamente humano; que Marx está fundamentalmente interessado na emancipação do homem como indivíduo, na superação da alienação."[404]

O comunismo, portanto, como "suprasunção positiva da propriedade privada". Como recuperação – ou reencontro – do indivíduo, antes alienado, consigo mesmo. Como gênero humano, apesar de representativo de um léxico que excluía as mulheres, recuperava-se a visão de "homem-novo" e "homem total" dos manuscritos. Segundo Marx:

> [...] assim a suprassunção positiva da propriedade privada, ou seja, a apropriação *sensível* da essência e vida humanas, do ser humano objetivo, da *obra* humana para e pelo homem, não pode ser apreendida apenas no sentido da *fruição imediata*, unilateral, não somente no sentido da *posse*, no sentido do *ter.* O homem se apropria de sua essência omnilateral de uma maneira omnilateral, portanto como homem total.[405]

Na interpretação de Fromm sobre a obra de Marx, a ideia de comunismo presente nos *Manuscritos* apontava a necessidade de transformação qualitativa do *ter* ao *ser.* Neste sentido, se o marxismo, até então, se apresentava como "visão irrecusável do mundo", aparecia, agora, também como "visão irrecusável de si."[406] Incorporava-se, portanto, a noção de responsabilidade individual. E, para isso, jogou papel importante o existencialismo de Sartre.

---

[403] KRIEGER apud FROMM, 1961, p. 23.
[404] FROMM, 1961, p. 16.
[405] MARX, op. cit., p. 108.
[406] GARAUDY, 1968, p. 7.

Em *Perspectivas do Homem*, Roger Garaudy, buscando as "possíveis convergências" entre o pensamento católico, o marxista e o existencialista, objetivava "apreender o homem total"[407]. Animado pelas convulsões sociais que colocavam em questão a humanidade inteira[408], o livro de Garaudy, publicado pela primeira vez no Brasil em 1960, aponta: "De direito, estamos todos implicados na grande contestação do mundo. A história o quis assim. Estamos aí e não podemos fazer de outro modo. A responsabilidade é pessoal, ninguém pode furtar-se dela."[409]

Assim, reforçava-se, ao mesmo tempo, a autonomia – mesmo que relativa – e a responsabilidade dos indivíduos na transformação do mundo. Incorporava-se, como apontava o próprio Garaudy, "numa síntese viva, a responsabilidade pessoal do homem ao sentido universal da história."[410]

Não restritas aos livros, essas ideias ganhavam concretude na ação de revolucionários, que as personificavam. O médico e guerrilheiro argentino, Ernesto Che Guevara, depois da bem-sucedida revolução em Cuba, empenhava-se na construção do socialismo mundial. Após tentativa de guerrilha malsucedida no Congo, buscava realizar a revolução em *Nuestra America*, através de um foco guerrilheiro na Bolívia. Para além, os guerrilheiros vietnamitas, em uma luta encarniçada, desigual, contra o poderoso exército norte-americano, demonstravam que o "ser humano era mais importante que a técnica", que "a vontade política valia mais do que as máquinas."[411]

Em síntese, não eram leituras estéreis, ganhando o vazio. Encarnavam-se no contexto e no cenário internacional. Mais especificamente, encarnavam em pessoas que apanhavam seus destinos em suas próprias mãos, vislumbrando – e realizando – a transformação do mundo. Para além, acoplavam-se à conjuntura em que estudantes, como Vera, através de sua ação política, seja nas organizações comunistas e/ou no movimento estudantil, enxergavam-se como agentes transformadores da realidade. Sua ação impactando no mundo. Revolucionando-o.

À responsabilidade de revolucionar o mundo, Vera, junto aos amigos do AESSE e a outros estudantes de esquerda inseridos nessa conjuntura, iam, uns mais e outros menos, acrescentando, gradativamente, a responsabilidade de revolucionar a si próprios.

Relacionado a essa perspectiva, mas não restrita a ela, Vera estreitava sua vinculação com a arte. Mais especificamente, com o cinema. Com ele, encontrou-se, também, com o amor.

---

[407] Ibid., p. 1.
[408] Garaudy fala, expressamente, do contexto da II Guerra Mundial e da Guerra Fria, onde a guerra nuclear era uma possibilidade real.
[409] Ibid., p. 5.
[410] GARAUDY, p. 39.
[411] AARÃO REIS FILHO, Daniel; DE MORAES, Pedro. *1968. A paixão de uma utopia.* 3. ed. revista e atual. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2008. p. 40.

Um dos estudantes do AESSE, embora estivesse empenhado em prestar o vestibular para ciências econômicas, cultivava o sonho de ser cineastas. Aliás, já havia realizado seu primeiro filme. Ainda no Pedro II, em comunhão com Raimundo Arroio, Jose Paulo Kupfer e Sérgio Rubens Araújo Torres, José Roberto Spiegner havia produzido o curta-metragem *Caminho*.

Em uma codireção entre ele e Sérgio Rubens, o filme, protagonizado por Raimundo, identificava-se com as ideias de esquerda do grupo. A trama acompanhava a vida de um jovem trabalhador de uma usina de açúcar, que cultivava o sonho de morar no Estado da Guanabara. Ao finalmente chegar na antiga capital federal, maravilha-se com o mar, mas sofre com a falta de emprego. Sem emprego e com fome, rouba um pão de uma padaria. Encurralado em um beco pelo dono da padaria e pelos clientes, termina o filme ensanguentado, no chão, enquanto o dono da padaria, em posse de sua propriedade antes roubada, lança-o ao lixo, sob olhar do jovem.[412]

Nascido em Barra do Piraí, José Roberto, de origem judaica, decidiu-se por ciências econômicas quase ao acaso. Morador da zona sul carioca, região em que jogava tênis nos principais clubes da cidade, José Roberto decidiu prestar o vestibular para ciências econômicas quase ao acaso. Junto com Raimundo Arroio, pretendiam cursar Direito. No entanto, a localização geográfica do curso de Economia, na Praia Vermelha, atraía-os mais. Assim, definido o caminho, a escolha colocou-os em direção do AESSE.

Fumante de cachimbo, exímio dançador de twist, além de bonito, José Roberto cultivava humor refinado e afiado. Assim, destacava-se nos ambientes em que estava. No conjunto de suas características, atraiu, rapidamente, os olhares de Vera. Sentiu-se, entretanto, também atraído por ela. Segundo Arroio, ambos ficaram impressionados com sua presença: "Vera era muito bonita, muito atraente, dona de si. Tinha uma facilidade imensa em se expressar. Eles começaram a namorar rapidamente."[413]

Encontrando-se diariamente, Vera e José Roberto entrecruzavam seus mundos. Em verdade, pareciam habitar o mesmo mundo, cultivando interesses semelhantes, não apenas politicamente. Marilene Spiegner, irmã de José Roberto, relembrou que neste período, já namorados, Vera frequentava muito a casa dos Spiegner em Laranjeiras. "Eles tinham os pontos de vista muito similares, se completavam." Tamanha era a similaridade que, segundo ela, "pareciam gêmeos". As afinidades transfiguravam-se, na visão da irmã de José Roberto, em semelhanças físicas. Não era à toa. Haviam tido, até ali, trajetórias bastante semelhantes. José

[412] ARROIO, Raimundo. Entrevista concedida a Higor Codarin, via Skype, 12 de outubro de 2020.
[413] Ibid.

Roberto fazia Aliança Francesa, participava do grêmio estudantil e do jornal do colégio Pedro II além de ter, desde muito cedo, distinguindo-se de sua família, "uma preocupação social muito grande."[414]

Ao longo do ano, nas passeatas, manifestações estudantis e aulas no AESSE, formava-se um grupo: os namorados Vera e José Roberto, Eduardo Homem, Arnaldo Chain e Raimundo Arroio. Como Arroio havia recém começado a namorar, Vera e José Roberto saíam em casal com frequência. Na casa de Raimundo, com a permissão da mãe dele, estudavam e se divertiam. "Virávamos a noite lá em casa, estudando para os vestibulares."[415]

Mas nem só de estudos viviam os quatro. Como jovens de 17 anos, nem poderiam. "Eu ficava no quarto com a Marisa e eles ficavam lá fora, vigiando para ver se tinha algum perigo à vista. Depois, eles entraram e nós é que ficávamos de vigia. Tínhamos muita intimidade, confiança e amizade."[416] Assim, acobertada por Raimundo e Marisa, Vera ressignificava, com José Roberto, sua relação com o sexo. De experiência inaugural catastrófica ao prazer. O sexo ganhava espaço importante na vida de Vera.

Estudos, amor e política. O desabrochar da juventude. Uma juventude que se enxergava, também, *sur le grand écran*. Como grandes amantes da sétima arte, Vera e José Roberto desfrutavam, junto dos demais amigos do AESSE, de frequentes sessões de cinema. Para isso, muito contribuiu uma sala de cinema localizada na rua Senador Vergueiro, no bairro do Flamengo, chamada Paissandu. Considerado como "cinema de arte"[417], a programação do Paissandu era planejada pela Companhia Cinematográfica Franco-Brasileira, "[...]dos irmãos Jacques, Robert e Maurice Valansi, donos no Brasil do cinema francês e europeu da época."[418]

Ali, buscava-se reproduzir o que se tinha de melhor no cinema, nacional e internacional. Ressalta-se que melhor não significa, neste caso, sucessos de bilheteria. Aliás, na grande maioria dos casos, nem eram. Contudo, davam o tom da época. A arte imitando a vida e a vida, por sua vez, mimetizando a arte.

O Paissandu, neste período, para além de sua própria programação, oferecia guarida para exibições da Cinemateca do Museu de Arte Moderna. Cineastas do mundo todo, muitos pouco conhecidos do público em geral, propulsores de novas estéticas e temáticas, encontravam seus espectadores do Estado da Guanabara no Paissandu. Vera e José Roberto seriam dois deles.

---

[414] SPIEGNER, Marilene. Entrevista concedida a Higor Codarin, via telefone, 15 de janeiro de 2021.
[415] ARROIO, Raimundo. Entrevista concedida a Higor Codarin, via Skype, no dia 12 de outubro de 2020.
[416] Ibid.
[417] A expressão é do Jornal Correio da Manhã.
[418] CASTRO, Ruy. "Geração Paissandu". Disponível em : https://www.digestivocultural.com/ensaios/ensaio.asp?codigo=180&titulo=A_Geracao_Paissandu Acesso em : 24 jun. 2023.

"Éramos ratos do Paissandu"[419], relembrou Vera. Em 1966, deparavam-se com uma programação que contava com o norte-americano Alfred Hitchcock, o sueco Vikgot Stomar, o polonês Kazimierz Kutz, Robert Rosse, Claude Autant-Lara, Stanley Kubrick, o checo Karel Kachyna, Luis Buñuel, Fritz Lang, François Truffaut, Alain Resnais, Agnès Varda e Jean-Luc Godard.[420]

Os três últimos, representantes da *Nouvelle vague*, a nova onda do cinema francês, despontavam como revolucionários na maneira de fazer cinema. Junto aos neorrealistas italianos, como Vittorio de Sicca, realçavam a possibilidade de fazer cinema com poucos recursos financeiros, inovando nos recursos utilizados e nas questões retratadas. Como uma nova estética cinematográfica, esses cineastas, em específico os franceses, apareciam, naquele contexto, como transgressores das normas cinematográficas.

Godard, particularmente, era acompanhado com bastante atenção.[421] Captava, com sensibilidade ímpar, o espírito de sua época. Àquela altura, havia lançado *Masculin Féminin*, filme em que retrata as questões postas para a juventude francesa. Em entrevista sobre o filme, apontou a importância da juventude naquela conjuntura: "Eu mostro assim, simplesmente, alguns instantes da vida que me interessam. É interessante mostrar os jovens. Nós não conhecemos os jovens. É por isso que quero mostrar a juventude no que ela tem de jovem."[422]

Vera gostava de Godard[423] e, provavelmente, assistiu, no Paissandu, à estreia de *Pierrot le Fou*[424]. Ali, segundo o *Correio da Manhã,* os "godardianos estavam a postos" para ver "um filme que é um perpétuo 'colocar em questão' o próprio filme."[425] Na tela, para além da metalinguagem inovadora, uma frase de Ferdinand, personagem protagonista interpretado por Jean-Paul Belmondo, encaixava-se, de modo singular, à conjuntura sonhadora da vida de Vera: "Nós somos feitos de sonho, e os sonhos são feitos de nós."

---

[419] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 29/07/1998, fita n. 1, lado A, transcrição p. 9.

[420] Todos os nomes se referem à programação do Cinema Paissandu ao longo do ano de 1966, consultada através do Jornal Correio da Manhã, disponível em: https://memoria.bn.br. Acesso em: 9 jun. 2022.

[421] Raimundo Arroio, por exemplo, relembra que José Roberto e ele assinavam a revista *Cahiers du cinema*.

[422] CORREIO da manhã*,* 18 mar. 1966*,* p. 3. Disponível em: Disponível em: https://memoria.bn.br. Acesso em: 9 jun. 2022.

[423] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 29/07/1998, fita n. 1, lado A, transcrição p. 20.

[424] *Pierrot le fou* estreou no Brasil em 1966. No entanto, sua estreia oficial, na França, havia ocorrido no ano anterior.

[425] CORREIO da Manhã*,* 12 jun. 1966, p. 6 Disponível em: Disponível em: https://memoria.bn.br. Acesso em: 9 jun. 2022.

Embora atraída pela *nouvelle vague* francesa, Vera, assim como os demais espectadores do Paissandu, não vivia apenas de filmes internacionais. Ao contrário. O Brasil também criara uma nova estética cinematográfica. O Cinema Novo, forjado entre o fim dos anos 50 e início dos 60, nascera sob a perspectiva da arte engajada brasileira que, conforme vimos, estava em busca do povo brasileiro e de sua brasilidade. Como apontou Luiz Carlos Maciel: "Se alguém me pedisse para dizer a principal crença da juventude de minha geração, eu diria sem titubear: a atribuição à arte de uma função transformadora da sociedade."[426]

Tendo como principais realizadores Glauber Rocha, Nelson Pereira dos Santos, Cacá Diegues, Leon Hirszman, Joaquim Pedro de Andrade, Ruy Guerra, Gustavo Dahl, Eduardo Coutinho, Arnaldo Jabor, Paulo César Saraceni dentre outros, o Cinema Novo encarava a produção cinematográfica como "consciência nacional, o espelho intelectual, cultural, filosófico da nação."[427] E esse espelho intelectual buscava devolver ao povo sua imagem. Mais. Seu destino. Destino pautado pela transformação. Pela *revolução brasileira*. Estética, artística e/ou política. E o Paissandu como parte integrante. Em 1966, por exemplo, abrigou o lançamento do livro *Cinema moderno, cinema novo*, com a presença, dentre outros, de Glauber Rocha, Gustavo Dahl e Norma Bahia.

A íntima conexão entre arte e política manifestava-se, também, no cinema amador. O festival Jornal do Brasil e Mesbla de Cinema Amador, cujos filmes participantes eram exibidos no Paissandu, também fazia parte desse contexto. *Uma ideia na cabeça e uma câmera na mão*, era o slogan. Um dos filmes, *Quarto movimento*, sintetiza não apenas as "ideias" da época e o sentimento de boa parte dos jovens intelectualizados brasileiros, como Vera, mas também a proximidade dela, neste momento, com a arte cinematográfica. Protagonizado por Raimundo Arroio, o filme, com uma capacidade ímpar, retrata os dilemas da vida de um jovem da geração de 1968 brasileira, o que justifica a longa citação:

> O filme conta a história de um rapaz, representado por mim, com conflitos em casa. Os pais, classe média burguesa, quadradíssimos. O primeiro momento é, então, uma rebelião infantil contra os pais.
> Consigo uma namorada, que é muito mais avançada [em questões de costumes e política] que eu. Essa menina meio que me chama para ir atrás dela. É com quem eu perco a virgindade, inclusive existem umas cenas um pouco sexualizadas no filme.
> A partir dali eu começo a ver a parte cultural do Rio de Janeiro. Então, nós vamos a ciclos de leitura, ao Paissandu, a ver poetas falando...Ferreira Gullar. Tudo isso me deixa deslumbrado. Esse é o segundo movimento.
> Na terceira parte, eu saio de casa. Rompo com meus pais. Começo a ter uma relação mais íntima com a minha namorada.
> E a quarta parte, que é o quarto movimento, refere-se ao momento em que me integro ao movimento proletário.[428]

---

[426] MACIEL apud RIDENTI, 2014, epígrafe.
[427] ROCHA, Glauber apud RIDENTI, op. cit., p. 72.
[428] ARROIO, Raimundo. Entrevista concedida a Higor Codarin, via Skype, 12 de outubro de 2020.

Tamanha é a semelhança com a conjuntura daquele momento – alguns, como o próprio Arroio, enxergavam Vera como síntese da personagem feminina do filme – que poderíamos, com Godard, dizer que se "a fotografia é a verdade, o cinema é a verdade 24 vezes por segundo."[429] O cinema, assim, como reprodutor e, ao mesmo tempo, como contribuinte à construção da realidade. E o Paissandu, neste sentido, como amálgama da relação da juventude intelectualizada carioca com o cinema.[430]

Havia algo de curioso com relação à influência das artes, de modo geral, nesse período. Ao mesmo tempo em que a ditadura mobilizava uma estrutura repressiva aos estudantes e às suas manifestações, jamais vista antes, os artistas – e os locais que abrigavam as várias produções artísticas – mantinham relativa liberdade e autonomia em 1966. Como apontou Roberto Schwarz:

> [...] o governo Castelo Branco não impediu a circulação teórica ou artística do ideário esquerdista, que embora em área restrita floresceu extraordinariamente. [...] Durante esses anos [1964-1968], enquanto lamentava abundantemente o seu confinamento e sua impotência, a intelectualidade de esquerda foi estudando, ensinando, editando, filmando, falando etc.[431]

A existência do Paissandu e, sobretudo sua programação, era uma das provas dessa relativa margem de autonomia durante os anos iniciais da ditadura. Em março de 1966, por exemplo, em parceria com a cinemateca do MAM, o Paissandu produziu uma mostra de filmes cujo título era representativo: "A intolerância e o poder sob o olhar do cinema."[432]

Não deixava, entretanto, de ser uma liberdade relativa. A estrutura da censura, embora incipiente, fazia-se sentir. No entanto, a despeito dela, ainda havia possibilidade de denunciá-la abertamente. O *Correio da manhã*, no dia 01 de maio, apontou que o filme *O desafio* havia sido censurado por utilizar a palavra "golpe". Em outra ocasião, o jornal foi além. Diante do impedimento da exibição do filme soviético *Alexander Nevski* no Paissandu, dirigido pelo cineasta vanguardista e participante da revolução bolchevique Sergei Eisenstein, o jornal publicou:

---

[429] Frase do filme *Le petit soldat,* de 1963.
[430] Carlos Vainer, inclusive, em tom de brincadeira, diria que o Paissandu era um dos elementos incorporados no "fazer-se" dos estudantes de classe média que se incorporariam, nos anos seguintes, à luta armada. Fazer-se, ou *making* na língua inglesa, é uma referência ao livro clássico do historiador britânico marxista Edward Palmer Thompson, *A formação da classe operária inglesa.* Para Thompson, além da posição de classe em sentido econômico, existe um conjunto de aspectos culturais que conferem sentido de classe a um grupo de indivíduos. Neste sentido, há um papel ativo na construção da classe operária que não é dado, automaticamente, pela posição de indivíduos na esfera produtiva. VAINER, Carlos. Entrevista concedida a Higor Codarin, via Skype, 27 de junho de 2020.
[431] SCHARWZ apud RIDENTI, 2010, p. 90.
[432] CORREIO da Manhã*,* 15 mar. 1966, p. 10 Disponível em: Disponível em: https://memoria.bn.br. Acesso em: 9 jun. 2022.

> O filme, cuja história decorre séculos atrás, foi considerado subversivo [...]. O mais curioso é que Alexander Nevski, aqui no Brasil, foi liberado durante a época do Estado Novo. Mas a censura, certa de que atravessamos agora um Novo Estado Novo, obriga o público a engolir uma dose dupla das suas decisões subversivas.[433]

Assemelhando a ditadura civil-militar à de Vargas, a postura do jornal é representativa dos posicionamentos, abertos, contra os autoritarismos vários da ditadura. Todavia, a situação estava em vias de se alterar. E os estudantes sentiam-na mais rapidamente.

No segundo semestre de 1966, a repressão às mobilizações estudantis aumentou. Em julho, tendo em vista impedir a realização do 28º Congresso da UNE em Belo Horizonte, a ditadura deu início à prática de ocupar as áreas centrais das cidades com imensos aparatos policiais e militares com o propósito de dissuadir e reprimir as atividades estudantis."[434] A dificuldade na realização do congresso da UNE, como também a invasão da polícia a um congresso da União Estadual dos Estudantes de São Paulo (UEE-SP), que que resultou na prisão de 178 estudantes, tornaram-se a motivação inicial para uma pletora de protestos, greves e manifestações. Realizadas em setembro, ficariam conhecidas como "Setembrada".

Em um ciclo de "passeatas, seguidas de repressão e protestos em solidariedade"[435], com estudantes sendo presos e/ou feridos gravemente, além da luta contra as anuidades, a UNE convocou, para o dia 22 de setembro, o "Dia Nacional contra a Ditadura". A ditadura, por sua vez, havia proibido qualquer mobilização. Os estudantes, no entanto, não recuaram. A ditadura tampouco. Responderia com violência.

No Estado da Guanabara, a mobilização não foi, como de costume, no centro. Diante da possibilidade de grande aparato de forças policiais, que se confirmaria, mais tarde, em um contingente de cinco mil homens da Polícia Militar e do Exército[436], a passeata foi marcada para o campus da Praia Vermelha. A faculdade de Economia seria o ponto de concentração.

As forças policiais, diante da mudança, deslocaram-se, parcialmente, para a avenida Pasteur, local do prédio da Economia, tendo em vista impedir a realização da passeata. Após negociação com o reitor, a contragosto dos órgãos policiais, realizou-se uma curta passeata entre a Faculdade de Economia e a Faculdade Nacional de Medicina, sob o lema "Povo organizado derruba a ditadura."

Participaram cerca de 600 estudantes, dentre os quais Vera e outros secundaristas. Após a passeata, deliberou-se a ocupação do prédio da Faculdade de Medicina. Assim como outros estudantes, Vera pouco permaneceu no prédio. Os demais ficaram. Diante da ocupação, a

---

[433] CORREIO da Manhã, 9 dez 1966, p. 6. Disponível em: https://memoria.bn.br. Acesso em: 9 jun. 2022.
[434] MARTINS FILHO, 1987, p. 100.
[435] Ibid.
[436] CORREIO da Manhã, 23 set. 1966, p. 3. Disponível em: https://memoria.bn.br. Acesso em: 9 jun. 2022.

polícia, de prontidão, foi acionada. Em pouco tempo, o prédio estava cercado. Ao longo do dia, o cerco adquiria tons dramáticos. Diante da iminência de um conflito, pais, professores e políticos deslocaram-se para o campus tendo em vista garantir a saída pacífica dos estudantes. As negociações entravam pela madrugada. Chovia. Por volta das 3:30 da manhã, quando, aparentemente, chegava-se a um consenso, as forças repressivas invadiram o prédio.

O que se seguiu a partir dali demonstra a selvageria com a qual a ditadura, gradativamente, passou a tratar os estudantes. Por onde passavam, os policiais depredavam salas e laboratórios, além do espancamento de estudantes pelo caminho. Acuados, estes refugiavam-se no terceiro andar do prédio. Os agentes do Estado, fazendo uso de bombas de gás lacrimogênio, obrigavam os estudantes a descer. A única saída do prédio indicava, no entanto, que os estudantes estavam sem saída. Formou-se um corredor polonês de policiais, sob o qual os estudantes teriam, necessariamente, de passar. O depoimento da mãe de uma das universitárias oferece detalhes:

> Vi sair um rapaz todo ensanguentado, debaixo de cacetadas, uma moça semidespida e descalça, carregada por policiais do Exército, e mais outra desmaiada, e serem carregadas para a ambulância. [...] Vim saber, depois, pelos pais de uma estudante, que a chacina final foi pior. Derrubavam moças, rasgavam suas roupas, para palpar-lhes os seios e outras partes.[437]

Vladimir Palmeira, um dos líderes estudantis, relembrou a violência de gênero perpetrada pelos policiais. Não satisfeitas em sufocar a mobilização estudantil, as forças militares, masculinas, buscavam demonstrar o predomínio sobre o corpo feminino. Reprimiam os corpos femininos como forma, também, de demonstrar que aquele espaço, público, não lhes pertencia:

> Prenderam muita gente e fizeram muita violência contra as mulheres. Batiam muito. Parecia que preferiam bater nas mulheres. Eu vi que batiam com gosto nas mulheres. [...] Minha namorada Ana Maria quase foi destroçada. Em dez metros que ela andou, ficou quase nua com as porradas que levou.[438]

Denominado, nos dias seguintes, como massacre da Praia Vermelha, repercutiu "profundamente nos setores sociais mais próximos à universidade."[439] A violência com a qual os estudantes foram reprimidos exerceria papel fundamental na sensibilização social com relação ao movimento estudantil nos anos seguintes e, sobretudo, em 1968.

Vladimir Palmeira, ao analisar as consequências do massacre, apontou para desmobilização parcial da massa estudantil a partir dali. Contudo, "ficou uma vanguarda. O que

---

[437] POERNER, 2004, p. 251.
[438] PALMEIRA, Vladimir Entrevista concedida ao Projeto *Memórias Estudantis.* Núcleo de História Oral e Memória (Tempo/UFRJ), p.13-14.
[439] MARTINS FILHO, 1987, p. 102.

sobrou ali foi uma vanguarda que deu um salto."[440] Vera saltaria. Se as mobilizações arrefeceram após o massacre, o envolvimento político de Vera aumentava. E para isso, seria fundamental seu ingresso na universidade.

Em meio à desmobilização do movimento estudantil, Vera fez os vestibulares. Prestou, ao que se pôde notar, três: Faculdade Nacional de Economia (UFRJ), Faculdade de Ciências Econômicas Cândido Mendes e Faculdade de Ciências Econômicas na Universidade Federal Fluminense (UFF). Foi, de forma unanime, aprovada, com ótimo desempenho. Na UFRJ, conquistou o quarto lugar. Além dela, nas primeiras posições foram aprovados os já conhecidos: Carlos Vainer e José Roberto, ambos em primeiro; Franklin Martins e Henri Acselrad em terceiro; e Lucia Murat em quarto.[441] Além da aprovação na Cândido Mendes, Vera conquistou a nota máxima em matemática.[442]

Dentre as opções, escolheria a UFRJ. Não apenas por ser a universidade mais próxima de sua casa. Era, também, o epicentro do principal embate entre os estudantes e as forças da ditadura daquele ano. Estudaria no campus da Praia Vermelha.

As notas e estatísticas dos vestibulares de Vera não são apenas importantes para sublinhar sua aplicação e inteligência. Importam, também, para compreender as significativas diferenças entre os gêneros com relação ao ingresso no ensino superior. Evidenciam-se nas propagandas de aprovação do AESSE nos jornais.

Dentre os vestibulandos ocupantes dos cinco primeiros lugares da UFRJ, quatro, de um total de 17, eram mulheres. Representavam, assim, apenas 23%[443] No vestibular da faculdade Cândido Mendes, cujo total de vagas para economia era 236, 127 aprovados eram do AESSE. Desta soma, apenas 17 eram mulheres, 13% do total.[444] Por fim, dentre os 79 aprovados do AESSE na UFF, que disponibilizava 150 vagas, 13 eram mulheres, o que configura 16% das aprovações.[445]

Se a amostragem do AESSE parece insuficiente para caracterizar a imensa diferença, os dados em dimensão nacional são ainda mais nítidos. Em todas as instituições de ensino superior do Brasil em 1966, apenas 11% dos matriculados em cursos de Economia e Administração eram mulheres.[446]

---

[440] PALMEIRA, Vladimir Entrevista concedida ao Projeto *Memórias Estudantis.* Núcleo de História Oral e Memória (Tempo/UFRJ), p. 14.
[441] DIARIO de notícias*,* 12 mar. 1967*,* p. 45. Disponível em: https://memoria.bn.br. Acesso em: 9 jun. 2022.
[442] DIARIO de notícias*,* 12 fev. 1967*,* p. 45. Disponível em: https://memoria.bn.br. Acesso em: 9 jun. 2022.
[443] DIARIO de notícias*,* 12 mar. 1967*,* p. 45. Disponível em: https://memoria.bn.br. Acesso em: 9 jun. 2022.
[444] DIARIO de notícias*,* 12 fev. 1967*,* p. 45. Disponível em: https://memoria.bn.br. Acesso em: 9 jun. 2022.
[445] DIARIO de notícias*,* 29 jan. 1967*,* p. 35. Disponível em: https://memoria.bn.br. Acesso em: 9 jun. 2022.
[446] BARROSO ; MELLO, 1975, p. 51.

Esses números, representativos da realidade em que os espaços públicos eram reservados aos homens, sublinham, em parte, os obstáculos pelos quais Vera teria de passar. Apresentavam-se, para Vera, uma universidade e uma organização política, majoritariamente, masculinas. Teria de se impor, não apenas como militante, mas também como estudante. Os ares da Praia Vermelha, entretanto, não seriam, apenas, insólitos. Muito ao contrário.

Como uma espécie de comemoração pelo sucesso nos vestibulares, ainda de férias, Vera fez uma viagem com José Roberto para Cabo Frio, região dos lagos do estado do Rio de Janeiro. Como companhia, um novo casal: Raimundo Arroio, que tinha recém terminado o relacionamento com Marisa, e sua amiga de longa data, Leilah. Ao relembrar a viagem, Leilah salienta as contradições e ambiguidades que se faziam sentir com relação à liberação sexual. Embora Vera transasse com José Roberto, tendo, inclusive, essa liberdade no apartamento do Leme, não se cogitava que dormissem na mesma casa. Leilah, ainda virgem, aponta que os casais passavam o dia juntos, mas quando caía a noite, os homens iam para uma das casas e elas para outra.[447]

Abria-se, assim, o ano de 1967. De estudante secundarista, participando de forma colateral das manifestações, passeatas e protestos, Vera se tornaria uma das referências estudantis de esquerda no curso de economia. Se, a níveis de movimento estudantil, não se transformaria em uma líder de massas, seria, porém, uma das principais referências políticas da DI-GB no campus que, gradativamente, passava a rivalizar, em protagonismo, com a FND e FNFi no movimento estudantil da Guanabara.

3.3 Os Ares da Praia Vermelha

O *campus* da Praia Vermelha da UFRJ era composto por diversos cursos: Ciências Econômicas, Ciências Contábeis, Ciências Atuárias, Ciências Estatísticas, Medicina, Química, Farmácia, Psicologia e Serviço Social. Por ano, ingressavam 200 estudantes na Faculdade Nacional de Ciências Econômicas, que englobava as ciências contáveis, atuárias e estatísticas. A quantidade de alunos, os diferentes cursos, além do campus ter se tornado um epicentro da luta política dos estudantes, eram, em conjunto, mudanças qualitativas nos ambientes frequentados por Vera.

Como os demais ambientes escolares, a universidade, como espaço social, permite " tempo de leveza social durante o qual os jovens estarão parcialmente desvinculados do mundo social e de suas coerções."[448] Nessa perspectiva, a universidade, enquanto novo "lugar de vida,

[447] LANDIM, Leilah. Entrevista concedida a Higor Codarin. Rio de Janeiro, 1 de agosto de 2019.
[448] TRISTAN, Haute; MATHIEU, Lilian; ORANGE, Sophie. Les enfants indociles de la massification scolaire. *In*: BEROUD *et al*., 2018, p. 389-422. p. 400.

favorece o reforçamento de sociabilidade entre os estudantes e autoriza uma articulação particular entre diferentes esferas da vida (estudante, militante, privada e profissional)."[449]

Muito além da aquisição de uma profissão, o espaço universitário, no contexto de 1967-1968, tornava-se o lugar de busca e/ou reafirmação do sentido para a vida. Para Vera, e para muitos de suas e seus camaradas de militância, a noção de responsabilidade histórica alcança objetivo mais visível e crível a partir da vida universitária. O engajamento político[450], manifestado através da militância na Dissidência, é, também, "uma rede de sociabilidade e um círculo de amigos"[451] que se fortifica na universidade. Se a noção de responsabilidade, como dizia Sartre, torna-nos seres angustiados, encontrar indivíduos que se sentem igualmente responsáveis pelos caminhos e descaminhos do mundo aparece, assim, como um apoio. Como apontou Lucia Murat, que entraria para a Dissidência na faculdade de Economia:

> Basicamente, o que a faculdade, o que esse grupo de pessoas [da DI-GB] foi para mim, foi um apoio. Um apoio para as angústias, para ansiedades que eu tinha. Me sentia muito isolada no mundo em que eu vivia e, a partir dali, encontrei mundos muito semelhantes. E ali [na militância] encontrei respostas para minhas questões.[452]

Ricardo Correa, também ingressante de 1967, próximo da Dissidência, apontou na mesma direção:

> Em 1967, na universidade, tínhamos um clima que nos permitia avançar, apesar de um diretor reacionário, de alguns professores reacionários e de uma direta, em parte, violenta. Formou-se, na economia, um grupo grande de jovens, com uma formação de esquerda, ou, com um início de formação de esquerda, como era meu caso. Essas pessoas se juntaram rapidamente.
> Entrei para a universidade e comecei a me deparar com uma vida, com uma perspectiva de vida que me possibilitava encontrar objetivos para a minha vida, desenvolver ações para atingir esses objetivos.[453]

Neste sentido, o engajamento político constrói, a partir de seu aprofundamento na vida universitária, uma noção de pertencimento que, gradativamente, "gera ou modifica disposições para agir, pensar, perceber - e perceber a si mesmo."[454]

Especificamente para Vera, como ambiente de sociabilidade militante, a universidade, por um lado, reforçava e aprimorava aspectos de sua militância, como também disponibilizava novas perspectivas, sejam elas teóricas, políticas e/ou culturais. E esse aprofundamento se inicia

---

[449] Ibid., p. 410.
[450] Compreende-se, aqui, engajamento político como a "participação *duradoura* em uma ação coletiva que vise à defesa ou à promoção de uma causa." Para maiores detalhes, cf. SAWICKI, F., SIMÉANT, J., Décloisonner la sociologie de l'engagement militant. Note critique sur quelques tendances récentes des travaux français. *Sociologie du travail,* v. 51, n. 1, p. 97-125, 2009. DOI: https://doi.org/10.1016/j.soctra.2008.12.006
[451] VAINER, Carlos. Entrevista concedida a Higor Codarin, via Skype, no dia 27 de junho de 2020.
[452] MURAT, Lucia. Entrevista concedida a Higor Codarin. Rio de Janeiro, 01 de agosto de 2019.
[453] CORREA, Ricardo. Entrevista concedida a Higor Codarin, via Skype, 18 de setembro de 2020.
[454] LECLERQ, Catherine; PAGIS, Julie. Les incidences biographiques de l'engagement. *Sociétés Contemporaines*, n. 84, p. 5-23, 2001/4. p. 5.

junto ao ano letivo universitário, em um embate contra a então gestão do diretório acadêmico, hegemonizada por um grupo de direita.

Eram três as salas dos calouros de 1967 em Economia. Divididas em ordem alfabética, Vera acabou na turma C. Em uma das primeiras aulas, talvez de recepção, os membros do diretório acadêmico entraram, bruscamente, para, seguindo a tradição, dar trote nos calouros. Segundo Ricardo Correa e Eduardo Homem, alguns dos trotes eram bastante violentos, como, por exemplo, a raspagem do cabelo dos homens à força. [455]

Liderados por João Regis e Claudio Medina, os integrantes do diretório forçavam a participação dos ingressantes. Diante disso, um dos calouros, ex-sargento da Aeronáutica brizolista, cujo apelido, pelo seu tamanho e força física passou a ser "Montanha", insurgiu-se contra o trote. Seguido dele, Vera Sílvia também se posicionou contra a obrigatoriedade dos trotes. Juntos, galvanizaram boa parte dos estudantes, intimidando e impedindo a realização dos trotes.

Como apontou Ricardo Correa: "Montanha com seu tamanho e Vera com sua coragem"[456] iniciaram o movimento contra a realização dos trotes forçados. Eduardo Homem, ao relembrar esse episódio, destacou: "Com isso, nós, os novatos de esquerda, ganhamos a simpatia dos demais e notoriedade na faculdade. Além de termos tido excelentes notas no vestibular, o que também era conhecido e valorizado."[457]

Os calouros se faziam notar. Franklin Martins, que ingressaria na Dissidência ainda no primeiro semestre, relembrou que os "novatos de esquerda" adquiriam, também, a simpatia dos demais por criarem um jornal chamado *Contacto*. Criado à revelia do diretório acadêmico, servia de plataforma aos estudantes de esquerda para divulgarem suas posições com relação à universidade. Os dissidentes calouros eram a esmagadora maioria na produção do jornal. Dentre eles, produziam as edições: Arnaldo Chain, Carlos Vainer, Eduardo Homem, Franklin Martins, Henri Acselrad, Raimundo Arroio, José Roberto Spiegner, Ricardo Correa, José Paulo Kupfer e Vera.[458] Além do jornal, outra ação que os tornava conhecidos na faculdade era o oferecimento de aulas suplementares de matemática aos demais ingressantes que tinham dificuldade.[459]

---

[455] CORREA, Ricardo. Entrevista concedida a Higor Codarin, via Skype, 18 de setembro de 2020; HOMEM, Eduardo. Entrevista concedida a Higor Codarin, via e-mail, 21 de setembro de 2020.
[456] CORREA, Ricardo. Entrevista concedida a Higor Codarin, via Skype, 18 de setembro de 2020.
[457] HOMEM, Eduardo. Entrevista concedida a Higor Codarin, via e-mail, 21 de setembro de 2020.
[458] Conseguiu-se acesso a quatro edições do jornal, todas do ano de 1967 (junho, agosto, setembro e outubro). Para maiores detalhes, cf. CONTACTO*,* ano I, n. 5, jun. 1967. *Acervo pessoal Daniel Aarão Reis*; CONTACTO*,* Ano I, n. 6; 7; 8. BRASIL. Superior Tribunal Militar, Apelação nº 39.662-1974, Apenso 4, p. 371 e ss. (arquivo digital).
[459] MARTINS, Franklin. Entrevista concedida a Higor Codarin, via telefone, 7 de outubro de 2020.

Assim, a postura contra os trotes, capitaneada pelos ingressantes, foi o primeiro embate entre as forças de direita e esquerda no ano. No entanto, apesar da hegemonia dos estudantes de direita no Diretório Acadêmico, havia forte presença de estudantes vinculados às ideias de esquerda. Lucia Murat estima em torno de 70 a 80 pessoas.[460]

Embora em grande quantidade, o grupo de estudantes de esquerda na faculdade de economia não era homogêneo. Representando, no microcosmo universitário, o contexto de rivalidade de posições e surgimento de novas organizações, a economia era dominada por três tendências: a Corrente, a Dissidência e a Ação Popular.

Samuel Aarão Reis, até aquele momento líder da célula da DI-GB na Praia Vermelha, ingressante em 1965, descreve a particularidade da situação da faculdade naquele contexto:

> Na economia, pela presença do René de Carvalho, filho do Apolônio de Carvalho, a base do partidão estava sendo trabalhada para seguir as definições do Apolônio. [...] Então, a DI-GB, na economia, resolveu não entrar para o partidão. Fui o primeiro a ser recrutado, na economia, pela dissidência. A orientação foi montar uma base paralela. Foi o único lugar que isso aconteceu.
> Então, criamos a base, que chamamos de Grupo Independente. Àquela altura, na Economia, organizavam-se a base do Partidão e a AP. Quando eles viram, pensaram que nós éramos, realmente, independentes.[461]

Apesar da aparência, não eram independentes. Faziam parte de uma organização recém-saída do PCB. Poucos meses antes, em novembro de 1966, a Dissidência, mais vertebrada pelas ações no movimento estudantil, decide não esperar pelo congresso do partido e rompe.

O estopim foi a divergência de visões a respeito das eleições legislativas. Ao contrário das diretrizes partidárias, que impunham a necessidade de realização de campanha eleitoral para os candidatos do MDB, os dissidentes realizaram campanhas pelo voto nulo. Em demonstração clara de insubordinação partidária, para além da descrença nas vias institucionais possibilitadas pela ditadura, a Dissidência rompeu/foi expulsa do partido. Sob qualquer um dos ângulos, seja expulsão ou rompimento, os dissidentes entendiam-no como um processo necessário e inevitável.

A prudência com a qual o PCB se movimentava assemelhava-se, na visão dos dissidentes, à inação diante do golpe. Não incorreriam no mesmo erro. Não mais pecariam pela falta. Contudo, sozinhos não ficariam. Apesar de um virtual consenso a respeito da luta armada contra a ditadura, pela via da guerra de guerrilhas inspirada na revolução cubana, idealizava-se a construção de uma ampla organização, um partido de novo tipo. No entanto, para isso, era

[460] MURAT, Lucia. Entrevista concedida a Higor Codarin. Rio de Janeiro, 1 de agosto de 2019.
[461] AARÃO REIS FILHO, Samuel. Entrevista concedida a Higor Codarin. Rio de Janeiro, 13 de julho de 2016.

necessário que houvesse acordo tático-estratégico entre as organizações políticas que surgiam naquele contexto. Heterogêneas, tornariam essa tarefa impossível.

Apesar das visões distintas cultivadas pelas organizações, a situação da economia era particular. Como o centro acadêmico estava em poder da direita, houve aproximação entre as três organizações para vencer as eleições para o diretório. Juntas, criaram uma chapa de esquerda. O nome era sugestivo: *Organização e luta* (ORLE). Integravam-na sete alunos: Marco Antônio, conhecido como Marquinhos, seria o presidente; a Vice-Presidência estaria a cargo de José Carlos Gomes; 2ª Vice-Presidência ficaria com Marcílio; Franklin Martins seria o Secretário-Geral; e Ana Maria, caloura, ocuparia a Secretaria de Finanças. Além desses cargos, a chapa propunha a criação de dois novos: Secretaria de Divulgação e Atividades Culturais, que ficaria a cargo de José Roberto e o Centro de Estudos e Pesquisas Econômicas (CEPE), a cargo de Vera.[462]

A presença majoritária de calouros na chapa de esquerda atesta sua relevância. Especificamente a respeito de Vera, demonstra que sua presença se fazia sentir, especialmente pela sua inteligência e postura combativa.

Ao longo do primeiro semestre, Vera realizou seis disciplinas: Contabilidade, Geografia Econômica, Instituição de Direito Privado, Introdução à Economia, Complemento em Matemática e Sociologia. Nesta última, atingiria sua melhor média, 9, seguida de Geografia Econômica, 8, e Introdução à Economia, 7,16. Seria reprovada em Complemento em Matemática, por não entregar três trabalhos, talvez pensando ser desnecessário.[463] Contudo, os estudos não se reduziam às salas de aula. Aprofundava-se nos grupos de estudo da Dissidência. Desenvolvia, especificamente, um diálogo com uma das principais referências teóricas da Dissidência naquele momento, o então vice-presidente da UME, Luiz Eduardo Prado.

Luiz Eduardo, estudante de economia e militante de relevância na hierarquia da DI-GB, realizava, no campus da Praia Vermelha, grupos de estudos com militantes. Segundo ele, na economia, "todos eram muito estudiosos, sendo Vera Sílvia uma das mais estudiosas. Então, rapidamente, se formou uma ligação assistente/assistida, íntima, entre Vera e eu." As trocas intelectuais com Luiz Eduardo foram bastante plurais. O então vice-presidente da UME relembra que, nesse período, entrou em contato com Otto Maria Carpeaux:

> Ele nos dava livros para ler que achava necessário para nos tornarmos revolucionários. Autores brasileiros, mas também russos como, por exemplo, Tchernichevski. Aquilo,

[462] CONTACTO*,* Ano I, n. 6, p. 6. *In*: BRASIL. Superior Tribunal Militar, Apelação nº 39.662-1974, Apenso 4, p. 380.
[463] Histórico Escolar de Vera Sílvia Magalhães, 1967-1968, Faculdade Nacional de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: *Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro*, fundo *Vera Sílvia Magalhães Albuquerque Maranhão* (BR RJAPERJ VSM), Caixa 1, Documentos Pessoais II, Doc. 4.

> para nós, era um achado. E eu, imediatamente, passava para Vera Sílvia. Ela lia em francês e eu também, então fizemos um elo importante. Estudávamos com muito afã. Lembro que quando o Otto nos deu *Dom Quixote*, em quatro volumes, Vera Sílvia, Stuart [Edgar Angel Jones], e eu lemos com muita voracidade. Tínhamos uma formação literária grande e uma formação política vasta.[464]

Daniel Aarão Reis, presidente da UME, um dos principais militantes da Dissidência a esta altura, também ressaltou este aspecto a respeito dos alunos da Economia, quando conheceu Vera:

> Ela fazia parte de uma base da DI na economia. Uma das melhores bases que tínhamos. Pessoas muito inteligentes, militantes. E, para as circunstâncias da época, teoricamente, muito sofisticadas. Eles tinham grupos de estudo que começavam estudando Hegel, Feuerbach, Marx, Engels, Lenin, Mao.[465]

Hegel, Feuerbach, Marx, Engels, Lenin, Mao. Se Vera, ainda em 1966, já havia ultrapassado o contato com obras de comentadores dos clássicos do marxismo, houve, em 1967, um aprofundamento. Seu cabedal teórico, em contato mais estreito com companheiros de militância mais experimentados no arcabouço marxista, dava um salto quantitativo e qualitativo.

Esse processo, além de demonstrar, uma vez mais, sua curiosidade intelectual, representava, também, a necessidade de responder ao contexto de dupla disputa estudantil que se fazia na economia. Por um lado, recrutar militantes e/ou ganhar debates com relação à dicotomia esquerda/direita. Embora permeada por estudantes de esquerda, a faculdade era marcava pela presença significativa de estudantes de direita. Além disso, segundo Franklin Martins, parte desses estudantes tinha, inclusive, conexões com o grupo Comando de Caça aos Comunistas (CCC)[466], tendo participado da depredação e incêndio da sede da UNE logo após o golpe. Assim, era necessário grande esforço para ganhar as disputas nesse contexto.

Por outro, era necessário ganhar militantes para a Dissidência, em um contexto de decantação e surgimento de novas tendências de esquerda que se capilarizavam no movimento estudantil. Sobre esse fenômeno, é importante salientar o contexto específico da Guanabara, fator que impulsionava os dissidentes, ainda mais, à formação política, conforme aponta Daniel Aarão Reis:

> [...] uma das razões políticas importantes é que a Guanabara era um dos centros mais importantes da direita no PCB, tradicionalmente. [...]. Havia uma tradição de direita muito forte, então a luta política tinha que ter um nível alto, para ter êxito. Além disso, a facção mais à direita da *Corrente* se encontrava na Guanabara, exatamente porque a direita na Guanabara era muito forte. Não tínhamos aqui no Rio, também, nenhum 'medalhão' que nos desse apoio, inspiração e estímulo, como Marighella em São

[464] PRADO, Luiz Eduardo. Entrevista concedida a Higor Codarin, Paris, no dia 23 de janeiro de 2020.
[465] AARÃO REIS FILHO, Daniel. Entrevista concedida a Higor Codarin. Rio de Janeiro, 19 de setembro de 2019.
[466] Organização paramilitar de extrema direita criada em 1964 em São Paulo com o objetivo de combater os movimentos de esquerda.

> Paulo, por exemplo. Então, tínhamos que desenvolver muito o aspecto político, para enfrentar a luta política.[467]

Nesse contexto, para além de receber leituras, Vera se tornava assistente teórica dos grupos de estudo.

Sobre os primeiros grupos assistidos por Vera, Ricardo Correa relembrou que, junto a Montanha e outros calouros, estudavam em sua casa no Leme. Destacou inclusive, que leram *Que fazer?* de Lênin, em francês, na casa dela.[468] O opúsculo, de 1902, que buscava criar uma espécie de guia para a construção de um partido revolucionário na Rússia servia, aos dissidentes, como guia para seus próprios passos. Não apenas pela máxima "sem teoria revolucionária não há movimento revolucionário", mas também por se encaixar na conjuntura em que se pensava necessário a fundação de um novo partido.

Escrito sob intensa repressão czarista, as palavras de Lenin delineiam sua concepção a respeito do partido de vanguarda. Sobre a organização partidária, sublinha-se a importância de se criar um partido "o mais clandestino possível"[469], englobando "antes de tudo e sobretudo, pessoas cuja profissão seja a atividade revolucionária."[470] Revolucionários profissionais. Militantes que, dotados da teoria revolucionária, se dedicassem, única e exclusivamente, à causa revolucionária. Como os dissidentes estavam em busca de criar um novo partido, essa imagem passava a habitar, cada vez mais, suas cabeças. Para Vera, integrava-se ao questionamento que fazia a si mesma desde a matéria do jornal do grêmio estudantil do Andrews.

***

Como vimos, a repressão às passeatas e manifestações estudantis foi uma das principais razões para o descenso do movimento. No entanto, exercia uma função, também, o relativo isolamento dos protestos estudantis no conjunto da sociedade brasileira. Essa situação, na virada de 1966 para 1967, começaria a mudar, com a insatisfação crescente de outros setores da sociedade.

Em fins de 1966, para além do fechamento do Congresso, o governo Castelo Branco editou o AI-4, tendo em vista promulgar uma nova Constituição, abrindo caminho para a institucionalização da ditadura. Além da carta magna, que passaria a vigorar a partir de março do ano seguinte, a ditadura implementava a Lei de Segurança Nacional. Decretada no dia 13

---

[467] AARÃO REIS FILHO, Daniel. Entrevista concedida a Marcelo Ridenti. *In*: Arquivo Edgar Leuenroth (AEL/Unicamp), Fundo *Militância Política e luta armada no Brasil,* fita 1, lado a. (Arquivo digital 110 a).
[468] CORREA, Ricardo. Entrevista concedida a Higor Codarin, via Skype, 18 de setembro de 2020.
[469] LÊNIN, Vladimir I. Que fazer? *In*: LÊNIN, Vladimir I. *Obras escolhidas*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1986. tomo 1, p. 158.
[470] Ibid.

de março, a nova lei se tornaria "ponto culminante de uma série de medidas que estenderam a competência da Justiça Militar, consolidaram a implementação de um sistema de vigilância cada vez mais abrangente e atribuíram a cada cidadão a responsabilidade pela segurança interna."[471] Combinadas, endureciam o regime sob a perspectiva de "guerra interna". Guerra contra a subversão. Tentava-se, assim, institucionalizar a ditadura e, com ela, a vigilância e a repressão.

Sob esse contexto é que ocorre a posse de Arthur Costa e Silva, substituindo Castelo Branco. Contraditoriamente, Costa e Silva, no início de seu mandato, propõe a abertura de diálogo com setores sociais insatisfeitos, incluindo a possibilidade de que os militares, tendo cumprido a intervenção cirúrgica, devolveriam o poder aos civis.

A relativa abertura faz irromper descontentamentos vários. Um dos exemplos foi a constituição, por Juscelino Kubitschek, João Goulart e o até então inimigo político, Carlos Lacerda, de uma Frente Ampla civil, tendo em vista recuperar o poder da mão dos militares.

Com relação aos estudantes, 1967 não foi de grandes mobilizações estudantis nas ruas. Contudo, não foram inexistentes. Ao contrário das ocorridas no ano anterior, centradas na repressão da ditadura, buscava-se chamar atenção para os problemas específicos das universidades. Em específico para a questão das anuidades, da estrutura física e/ou da política educacional do governo (PEG), fundamentalmente, os acordos MEC-USAID. Além disso, outro fator de insatisfação dos estudantes foi o Decreto-Lei nº 228, de fevereiro de 1967. Conhecido como Decreto Aragão, em referência ao então ministro da educação, Raimundo Aragão, era uma atualização de alguns dispositivos da lei Suplicy. Na prática, tornava ainda mais rígido o controle das entidades estudantis, além da possibilidade de suspender ou dissolver entidades que realizassem protestos.

Assim, Costa e Silva, diante das primeiras manifestações de 1967, deixaria o diálogo de lado. Em um início de mandato que demonstrava as fissuras entre os setores militares que disputavam a condução da ditadura[472], ora defendendo a devolução do poder aos civis, ora reforçando que o poder devesse ser mantido a mão de ferro, Costa e Silva alternaria propostas de diálogo e repressão com o movimento estudantil no biênio 1967-1968.

---

[471] MARTINS FILHO, 1987, p. 118.

[472] Carlos Fico aponta para isso ao demonstrar, inclusive, as distinções no seio dos grupos que ficaram conhecidos como "linha dura" e "moderados", utilizados, genericamente, para descrever as duas grandes tendências entre os militares com relação ao endurecimento ou afrouxamento das medidas repressivas ao longo da ditadura: "Não se pode falar do papel dos militares genericamente, pois existiam diferenças significativas entre os que apoiavam e/ou integravam o sistema de informações e de segurança, que sempre queriam mais punições e vida longa para a ditadura, e os demais. É preciso notar, para além da já consolidada percepção da diferença entre 'moderados' e 'duros', que havia matizes internos a essas correntes, sendo de algum modo restritivo pensar-se apenas nos dois grupos." Para maiores detalhes, cf. FICO, 2001, p. 23.

E nesse contexto, a movimentação dos estudantes, à esquerda, continuava.

Na economia, no dia 31 de agosto, início do segundo semestre, aconteceu a eleição para o diretório acadêmico. A chapa de Vera, *Organização e luta*, divulgou seu documento-programa no início do mês, através do jornal *Contacto.* O é bastante sintomático da perspectiva do grupo, como também da visão a respeito das universidades, de sua estrutura e da relação entre elas e o poder da ditadura.

Iniciando o texto pela discussão a respeito do que significam entidades representativas, Vera e os companheiros de chapa realçavam a visão marxista de que a sociedade é "fragmentada em camadas sociais, classes."[473] Além disso, que os "interesses dessas classes nem sempre coincidem. Ao contrário, na maioria dos casos são conflitantes e antagônicos."[474]

Na luta de classes, portanto, as entidades representativas buscam representar os interessas das classes que representam. Contudo, nesse embate de representações "nem sempre tudo é resolvido pacificamente. Ninguém abre mão de interesses essenciais. Inexistindo acordo, prevalecerá a força, a superposição violenta de um interesse sobre os outros."[475]

Dentro desse contexto, de opressão de uma classe sobre a outra, o documento desenvolve sua perspectiva a respeito de um diretório acadêmico como entidade representativa dos estudantes. Como os estudantes, segundo o documento, inserem-se na classe média. Seus interesses são, portanto, parte dos interesses da classe média. A repressão da ditadura aos estudantes, e a ilegalidade da UME e da UNE, diziam respeito aos interesses antagônicos entre as "classes que detém o poder e os interesses da classe média." A classe média é "oprimida, econômica e politicamente" por um processo crescente de "monopolização da economia, que fecha os caminhos da ascensão social e a marginaliza do controle da produção." Assim, o "atual governo, imposto pela força, não é representativo dos interesses da população brasileira; o golpe militar de abril de 1964 possibilitou a continuidade da exploração que tais minorias impõem ao nosso povo."[476]

Diante dessa leitura, o documento continua: "Qual seria o papel das entidades representativas? Vergar-se às imposições? Aceitar suas extinções [das entidades estudantis pela Lei Suplicy], apenas por que num decreto foram ordenados? Ou seria seu papel resistir?"[477] A resposta estava subentendida. Os interesses dos estudantes estavam "distantes dos atuais

---

[473] CONTACTO*,* Ano I, n. 6, p. 4. *In*: BRASIL. Superior Tribunal Militar, Apelação nº 39.662-1974, Apenso 4, p. 376 (número do arquivo digital). Acervo digitalizado e enviado após consulta no https://www.stm.jus.br/. Há cópia no acervo Brasil: Nunca Mais. Para maiores detalhes, cf. BNM 580.
[474] Ibid.
[475] Ibid.
[476] Ibid.
[477] Ibid.

detentores do poder"[478] e "transcendem o âmbito da faculdade."[479] Assim, prognosticava o fim da ditadura: "Não se pode impor por muito tempo um governo que não represente os interesses de todo o povo, mais cedo ou mais tarde será derrubado."[480]

Criticando as anuidades, entendidas como "primeiro passo para a privatização"[481], posicionavam-se, também, contra um dos principais objetivos propostos pelos acordos MEC-USAID: a transformação das universidades em fundações.

Sobre os acordos, representativos da reforma universitária proposta pela ditadura, o documento era claro ao vinculá-lo aos interesses do imperialismo norte-americano: "Os monopólios, em sua maioria norte-americanos, não intentam desenvolver nosso país. Nossa tecnologia, segundo os seus desejos, continuará a ser importada, pois esse é um dos meios de nos manter sob sua dependência."[482]

Passando às críticas ao atual diretório, o documento apontava "sua inércia no sentido de apoiar qualquer luta dos estudantes na FCE e sua presteza na negação da validade de qualquer luta que o movimento estudantil trave."[483] Em síntese, apontavam que a entidade representativa dos estudantes não estava, efetivamente, representando-os.

Por fim, deslindavam-se as propostas. De início, a respeito da realidade específica da faculdade. "Em nossa faculdade predomina uma concepção acadêmica, teórica ao extremo, em que as matérias estão rigidamente dispostas num currículo mal distribuído e ministrado por professores de nível baixíssimo."[484] Propunha-se, portanto, a substituição desses professores, especialmente os de Estatística, sem especificar nominalmente.[485]

Para além, propunham a discussão de uma reforma curricular, "não elaborada em cúpulas, mas discutida por todos os colegas em forma de seminário"[486]. Careciam, especialmente, de uma disciplina sobre economia brasileira, entendida como necessária por ser "ponto de partida para a compreensão de nossos problemas."[487]

Especificamente sobre o Centro de Estudos e Pesquisas Econômicas (CEPE), tinha por objetivo disponibilizar cursos extracurriculares técnicos, que geravam pouco interesse[488], caberia ampliar "seu conteúdo para uma esfera de cursos mais gerais, que permitam uma visão

[478] Ibid., p. 5
[479] Ibid., p. 4.
[480] Ibid.
[481] Ibid., p. 5.
[482] Ibid.
[483] Ibid., p. 4
[484] Ibid.
[485] Ibid.
[486] Ibid., p. 5
[487] Ibid., p. 4.
[488] Ibid.

global do desenvolvimento econômico, da evolução da economia brasileira, da situação da economia internacional etc."[489] Caso fossem eleitos, o centro ficaria sob responsabilidade de Vera.

Além disso, buscavam revitalizar espaços da faculdade, transformando-a, também, em "centro social."[490] Propunham a abertura do Teatro de Arena para atividades culturais, além do incentivo a conferências, exibição de filmes e peças de teatro no espaço da faculdade. Na esteira, lutavam pela disponibilidade do curso de economia noturno, tendo em vista possibilitar a conciliação entre trabalho e universidade.

Por fim, realçando a importância da vinculação das lutas específicas da faculdade às entidades estaduais e nacional dos estudantes, aponta para a luta de revogação dos acordos MEC-USAID, como também pela liberdade de organização dos estudantes.

Finalizando a carta programática, fica clara a vinculação da mobilização dos estudantes à perspectiva revolucionária dos grupos de esquerda: "Ao lutarmos por uma universidade gratuita, aberta ao povo, estamos lutando contra as bases sociais dos monopólios."[491] Os estudantes, neste sentido, deveriam se "unir a outros setores oprimidos, dizendo, onde for necessário, que resistimos e que aguardamos a resistência geral."[492]

No contexto internacional, alinhavam-se às lutas de libertação nacional, que seriam vitoriosas, apenas, como "uma solidariedade participante e mundial", a qual os estudantes brasileiros deveriam contribuir.[493]

A eleição foi difícil, sobretudo pela violência com a qual os grupos direitistas conduziram o processo.[494] Contudo, com este programa, a chapa *Organização e luta* saiu vitoriosa. Era a primeira vez, desde 1964, que o Diretório Acadêmico estava em poder de estudantes vinculados às organizações de esquerda na faculdade. Ingressantes, Vera, José Roberto e Franklin, todos, àquela altura, vinculados à Dissidência, passavam a compor a gestão do diretório.

Referendado pelos estudantes, o programa da chapa, ora apresentando propostas mais gerais, ora apresentando propostas específicas, demonstrava o cerne da disputa pelo controle das entidades estudantis do Estado da Guanabara entre as duas principais organizações de esquerda naquele contexto: a Dissidência e a Ação Popular no biênio 1967-1968.

---

[489] Ibid., p. 5
[490] Ibid., p. 6.
[491] Ibid., p. 5
[492] Ibid.
[493] Ibid.
[494] MARTINS, Franklin. Entrevista concedida ao Projeto *Memórias Estudantis.* Núcleo de História Oral e Memória (Tempo/UFRJ), p. 14.

AP desenvolvia uma estratégia de ação, nas diversas entidades que controlava e, principalmente na UNE, fortemente radicalizada, a partir da construção do Movimento Contra a Ditadura (MCD). Segundo João Roberto Martins Filho, essa estratégia, que se delineia em fins de 1966 e iria ser mantida até 1968, atribui ao movimento estudantil as:

> [...] tarefas de denúncia da ditadura militar e, simultaneamente, das forças do imperialismo que a sustentavam. Para atingir esse fim, as lutas universitárias deveriam centrar-se nas grandes manifestações públicas, que marcariam sua presença na sociedade, procurando atrair, ao mesmo tempo, a ação das forças repressivas do Estado. [...] o que deveria propiciar o surgimento de uma consciência antiditatorial no seio das grandes massas. [495]

Em síntese, a proposta da AP para o movimento estudantil era, a exemplo da proposta de vinculação da reforma universitária às reformas de base no governo João Goulart, vincular sua ação política a questões mais gerais, contextos mais amplos e, consequentemente, relegar para segundo plano as reivindicações mais específicas dos estudantes.

Justamente em contrário é que se construía a tática política da Dissidência. O foco principal deveria ser as reivindicações específicas dos estudantes, o que ficou conhecido como *luta específica*. Através, principalmente, da UME, a proposta de luta específica em oposição às lutas gerais desenvolvidas pela AP, impulsionou, sobremaneira, o crescimento da DI-GB e, consequentemente, seu prestígio político e vanguarda no seio do movimento estudantil. Sobre este processo, vale o relato de Vladimir Palmeira, principal liderança da Dissidência no movimento estudantil:

> A partir de 1966 [...] mudou nossa concepção de entidades estudantis e movimento estudantil. A aproximação com as massas é maior porque ela não era somente política, ela era reivindicatória. [...]. Nós tratamos o movimento estudantil como um objetivo em si. Ele passa a ser um objetivo permanente com respeito àquele setor.[496]

No entanto, para além da retórica de fortalecimento das lutas específicas, os dissidentes tinham de preparar uma prática política que se adequasse à nova tática de atuação. A economia, nesse contexto, apresentava-se como um bom exemplo. Ao contrário do estudante que se envolve apenas nas atividades políticas, definiu-se que, para entender as demandas estudantis, os dirigentes tinham de estar onde elas apareciam, ou seja, nas salas de aula. Neste sentido é que Daniel Aarão Reis explica a mudança de comportamento dos militantes: "[...] qual foi a diretiva que a gente deu na base? Todo mundo tem que assistir aula. Todo mundo tem que ir

[495] MARTINS FILHO, 1987, p. 173.
[496] PALMEIRA, Vladimir. Entrevista concedida ao Projeto *Memórias estudantis. In*: Núcleo de História Oral e Memória (Tempo/UFRJ), p. 20-21.

para as turmas constituir grupos de estudo. Os nossos militantes têm que ser bons estudantes."[497]

Partindo deste princípio, os programas políticos das entidades estudantis controlados pela DI-GB não eram mais formulados a partir de pautas gerais e abstratas. Com a proximidade dos estudantes, nas salas de aula e nos grupos de estudo, tiravam-se assembleias. Assim, os programas das entidades eram construídos pela base, independente dos matizes políticos que aglomerariam, pois, como salientou Vladimir Palmeira:

> Antigamente, as entidades estudantis eram consideradas entidades de esquerda. Nós implementamos no Rio uma nova mentalidade, a de que as entidades deveriam ser dos estudantes. [...]. Então, nós tínhamos estudantes de direita participando da UEE [UME].[498]

Vale ressaltar que, como apontava o programa da chapa de Vera, essa estratégia de atuação não deixou de compreender e, inclusive, denunciar as situações da macro política. Sensível à conjuntura, em alguns contextos a Dissidência realizava a vinculação das pautas estudantis às denúncias em relação à ditadura e/ou ao imperialismo norte-americano.

Boa parte das campanhas da UME neste período remontam às lutas específicas. Ainda na gestão de Daniel Aarão Reis, desenvolveu uma campanha bem-sucedida para salvar o restaurante Calabouço, restaurante universitário para estudantes de baixa renda, que seria destruído para construção de um trevo rodoviário.

À campanha pela manutenção do restaurante Calabouço se integravam outras frentes de luta, como a luta pelas vagas dos excedentes, através do Movimento dos Vestibulandos, a pressão por mais verbas e, também, a oposição aos acordos MEC-USAID.

Firmemente baseada nessas pautas, a UME evoluiu substancialmente na relação com os diretórios. Conseguia, naquele ano, agrupar, sob sua liderança, diversas novas entidades. Em termos numéricos, a diferença era enorme. No fim da gestão de Daniel Aarão Reis, existiam 23 diretórios universitários vinculados à UME. Em 1968, no fim da gestão de Vladimir Palmeira, já eram 70.[499] Neste período, a Dissidência controlava diversos centros acadêmicos, em todos os cantos do Estado da Guanabara: no Centro, na Praia Vermelha e na Ilha do Fundão.

Assim, controlando boa parte dos diretórios acadêmicos do Estado da Guanabara, além de compor, como era o caso da Economia, com outras organizações de esquerda o comando de

---

[497] AARÃO REIS, Daniel. Entrevista concedida ao Projeto Memórias estudantis. *In*: *Núcleo de História Oral e Memória (Tempo/UFRJ)*, p. 19.
[498] PALMEIRA, Vladimir. Entrevista concedida ao Projeto Memórias estudantis.: *Núcleo de História Oral e Memória (Tempo/UFRJ)*, p. 20.
[499] PALMEIRA, Vladimir. Entrevista concedida ao Projeto Memórias estudantis. *In*: *Núcleo de História Oral e Memória (Tempo/UFRJ)*, p. 15.

outros diretórios, a Dissidência reafirmava sua hegemonia sobre a UME em 1967, com a eleição de Vladimir Palmeira para a presidência e Franklin Martins para vice. Elegia, também, para o Diretório Central dos Estudantes da UFRJ, Carlos Muniz, liderança da faculdade de Engenharia. Domínio que seria mantido em 1968, com a eleição de Franklin Martins e Marcos Medeiros para o DCE e Muniz para a UME.

A reorganização das entidades estudantis, além da hegemonia das organizações de esquerda, indicava postura cada vez mais combativa dos estudantes. A conjuntura do "ano que não terminou" elevaria o combate ao paroxismo. Enxergando-se como "vanguarda provisória", os estudantes, capitaneados pelas esquerdas, tentariam realizar uma síntese entre as lutas estudantis e a revolução brasileira. Síntese sem a qual não se compreende o ano de 1968. E nessa vanguarda, a Dissidência teria um papel fundamental. E, Vera, dos bastidores, exerceria função primordial.

CAPÍTULO 4 – O ANO CURTO DE TODOS OS DESEJOS[500]

"Era argola, ferro, chibata e pau
Era a morte, o medo, o rancor e o mal
Era a lei da Coroa Imperial
Calmaria negra de pantanal
Mas o tempo muda e do temporal
Surge o vento bravo, o vento bravo

Como um sangue novo
Como um grito no ar
Correnteza de rio
Que não vai se acalmar" (Edu Lobo)

4.1 Centro da Tormenta

Apesar da liderança e protagonismo nas principais entidades estudantis na Guanabara, incluindo a vitória na Economia, a DI-GB, em meados de 1967, sofreria com cisões, à esquerda e à direita. Cisões que espelhavam, grosso modo, as posições e decantações da miríade de organizações de esquerda que surgia nesse contexto. Para isso, muito impactou a chegada de um livro, escrito pelo filósofo francês Régis Debray[501], que buscava sistematizar as experiências processo revolucionário cubano em uma leitura particular. Seu nome, *Revolução na revolução?,* era o prenúncio da resposta. Os guerrilheiros cubanos haviam encontrado um conjunto de táticas e estratégias necessárias para o desenvolvimento de qualquer processo revolucionário que se desenrolasse na América Latina.

Em verdade, as considerações de Che Guevara em *A guerra de guerrilhas*, escrito em 1960, já apontavam para a especificidade da revolução em Cuba. Através dela, segundo o guerrilheiro argentino, desvelaram-se três contribuições fundamentais para que um povo latino-americano pudesse "libertar-se de um governo que o oprime"[502]:

> 1) As forças populares podem ganhar uma guerra contra o exército. 2) Nem sempre há que se esperar que se deem todas as condições para a revolução; o foco insurrecional pode criá-las. 3) Na América subdesenvolvida, o terreno da luta armada deve ser, fundamentalmente, o campo.[503]

---

[500] Título inspirado no artigo de Daniel Aarão Reis sobre o ano de 1968. REIS FILHO, D. A. 1968: o curto ano de todos os desejos. *Tempo Social*, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 25-35, 1998. DOI: 10.1590/ts.v10i2.86770. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/86770. Acesso em: 19 jul. 2022.

[501] Debrucei-me, de forma mais intensa, a respeito da produção teórica de Debray em outro momento. Para maiores informações, cf. CODARIN, Higor. Um intelectual anti-intelectualista: Régis Debray e a revolução cubana. *Izquierdas*, Santiago, n. 49, p. 3799-3816, maio 2020. ISSN 0718-5049. Disponível em: http://www.izquierdas.cl/images/pdf/2020/n49/art180_3799_3816.pdf. Acesso em: 21 jul. 2022.
(1964-1967)

[502] GUEVARA,1987, p. 13

[503] Ibid.

Na visão de Che, o foco insurrecional, ou guerrilheiro, de atuação no campo, tinha a função de acelerar as condições objetivas e subjetivas, conforme os jargões comunistas, necessárias para a realização da revolução. Assim, a experiência cubana revelava as lições necessárias para "el desarrollo de la lucha revolucionaria en América, y pueden aplicarse a cualquiera de los países de nuestro continente en los cuales se vaya a desarrollar una guerra de guerrillas."[504]

Apesar da convergência com Che na visão geral a respeito da importância do foco guerrilheiro para as revoluções em *Nuestra America,* Debray distancia-se do guerrilheiro argentino em outros aspectos essenciais. Amparado pelo governo cubano, que financiou duzentas mil cópias de seu ensaio[505], o filósofo francês realizou uma releitura do processo revolucionário cubano, superestimando as características militares e subestimando o apoio das massas e das cidades ao processo revolucionário. Na ótica de Debray, a revolução dependia, exclusivamente, do foco guerrilheiro:

> É preciso ir do menor ao maior. [...]. O menor é o foco guerrilheiro, núcleo do exército popular, e não é uma frente que cria esse núcleo, mas o núcleo ao desenvolver-se que permitirá criar uma frente nacional revolucionária. [...] É o motorzinho que coloca em marcha o 'grande motor', as massas, e precipita a formação de uma frente na ascensão das vitórias obtidas pelo motorzinho.[506]

Neste sentido, a primazia estava na ação. Ação como sinônimo de ação armada, violenta, guerrilheira. Especialmente no campo. Sedimentava-se a visão de que a revolução, como dizia Fidel Castro, havia começado do zero, de um punhado de homens, armados, nas montanhas cubanas.[507]

O foquismo, portanto, de modo geral, legitimava a predominância do fator militar sobre o fator político. Em outras palavras, priorizava o foco guerrilheiro em detrimento do partido político de vanguarda, aos moldes clássicos do comunismo desde as teorias de Lenin.

Apesar de Che apontar no mesmo sentido, ao dizer que "nadie puede solicitar el cargo de partido de vanguardia como un diploma oficial dado por la universidad"[508], acusando o imobilismo dos "pseudorrevolucionários", em uma crítica aos partidos comunistas tradicionais, Debray aprofundava a crítica. Citando Fidel, inicia sua argumentação: "Quem fará a Revolução

---

[504] GUEVARA, 1968, p. 552.
[505] QUARTIM DE MORAES, João. Che Guevara: o anti-imperialismo em atos. *Crítica Marxista,* São Paulo, Xamã, v. 1, n. 5, p. 137-138, 1997. Disponível em: http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/dossie17Dossie.pdf. Acesso em: 15 abr. 2021.
[506] DEBRAY, s/d, p. 58.
[507] Para essa afirmação, cf. GORENDER, 2014, p. 91 e RAMONET, Ignacio. *Fidel Castro*: biografia a duas vozes. São Paulo: Boitempo, 2016. p. 114.
[508] GUEVARA, 1968, p. 91.

na América Latina? Quem? O povo, os revolucionários, com Partido ou sem Partido."[509] E explica:

> Fidel diz apenas que não há revolução sem vanguarda, e que essa vanguarda não é, necessariamente, o Partido marxista-leninista e que, os que realmente desejam fazer a revolução tem o direito e o dever de constituírem-se em vanguarda, independente de tais partidos.[510]

A incapacidade do partido em ser a vanguarda, segundo Debray, decorria de dois aspectos. Primeiro, ao burocratismo da estrutura partidária, que produzia uma pletora "de comissões, secretariados, congressos, conferências, plenos, reuniões e assembleias"[511], geradoras de imobilismos. Além disso, criticava-se seu papel enquanto detentor e formulador teórico, visto que, uma "perfeita educação marxista não é, inicialmente, condição imperativa."[512] Em uma perspectiva antiteoricista, negando a prática intelectual e o trabalho teórico, postulava que os "melhores mestres do marxismo-leninismo são os inimigos enfrentados."[513]

Assim, defendendo que os cubanos haviam, efetivamente, produzido uma revolução no modo de fazer revolução, Debray, cujo texto foi publicado em janeiro de 1967 na revista *Casa de las Americas,* caiu como uma bomba nas organizações de esquerda brasileiras. Não era para menos. As críticas ao partido eram as mesmas de grande parte das organizações que surgiram em contraposição ao PCB ainda antes do golpe e, especialmente, das organizações que rachavam com o partido após o golpe. Mais. O imperativo da ação, muito evidenciado por Debray, soava como uma validação aos grupos que buscavam, em oposição ao fracasso retumbante da experiência pré-golpe, transformar a esquerda brasileira em uma perspectiva, efetivamente, revolucionária.

Deve-se ressaltar que o imperativo da ação era algo próprio da revolução cubana. Logo após a revolução, sua postura ofensiva, intransigente, mobilizava parte das esquerdas brasileiras. E Cuba, em uma perspectiva de internacionalizar a revolução, alimentava sua condição de polo revolucionário, desenvolvendo treinamentos guerrilheiros na ilha e auxiliando financeiramente movimentos que buscassem colocar em prática suas resoluções.

O primeiro exemplo disso foi o contato dos cubanos com as Ligas Camponesas, ainda em 1962, possibilitando treinamento guerrilheiro aos militantes e estreitando contatos com Francisco Julião. Além dele, em fins de 1966, desenvolveu-se, na região limítrofe entre Minas

---

[509] DEBRAY, s/d, p. 68.
[510] Ibid., p. 68-69.
[511] Ibid., p. 72
[512] Ibid.
[513] Ibid., p. 81.

Gerais e Espírito Santo, na serra do Caparaó, a primeira tentativa de guerrilha rural. Militares brizolistas de baixa patente, cassados pelo golpe, buscaram, através da criação Movimento Nacionalista Revolucionário, desenvolver o primeiro foco guerrilheiro no Brasil, a partir da intermediação de Brizola com os cubanos.[514] Foram denunciados antes de iniciarem trabalho político na região. Nesta perspectiva, o livro de Debray, amplamente financiado pelos cubanos, era mais um esforço dos cubanos nessa direção.

Vera e os dissidentes leram com afinco a obra de Debray. Suas teses apareciam para lançar novas questões aos debates que a Dissidência vinha fazendo desde fevereiro de 1967, em ocasião da convocação do Ativo Resolutivo Permanente (ARP), que teve por objetivo reunir as bases estudantis de modo a discutir os caminhos a seguir. Nesses debates, os quais Vera participou com atenção, pairavam dúvidas sobre qual caminho seguir, mas a luta armada aparecia como horizonte mais provável, como lembrou Vera anos depois:

> Havia uma definição favorável [à luta armada], principalmente em contrapartida à posição do PC. Nós estávamos saindo do PCB, daquela linha pacifista. Então, como resposta ao pacifismo do PCB nós tínhamos uma posição sobre a luta armada. Mas não tínhamos uma tática de luta armada, não propúnhamos uma ação armada imediatamente.[515]

A chegada do texto de Debray, portanto, aguçou-os. A partir dele e diante das perspectivas políticas das demais organizações que iam, também, se decantando e ficando mais claras, formaram-se três grupos dentro da Dissidência. Havia os defensores da implantação imediata do foco guerrilheiro, como rezava a cartilha de Debray, posicionando-se à esquerda; à direita, havia os que defendiam a refundação de um partido revolucionário de novo tipo, em contraposição ao PCB; e, por fim, no centro, atraídos por aspectos das duas vertentes, estava uma parcela dos dissidentes vinculados às lideranças estudantis.

Das discussões formaram-se os grupos. De sua constituição, iniciou-se uma luta interna. Luta interna que culminaria em cisão. O primeiro grupo, mais à esquerda, fundou uma nova organização: a Dissidência da Dissidência da Guanabara (DDD). Os integrantes do segundo, em sua maioria vinculados à FNFi e à faculdade de economia, vincularam-se à Corrente, especialmente ao grupo que estava em vias de formar uma nova organização, o Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR). O terceiro grupo, no qual se encontrava Vera, mantinha-se como DI-GB. Apesar da perspectiva inicial de integração a uma organização maior, restaria "ao sol e ao sereno do isolamento."

---

[514] Para maiores detalhes da relação dos cubanos com as Ligas Camponesas e o MNR, cf. ROLLEMBERG, Denise. *O apoio de Cuba à luta armada no Brasil*: o treinamento guerrilheiro. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

[515] MAGALHÃES, Vera Silvia. Entrevista concedida a Marcelo Ridenti. *In*: Arquivo Edgar Leuenroth (AEL/Unicamp), Fundo *Militância Política e luta armada no Brasil*, fita 1, lado a (Arquivo Digital: 139a).

Assim, neste processo, que durou todo o ano de 1967, a dissidência perdeu algumas de suas bases estudantis e diminuiu outras, como foi o caso da economia. Contudo, conforme aponta Daniel Aarão Reis, o processo trouxe significativo crescimento político:

> [...] há uma discussão intensa [no processo de luta interna]. Foco? Corrente? Luta de massas? Luta armada? Como combinar? Dentro dos limites da época crescemos muito politicamente. Liámos muito a literatura da época, como éramos estudantes tínhamos tempo integral para estudar. Então, foi um processo de uma riqueza muito grande.[516]

Debilitada, mas consistente politicamente, a Dissidência fez, em dezembro, uma nova conferência. Delimitava-se, pela primeira vez, uma linha política. Deste texto, sublinham-se dois aspectos. Por um lado, a não adesão completa às teses de Debray. Em específico, a recusa em abandonar, por completo, a estrutura partidária, embora concordasse com o filósofo francês a respeito das práticas partidárias geradoras de imobilismo:

> A revolução não será ganha sem o partido, mas o partido não se formará e muito menos se fortalecerá, fora do conjunto de lutas com expressão social.[...] *É impossível criar o partido revolucionário em torno de uma mesa, em cima de um organograma, sem que esteja ligado às massas revolucionárias.* [517]

Por outro, a concordância de que a luta armada era o caminho inexorável da revolução brasileira. Apesar de uma visão pouco nítida, documento reconhece a luta armada "como centro de nossas preocupações, como aspecto fundamental de nossa prática, como caminho fundamental para o êxito da revolução."[518] Contudo, ao contrário do foco guerrilheiro imediato, como propunha Debray, "é necessário que se entenda a luta armada como uma luta de massas, do povo."[519] Assim, promovendo uma análise que demonstrava a interdependência entre luta armada e luta de massas, dizia o documento: "Sem o processo armado, a revolução socialista jamais será vitoriosa; sem que este processo tenha caráter de massas, jamais ele poderá ser consequente. A revolução socialista é uma revolução de massas, que a vanguarda dirige."[520]

Neste sentido, portanto, a tarefa fundamental, àquela altura, era estimular a movimentação das massas, a partir de "um trabalho de massas, de agitação e propaganda, de abertura de contatos, de formação e preparação das bases para o desencadeamento de um movimento de massas mais consequente."[521]

---

[516]AARÃO REIS FILHO, Daniel. Entrevista concedida a Marcelo Ridenti. *In*: Arquivo Edgar Leuenroth (AEL/Unicamp), Fundo *Militância Política e luta armada no Brasil,* fita 1, lado b (Arquivo Digital: 110b).
[517]DISSIDÊNCIA UNIVERSITÁRIA DA GUANABARA (DI-GB). *Resoluções da conferência.* 1967. mimeo. Acervo pessoal Daniel Aarão Reis, p. 4.
[518] Ibid., p. 1
[519] Ibid.
[520] Ibid., p. 2
[521] Ibid.

Por fim, reafirmando a centralidade da luta armada, o documento aponta que o trabalho de agitação e propaganda deve "ter como centro a colocação da transformação do poder através da luta armada, aspecto fundamental da prática revolucionária."[522]

Como se pode perceber, a negação parcial de Debray não era, no entanto, a negação da violência. Ao contrário, a violência era atmosférica.[523] A contraposição à coexistência pacífica da URSS e do PCB, não partia, apenas, das referências maoístas e do foquismo cubano. Outros ventos internacionais também sopravam. E sopravam com força no ano de 1968. Apesar de teoricamente menos importantes, acrescentavam, como processos históricos, certezas nas cabeças das esquerdas brasileiras. Em especial, a certeza de que o mundo caminhava para o socialismo e que, as revoluções, parteiras da História, como diria Marx, seriam violentas ou não seriam.

A independência da Argélia em 1962, até então dominada pela França, após uma guerra civil de 8 anos, demonstrava a possibilidade de libertação diante de forças imperialistas, aparentemente mais poderosas. As táticas de luta, que envolviam técnicas de guerrilha urbana e rural, apontavam, também, para a legitimidade da violência e da luta armada do colonizado contra o colonizador, que culminavam na direção do socialismo.

Da experiência de luta argelina, a teorização sobre a legitimidade – e necessidade – da violência chegava ao Brasil, em formato de livro, justamente em 1968. *Os condenados da terra*, do martinicano Frantz Fanon, escrito em 1961, mas somente publicado no Brasil sete anos depois, teve grande impacto e apontava para a humanização do colonizado a partir da violência contra o colonizador:

> Para o colonizado, a vida só pode surgir do cadáver em decomposição do colono. [...] para o povo colonizado, essa violência, porque constitui seu único trabalho, reveste caracteres positivos, formadores. Essa práxis violenta é totalizante, visto que cada um se transforma em elo violento da grande cadeia, do grande organismo surgido como reação à violência primordial do colonialista. [...]. A luta armada mobiliza o povo, isto é, lança-o numa única direção, num sentido único.[524]

À Argélia se somava a guerra do Vietnã. Independente da França desde 1954, após a guerra da Indochina, o Vietnã foi dividido entre Vietnã do Norte, governado pelo comunista Ho Chi Minh e Vietnã do Sul, governado por Ngo Diem Dinh e apoiado pelos Estados Unidos. A reunificação do país, marcada pelas eleições de 1955, não foi aceita pelo governo de Diem. Com isso, iniciou-se o conflito. Os Estados Unidos, interessados em impedir o avanço

---

[522] Ibid.
[523] A expressão é de Frantz Fanon. Para maiores detalhes, cf. FANON, Frantz. *Os condenados da terra.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. p. 53.
[524] Ibid., p. 73.

comunista, passaram a fornecer armamento e treinamento ao governo ditatorial do sul. Com os sucessivos avanços dos guerrilheiros comunistas no sul do Vietnã, os EUA, em meados de 1960, enviaram tropas militares para controlar o conflito e manter a dominância do governo do Sul.

Contudo, apesar da ofensiva militar despendida, as derrotas se acumulavam. A maior, justamente no início do ano de 1968. No dia 30 de janeiro, ano novo lunar para os vietnamitas, os guerrilheiros, liderados pelo general Vo Nguyen Giap, desfecharam um ataque, em três fases, contra as forças militares norte-americanas e sul-vietnamitas. Adotando táticas de guerrilha, que surpreendiam os oponentes, "mais de 50 mil guerrilheiros brotavam da terra para atacar capitais provinciais, tomar cidades importantes [...], investir contra a própria capital do país, Saigon, tomando – por seis horas – a embaixada dos Estados Unidos."[525]

A ofensiva do Tet, como ficou conhecida, seria decisiva para o andamento da guerra. Com ampla cobertura midiática, a guerra do Vietnã era acompanhada de perto, sobretudo pelos jovens de esquerda como Vera. No mundo, e especificamente nos Estados Unidos, criava-se um sentimento de revolta pela intervenção norte-americana. A resistência dos vietnamitas era justa. E, a partir da ofensiva, demonstrava que poderia ser vitoriosa. Ampliava-se a visão de que a vontade revolucionária era o fator principal para a transformação revolucionária. A comoção geral, pós-ofensiva do Tet, pode ser representava pela frase de Ho Chi Minh:

> O patriotismo e o heroísmo do povo vietnamita nos permitem ter uma firme confiança na vitória final. O futuro do povo vietnamita é brilhante, assim como o sol na primavera. [...] Nós triunfamos no presente momento e nós triunfaremos no futuro, porque o nosso caminho é iluminado pela grande doutrina marxista-leninista.[526]

Lutas de libertação nacional na Argélia e no Vietnã, revoluções comunistas na China e em Cuba. Guerrilhas que pululavam na América, na África e na Ásia. De coadjuvantes, os habitantes dos países periféricos se alçavam a protagonistas. Mais. Organizavam-se. A conferência de Bandung, como ficou conhecida a reunião de representantes de países africanos e asiático, realizada na Indonésia, em 1955, buscando alternativas anti-imperialistas e anticolonialistas para as regiões do Sul, foi o impulso inicial. Com a Cuba revolucionária, integravam-se as Américas.

Em janeiro de 1966, em Havana, realizou-se a conferência Tricontinental, na qual se criou a Organização de Solidariedade entre os povos da Ásia, África e América Latina (OSPAAL). Sob o impacto desses esforços conjuntos, Che Guevara, na *Mensagem aos povos*

---

[525] AARÃO REIS, 2008, p. 41.
[526] HO CHI MINH *apud* GIAP, Vo Nguyen *Armamento das Massas Revolucionárias, Edificação do Exército do Povo.* 2. ed. São Paulo: Nova cultura, 2018. p. 10.

do mundo através da Tricontinental, lançava a palavra de ordem que ganharia os rincões do mundo, criar "dois, três, muitos Vietnãs."[527]

Ao fim da Tricontinental, Salvador Allende, então senador chileno, costurou com as comitivas latino-americanas a fundação da Organização Latino-Americana de Solidariedade. OLAS era sua sigla. Nada mais sugestivo. O movimento era, efetivamente, uma onda.

A revolução cubana tinha aberto uma nova época para a América Latina. Para além de *événements* que a caracterizam, uma época, conforme definição de Claudia Gilman, configura-se como "campo de possibilidade de existência de um sistema de crenças, de circulação de discursos e intervenções."[528]

Inspirando-se, entre outros textos, na contribuição de Gilman, Aldo Marchesi, utilizando-se do conceito de cultura política, aprofundou o argumento de Gilman ao apontar que, apesar de restrito a setores específicos das sociedades latino-americanas, especialmente jovens e intelectualizados, construiu-se, nessa época, uma "cultura política transnacional de cunho revolucionário."[529]

Assim, partilhava-se da perspectiva de que uma transformação radical, em diversos âmbitos, era iminente na América Latina. Não apenas iminente, mas estava ao alcance das mãos e seria mediada, fundamentalmente, pela ação política. Ação política como ação revolucionária. *Revolução* como palavra-chave para compreensão do período, em seus mais distintos significados.

Em seu sentido político, tornava-se, na ampla maioria dos casos, sinônimo de luta armada. Transformar a Cordilheira dos Andes na *Sierra Maestra* da América Latina, como dizia Fidel Castro, dava o tom do imaginário da época. A partir da chegada dos guerrilheiros cubanos a Havana, reconfigurava a ideia de *Nuestra America,* produzindo uma concepção específica de latino americanismo. Ideia fortemente ancorada em condições sócio-históricas comuns – que suplantavam as idiossincrasias nacionais – buscando a unidade em direção à emancipação do continente e, especialmente, rumo ao socialismo.

Assim, ao contrário de meros coadjuvantes, a América Latina e, de modo geral, todo o terceiro mundo, estavam, como dizia Fanon, no "centro da tormenta."[530]

---

[527] GUEVARA, Ernesto. Mensaje a los pueblos del mundo a través de la Tricontinental. (1967). *In*: GUEVARA, 2004, p. 425.
[528] GILMAN, Claudia. *Entre la pluma y el fusil. Debates y dilemas del escritor revolucionario en América Latina.* Buenos Aires: Siglo XXI, 2003. p. 17.
[529] MARCHESI, Aldo. *Hacer la revolución.* Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Siglo XXI, 2019. p. 17. (livro digital) ISBN 978-987-629-903-9.
[530] FANON, 1968, p. 59.

Vera e os dissidentes sentiam-se, efetivamente, no centro da tormenta. Sentiam, sobretudo, o eco da palavra de ordem da primeira reunião da OLAS, realizada em julho de 1967 na capital cubana, novo polo revolucionário do mundo: o dever de todo revolucionário é fazer a revolução. Eram os novos protagonistas, como apontava o europeu Sartre no histórico prefácio ao livro de Fanon: "Éramos os sujeitos da história e atualmente somos os objetos. Inverteu-se a correlação de forças."[531]

Enxergavam-se e agiam na condição de sujeitos. Condição confirmada, inclusive, pelas análises teóricas a respeito do desenvolvimento do capitalismo. A chamada *teoria da dependência* demonstrava que o desenvolvimento desigual e combinado do sistema produzia, em igual medida, desenvolvimento no centro e subdesenvolvimento na periferia. O capitalismo monopolista criava, portanto, uma cadeia de exploração. Aos que estavam no fim da cadeia, como diziam os marxistas norte-americanos Paul Baran e Paul Sweezy, não restava alternativa outra que a revolução. A iniciativa revolucionária, portanto, não estava mais nas mãos dos proletários dos países adiantados, como havia sido no "tempo de Marx"[532], mas, sim, nas "mãos das massas empobrecidas dos países subdesenvolvidos, que lutam para libertar-se do domínio e exploração imperialistas."[533]

A hora da revolução havia chegado. Seria uma luta longa, dura e cruel, como prognosticava Che Guevara.[534] E os dissidentes, como apontava a linha política, entendiam como necessário, antes do confronto, preparar as massas. Este era o grande objetivo do ano de 1968. Deveriam agir em consequência. Autônoma e independente, depois de frustradas as tentativas de junção em um conjunto nacional de DI's e de integração à natimorta Frente de Esquerda Revolucionária (FER)[535], a Dissidência da Guanabara, exclusivamente vinculada ao movimento estudantil, buscava expandir seus horizontes, especialmente em direção aos trabalhadores, à classe que teria, por definição, o poder da revolução nas mãos.

Para isso, algumas mudanças estruturais foram realizadas. Criavam-se três seções, tendo em vista organizar e dividir esforços: Seção de Infraestrutura, responsável pela disponibilização de mimeógrafos para produção de documentos e aparelhagens gerais, Seção do Movimento

---

[531] SARTRE, Jean-Paul. Prefácio. *In*: FANON, 1968, p. 18.
[532] BARAN, Paul; SWEEZY, Paul. *Capitalismo monopolista: ensaio sobre a ordem econômica e social americana*. Rio de Janeiro: Zahar, 1966. p. 181.
[533] Ibid., p. 18.
[534] GUEVARA, Ernesto. Mensaje a los pueblos del mundo a través de la Tricontinental. (1967). *In*: GUEVARA, 2004.
[535] A FER dizia respeito a uma das propostas dos textos de Ernesto Martins, dirigente da POLOP. Conforme Gorender, a FER "deveria reunir organizações e correntes diversas em torno dos objetivos programáticos da POLOP." Para maiores detalhes, cf. GORENDER, 2014, p. 142.

Operário, tendo em vista desenvolver ações de *agitprop*[536] junto aos trabalhadores e Seção do Movimento Estudantil, cuja função era oferecer diretrizes às lideranças estudantis.

Para coordenar essas seções, formava-se a nova Direção-Geral. A não escolha do termo Comitê-Central era proposital, buscando desvencilhar-se da noção clássica de partido comunista, considerada obsoleta e paralisante. Extinguia-se, também, o Comitê Universitário que funcionava, até então, como órgão de liderança. Os líderes de cada seção eram, assim, os líderes da organização. No processo de discussão da resolução política de dezembro de 1967, foram escolhidos. Para liderar a seção de Infraestrutura, designava-se Stuart Angel; ao setor do movimento operário, deslocava-se Daniel Aarão Reis, recém-saído da presidência da UME. Por fim, para liderar a seção vinculada ao Movimento Estudantil, até então a mais importante da organização, escolhia-se Vera Sílvia.[537]

4.2 "Eu vou mostrar que sou Homem"

A ascensão de Vera dentro na "mini burocracia" da Dissidência foi rápida. Militante secundária em 1966, adquiriu importância significativa após a entrada na faculdade. Protagonista da luta contra os trotes e integrante da chapa vitoriosa do centro acadêmico, há muito ocupado pela direita, alcançava uma dupla função: além de tornar-se uma das dirigentes da organização, na seção com mais relevância e militantes, acumulava a função de liderança política da base da economia, após o deslocamento de Samuel Aarão Reis para a seção do movimento operário.

Sua escolha para fazer parte da direção decorria de alguns fatores. Em primeiro lugar, apontava a importância e relevância da base de militantes radicada na economia. Dois dos três dirigentes eram, a partir de então, da economia: Vera e Stuart. Apesar de especialmente afetada pela cisão, sobretudo à direita, com a leva de militantes que se juntaram a René de Carvalho,

---

[536] No jargão comunista, agitação e propaganda. Derivados da teoria do partido de vanguarda de Lênin, eram funções imprescindíveis à atuação militante para conscientização da classe trabalhadora. Como aponta o próprio Lenin em *Que fazer?:* [...] um propagandista, se tratar por exemplo da questão do desemprego, deve explicitar a natureza capitalista das crises, assinalar a causa da inevitabilidade das mesmas na sociedade atual, indicar a necessidade de transformar a sociedade capitalista em socialista, etc. Numa palavra, deve dar 'muitas ideias', tantas que todas essas ideias, no seu conjunto, só poderão ser assimiladas no momento por poucas (relativamente) pessoas.
Pelo contrário, ao tratar do mesmo problema, o agitador tomará um exemplo, o mais flagrante e mais conhecido do seu auditório – por exemplo, o caso de uma família de desempregados morta por inanição, a miséria crescente, etc. –, e aproveitando este fato conhecido por todos fará todos os esforços para inculcar nas 'massas' uma só ideia: a ideia do absurdo da contradição entre o aumento da riqueza e o aumento da miséria; procurará despertar nas massas o descontentamento, a indignação contra essa flagrante injustiça, deixando ao propagandista o cuidado de dar uma explicação completa desta contradição." *In:* LÊNIN, 1986, p. 127.

[537] AARÃO REIS FILHO, Daniel. Entrevista concedida a Marcelo Ridenti. *In*: Arquivo Edgar Leuenroth (AEL/Unicamp), Fundo *Militância Política e luta armada no Brasil,* fita 1, lado b (Arquivo Digital: 110b); MAGALHÃES, Vera Silvia. Entrevista concedida a Marcelo Ridenti. *In*: Arquivo Edgar Leuenroth (AEL/Unicamp), Fundo *Militância Política e luta armada no Brasil*, fita 1, lado a (Arquivo Digital: 139a).

Fernando Sandália e Bruno Dauster na constituição de uma base do PCBR, a DI-GB manteve importante quantidade e qualidade de militantes na faculdade, como os já conhecidos José Roberto Spiegner, Samuel Aarão Reis, Franklin Martins, Carlos Vainer, Henri Acselrad, Eduardo Homem, Arnaldo Chain, Lucia Murat, Raimundo Arroio, Ana Maria.

Além da importância da base da economia, a militância de Vera se destacava. Sua inteligência e inquietude intelectual eram características valorizadas, especialmente em uma organização de militantes majoritariamente universitários. Saltava aos olhos dos demais companheiros, entretanto, sua capacidade de abstração e transmissão daquilo que sabia. Samuel Aarão Reis, por exemplo, relembrou sua "sensibilidade e, também, uma maneira de ver as coisas, o mundo, que era diferente das outras pessoas. Ela via o avesso, aquilo que não estava na aparência. Conseguia ver e conseguia traduzir. Por isso tinha um papel de liderança."[538]

Uma das formas dessa liderança se manifestava como assistente teórica da estrutura para incorporação de novos militantes. A partir de 1968, também como consequência da nova linha política, a DI-GB mudou seu mecanismo de ingresso para novos militantes. Para além dos grupos de estudo, construía-se a Organização Para-Partidária (OPP). As OPPs funcionavam como uma espécie de último estágio antes de ingresso, efetivo, na organização. Nele, aprofundavam-se as discussões teóricas, informava-se que se tratava de uma organização política e não apenas uma reunião de estudantes, como acontecia nos grupos de estudo (GE), além da realização de pichações e panfletagens contra a ditadura.

Jovanildo Savastano, calouro da economia em 1968, participou de um dos grupos de OPP assistidos por Vera. Relembra, em entrevista, a "alegria, convicção e segurança" de Vera, ao estabelecer "uma ponte fácil, lógica e natural para mergulharmos no marxismo." Nas 10 reuniões que constituíam um grupo teórico de OPP, Jovanildo se surpreendeu. Não apenas pela capacidade "intelectual e cultural" de Vera, mas também por um outro fator: "Didaticamente foi muito forte, muito consistente. *Foi a primeira mulher que eu vi assim. Em comparação com os homens, ela tinha uma capacidade, assim, idêntica.*"[539]

O estranhamento de Jovanildo não era um raio em céu azul. Tampouco se restringia a ele. Como vimos, a presença das mulheres nos ambientes universitários era evidentemente minoritária e, nesse sentido, reforçava a distinção, há muito construída, de que a racionalidade/intelectualidade eram características masculinas. Mais. Dizia respeito, também e de forma ampliada, ao próprio contexto de militância comunista. Segundo Marcelo Ridenti, ao

[538] AARÃO REIS, Samuel. Entrevista concedida a Higor Codarin. Rio de Janeiro, no dia 03 de abril de 2019.
[539] SAVASTANO, Jovanildo. Entrevista concedida a Higor Codarin, por telefone, no dia 2 de outubro de 2020, *grifo nosso*.

realizar levantamento estatístico a partir do acervo *Brasil: Nunca Mais,* apenas 5% dos processados vinculados ao PCB eram mulheres. Dados de Leôncio Rodrigues confirmam esse baixo percentual ao apontar que apenas 9,3% dos delegados ao IV Congresso do partido, em 1954, eram mulheres.[540]

As organizações que surgiam no contexto pós-golpe, as quais optariam pelo caminho armado, eram uma mudança nesse cenário. Ainda segundo Ridenti, a participação das mulheres nessas organizações oscilou entre 15 e 20%. Na esteira da conquista de novos espaços sociais, as estudantes eram maioria no percentual total de mulheres que militavam nessas organizações, alcançando cerca de 32%.[541] Com relação à presença feminina, a DI-GB estava um pouco acima da média: 22% dos militantes eram mulheres.[542]

Além da pouca presença feminina, jogava um papel importante o conjunto de "valores, tradições, práticas e representações políticas partilhado" no seio das organizações comunistas, geradoras de uma identidade coletiva.[543] Ser comunista não é – e não o era naquela época – exclusivamente, tomar para si um cabedal teórico que busca explicar o mundo. Como dizia Marx, com ele e a partir dele, o importante é transformar o mundo.

Nesse processo, portanto, as experiências passadas, as utopias realizadas, e mesmo as experiências derrotadas, como que adicionando peças a um quebra-cabeças, consolidam uma tradição, uma maneira de ser no mundo, inspirando o presente e o futuro. E esta maneira de ser no mundo, revolucionária, era, naquele momento, fortemente vinculada ao que é "codificado socialmente como masculino."[544]

Pode-se verificar isso, inicialmente, a partir da própria construção imagética do movimento operário e comunista ao longo da história. Eric Hobsbawm, ao buscar compreender como os movimentos socialista e revolucionários constituem seu conjunto iconográfico, percebe um deslocamento e apagamento das mulheres nas representações dos movimentos.[545]

---

[540] RIDENTI, 1990, p. 115.
[541] Ibid.
[542] Nas estatísticas feitas por Ridenti, os números relativos à Dissidência da Guanabara estão mesclados à Dissidência do Rio de Janeiro (DI-RJ), sob a sigla MR-8, nome que ambas assumiriam, conforme veremos adiante. Assim, com dados mesclados, o percentual de militantes mulheres era de 18,9%. Contudo, como analisei todos os processos referentes, exclusivamente, à Dissidência da Guanabara, houve ligeira alteração nos resultados. Para dados de Ridenti, cf. RIDENTI, 2010, p. 281.
[543] PATTO SÁ MOTTA, 2009, p. 21.
[544] JOSHUA, Florence. *Anticapitalistes. Une sociologie historique de l'engagement.* Paris: La Découverte, 2015, p. 179.
[545] HOBSBAWM, Eric. Sexe, symboles, vêtements et socialisme. *Actes de la recherche en sciences sociales*, v. 23, p. 2-18, sept. 1978. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/arss_0335-53221978num2312604. Acesso em: 25 jun. 2022.

Da *Liberdade guiando o povo*, tela de Eugène Dellacroix de 1830, inovadora na representação de uma "mulher nua como uma verdadeira mulher do povo, emancipada, desempenhando um papel ativo, dirigente, em um movimento de homens"[546], Hobsbawm percebe uma diferença com relação ao que se desenvolve posteriormente, especialmente no seio da tradição socialista/comunista. Segundo o historiador inglês, conforme há uma mudança da perspectiva revolucionária "democrático-plebeia" à "socialista proletária", no final do século XIX e início do século XX, acontece, de forma simultânea, uma "masculinização das imagens."[547] De sujeito histórico, dirigente, desempenhando papel ativo, as mulheres passam, progressivamente, a serem retratadas como "musas" ou "deusas", descoladas da realidade humana. Quando humanizadas, aparecem como parte de um "casal idealizado."[548]

Assim, tornavam-se, quando representadas de forma humana, coadjuvantes, forças auxiliares dos homens, que passam, gradativamente, a serem representativos do trabalho industrial. Constrói-se, nesse contexto, a imagem do homem proletário, forte, de torso nu, em posse do martelo, símbolo da potência operária. Ao mesmo tempo em que o corpo da mulher era coberto, o corpo do homem, como símbolo de força, era desvelado: "Em outros termos, a imagem que vem, pouco a pouco, a simbolizar a classe operária é a contrapartida exata da *Liberdade* de Delacroix."[549]

Resta óbvio que a iconografia, como representação, é apenas um dos aspectos que evidencia o processo de exclusão e escamoteamento das mulheres a partir das visões construídas a respeito dos processos e sujeitos revolucionários. Além dela, o marxismo, como síntese entre teoria e prática, aparentava ser feito pelos homens. Os teóricos lidos, com exceção de Rosa Luxemburgo, eram, na década de 1960, todos homens. De Marx a Lenin, de Debray e Fanon, de Sartre a Fromm, de Politzer a Huberman, o capitalismo era analisado e as possibilidades de sua superação eram apresentadas por homens. Mais. Os sujeitos que colocavam em prática os ideais revolucionários, guiando o mundo na locomotiva da História eram, também, homens. Um panteão revolucionário masculino: Lenin, Stalin, Trotski, Mao, Giap, Ho Chi Minh, Ben Bela, Fidel Castro, Che Guevara. No seio da cultura política comunista, as "figuras heroicas e públicas, os modelos de força e coragem e, portanto, os objetos privilegiados de admiração, são, majoritariamente, masculinos."[550]

---

[546] Ibid., p. 5
[547] Ibid., p. 6.
[548] Ibid.
[549] Ibid., p. 8.
[550] JOSHUA, 2015, p. 180.

Esses revolucionários, que tomavam a história em suas mãos, mais do que apenas personagens dignos de admiração, edificavam modelos, não apenas de revoluções, mas também de revolucionários. Para colocar táticas e estratégias em prática, era necessário, portanto, um modo de vida. Um modo de vida militante.

Como vimos brevemente no capítulo anterior, o principal compêndio em relação ao modo de vida militante e da organização partidária era baseado na perspectiva do *Que fazer?* de Lenin. O revolucionário profissional, que se ocupa exclusivamente da atividade revolucionária, cujo objetivo é desenvolver a consciência das classes revolucionárias em um trabalho político, era o grande modelo. A atividade revolucionária tomando todos os aspectos da vida individual. E, aqui, atividade política restringia-se ao trabalho político, seja de agitação, propaganda e/ou educação das classes revolucionárias.

O impacto da revolução cubana adiciona novas características ao modelo clássico de Lenin. O revolucionário profissional que, para Lenin, era um quadro – jargão comunista para designar militante – essencialmente político, torna-se um quadro político-militar. Para Che, o revolucionário deveria "ter uma conduta moral que o acredite como verdadeiro sacerdote da reforma que pretende", devendo "arriscar sua vida quantas vezes for necessário, estar disposto a rendê-la sem a menor sombra de dúvida no momento preciso."[551] Debray ia além, delimitando idade e gênero dos revolucionários, visto a predominância do aspecto militar sobre o político:

> Os dirigentes de envergadura na América Latina de hoje são *homens jovens*, sem larga experiencia política prévia à sua entrada na guerrilha. É ridículo continuar opondo "quadros políticos" e "quadros militares"; "direção política" e "direção militar"; "[...] políticos puros – que querem continuar a sê-lo – não servem para dirigir a luta armada do povo; os 'militares' puros servem, e dirigindo uma guerrilha, vivendo-a, convertem-se em 'político' também.[552]

A despeito de Debray, Che não esquece do papel da mulher nas atividades guerrilheiras. Segundo o guerrilheiro argentino, no tópico "O papel da mulher" em *A guerra de guerrilhas,* as mulheres são de "extrema importância." Reconhecendo a "subestimação para com ela, que chega a se transformar em uma verdadeira discriminação", apontava que a mulher "pode trabalhar o mesmo que o homem."[553] Contudo, por trazerem "qualidades próprias do seu sexo", as combatentes são, naturalmente, poucas. Se não estão na vanguarda militar, elas, segundo Che, teriam como funções principais: a comunicação, pois "por mais brutal que seja a repressão [...] a mulher recebe tratamento menos duro que o homem e pode levar adiante a mensagem";

[551] GUEVARA, 1987, p. 41.
[552] DEBRAY, s.d, p. 63, grifo nosso.
[553] GUEVARA, 1987, p. 78-79.

a cozinha, tarefa habitual, pois "é muito gratificante ao soldado submetido às duríssimas condições desta vida poder contar com uma comida variada"; alfabetização; e, por fim, a saúde:

> [...] a mulher presta um papel importante como enfermeira, inclusive médica, com ternura infinitamente superior ao do rude companheiro de armas, ternura que tanto se aprecia nos momentos em que o homem está indefeso perante a si mesmo, sem nenhuma comodidade, talvez sofrendo dores fortes e expostos aos muitos perigos de toda espécie, próprios deste tipo de guerra.[554]

Por mais que evidenciasse a presença das mulheres nos movimentos guerrilheiros, os estereótipos de gênero gritavam no texto de Che. Assim, o modelo militante proposto e consolidado na cultura política comunista gerava, para dizer o mínimo, dificuldades para a mulher militante. Por um lado, o revolucionário profissional de Lenin era a manifestação, implícita, das atividades e espaços sociais reservados aos homens, além de realçar que a atividade militante deveria tomar todos os aspectos e momentos da vida do indivíduo. Por outro, o modelo revolucionário cubano, centrado no aspecto militar, era o esgarçamento dos impeditivos para a mulher militante em se estabelecer na vida militante de outros modos que não as práticas e atividades codificadas socialmente como femininas.

Apesar da proposição de uma sociedade humana emancipada, a cultura política comunista era fundada, portanto, em uma perspectiva, essencialmente, androcêntrica. Assim, criava obstáculos à vida militante de Vera. Às dificuldades e riscos considerados normais da militância em uma organização comunista, clandestina, em um contexto de anticomunismo radical, propagado por um regime ditatorial repressivo – que Vera conhecia de perto desde, ao menos, a prisão de seu tio em 1964 e das notícias de perseguição e tortura que se seguiam, como foi o caso de Gregório Bezerra –, somavam-se os "mal-estares sem nome" em decorrência das questões de gênero que se apresentavam não apenas na perspectiva cultural. A eles, Vera respondia com o aprofundamento de sua militância, colocando-se totalmente à disposição do processo revolucionário como um quadro revolucionário.

No início do ano letivo de 1968, na faculdade de economia, Vera ocupava o papel de representante da dissidência. Jean Marc Von der Weid, principal líder estudantil da AP na Guanabara, radicado na faculdade de Química, relembrou que o ano começou com uma disputa entre a DI-GB e a AP em torno da possibilidade de conclamar uma greve geral contra as propostas de reforma universitária da ditadura, em específico com relação à cobrança das anuidades. Ao contrário da AP, que defendia a greve geral, a Dissidência defendia que as lutas fossem focadas não apenas nas questões das anuidades, mas em torno de um debate para

[554] Ibid., p. 80.

aumento de verbas públicas às universidades. Uma greve, segundo os dissidentes, acabaria tendo efeito contrário ao desejado, desmobilizando os estudantes.

Discutiam-se, assim, em todas as faculdades e diretórios, essas propostas. Jean, como representante da AP, foi à faculdade de economia para levar as posições em favor da greve-geral. Como debatedora oponente, estava Vera. Depois de um longo debate, cujo resultado foi a vitória da proposta de Jean, o presidente do diretório acadêmico, Marquinhos, disse-lhe: "É a primeira vez que eu vejo alguém ganhar da Vera em um debate público." Ao que Jean acrescenta: "Era uma argumentadora de primeira linha."[555]

A capacidade argumentativa de Vera era representativa não apenas do seu nível intelectual, mas também dizia respeito à concepção acerca do que deveria fazer para ser uma revolucionária. Refletia, assim, não apenas características intelectuais e/ou de oratória, mas também algo indispensável àquela conjuntura: o cultivo das certezas e firmezas. Apesar do senso crítico aguçado, Vera demonstrava estar certa de seu caminho enquanto mulher revolucionária e no sucesso da revolução. Lucia Murat, que além de amiga de faculdade, moraria com Vera ao fim do ano de 1968, relembrou esse aspecto: "Vera era mais durona, em relação à política, à revolução. Era muito sem dúvidas. Para ela era uma coisa muito clara, parecia não ter dúvidas quanto a isso. [...] era uma pessoa que se cobrava muito."[556]

As certezas, todas elas bastante sólidas, faziam-se presentes. O clima rebelde e revolucionário no mundo, as leituras conjunturais do capitalismo, a efervescência cultural, a mobilização dos estudantes, todas essas referências, combinadas, indicavam que a revolução brasileira estava ao alcance das mãos. Desenhava-se na esquina. A certeza da "vitória final" era atributo fundamental dos revolucionários brasileiros. As derrotas tinham ficado para trás. Eram responsabilidade de mãos que muito pensavam e pouco faziam. Dúvidas e hesitações eram tratadas de forma pouco acolhedora no seio das organizações que surgiam no período.

Neste sentido, as certezas de Vera e sua autocobrança, que chamavam a atenção de Lucia Murat, eram fruto deste contexto, como na anedota que Vera utilizou para explicar os comportamentos pequeno-burgueses de Leilah através da indecisão sobre qual sapato comprar. Estando em um cargo de liderança, o cultivo delas era fundamental.

A reboque das certezas, outro aspecto importante de Vera neste período reside na questão do autoritarismo. Em organizações políticas que seguiam o modelo leninista, era inerente a perspectiva do centralismo-democrático, cuja função é, em resumo, defender atuações políticas coesas em detrimento do cultivo de posições divergentes. A hierarquia das

[555] VON DER WEID, Jean Marc. Entrevista concedida a Higor Codarin, via telefone, em 03 de abril de 2021.
[556] MURAT, Lucia. Entrevista concedida a Higor Codarin. Rio de Janeiro, no dia 01 de agosto de 2019.

organizações e suas linhas políticas, após o período de discussões, devem ser respeitadas e as posições levadas a cabo, independentemente da concordância ou discordância.[557] Além de Lenin, o modelo cubano, militarizado, cujas hierarquias são fortemente demarcadas e inquestionáveis, realçava essa perspectiva.

As certezas e o autoritarismo eram então, evidentemente, filhas de seu tempo. Contudo, remontam, na vida de Vera, a outros aspectos. Não vacilar, ser firme e autoritária, demonstrando aspectos da "determinação revolucionária", conforme jargão da época, era uma das maneiras encontradas por ela como modo de se afirmar. Em um meio majoritariamente masculino, fragilidades, vulnerabilidades, incertezas e vacilações, além de características menosprezadas em um grupo de pessoas que se queria revolucionário, formulador do "homem novo", eram, também, evidências de aspectos do socialmente construído como feminino, apelidado, pejorativamente, de "sexo frágil."

Neste sentido, portanto, a importância central da incorporação, por Vera, dos aspectos e características de um modelo ideal de revolucionário comunista – e a cobrança imposta sobre si mesma – pode ser considerada, para além da atmosfera de seu tempo, uma "violência simbólica". Como aponta Florence Joshua: "[...] a violência simbólica de gênero exercida por intermédio desse modelo [militante] é medida a partir de seu nível de incorporação entre os militantes. E compreende, também, as militantes, que tomavam para si, largamente, essa representação *masculina* do engajamento."[558] Como rememorou a própria Vera, incorporar esse *modus vivendi* militante como forma de construir-se como uma revolucionária: "Eu vou mostrar que sou homem."[559]

Vera se impunha, defendia suas posições com veemência, com inteligência sarcástica – que se tornava uma marca de sua militância –, de forma rígida, buscando fazer valer, também, sua posição hierárquica. E isso ficou evidente no contato dela enquanto mediadora das posições da direção da Dissidência com o Comitê Universitário, no epicentro da luta estudantil do ano de 1968.

O Comitê Universitário (CU), após as resoluções de dezembro passado, tornava-se a instância diretiva organizada pelos líderes do movimento estudantil da Dissidência. No início

---

[557] Esse fato, em tese, não é gerador de autoritarismo. Contudo, em uma dinâmica clandestina e reduzida, o centralismo-democrático pode ser usado, como o foi, de formas bastante autoritárias, além de que a própria lógica de "conscientizar" ou levar a teoria às massas, como era o cerne da teoria de Lênin, também pode ser vista tendencialmente como autoritária.

[558] JOSHUA, 2015, p. 180.

[559] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 29/07/1998, fita nº 1, lado A, transcrição p. 19.

de 1968, esse comitê era formado pelos três expoentes da dissidência na luta estudantil: Vladimir Palmeira, Franklin Martins e Carlos Muniz. Era com eles que Vera construía a relação entre a direção e o movimento estudantil. Relação que seria severamente impactada pelos acontecimentos de março.

Ao contrário do horizonte liberalizante que marcou o início de seu mandato, Costa e Silva indicava, na alvorada de 1968, a recusa, por parte dos militares, à perspectiva de devolução de poder aos civis. Ao contrário de um abrandamento, a política de Segurança Nacional ganhava força, direcionando a ação do governo em diversos âmbitos. Aprofundava-se a visão de que os estudantes deveriam ser encarados como problema de segurança e, portanto, como uma questão militar. Exemplo disso foi o decreto presidencial que subordinava o MEC à Secretaria Geral do Conselho de Segurança, chefiada pelo coronel Meira Matos.[560]

A disposição do governo em reprimir, militarmente, os estudantes ficou evidente em fins de março. Estudantes secundaristas de baixa renda, realizavam, no dia 28, um protesto no restaurante Calabouço, acessível pelos seus baixos preços. Manifestavam-se em busca de melhores condições infra estruturais do restaurante, como também pela melhoria da qualidade da comida. Foram reprimidos à bala. Era uma resposta desproporcional. Em meio aos tiros, diversos estudantes ficaram feridos. Um deles, Edson Luís de Lima Souto, acabou assassinado.

Sua morte foi respondida de pronto. Os estudantes, em passeata, levaram o corpo até a Assembleia Legislativa, àquela altura localizada na Cinelândia. Recusando-se a entregar o corpo às autoridades, para que fosse autopsiado no Instituto Médico Legal, os estudantes acamparam na Câmara dos Vereadores velando-o, com receio de que se Edson Luís fosse retirado de lá, sumiria.

Vera estava em uma reunião do DCE da UFRJ, junto com Vladimir Palmeira, a esta altura presidente da UME. As notícias correram rápido e ambos se deslocaram à Cinelândia. O corpo mantinha-se lá, e dentro mesmo da Assembleia seria autopsiado. O clima era, ao mesmo tempo, de indignação e emoção. O simbolismo da ocupação da assembleia, naquelas circunstâncias, certamente deve ter impactado Vera. E os desdobramentos daquele 28 de março aprofundariam o impacto.

O enterro de Edson Luís, no dia seguinte, levou às ruas 50 mil pessoas, a maior manifestação desde o início da ditadura. O luto era prenúncio de luta.[561] Tornava-se luta. Ao longo de mais de duas horas de cortejo, do centro ao cemitério São João Batista, em Botafogo,

[560] RIBEIRO DO VALLE, 2016, p. 37.
[561] Inspirado na frase de Hélio Pellegrino. PELLEGRINO, Helio apud RIBEIRO DO VALLE, 2016, p. 40.

os estudantes entoavam palavras de ordem.[562] Em meio a referências de revolucionários, em especial Che Guevara, rivalizavam duas sentenças de ordem: "o povo organizado derruba a ditadura" e "o povo armado derruba a ditadura."[563]

A referência às armas demonstra que, após o assassinato de Edson Luís, a violência se tornava, também, atmosférica para o movimento estudantil, como aponta o jornal da UME, *O Metropolitano*, hegemonizada pela DI-GB: "Resistir a uma força violenta só com o emprego de outra força violenta em sentido contrário."[564]

A violência desmedida da ditadura, agora letal, gerava um relativo consenso de repúdio ao governo. Tomava forma um grande arco de setores contrários à ditadura, entre estudantes, padres, freiras, intelectuais e pais. Em síntese, representantes diversos das classes médias. "Podia ser um filho seu"[565], outra e notável palavra de ordem do cortejo, ecoou na sociedade brasileira. A frente ampla, heterogênea, que havia dado apoio ao golpe, rachava. A sensibilização dos setores sociais próximos aos estudantes os leva às ruas. O cortejo de 50 mil no enterro de Edson Luís era apenas o começo.

Em abril há, assim, uma escalada exponencial das manifestações estudantis em resposta ao assassinato do estudante secundarista. Os conflitos entre as forças policiais e os estudantes agudizavam. A cavalaria é colocada nas ruas. Os estudantes queimam carros. Greves, comícios-relâmpago e manifestações dão a tônica da escalada do conflito que se aproximava.

Em meio à vertigem dos acontecimentos, evidenciando uma vez mais a arte mimetizando a vida, Vera assistia, no Paissandu, a estreia de *La chinoise*. Depois de censurado, o filme foi, finalmente, às telas. "Estava lá no Paissandu e discutia sem parar '*La chinoise*'"[566], relembrou Vera. O grupo de jovens maoístas franceses, retratado no filme, no espaço de um apartamento, discutindo e teorizando sobre a revolução funcionava como um espelho aos seus olhos. "Uma minoria na linha revolucionária correta não é mais uma minoria", frase pintada no apartamento dos jovens franceses, ecoava na cabeça de Vera. Os acontecimentos que se seguiriam pareciam, efetivamente, demonstrar que a linha política dos dissidentes estava correta. E, neste sentido, tornar-se maioria seria questão de tempo.

---

[562] VENTURA, Zuenir. *1968. O ano que não terminou.* São Paulo: Círculo do Livro, 1988. p. 101.
[563] RIBEIRO DO VALLE, op. cit., p. 50.
[564] *O Metropolitano* apud RIBEIRO DO VALLE, op. cit., p. 56.
[565] PALMEIRA, Vladimir Entrevista concedida ao Projeto *Memórias Estudantis.* Núcleo de História Oral e Memória (Tempo/UFRJ). p. 24.
[566] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 29/07/1998, fita nº 1, lado A, transcrição p. 9.

No início do mês de junho, greve geral na UFRJ. A reforma universitária da ditadura no centro dos debates. Mantinham-se as reivindicações por verbas, vagas, mudanças no currículo, nos métodos de ensino e na relação entre os professores e os alunos. A pressão aumentou em forma de passeata, no dia 18, às portas do MEC, àquela altura funcionando no edifício Capanema, no centro. Queriam ocupar o prédio em busca de diálogo. Queriam aceitas as reivindicações. Contudo, o diálogo seria a violência. Pela primeira vez, segundo Vladimir Palmeira, os estudantes levaram paus e pedras para revidar aos ataques. Arquitetavam-se, também pela primeira vez, barricadas. Uma batalha campal teve início e os estudantes passaram à ofensiva. "Batemos na polícia pela primeira vez. A polícia saiu correndo e nós atrás pelas ruelas do centro, invertendo as coisas."[567]

Na vanguarda estudantil dos embates, estavam os estudantes secundaristas do Calabouço. De origem pobre, davam o tom, mais que os universitários, da indignação e revolta. Partiam para a ofensiva, guiando os demais. Viravam carros. A cavalaria era chamada e os estudantes não recuavam. Ao contrário. Lançavam bolas de gude, fazendo com que os cavalos tombassem. À queda de um policial, um dos secundaristas do Calabouço montou no cavalo portando o capacete do policial. Ato simbólico. Mostrava, a um só tempo, a disposição dos secundaristas do Calabouço e, também, o salto de qualidade dos confrontos. A correlação de forças parecia em vias de mudar. O embate, denominado de quarta-feira sangrenta, foi um marco.

No dia seguinte, os estudantes, na UFRJ, sob liderança dos dissidentes, ocupavam a reitoria para forçar diálogo com o Conselho Universitário. O campus da Praia Vermelha se tornava o epicentro da luta estudantil na Guanabara. Invadindo a sala onde estavam os membros do conselho responsável pela condução da universidade, os estudantes obrigaram os representantes docentes a irem ao teatro de arena da Faculdade de Economia para ouvir as reivindicações estudantis. Segundo Vladimir Palmeira, neste dia, os estudantes quebraram "o laço dominante entre o professor que manda e o aluno que aprende."[568] Era mais um ato simbólico. Significava a subversão da hierarquia universitária. Era o ápice da reivindicação de modernização das universidades. Os velhos professores, catedráticos, tinham de mudar. Ou melhor, tinham de sair. Segundo os discentes, uma oxigenação do corpo docente era necessária. Os estudantes faziam isso à força, tirando os professores de suas salas confortáveis, levando-os à arena da luta política estudantil. Contudo, os órgãos repressivos não aceitariam a "subversão" – mais uma! – da ordem estabelecida.

---

[567] Idem.
[568] PALMEIRA, Vladimir apud VENTURA, 1988, p. 130-131.

A polícia, buscando reeditar o massacre da praia vermelha, preparava-se, nos arredores, para investir contra os estudantes. Estes, ao contrário do que havia acontecido quase dois anos antes, revidaram. O resultado foi centenas de estudantes presos, acuados no estádio de futebol do Botafogo, naquela época localizado na rua General Severiano. Foram espancados e intimidados.[569]

Embora violentas, as ações policiais não arrefeceram os ânimos dos estudantes. Na sexta-feira, saíram, novamente, às ruas, denunciando as violências do dia anterior. Quando os estudantes estavam se dispersando, a polícia chegou atirando. Diversos estudantes morreram. A revolta foi generalizada, como aponta Daniel Aarão Reis: "[...] a cidade reagiu como pôde, usando paus, pedras, objetos contundentes jogados do alto das janelas, fios de arame para derrubar os cavalos."[570] Segundo Zuenir Ventura, até uma máquina de escrever foi jogada pelas janelas sobre os policiais.[571] Mais de mil estudantes foram presos, um policial morto, atingido por um tijolo jogado de um prédio, 35 policiais feridos e 10 camburões incendiados.

Parte da sociedade ficou horrorizada. As notícias da sexta-feira sangrenta, como foi denominado o embate, correram o Brasil. O final de semana seria movimentado. Setores diversos da sociedade se solidarizavam com a situação dos estudantes que, novamente, propunham uma manifestação em resposta para a semana seguinte. A heterogeneidade da classe média ensaiava uma particular – e importante – mistura homogênea, onde progressistas e agora ex-apoiadores da ditadura entravam em consenso sobre a necessidade de apoiar os estudantes.

Um amplo leque de articulações, que reunia artistas, jornalistas, intelectuais e até representantes da Igreja Católica, passando por professores e grupos de mães, formou-se. Fazia-se necessário demonstrar insatisfação e revolta contra as medidas repressivas dos órgãos policiais aos estudantes.

Nesse ínterim, um grupo de cerca de trezentos intelectuais, escritores, cineastas e jornalistas forçou uma reunião com o então governador Negrão de Lima, vinculado ao MDB, para demandar a retirada da polícia das ruas para a mobilização.[572] Apesar do não acordo imediato, o governador, na terça-feira, véspera da manifestação, diante do respaldo social de amplo espectro aos estudantes, teve de ceder. Conquistavam a garantia de que a polícia não interviria em uma manifestação pacífica. E, assim, no dia seguinte, ela seria.

---

[569] AARÃO REIS, 2008, p. 24.
[570] Ibid.
[571] VENTURA, 1988, p. 126.
[572] Ibid., p. 135-137.

Ressabiados, porém confiantes, os estudantes voltavam às ruas pela manhã. Recebiam amplos e significativos reforços. A classe artística estava em peso: Chico Buarque, Edu Lobo, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Marieta Severo, Odete Lara e tantos outros marcavam presença. Intelectuais, como Hélio Pellegrino, também desaguavam no centro. A Igreja Católica, oficialmente, por intermédio da presença do bispo José de Castro Pinto, marchava ao lado dos estudantes.

Esses, os protagonistas, chegavam aos montes ao centro do Estado da Guanabara. A concentração realizou-se na Cinelândia. Às 14 horas, a marcha teve início. Ao longo do trajeto, estudantes, padres, freiras e pessoas dos mais diversos grupos sociais juntavam-se à manifestação que atingiria, segundo estimativas contestadas pelos líderes estudantis, a incrível marca de cem mil pessoas.

A passeata foi pacífica, sem indícios de violência. Conquistando, pela força das mobilizações, a não presença das forças policiais, os estudantes liderados, em grande medida pela Dissidência, levaram cem mil pessoas às ruas contra a ditadura. Era um número enorme. Era, também, um sinal. Mais um. O futuro estava perto e se mostrava luminoso. Vladimir, principal líder, em seu discurso, dava o tom do objetivo dos dissidentes:

> Pessoal, somos a favor da violência quando ela é aplicada para fins maiores. [...] quando, através de um processo longo, chegar a hora de pegar em armas. [...]. Hoje, damos uma demonstração de força e de fraqueza ao mesmo tempo. Temos a força para retomar a praça, mas ainda não podemos tomar o poder que eles usurparam.[573]

Vera, imersa no mar de gente, estava eufórica. A manifestação foi um grande triunfo. Não apenas pelo protagonismo da Dissidência, que era indiscutível, mas, também, pela confirmação da viabilidade em centrar esforços na mobilização do movimento de massas, baseada nas demandas estudantis.

O impacto foi tamanho que Costa e Silva aceitou reunir-se com representantes dos estudantes, em Brasília, no dia 2 de julho. Apesar do simbolismo da reunião, não atendeu nenhuma das exigências estudantis, que englobavam, dentre outras, a soltura de estudantes presos e o fim da repressão às manifestações. Em resposta, no dia cinco, os estudantes realizaram uma passeata que levou 50 mil pessoas ao centro do Estado da Guanabara.

Nesse contexto, a Dissidência se fortalecia de maneira significativa. A tática de luta reivindicatória colhia bons frutos. Novos militantes ingressavam na organização e a linha política parecia estar correta. As massas estavam em movimento. Não apenas as camadas médias. Os trabalhadores também. Veredas abertas ainda no ano anterior, embora de caráter

[573] PALMEIRA apud VENTURA, 1988, p. 147;153.

moderado e conciliador, como era o caso do Movimento Intersindical Antiarrocho (MIA), adquiriam caráter mais radical. As greves operárias de Contagem, no mês de abril, em Minas Gerais, e Osasco, no mês de julho, em São Paulo, radicalizavam as demandas dos trabalhadores.[574] As condições para a revolução pareciam amadurecer rapidamente.

Como dirigente, Vera não teve papel protagonista nas manifestações de massa ao longo do primeiro semestre de 1968. Como ela mesma relembrou, era mais um "quadro de aparelho", jargão que designava os militantes com relevância na organização, mas não nos movimentos sociais. "Não tinha nenhuma relação com a massa." A não proximidade de Vera com os estudantes, enquanto liderança que discursava nas manifestações, é explicada por dois ângulos. Por um lado, como ela mesma dizia, "não gostava de discursar."[575] Por outro, deve-se ressaltar a distinção entre os espaços sociais, público e privado, codificados, socialmente, como pertencentes aos gêneros masculino e feminino. Carlos Vainer indica, de forma indireta, também nesse sentido, ao descrever o papel de Vera: "Ela nunca foi a grande liderança de massa [...]. Liderança intermediária. As grandes lideranças eram todas masculinas, os presidentes etc. Vera se manifestava nas reuniões, nas assembleias, mas não era uma grande liderança."[576]

Contudo, em busca de seu ideal de constituição enquanto revolucionária, sua presença e esforço se faziam sentir. Buscava contribuir com os líderes do movimento. E contribuía, como apontou o próprio Muniz: "Ela tinha muita contribuição, pois tinha uma formação teórica e uma sensibilidade de vida muito interessante e isso nos impactava a todos. Ela era muito incorporada, muito afeita ao grupo."[577]

Apesar disso, Vera sentia muita dificuldade em tornar práticas as posições da direção nas vozes dos líderes estudantis durante os discursos nas manifestações. Recorria, por vezes, ao autoritarismo para se fazer ouvir por "homens daquele escalão."[578] "Imagine o quanto eu não tinha de falar grosso para me fazer ouvir."[579] Ao mesmo tempo, contemporizando,

---

[574] Para maiores detalhes sobre as greves operárias de 1968, cf. COUTO, Ari Marcelo Macedo. *Greve na Cobrasma*: uma História de luta e resistência. São Paulo: Annablume, 2003.; MIRANDA, Orlando. *Obscuros Heróis de Capricórnio*. São Paulo: Global 1987; RIZEK, Cibele S. *Osasco 1968*: a experiência de um movimento. 1988. Dissertação Mestrado (Mestrado em Engenharia) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 1988; WEFFORT, Francisco. Participação e conflito industrial: Contagem e Osasco, 1968. *Cadernos CEBRAP*, São Paulo, n. 5, 1972.

[575] MAGALHÃES, Vera Silvia. Entrevista concedida a Denise Rollemberg. *In*: Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI-UFF), Política no Brasil: Exílio, 1994, fita 1, lado b.

[576] VAINER, Carlos. Entrevista concedida a Higor Codarin, via Skype, no dia 27 de junho de 2020.

[577] MUNIZ, Carlos Alberto. Entrevista concedida a Higor Codarin, via telefone, 09 de novembro de 2020.

[578] MAGALHÃES, Vera Silvia. Entrevista concedida a Denise Rollemberg. *In*: Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI-UFF), Política no Brasil: Exílio, 1994, fita 1, lado b.

[579] MAGALHÃES, Vera Silvia. Entrevista concedida a Denise Rollemberg. *In*: Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI-UFF), Política no Brasil: Exílio, 1994, fita 1, lado b.

reconhece a dificuldade, diante da dinâmica dos acontecimentos, de vê-las concretizadas.[580] Muniz indicou na mesma direção, ao dizer que Vera tinha "certa dificuldade, pois todos ali [do comitê] eram menos 'capa preta' [líderes da organização] e mais dirigentes do movimento de massa." [581]

Além do comitê universitário, Vera também tinha de se impor nas bases estudantis da dissidência nesse período. Com o crescimento da organização no ano de 1968, Vera tinha trabalho e, com isso, relembra as resistências, especialmente masculinas à sua liderança: "Não era fácil. Quando eu chegava nas bases, sentia, em alguns lugares, boicotes."[582]

Contudo, apesar de se fazer ouvir pelo autoritarismo, Vera o temperava com generosas doses de afeto, fator onipresente dentre as características citadas por seus companheiros de militância ao descrevê-la. Sem rodeios ou meias palavras, gostava "ou não das pessoas com bastante evidência."[583] Aos eleitos, era bastante afetuosa. Afeto que, na prática, despontava como simpatia, amizade e generosidade. Além disso, demonstrava-se como boa ouvinte e compreensiva, como resumiu Daniel Aarão Reis:

> Combinava tendencias agressivas, autoritárias, mandonistas, embora em quantidade menor que os homens da época e, em contraste a isso, uma capacidade de compreensão do outro. Uma vontade de compreender. Mesmo que ela discutisse com alguém em alguma reunião, isso não a impedia de, no momento seguinte, abraçar, dar um beijinho, fazer uma ironia amiga.[584]

Assim, na atividade militante, Vera construía uma prática política agregadora, afetuosa, geradora de uma força gravitacional em seu entorno. Naquelas circunstâncias, em que a luta política se exacerbava rapidamente, tendendo a criar indisposições e desafetos, Vera era querida pelo grupo, característica sem qual não se explica sua liderança. Aliava-se, portanto, às suas capacidades todas, intelectuais e práticas, o afeto. Este, mesmo que não racionalizado desta maneira, fazia-se, também, revolucionário.

4.3 O Afeto também é Revolucionário

A militância ocupava a quase totalidade da vida de Vera. Com exceção dos contatos familiares, a Dissidência era a sua grande rede de sociabilidade. Vera se tornava gradativamente, como queria Lenin, uma revolucionária profissional. Não no sentido de que todas as atividades realizadas eram vinculadas, exclusivamente, às tarefas militantes, mas na

---

[580] Ibid.
[581] MUNIZ, Carlos Alberto. Entrevista concedida a Higor Codarin, via telefone, 09 de novembro de 2020.
[582] MAGALHÃES, Vera Silvia. Entrevista concedida a Denise Rollemberg. *In*: Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI-UFF), Política no Brasil: Exílio, 1994, fita 1, lado b.
[583] HOMEM, Eduardo. Entrevista concedida a Higor Codarin, via e-mail, 21 de setembro de 2020.
[584] AARÃO REIS, Daniel. Entrevista concedida a Higor Codarin, no Rio de Janeiro, no dia 19 de setembro de 2019.

perspectiva de que sua vida cotidiana se desenvolvia em conjunto com os companheiros de militância. Em síntese, "como ponto de encontro", a Dissidência concentrava e condensava a vida de Vera e seus companheiros. Uniam-se não apenas por laços políticos, mas, também, por laços afetivos.

Vivenciavam juntos as sessões no Paissandu seguidas de discussão no boteco Diagonal, as passeatas estudantis, confrontos com a polícia, assembleias, conferências, trabalhos políticos e discussões tático-estratégicas acerca da revolução. Mas não só. Vivenciavam, também, conjuntamente, os amores. Pela exigência e intransigência da militância em uma organização política nos moldes das comunistas, ilegal, e por uma particularidade da dissidência, que se restringia ao movimento estudantil, havia, assim, um "entrelaçamento reforçado entre a vida privada e a vida pública."[585]

Nesse entrelaçamento, o engajamento militante transborda sobre o íntimo, sobre a subjetividade, tornando ainda mais evidente que a política, para além de uma visão reducionista e racionalista, é o "teatro das paixões e dos afetos."[586] E esses afetos, para além do companheirismo e solidariedade, tinham outra faceta na vida de Vera, sobre a qual ela ensaiou uma síntese entre teoria e prática.

Desde o cursinho AESSE, Vera namorava José Roberto. O ingresso na universidade e a militância reforçaram a relação. Todos os entrevistados que conviveram com Vera no período da faculdade de economia relembram, em uníssono, de José Roberto. Conviviam intensamente. Amavam-se profundamente. As visões de mundo e interesses, a partir da universidade, se aproximaram ainda mais. Unia-se, naquela relação, amor e revolução. E o amor tinha de ser, também ele, revolucionário.

Ao mesmo tempo em que desenvolvia a relação com José Roberto, Vera se relacionava, afetivo-sexualmente, com Luiz Eduardo Prado. Essa relação era de conhecimento de José Roberto que, por sua vez, desenvolvia outras relações.

Relações paralelas não eram usuais para a década de 1960. Se aos homens era relativamente aceito casos extraconjugais, às mulheres essa possibilidade inexistia. Nem mesmo a possibilidade de ter, ao longo da vida, diversos parceiros sexuais era garantida. Prefigurava-se ao gênero feminino um destino de recato, vinculando-o ao ambiente doméstico, cuja principal função seria o matrimônio, a maternidade e o zelo pelo lar. Contudo, os anos 60 promoviam uma relativa liberação sexual.

---

[585] BANTIGNY, Ludivine. Affects et émotions dans l'engagement révolutionnaire post-1968. *In* : MUXEL, 2014, p. 150.
[586] PERRINEAU, Pascal. Les affects en politique. Ce qu'en dit la science politique. *In*: MUXEL, op. cit., p. 61.

As transformações socioeconômicas pelas quais a sociedade brasileira passava nas décadas de 50 e 60 alteravam comportamentos. A inserção, mesmo que tímida, das mulheres de classe média no ensino superior, ingressando no mercado de trabalho, participando, em maior medida, da população economicamente ativa[587], promovia fissuras nos códigos de gênero da época. Novas revistas surgidas nesse contexto, sendo a *Manchete* e a *Realidade* os principais exemplos, estavam, frequentemente, abordando a questão e eram, assim, sintoma e causa de um relativo questionamento do papel social reservado às mulheres.[588] Questionamento que incluía, também, a moda. A popularização da minissaia, e os protestos e censuras em relação ao seu uso, eram indicativos de que parte das mulheres estava desafiando, inclusive, os códigos de vestuário da época.

Além disso, avanços científicos, em especial a popularização dos contraceptivos femininos, eram um impulso a mais para uma parcela das mulheres desafinarem da automática relação entre sexo e reprodução, possibilitando, assim, relativo controle a respeito de seus direitos reprodutivos. Era um impulso, portanto, à liberação sexual. À possibilidade de as mulheres disporem de diversos parceiros sexuais. Alargava-se o horizonte da relação sexual, desvinculando-a da reprodução e vinculando-a ao prazer.

Aos jovens como Vera, essas mudanças conjunturais vinculavam-se ao impulso, próprio da juventude, em conhecer e experimentar o corpo e suas possibilidades, confluindo para um reposicionamento da relação sexual em um contexto específico da sociedade brasileira, sobretudo das classes médias intelectualizadas. Perder a virgindade somente após o matrimônio caía por terra. O "poder jovem", como se dizia, despontava não apenas nas reivindicações estudantis, mas, também, desafiando as normas da época.

Dentre as organizações de esquerda, a liberação sexual não era, de modo algum, homogênea. A Dissidência da Guanabara, neste contexto, era das mais avançadas. Outras, como PCB, PCdoB, PCBR, além das novas que surgiam no período, como a Ação Libertadora Nacional (ALN), de Carlos Marighella, e a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) não a viviam da mesma maneira. Em organizações cujos militantes eram de faixa etária mais elevada e tinham maior ligação com o PCB, o apego às tradições era mais presente. E essa tradição,

---

[587] Segundo dados do IBGE, aproximadamente 19% da população economicamente ativa da sociedade brasileira em 1970 era composta por mulheres. RIDENTI, 1990, p. 115.

[588] SETEMY, Adrianna. O mercado de revistas e a construção cultural da transformação dos costumes no Brasil dos anos 1960. *Escuta. Revista de política e cultura*, 2017. Disponível em: https://revistaescuta.wordpress.com/2017/11/24/o-mercado-de-revistas-e-a-construcao-cultural-da-transformacao-dos-costumes-no-brasil-dos-anos-1960/. Acesso em: 11 ago. 2022.

especificamente relacionada à liberação sexual, era moralista. Como crítica a esses padrões, a Dissidência se destacava.[589]

Assim, nessas organizações, havia menos abertura às mudanças que operavam na conjuntura. Gloria Ferreira, a esta altura militando na DDD, ressaltou a dificuldade que teve diante de sua família comunista: "Eu me lembro, particularmente, o pessoal do PC [Partido Comunista], minha família era do PC. Fazer política, militar, estava ótimo [para eles]. Quando eles descobriram que eu estava fazendo sexo, virei puta. Havia uma ruptura."[590] Leilah Landim também apontou no mesmo sentido. Ao beijar em público seu namorado, foi advertida por militantes de esquerda da universidade sob o argumento de que estava "desmoralizando a luta."[591]

Assim, dentro de uma organização particular, Vera particularizava-se ainda mais. As mudanças todas da conjuntura combinavam-se com as particularidades de sua vida. Em primeiro lugar, a relação da família nuclear de Vera com o sexo. Os problemas conjugais de Claudio e Virginia antes do divórcio eram, frequentemente, causa de discussão entre eles. A vida sexual dos dois, além dos casos extraconjugais de um lado a outro, cujos detalhes eram revelados com pouco ou nenhum pudor ao longo das fatídicas e cotidianas brigas do casal, chegavam, facilmente, aos ouvidos de Vera e Ana Lúcia. Culminavam, assim, em uma espécie de naturalização precoce do sexo. Além disso, e de modo mais importante, Vera incorporava uma dimensão política às relações afetivo-sexuais, adicionando tons outros à relativa liberação sexual em curso.

Ao longo de 1968, Vera continuava fazendo análise. A esta altura, buscando resolver uma crise de enxaqueca permanente, tinha como psicanalista Mauricio Schueler Reis. A despeito da enxaqueca, o processo de análise levava Vera a pensar e questionar a realidade por outros prismas. Lançava-se luz a dinâmicas e processos individuais. Neste sentido, sua

---

[589] Jessie Jane, militante da ALN à época, relembra a questão das tradições para demonstrar uma diferença entre os militantes que estavam mais ligados ao PCB e aos novos militantes, "filhos de 68", demonstrando, colateralmente, a peculiaridade da Dissidência da Guanabara: "Particularmente, sempre digo que sou filha da Terceira Internacional. É uma coisa que marcou minha formação e marcou minha personalidade. Não sou filha de 68. O meu pai era comunista. Eu vim dessa história do partidão [...]. A minha organização era a ALN, muito diferente do pessoal da Dissidência da Guanabara, por exemplo." Cf. Militância política e gênero na ditadura brasileira: entrevista com Jessie Jane Viera de Souza. *In*: GOIAS, João Bosco Hora; QUADRAT, Samantha Viz. Militância política e gênero na ditadura brasileira: entrevista com Jessie Jane Vieira de Sousa. *Gênero: Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero*- NUTEG, v. 8, n. 2, (1º sem. 2000) – Niterói: EdUFF, 2008. p. 26. Disponível em: https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/30913. Acesso em: 15 de junho de 2022.

[590] FERREIRA, Gloria apud MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 29/07/1998, fita nº 1, lado A, transcrição pp. 24-25.

[591] LANDIM, Leilah apud MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 29/07/1998, fita nº 1, lado B, transcrição p. 25.

experiência prática de análise confluía às novas perspectivas teóricas abertas no seio do marxismo por teóricos como Fromm e Garaudy, que se conjugavam com as visões de Sartre. Como se interessava pela união entre marxismo e psicanálise, interessou-se muito por um livro que chegava ao Brasil em 1968: *A revolução sexual*, de Wilhelm Reich.

Em verdade, Vera conhecia as ideias de Reich ainda antes, a partir da publicação de parte de seus textos em uma revista francesa chamada *Partisan*, cujos fascículos *Sexualité et repression,* traziam alguns de seus textos.[592] Contudo, foi em *A revolução sexual* que Vera aprofundou seu contato com as ideias do psicanalista e comunista alemão.

Realizando uma síntese criadora entre marxismo e psicanálise, Reich, escrevendo ainda na década de 20, centrou esforços sobre a análise da moral sexual. Ao contrário de Freud, que enxergava na repressão dos impulsos, incluindo os sexuais, um caráter positivo, tendo em vista que as "conquistas culturais" seriam "sucessos de energia sexual sublimada"[593], Reich compreendeu a repressão sexual ou, em seus termos, a moral sexual repressiva, como negação da vida.

Essa moral sexual repressiva, que constrói um muro entre os indivíduos e a vida, geradora de "distúrbios sexuais, neuroses, psicoses, crimes sexuais", é construída no seio da família e mantida na perpetuação dela por intermédio do casamento monogâmico. Casamento e família, retroalimentando-se, adquirem funções sociais. Se, por um lado, o casamento reforça a noção de propriedade privada, visto que a mulher pertence ao homem tal qual uma propriedade qualquer, a família, por perpetuar a repressão sexual, cria um "indivíduo que está sempre com medo da vida e da autoridade e assim estabelece repetidamente a possibilidade de as massas poderem ser dominadas por um punhado de indivíduos poderosos."[594]

Em outras palavras, a família, centrada no casal monogâmico, reprimido sexualmente, "garante a manutenção do Estado e da sociedade."[595] Garante, no então estágio de desenvolvimento da humanidade, a manutenção do capitalismo. Compreendendo, portanto, a "vida sexual como questão cardinal da totalidade da vida social"[596], seria, para Reich, tarefa mister da "revolução social" – leia-se revolução comunista – "[...] possibilitar finalmente ao homem, ao ser humano vivo, a satisfação e realização de sua vida."[597]

---

[592] PRADO, Luiz Eduardo. Entrevista concedida a Higor Codarin. Paris, no dia 23 de janeiro de 2020.
[593] REICH, Wilhelm. *A revolução sexual.* 8. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. p. 23.
[594] Ibid., p. 62.
[595] Ibid.
[596] Ibid., p. 170.
[597] REICH, 1981, p. 31.

A crítica ácida que Reich endereçava à família, à autoridade do pai patriarcal, aos conflitos que surgem dentro dessa relação, devem ter calado fundo em Vera. Os conflitos conjugais de seus pais e o traumático divórcio eram, em seu microcosmo, evidências da insustentabilidade de uma relação naqueles moldes. Mais. Ecoava na cabeça de Vera não apenas a relação feita entre a moral sexual e manutenção do *status quo* capitalista, mas, sobretudo, a solução apresentada por Reich:

> [...] juntamente com a reviravolta econômica, a eliminação da propriedade particular, a socialização dos meios de produção e o estabelecimento político da democracia social (= ditadura do proletariado) devem andar *automaticamente de mãos dadas com uma revolução nas atitudes com respeito à sexualidade e às relações sexuais. Tal como a revolução econômica e política, a revolução sexual também tem de ser compreendida conscientemente e dirigida para frente.*[598]

Seguindo a vereda aberta por Reich, as relações afetivo-sexuais de Vera guiavam-se neste sentido. Luiz Eduardo, ao relembrar dos tempos da relação com ela, demonstrou o imiscuir-se do político nas relações privadas, simbolicamente representado no léxico utilizado para descrever as relações: "Vera namorava ao mesmo tempo Zé Roberto e eu. Havia uma teoria da contradição principal, da relação principal e da relação secundária, tudo baseado no texto *Sobre a contradição* de Mao-Tsé Tung. A relação principal da Vera era com o Zé Roberto e a relação secundária era comigo."[599] Lucia Murat, ao reivindicar, também para si, a perspectiva de liberação sexual inspirada em Reich, apontou no mesmo sentido: "Falávamos que tínhamos relações táticas e relações estratégicas. Os termos militares eram agregados ao comportamento."[600]

Neste sentido, portanto, Vera, ao contrário de apenas falar da "revolução da vida", buscava "essa revolução na vida."[601] Coletivo e individual fundiam-se em uma mesma perspectiva revolucionária, esboçando, assim, na totalidade da vida, o "homem-novo". A prática revolucionária não apenas como rompimento da estrutura econômica que oprimia e explorava a grande maioria da população brasileira, mas também como emancipação pessoal humana.

Vera não buscava apenas desenvolver sua vida pessoal nessa direção. Entendia-a como uma postura política e, como tal, tornava-a parte de sua militância. Raimundo Arroio se lembra que leu *A revolução sexual* por indicação de Vera, assim como Eduardo Homem que ressaltou: "ela já era muito ligada na Revolução Cultural – sexual inclusive."[602] Além de propagandear a

---

[598] Ibid., p. 119, grifo nosso.
[599] PRADO, Luiz Eduardo. Entrevista concedida a Higor Codarin. Paris, no dia 23 de janeiro de 2020.
[600] MURAT, Lucia. Entrevista concedida a Higor Codarin. Rio de Janeiro, no dia 01 de agosto de 2019.
[601] Ambas as expressões são de Reich. Cf. REICH, op. cit., p. 126.
[602] HOMEM, Eduardo. Entrevista concedida a Higor Codarin, via e-mail, 21 de setembro de 2020.

leitura do livro, Vera incorporava-o a discussões que fazia nos grupos de estudo dos quais era assistente. As ideias de Reich eram um dos pontos de partida de questionamento das relações afetivo-sexuais usuais, consideradas contrarrevolucionárias. Como Vera disse anos mais tarde, relembrando sua perspectiva daqueles tempos: "A monogamia não existe como dado natural, é uma proposta burguesa, conservadora."[603]

Tania Fayal, militante da ALN, com a mesma idade de Vera, relembrou sua particularidade nesse quesito. Considerando-se também liberada sexualmente para os padrões da época, Tânia apontou que Vera era particular por, justamente, teorizar sobre essa perspectiva de liberação sexual: "Ela era intelectualmente liberada, ao contrário de mim. Era preparada [teoricamente] para isso. Tinha consciência da importância da libertação."[604]

No seio dessa tentativa de união entre teoria e prática, Vera foi surpreendida por uma gravidez. Apesar de tomar contraceptivos desde antes da relação com José Roberto, engravidou. O filho, segundo a própria Vera, seria de Luiz Eduardo. Apoiada por Virginia, abortou.

Não é possível saber, exatamente, em quais condições e de que maneira Vera realizou a interrupção da gravidez. Fato é que ela não descartava essa possibilidade. Ainda antes da situação se apresentar, Vera discorria sobre o tema de maneira pragmática, como apontou Leilah Landim:

> Também havia uma discussão sobre aborto, que Vera puxava. Eu me lembro que eu me espantei. Minha ideia, naquela época, sobre o aborto era nos colocar como vítimas, de sacrifício de ter de fazer aborto... A Vera vinha, destruindo a emoção disso e dizia: Que bom que nós temos a possibilidade de fazer o aborto. Não tem nada de mais. Então ela trazia umas ideias e tratava com naturalidade e objetividade.[605]

Nas entrevistas que concedeu, e nas poucas sobre esse aborto específico, essa perspectiva ficou evidente. Com distanciamento emocional, citava-o como contingência necessária do processo revolucionário. Em uma sociedade em que o cuidado com os filhos recaía, ainda mais que atualmente, sobre os ombros da mãe, a interrupção da gravidez era, assim, uma forma de não se distanciar de seus sonhos.

Além disso, não gostaria de ter o mesmo destino de Virgínia. O incentivo e apoio de sua mãe eram, em certa medida, o incentivo e apoio que ela mesma gostaria de ter tido no passado, quando engravidou de Ana Lucia. O aborto de Vera, portanto, simbolizando, para ambas, um desafio ao socialmente construído como destino biológico das mulheres.

---

[603] MAGALHÃES, Vera Silvia. Entrevista concedida a Marcelo Ridenti. *In*: Arquivo Edgar Leuenroth (AEL/Unicamp), Fundo *Militância Política e luta armada no Brasil*, fita 1, lado a (Arquivo Digital: 139a).
[604] FAYAL, Tania. Entrevista concedida a Higor Codarin, via telefone, 21 de dezembro de 2022.
[605] LANDIM, Leilah. Entrevista concedida a Higor Codarin. Rio de Janeiro, 01 de Agosto de 2019.

Para Vera, seu destino seria diferente. Era a revolução. Seria uma revolucionária. O aborto não era, apenas, uma discussão sobre a maternidade. Pairavam dúvidas a respeito da maternidade enquanto ação de uma revolucionária. Vera era, entretanto, muito afeita a crianças. Apegava-se muito, nesse período, ao sobrinho André, filho de Ana Lucia e Fernando Barros, nascido no ano anterior. Nesse sentido, vivia uma contradição sobre ser ou não mãe. No entanto, naquele momento, era certo que não seria. Se fosse, a maternidade viria em um outro momento. Talvez em um mundo transformado, refeito, construído sobre outros valores.

Por mais que as práticas de Vera fossem, em essência, críticas às diferenças de gênero, não se faziam a partir de um prisma feminista. Como indicado, o feminismo ainda não havia despontado como perspectiva teórica. Incorporando características codificadas como masculinas do engajamento militante, a perspectiva exposta por Vera não era o reconhecimento da igualdade a partir das diferenças, como viria a ser formulado pelo feminismo na década seguinte. Era, entretanto, a compreensão da liberação sexual como algo necessário ao desenvolvimento revolucionário, como ela mesma apontou: "Uma proposta de relação afetiva diferente, achava um bode aquela perspectiva de casamento dos meus pais, queria ser melhor. Era uma coisa importante, ter uma relação igual com um homem."[606]

Irreverente, portadora de sua ironia zombeteira habitual, Vera, para além da defesa, prática e teórica, dessa maneira de enxergar a própria atividade militante, adotava posturas provocativas. Sentia certo prazer nisso, *pour épater les bourgeoi*s, como relembrou Daniel Aarão Reis, "sempre gostava de provocar as pessoas, questionar o conservadorismo delas."[607] Carlos Vainer, ao lembrar de sua postura, ressaltou a originalidade:

> "[Ela] se impunha de maneira tranquila. E isso não era *pour épater les bourgeois*. Nesse sentido ela era inteira, não era uma representação. Não era uma estratégia de relacionamento, era uma forma de ser. [...] muito marcante, corajosa, no sentido mais pleno da palavra, de assumir posições, coisas, ideias, de dizer o que pensava.[608]

Coexistiam, assim, as duas perspectivas. A postura provocativa era, a um só tempo, intencional e autêntica. As ironias sarcásticas como manifestações de sua própria maneira de viver.

Embora fosse querida pelo grupo, essa postura provocativa, dizendo o que pensava, era, por vezes, um incômodo para certos companheiros de militância. A visão que construía a

---

[606] MAGALHÃES, Vera Silvia. Entrevista concedida a Marcelo Ridenti. *In*: Arquivo Edgar Leuenroth (AEL/Unicamp), Fundo *Militância Política e luta armada no Brasil*, fita 1, lado a (Arquivo Digital: 139a).
[607] AARÃO REIS, Daniel. Entrevista concedida a Higor Codarin. Rio de Janeiro, no dia 19 de setembro de 2019.
[608] VAINER, Carlos. Entrevista concedida a Higor Codarin, via Skype, no dia 27 de junho de 2020.

respeito da atividade política, militante, incorporando referências outras, consideradas heterodoxas, como a psicanálise, irritava alguns:

> Levava muito as discussões políticas para o lado psicológico. Isso irritava muito às pessoas, de modo geral. [...] Ela, às vezes, psicologizava demais. E saía da discussão política. "O que que está movendo esse cara para ter essa posição política? Será mesmo, exclusivamente, referencias políticas ou haverá outras coisas?" Isso irritava as pessoas pois não tínhamos essas referências.[609]

Não apenas eram referências estranhas, como denotavam a interdição de certos assuntos. Demonstram, assim, também no seio da Dissidência da Guanabara, aspectos das restrições impostas pela tradição comunista. A psicanálise, para alguns, como Franklin Martins, era rechaçada com veemência, considerada "arma da burguesia". Para outros, como Daniel Aarão Reis, era inútil.[610]

A rejeição à psicanálise é evidência de que o avanço da Dissidência com relação às demais organizações era seletivo e permeado de contradições. Contradições essas que se faziam presentes, também, em Vera.

Se, por um lado, a liberalização sexual permeava, mais ou menos igualmente, a vida de todos os militantes da organização, a perspectiva de Vera em manter relações paralelas era incomum. Lucia Murat, por exemplo, ao retomar a questão das relações táticas e estratégicas, apontou: "Obviamente que as relações estratégicas não aceitavam as relações táticas e sempre dava merda." Ao que Daniel Aarão Reis acrescentou:

> Entre os demais, prevaleciam referências ainda conservadoras, feita a ressalva de que a virgindade tinha sido superada. Ainda se acreditava na monogamia. Não por todos os séculos e séculos, amém, mas, enquanto durasse. Então a ampla maioria não aceitava, como Vera Sílvia aceitava, que seu namorado tivesse outras relações, assim como a ampla maioria dos homens não aceitava, como José Roberto aceitava, que a sua namorada transasse com outras pessoas. [...] Ela, na prática, estava bem avançada, para nossa organização e para época nessa concepção ampla do amor. [611]

Em outras esferas, porém, Vera fazia parte da manutenção de tradições conservadoras. Em meados de 1968, José Roberto havia saído da casa de seus pais, dividindo um apartamento com Raimundo Arroio e Arnaldo Chain, localizado na rua Décio Villares, em Copacabana.[612]

Zé Roberto, como era carinhosamente chamado por todos, e Arnaldo Chain gostavam de fumar maconha. Vera, a esta altura, frequentava periodicamente o apartamento dos três. Quando se deparou com Zé Roberto fumando, esbravejou. Denotando seu autoritarismo,

---

[609] AARÃO REIS, Daniel. Entrevista concedida a Higor Codarin. Rio de Janeiro, no dia 19 de setembro de 2019.
[610] AARÃO REIS, Daniel *apud* MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 29/07/1998, fita nº 1, lado B, transcrição p. 36.
[611] AARÃO REIS, Daniel. Entrevista concedida a Higor Codarin. Rio de Janeiro, no dia 19 de setembro de 2019.
[612] ARROIO, Raimundo. Entrevista concedida a Higor Codarin, via Skype, no dia 12 de outubro de 2020

relembra que deu "maior esporro" nele. Apontou, também, que as maiores brigas entre eles eram por conta da utilização da maconha por Zé Roberto. Nas brigas, ele, de posse da sua ironia fina, gostava de ressaltar as contradições de Vera, relembrando sua postura avançada com relação aos relacionamentos afetivo-sexuais, mas não em relação às drogas ilícitas: "Nós tínhamos paus homéricos. Ele [José Roberto] me dizia: Você é muito pra frente para ter sua vida afetivo-sexual, para falar sobre isso teoricamente, mas sobre a maconha você fica em pânico."[613]

Apesar de não beber, Vera, a esta altura, fumava cigarro. Não era, no entanto, adepta da maconha. Aliás, compreendia sua utilização como contrarrevolucionária, visão majoritária na organização: "Na minha cabeça, a maconha cortava qualquer possibilidade de dinamismo pessoal para fazer a revolução."[614]

Raimundo, companheiro de Zé Roberto e Chain no apartamento, não fumava maconha por razões fisiológicas, mas relembrou a utilização por Zé Roberto e Chain. Apontou, confirmando a visão de Vera, para a coerção que pairava no ar com relação à possibilidade de utilização: "A maconha era uma espécie de ópio do povo, uma fuga da realidade. Algo que impediria a manutenção da cabeça clara para tomar decisões. Não era bem-vista."[615]

Jovanildo Savastano disse que buscou discutir dentro da organização se a utilização de maconha era considerada uma prática revolucionária.[616] A DI-GB responderia, não diretamente a Jovanildo, em formato de comunicado para todos os militantes. A Direção-Geral, na qual Vera estava, fez circular um comunicado proibindo o uso da maconha.[617]

Outra restrição imposta pela militância, segundo Raimundo Arroio, dizia respeito à possibilidade de danças nas boates da noite carioca.[618] Ir a boates era, a exemplo da maconha, prática condenável, contrarrevolucionaria, demonstração de gostos "pequeno-burgueses". Vera opunha-se com firmeza à prática. Sentia-a como evidência da falta de disciplina. Neste período, Vera era muito disciplinadora. Fazia valer seu poder intimidando os militantes com a possibilidade de serem suspensos da prática, jargão da época que denotava afastamento da atividade militante, caso faltassem a compromissos da organização.

---

[613] MAGALHÃES, Vera Silvia. Entrevista concedida a Marcelo Ridenti. *In*: Arquivo Edgar Leuenroth (AEL/Unicamp), Fundo *Militância Política e luta armada no Brasil*, fita 1, lado a (Arquivo Digital: 139a).
[614] Ibid.
[615] ARROIO, Raimundo. Entrevista concedida a Higor Codarin, via Skype, no dia 12 de outubro de 2020.
[616] SAVASTANO, Jovanildo. Entrevista concedida a Higor Codarin, por telefone, no dia 2 de outubro de 2020.
[617] CHAIN, Arnaldo. Entrevista concedida a Daniel Aarão Reis e Vera Sílvia Magalhães, 17 de julho de 1988. *In*: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, Fundo *Vera Sílvia Magalhães*, caixa 02, doc. 26, p. 5.
[618] ARROIO, Raimundo. Entrevista concedida a Higor Codarin, via Skype, no dia 12 de outubro de 2020

A utilização do termo "pequeno burguês" era, inclusive, algo corrente, para desmerecer e estigmatizar. Comportamentos caracterizados como pequeno-burgueses tinham em vista estabelecer distinções. Desvios "pequeno-burgueses" eram as ações que distanciavam os militantes de práticas revolucionárias. Nesse contexto, Lucia Murat relembrou a utilização do termo para descrever outras mulheres não engajadas politicamente, como também para descrever relações afetivo-sexuais entre militantes e não militantes:

> E tinha uma coisa também que nós tínhamos, Vera também, um pouco sintoma do nosso maniqueísmo da época, que era um desprezo muito grande pelas outras mulheres. "Ah, aquela ali é pequeno-burguesa". Pequeno-burguesa era um xingamento muito comum. Se você tinha uma pessoa que se relacionava com alguém de fora, já era taxado de relação 'pequeno-burguesa'. Isso era um desprezo muito grande por pessoas que não estavam militando como nós.[619]

A relação de desprezo com outras mulheres é confirmada por Vera. Não apenas desprezo, mas, no interior da DI-GB, certa rivalidade. Demonstrando interdições a respeito de sua perspectiva com relação aos relacionamentos afetivo-sexuais, Vera ressaltou que algumas militantes utilizavam seus relacionamentos vários para desmerecer e deslegitimar suas diretrizes políticas.[620] "Tinha uma relação péssima [com outras mulheres na organização]."[621]

Com relação às artes, também despontavam resistências. O lançamento do disco *Tropicália ou Panis et circenses*, que inaugurava o tropicalismo, capitaneado por Caetano Veloso e Gilberto Gil, foi motivo de discussão entre os dissidentes. Segmentos da DI-GB consideravam o tropicalismo despolitizante. Para esses, os artistas brasileiros a serem reconhecidos eram os que estavam denunciando a ditadura, fazendo arte engajada, como Chico Buarque e Geraldo Vandré. Outros, como Zé Roberto, enxergavam com simpatia o movimento de vanguarda tropicalista, que buscava uma síntese antropofágica entre a tradição da música brasileira e referências externas. O silêncio de Vera nas entrevistas que concedeu a respeito dessa questão, quando ela se apresentava, denota que Vera fazia parte dos que não se empolgavam com o tropicalismo.

Havia interdições também em relação à aparência dos militantes. Segundo Carlos Zílio, foi exigido, como condição para ingresso na DI-GB, que Marcos Medeiros cortasse o cabelo.[622]

---

[619] MURAT, Lucia. Entrevista concedida a Higor Codarin. Rio de Janeiro, no dia 01 de agosto de 2019.
[620] MAGALHÃES, Vera Silvia. Entrevista concedida a Denise Rollemberg. *In*: Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI-UFF), Política no Brasil: Exílio, 1994, fita 1, lado b.
[621] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 29/07/1998, fita nº 1, lado A, transcrição, p. 18.
[622] ZÍLIO, Carlos apud MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 29/07/1998, fita nº 1, lado B, transcrição p. 24.

Além disso, com relação às roupas, especialmente para as mulheres, buscava-se uma "proletarização". Calças jeans, camisas ou camisetas substituíam os vestidos. Vera, apesar de ter tido até então roupas que denotavam "feminilidade", passa, a partir do aprofundamento da militância, a utilizar o mesmo tipo de roupa, como forma de se aproximar, também, do que entendia ser uma revolucionária.

A feminilidade, inclusive, é algo bastante ressaltado nos depoimentos de homens sobre Vera. Segundo Carlos Vainer, essa feminilidade, que se apresentava através de sua beleza física, era algo importante para que ela, aos olhos dos homens, defendesse suas posições a respeito das relações afetivo-sexuais sem ser confundida com uma "mulher-macho":

> [...] não tinha um "comportamento feminino", mas não era uma mulher macho. Muito ao contrário. Era uma moça sedutora, bonita, cheio de vida, então ela podia assumir isso de maneira muito fácil, ou seja, não era ameaçada por esse lado ao assumir posturas "masculinas", posturas afirmativas, propositivas.[623]

Esses exemplos todos, denotando avanços e limitações de Vera a respeito de questões outras que faziam parte da militância comunista revolucionária, evidenciam suas contradições. As contradições de uma militante no seio de uma organização política forjada dentro de um quadro de referências complexo e cacofônico. Por um lado, havia as referências clássicas do arcabouço marxista-leninista, acrescidas do foquismo cubano, no que tange aos modelos militantes e a organização tático-estratégica necessária para o sucesso da revolução enquanto processo social. Por outro, referências diversas, consideradas heterodoxas, oxigenando o marxismo, oferecendo uma "lufada de ar libertário", encaixando-se à conjuntura na qual jovens tomavam o protagonismo em suas mãos, desafiando o futuro pré-definido para suas vidas e para o mundo.

A militância, assim, condensando tudo, individual e coletivo, particular e universal. Fundindo, numa configuração dialética, o "eu" e o "nós", que se negam e constituem mutuamente, a atividade militante forjando uma identidade, um *ethos*, que era, ao mesmo tempo, abertura e limitação. Ao "homem-novo" da emancipação humana, do reino da liberdade, adicionava-se o "homem-novo" da moral proletária, da disciplina revolucionária, fortemente vinculado ao codificado, socialmente, como masculino. A determinação disciplinar levando a uma prática revolucionária que, maniqueísta, impunha, além de estigmatizações, limitações. Mesmo diante delas, Vera, realizando uma espécie de síntese dos contrários, vislumbrava a possibilidade do impossível. "Achávamos que tudo era possível", como disse Lúcia Murat.

***

[623] VAINER, Carlos. Entrevista concedida a Higor Codarin, via Skype, no dia 27 de junho de 2020.

Jovens rebeldes e revolucionários, no mundo todo, também buscavam tornar o impossível, possível. Dos Estados Unidos ao Japão, do México à Tchecoslováquia, questionavam o mundo e o poder sob as mais diversas perspectivas. Pululando nos quatro cantos do mundo, a revolta juvenil teria como um dos epicentros, Paris. As reivindicações dos estudantes, seja em Nanterre ou no Quartier Latin, com seus protestos e barricadas, tornaram-se o grande símbolo da luta da juventude. As pichações nos muros de Paris serviam de epígrafe ao movimento que, mesmo sem maestro, assemelhava-se a uma orquestra cacofônica e sincronizada.[624] *Seja realista, demande o impossível*[625], era a consigna.

E Vera, junto aos dissidentes, em busca do impossível, preparava-se para o assalto aos céus.

4.4 Imersão Geral na Luta Armada

Para além das mobilizações capitaneadas pelos estudantes, e mesmo em reação a elas, a repressão das forças militares espraiava-se para fora dos limites policiais. Grupos paramilitares, com a conivência do poder, surgiam e realizavam atentados à bomba, sequestros e espancamentos de artistas e estudantes. Fechamentos de teatro, proibições de peças, como foi o caso de *Roda viva* escrita por Chico Buarque, censuras e assassinatos, como foi o caso de Edson Luís, indicavam que a repressão política ao longo do ano de 1968 seguia em curva ascendente.

Neste contexto, organizações de esquerda, ainda no primeiro semestre de 1968, partiam para a ofensiva armada. A Ação de Libertação Nacional (ALN), sob liderança de Marighella era um dos exemplos. Tendo como consigna o lema da OLAS, realizaram sua primeira ação armada em abril de 1968, em um assalto ao carro pagador do Banco Francês Italiano, na capital paulista.[626]

Além dela, duas cisões da POLOP[627], uma em Minas e outra em São Paulo, Comando de Libertação Nacional (COLINA) e Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) respectivamente, também empunhariam suas armas. A VPR, em junho, invadiu o Hospital Militar no bairro paulista Cambuci, e de lá expropriou metralhadoras.[628]

---

[624] Para maiores detalhes, cf. AARÃO REIS, 2008; GARCIA, Marco Aurélio; VIERA, Maria Alice (org.). *Rebeldes e Contestadores*: 1968 – Brasil/ França/ Alemanha. 2. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.

[625] Soyez réalistes, demandez l'impossible.

[626] MAGALHÃES, Mario. *Marighella*: o guerrilheiro que incendiou o mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 363

[627] Sobre as cisões na POLOP, cf. GORENDER, 2014, p. 141-154.

[628] GORENDER, 2014, p. 146.

As ações desses grupos denotavam, para além de obtenção de armas e dinheiro, desafios à ditadura. Desprezando os movimentos sociais, caracterizando-os como incapazes de desafiar o poder e/ou lidar com a repressão, as organizações buscavam agir.[629]

Vera e os dissidentes, apesar da nítida inclinação para a luta armada, estavam imersos no movimento de massas. Contudo, o movimento estudantil, no segundo semestre, dava claras demonstrações de estar em refluxo. As poucas passeatas e mobilizações eram respondidas rápido e com força. Além da repressão às mobilizações, a ditadura desfecharia o maior golpe ao movimento estudantil em outubro. Quando, em Ibiúna, interior paulista, os estudantes se preparavam para realizar, clandestinamente, o XXX Congresso da UNE, as forças repressivas invadiram o local e prenderam centenas de estudantes. Dentre eles, a principal liderança da DI-GB, Vladimir Palmeira, além de outros líderes, como Luís Travassos e Jean Marc. Vera, imbuída de outras funções, não participou do congresso, fato que, possivelmente, impediu sua prisão.

A prisão de parte das lideranças estudantis, o refluxo do movimento de massas e as ações armadas realizadas por outras organizações[630] soavam, aos ouvidos dissidentes, como uma canção do movimento italiano Lotta Continua, que dizia: E então: do que mais você precisa, companheiro, para entender que já soou a hora do fuzil?"[631]

A hora derradeira veio em dezembro, com a promulgação do Ato Institucional nº 5 (AI-5). Dizendo ter em vista "encontrar os meios indispensáveis para a obra de reconstrução econômica, financeira e moral do país" [632], os militares suprimiram as liberdades democráticas remanescentes. Autorizando o presidente da República a fechar o Congresso Nacional, intervir em estados e municípios, cassar mandatos parlamentares, suspender direitos políticos e o *habeas-corpus*, o AI-5 era o fechamento definitivo do regime. Definitivo pois, ao contrário do AI-1 e AI-2, não tinha prazo de validade. Assim, abriam-se as portas para "a efetivação de um sistema de segurança nacional"[633], como uma espécie de conclusão da "Operação Limpeza" iniciada em 1964.[634]

---

[629] Evidência neste sentido foi a explosão de uma bomba em frente ao Quartel General do II Exército, em São Paulo, realizada por militantes da VPR. O atentado, no qual morreu o soldado Mario Kozel Filho, aconteceu no mesmo dia da Passeata dos 100 mil no estado da Guanabara.

[630] Essas ações, inclusive, geravam, embora em pequena escala, uma atração de militantes de outras organizações que, em alguns casos, migravam das organizações que ainda não estavam realizando ações armadas para as organizações que estavam imbuídas de sua realização.

[631] Apud *TRAVERSO*, Enzo. *Melancolia de esquerda*: marxismo, história e memória. Belo Horizonte: Editora Afine, 2018. p. 40.

[632] Para maiores detalhes, cf. PRESIDENCIA DA REPÚBLICA, *Ato Institucional nº 5, 13 de dezembro de 1968.* Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ait/ait-05-68.htm. Acesso em: 15 ago. 2022.

[633] FICO, 2001, p. 114.

[634] Ibid., p. 65.

Aos olhares dissidentes de Vera e seus companheiros, o AI-5 não era apenas um obstáculo intransponível ao movimento de massas e às oposições institucionais ao regime. Era, também, a confirmação das leituras conjunturais que indicavam a inevitabilidade da radicalização da ditadura e a urgência da revolução. Em um misto entre a teoria da dependência e a tese da estagnação econômica duradoura de Celso Furtado[635], os dissidentes vislumbravam que o capitalismo no Brasil vivia um impasse. A impossibilidade de crescimento econômico, devido à exploração dos países centrais, era o calcanhar de Aquiles do capitalismo nacional. A única solução, para as classes dominantes, seria a manutenção do sistema socioeconômico pela força. O AI-5, portanto, como demonstração cabal de que o capitalismo estava ferido de morte. As condições objetivas estavam dadas. Faltavam, apenas, os braços empenhados a concretizar a revolução brasileira.

Coincide com esse período a saída de Vera da casa da mãe, Virgínia. A radicalização da postura política da Dissidência era, também, a radicalização da postura militante de Vera. Com o auxílio do pai Claudio que, em constante litígio com Virgínia, enxergava com bons olhos a distância entre mãe e filha, Vera alugou um apartamento na rua Bulhões de Carvalho, em Copacabana. Ali moraria com a companheira de militância Lucia Murat e com uma amiga que não tinha vinculações com a vida política, Suzana. [636]

À saída de casa, incorporava-se, também, a ruptura com a universidade. Ao longo de 1968, com o avanço e a radicalização da luta estudantil, Vera deixara de frequentar as aulas. De acordo com seu histórico escolar, apesar de boas notas em História Econômica do Brasil, na qual terminou o ano com média de 8,66, não realizou nenhuma das últimas avaliações do das sete disciplinas que cursava. Por nota, foi reprovada em Análise Microeconômica, a qual não realizou nenhuma das avaliações, e Matemática II. As reprovações por nota e a baixa assiduidade terminariam por reprová-la.[637] Para Vera, àquela altura, pouco importava.

A saída da casa da mãe e o relativo abandono da vida universitária *stricto sensu* eram o caminho de Vera em direção à clandestinidade. Rompiam-se, ao mesmo tempo, os laços

---

[635] Duas principais obras de Celso Furtado influenciaram os dissidentes, e a esquerda armada no geral, neste sentido: *Dialética do desenvolvimento (1964)* e *Subdesenvolvimento e estagnação na América Latina (1966).* Segundo Gorender, "[...] os leitores de esquerda filtraram da tese de estagnação estrutural conclusões que vinculavam a ditadura militar ao impasse do capitalismo no Brasil e reforçavam a perspectiva socialista." GORENDER, 2014, p. 85.

[636] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 29/07/1998, fita nº 1, lado A, transcrição p. 12; MURAT, Lucia. Entrevista concedida a Higor Codarin. Rio de Janeiro, no dia 01 de agosto de 2019.

[637] Histórico Escolar de Vera Sílvia Magalhães, 1967-1968, Faculdade Nacional de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, fundo *Vera Sílvia Magalhães Albuquerque Maranhão* (BR RJAPERJ VSM), Caixa 1, Documentos Pessoais II, Doc. 4.

familiares e os laços institucionais com a sociedade. Evidenciavam, prática e simbolicamente, a ruptura com uma trajetória esperada: conquistar uma profissão, constituir uma família e viver de acordo com as normas sociais. Desfazia-se, não apenas o cotidiano vivido até então, mas também a "trama da continuidade do vivido"[638] que se faria no futuro, baseado no que se esperava de uma jovem de classe média alta da ex-capital federal.

Como culminar simbólico desse processo, o abandono do nome. A escolha de um codinome, tendo em vista proteger-se da repressão. Um nome de guerra na guerra revolucionária que se aproximava. Em homenagem ao sobrinho André, autointitulava-se "Andreia". Era o primeiro dos vários nomes que assumiria. Como um camaleão, o abdicar do nome como síntese da militância clandestina, camuflada. Abandonando-o, representação *par excellence* de sua individualidade e identidade, "Andreia" se aventurava fora dos circuitos institucionais, em uma vereda "para a conquista da verdadeira identidade."[639] Verdadeira pois construída. "Andreia" como consumar da identidade revolucionária.

O fim do ano de 1968, portanto, não apenas para Vera e os dissidentes, mas, de modo geral para as organizações de esquerda surgidas no cenário pós-golpe, como soar dos sinos da luta armada. Como aponta Jacob Gorender, uma "imersão geral na luta armada."[640] Expropriações[641] a bancos, carros pagadores, automóveis e armas se tornariam uma realidade nos centros urbanos.

A luta armada era a resposta. O fracasso de experiências semelhantes na América Latina e, dentre elas, principalmente, a morte de Che Guevara, isolado, na Bolívia, em outubro de 1967, não impunha restrições à ânsia de Vera, dos dissidentes, e de todos os grupos empenhados na revolução brasileira. Ao contrário. Em um contexto em que a revolução, a utopia, era "vivida como um horizonte de expectativa e uma perspectiva histórica"[642], os fracassos, especialmente as derrotas da guerrilha latino-americana, por mais que necessitassem de um balanço crítico, "despertavam admiração, inspiravam coragem, reforçavam lealdade."[643] Como escrevera Rosa Luxemburgo, em meio à derrota da Liga Espartaquista e pouco antes de ser assassinada: "[...] a história leva, irresistivelmente, passo a passo, em direção à vitória final."[644] No limite, essas

[638] Definição de Lefebvre sobre a ideia de cotidiano. ACSELRAD, 2015, p. 15.
[639] SEMPRUN, Jorge. *Autobiografia de Federico Sánchez.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 91.
[640] GORENDER, 2014, p. 169.
[641] Utilizaremos aqui o termo expropriação. Ao contrário de roubo, que implica uma ação conscientemente ilegal e criminosa, os militantes o faziam a partir da noção de legitimidade do ato, em prol do processo revolucionário em curso.
[642] TRAVERSO, 2021, p. 103.
[643] Ibid., p. 100.
[644] LOUREIRO, Isabel. (org.). *Rosa Luxemburgo*: textos escolhidos. 1914-1919. São Paulo: Editora da UNESP, 2011. v. 3, p. 399.

derrotas todas tornavam imperativa a frase final de Che Guevara em "Mensaje a los pueblos del mundo a través de la Tricontinental":

> En cualquier lugar que nos sorprenda la muerte, bienvenida sea, siempre que ése, nuestro grito de guerra haya llegado hasta un oído receptivo y otra mano se tienda para empuñar nuestras armas, y otros hombres se apresten a entonar los cantos luctuosos con tableteo de ametralladoras y nuevos gritos de guerra y de victoria.[645]

Neste contexto, estendendo as mãos para empunhar as armas, a DI-GB criaria, em 1969, um setor responsável pela realização das ações armadas: a Frente de Trabalho Armado (FTA). E, dela, Vera faria parte.

Em uma de suas entrevistas posteriores, cultivando a sinceridade e o bom humor costumeiro, Vera relembrou: "Eu me lembro da gente no Paissandu. [...] Víamos todos os filmes, militávamos e trepávamos. Não sei como dava tempo."[646]

Como uma espécie de síntese de 1968, a frase descreve o ano curto de todos os desejos. Ao contrário de uma realidade entediante, "brevidade mórbida do tempo, provocada pela monotonia"[647], o curto espaço de tempo do ano de 1968 decorre de seu "conteúdo rico e interessante, [...] capaz de abreviar a hora e até mesmo o dia; mas considerado sob o ponto de vista do conjunto, confere amplitude, peso e solidez ao curso do tempo."[648] Cultura, política e afetos. A junção improvável, porém realizada de forma radical por Vera, neste ano que conteve, em si, amplitude e estreiteza.

Afastando-se da universidade, da família e enveredando pela clandestinidade, Vera, na aurora de 1969, tomava para si a máxima de que aos revolucionários não havia outra coisa a fazer que a revolução. E sua prática política faria ecoar uma frase de Mao, citada, também, em *La chinoise*, retomando e levando a termo as críticas originárias dos dissidentes ao PCB:

> [...] uma revolução não é o convite para um jantar, a composição de uma obra literária, a pintura de um quadro ou a confecção de um bordado; ela não pode ser assim tão refinada, calma e delicada, tão branda tão afável e cortês, comedida e generosa. Uma revolução é uma insurreição, é um ato de violência de uma classe sobre a outra.[649]

---

[645] GUEVARA, Ernesto. Mensaje a los pueblos del mundo a través de la Tricontinental. (1967). *In*: GUEVARA, 2004, p. 435.
[646] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 29/07/1998, fita nº 1, lado A, transcrição p. 9.
[647] MANN, 2016, p. 123.
[648] Ibid.
[649] TSE-TUNG, Mao. *Obras escolhidas de Mao Tse tung*. 3. ed. Pequim: Edições em línguas estrangeiras, 1975. tomo 1, p. 35.

CAPÍTULO 5 – NO PRINCÍPIO, ERA A AÇÃO.

"[...] nós, Vermelhos, rumávamos à Cidade do Futuro."[650]

(Victor Serge)

Nos primeiros meses de 1969, Vera era tomada pelo otimismo. A revolução havia começado. Decidida pela luta armada, a Dissidência formou provisoriamente seu primeiro grupo de militantes responsável pelas ações armadas: Claudio Torres, João Lopes Salgado, Cid Benjamin, Daniel Aarão Reis e Stuart Angel. Ainda sem o vislumbre claro de como se integrava a luta armada na tática e estratégia revolucionárias, esse primeiro grupo ficou responsável pela realização das chamadas ações meio ou de infraestrutura. Essas, no jargão das organizações da autointitulada esquerda revolucionária, eram ações cujo objetivo visava obtenção dos meios necessários para a deflagração do processo revolucionário. Em resumo, ações que visassem armas, carros e/ou dinheiro.

Apesar de alguns revólveres comprados legalmente no Estado da Bahia, os dissidentes precisavam aumentar seu poder de fogo. Almejavam armas maiores, como metralhadoras, cuja compra era restrita aos órgãos de segurança. João Lopes Salgado que, além de estudante de medicina na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), era ex-sargento da Aeronáutica, tinha uma ideia. Assim, realizaram a primeira ação.[651]

Na madrugada de 15 de fevereiro, sábado de carnaval, renderam o sentinela que fazia, na calçada, seu trabalho de vigilância ao Hospital Central da Aeronáutica, localizado no bairro de Rio Comprido. O objetivo era a metralhadora INA com a qual guardava o hospital. Sem percalços devido à desproteção do vigia, os dissidentes tomaram sua metralhadora.[652]

Nove dias depois, com maior poder de fogo, o alvo foi o bar Castelinho, localizado em Ipanema, na avenida Viera Souto. Ali, por volta das cinco horas da manhã, renderam os funcionários e expropriaram, aproximadamente, dez mil cruzeiros.[653]

Com a maioria dos militantes na clandestinidade, dinheiro se fazia necessário para manutenção dos "aparelhos", jargão comunista para designar apartamentos e/ou casas nos quais habitavam, como também para vida cotidiana dos próprios militantes e das entidades estudantis

---

[650] SERGE, Victor. La ville en danger. *In*: *Mémoires d'un révolutionnaire et autres écrits politiques*. Paris: Laffont, 2001. p. 79.

[651] SALGADO, João Lopes. Entrevista concedida a Higor Codarin, por telefone, no dia 29 de setembro de 2020.

[652] Para maiores detalhes, cf. PROJETO BRASIL NUCA MAIS. *BNM* 625 e 296. Disponível em: http://bnmdigital.mpf.mp.br/. Acesso em: 7 mar. 2022. A partir deste momento, todas as notas referentes ao projeto *Brasil: Nunca Mais* serão referenciadas apenas com a sigla, número do processo e página. Deve-se ter sempre em mente que a página se refere ao arquivo digital disponível no site supracitado.

[653] BNM 625, p. 7.

que a Dissidência controlava. Assim, cerca de um mês depois da ação do Castelinho, realizaram a primeira expropriação bancária.

Os cinco integrantes do grupo, de posse da metralhadora, renderam os funcionários e clientes da agência do banco Crédito Territorial, localizada em Bonsucesso, arrecadando, no dia 24 de março, aproximadamente 38.000 cruzeiros.[654]

Todas as ações foram um sucesso. O início das ações armadas dos grupos de esquerda encontrava os órgãos policiais desorientados. Não tinham clareza de que se tratava de ações políticas e, especificamente sobre a Dissidência, não havia nenhuma pista sobre quem eram os praticantes.[655] Assim, o sucesso era absoluto. A empolgação era geral. Mesmo aos demais militantes, que não estavam a par das realizações, visto que, gradativamente, consolidava-se a "estanquização"[656] de informações, o fluir financeiro se fazia sentir, seja pelas entidades ou pelos militantes. Vera, como integrante da direção, sabia que as ações estavam sendo realizadas e estava, assim como todos, eufórica.

Confiantes, os dissidentes reuniram-se, em abril, para, em conferência, aprofundar, a partir da construção de um programa tático-estratégico, a prática revolucionária. Realizada no Leme, na casa dos tios de Claudio Torres, a intitulada III Conferência desaguou em uma nova linha política. A luta armada, como não poderia deixar de ser, tornava-se central. De estudantes, transformavam-se em revolucionários comunistas. Alterava-se, também, simbolicamente, o nome da organização. Abandonando ao passado a origem estudantil, passavam de Dissidência Universitária da Guanabara a Dissidência Comunista da Guanabara.

Vera e Franklin, muito entusiasmados com a perspectiva da luta armada, responsabilizaram-se pela escritura da nova linha política. Além da confirmação das visões precedentes a respeito das relações entre o capitalismo monopolista e a conjuntura nacional, baseadas na *Teoria da dependência* e na tese de estagnação duradoura de Celso Furtado, que impunham o protagonismo da revolução aos países periféricos, os dissidentes, apoiados em

---

[654] BNM 296, p. 18.

[655] Isso fica evidente de acordo com o relatório da Delegacia de Roubos e Furtos, responsável pela elucidação das expropriações: "Os tipos físicos dos indivíduos autores do assalto, conforme descrição das várias testemunhas que se encontravam no local, quando do evento, têm servido para que esta Seção [ilegível] [procure] nos vários fichários existentes na Polícia, dentre indivíduos já 'conhecidos' por seus antecedentes criminais, mas, como dizer, não obtivemos um mínimo de compensação ao nosso trabalho.
Temos procurado efetuar levantamento [...] nesses últimos tempos de vários indivíduos fichados na polícia, não abandonando, nunca, qualquer pequeno detalhe que chegue ao conhecimento, mas, apesar de tudo isso, os frutos desaparecem." BNM 296, p. 90.

[656]Conforme jargão das organizações comunistas, compartimentação de informações, gerando, conforme o militante Pedro Alves Filho, a máxima de que "cada um deve saber exclusivamente o suficiente para sua prática." Depoimento *atribuído* a Pedro Alves Filho. Cf. BNM 076, p. 316. A partir de agora, todos os depoimentos dados por militantes nos processos judiciais serão considerados *atribuídos*, com a consciência de que foram obtidos sob condições de extrema violência física e psicológica ou não foram dados da forma como aparecem.

Caio Prado Júnior[657], defendiam que o Brasil era um país plenamente capitalista. Assim, colocava-se na ordem do dia, ao contrário da visão do PCB, que a revolução brasileira era, diretamente, socialista.

As condições objetivas estavam dadas, segundo o documento. Faltavam, apenas, as subjetivas. Estas seriam construídas pela guerra revolucionária, "processo inevitável para o qual os revolucionários devem preparar-se e preparar as massas, especialmente o proletariado."[658]

Confirmando uma visão eclética a respeito da luta armada, Vera e Franklin, com a concordância dos presentes, escreviam que a guerra revolucionária não "é o foco guerrilheiro ou insurreição urbana." Não decorreria, portanto, exclusivamente, no campo ou na cidade. Mas "engloba todas as formas armadas de luta, como também uma infinidade de formas não armadas que encaminham, preparam e fortalecem as formas armadas de luta."[659]

No seio desta definição ampla, a guerra seria composta de fases. A fase principal, desenvolvida no campo, ainda não estava na ordem do dia. Deveriam prepará-la. Operando uma divisão entre formas de luta estratégicas, que visavam a tomada do poder, e formas de luta não estratégicas, o momento exigia o desenvolvimento das segundas. Estas englobavam autodefesa armada, sabotagem de massas e, especialmente, propaganda armada. A propaganda objetivava "estimular lutas políticas e econômicas sociais, propagar elementos estratégicos e fornecer exemplos concretos de viabilidade de luta contras as forças repressivas."[660]

Assim, neste momento, buscando romper com a baixa consciência dos trabalhadores, o objetivo das ações armadas, para além da obtenção de armas e dinheiro, era conscientizá-los para a inexorabilidade da luta armada como forma de derrubar a ditadura e realizar a revolução.

Visando este objetivo, houve nova alteração na estrutura da DI-GB. Modificavam-se as seções da organização. Criavam-se três frentes: Frente de Trabalho nas Camadas Médias (FTCM), Frente de Trabalho Operário (FTO) e Frente de Trabalho Armado (FTA). Os militantes que lideravam as frentes tornavam-se, como antes, os integrantes da Direção-Geral.

---

[657]Em *A revolução brasileira,* publicado em 1966, Caio Prado Júnior tinha por objetivo analisar a realidade brasileira para criticar, duramente, as análises conjunturais do PCB, que vinculadas a "esquemas abstratos e preestabelecidos", teriam, em parte, possibilitado o golpe. Para isso, ao contrário do desenvolvimento dos modos de produção pelos quais passaram os países europeus, o Brasil, no período colonial, já estava integrado ao capitalismo mercantil, portanto, nunca teria passado por uma fase feudal, sendo assim impossível haver resquícios feudais no campo. Isso, aliado à teoria da dependência, levava à conclusão, por parte dos dissidentes, que a revolução seria, diretamente, socialista. Para maiores detalhes, cf. PRADO JÚNIOR, Caio *A revolução brasileira. (1966).* 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

[658] DISSIDÊNCIA COMUNISTA DA GUANABARA, *A situação internacional, 1969,* mimeo, p. 4. *In*: Arquivo da Memória Operária do Rio de Janeiro (AMORJ), IFCS/UFRJ, fundo *Organizações de Esquerda*, Série-02, documento nº 01.

[659] Ibid.

[660] Ibid., p. 7. Analisei, exaustivamente, a linha política da Dissidência Comunista da Guanabara em outra oportunidade. Para maiores detalhes, cf. CODARIN, 2019, p. 104-138.

Para o comando da FTCM foi escolhido Franklin Martins. Continuando no trabalho junto aos operários, mantinha-se Daniel Aarão Reis na FTO. Para a Frente de Trabalho Armado, pela experiência com armas de fogo, escolhia-se Claudio Torres.

Com a reconfiguração, Vera saía da direção. Deixava-a não de forma conflituosa, mas, em parte, insatisfeita. Alguns militantes homens, de modo a justificar sua saída, utilizavam seus relacionamentos afetivo-sexuais para tanto. Ser "instável emocionalmente" era um dos argumentos. Segundo Vera, em diversas entrevistas posteriores, essa instabilidade emocional decorria do fato de ela manter, paralelamente, relações com outros companheiros na organização. Curioso é que aos homens, embora não houvesse grande questionamento por parte deles sobre essa questão, os relacionamentos "táticos" e "estratégicos" não eram sinônimos de instabilidade emocional, como ela mesmo relembrou:

> Eu acho que, independente de qualquer coisa, eu sairia da direção por mil outras razões, inclusive porque havia quadros novos surgindo. Mas houve um argumento fantástico, de que eu era uma pessoa instável emocionalmente. [...]Porque eu tinha uma relação marital com o Zé Roberto e tinha outras relações, que o Zé Roberto também tinha. Ninguém questionava o Zé Roberto.[661]

Menosprezar mulheres, caracterizando-as como instáveis emocionalmente, é algo que deita raízes nas mais antigas teorias políticas. Aristóteles, por exemplo, escorado em sua concepção de natureza, defendia que as mulheres, apesar de capazes de utilizar a razão, deixam as emoções prevalecerem.[662] Como vimos, na cultura política comunista com a qual Vera e os dissidentes estavam em contato, esse fato também fica aparente. Ao vincular o gênero feminino a funções que denotam cuidado, edificava-se a ideia de que às mulheres restam funções nas quais a emoção impera, sobrepondo-se à razão.

Esse argumento de instabilidade emocional, baseado nos relacionamentos afetivo-sexuais de Vera, pairava sobre ela desde o ano anterior, quando utilizavam sua vida privada para questionar sua liderança. Não obstante, ganhava força entre alguns militantes homens no bojo da própria conferência, quando Vera e Daniel, em determinado momento imbuídos de fazer, juntos, a vigilância da reunião, passaram a se relacionar.

---

[661] MAGALHÃES, Vera Silvia. Entrevista concedida a Marcelo Ridenti *In*: Arquivo Edgar Leuenroth (AEL/Unicamp), Fundo *Militância Política e luta armada no Brasil*, fita 1, lado a (Arquivo Digital: 139a).
[662] Para maiores detalhes, cf. ARISTÓTELES, *Política*. Portugal: Editora Nova Vega, 2016.

Com afinidades em comum, o relacionamento extrapolou os limites da conferência. Como relembrou Vera, "casei com Daniel por uns três meses."[663] Foi, como disse Daniel, "uma relação muito intensa, de conversa, de discussão. Ali que eu passei a ver quem ela é. Fiquei fascinado."[664] Fascínio recíproco. Para ele, entretanto, em curto espaço de tempo, o encantamento tornou-se frustração: "Eu pensei que era um namoro sólido, mas logo percebi que ela tinha vários namorados. Eu era um deles, apenas. Foi uma grande decepção para mim."[665]

Nesse ínterim, Vera e Daniel se encontravam, frequentemente, ou no "aparelho" de Vera, na rua Bulhões de Carvalho, ou em apartamentos de simpatizantes[666], como era o caso de Leilah Landim, que serviam de refúgios ao amor.[667] Segundo Vera, de posse de seu humor, ao mesmo tempo hilário e desconcertante, tiveram "grandes momentos de luxúria"[668] no aparelho da rua Bulhões de Carvalho. Em um deles, Zé Roberto apareceu. Daniel, acuado, escondeu-se no banheiro.[669] Vera, com tranquilidade, disse a Zé Roberto que o encontraria em outro momento.

Esse modo de se relacionar não entusiasmava Daniel: "Por mim, teria ficado com ela. Mas eu não tinha condições de ser um namorado entre vários. Ela me dizia abertamente que tinha vários namorados e que preferia o Zé Roberto. Ele era sua âncora afetiva."[670] Denota-se, uma vez mais, que o relacionamento de Vera e José Roberto e, em especial, a perspectiva de Vera com relação à concepção de seus relacionamentos não eram comuns entre os dissidentes.

Zé Roberto, a esta altura, tornava-se um dos principais quadros da Frente de Trabalho nas Camadas Médias. Ele e Vera passavam a fazer parte de setores diferentes. Se Vera havia sido tomada pela frustração ao ser destituída de seu cargo de liderança, sua nova função foi aceita com entusiasmo. Simbolizava sua importância. A partir da conferência, Vera passava a fazer parte da Frente de Trabalho Armado (FTA). Como reza o ditado popular, caiu para cima. A FTA, após abril, era a principal seção da DI-GB.

---

[663] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 18/07/1998, fita nº 1, lado A, transcrição, p. 5.
[664] AARÃO REIS, Daniel. Entrevista concedida a Higor Codarin. Rio de Janeiro, no dia 19 de setembro de 2019.
[665] AARÃO REIS, Daniel. Entrevista concedida a Higor Codarin. Rio de Janeiro, no dia 19 de setembro de 2019.
[666] Simpatizantes eram as pessoas que não integravam, organicamente, a organização, mas, devido a sua posição de não estar na clandestinidade, auxiliavam a organização com a guarda de material, divulgação dos jornais e locais para moradia.
[667] LANDIM, Leilah. Entrevista concedida a Higor Codarin. Rio de Janeiro, 01 de Agosto de 2019.
[668] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 29/07/1998, fita nº 1, lado A, transcrição pp. 12-13.
[669] Ibid.
[670] AARÃO REIS, Daniel. Entrevista concedida a Higor Codarin. Rio de Janeiro, no dia 19 de setembro de 2019.

No geral, os grupos responsáveis pelas ações armadas, dentro das organizações da esquerda armada brasileira, eram os mais valorizados. Imersos no imperativo da ação, aos que empunhavam as armas, tornando-se, como queria o foquismo cubano, quadros político-militares, era reservado o papel mais importante e edificante. Eram a vanguarda da vanguarda, abrindo as trilhas da revolução.

Sua escolha, porém, não decorria, apenas, de sua importância para a organização. Cid Benjamin, um dos militantes da FTA, ficou responsável por reformular o grupo que havia sido montado, provisoriamente, no início do ano. Apesar de conhecê-la, Cid não era próximo de Vera. Não obstante, notava que ela era "uma pessoa muito respeitada na organização, pois era muito inteligente."[671] Contudo, sua escolha dizia respeito, também, ao fato de ser mulher, como relembrou Cid:

> Quando fomos reformular o grupo, achei que era interessante ter uma mulher, pois facilita, não apenas os levantamentos, mas também a abordagem de policiais etc. E aí veio a Vera Sílvia, que era o oposto de uma pessoa atlética, que fizesse esportes. Era uma pessoa com uma aparência física mais para o frágil.[672]

Imersos na atmosfera geral do foquismo cubano, aliado às posições de gênero fortemente demarcadas socialmente, os dissidentes designavam Vera, como única mulher, à FTA. Entusiasmou-se. Atingia o ápice da prática revolucionária. O texto que havia escrito no Andrews, sobre o que deveria fazer para se tornar uma revolucionária, era superado pela realidade. O relativo mal-estar por ter saído da direção era suplantado pelas armas. Vera sentia-se uma revolucionária valorosa. E, como apontou Cid, ao promover um contraponto às suas debilidades físicas: "[...] muito corajosa, nunca teve problemas de qualquer natureza. Integrou-se perfeitamente."[673]

5.1 Batismo de Fogo

Além de Vera, a FTA era composta por Cid Benjamin, João Lopes Salgado, Claudio Torres, Sergio Rubens Araújo Torres e José Sebastião Rios. Todos, até então, estudantes, com exceção de Rios que veio ao estado da Guanabara como professor de artes gráficas. Apenas dois deles, antes da formação do primeiro grupo, provisório, tinham relativa experiencia com armas de fogo. Claudio, por ter, quando ainda estava no Rio Grande do Sul, aprendido a atirar com seu pai, oficial da Brigada Militar, e Salgado que adquiriu, na condição de ex-sargento da

---

[671] BENJAMIN, Cid. Entrevista concedida a Higor Codarin. Rio de Janeiro, no dia três de abril de 2019.
[672] Ibid.
[673] Ibid.

Aeronáutica, conhecimentos não desprezíveis a respeito das armas, embora não as utilizasse em serviço.

Assim, era necessário que houvesse, mesmo que de modo elementar, algum tipo de treinamento para os militantes não experimentados. O responsável pelos treinamentos era Claudio Torres. Vera, provavelmente, realizou treinamento com ele, que acontecia na maioria das vezes em praias isoladas e/ou na região dos lagos do estado do Rio de Janeiro.[674]

Após o treinamento, Vera passou, efetivamente, a participar da FTA. Percebeu, de imediato, a definição de sua função como mulher. Foi designada para realizar, especialmente, levantamentos para futuras ações. Com objetivo de buscar novas oportunidades, Vera deveria mapear informações, horários e vulnerabilidades que viabilizassem e facilitassem sua realização. Enquadrando-se no estereótipo social que subestimava as mulheres como fator de perigo, Vera, com então 21 anos, de posse de sua juventude e beleza magnéticas, metamorfosear-se-ia de acordo com o que demandava a ocasião. A partir das representações de "eterno masculino" e "eterno feminino", enraizadas socialmente, pode-se dizer que a presença e ações de Vera na FTA participam do que Luc Capdevila caracteriza como "jogos de gênero":

> Os jogos de gênero são, antes de mais nada, jogados como um divertimento, como uma brincadeira de esconde-esconde, o gênero aparece aqui como máscara. Os jogos de gênero são, também, o jogo como um equipamento; assim com os jogos de xadrez, são como um conjunto de peças à disposição dos atores políticos, para intervir no espaço público. [...] são também a diferença, entre encenações, o que realmente é, e o que é percebido pelo adversário.[675]

Cada ação, portanto, uma *mise-en-scène.* Como uma atriz, Vera mobilizaria, de diversas maneiras, o papel social que lhe era atribuído e que, concomitantemente, subestimava-a, a favor da revolução.

Após ter feito um de seus primeiros levantamentos, realizou, em maio, sua primeira ação. Tendo em vista expropriar outra metralhadora, Vera notara a vulnerabilidade de um guarda que fazia a segurança do gasômetro do Leblon, responsável pelo abastecimento energético da região, localizado na rua Carlos Góis.

Na madrugada de 09 de maio, sexta-feira, Vera, Claudio, Cid e Salgado deslocavam-se para realizar a ação. Às três horas, chegavam à rua Carlos Góis. Vera foi para a ação disfarçada.

---

[674] Diante da militarização da Dissidência, não apenas os militantes da FTA deveriam ter armas. Embora a realização de ações armadas coubesse à FTA, aos demais militantes preconizava-se o porte de armas para qualquer eventualidade. Além disso, possuir uma arma, de acordo com a atmosfera da época, despontava como manifestação do compromisso revolucionário. Uma espécie de carteira de identidade dos revolucionários. Assim, Claudio Torres responsabilizou-se pelo treinamento de diversos militantes.

[675] CAPDEVILA, Luc. Résistance civile et jeux de genre. *Annales de Bretagne et des Pays de L´ouest*, Rennes - Presses Universitaires de Rennes, tome 108, n. 2, p. 103-128, 2001. p. 105-106.

Inteira de preto, vestia uma peruca loira.[676] Caminhando de forma descontraída pela rua, ia abraçada com Claudio Torres, simulando um casal de namorados. Cid, como um amigo, acompanhava-os. Quando atingiram a altura do policial na calçada, Vera, de forma simpática e mansa, perguntou se ele tinha fósforos para que pudesse acender seu cigarro. O policial, Ozório de Oliveira, solícito ao pedido feito com "muita meiguice e alegria"[677], atendeu-o. Distraindo-se enquanto entregava a caixa de fósforos, Claudio anunciou o assalto.

Ao contrário do esperado, o policial não cedeu à exigência de Claudio em soltar a metralhadora. Mais. Resistiu buscando engatilhá-la. Cid, um pouco atrás, sem titubear, disparou contra ele.[678] Salgado, enfim, tomou a metralhadora. Atirar no policial não estava nos planos. Além disso, o que não se sabia, era a existência de um outro guarda no interior da estação de energia. Vera havia cometido um erro no levantamento. Não atentara para o fato de que eram dois policiais fazendo a segurança do gasômetro, propriedade da empresa Light.[679]

O segundo policial, Plautos Correa, em vias de ir ao portão para revezar a vigia, ao ouvir o disparo foi socorrer o atingido. Ozório, baleado, balbuciou que haviam tomado sua metralhadora. Plautos, então, ao ver os dissidentes correndo pela rua, disparou uma rajada de metralhadora em direção a Vera e os demais. Salgado, protegendo os companheiros, fez uso da metralhadora recém expropriada.[680] Começava um tiroteio. Enquanto durasse, não seria possível chegar ao carro. A iluminação da rua era boa, o que dificultava a fuga.[681] Após a rajada de Salgado, o silêncio. Por sorte, a metralhadora do policial, após a primeira saraivada de tiros, enguiçou.[682] Com o cessar fogo forçado, os dissidentes conseguiram, finalmente, fugir sem nenhum ferido.

O tiroteio chocou a todos. Era o primeiro conflito efetivo. A morte despontava, pela primeira vez, como possibilidade. Não apenas a deles, revolucionários, mas também de outros indivíduos, trabalhadores, como foi o caso do policial. O objetivo não era matar o policial. Por

---

[676] Perícia militar baseada no depoimento dos policiais e do porteiro de um prédio próximo. Disponível em: BRASIL. Superior Tribunal Militar, Apelação 40.500/1974, fls. 10-11. Acervo digitalizado e enviado após consulta no https://www.stm.jus.br/. Há cópia no acervo Brasil: Nunca Mais. Para maiores detalhes, cf. BNM 411, p. 15-16.
[677] Depoimento de Ozório de Oliveira. Ibid., fl. 56.
[678] Idem; BENJAMIN, Cid. *Gracias a la vida:* Memórias de um militante. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013. pp. 141-142.
[679] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 18/07/1998, fita nº 1, lado b, transcrição, p. 21.
[680] SALGADO, João Lopes. Entrevista concedida a Higor Codarin, por telefone, no dia 29 de setembro de 2020.
[681] Depoimentos de Ozório e Plautus indicavam que, apesar da madrugada, a iluminação da via era boa. Para maiores detalhes, cf. BRASIL. Superior Tribunal Militar, Apelação 40.500/1974.
[682] Depoimento de Plautos Correa do Espírito Santo, segundo policial. Disponível em: BRASIL. Superior Tribunal Militar, Apelação 40.500/1974, fls. 53.

isso, acompanharam pelo jornal, ao longo das semanas, o estado de saúde dele, torcendo para que não morresse.[683] Apesar do ferimento, sobreviveu.

Também pelos jornais, Vera ficou famosa. Apesar de não identificada, a "jovem loira, vestida de preto"[684], "mulher-assaltante-misteriosa"[685], alimentava a narrativa jornalística do "audacioso assalto cometido, na madrugada de ontem, por bandidos e uma loira."[686] O *Correio da Manhã* apelidou o grupo: "gang da loira."[687] Em outra ocasião, o jornal, ao citar a "gang da loira", citava-a como "isca" para realização dos assaltos.

O relato do policial, ressaltando a meiguice e alegria de Vera, e o enfoque dos jornais à presença feminina nos "crimes", como manifestações e reflexos da visão social a respeito das mulheres, não comportavam nuances. Ao contrário da visão do policial, sublinhando o "sexo frágil", inocente e delicado, a construção da mulher loira era, imageticamente, associada ao "*sex appeal*, beleza e mistério". Incorporada ao contexto da época, onde figuras como Marilyn Monroe, Grace Kelly, Brigitte Bardot e Vanusa apareciam vinculadas a discursos que criavam "modos de ser e viver a feminilidade", a construção de Vera como loira, misteriosa e líder da gang alimentava o imaginário da mulher "repleta de sensualidade, beleza e erotismo."[688] Uma beleza fatal, perigosa, manipuladora. Assim, às mulheres reservavam-se os papéis de doçura e meiguice, ou sedução, manipulação e perigo.

A caracterização de "loira dos assaltos" não foi uma exclusividade de Vera. Várias foram as mulheres militantes que eram descritas da mesma maneira, alimentando o imaginário. Nesse sentido, para os jornais, além da mobilização do imaginário acima descrito, a presença feminina parece "querer sugerir um clima de 'escalada da violência', com a incorporação de sujeitos cada vez mais 'improváveis' e desafiadores"[689] em práticas "criminosas".

Principal fonte de informações dos jornais, as investigações policiais também seguiam diretrizes binárias. Como uma espécie de recusa à admissão da participação feminina[690] em práticas como essas, uma vertente investigativa da expropriação da metralhadora cogitou a possibilidade de a referida loira ser, em verdade, uma travesti. Apoiando-se em pistas frágeis, como o local de abandono do carro, os policiais fizeram diversas incursões nas regiões da

---

[683] BENJAMIN, Cid. *Gracias a la vida:* Memórias de um militante. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013. p. 142.
[684] *Diário de Notícias,* 10 de maio de 1969, p. 10. Disponível em: http://memoria.bn.br/. Acesso em: 9 set. 2022.
[685] *Tribuna da Imprensa*, 15 de julho de 1969, p. 6. Disponível em: http://memoria.bn.br/. Acesso em: 9 set. 2022.
[686] *Diário de notícias,* 10 de maio de 1969, p. 10. Disponível em: http://memoria.bn.br/. Acesso em: 9 set. 2022.
[687] *Correio da manhã,* 14 de maio de 1969, p. 6. Disponível em: http://memoria.bn.br/. Acesso em: 9 set. 2022.
[688] BRIGGMANN, Luisa Dornelles; WOLFF, Cristina Scheibe. A loura dos assaltos: discursos sobre mulheres militantes no jornal Correio do Povo (1968-1975). *História – Unisinos*, v. 26, n. 2, p. 344-358, 2022. Para as citações literais: p. 349. Disponível em: https://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/20781. Acesso em: 3 out. 2022.
[689] ACSERLAD, 2015, p. 87.
[690] Feminino aqui diz respeito a uma visão, corrente na época, cis normativa de gênero.

cidade onde as travestis ficavam. Em São Paulo, uma delas, Consuelo Lamarca, seria presa, como possível suspeita de ter praticado essa e outras ações. Os jornais, reproduzindo o viés da polícia, buscavam enfatizar o masculino, descrevendo a travesti pelo seu nome de batismo.[691] Masculinizava-se a figura feminina como tentativa de compreender sua presença em espaços e ações sociais não "usuais".

As investigações não chegavam a lugar algum. A ação, entretanto, gerava consequências para Vera, que deixava o "aparelho" da rua Bulhões de Carvalho para morar com Cid e Salgado em Vila Isabel. O novo aparelho localizava-se na rua Barão de São Francisco, entre a praça Barão de Drummond e a rua Teodoro Silva. Não era uma mudança qualquer. Vera, que havia morado toda a vida na zona sul carioca, deslocava-se, agora, para a zona norte. Deslocava-se com objetivo de dificultar as investidas da repressão, como também para estar mais próxima dos setores sociais que deveriam ser mobilizados para a revolução. Ali, estaria mais perto do "povo".

Apesar da mudança, Vera mantinha alguns hábitos. Vez em quando, encontrava-se com a irmã, o sobrinho André e a mãe. Ana Lucia, por vezes, levava-a de carona a Vila Isabel. A opção pela luta armada distanciou as irmãs. Não apenas fisicamente. Como Ana simpatizava com a perspectiva de resistência democrática à ditadura, era vista como a "irmã reformista."[692]

Além disso, continuava, apesar da precariedade imposta pela situação, fazendo psicanálise. Utilizando-se de um nome falso, esforçava-se para se manter em análise. Ana Lucia e algumas amigas, como Maria Luísa, que não aderiram à luta armada, apontam que a opção pelas armas era a principal questão que Vera buscava trabalhar em análise. Cid relembra que a acompanhou, em algumas ocasiões, ao psicanalista. Em uma delas, Vera relatou ter sofrido tentativa de abuso por conta do psicanalista, que a agarrou.[693] Trocou de psicanalista, embora não tenha abandonado a análise.

Na casa, Vera, Cid e Salgado passaram a conviver de forma muito próxima. Até ali, tinham se encontrado poucas vezes, em manifestações estudantis e/ou nas reuniões da Dissidência. A vivência no aparelho, na clandestinidade, aprofundava e intensificava os laços. Salgado se afeiçoava a Vera e ela, por sua vez, impactava-se com sua humanidade. Segundo Vera, Salgado não era "duro", jargão que designava o militante cuja disciplina revolucionária obnubilava o restante da vida.

---

[691] *Tribuna da Imprensa*, 15 de julho de 1969, p. 6. Disponível em: http://memoria.bn.br/. Acesso em: 9 set. 2022.
[692] MAGALHÃES, Ana Lucia. Entrevista concedida a Higor Codarin. Rio de Janeiro, 02 de abril de 2019.
[693] BENJAMIN, Cid. Entrevista concedida a Higor Codarin. Rio de Janeiro, 03 de abril de 2019.

Além do laço de amizade com Salgado, Vera e Cid passaram a se relacionar sexualmente. Mesmo vivendo com os dois, Vera continuava encontrando, embora com menos frequência, Zé Roberto. Como Zé centrava seus esforços nas camadas médias, especialmente junto aos estudantes, circulava, ainda, nos mesmos espaços sociais. Salgado, nessa convivência com Vera e vendo a relação dela com Cid e José Roberto, relembrou que, naquele momento, percebeu que ela era "cabeça mais aberta, do ponto de vista libertário, como ela gostava de dizer."[694]

Entremeados ao amor, à amizade e à camaradagem política, estava o medo. O tiroteio no gasômetro do Leblon era uma memória viva. Restava como um alerta. Apesar do otimismo, sempre presente, e de uma sensação de terem vivido uma espécie de ritual de passagem, o batismo de fogo realçava, também, o medo.

Sentimento indizível, soterrado pela "determinação revolucionária", pelo compromisso com a revolução e com os companheiros, o medo não era bem-visto. Nem mesmo o medo da morte. Como dizia Debray: "Vencer é aceitar, desde o princípio, que a vida não é o bem supremo do revolucionário."[695] Viver próximo da morte era uma contingência revolucionária. A revolução, como escolha de vida, como lutar por uma nova vida, deveria incorporar, dialeticamente, o medo e a possibilidade de morte.

Assim, apesar de sentido, o medo não deveria ser exposto. Prova disso foi situação de Stuart Angel. Embora tendo feito parte do primeiro grupo armado, acabou disparando, por engano, sua arma na expropriação bancária realizada em março. Muito criticado, admitiu que a pressão e o medo, insuportáveis, levaram-no a cometer o erro. Pediu, pouco depois, para deixar a FTA. Salgado também relembrou que tinha muita dificuldade em dormir diante do medo e da tensão: "Tinha um medo absurdo. É uma violência. Preocupava-me muito a reação das pessoas. [...] Não dominávamos aquele *métier* com facilidade. Eu tinha consciência de que aquilo era uma violência. Justa, mas uma violência."[696]

Depois do tiroteio no Leblon, o medo não dito permanecia. Apesar dele, Vera realizava diversos levantamentos. Vestiu-se como prostituta para encontrar um coronel, vinculado a uma empresa de armas, na Cinelândia; encontrava-se com gerentes de banco para conseguir informações sobre os horários e dias de pagamento das agências bancárias. Utilizando-se de

[694] SALGADO, João Lopes. Entrevista concedida a Higor Codarin, por telefone, no dia 29 de setembro de 2020.
[695] DEBRAY, s/d, p. 37.
[696] SALGADO, João Lopes. Entrevista concedida a Higor Codarin, por telefone, no dia 29 de setembro de 2020.

sua beleza, seduzia-os. Sonhavam com a possibilidade de tê-la. Vera alimentava os sonhos até o momento em que obtinha as informações que queria. Depois, desaparecia.[697]

Além dos levantamentos, expropriaram, também, um carro. No início do dia 23, por volta da meia noite, Vera, junto a Cid e Salgado, expropriaram um corcel vermelho, na rua Maria Amália, na Tijuca.[698] Além de veículos, era comum, também, expropriação de placas para dificultar a ação da repressão.

Contudo, apesar dos levantamentos e carros expropriados, não estavam realizando ações maiores, como as feitas no início do ano. O tiroteio ainda estava presente. Vera, psicologizando as decisões políticas, relacionava a dificuldade do grupo ao medo. A discussão dessa questão, entre eles, é algo que resta contraditório. Vera, em dois depoimentos, com um intervalo de dez anos entre eles, disse que questionou os demais com relação ao medo estar impedindo ações maiores. Alguns militantes negaram. Outros, segundo ela, após um tempo, admitiram.[699] Salgado e Cid não se recordam de uma discussão nesse sentido.

Independente de a discussão ter existido ou não, Vera sentiu o tiroteio como um trauma e o verbalizava. Além disso, segundo sua versão, também verbalizou, nessas discussões, que se sentia exposta nos levantamentos que realizava. Assumindo o papel que a sociedade atribuía, expunha-se sempre sozinha, majoritariamente aos homens, para conseguir informações. Apesar de estar sempre armada com um revólver 38, sentia-se vulnerável. Contudo, também para Vera, a determinação revolucionária suplantava o medo. Em julho, realizaram uma nova ação.

Depois de acompanharem, por vários dias, o carro de transporte de valores do banco Mercantil de Niterói, responsável por arrecadar, diariamente, o dinheiro de diversas unidades da zona sul do supermercado Disco e da "Casas do Charque", os dissidentes planejaram uma ação para expropriar esses valores.

No dia quatro, uma sexta-feira, o Rural Willys do Banco Mercantil de Niterói, como de hábito, realizava a coleta dos valores das filiais dos supermercados. Por volta das 10 e meia da manhã, após realizar a coleta junto ao supermercado Disco da rua General Osório, em Ipanema, o Rural Willys seguia em direção a Copacabana. Quando o veículo do banco entrou na rua Farme de Amoedo, a ação estava montada. "Aníbal", codinome de José Sebastião Rios, depois

---

[697] MAGALHÃES, Vera Silvia. Entrevista concedida a Marcelo Ridenti *In*: Arquivo Edgar Leuenroth (AEL/Unicamp), Fundo *Militância Política e luta armada no Brasil*, fita 1, lado a (Arquivo Digital: 139a).
[698] BRASIL. Superior Tribunal Militar, Apelação 38.768/1971, fl. 170. Acervo digitalizado e enviado após consulta no https://www.stm.jus.br/.
[699] MAGALHÃES, Vera Silvia. Entrevista concedida a Marcelo Ridenti. *In*: Arquivo Edgar Leuenroth (AEL/Unicamp), Fundo *Militância Política e luta armada no Brasil*, fita 1, lado a (Arquivo Digital: 139a); MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 18/07/1998, fita nº 1, lado b.

de confirmar que o carro havia chegado ao supermercado, foi ao encontro dos demais para dar sinal verde. Diante da confirmação, "Billy", codinome de Cid, fingiu manobrar o corcel vermelho, tendo em vista estacioná-lo, obstaculizando a passagem. Impedido de seguir, o carro teve de parar. Quando parado, "Dino", codinome de Salgado, com a metralhadora, e "Rui", codinome de Sergio Rubens, com um revólver 38, anunciaram o assalto. Do outro lado da rua, vestida com uma calça preta, camisa vermelha e sem peruca, estava "Carmem", um dos novos codinomes de Vera.[700] Com seu 38, rendeu o segundo ocupante do veículo. A edição do *Correio da manhã* do dia seguinte, ignorando que Vera estava sem peruca e com seu cabelo castanho escuro natural, manteve o imaginário sobre a "loira dos assaltos". Espetacularizando e falseando a narrativa, apontava no título da matéria: "Loira comanda em Ipanema assalto com metralhadora."[701]

Ao contrário da reação do policial no gasômetro do Leblon, desta vez os funcionários do banco, desarmados, não reagiram. Foram tirados do carro. Vera seguiu com Cid no Corcel e os demais seguiram no Rural Willys, que seria abandonado, horas depois, na rua Carlos Gois, no Leblon. A ação foi um sucesso. Havia, no carro, cerca de 58 mil cruzeiros e as forças policiais não tinham nenhuma pista sobre quem eram os participantes.

5.2 Movimento revolucionário 8 de outubro

Os valores expropriados por Vera e demais membros da FTA irrigavam as demais frentes da organização. A FTO, produzindo o jornal *Força Operária*, buscava, com militantes deslocados para áreas suburbanas, dinamizar o trabalho de agitação e propaganda, especialmente com ações de panfletagem nas saídas das fábricas. Por outro lado, a FTCM, onde os dissidentes tinham maior capilaridade, buscava arregimentar apoio nos setores que, no ano anterior, haviam feito frente à ditadura. Para isso, além das entidades estudantis, os dissidentes desenvolviam outro jornal, sob responsabilidade de Fernando Gabeira. O nome, *Resistência,* era sugestivo para atuação no seio das classes médias.

Essas perspectivas, a passos lentos, frutificavam. Com as ações nas portas das fábricas, abriram-se contatos operários. O principal deles dizia respeito a trabalhadores da Baixada Fluminense vinculados a Felix Escobar, militante de longa data do PCB.[702] Por outro lado, junto

---

[700] BRASIL. Superior Tribunal Militar, Apelação 38.768/1971, Vol. 1 fl. 2-B (verso). Acervo digitalizado e enviado após consulta no https://www.stm.jus.br/. Para descrição da roupa de Vera, cf. Depoimento *atribuído* a Catarino dos Santos Miranda, funcionário do banco, no mesmo processo, v. 1, fl. 5-B (verso).
[701] *Correio da manhã,* 05 de julho de 1969, p. 6. Disponível em: http://memoria.bn.br/. Acesso em: 9 set. 2022.
[702] Tratei, em outro momento, da relação entre os trabalhadores da Baixada Fluminense e a luta armada. Para maiores detalhes, cf. Codarin Nascimento, H. Os trabalhadores da Baixada Fluminense na luta armada contra a ditadura civil-militar brasileira. (1969-1971). *Diálogos*, v. 23, n. 2, p. 140-161, 2019. DOI: https://doi.org/10.4025/dialogos.v23i2.42227.

às camadas médias, construía-se uma sólida rede de simpatizantes, podendo servir de retaguarda. Além deles, a Dissidência havia conseguido realizar uma vinculação com os estudantes baianos que haviam fundado, em Salvador, a Dissidência Estudantil da Bahia (DI-BA).

Não obstante esses avanços, para o desenvolvimento da guerra revolucionária, como propunham as resoluções da III Conferência, à FTA caberia não apenas levantar fundos, mas, também, realizar as chamadas ações de propaganda armada.

Tendo isso em vista, inspirando-se na ação realizada em Ipanema, agiam em consequência. Na primeira segunda-feira do mês, pela manhã, "Billy", "Dino", "Aníbal", "Rui", "Geraldo", codinome de Claudio Torres e "Carmen" partiram para mais uma ação. "Billy", agora na rua Djalma Urich, em Copacabana, novamente fingiu uma manobra e impediu a passagem da Kombi transportadora de valores do banco Português do Brasil. "Dino" e "Geraldo" renderam o motorista fazendo-o descer do carro. "Rui" e "Carmen", rendendo o acompanhante, também o fizeram descer. Atrás da Kombi, esperando para seguir caminho, havia outro carro. "Carmen", improvisando, rendeu o motorista, tomou as chaves do veículo e lançou-as longe, para impedir que a kombi fosse seguida.

Com a situação sob controle, os três carros se separaram. Vera seguiu com Cid, "Dino", "Rui" e "Geraldo" partiram na Kombi e "Aníbal" seguiu, sozinho, no carro que levou os quatro malotes retirados do carro pagador. Apesar de bem-sucedida, não havia dinheiro nos malotes. Pela manhã eram retirados apenas cheques sem fundo e/ou documentos. Aquela, entretanto, não era, apenas, uma ação buscando fundos.

Antes de desaparecerem, Vera e Sergio Rubens lançaram diversas cópias de um manifesto político. Afirmavam-se, pela primeira vez ao povo, como uma organização revolucionária. Mais. Na prática, batizavam-se novamente. De dissidentes do reformista partido comunista passavam a integrantes do Movimento Revolucionário 8 de Outubro. Abandonando o estigma de dissidentes, autointitulavam-se integrantes de um movimento que se inspirava em Che Guevara, cuja data fazia referência ao dia da morte do guerrilheiro argentino.[703]

Buscavam vincular-se não apenas à memória de Che Guevara, mas também à memória do estudante Edson Luís e dos guerrilheiros brasileiros assassinados pela ditadura.

Desde o AI-5, aprofundavam-se o arbítrio e a violência de Estado contra opositores, intensificando-se a perspectiva de guerra contra a subversão, aberta pela Constituição de 1967

[703] Posteriormente ficou provado que a data é incorreta. Che Guevara foi preso na Bolívia no dia oito, mas seria assassinado somente no dia seguinte, dia 09 de outubro de 1967. Para maiores detalhes, Cf. ANDERSON, Jon Lee *Che, uma biografia* Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2005. p. 844-847.

e pela Lei de Segurança Nacional. Para além do movimento estudantil, que era reprimido à bala, as organizações de esquerda eram fortemente reprimidas.

Como resposta ao aumento da mobilização dos grupos de esquerda, sobretudo armados, há, ao longo de 1969, uma mudança qualitativa na estrutura dos órgãos repressivos da ditadura, simbolizado, especialmente, na criação da Operação Bandeirantes (OBAN), em julho, na capital paulista.[704]

Como destacamento paulista, a OBAN, embora contasse com apoio oficial, fora criada sem nenhum aparato legal que lhe desse sustentação. Sua gênese visava um trabalho coordenado entre diversas instâncias dos órgãos repressivos, desde oficiais do Exército, policiais militares, integrantes do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) até policiais federais.[705] Tornar-se-ia a inspiração inicial para a criação, a nível nacional, do Centro de Operações de Defesa Interna (CODI) e Destacamento de Operações de Informações (DOI) que, por atuarem conjuntamente, ficariam conhecidos como sistema DOI-CODI.[706]

Em um contexto no qual a ditadura centralizava seus esforços, baseados na lógica de guerra contra a subversão que buscava a eliminação do "inimigo interno", avolumavam-se as informações sobre guerrilheiros brasileiros que eram presos, torturados e, por vezes, assassinados. A morte, assim, para Vera e os demais dissidentes, como uma companhia indesejada cada vez mais presente. Contudo, dialeticamente, inspirava seu contrário. Inspirava a vida, de novos e numerosos revolucionários que surgiriam, como dizia o próprio manifesto:

> Companheiros:
> Mais um banco está sendo assaltado, não por ladrões comuns, mas por revolucionários que preparam a luta armada dos explorados contra os exploradores: É o MR 8 de outubro que novamente expropria os patrões.
> Os operários do campo e da cidade, unidos aos outros setores explorados estão em luta, embrionária, mas crescente, pela tomado do poder e implantação de um governo que defenda os seus interesses que são os interesses do povo brasileiro.
> A ditadura, representando os patrões estrangeiros e seus testas de ferro, está aí, arrochando mais e sempre oprimindo com a polícia ou impostos. Os lucros, tirados em cima do trabalho do povo, são os grandes grupos financeiros que estão fora de nosso país. O pouco que fica, é o osso das minorias encarnadas pela casta dos generais, patrões e latifundiários.
> O povo brasileiro, começa a juntar forças para arrancar este osso e quebrar os dentes destas minorias, e para isto, estamos tomando o dinheiro dos bancos, armadas da polícia e das forças armadas. Sabemos que a luta será longa e encarniçada, e por isto precisamos nos organizar em todos os setores, com a clareza de que esta organização em massa preparada político-militarmente e liderada pelos trabalhadores terá êxito. A luta, companheiros, é de todo o povo, alguns morreram nela, outros estão presos e são torturados, outros estão se organizando e lutando. Precisamos ampliá-la cada vez mais, desde o interior das fábricas e bancos até as plantações de cana no Nordeste ou à zona do algodão em São Paulo. Contra a força militar capacho, só o povo organizado militarmente.

[704] FICO, 2001, p. 115.
[705] Ibid., p. 117.
[706] Ibid., p. 118.

> O Movimento Revolucionário 8 de outubro, que neste momento expropria mais um banco e continuará expropriando outros, deixa claro ao poder títere, que a morte de Che Guevara representa o nascimento de outros revolucionários, assim como a morte de Reinaldo Pimenta; Edson Luís Souto; sargento Lucas[707] e Marco Antônio.[708/709]

O abandono ao nome não era, propriamente, um objetivo dos dissidentes. Em verdade, o manifesto, para além do contato com a população, era uma tentativa de afrontar os órgãos repressivos. Pouco tempo antes, agentes do Centro de Informações da Marinha (CENIMAR) divulgaram a destruição de uma organização de esquerda. Tratava-se da Dissidência Estudantil do Estado do Rio de Janeiro (DI-RJ)[710]. Surgida no seio do movimento estudantil, sofria com prisões de militantes desde fevereiro. As investidas do CENIMAR terminaram por levar ao assassinato/suicídio[711], ainda não completamente esclarecido, do principal líder, Reinaldo Pimenta, em junho.

Contudo, a DI-RJ não tinha, propriamente, um nome. Os militantes, como era usual na época, citavam a organização nos documentos políticos apenas como "O". Uma organização, aos olhos do CENIMAR, sem nome. Seria desmoralizante, para os agentes, divulgar a destruição de uma organização sem nome. Assim, buscando enaltecer a ação repressiva realizada, batizaram grupo à revelia. Inspirando-se em um jornal mantido por aqueles

---

[707] Segundo *Dossiê dos Mortos e Desaparecidos Políticos a partir de 1964*, trata-se de João Lucas Alves, integrante do Comando de Libertação Nacional (COLINA), barbaramente torturado e declarado morto, por suicídio, em 06/03/1969. Cf. COMISSÃO DE FAMILIARES DE MORTOS E DESAPARECIDOS POLÍTICOS; INSTITUTO DE ESTUDO DA VIOLÊNCIA DO ESTADO; GRUPO TORTURA NUNCA MAIS -RJ E PE. *Dossiê dos mortos e desaparecidos políticos a partir de 1964*. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1995. p. 56-57.

[708] Segundo *Dossiê dos Mortos e Desaparecidos Políticos a partir de 1964*, trata-se de Marco Antônio Brás de Carvalho, de codinome Marquito, militante da Ação Libertadora Nacional (ALN), fuzilado, em sua casa, no dia 28/01/1969. Cf. COMISSÃO DE FAMILIARES DE MORTOS E DESAPARECIDOS POLÍTICOS; INSTITUTO DE ESTUDO DA VIOLÊNCIA DO ESTADO; GRUPO TORTURA NUNCA MAIS -RJ E PE. op. cit., 1995, p. 58

[709] BNM 580, p. 26.

[710] Fortemente vinculada ao foquismo debrayista, a DI-RJ desenvolvia, desde 1968, uma atividade no Paraná, tendo em vista a deflagração do foco guerrilheiro. Para além, mantinha suas atividades no Rio de Janeiro, impulsionadas, principalmente, por intermédio da grande soma de recursos provindo das ações de expropriação nos bancos e, sobretudo, dos desvios bancários realizados pelo funcionário do Banco do Brasil, Jorge Medeiros Valle, de codinome "Bom Burguês. Para maiores detalhes sobre a trajetória de Jorge Medeiros Valle, cf. ALMEIDA, Valesca Souza. *O "Bom Burguês". A trajetória de Jorge Medeiros Valle sob a ditadura brasileira.* 2015. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015. Disponível em: http://www.historia.uff.br/stricto/td/1920.pdf. Acesso em: 15 abr. 2017.

[711] Pairam dúvidas sobre a morte de Reinaldo Pimenta. Existem indícios de que ele pulou do prédio em que estava, com objetivo de não ser preso. Outros apontam que ele teria sido jogado pelos agentes do CENIMAR. Para maiores detalhes das versões, cf. Cf. BNM 093; HERLER, Thomaz Joezer. *Formação e trajetória do primeiro MR-8*: Possibilidades e limites de construção de uma vanguarda revolucionária político-militar (1964-1969). 2015. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Oeste do Paraná, Marechal Rondon, 2015. Disponível em: http://www.documentosrevelados.com.br/wp-content/uploads/2015/11/dissertacao-thomaz-versao-final-com-ficha-catalografica.pdf. Acesso em: 12 set. 2022.

militantes, cujo nome era *8 de outubro*, criava-se, então, o Movimento Revolucionário 8 de Outubro.[712]

Em uma tática de contrainformação, buscando desmoralizar os órgãos repressivos, Vera e os dissidentes assumiram, portanto, um novo nome.

O ritmo das ações mantinha-se acelerado. Entre fins de julho e início de agosto, os dissidentes receberam dados importantes a respeito do médico, dono de uma rede de hospitais e então deputado federal eleito pelo Movimento Democrático Brasileiro (MDB), Edgard Guimarães de Almeida.[713] Segundo as informações obtidas com um integrante da família, provavelmente seu sobrinho, o deputado guardava, em seu cofre residencial, dólares que teriam sido desviados de doações a hospitais, feitas por uma organização canadense. Além disso, Edgard seria um exímio colecionador de arte, mantendo no apartamento residencial boa quantidade de quadros de artistas famosos.

Diante dessas informações, Vera, em uma quinta-feira, 14 de agosto, telefonou à residência do deputado. Passando-se por repórter da revista *Realidade*, disse-lhe que a revista estava realizando uma série de reportagens a respeito de coleções de obras de arte. Queriam, assim, uma matéria sobre a coleção que o deputado mantinha. Edgard, afeito a mostrá-la, aceitou o pedido de Vera, marcando a entrevista para terça-feira seguinte, dia 19.[714]

Com a data marcada, a FTA se mobilizou para preparar a ação. Vera, integrando-se ao papel de repórter, utilizou-se do armário de Ana Lucia, no Leme, para escolher o figurino. Optou por um vestido estilo Jersey, curto, assemelhando-se, na parte de baixo, a uma minissaia. Combinava-o com meias compridas brancas, um lenço e uma bolsa.[715] Transformava-se em uma repórter e crítica de arte.

Assim, por volta das 20 horas da terça-feira, os dissidentes se deslocaram, em dois carros, para a avenida Atlântica, número 2.492, em Copacabana. Em um fusca verde com um papel na porta, onde constava a inscrição "Reportagem", estavam Vera, Salgado, Sergio Rubens

---

[712] Infere-se que a necessidade de nomeação da organização correspondia ao que Carlos Fico identifica como *ethos* da comunidade de segurança. De modo a justificar e enaltecer a criação de um sistema de segurança, valiam-se da "[...] noção de 'guerra interna', que tendia não apenas a identificar o inimigo interno, mas a superestimar sua capacidade ofensiva". Cf. FICO, 2001, p. 136.

[713] Equivoquei-me, no trabalho anterior, ao referir-me ao deputado como Edgard Magalhães de Almeida. Fui induzido ao erro pelo próprio processo do Superior Tribunal Militar e pelos depoimentos dos ex-militantes dados posteriormente que o nomeavam equivocadamente.

[714] Depoimento Edgard Guimarães de Almeida. *In*: BRASIL. Superior Tribunal Militar, Apelação 39.479/1973, fls. 13. Acervo digitalizado e enviado após consulta no https://www.stm.jus.br/.

[715] Descrição de Vera com base nos depoimentos de Edgard Guimarães de Almeida, José Coutinho e Érika Worobjow Almeida. *In*: BRASIL. Superior Tribunal Militar, Apelação 39.479/1973, fls. 13, 42 e 30. Acervo digitalizado e enviado após consulta no https://www.stm.jus.br/.

e José Sebastião Rios.[716] No outro fusca, realizando a cobertura da ação, estavam Cid e Franklin Martins, agora integrado à FTA.

Chegando ao prédio, Vera, Salgado e Rios, pelo elevador social, subiram ao nono andar, onde se localizava o apartamento do deputado. Foram recebidos pelo seu secretário, João Saldanha. O apartamento era enorme. O piso de mármore e a quantidade de obras de arte pelas paredes transformavam-no em algo "suntuoso."[717] Com a chegada dos "repórteres", Edgard Guimarães, que estava no escritório com seu contador, deslocou-se à sala para iniciar a jornada pelas obras de arte. Enquanto isso, pelo elevador de serviço, Sergio Rubens, como assistente de fotografia, chegava ao apartamento com uma bolsa e equipamentos de luz, sob pretexto de realizar as fotos.

Vera, Salgado e Rios acompanhavam, com atenção, o deputado. Passeavam por pinturas de artistas importantes, como Djanira da Motta e Silva, Pablo Picasso e Di Cavalcanti. Sergio Rubens, sob pretexto de montar os equipamentos, mantinha-se na sala de estar. Chegado um determinado momento, cerca de quinze minutos depois do início da visita guiada, Vera perguntou ao deputado se ele não gostaria de reunir a família para uma foto. Abria-se a oportunidade para agir. O pretexto da fotografia era a chance de reunir todos os habitantes do apartamento em um único espaço.[718]

Concordando, Edgard pediu ao seu secretário para que fosse chamar sua esposa. Enquanto Erika, a esposa do deputado, preparava-se, Sergio Rubens juntava-se a Vera e Rios na sala. Salgado, então, deslocou-se pelo apartamento para vigiar Erika. Acabou, por encontrar, em outro cômodo, o primo do deputado e sua esposa. Assim, quando Salgado conseguiu mapear todas as pessoas presentes no apartamento, anunciou, com a metralhadora, o assalto.

Vera, neste momento, tirou seu revólver da bolsa, cobriu parte do rosto com um lenço e, junto de Salgado, obrigou todos a irem ao escritório. Quando lá todos estavam, o telefone começou a tocar. Sergio Rubens, rapidamente, cortou os fios. Instalado o silêncio, Salgado, comandando a ação, foi à sala de jantar com o deputado, perguntando-lhe sobre o dinheiro. Inicialmente, Edgard negava a existência de valores na casa. Propôs, inclusive, o preenchimento de cheques como forma de atender ao pedido. Nesse interregno, enquanto dialogavam Salgado e o deputado, Rios, com luvas, abrindo as portas do armário do escritório, encontrou, rapidamente, o cofre. As informações que obtiveram eram, efetivamente, verdadeiras. Havia

---

[716] BRASIL. Superior Tribunal Militar, Apelação 39.479/1973, fl. 3 e ss. Acervo digitalizado e enviado após consulta no https://www.stm.jus.br/.
[717] Ibid., fl. 8.
[718] Ibid., fl. 13 et seq.; SALGADO, João Lopes. Entrevista concedida a Higor Codarin, por telefone, no dia 29 de setembro de 2020.

um cofre. Como forma de avisar Cid e Franklin de que tudo corria dentro do esperado, Sergio Rubens se deslocou ao quarto do deputado, abriu as persianas e acendeu as luzes. Fora esse o sinal previamente combinado.

Pressionado, o deputado, finalmente, abriu o cofre. Além dos dólares, uma caixa com muitas joias. Havia, entretanto, uma complicação. Quando estavam todos no escritório, Erika avisou que seu filho, de 10 anos, havia ido passear com o cão da família, podendo retornar a qualquer momento. Pouco depois, o menino retornou ao apartamento. Diante dele, Vera e o secretário do deputado fingiram ser, aquilo, a filmagem de um assalto. Saldanha, o secretário, buscando acalmar o filho do deputado, disse-lhe: "destes assaltos que você vê na televisão e que tem sido feito aos bancos." Estranhando essa fala, Vera o interrompeu, dizendo "Este diálogo está fora do script."[719]

Com desenvoltura, de revólver em punho e lenço no rosto, Vera lidava tranquilamente com a aparição do menino. Já com luvas e com o cofre aberto, Salgado pediu a "Amália", codinome de Vera, que levasse os valores do cofre para a sala. Levando-os, Vera colocou-os em uma das bolsas trazida por Sergio. Nesse momento, Edgard, que havia tido um enfarto recentemente, pediu a Salgado se poderia tomar um remédio. Salgado permitiu e, inclusive, como tinha feito alguns anos de medicina, buscou auxiliá-lo, acalmando-o.

Com a situação sob controle, os dissidentes trancaram todos em um quarto nos fundos do apartamento, com exceção de Erika. Sob pretexto de tomar, também, um remédio, escapou da vigilância de Vera e Salgado. Refugiou-se em um banheiro. Apesar do imprevisto, a fuga de Vera e os demais, às 22:15, ocorreu sem sobressaltos.

A ação transcorreu perfeitamente. Os disfarces, inclusive, foram motivo de nota no depoimento da mulher do deputado: "a roupa da moça e do indivíduo alto [Salgado] denotavam muito bom gosto, principalmente, na combinação de cores e estilo."[720] Além disso, a soma de valores expropriada impressionava. Segundo o inquérito policial, as joias descritas pelo deputado foram avaliadas em 442.400,00 cruzeiros.[721] Os dólares, cuja soma chegou a trinta mil, somavam, convertidos, 123.000 cruzeiros.[722] Assim, apesar da relativa dificuldade em transformar as joias em dinheiro, essa era a ação mais bem sucedida, financeiramente, da FTA.

Parte das joias ficou com Franklin Martins. A outra parte, além dos dólares, foi levada para um novo "aparelho" da organização, que se tornava uma espécie de Quartel General da

---

[719] Depoimentos de Edgard Guimarães de Almeida e João Saldanha. *In*: BRASIL. Superior Tribunal Militar, Apelação 39.479/1973, fls. 17 e 38.
[720] Depoimento Érika Worobjow Almeida. *In*: SUPERIOR TRIBUNAL MILITAR, Apelação 39.479/1973, fl. 31.
[721] BRASIL. Superior Tribunal Militar, Apelação 39.479/1973, fls. 54 e 55.
[722] Ibid.

FTA. Localizado em um prédio da rua Santo Amaro, número 180, na Glória, o apartamento 311 havia sido alugado, a pedido de Vera, por sua mãe, Virgínia. Vera, àquela altura, dividia-se entre a casa em Vila Isabel e o aparelho da Santo Amaro, onde passava a morar, permanentemente, Salgado.

Apesar dos valores expropriados, chamou a atenção do deputado, de sua esposa Erika e de seu secretário o modo como Vera e os demais os trataram. Nos depoimentos para o inquérito, o deputado fez questão de realçar: "diga-se que sempre trataram-me *(sic)* com respeito, bem como à minha esposa."[723] Seu secretário, ao descrever a atitude dos "assaltantes", apontou que "agiram cavalheirescamente", com "toda atenção" e o "maior cuidado."[724] Para Érika, esse cuidado simbolizou-se na preocupação, especialmente de Salgado, com relação ao estado de saúde dela e do deputado. Ao descrevê-lo, fundamentalmente em relação ao cuidado com Edgard, enfatizou-o na permissão para "que fosse apanhar seu remédio no seu aposento, bem como tomar um copo com água."[725]

Essas descrições, bem como o acompanhamento do estado de saúde do policial após o tiroteio no gasômetro em maio último, demonstram o que Salgado, "na falta de uma palavra melhor"[726], descreveu em entrevista como "humanismo" dos dissidentes nas ações que realizavam.[727] Não havia a perspectiva de humilhar, aterrorizar ou violentar as pessoas envolvidas. Muito ao contrário. Como buscavam enfatizar o lado político, era necessário construir uma prática que, por um lado, distanciasse-os dos chamados crimes "comuns", como também da estigmatização de terrorismo, cada vez mais propagandeada pela ditadura.

Nesse sentido, paralelamente à preparação e execução da ação que expropriou os valores no apartamento do deputado, Vera e os companheiros da FTA empenhavam-se na preparação de uma outra, ainda mais importante, que mudaria radicalmente a vida de Vera e, no limite, da luta armada no Brasil.

5.3 O ápice da utopia

Desde a formação do primeiro grupo armado, os dissidentes aventavam a possibilidade de, em uma ação militar, libertar o principal líder político da organização, Vladimir Palmeira, preso desde outubro passado em ocasião do XXX Congresso da UNE.

---

[723] Depoimento de Edgard Guimarães de Almeida. *In*: BRASIL. Superior Tribunal Militar, Apelação 39.479/1973, fl. 17.
[724] Depoimento de João Saldanha. In: BRASIL. Superior Tribunal Militar, Apelação 39.479/1973, fl. 43.
[725] Depoimento de Érika Worobjow Almeida. *In*: BRASIL. Superior Tribunal Militar, Apelação 39.479/1973, fl. 30.
[726] SALGADO, João Lopes. Entrevista concedida a Higor Codarin, por telefone, no dia 29 de setembro de 2020.
[727] Ibid.

Ainda sem a presença de Vera, Claudio Torres e os militantes do grupo provisório confabulavam para, em São Paulo, realizar um resgate de Vladimir. Primeiro, idealizou-se a tentativa de libertá-lo no próprio Quartel da Polícia do Exército, no bairro do Paraíso. Posteriormente, Claudio Torres, também na capital paulista, buscou viabilizar uma estratégia que o libertasse enquanto Vladimir estivesse em trânsito, entre a prisão e a auditoria militar onde eram realizadas as sessões de seu julgamento. Apesar das tentativas, não fora possível encontrar uma vulnerabilidade que viabilizasse sua soltura por intermédio de uma ação nesses moldes. O próprio Vladimir, quando recebeu informações sobre o plano, buscava desmobilizar o grupo, realçando a possibilidade da morte dele e dos companheiros na empreitada.

Assim, mesmo que sem algo concreto, aos militantes da FTA pairava uma espécie de "peso moral" com relação à sua prisão. Mantinham-se pensando em uma possibilidade de libertá-lo.

Provavelmente em fins de julho, Cid e Franklin, transitando pela rua Marques, no bairro do Humaitá, comentaram sobre o deslocamento, por aquela rua, do embaixador dos Estados Unidos. Com a prisão de Vladimir em mente, em tom de brincadeira, cogitaram a possibilidade de capturar o embaixador e demandar a libertação de Vladimir em troca.

Embora despretensiosa, a ideia da captura não surgiu ao acaso. No ano anterior, o grupo guerrilheiro guatemalteco, *Fuerzas Armadas Rebeldes* (FAR), havia idealizado a captura do embaixador norte-americano no país, John Gordon Mein. Colocando o plano em prática no dia 27 de agosto, o grupo não contava com a tentativa de resistência e fuga do embaixador, quando seu carro foi interceptado. A ação fracassou e o resultou no assassinato do embaixador. Apesar do insucesso, a ideia da ação, aos olhos de Cid e Franklin, parecia interessante.

Apesar estar mais na imaginação do que na ordem do dia, a conversa de Franklin e Cid foi adiante quando levada às reuniões da Direção-Geral do agora MR-8. Nelas, à perspectiva de libertar Vladmir, adicionavam-se outras. Por um lado, como queria a linha política, a captura do embaixador dos Estados Unidos, "vanguarda internacional na defesa dos interesses do capitalismo"[728], funcionaria como ápice das ações de propaganda armada. Com os valores e as armas expropriados até então, a organização deveria focar seus esforços na busca por visibilidade e apoio aos grupos revolucionários, propagandeando seus feitos. E nada seria mais simbólico do que a captura do representante do imperialismo no país.

Assim, como buscava defender Franklin nessas reuniões, uma ação deste tipo serviria de enlace a todas as ações armadas que estavam sendo realizadas pela pletora de grupos

[728] DISSIDÊNCIA COMUNISTA DA GUANABARA, 1969, p. 1.

guerrilheiros, globalizando-as, "dando uma maior dimensão ao processo em andamento da Guerra Revolucionária e da guerrilha urbana, em particular."[729] Seria, portanto, uma mudança de qualidade nas ações armadas. Além disso, se tornaria, também, o prelúdio da coluna guerrilheira no campo que, como propagandeara o manifesto de Marighella, seria desenvolvido ainda em 1969.

Pensavam-na, inclusive, como uma forma de realizá-la em aliança com outras organizações. Buscando a "aglutinação, a racionalização e o fortalecimento das forças revolucionárias" [730], como propagandeava a linha política, a unificação ou a prática conjunta com outras organizações era um imperativo.

Assim, em meio a todas essas possibilidades a Direção-Geral deliberou pela realização da ação. Franklin, então, levou a proposta para a FTA. Salgado relembrou que todos, inclusive Vera, ficaram muito entusiasmados e eufóricos com a possibilidade. Apesar de, como comandante da FTA, ter salientado que a reação da ditadura seria algo "inaudita", pensava, como Vera, que era impossível deixar de fazê-la. "Era uma ação deliciosa demais para ser contra."[731]

Diante disso, a partir dos contatos com antigos militantes da Dissidência Estudantil de São Paulo (DI-SP), que haviam migrado para a ALN, marcou-se um "ponto"[732], ainda em julho, entre Claudio Torres e os militantes daquela organização para discutir perspectivas de realizá-la em conjunto.

Para isso, rumaram a São Paulo, além de Claudio Torres, Vera, Cid e João Lopes Salgado. Claudio ficou na capital paulista. No "ponto" próximo ao cemitério da Consolação, foi levado a Joaquim Câmara Ferreira, o "Toledo", número 2 da ALN. Com ele, discutiu, devido à maior experiência dos militantes da ALN nas questões armadas, a possibilidade de auxílio em técnicas de explosivos, munições e ações conjuntas, além da possibilidade da captura do embaixador.[733] "Toledo" interessou-se pela perspectiva da captura, condicionando-a aos levantamentos para verificar sua viabilidade. Além disso, sobre as técnicas em explosivos, buscaria providenciá-las.

---

[729] MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO 8 DE OUTUBRO, A experiência da guerrilha urbana, no Brasil. *In*: MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO 8 DE OUTUBRO. *A Arma da crítica* [mimeo.], n. 1, out. 1970. p. 10. Disponível em: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO [IFCS]. *Arquivo da Memória Operária do Rio de Janeiro - Fundo Organizações de Esquerda*, Série 7, doc. 2. (periódicos)

[730] DISSIDÊNCIA COMUNISTA DA GUANABARA, 1969, p. 12.

[731] SALGADO, João Lopes. Entrevista concedida a Higor Codarin, por telefone, no dia 29 de setembro de 2020.

[732] Jargão das organizações para se referir aos encontros realizados entre militantes.

[733] Depoimento *atribuído* a Claudio Torres. *In*: BRASIL. Superior Tribunal Militar, Apelação 38.321/1970, v. 1, fl. 249. Acervo digitalizado e enviado após consulta no https://www.stm.jus.br/. Há cópia no acervo Brasil: Nunca Mais. Para maiores detalhes, cf. BNM 645.

Vera, Cid e Salgado, após deixarem Claudio, rumaram a Goiânia. Utilizando-se de uma chácara vinculada a um simpatizante da organização, Salgado que, até então, era o único a realizar as ações com a metralhadora, buscou treinar Vera e Cid quanto à sua utilização. Além disso, devido à tradição militar, ensinou, também, Vera a montar e desmontar a metralhadora INA.[734]

O treinamento durou três dias. Vera esforçou-se, concentrou-se e aprendeu. Remetendo, entretanto, a sua tradição de dificuldade com trabalhos manuais, Salgado relembrou que Vera era algo desastrada, apesar de ter tido um bom aproveitando no treinamento: "Ela era um pouco desajeitada. Uma pessoa estabanada, que derrubava muito as coisas".[735]

No retorno ao estado da Guanabara, diante da pletora de tarefas, o tempo parecia encurtar-se para Vera. Buscando verificar a viabilidade da ação de captura, foi designada para ir à casa do embaixador. A mansão, localizada na rua São Clemente, número 388, que antes havia pertencido à família de um *Sir* britânico, Henry Linch, apaixonado por botânica, era marcada pela beleza arquitetônica e paisagística. Chamava atenção, especialmente, por um amplo jardim com vista singular para o Cristo Redentor.

Pensando na melhor maneira de obter as informações que precisava, Vera montava uma nova *mise-en-scène.* Simulando uma mulher de origem humilde, vinda do interior, foi à casa do embaixador. Ali, conversou, despretensiosamente, com o segurança que fazia guarda no portão da casa. Mobilizando, uma vez mais, o estereótipo social da mulher dócil e ingênua, Vera mostrava-se deslumbrada com a grandiosidade da casa e de homens como o embaixador. Alimentava, consequentemente, a importância do segurança. Sendo segurança de um homem como o embaixador, seria ele, também, um homem importante. Com olhares e meias palavras, Vera seduziu-o.[736]

Deslocou-se, em meados de agosto, duas ou três vezes à porta da casa do embaixador para conversar com o segurança. Buscando gabar-se de sua posição, ele rompia com os protocolos. Das conversas no portão, Vera pôde ultrapassá-lo e conhecer o jardim da casa. Intramuros, tomava contato com aspectos da dinâmica doméstica e laboral do embaixador. Pelas informações que via e ouvia, descobriu que o embaixador mantinha uma rotina inflexível, deslocando-se entre a casa e a embaixada sempre no mesmo horário. Mais. Designado embaixador desde julho último, Charles Burke Elbrick gostava da liberdade de andar apenas

[734] SALGADO, João Lopes. Entrevista concedida a Higor Codarin, por telefone, no dia 29 de setembro de 2020.
[735] SALGADO, João Lopes. Entrevista concedida a Higor Codarin, por telefone, no dia 29 de setembro de 2020.
[736] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 20/07/1998, fita três, lado a. Transcrição, p. 10.

com seu motorista. Costumava, assim, dispensar a segurança própria da embaixada como, em meados de agosto, havia dispensado, também, a segurança disponibilizada pelos agentes da secretaria de segurança.[737]

De posse dessas informações, Vera levou-as à FTA. Rios, caracterizado por Vera como exímio perfeccionista, seguiu o embaixador no trajeto até a embaixada para confirmar parte das informações. O levantamento feito por Vera era correto. A ação, do ponto de vista prático, era realizável. Mais que isso. Aparentava ser fácil.

Diante das confirmações, a Direção-Geral definiu a semana da pátria, em setembro, como data ideal para realização da ação. Contra a propaganda ufanista da ditadura, a captura seria uma contrapropaganda, rompendo a censura e desmoralizando os militares.

Com a data se aproximando, era necessário pensar em outros fatores para sua realização. Armamentos, veículos, casa para guardar o embaixador e "aparelhos" de segurança para os integrantes da ação faziam-se necessários. Os dias corriam e poucos requisitos, no entanto, eram cumpridos enquanto a data se aproximava.

Com relação à casa onde ficaria o embaixador, devido à dificuldade em encontrar um local que atendesse às necessidades, ficou definido que ele seria levado ao "aparelho" de Fernando Gabeira e Antônio Freitas, o "Baiano", que havia vindo da Bahia por intermédio da vinculação com a DI-BA. A casa, localizada na rua Barão de Petrópolis, número 1026, em Rio Comprido, havia sido alugada por Helena Khair, simpatizante da organização e namorada de Gabeira.[738] Deveria servir, em princípio, como abrigo ao *Off-set* que imprimiria os jornais da organização, sob supervisão de Gabeira.

Era uma vulnerabilidade. Gabeira não fazia parte da FTA. Isso rompia com os padrões de segurança, que visavam a compartimentação de informações. Contudo, a ânsia em realizar a ação era maior. A empolgação tomava conta de todos. Mesmo diante do não cumprimento de várias das exigências, mantinha-se o cronograma.

Em contrapartida, as exigências com relação ao poder de fogo eram cumpridas. Vera, Salgado e Sergio Rubens, na segunda metade de agosto, realizaram um treinamento de fabricação de explosivos. A ALN, ainda sem informações concretas sobre a viabilidade da captura, tendo como referência a conversa entre Claudio e Joaquim Câmara Ferreira, mandou Ishiro Nagami a Guanabara.

---

[737] Sobre a dispensa da segurança pelo embaixador: *Jornal do Brasil,* 05 de setembro de 1969, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/. Acesso em: 28 set. 2022.

[738] BRASIL. Superior Tribunal Militar, Apelação 38.321/1970, v.1 fls. 45-46. Acervo digitalizado e enviado após consulta no https://www.stm.jus.br/. Há cópia no acervo Brasil: Nunca Mais. Para maiores detalhes, cf. BNM 645.

Na avenida Copacabana, em um "aparelho" vinculado a Sergio Rubens, aprenderam, os três, técnicas de montagem de explosivos com dinamite granulada. Realizado em dois finais de semana, houve, no primeiro, um treinamento teórico. No segundo, um treinamento prático. As bombas, montadas com estopim, foram, inclusive, testadas no final da praia, até então pouco habitada, da Barra da Tijuca. Efetivamente, funcionavam.[739]

Após o treinamento em Goiânia, a montagem de explosivos era o aprofundamento do processo de militarização de Vera. Após anos de armas da crítica, Vera imergia na crítica das armas, preparando-se para o golpe magistral, marco fundamental para a revolução brasileira. Preparava-se para a "festa dos explorados e oprimidos", como dizia Lenin.

Em fins de agosto, com os levantamentos todos prontos e parte das exigências cumpridas, a ação estava praticamente montada. A captura ocorreria na rua Marques, próxima a casa do embaixador. Diante disso, Cid Benjamin foi a São Paulo comunicar "Toledo" dos preparativos. Joaquim Câmara Ferreira, diante do exposto, aceitou participar da captura.

No dia dois de setembro, chegavam ao estado da Guanabara os quatro militantes da ALN que participariam da ação: Paulo de Tarso Venceslau, Virgílio Gomes da Silva, codinome "Jonas", Manoel Cirillo e Joaquim Câmara Ferreira. Traziam seis revólveres 38 e "Rosalina", uma metralhadora INA carinhosamente apelidada por seu dono, "Jonas".[740]

Nesse mesmo dia, na casa da rua Barão de Petrópolis, realizou-se uma reunião dos integrantes da FTA, além de Joaquim Câmara, Virgílio e Manoel Cirillo. O plano completo foi exposto aos militantes paulistas. Além dele, mostrou-se o manifesto político que seria deixado no carro do embaixador. O texto, escrito por Franklin Martins, foi referendado por "Toledo", acrescentando-se apenas uma frase final.[741] Para além, discutiu-se a lista de prisioneiros que seria pedida. Chegou-se a uma lista "ecumênica"[742], agregando diversos setores da esquerda brasileira, além dos líderes estudantis Vladimir Palmeira, José Dirceu e Luís Travassos. Chegaram, ao todo, em 13 nomes. "Toledo" sugeriu, então, que pedissem 15. Incluíram-se,

---

[739] SALGADO, João Lopes. Entrevista concedida a Daniel Aarão Reis e Vera Sílvia Magalhães. *Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, Fundo Vera Sílvia Magalhães*, Rio de Janeiro, caixa 02, doc. 28. p. 8-1 17, jul. 1988.
[740] Sobre o armamento da ALN: Depoimento *atribuído* a Manoel Cirillo. *In*: BRASIL. Superior Tribunal Militar, Apelação 38.321/1970, v. 1, fl. 213. Acervo digitalizado e enviado após consulta no https://www.stm.jus.br/. Há cópia no acervo Brasil: Nunca Mais. Para maiores detalhes, cf. BNM 645. Sobre "Rosalina": SALGADO, João Lopes. Entrevista concedida a Higor Codarin, por telefone, no dia 29 de setembro de 2020.
[741] MARTINS, Franklin apud DA-RIN, Silvio. *Hércules 56:* o sequestro do embaixador norte-americano em 1969. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
[742] Analisando os nomes na lista, conseguimos perceber o caráter representativo: Gregório Bezerra, líder histórico do PCB; Vladimir Palmeira (MR-8); Luís Travassos (AP, líder estudantil); José Dirceu (DI-SP, líder estudantil); Flávio Tavares (Movimento Armado Revolucionário- MAR); Onofre Pinto (VPR); Ricardo Zaratini (ALN), Rolando Frati (ALN), Ivens Marchetti (DI-RJ); Leonardo da Silva Rocha (ALN); Maria Augusta Carneiro (MR-8) e Ricardo Villas-Boas (MR-8).

assim, dois militantes do MR-8 que haviam sido presos em uma panfletagem no primeiro de maio anterior: Maria Augusta Carneiro e Ricardo Villas-Boas.[743] Além disso, definiu-se que o comando militar da ação ficaria a cargo da ALN. Subestimando a própria capacidade militar, os dissidentes acabaram por ceder o comando da ação a Virgílio. Salgado seria o subcomandante.

Com o plano montado e definidos o manifesto e a lista de presos políticos a serem libertados, parte dos militantes envolvidos na ação foi, na véspera, fazer o reconhecimento do local e ajustar os últimos detalhes.

Vera não participou do reconhecimento, mas, na véspera, estava pronta. Ficou acordado que Vera integraria o carro de cobertura à ação, junto a Salgado e Rios. Estava encarregada de fazer um explosivo e lançá-lo caso houvesse algum embate no momento da captura. Salgado havia pedido um explosivo de porte pequeno, feito em uma lata de leite condensado. Vera, em um misto de inabilidade e precaução, fez, no "aparelho" da rua Santo Amaro, um explosivo muito maior, com 0,725 gramas, acondicionado em uma lata de palmito.[744]

Ainda na véspera, em meio à vertigem das preparações, arranjou tempo para encontrar Zé Roberto. Rompeu com as normas de segurança ao encontrá-lo em Copacabana. Disse a ele que faria algo "barra-pesada" e que a ditadura responderia com força.

Apesar da empolgação geral, Vera, como todos, compreendia a grandeza e o perigo da ação. Sabia que, na melhor das hipóteses, teria de desaparecer por um tempo. Nas piores, seria presa, torturada e/ou assassinada. Na conversa com ele, em meio a carinhos e afetos, deixou isso subentendido. Enfatizou, tomada pelo otimismo, que teria que desaparecer por um tempo. Ele, entendendo a gravidade, preocupou-se e disse para marcarem um encontro para dali a dois dias, fora dos circuitos da organização. Um "ponto inorgânico". Queria confirmar que tudo havia terminado bem. Vera negou. Sabia que, além de abrir uma vulnerabilidade, seria perigoso. Zé, como seu companheiro, poderia sofrer represálias caso soubessem que ela estava envolvida. Queria, também, protegê-lo.[745]

Em meio à despedida, Zé, em um misto entre ironia fina e incentivo, cantarolou o refrão da música de Gilberto Gil e Caetano Veloso, *Divino Maravilho*: "É preciso estar atento e forte.

---

[743] DA-RIN, 2007.

[744] Sobre o pedido de Salgado com relação ao explosivo: MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 20/07/1998, fita três, lado a. Transcrição, p. 10.
Com relação às informações do explosivo: BRASIL. Superior Tribunal Militar, Apelação 38.321/1970, v. 2, fl. 455. Acervo digitalizado e enviado após consulta no https://www.stm.jus.br/. Há cópia no acervo Brasil: Nunca Mais. Para maiores detalhes, cf. BNM 645.

[745] Para essa história, cf. MAGALHÃES, Vera Sílvia apud MARKLOUF CARVALHO, Luiz. *Mulheres que foram à luta armada.* São Paulo: Editora Globo, 1998. p. 177.

Não temos tempo de temer a morte." Além disso, protestando contra a "estanquização" de informações, disse: "Essa estanquizacão não tem nada a ver com o amor. Se a gente ama a gente segura a barra junto."[746]

Despediram-se assim. O encontro demonstrava, uma vez mais, a união do amor e da revolução na trajetória de Vera e José Roberto. O amor pela revolução, pela transformação do país, pela construção de uma nova vida sobrepondo-se e obstaculizando, provisoriamente, o amor individual que, contraditoriamente, fortalecia-se pela e em meio à luta revolucionária. Em uma síntese dos contrários, o amor como amálgama da prática revolucionária, seja ele coletivo ou individual, pois, como enfatizava Che Guevara: "el revolucionario verdadero esta guiado por grandes sentimientos de amor."[747]

Depois da conversa com José Roberto, ainda na véspera, foi necessário expropriar mais um veículo para a ação. Assim, Vera e, provavelmente, Sergio Rubens e Salgado, realizaram a expropriação de um fusca vermelho em Ipanema, na rua Nascimento Silva. Tudo estava pronto. Era chegada a hora.

No dia seguinte, quinta-feira, 04 de setembro, o esquema na rua Marques estava montado. Por volta das nove horas da manhã, os dez militantes chegavam à ação divididos em quatro veículos. Rios, Salgado e Vera estavam em um fusca bege, estacionado na esquina da rua Marques com a rua São Clemente, próximo ao largo dos Leões. Cid, Franklin e Virgílio, em um fusca azul, estacionaram um pouco adiante, entre a rua São Clemente e a Capistrano de Abreu. Por fim, chegaram ao local, em um fusca vermelho, Claudio Torres, Paulo de Tarso e Manoel Cirillo. Esse fusca teria por função "tamponar" a rua caso fosse necessário. Como não houve necessidade, o carro foi abandonado na rua Capistrano de Abreu e os três militantes postavam-se na calçada para esperar a hora de agir. Perto dali, estava Sergio Rubens, que dirigia uma Kombi.[748]

A postos em suas respectivas posições, Rios, fora do carro, é quem daria o sinal. Ao notar o surgimento do Cadillac do embaixador pela rua São Clemente, deveria levantar um jornal para avisar os demais. Cid e Franklin ficariam responsáveis por, como nas outras ações, simular uma manobra para estacionar, obrigando o carro do embaixador a parar. Assim, com o carro parado, Virgílio, Manoel Cirillo, Claudio Torres e Paulo de Tarso, aguardando na calçada,

---

[746] Vera Sílvia apud MARKLOUF CARVALHO, 1998.
[747] GUEVARA, Che. El socialismo y el hombre en Cuba. Março de 1965. *In*: *Obras escogidas.* Santiago, Chile: Resma, 2004. p. 423.
[748] Sobre os carros: Depoimento *atribuído* a Claudio Torres. *In*: BRASIL. Superior Tribunal Militar, Apelação 38.321/1970, v.1, fl. 391. Acervo digitalizado e enviado após consulta no https://www.stm.jus.br/. Há cópia no acervo Brasil: Nunca Mais. Para maiores detalhes, cf. BNM 645.

entrariam no carro, rendendo o motorista e o embaixador. Vera, com o explosivo, e Salgado, com a metralhadora, agiriam apenas se necessário. Eram o poder de fogo da retaguarda.

Ao contrário do previsto, o carro do embaixador não passou pela manhã. Algo parecia errado nos levantamentos realizados por Vera, que haviam sido confirmados por Rios. Instalou-se um impasse. A expectativa parecia frustrada.

Em verdade, as informações obtidas por Vera não estavam erradas. Houve, naquela quinta-feira, uma mudança na rotina de Charles Elbrick. O que Vera e os demais não sabiam é que, ao contrário do caminho e horário usuais pelos quais o embaixador ia à embaixada, localizada na avenida Presidente Wilson, Elbrick cumpria um outro compromisso, pela manhã, no Itamarati, onde se reunia com o Secretário-Geral do Ministério de Relações Exteriores, Mozart Gurgel Valente.[749]

Diante do furo, por volta das 11 horas, Virgílio, tranquilamente, resolveu desmobilizar a operação. Ficar ali era, também, atrair as atenções. Propôs que fossem todos almoçar e que remobilizassem a ação na parte da tarde. Apesar da tranquilidade inusual de Virgílio, a tensão tomada conta da atmosfera. Era tamanha que captura, inclusive, a fome de Vera. Foi, com Cid, a um restaurante próximo, mas não teve vontade de comer. Parecia não haver espaço para nada que não a ação. As dúvidas, apreensões e inquietações pairavam sobre Vera, que buscava amenizá-las com o cigarro.

Remontada, com todos a postos, um Cadillac, pouco depois das 14:30, apontou na rua São Clemente em direção à rua Marques. Rios não levantou o jornal. Por um curto período, todos ficam apreensivos. Não era o embaixador norte-americano, mas sim o embaixador português. Cerca de quinze minutos depois, um outro Cadillac, preto, placa CD-3, desponta. Rios levanta o jornal e corre em direção a Vera e Salgado. Cid e Franklin fecham a rua. Claudio, Paulo de Tarso, Cirillo e Virgílio entram no carro do embaixador, os dois primeiros no banco da frente, rendendo o motorista, e os dois últimos atrás, rendendo o embaixador.

A captura foi bem-sucedida. Entre o fusca azul de Franklin e Cid e o fusca bege de Vera, Salgado e Rios, deslocava-se o Cadillac do embaixador, dirigido por Claudio Torres. Foram ao encontro da Kombi, que aguardava em uma rua próxima ao corpo de bombeiros do Humaitá. Na rua Caio Melo Franco, uma rua sem saída, realizaram o transbordo de Elbrick para a kombi. Ele, temendo ser assassinado, reagiu. Diante da reação, Cirillo deu-lhe uma coronhada e colocou-o no chão da Kombi. Ali, abandonaram o Cadillac com o manifesto político e as exigências.

---

[749] *O Jornal*, 05 de setembro de 1969, p. 2. Disponível em: Disponível em: http://memoria.bn.br/. Acesso em: 28 set 2022.

Enquanto o embaixador era transferido para a Kombi, Vera deixou o explosivo no carro de Franklin e Cid, que seria abandonado próximo dali. Não era mais necessário. O fusca de Vera, Salgado e Rios, agora acrescido de Paulo de Tarso e Sergio Rubens, deslocava-se, como um batedor, na frente da Kombi. Contudo, quando atravessaram o túnel Rebouças, separaram-se. A kombi, como previsto, seguia para a rua Barão de Petrópolis. O fusca, provavelmente, seguia para o "aparelho" da rua Santo Amaro.

Tudo corria conforme o planejado. Vera, como relembra, estava lépida. Entrava no "aparelho" da rua Santo Amaro com o sabor da vitória. O "aparelho", onde estavam apenas Vera e Sergio Rubens, era tomado pela felicidade.[750] Uma felicidade, no entanto, ainda incompleta. Ainda restava saber se os militares aceitariam as exigências.

Os órgãos de segurança da ditadura souberam rápido que o embaixador havia sido capturado. O motorista de Elbrick, que havia sido deixado no Cadillac, não foi desmaiado com clorofórmio conforme era o planejado. Assim, após a fuga de Vera e os demais, Custódio Abel alertou a polícia. Como também havia feito, horas antes, uma proprietária de um apartamento da rua Marques, que achou estranha a movimentação e, sem sucesso, pediu a presença da polícia. Com isso, os militares armaram uma estrutura de vigilância e policiamento por toda a cidade rapidamente.

Nesse contexto, a recomendação aos militantes que não estivessem no cativeiro era dispersar. Tentou-se, antes da captura, montar um esquema de "aparelhos" de segurança para todos os militantes, mas, diante da necessidade de realizar a ação a despeito do cumprimento das normas, não foi possível. Vera se virou como pôde. Dormiu, por alguns dias, na casa de Ângela Abrahao, amiga dos tempos do Andrews e da casa do Leme, que morava com os pais na rua Marques de Abrantes, no Flamengo. Era um bom esconderijo. Ninguém da organização tinha contato com essa esfera da vida de Vera.[751]

Ali, com Ângela, acompanhou o desenrolar dos acontecimentos. À noite, como a casa da amiga tinha televisão, Vera via e ouvia algo que parecia difícil de acreditar. A ditadura aceitava as exigências O manifesto era divulgado, na íntegra, pelos principais meios de comunicação:

> Grupos revolucionários detiveram hoje o senhor Charles Burke Elbrick, embaixador dos Estados Unidos, levando-o para algum lugar do país, onde o mantêm preso. Este ato não é um episódio isolado. Ele se soma aos inúmeros atos revolucionários já levados a cabo: assaltos a bancos, nos quais se arrecadam fundos para a revolução, tomando de volta o que os banqueiros tomam do povo e de seus empregados; ocupação de quarteis e delegacias, onde se conseguem armas e munições para a luta

[750] MAGALHÃES, Vera Silvia. *Provisórias Memórias.,* s.d. *In*: *Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Fundo Vera Sílvia Magalhães*, Caixa 2, doc. 3, s.d, p. 22.
[751] Ibid., p. 23.

pela derrubada da ditadura; invasões a presídios, quando se libertam revolucionários, para devolvê-los à luta do povo; explosões de prédios que simbolizam a opressão; e o justiçamento de carrascos e torturadores.

Na verdade, o rapto do embaixador é apenas mais um ato da guerra revolucionária, que avança a cada dia e que ainda este ano iniciará sua etapa da guerrilha rural.

Com o rapto do embaixador, queremos mostrar que é possível vencer a ditadura e a exploração, se nos armarmos e nos organizarmos. Aparecemos onde o inimigo menos nos espera e desaparecemos em seguida, desgastando a ditadura, levando o terror e o medo para os exploradores, a esperança e a certeza de vitória para o meio dos explorados.

O senhor Burke Elbrick representa em nosso país os interesses do imperialismo, que, aliados aos grandes patrões, aos grandes fazendeiros e aos grandes banqueiros nacionais, mantém o regime de opressão e exploração.

Os interesses desses consórcios de se enriquecerem cada vez mais criaram e mantém o arrocho salarial, a estrutura agrária injusta e a repressão institucionalizada. Portanto, o rapto do embaixador é uma advertência clara de que o povo brasileiro não lhes dará descanso e a todo momento fará desabar sobre eles o peso de sua luta. Saibam todos que esta é uma luta sem tréguas, uma luta longa e dura, que não termina com a troca de um ou outro general no poder, mas que só acaba com o fim do regime dos grandes exploradores e com a constituição de um governo que liberte os trabalhadores de todo o país da situação em que se encontram.

Estamos na Semana da Independência. O povo e a ditadura comemoram de maneiras diferentes. A ditadura promove festas, paradas e desfiles, solta fogos de artifício e prega cartazes. Com isso, ela não quer comemorar coisa nenhuma; quer jogar areia nos olhos dos explorados, instalando uma falsa alegria com o objetivo de esconder a vida de miséria, exploração e repressão em que vivemos. Pode-se tapar o sol com a peneira? Pode-se esconder do povo a sua miséria, quando ele a sente na carne?

Na Semana da Independência, há duas comemorações: a da elite e a do povo, a dos que promovem paradas e a dos que raptam o embaixador, símbolo da exploração.

A vida e a morte do sr. embaixador estão nas mãos da ditadura. Se ela atender a duas exigências, o sr. Burke Elbrick será libertado. Caso contrário, seremos obrigados a cumprir a justiça revolucionária. Nossas duas exigências são:

a) A libertação de quinze prisioneiros políticos. São quinze revolucionários entre os milhares que sofrem as torturas nas prisões-quartéis de todo o país, que são espancados, seviciados, e que amargam as humilhações impostas pelos militares. Não estamos exigindo o impossível. Não estamos exigindo a restituição da vida de inúmeros combatentes assassinados nas prisões. Esses não serão libertados, é lógico. Serão vingados, um dia. Exigimos apenas a libertação desses quinze homens, líderes da luta contra a ditadura. Cada um deles vale cem embaixadores, do ponto de vista do povo. Mas um embaixador dos Estados Unidos também vale muito, do ponto de vista da ditadura e da exploração.

b) A publicação e leitura desta mensagem, na íntegra, nos principais jornais, rádios e televisões de todo o país.

Os quinze prisioneiros políticos devem ser conduzidos em avião especial até um país determinado – Argélia, Chile ou México –, onde lhes seja concedido asilo político. Contra eles não devem ser tentadas quaisquer represálias, sob pena de retaliação.

A ditadura tem 48 horas para responder publicamente se aceita ou rejeita nossa proposta. Se a resposta for positiva, divulgaremos a lista dos quinze líderes revolucionários e esperaremos 24 horas por seu transporte para um país seguro. Se a resposta for negativa, ou se não houver resposta nesse prazo, o sr. Burke Elbrick será justiçado. Os quinze companheiros devem ser libertados, estejam ou não condenados: esta é uma “situação excepcional". Nas "situações excepcionais", os juristas da ditadura sempre arranjam uma fórmula para resolver as coisas, como se viu recentemente, na subida da junta militar.

As conversações só serão iniciadas a partir de declarações públicas e oficiais da ditadura de que atenderá às exigências.

O método será sempre público por parte das autoridades e sempre imprevisto por nossa parte.

Queremos lembrar que os prazos são improrrogáveis e que não vacilaremos em cumprir nossas promessas.

> Finalmente, queremos advertir aqueles que torturam, espancam e matam nossos companheiros: não vamos aceitar a continuação dessa prática odiosa. Estamos dando o último aviso. Quem prosseguir torturando, espancando e matando ponha as barbas de molho. Agora é olho por olho, dente por dente.
> Ação Libertadora Nacional (ALN)
> Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8).[752]

Parecia irreal. A utopia, o ápice da utopia, tornava-se realidade. A ditadura submetia-se à vontade dos revolucionários. A mensagem dos revolucionários chegava, em um golpe de mestre, a todos os brasileiros. Vera estava eufórica, feliz. Uma felicidade que se queria e devia contida, não compartilhada. Não poderia levantar suspeitas em Ângela. Contudo, a euforia e felicidade transbordavam. A amiga de infância percebeu, apesar da discrição, que Vera estava envolvida. De todo modo, manteve a guarida à amiga pelo tempo que foi necessário.[753]

O aceite por parte dos militares foi, em parte, facilitado pela fragilidade em que se encontrava o governo. A isquemia cerebral do general-presidente Costa e Silva, manifestando seus primeiros indícios no dia 25 de agosto, acarretou seu afastamento do poder, sendo necessário a constituição de uma junta militar para substituí-lo no dia 31. A junta, com poucos dias na presidência, foi pega de surpresa com a captura do embaixador. Além disso, pesava, evidentemente, a relação com o governo norte-americano.

No dia seguinte, sexta-feira, após a divulgação do manifesto, que evidenciava o aceite da ditadura, Claudio Torres e Fernando Gabeira colocaram, em um ofertório da igreja do Largo do Machado, a lista com os quinze presos a serem liberados, além de um bilhete de Elbrick, escrito de próprio punho, provando que o embaixador estava vivo. A mesma mensagem foi também levada à Igreja Nossa Senhora de Copacabana. Em seguida, ligaram ao *Jornal do Brasil* e ao *Última Hora* para avisá-los, anonimamente, que os bilhetes estavam nos respectivos lugares.[754]

Mesmo restrita, Vera teve "pontos" com militantes da organização. Claudio Torres, nesta saída para colocar os bilhetes, encontrou-se com Cid na rua Cruz de Lima para atualizá-lo.[755] Como Vera e Cid estavam muito próximos, provavelmente Vera era, também, atualizada nos encontros com ele. Tudo caminhava bem.

---

[752] BRASIL. Superior Tribunal Militar, Apelação 38.321/1970, v. 2, fls. 501-504. Acervo digitalizado e enviado após consulta no https://www.stm.jus.br/. Há cópia no acervo Brasil: Nunca Mais. Para maiores detalhes, cf. BNM 645.
[753] ABRAHAO, Angela. Entrevista concedida a Higor Codarin, via telefone, 16 de abril de 2021.
[754] Depoimento *atribuído* a Claudio Torres. *In*: BRASIL. Superior Tribunal Militar, Apelação 38.321/1970, v. 1, fl. 250. Acervo digitalizado e enviado após consulta no https://www.stm.jus.br/. Há cópia no acervo Brasil: Nunca Mais. Para maiores detalhes, cf. BNM 645.
[755] Ibid.

Enquanto o governo preparava a soltura dos quinze presos políticos, os órgãos de segurança mantinham a busca pelo embaixador. No sábado, pela manhã, uma Rural Willys, suspeita, parou em frente à casa, perguntando por um suposto morador. O fato levantou um alerta. Talvez tivessem descoberto a casa.

Essa visita inesperada deve ter sido provocada pela denúncia de um dos moradores da rua. Alguns moradores, desde o aluguel da casa, em início de agosto, suspeitavam do movimento incomum na residência. Cogitavam, inclusive, que ali fosse um bordel. Contudo, as suspeitas transformam-se em uma denúncia quando o filho de um morador, ao ouvir no noticiário que uma kombi verde havia participado da captura do embaixador, associa-o à kombi que vira entrando na garagem do número 1.026. Ligou, a partir dessa suspeita, ao major Reynaldo Couto, amigo da família, que trabalhava no gabinete do ministro do Exército.[756]

Diante dessa visita incomum, os militantes redobravam a atenção. Não é possível precisar se os militares sabiam que era aquela, efetivamente, a casa que servia de guarida ao embaixador. Era, no entanto, um dos lugares possíveis. De todo modo, não fariam nada. Qualquer tentativa de invasão levaria à morte do embaixador. Vera e os demais, quando prepararam a ação, tinham isso claro: caso não houvesse aceite por parte da ditadura, o embaixador seria morto.

A tensão era permanente. Contudo, a libertação dos presos políticos era iminente. Para isso, a junta militar outorgou um novo Ato Institucional, de número 13[757], que criava a disposição legal de banimento aos que atentavam contra a segurança nacional, criando a figura do banido político. Assim, tornaram-se banidos do território nacional os quinze presos políticos que, a bordo do avião Hércules 56 da Força Aérea Brasileira, aterrissaram no México no dia da independência do Brasil.

O ataque frontal à semana da pátria estava completo. Faltava, apenas, a libertação do embaixador.

No mesmo dia sete, organizou-se a libertação e a saída dos militantes da casa. O plano era libertar o embaixador nas ruas próximas ao estádio do Maracanã, onde, à tarde, haveria um jogo entre Cruzeiro e Fluminense, campeões mineiro e carioca respectivamente. A espera, desde a manhã, escalava a tensão. Por volta das 17 horas, colocaram o plano em prática.

---

[756] Depoimento *atribuído* a Eugenio de Macedo Matoso. *In*: BRASIL. Superior Tribunal Militar, Apelação 38.321/1970, v. 1, fl. 159. Acervo digitalizado e enviado após consulta no https://www.stm.jus.br/. Há cópia no acervo Brasil: Nunca Mais. Para maiores detalhes, cf. BNM 645.

[757] Disponível na íntegra em: http://www.planalto.gov.br//CCIVIL_03/AIT/ait-13-69.htm.
Acesso em: 17 set. 2022.

Cid, Franklin, Cirillo e Salgado, em um fusca vermelho, foram os primeiros a deixarem a casa. Seriam a cobertura armada do carro do embaixador. Viram, na rua prefeito João Felipe, a mesma Rural Willys suspeita da visita no dia anterior. Com o fusca, foram até um ponto em que conseguiam visualizar a saída da casa, de longe, esperando que os outros dois fuscas também saíssem. Um deles, bege, levava o embaixador. Era conduzido por Claudio Torres e levava, também, Virgílio. O outro fusca, marrom, com Joaquim Câmara, Paulo de Tarso e Fernando Gabeira, ia atrás do carro conduzido por Claudio, fazendo a segurança direta.

Como suspeitavam de que era aquela a casa onde estava guardado Elbrick, a Rural Wyllis, vendo o movimento dos dois fuscas, seguiu-os. Quando passaram todos pelo fusca vermelho, Cid seguiu atrás. Se houvesse qualquer tentativa de reação por parte da Rural Willys, Franklin, Cirillo e Salgado responderiam com a metralhadora, os revólveres e um explosivo que carregavam no carro.

Em um cruzamento com a avenida Paulo de Frontin, o semáforo ficou vermelho. O trânsito já estava carregado, os torcedores se aproximavam do Maracanã. Claudio Torres, percebendo, avançou o sinal. O fusca dirigido por Paulo de Tarso, protegendo o carro de Claudio, não acompanhou, impedindo a passagem da Rural Willys. Percebendo-se cercados, os agentes do CENIMAR desistiram da perseguição.[758]

Em mais um sucesso operacional, Elbrick foi libertado, sem percalços, na rua Eduardo Ramos, bairro da Tijuca. No dia seguinte, em larga entrevista dada em inglês aos meios de comunicação, teceu elogios aos captores. Chamando-os de "inteligentes", disse que fora "muito bem tratado", e que os revolucionários eram muito solícitos, tratando-o com educação e, inclusive, dando-lhe charutos. Como gostaria de algo para ler, os militantes do MR-8 e ALN, em homenagem a Ho Chi Minh, que havia morrido no dia 2 de setembro último, deram-lhe um livro com suas obras selecionadas: *Ho Chi Minh on Revolution*.[759]

As declarações de Elbrick reforçavam para a opinião pública o objetivo político de Vera e os demais. Ao contrário de terroristas violentos e cruéis, a entrevista era mais uma forma de propaganda, mesmo tendo divulgação restrita no cenário nacional.

Assim, a ação, do ponto de vista tático, era, portanto, um sucesso incontestável. Ao contrário do desfecho na Guatemala, os revolucionários brasileiros conquistavam o que

---

[758] Para a soltura do embaixador: Depoimento *atribuído* a Manoel Cirillo. *In*: BRASIL. Superior Tribunal Militar, Apelação 38.321/1970, v.1, fl. 215. Acervo digitalizado e enviado após consulta no https://www.stm.jus.br/. Há cópia no acervo Brasil: Nunca Mais. Para maiores detalhes, cf. BNM 645; DA-RIN, 2007, p. 319-322.

[759] BRASIL. Superior Tribunal Militar, Apelação 38.321/1970, v. 4, fls. 894-895. Acervo digitalizado e enviado após consulta no https://www.stm.jus.br/. Há cópia no acervo Brasil: Nunca Mais. Para maiores detalhes, cf. BNM 645.

queriam. Tudo correra dentro do planejado. O saldo apresentado por Vera e os demais ficou documentado em uma nota deixada na casa da rua Barão de Petrópolis. Invadida no mesmo dia sete, pouco tempo depois da saída dos militantes, confirmando que os militares já a vigiavam, na casa foi encontrada a nota, não divulgada aos meios de comunicação:

> Nota da ALN e MR-8
> Acabamos de tomar conhecimento da chegada à Cidade do México dos 15 prisioneiros políticos, cuja liberdade será trocada pela do embaixador dos Estados Unidos no Brasil. A outra condição imposta – divulgação do nosso documento – também foi cumprida. Demos, assim acreditamos, uma contribuição à liberdade de imprensa no Brasil, é bem verdade que num prazo muito curto.
> A condição das negociações também se processou de acordo com nossas determinações, com pleno êxito.
> Só temos motivos para estarmos satisfeitos. A ação foi vivamente apoiada por amplos setores da população, despertando a consciência da necessidade da luta para que se atinjam os objetivos democráticos e revolucionários do povo.
> Nada tínhamos pessoalmente contra o Sr. Burke Elbrick. Nada temos pessoalmente contra ele, no momento em que o libertamos. Mas como embaixador dos Estados Unidos ele representa os interesses dos grandes capitalistas norte-americanos – interesses que se chocam frontalmente com os do povo.
> Por outro lado, o fato de ter sido raptado o representante direto dos "patrões", conforme o próprio homem de rua o nomeia, foi, sem dúvida, um fator importante para que alcançássemos nossos objetivos.
> Falou-se muito em salvar uma vida humana mas a verdade é que ela tem um valor muito relativo para os homens da ditadura que, em 1964, arrastaram seminu pelas ruas de Recife o honrado revolucionário Gregório Bezerra e assassinaram Edson Luís no Calabouço, Marco Antonio de Carvalho, em São Paulo, os sargentos Raimundo Soares, no Rio Grande do Sul, Lucas Alves, em Minas, e, por último, o padre Antônio Henrique Pereira, em Recife. São apenas alguns casos.
> Não tem o direito em falar de violência uma ditadura que viola mulheres e submete os revolucionários a todo tipo de humilhação nas câmaras de tortura do DOPS, CENIMAR e outros órgãos policiais-militares.
> A violência foi instaurada oficialmente contra o povo brasileiro em 1964 e continua sendo mantida e agravada todos os dias, como ficou claro quando alguns ministros violaram a Constituição que eles próprios fizeram, assumindo o poder.
> O embaixador continua passando bem. Será libertado assim que a notícia do México, já recebida por nós, vier autenticada com os detalhes e assim acabarmos de tomar algumas medidas de segurança indispensáveis.
> A luta continuará – como tem repetido o dirigente de uma das nossas organizações, Carlos Marighella – até a completa libertação do povo brasileiro. Continuará por todos os meios que dispomos, intensificando a guerrilha urbana e levando-a bem breve ao campo, onde despertaremos o enorme potencial revolucionário dos trabalhadores rurais.
> Estão de parabéns o povo brasileiro e os simpatizantes do mundo inteiro que comemoraram conosco a semana da pátria.
> ALN e MR-8.[760]

Como vimos, a propaganda armada era o objetivo principal da ação. E, segundo a nota, fica evidente que os militantes a entendiam como um sucesso absoluto, por vezes supervalorizando manifestações que o confirmavam.

[760] BRASIL. Superior Tribunal Militar, Apelação 38.321/1970, v. 2, fls. 509-510. Acervo digitalizado e enviado após consulta no https://www.stm.jus.br/. Há cópia no acervo Brasil: Nunca Mais. Para maiores detalhes, cf. BNM 645.

Pouco tempo depois, José Roberto, em um encontro com Fernando Gabeira, disse que, no caminho, dentro do ônibus, ouviu de um passageiro que as pessoas que ele mais admirava no mundo eram os cosmonautas e os captores do embaixador norte-americano.[761] Equiparavam-se, assim, os cosmonautas que, pela primeira vez, iam ao espaço e à lua aos guerrilheiros. Gerava-se um certo fascínio, algo estéril, sem contrapartidas práticas, por parte da população sobre os participantes da captura.

Apesar da admiração de uma parcela do *povo*, a resposta da ditadura seria rápida e feroz. Em meio a ela é que, José Roberto, no mesmo diálogo com Gabeira, acrescentou: "Nós não somos os cosmonautas, somos?"[762] Em uma fina e, ao mesmo tempo, triste ironia, era isso a que se convertiam. Vera e os demais, acuados, tornavam-se, diante da repressão impiedosa, cosmonautas. Isolados. Não na imensidão do espaço, mas na estreiteza dos "aparelhos". "Entocados". Veriam o cerco se fechar rapidamente, levando a uma série de prisões, torturas e assassinatos. E a reação da ditadura atingiria particularmente Vera.

[761] GABEIRA, Fernando. *O que é isso, companheiro?* 8. ed. Rio de Janeiro: Codecri, 1979. p. 54.
[762] Ibid.

CAPÍTULO 6 – VIDA E MORTE NA REVOLUÇÃO

"Daquilo que dissemos, o que é agora falso:
Tudo ou alguma coisa?
Com quem contamos ainda? Somos o que restou, lançados fora
Da corrente viva? Ficaremos para trás
Por ninguém compreendidos e a ninguém compreendendo?
Precisamos ter sorte?"[763] (Bertolt Brecht)

Apesar da empolgação geral de Vera e os demais com o sucesso da captura, a ditadura iniciava sua caçada. Com a descoberta da casa, ainda no dia sete, chegava-se ao nome de Helena Khair, que passou a ser procurada. Além disso, outras duas pistas, encontradas no imóvel da rua Barão de Petrópolis, levariam às primeiras prisões de militantes do MR-8.

Antônio Freitas, o "Baiano", havia saído da casa por volta das 15 horas. Para ele, recomendou-se alugar um apartamento para morar, visto que a casa deveria ser desocupada. Procurou no jornal lugares disponíveis, recortando os anúncios. Acabou por alugar um quarto em Bonsucesso, no número 13 da rua Liberdade. Claudio Torres, no dia seguinte, encontrou-se com Antônio para dizer-lhe que talvez Helena tivesse sido presa. Como havia sido ela quem o tinha levado ao apartamento de Bonsucesso, era uma vulnerabilidade. Contudo, não houve tempo. Como haviam encontrado o jornal na casa, os militares já estavam à espera de Antônio no apartamento, quando ele voltava para preparar sua saída.[764]

No dia seguinte, o dirigente Claudio Torres também seria preso. Desde a libertação do embaixador, Claudio não tinha um "aparelho" de segurança para ir, algo que demonstrava o não cumprimento dos pré-requisitos necessários para realização a ação. Como não conseguiu contactar nenhum dos militantes após a libertação, temeu que todos estivessem presos e dormiu no próprio carro. No dia seguinte, ainda sem contato com a organização, buscou abrigo na casa de seus tios, na avenida Nossa Senhora de Copacabana, mesmo local onde havia sido realizada a III Conferência da organização.[765]

---

[763] BRECHT, 2012, p. 146.
[764] Depoimento *atribuído* a Antônio Freitas da Silva. *In*: BRASIL. Superior Tribunal Militar, Apelação 38.321/1970, v. 1, fl. 407. Acervo digitalizado e enviado após consulta no https://www.stm.jus.br/. Há cópia no acervo Brasil: Nunca Mais. Para maiores detalhes, cf. BNM 645.
[765] Depoimento *atribuído* a Claudio Torres. *In*: BRASIL. Superior Tribunal Militar, Apelação 38.321/1970, v. 1, fls. 251-252. Acervo digitalizado e enviado após consulta no https://www.stm.jus.br/. Há cópia no acervo Brasil: Nunca Mais. Para maiores detalhes, cf. BNM 645.

Apreensivo e sem notícias, Claudio, no dia 9, tentou, novamente, contato com a organização em um "ponto" de segurança, na rua Cruz Lima, no bairro do Flamengo. Ali, às 18 horas, finalmente encontrou Cid Benjamin e Fernando Gabeira. Nesse contato, Gabeira disse-lhe algo que o preocupou. O paletó, que havia usado para capturar o embaixador, havia sido esquecido na casa. Como Claudio participaria da libertação, pediu a Gabeira que o levasse. Contudo, Gabeira esqueceu. Ainda sem ter para onde ir, voltou à casa dos tios. Quando chegou, agentes do CENIMAR estavam à sua espera. Claudio tentou resistir, trocando tiros com os agentes, mas acabou preso.[766] Estes, em posse do paletó, descobriram o alfaiate que o havia feito. Chagaram, assim, ao endereço dos tios, casa em que Claudio morava desde a chegada ao estado da Guanabara.

A prisão dele era um duro golpe. Como dirigente, o MR-8 perdia uma de suas principais lideranças. Além disso, abriam-se novas vulnerabilidades. Até então, a militância de Vera e os demais mantinha-se abaixo dos radares da repressão. Como vimos, as investigações a respeito das expropriações chegavam, sempre, a um beco sem saída. A Dissidência da Guanabara não figurava entre as organizações conhecidas pela ditadura. A prisão de Claudio, no entanto, mudou o cenário.

Como primeiro captor do embaixador norte-americano a ser preso, Claudio foi submetido a longas e severas sessões de tortura. Físicas e psicológicas. A envergadura da ação, sua repercussão nacional e internacional, desmoralizaram, na semana da pátria, a ditadura. Assim, a sanha dos militares não era apenas pela necessidade de elucidar o "crime" e seus autores. Era, também, ódio.

A partir dessa prisão, o agora MR-8 não era mais uma organização desconhecida. Elucidavam-se as autorias das ações de expropriação realizadas até ali. Não foi, no entanto, da boca de Claudio que saíram as principais informações que norteariam os agentes repressivos na caçada de Vera e os demais. Na maleta em que ele levava sua pistola 765 Luger havia, também, uma conta de energia, cujo endereço era do "aparelho" alugado pela mãe de Vera na rua Santo Amaro, na Glória.

Desde a libertação de Elbrick, dormiam no "aparelho" da rua Santo Amaro, além dos moradores Salgado e Sergio Rubens, Manoel Cirillo e Virgílio. Vera e Cid, apesar de pernoitarem em locais diferentes, iam ao apartamento frequentemente. Como Cid havia encontrado Claudio no final da tarde da véspera, ninguém suspeitava de sua prisão. Contudo, na manhã do dia 10, desconfiados, Virgílio e Cirillo resolveram deixar o apartamento.

[766] Ibid.

Marcaram um encontro com Salgado para o final da tarde. Antes de ir ao encontro, por volta das 18 horas, Salgado e Sergio Rubens foram avisados pelo porteiro de que havia um vazamento no apartamento de baixo. Um suposto encanador, portanto, foi chamado para fazer uma vistoria no apartamento deles. A campainha tocou. Salgado, olhando pelo buraco largo da fechadura, enxergou parte de uma metralhadora.[767] O apartamento estava cercado.

Apesar do cerco, a parte de trás do aparelho tinha uma possibilidade de saída para um morro. Fora isso que possibilitou a fuga de Salgado e Sergio Rubens. Contudo, como base da FTA, o "aparelho" guardava grande parte do poder de fogo do MR-8, documentos políticos, roupas de disfarce – inclusive fardas do exército e a peruca utilizada por Vera –, joias e parte dos dólares expropriados da casa do deputado Edgard, além da "Rosalina" de Virgílio.[768] De uma só vez, os agentes repressivos encontravam indícios que mapeavam as ações realizadas e, também, golpeavam o MR-8, tirando-lhe dinheiro, revólveres, metralhadoras e material necessário para confecção de explosivos.

Especificamente para Vera, o golpe era ainda maior. Como havia sido Virgínia quem alugara o apartamento, os militares chegariam a ela. Vera soube no dia mesmo que o "aparelho" havia "caído". Estava de carro com Cid, próxima ao apartamento, quando viram a movimentação estranha. Os agentes repressivos estavam a paisana, mas, segundo Vera, era possível notá-los. Diante disso, fugiram.

Vera, imediatamente, ligou para Virgínia. Pediu para que se precavesse e que avisasse o coronel da reserva Renato Ney Ribeiro, amigo da família e fiador do aluguel do apartamento. Como amigo da família, conhecia Vera desde pequena. Disponibilizou sua casa, no auge dos acontecimentos do ano anterior, para Vera guardar documentos políticos. Segundo Vera, foi posto na reserva por suas posições políticas contrárias à ditadura.[769]

Vera e Virgínia falavam-se diariamente nos dias que se seguiram. Virgínia percebeu que estava sendo seguida, embora não fosse abordada. Por volta do dia 29 de setembro, foi, no entanto, presa por agentes do CENIMAR. Levaram-na para o presídio da Ilha das Flores, na baía de Guanabara.[770] Seria torturada psicologicamente ao ser deixada em uma cela manchada

---

[767] SALGADO, João Lopes. Entrevista concedida a Higor Codarin, por telefone, no dia 29 de setembro de 2020.
[768] Sobre as apreensões feitas no "aparelho", cf. BRASIL. Superior Tribunal Militar, Apelação 39.917/1971, v.1, fls. 13-17. Acervo digitalizado e enviado após consulta no https://www.stm.jus.br/. Há cópia no acervo Brasil: Nunca Mais. Para maiores detalhes, cf. BNM 295.
[769] MAGALHÃES, Vera Silvia. Provisórias Memórias., s.d. *In*: *Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro*. Fundo Vera Sílvia Magalhães, Caixa 2, doc. 03, s.d, p. 27-28.
[770] BRASIL. Superior Tribunal Militar, Apelação 39.917/1971, v. 1, fl. 32. Acervo digitalizado e enviado após consulta no https://www.stm.jus.br/. Há cópia no acervo Brasil: Nunca Mais. Para maiores detalhes, cf. BNM 295.

de sangue, ouvindo a tortura de outros presos que ali estavam.[771] Admitiu, em depoimento, ter alugado o apartamento para Vera, mas disse não saber para qual finalidade.[772] Disse que não via Vera há bastante tempo e, apesar de conhecer a maioria de seus companheiros, não reconheceu nenhum deles nos retratos que lhe foram apresentados. Além de Virgínia, o coronel da reserva Renato Ney Ribeiro também foi preso. Interrogado, confirmou a história da mãe de Vera. Ambos seriam soltos poucos dias depois, mas para Virgínia a prisão e a tortura foram fatores geradores de uma nova crise psicológica.[773] Vera não ficou sabendo da prisão da mãe. Em fins de setembro, já estava incomunicável.

A queda do aparelho, portanto, vinculava diretamente Vera à captura do embaixador. Os militantes do "Oito", especialmente os vinculados à captura, estavam no centro da mira dos agentes repressivos. A caçada da ditadura havia apenas começado e gerava resultados rapidamente, imiscuindo-se nas brechas de segurança deixadas por Vera e os demais. A partir de outubro, Vera era uma das guerrilheiras mais procuradas do estado da Guanabara. Fazia-se necessário o chamado "recuo tático". Suspendiam-se quaisquer possibilidades de novas ações. Vera precisava manter-se na "geladeira", escondida.

6.1 Últimos Narodniks ou Primeiros Bolcheviques?

Os nomes e fotos de parte dos captores do embaixador foram aos jornais no dia 13.[774] Vera, provavelmente por não ter ido à casa em que Elbrick estava, não teve o nome citado. Apenas seu codinome, "Marta", era referenciado pelos jornais. Figuraria nos jornais como uma das captoras do embaixador apenas no mês seguinte, quando os militares cruzavam as informações tiradas à força de Claudio com as investigações sobre o apartamento que levaram à prisão da mãe de Vera.

A divulgação das fotos visava colocar toda a cidade em alerta para qualquer sinal deles. Embora Vera não tivesse suas fotos e seu nome imediatamente vinculados à captura, fato que impossibilitava seu reconhecimento, isso não a deixava fora da vista dos militares. Não se sabia qual era, efetivamente, seu papel, mas Vera era, sob o prisma dos militares, uma terrorista que deveria ser procurada.

---

[771] MAGALHÃES, op. cit., p. 27; MAGALHÃES, Ana Lucia. Entrevista concedida a Higor Codarin. Rio de Janeiro, 02 de abril de 2019.
[772] Depoimento *atribuído* a Maria Virgínia Gonçalves Araújo. Cf. BRASIL. Superior Tribunal Militar, Apelação 39.917/1971, v. 1, fl.33-34.
[773] MAGALHÃES, Ana Lucia. Entrevista concedida a Higor Codarin. Rio de Janeiro, 2 de abril de 2019.
[774] Todos os jornais em que constavam matérias sobre a captura foram compilados no processo judicial. As fotos e nomes de parte dos captores aparecem a partir do dia 13/09/1969. Para maiores detalhes, cf. BRASIL. Superior Tribunal Militar, Apelação 38.321/1970, v. 4. Acervo digitalizado e enviado após consulta no https://www.stm.jus.br/. Há cópia no acervo Brasil: Nunca Mais. Para maiores detalhes, cf. BNM 645.

Logo após a queda do "aparelho", instalou-se a apreensão. Após descobrirem que Claudio havia sido preso, com as fotos nos jornais, pensou-se que, tanto o endereço do apartamento como os nomes dos participantes, eram informações que ele havia "aberto" aos agentes da repressão.

"Abrir" informações para os órgãos policiais era considerado, de modo geral, como uma falha moral e/ou ideológica do militante. Ao militante que não "abria" informações para os órgãos de repressão, em meio às mais bárbaras e desumanas torturas, físicas ou psicológicas, era-lhe conferido a estigma de bom comportamento, sendo, portanto, valorizado. O contrário ocorria ao militante que cedia aos suplícios e acabava disponibilizando informações relativas a outros militantes e/ou à organização. Exemplo disso é um documento, sem autoria, que circulava entre os militantes do MR-8:

> Aos descuidados, uma lembrança: estamos em plena guerra revolucionária. Na guerra se mata, se morre, se prende, e quando o preso somos nós [sic], seremos certamente torturados e mortos às vezes. Portanto, cuidar para não cair, e se formos um dia prisioneiros, não esqueçamos nosso ódio à burguesia, não busquemos sua recompensa com aberturas, não traíamos a causa do proletariado. Lembremos das palavras de Marighella, um dos mais torturados desse país, num poema seu à revolução e à liberdade:
> "Que eu por ti se preso e torturado for,
> Possa indiferente a dor
> Morrer sorrindo a murmurar teu nome.[775]

Sintomático da conjuntura, o documento representa, com clareza, por um lado, a estigmatização dos militantes que, diante das torturas, "abrissem" informações. Por outro, demonstra, com o aprofundamento da clandestinidade e dos embates com as forças repressivas pós-captura de Elbrick, um realce da dialética vida e morte, coletiva e individual, na vida militante. Sedimentava-se o espírito do sacrifício em busca da revolução. A identidade do "eu" construída por intermédio do "nós". Mais. Aprofundava-se, também, o imperativo da ofensiva, muito presente no MR-8 e nas demais organizações da esquerda armada, que pode ser sintetizado nas frases de Che Guevara "*Hasta la victoria siempre. Patria o muerte"*.

Esse imaginário, constituído e constituinte de uma identidade coletiva, de uma forma de agir coletiva. Em outras palavras, constituindo um *ethos* revolucionário. Apesar dos matizes, a relação entre a morte individual e a vida coletiva pairava no imaginário de Vera e dos demais. A luta armada como um projeto revolucionário de vida, uma nova vida, que incorporava, em seu cerne, a possibilidade de morte individual.

---

[775] BRASIL. Superior Tribunal Militar, Apelação 39.757/1973, Apenso 2, sem indicação de folha, p. 145 (numeração do arquivo digital) Acervo digitalizado e enviado após consulta no https://www.stm.jus.br/. Há cópia no acervo Brasil: Nunca Mais. Para maiores detalhes, cf. BNM 076.

Não se sabia, àquela altura, sobre a conta de energia encontrada na maleta de Claudio. Assim, além da desconfiança com relação ao Claudio, que levaria à sua expulsão da organização depois revogada,[776] pairavam dúvidas e medos: quais seriam as informações que estavam em poder da ditadura; quais eram os lugares seguros a ir.

Imperava a insegurança. Cid e Vera foram à casa de uma amiga em comum que nada sabia. Contudo, quando a foto de Cid apareceu nos jornais, tiveram de fugir. Começava, assim, uma "dança dos aparelhos". Despertando a menor das suspeitas, deveriam procurar outro lugar. A clandestinidade impunha-se rigorosamente.

Deslocando-se pela zona norte, Vera, Cid e Rios estabeleciam-se em um "aparelho" vinculado a outra seção da organização, localizado na rua Bonsucesso, no bairro homônimo. Era um "aparelho" sinistro, como relembrou Vera. Ali ficaria "entocada" por cerca de 15 a 20 dias.[777] Não saía para nada. Permanentemente em estado de alerta. Armada e com medo. A possibilidade de ser presa e/ou morta, companhia indesejável, sempre presente.[778] Estava, inclusive, cada vez mais perto. No dia 29 de setembro, em São Paulo, Virgílio Gomes foi preso pela Operação Bandeirantes (OBAN) em São Paulo e morreu, poucas horas depois, sob bárbaras sessões de tortura que duraram por cerca de 12 horas ininterruptas.[779]

Diante desse cenário, Vera encontrava refúgio na leitura. A obra na qual buscou se refugiar era simbólica, tanto pelo momento vivido, como pela sua curiosidade intelectual. Escolhia *A história da revolução russa*, de Trótski. Escrita em três volumes, com mais de mil páginas, era uma boa opção para ocupar os dias. Representava, também, a pouca ortodoxia marxista de Vera. Trotski era um renegado da grande maioria dos círculos comunistas. Sua leitura era desaconselhada e desestimulada.[780] Contudo, sua curiosidade intelectual não se limitava às interdições. Mais. A escolha de Trótski dizia respeito à dificuldade da conjuntura. Vera procurava, assim, alimentar suas forças. O prefácio de Trótski era um indicativo:

> Rússia, ainda nos dois primeiros meses de 1917, era a Monarquia dos Romanovs. Oito meses mais tarde os bolcheviques apoderavam-se do leme, eles que, no princípio do ano, eram desconhecidos, e cujos líderes, no momento mesmo do acesso ao poder, foram inculpados de alta traição. Não encontramos na História outro exemplo de uma

[776] SALGADO, João Lopes. Entrevista concedida a Daniel Aarão Reis e Vera Sílvia Magalhães, 17 de julho de 1988. *In*: *Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro*, Fundo Vera Sílvia Magalhães, caixa 2, doc. 28.
[777] MAGALHÃES, *Provisórias Memórias,* s.d, p. 28.
[778] MAGALHÃES, Vera Silvia. Entrevista concedida a Marcelo Ridenti. *In*: Arquivo Edgar Leuenroth (AEL/Unicamp), Fundo *Militância Política e luta armada no Brasil*, fita 1, lado a (Arquivo Digital: 139a).
[779] COMISSÃO DE FAMILIARES DE MORTOS E DESAPARECIDOS POLÍTICOS; INSTITUTO DE ESTUDO DA VIOLÊNCIA DO ESTADO; GRUPO TORTURA NUNCA MAIS -RJ E PE, 1997, p. 311-312.
[780] Em meu outro trabalho, demonstrei como o MR-8 estava aberto a leituras outras dentro do campo marxista. Dentre os militantes, Vera destacava-se neste sentido. Para conferir maiores detalhes sobre o MR-8: CODARIN, 2019.

> reviravolta tão brusca, sobretudo se nos lembrarmos de que se trata de uma nação contando com 150 milhões de habitantes.[781]

Neste sentido, ao ler *A História da revolução russa,* Vera buscava, por um lado, compreender as razões que levaram à revolução na Rússia, como também encontrar os caminhos que levariam à revolução brasileira. Queria encontrar a chave dessa "reviravolta tão brusca" que os levaria, à exemplo dos bolcheviques, à vitória.

José Roberto, no momento da adesão à luta armada, perguntava, ironicamente, se eles seriam os últimos narodniks ou os primeiros bolcheviques.[782] Comparando os populistas russos aos bolcheviques, questionava, em outras palavras, se seriam os últimos revolucionários derrotados ou os primeiros revolucionários vitoriosos. Vera, "entocada" em Bonsucesso, buscava razões para alimentar a certeza de que seriam os primeiros revolucionários vitoriosos. Faria tudo para isso. Aquele era não apenas um projeto coletivo, mas, especialmente, seu projeto de vida, individual. Era uma revolucionária. Encontraria a solução, a despeito do isolamento imediato e do parco apoio das "massas revolucionárias." Para isso, lia e anotava, com riqueza de detalhes, capítulo por capítulo, o texto escrito pelo comandante do exército vermelho.[783]

Isolada, Vera mantinha contato com a organização por intermédio de Carlos Vainer. Tamanha era a saudade de Zé Roberto que, ao longo desse período, Vainer fez as vezes de mensageiro, levando e trazendo cartas e bilhetes trocados entre Vera e Zé. As cartas, no entanto, não bastavam. Vera queria encontrá-lo. Não se encontravam desde a véspera da captura do embaixador. Vera tinha consciência de que era uma ruptura com as normas de segurança. Mais. Um grande risco. Apesar de tudo, mantinha-se firme na tentativa. Carlos Vainer, amigo de ambos, desde os tempos do cursinho AESSE, acabou por aceitar.[784]

Lucia Murat era quem sabia sobre o "aparelho" em que Zé Roberto estava. Depois da captura do embaixador, todos os militantes tiveram de se recolher. Zé deixou de ir à universidade, onde mantinha seu trabalho político, passando a morar em um apartamento em Niterói, até que fosse seguro voltar ao estado da Guanabara. Fora Lúcia, portanto, quem, a

---

[781] TROTSKI, Léon. *A história da revolução russa.* Brasília: Senado Federal, 2017. v. 1, p. 23.
[782] A frase fora relembrada em alguns depoimentos. Está registrada, também, no livro de memórias de Cid Benjamin. Para maiores detalhes, cf. BENJAMIN, 2013, p. 35.
[783] BRASIL. Superior Tribunal Militar, Apelação 39.757/1973, Apenso 2, fls.175 e ss. Acervo digitalizado e enviado após consulta no https://www.stm.jus.br/. Há cópia no acervo Brasil: Nunca Mais. Para maiores detalhes, cf. BNM 076.
[784] MAGALHÃES, *Provisórias Memórias.,* s.d, p. 28-30.

pedido de Vainer, armou o encontro. Arquitetou-se, assim, toda uma operação para viabilizá-lo.[785]

Vera foi à praça XV disfarçada. Lá encontrou Lúcia Murat. Deveriam, juntas, pegar a barca. Depois de tanto tempo "entocada", na "geladeira", a saída, apesar dos riscos, era um refrigério. Olhar o mar, que tanto gostava quando era pequena, deve ter sido um alento. Chegando em Niterói, um carro as aguardava. Quando entrou, foi vendada. Eram as normas de segurança. Não deveria saber o caminho para, caso fosse presa, não o identificar aos agentes da repressão.[786]

No apartamento, Vera encontrou Zé Roberto. Foi um feliz reencontro, permeado por abraços e beijos, entremeados de risos e choros. Estavam vivos e juntos. "O amor transcende a tudo", escreveria Vera tempos depois, relembrando o esforço feito para que pudessem se encontrar.[787]

Ficou em Niterói por cerca de 15 dias. Depois desse período, era necessário voltar ao estado da Guanabara. Voltar à ativa. Ambos precisavam retomar os contatos com a organização para definir quais caminhos seguir. Pairavam dúvidas e incertezas. Nesses dias, além do amor, eram presentes discussões a respeito dos caminhos da organização, em particular, e da esquerda armada no geral.

A relativa simpatia social com relação aos captores do embaixador, dissipou-se. O "milagre econômico" da ditadura, com altas taxas de crescimento econômico, dava seus primeiros sinais, inserindo, mesmo que de forma desigual e altamente concentradora de renda, significativas parcelas da sociedade brasileira na esfera do consumo.[788] A narrativa da ditadura, especialmente por intermédio dos meios de comunicação, de que havia uma guerra contra a subversão, impondo a visão de que os guerrilheiros eram, em verdade, terroristas, sedimentava-se. Esses fatores, combinados, eram sentidos e percebidos por Vera e Zé no isolamento imposto pós-captura.

Além disso, a repressão infligira duros golpes. Para além dos assassinatos e prisões, endureciam-se as punições, especialmente a partir da atualização da lei de Segurança Nacional, realizada em fins de setembro. Amparada no código penal militar, procurava reprimir o que consideravam "guerra psicológica" e "guerra revolucionária", estabelecendo diversas

---

[785] MURAT, Lucia. Entrevista concedida a Higor Codarin. Rio de Janeiro, 1 de agosto de 2019.
[786] MAGALHÃES, op. cit., p. 29.
[787] Ibid.
[788] Para a verificação dos gráficos e análise das mudanças socioeconômicas no período da ditadura, Cf. LUNA, Francisco Vidal; KLEIN, Herbert S. Transformações econômicas no período militar. (1964-1985). *In*: AARÃO REIS FILHO, Daniel; PATTO SÁ MOTTA, Rodrigo; RIDENTI, Marcelo (orgs.) *A ditadura que mudou o Brasil*: 50 anos do golpe de 1964. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 66-91.

tipificações de crimes que redundavam, na ampla maioria das vezes, em prisão perpétua ou pena de morte.[789]

A organização, pressionada por essa repressão em várias esferas distintas, estava paralisada. Assim, entremeados pelo amor e felicidade no reencontro, os cerca de 15 dias em Niterói foram permeados por diversas questões a respeito do futuro da organização e, também, da revolução. Apesar das dúvidas, entretanto, uma certeza. Continuariam na luta revolucionária, mas não mais se separariam. O encontro, reforçando o laço afetivo diante das dificuldades várias impostas pela vereda revolucionária, sedimentou essa ideia.

Quando voltaram ao estado da Guanabara, a Direção-Geral da organização disse que Vera deveria se deslocar para Salvador, tendo em vista comandar os trabalhos relacionados à DI-BA. Como estava, já naquela altura, altamente procurada, era, também, uma alternativa de militância, buscando preservá-la. Outros militantes também se deslocavam do epicentro da repressão. Franklin Martins foi enviado a Cuba, para realizar treinamento guerrilheiro. Assim como Salgado, que se deslocou para a baixada fluminense tendo em vista desenvolver contatos operários.

Apesar da proposta, Vera se insurgiu contra o centralismo democrático da organização. Como havia definido com Zé Roberto, restariam juntos. Aventou, inclusive, a possibilidade de se desligar da organização, caso não tivesse a reivindicação atendida. Como era uma militante valorosa, foi aceita. Ficaria, junto a Zé Roberto, no estado da Guanabara.

Em fins de outubro, início de novembro, passaram a morar juntos em outro "aparelho" localizado em Bonsucesso, na rua Jansen de Melo. O relacionamento deles, pela força das circunstâncias, fechou-se monogamicamente. A perspectiva de manutenção de parceiros afetivo-sexuais diversos era obstruída pela dinâmica do cotidiano clandestino.

Ali, além deles, morariam Lucia Murat, Marcos Dantas e Cesar Queiroz Benjamin.[790] A precariedade era tamanha que as antigas divisões entre frentes de trabalho diluíam-se. A FTA, como frente específica de ações armadas, estava, na prática, desarticulada. Vera passava a fazer parte da Unidade Externa (UE), vinculada à Frente de Trabalho Operário.

Apesar da suspensão provisória das ações, a dinâmica da clandestinidade demandava que os militantes, mesmo escondidos, mantivessem uma fachada de legalidade. Para isso, eram

---

[789] BRASIL. *Decreto-Lei nº 898, de 29 de setembro de 1969*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/Del0898htm. Acesso em: 22 abr. 2017.

[790] Depoimento *atribuído* a Marcos Dantas. SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES. Encaminhamento nº 0483/CISA. Arquivo Nacional, fundo Serviço Nacional de Informações. Código de referência: BR DFANBSB V8.MIC, GNC.AAA.71039203
Arquivo digital: BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_AAA_71039203_d0001de0001.pdf. p. 11 (numeração arquivo digital).

necessários documentos de identificação falsificados. Diante dessa demanda, Vera, Zé, Cid, Lucia Murat, Cesar, Carlos Zílio e José Saboya planejaram uma nova ação.

Em novembro, Lúcia Murat, passando-se por jornalista, foi ao Instituto Felix Pacheco, localizado em Madureira.[791] O instituto era a entidade responsável pela emissão de documentos de identificação civil no estado da Guanabara. Nessa ida, ao inteirar-se do procedimento de feitura de documentos, especialmente de carteiras de identidade, Lucia constatou que ali eram mantidas diversas folhas "espelhos" de carteira de identidade em branco, emitidas e assinadas pelos funcionários do instituto, que aguardavam, apenas, as informações dos indivíduos que seriam registrados civilmente. A ideia era, portanto, realizável. Expropriariam as folhas "espelho" tendo em vista a produção de identidades falsas. Além disso, Cesar Benjamin, complementando o levantamento feito por Lucia Murat, percebeu que a segurança do instituto era frágil, sendo realizada por apenas uma pessoa.

Assim, de posse das informações, no dia 18, por volta das 18 horas, Cid, Zílio, Vera e Zé Roberto entraram no instituto e anunciaram o assalto. Vera, que adotava "Dadá" como novo codinome, em homenagem à cangaceira, vestia uma blusa clara e saia azul, além de óculos escuros e luva vermelha em uma das mãos. Como o chefe do instituto não queria abrir o armário onde se encontravam as folhas e esboçava reação, Cid, comandando a ação, deu-lhe uma coronhada.[792] Enquanto isso, José Roberto e Zílio rendiam o policial militar em uma sala contígua, trancando-o no banheiro. Do lado de fora, aguardavam, em outro carro, Lucia Murat, Cesar Benjamin e José Saboya, responsáveis pela cobertura da ação.

Aberto o armário, Vera e Cid pegaram diversas folhas "espelho" de carteiras de identidade, além de atestados de antecedentes criminais. Todos em branco. A ação estava terminada. Levaram, assim, o chefe do instituto para trancá-lo, também, no banheiro. Antes de saírem, com um spray, picharam em uma das paredes: Viva Marighella – MR-8.[793]

Além de reivindicarem a autoria da ação, a pichação era uma tentativa de demonstração de força, homenageando o principal líder da esquerda armada que havia sido assassinado pelos órgãos repressivos em São Paulo, no dia quatro último. O assassinato de Marighella era uma grande perda, não apenas para a ALN, mas, de modo geral, para a esquerda armada. Era mais uma demonstração de que as organizações, após a captura do embaixador, ao contrário de angariarem apoio e crescerem numericamente, eram, cada vez mais, feridas de morte. Para a

---

[791] BRASIL. Superior Tribunal Militar, Apelação 39.770/1973, Vol. 1. Acervo digitalizado e enviado após consulta no https://www.stm.jus.br/. Há cópia no acervo Brasil: Nunca Mais. Para maiores detalhes, cf. BNM 112.
[792] Depoimento *atribuído* a Cid Benjamin. *In*: Id., fl. 114.
[793] Ibid.

ALN, especificamente, a morte de Marighella se somava às prisões de Paulo de Tarso, no início de outubro, e Manoel Cirillo, no dia 30 do mesmo mês.[794] Dois meses após a captura de Elbrick, a ALN havia perdido "Jonas" e Marighella, além das diversas prisões. Estas, contudo, não se restringiram à ALN.

6.2 Era difícil jurar amor eterno, pois a vida podia terminar antes do amor

As folhas "espelho" expropriadas do Instituto Felix Pacheco foram levadas a José Sebastião Rios. Artista gráfico, "Aníbal" era um dos responsáveis pela falsificação dos documentos de identidade, embora não houvesse especialistas neste quesito na organização. Pouco tempo depois, Vera recebeu seu novo documento. Passava a se chamar Ângela Maria da Costa. Filha de Danilo e Carmen Costa, nascera no dia 26 de janeiro de 1945. Na época, Vera, para disfarçar-se, utilizou, na foto para o documento, uma peruca curta e óculos de grau. Estava irreconhecível.[795]

Como Ângela, encontrou-se com o amigo e companheiro de militância Eduardo Homem, que havia recém-saído da prisão. Além de uma conversa sobre o isolamento a que estavam submetidos, foram ao cinema. Como amante do cinema que era, Vera disfarçou-se para ver *Macunaíma*, filme de Joaquim Pedro de Andrade.

O filme, marco do Cinema Novo, que mostra o herói brasileiro sendo comido pelo próprio Brasil do consumo, da industrialização e da modernização, talvez tenha soado como metáfora na cabeça de Vera. O isolamento social a que estavam submetidos também como consequência do povo brasileiro que era engolido pela lógica do consumo alienante.

Assim, representando o paradoxo da vida clandestina, Vera, sob os disfarces de "Ângela", como um fantasma, encontrava momentos de liberdade dentro da caçada a que estava submetida. Como "Ângela Maria da Costa", Vera não existia. Essa não existência libertava-a de certas coerções da institucionalização social. Por outro lado, porém, como Vera Sílvia de Araújo Magalhães, captora do embaixador norte-americano, com mandado de prisão expedido, Vera estava condenada a se esconder.

Após a ação realizada em Madureira e o encontro com Eduardo Homem, Vera voltava a se recolher. Além disso, teria, novamente, de se mudar. Desconfiados da segurança do "aparelho" da rua Jansen de Melo, mudavam-se de bairro. Pedro Alves Filho, militante da FTO,

---

[794] Depoimento *atribuído* a Manoel Cirillo. *In*: BRASIL. Superior Tribunal Militar, Apelação 38.321/1970, v. 1, fl. 215. Acervo digitalizado e enviado após consulta no https://www.stm.jus.br/. Há cópia no acervo Brasil: Nunca Mais. Para maiores detalhes, cf. BNM 645.; DE TARSO VENCESLAU, Paulo apud DA-RIN, 2007, p. 325.

[795] BRASIL. Superior Tribunal Militar, Apelação 39.757/1973, Apenso 2, fl.1. Acervo digitalizado e enviado após consulta no https://www.stm.jus.br/. Há cópia no acervo Brasil: Nunca Mais. Para maiores detalhes, cf. BNM 076.

alugou, em seu nome, o apartamento 202, em um prédio de três andares, na Penha, rua Montevideo, 391. Ali, a partir de dezembro, morariam, a princípio, Sergio Rubens, Vera, José Roberto e Carlos Zílio. Pouco tempo depois, Sergio Rubens deixou o apartamento para realizar outras tarefas ficando, apenas, Vera e os demais.

O prédio, na zona norte, era habitado por pessoas de classe média baixa. Com dois apartamentos por andar, todos se conheciam. A chegada de Vera, José Roberto, Zílio e Sergio Rubens, obviamente, chamou a atenção. Para integrar-se ao meio, diluindo possíveis suspeitas, Vera buscava se integrar. Matinha contato frequente com a vizinha da frente, Mirian Chaves. Assumindo a persona de uma professora de licença, pois não poderia sair do "aparelho", alimentava o imaginário de dona de casa pacata. Para Mirian e os demais do prédio e da rua, Vera e José Roberto eram o casal "Ângela" e "Marcus". Zílio era "Roberto", parente que morava com eles. Para dar veracidade ao disfarce, Zílio e José Roberto saíam, pela manhã, supostamente para trabalhar, enquanto Vera ficava em casa.

Conforme os dias passavam, Vera ganhava a confiança de Mirian. O contato inicial se deu a partir de uma amiga da vizinha. Pouco depois de Vera passar a morar no apartamento, a amiga veio procurar Mirian em seu apartamento. Vera, ouvindo os chamados não atendidos, saiu e iniciou uma conversa. Mirian, quando chegou, foi apresentada à Vera.[796] A partir de então, frequentavam uma a casa da outra. Vera passou, inclusive, a cuidar do casal de filhos de Mirian, Dita e George, enquanto ela saía para realizar tarefas fora de casa, além de manter encontros extraconjugais que confidenciava a Vera. Assim, tornavam-se, na medida do possível, amigas.

Além de Mirian, Vera, embora com menos profundidade, tornava-se conhecida de outras mulheres do prédio e do bairro. Criava-se, mesmo que artificialmente, uma identificação entre as donas de casa. Assim, Vera desenvolveu relações de proximidade com Maria, Dulce e "Filhinha".

Apesar da amizade com os moradores do bairro e do prédio, Vera, José Roberto e Zílio estavam sempre em estado de alerta. Não apenas pela caçada a que estavam submetidos, mas, também, pelo "aparelho" ter se tornado um dos principais epicentros do MR-8, especialmente a partir da miniconferência da organização realizada em dezembro, quando José Roberto passou a fazer parte da direção do MR-8. Além disso, tornou-se uma espécie de biblioteca da organização, abrigando diversos livros, documentos e, inclusive, a única metralhadora que

[796] Depoimento de Mirian Chaves Albuquerque. *In:* BRASIL. Superior Tribunal Militar, Apelação 39.757/1973, v. 1, fls. 129 e ss.. Acervo digitalizado e enviado após consulta no https://www.stm.jus.br/. Há cópia no acervo Brasil: Nunca Mais. Para maiores detalhes, cf. BNM 076.

sobrou depois da descoberta do "aparelho" da rua Santo Amaro. Assim, o cuidado deveria ser redobrado.

Diante da situação em que se encontrava, o MR-8 decidiu, mesmo sob forte clandestinidade, realizar uma miniconferência, com poucos representantes, cerca de sete ou oito pessoas. Vera participou. O objetivo era promover um balanço sobre a prática armada da organização durante o ano que terminava, como também uma análise crítica a respeito da situação da esquerda armada no geral, com o propósito de construção da tática política para o ano de 1970.[797]

Ao que indicam as "Tribunas de Debate"[798], especialmente um documento com a epígrafe *Temário Discussão*[799], abriu-se, no MR-8 de modo geral, um processo de discussão que partia da constatação de que havia, naquele momento, se instalado uma crise nas organizações de esquerda armada.[800] Nos documentos é recorrente a constatação de que havia um movimento de crescente isolamento das organizações em relação às massas e de que a prática de ações armadas, superestimada, consolidava uma prática política "espontaneísta" e "vanguardista", jargões comunistas que se referiam a práticas políticas desconectadas do movimento popular.

José Roberto, ao longo da miniconferência, era uma das vozes mais críticas com relação ao isolamento. Escreveu, segundo Vera, um documento criticando o "militarismo" da

---

[797] Não conseguimos grandes detalhes sobre a miniconferência. Contudo, analisaremos este processo com base na documentação apreendida na invasão do "aparelho" de Vera e José Roberto, que, conforme veremos adiante, era um dos "aparelhos" onde se realizavam as reuniões da direção neste período. Vale ressaltar que alguns documentos estão sem nome, mas constam as datas, que nos possibilitaram inferir que se tratava deste processo de discussão aberto em fins de 1969. Para verificação dos documentos apreendidos no aparelho, cf. BRASIL. Superior Tribunal Militar, Apelação 39.757/1973, Apenso 2. Acervo digitalizado e enviado após consulta no https://www.stm.jus.br/. Há cópia no acervo Brasil: Nunca Mais. Para maiores detalhes, cf. BNM 076.

[798] A "Tribuna de Debates" era uma tradição que remontava ao PCB. Antes dos Congressos, havia um período de circulação da Tribuna de Debates, onde, mais ou menos livremente, se discutiam novos rumos para o Partido, a serem, afinal, deliberados pelo Congresso futuro.
No MR-8, criava-se como uma estrutura de diálogo entre os militantes, tendo em vista superar a impossibilidade de comunicação diante da vida clandestina. Cid Benjamin explica: "[...] havia circulação de materiais, qualquer militante poderia escrever o artigo que quisesse, e havia inclusive a própria impressão das 'Tribunas de Debates', que a direção imprimia e difundia. Poderia escrever a barbaridade que quisesse que estava garantida a circulação daquele material." Cf. BENJAMIN, Cid. Entrevista concedida a Marcelo Ridenti. *In*: Arquivo Edgar Leuenroth (AEL/Unicamp), Fundo *Militância Política e luta armada no Brasil,* fita 1, lado b (Arquivo digital 127, lado b).
Franklin Martins corrobora com essa versão e atesta que essa prática construiu um processo de discussão rico na DI-GB/MR-8: "[...] no meio dessa coisa militar, tudo isso, tinha *Tribuna de Debates*, [que] circulava, [inclusive] documentos contra a posição da Direção. Tinha uma discussão política rica dentro da Dissidência." Cf. MARTINS, Franklin *apud* DA-RIN, op. cit., 2007, p. 311.

[799] *TEMÁRIO DISCUSSÃO,* s/d, mimeo. 1f. *In*:
BRASIL. Superior Tribunal Militar, Apelação 39.757/1973, Apenso 2. Acervo digitalizado e enviado após consulta no https://www.stm.jus.br/. Há cópia no acervo Brasil: Nunca Mais. Para maiores detalhes, cf. BNM 076, p. 261 (numeração do arquivo digital).

[800] Ibid.

organização. Contudo, as críticas de Zé – e mesmo a constatação de isolamento – não geravam posições políticas que impulsionassem a organização no caminho da ruptura com a luta armada.

O imperativo da ofensiva que, como vimos, construía-se como parte nevrálgica da perspectiva da luta armada, dificultava, sobremaneira, qualquer possibilidade de construção de uma prática política alternativa. Abandonar as armas era, cada vez mais, sinônimo de traição à causa, especialmente a partir das mortes, prisões e assassinatos de companheiros. Instituía-se, inclusive, um adjetivo, fortemente pejorativo, para os que abandonassem a prática revolucionária: desbundados. Desbunde como traição, abandono, ato maldito.

Essa coerção de permanência fica evidente, inclusive, na própria prática política de José Roberto. Mesmo tecendo críticas ao caminho trilhado pela organização, aceitou fazer parte da Direção-Geral do MR-8 a partir de então. Com a prisão de Claudio e a ida de Franklin a Cuba, a direção precisava ser recomposta. Daniel Aarão Reis continuava coordenando a FTO, Cid Benjamin passava a ser coordenador da FTA e José Roberto passava a dirigir a FTCM.

Vera, ao relembrar a conferência, aponta para as críticas à luta armada, mas sem propostas concretas: "Começaram as primeiras críticas com relação ao militarismo. [...]. Mas eram críticas bem suaves, não havia abertura de alternativa para uma prática diferente."[801] Apesar delas, o saldo da miniconferência foi a manutenção da perspectiva da luta armada. Às dúvidas, desconfianças e incertezas se sobrepunham as certezas da "determinação revolucionária", como sublinha um documento político do período:

> [...] estamos unidos por uma mesma determinação revolucionária. Isso nos diferencia dos que vacilam e abandonam a prática. Nós nos comprometemos é com a revolução e encontramos na [nossa prática] a visão político-ideológica que permitirá a consecução desse nosso objetivo. Devemos preservá-la. E para tanto substituir a apatia pela determinação e a desconfiança pela certeza. [...]. "A verdadeira história do nosso povo está sendo construída há muito tempo e hoje saudamos os companheiros que tombaram, escrevendo-a de armas nas mãos.[802]

Apesar de unidos pela mesma determinação revolucionária, Vera e Zé, no "aparelho" na Penha, mantinham discussões a respeito dos caminhos e descaminhos da organização. Discussões que se aprofundaram a partir de janeiro, quando José Roberto quase foi preso.

Em uma das primeiras reuniões da nova direção, Cid, Daniel e Zé Roberto encontraram-se no bairro da Tijuca, na rua São Francisco Xavier. Como a clandestinidade era rigorosa,

---

[801] MAGALHÃES, Vera Silvia. Entrevista concedida a Marcelo Ridenti. *In*: *Arquivo Edgar Leuenroth (AEL/Unicamp)*, Fundo *Militância Política e luta armada no Brasil,* fita 1 lado b (Arquivo Digital: 139lado b).
[802] GONDE, José. *Como prosseguir*., dezembro de 1969, mimeo, 15f, p.11. In: BRASIL. Superior Tribunal Militar, Apelação 39.757/1973, Apenso 2, sem indicação de folha, p. 590 (numeração do arquivo digital) Acervo digitalizado e enviado após consulta no https://www.stm.jus.br/. Há cópia no acervo Brasil: Nunca Mais. Para maiores detalhes, cf. BNM 076.

fizeram a reunião em movimento, em um fusca dirigido por Cid. Em um sinal fechado, foram descobertos. De um camburão da polícia, alguns veículos atrás, desceu um policial com uma metralhadora, caminhando em direção ao fusca em que estavam os três. Cid, percebendo, subiu com o carro na calcada e furou o sinal para fugir. O policial, buscando parar o carro, atirou com a metralhadora. Não o acertou.

Fugindo, Cid entrou, sem querer, em uma rua sem saída. Estavam encurralados. Desceram do carro os três e saíram correndo em direção a um muro no final da rua, buscando pulá-lo. No entanto, um morador da rua, ao ver o movimento dos três armados, buscou rendê-los com seu revólver. José Roberto, sem pestanejar, deu-lhe um tiro no peito. Assim, conseguiram pular o muro e sair em outra rua. Cid, o primeiro a pular, rendeu um taxista e esperou José Roberto e Daniel. Todos os três, por sorte, saíram ilesos. O morador, soube-se depois, era um policial federal. Apesar de ferido gravemente, sobreviveu.

O cerco se fechava cada vez mais. Vera ficou bastante impactada com o fato. O medo – e, também, seu recalque – passavam a ser companhias constantes. Mais que isso. Onipresentes. Apesar dele, não falavam sobre isso com qualquer militante da organização. Contudo, entre eles, sim. Zé Roberto, a partir de então, passou a cogitar a possibilidade de ambos saírem do país. Aventava a possibilidade de irem ao Chile, terminar o curso de economia na *Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales* (Flacso). Como Vera relembrou, Zé "dizia que estávamos sem saída completamente, e se não íamos morrer todos, íamos morrer grande parte."[803]

Embora partilhasse de, ao menos, parte das análises de Zé, Vera "era a força do casal"[804] na manutenção da militância. Achava impossível abandonar a causa. Não apenas a causa, mas também os companheiros, todos eles seus amigos. No contexto específico do MR-8, eram mais do que uma organização política, eram amigos. Forjaram-se politicamente no mesmo cenário, na mesma fase da vida e, de modo geral, no mesmo contexto estudantil. Vera, a esta altura, estava prestes a completar 22 anos. A grande maioria dos quadros era da mesma faixa etária. Desfrutaram, assim, as descobertas da juventude juntos. Tornavam-se mais do que apenas uma organização política. Como relembrou Salgado: "Nós nos amávamos. É como se fôssemos uma família. Tínhamos uma relação como se fôssemos irmãos."[805] Vera, em entrevista, com seu humor característico, confirmaria a visão de Salgado. Eram uma família, embora algo

[803] MAGALHÃES, Vera Silvia. Entrevista concedida a Marcelo Ridenti. *In*: *Arquivo Edgar Leuenroth (AEL/Unicamp)*, Fundo Militância Política e luta armada no Brasil, fita 1, lado b (Arquivo Digital: 139 lado b).
[804] Ibid.
[805] SALGADO, João Lopes. Entrevista concedida a Higor Codarin, por telefone, no dia 29 de setembro de 2020.

incestuosa.[806] Assim, mais do que a partilha de valores e visões revolucionárias, criava-se uma amálgama pelo afeto.

Neste sentido, especialmente para Vera, a combinação do projeto revolucionário à dimensão afetiva, individual, constituía sua identidade. Entendia-se como uma revolucionária. Seu papel social era a transformação do mundo. Em um mesmo movimento, a prática revolucionária levando a vida individual e coletiva para a mesma revolução. Aquele era seu projeto de vida. Em nome dele, iria até as últimas consequências. Perdê-lo era perder a si mesma. A morte individual e a morte do projeto revolucionário como duas faces da mesma moeda. A dinâmica clandestina aprofundava a utopia revolucionária como feixe de todos os âmbitos de sua vida, como ela mesma relembrou:

> Eu não poderia sair do barco. Me sentia muito ligada a todos, inclusive, afetivamente. Eram meus amigos. A organização era a minha vida. Era a minha vida e a minha morte. Essa era a contradição com a qual eu tinha de viver. Fora dali o que eu era? Não tinha identidade. A minha identidade era aquela. Eu era uma guerrilheira, seja em declínio ou cercada. Com aqueles amigos, com aqueles guerrilheiros que tinham se proposto a transformar a sociedade.[807]

Neste sentido, defendia que não deixaria a organização e não sairia do país. Defendia, com veemência, para José Roberto a permanência. Acreditava, apesar do isolamento social, no sucesso da revolução.

Contudo, o início de 1970 seria cruel com suas convicções.

No primeiro ano da década de 1970, Vera continuava na "geladeira". Faria, em janeiro, alguns poucos levantamentos de áreas fabris do estado da Guanabara para possíveis ações. No mais, continuava a maior parte do tempo no apartamento da Penha, onde mantinha a leitura da *História da revolução russa*, de Trótski.

Ali, completaria seus 22 anos. Embora não comemorasse seus aniversários com frequência, provavelmente estava satisfeita e feliz com sua trajetória até então. Felicidade que foi, à força, arrancada pouco dias depois, no mesmo mês de fevereiro.

No dia 16 de fevereiro, segunda-feira, por volta das 19 horas, estavam, no "aparelho" de Vera, além dos três moradores, Cid e Daniel. Os dois últimos e José Roberto realizavam, em um dos quartos, uma reunião da direção. Na sala, estavam Vera e Zílio.

Enquanto a reunião acontecia no quarto, Vera e Zílio ouviram alguém bater na porta. Era Mirian. Queria avisar Vera sobre algo estranho que havia acontecido na parte da tarde.

---

[806] MAGALHÃES, Vera Silvia. Entrevista concedida a Marcelo Ridenti. *In*: *Arquivo Edgar Leuenroth (AEL/Unicamp)*, Fundo Militância Política e luta armada no Brasil, fita 1, lado a (Arquivo Digital: 139 lado a).
[807] MAGALHÃES, Vera Silvia. Entrevista concedida a Marcelo Ridenti. *In*: *Arquivo Edgar Leuenroth (AEL/Unicamp)*, Fundo Militância Política e luta armada no Brasil, fita 1, lado b (Arquivo Digital: 139 lado b).

Policiais do DOPS teriam feito uma passagem pela rua Montevideo olhando, especificamente, para o apartamento de Vera e os demais. Vera achou bastante estranho e desconversou. Relembrou Mirian de que era ela quem tinha um caso extraconjugal com um policial. Logo, os policiais estariam ali para falar com ela e não o contrário. Mirian, depois desse breve diálogo, voltou ao seu apartamento.

Como achou muito estranho, Vera resolveu avisar aos demais e vasculhar as redondezas. Não encontrou nada de suspeito. Apesar da relativa calmaria, acharam melhor suspender a reunião. Desconfiavam que o "aparelho" havia sido descoberto. Após a suspensão da reunião, combinaram uma saída calma e coordenada do apartamento, evitando suspeitas. Cid e Daniel sairiam primeiro, logo seguidos por Vera e José Roberto. Por fim, após queimar documentos e outros papéis que pudessem ser comprometedores, deveria sair Zílio, levando a metralhadora.

Quando Daniel e Cid estavam na rua Guatemala, próxima à Montevideo, a caminho do carro estacionado na rua Lobo Júnior, avistaram três ou quatro caminhonetes com vários policiais em direção à rua Montevideo. No total, 12 agentes da repressão deslocaram-se ao "aparelho" de Vera. Oito eram do Serviço de Buscas Ostensivas (SBO-DOPS) e quatro eram do Departamento de Vigilância – Seção Norte (DV-Norte).[808] O cerco estava montado.[809]

Vera e José Roberto também saíram. Contudo, ao lançarem os olhos sobre o apartamento, viram a luz acesa. Zílio ainda estava lá. Resolveram, assim, voltar para auxiliá-lo. Quando estavam voltando, passando-se por transeuntes, Zé, que ia na frente, foi interpelado por um dos policiais e agarrado. Começou o tiroteio.[810]

Na vertigem da troca de tiros, Vera teve a impressão de ver José Roberto caído após algum de seus disparos. Teve certeza de que era ele. Tudo acontecia muito rápido e não podia ajudá-lo. Além de tudo, estava sem balas. Sua bolsa havia sido atingida. Era ali que guardava as balas reserva para seu revólver calibre 38. Buscou se esconder. Apesar de isolada e sem armas, percebeu que os policiais não estavam indo atrás dela. Como soube depois, o policial que havia agarrado José Roberto havia sido atingido, provavelmente por uma das balas de

---

[808] Registro DOPS nº 123/70. *In*: BRASIL. Superior Tribunal Militar, Apelação 39.757/1973, Vol. I, fl. 23-A. Acervo digitalizado e enviado após consulta no https://www.stm.jus.br/. Há cópia no acervo Brasil: Nunca Mais. Para maiores detalhes, cf. BNM 076.

[809] BENJAMIN, 2013, p. 33.

[810] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 18/07/1998, fita n. 1, lado B, transcrição, p. 37.

Vera.[811] Com um deles ferido, os demais direcionaram a atenção para salvá-lo. Isso possibilitou que Vera, mesmo sem munição, conseguisse, perto dali, render um taxista e fugir.[812]

Vera estava desnorteada. Depois de fazer o taxista rodar pela cidade, evitando a possibilidade de ter sido seguida, saiu do táxi e pegou um ônibus. Chorava desesperadamente. O destino era o quarto alugado por Cid e Glória Ferreira na Tijuca. Chegando lá, percebeu que Cid não estava. Conforme ficou combinado, organizaram um ponto de segurança para as 11 horas, tendo em vista confirmar que todos estavam bem. Vera encontrou, apenas, Glória. Visivelmente abalada, Vera chamava a atenção da dona da casa em que Glória e Cid alugavam o quarto. Glória, para evitar suspeitas, disse que Vera havia brigado com o marido. Saíram às pressas, supostamente para resolver o imbróglio.[813]

As duas armadas rodavam pela cidade sem saber para onde ir. Ao menos momentaneamente, nenhum lugar parecia seguro. Como último recurso, ligaram para uma amiga fora do circuito da militância, Carminha, namorada de Carlos Zílio.[814]

Já na casa dela, na avenida Vieira Souto, Vera, relativamente segura, passou a chorar compulsivamente. Estava desorientada. Por ter visto Zé Roberto caído, tinha a certeza de que ele estava morto. Mais. Tinha a certeza de que uma de suas balas é que o haviam matado. Não conseguia se acalmar. Já na madrugada de terça-feira, reuniu forças para avisar, pelo telefone, a família de Zé Roberto de que ele havia sido baleado. O marido da irmã de José Roberto, médico, passou a madrugada procurando se ele havia dado entrada em algum dos hospitais do estado da Guanabara sem sucesso.[815]

Ao contrário do que imaginava Vera, José Roberto, depois de ter acertado o policial, também conseguiu fugir. Segundo depoimento dos policiais que o perseguiram, fugiu a pé até a avenida Brasil, onde pegou um táxi, sem render o motorista.[816] Dali, José Roberto foi ao quarto alugado por um outro militante, José Ruivo, localizado em um prédio na rua Taylor, 39, no bairro da Lapa. Lá chegou por volta das 20:30.

---

[811] Registro DOPS nº 123/70. *In*: BRASIL. Superior Tribunal Militar, Apelação 39.757/1973, v. 1, fl. 23-A. Acervo digitalizado e enviado após consulta no https://www.stm.jus.br/. Há cópia no acervo Brasil: Nunca Mais. Para maiores detalhes, cf. BNM 076.
[812] Ibid., transcrição p. 39.
[813] FERREIRA, Glória apud Ibid., transcrição p. 40.
[814] Ibid.
[815] Ibid; SPIEGNER, Marilene. Entrevista concedida a Higor Codarin, via telefone, 15 de janeiro de 2021.
[816] Depoimento do taxista Paulo Felipe dos Santos. *In*: BRASIL. Superior Tribunal Militar, Apelação 39.757/1973, Vol. I, fls. 42-44. Acervo digitalizado e enviado após consulta no https://www.stm.jus.br/. Há cópia no acervo Brasil: Nunca Mais. Para maiores detalhes, cf. BNM 076.

Como resultado da perseguição até a avenida Brasil, os policiais conseguiram anotar a placa do táxi, encontrando-o, horas depois, quando transportava um novo passageiro. Descobriram, assim, o paradeiro de José Roberto.[817]

Assim, alguns policiais, por volta das 22:30, deslocaram-se à Lapa. Chegando ao prédio de 14 andares, localizado no número 39, perguntaram aos porteiros se alguém, com aquelas características, teria entrado no prédio. Os funcionários do prédio nada tinham visto de diferente. A busca parecia não levar a lugar algum.

Um dos moradores do prédio, o sargento da aeronáutica Guaracy Nascimento dos Santos, morador do nono andar, ao vislumbrar que a viatura de polícia demorava a partir, resolveu descer para averiguar. Soube, assim, que estavam procurando José Roberto.

Quando voltou ao apartamento, contou a seu companheiro de casa. Este, a partir do relato de Guaracy, lembrou-se de ter subido no elevador com um rapaz de terno azulado, calça cinza e camisa sem gravata, que parecia estar ferido, "com a mão arranhada e roupa suja de areia", dizendo ter sofrido um acidente de automóvel.[818] Como batia com as informações dadas pela polícia, Guaracy resolveu avisar os órgãos de repressão.

Os policiais, já de madrugada, remobilizaram a operação de caçada a José Roberto, deslocando cinco integrantes, novamente, à rua Taylor. Não sabiam, exatamente, em qual andar ele estava. Contudo, sabiam que era posterior ao nono, andar em que Guaracy morava e que seu companheiro de casa havia descido e vira que José Roberto permaneceu subindo. Como o prédio tinha quatorze andares, vasculharam todos os apartamentos. Assim, chegaram ao de número 1.102.

A dona do apartamento resistiu à entrada dos policiais, alegando que os filhos e o novo inquilino estavam dormindo. Ressaltava que não havia acontecido nada de diferente naquela noite. Pouco depois, ouviu-se um grande barulho. José Roberto havia pulado, pela área de serviço, ao apartamento de baixo. Começava a perseguição.

Zé Roberto, trocando tiros com os policiais, pegou o elevador até o segundo andar, de onde, por uma janela basculante, conseguiu pular para a marquise do edifício. Com o barulho, policiais que estavam na parte térrea do prédio foram verificar. José Roberto, já no térreo, conseguiu se passar, por pouco tempo, por zelador do prédio. Quando buscava ganhar a rua, foi, novamente, descoberto. Correu, trocando tiros com policiais, enquanto gritava "abaixo a ditadura."[819] Acabou por chegar à rua Joaquim Silva, número 53. Ali, um casarão com vários

[817] Depoimento Jorge Tavares. Ibid., fls. 137-138.
[818] Depoimento Guaracy Nascimento dos Santos. Ibid
[819] Depoimento de Risomar Ferreira de Oliveira. Ibid., fl. 40.

moradores, refugiou-se na casa I, quarto NÚMERO, local onde seria capturado, pouco tempo depois, pelos agentes do DOPS.

Segundo registro do DOPS, em um relato fantasioso, José Roberto foi localizado embaixo da cama e em sua "sanha assassina" iniciou disparos contra os policiais que ali estavam para efetuar sua prisão.[820] Na troca de tiros, foi atingido e faleceu. Configurava-se, assim, algo largamente utilizado pelos órgãos repressivos para legitimar a morte de opositores políticos, os chamados "autos de resistência" ou "resistência seguida de morte."[821]

Todavia, no laudo do Instituto Médico Legal, consta uma distância temporal significativa entre a suposta morte de José Roberto, às cinco e meia do dia 17, e a entrada do corpo no Instituto, às doze e trinta do mesmo dia.[822] Essa distância temporal chamou a atenção dos envolvidos na Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos que, em 1996, analisava o caso da morte de José Roberto Spiegner e, ao rever o laudo do IML e relacioná-lo com as demais evidências do processo, constatou que:

> A verdade dos fatos foi obtida do próprio laudo do IML, que detalha os ferimentos no corpo. José Roberto recebeu vários tiros, sendo que dois deles contestam a versão oficial. Examinando as fotos de perícia de local, verifica-se que o corpo fora encontrado em uma sala com o piso acarpetado, onde não havia espaço para que pudesse ter sido atingido, de longe, na coxa. O outro ferimento é sintomático de execução. [...]. [Além disso]as escoriações se localizam em regiões do corpo humano que configuram tortura em pau-de-arara. Há ainda escoriações na região do punho, denotando que José Roberto foi algemado.[823]

Assim, apesar de ter escapado, incrivelmente, dos cercos na Penha e na rua Taylor, Zé Roberto não escapou da "sanha assassina" de seus algozes. Tinha, à época, 21 anos de idade. Ao contrário do relatório produzido pelo DOPS, foi preso, torturado e assassinado.

Era o primeiro militante do MR-8 que morria. Foi um golpe imensurável para Vera. Apesar de não saber os detalhes, teve confirmada, poucos dias depois, suas suspeitas de que ele estava morto. Era o fim trágico da relação que "oferecia ao amor a cama suntuosa de uma revolução."[824] Rompia-se a amálgama entre o amor e a revolução que havia começado em 1966.

---

[820] Registro DOPS nº 123/70. Ibid., fl. 8

[821] O relatório da Comissão Nacional da Verdade, entregue à Presidência da República no fim de 2014, aponta no sentido da continuidade dessas práticas, pelo aparato repressivo do Estado, mesmo após a redemocratização. Tanto é que recomenda a eliminação dos termos "auto de resistência" e "resistência seguida de morte" da legislação processual penal. Para maiores detalhes, Cf. BRASIL. COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE. *Relatório Comissão Nacional da Verdade.* Brasília: CNV, 2014. 3 v.

[822] INSTITUTO MÉDICO LEGAL, *Auto de exame cadavérico de José Roberto Spiegner*, 17/02/1970. *In*: BRASIL. Superior Tribunal Militar, Apelação 39.757/1973, v. 2, fls. 550-556. Acervo digitalizado e enviado após consulta no https://www.stm.jus.br/. Há cópia no acervo Brasil: Nunca Mais. Para maiores detalhes, cf. BNM 076.

[823] BRASIL. Secretaria Especial Dos Direitos Humanos. *Direito à verdade e à memória*: Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2007. p. 117.

[824] VANEIGEM, 1967, p. 52.

O amor dos dois, que se buscava revolucionário, rompendo com padrões normativos, era brutalmente rompido pela roda-viva da História.

Alex Polari, então dirigente da VPR, anos depois, no cárcere, escreveria um livro de poemas cujo mote era a experiência da luta armada. Em um deles, "Amar em aparelhos", descreve com sutileza a instabilidade e provisoriedade do amor na clandestinidade, tornando-se simbólico da morte trágica de José Roberto.

> Era uma coisa louca
> trepar naquele quarto
> com a cama suspensa
> por quatro latas
> com o fino lençol
> todo ele impresso
> pelo valor de teu corpo
> e a tinta do mimeógrafo.
>
> Era uma loucura
> se despedir da coberta
> ainda escuro
> fazer o café
> e a descoberta
> de te amar
> apesar dos pernilongos
> e a consciência
> de que a mentira
> tem pernas curtas.
>
> Não era fácil
> fazer o amor
> entre tantas metralhadoras
> panfletos, bombas
> apreensões fatais
> e os cinzeiros abarrotados
> eternamente com o teu Continental,
> preferência nacional.
>
> Era tão irracional
> gemer de prazer
> nas vésperas de nossos crimes
> contra a segurança nacional
> era duro rimar orgasmo
> com guerrilha
> e esperar um tiro
> na próxima esquina.
>
> Era difícil
> jurar amor eterno
> estando com a cabeça
> à prêmio
> pois a vida podia terminar
> antes do amor.[825]

[825] POLARI DE ALVERGA, Alex. *Inventário de cicatrizes.* 2. ed. Rio de Janeiro: Comitê Brasileiro pela Anistia, 1978. p. 17.

A vida terminara antes do amor. Para Vera, o refúgio era, agora, a revolução. Mais. Era o compromisso com José Roberto.

***

Poucos dias depois, Vera confirmou as suspeitas de que havia sido a vizinha Mirian que os denunciou ao DOPS. Além de manter um caso extraconjugal com um policial, Mirian era casada com um sargento da Marinha. Assim, muito provavelmente estava imersa na perspectiva difundida pelos órgãos repressivos de guerra contra a subversão. Ademais, quando Vera e os demais estavam saindo do apartamento, Vera viu Mirian fazer uma ligação de um telefone público, algo desnecessário, pois a vizinha de Vera tinha telefone em casa.

Contudo, algo escapava à lógica. Se fora Mirian quem os denunciou, o que a levou a avisá-los pouco antes dos policiais chegarem? Havia sido a informação de Mirian que possibilitou a fuga de Vera e os demais.

Henri Acselrad, ao analisar o deslocamento urbano dos militantes na clandestinidade, aponta que é possível notar um significativo "[...] encontro da militância clandestina com o cotidiano da população destas áreas da cidade, seja em relações de vizinhança, de coabitação ou através da simples circulação por suas ruas."[826] A partir desta constatação, problematiza dois argumentos correntes sobre essa relação.

Por um lado, a complacência da população com a ditadura e, por outro, a referência ao total isolamento social, que seria inerente à condição de clandestinidade dos militantes, impedindo, portanto, o desenvolvimento, mesmo que fugaz, de relações com os moradores.[827] A esses argumentos, Acselrad mobiliza o conceito de "zona cinzenta"[828] para propor uma nova problemática:

> [...] será que na chamada "zona cinzenta" situada entre o combate à ditadura e o apoio explícito a ela, não teria se configurado uma "zona urbana cinzenta"? Ou seja, que ainda sob a operação dos dispositivos repressivos destinados a imobilizar pelo medo "a sociedade governada", ter-se-ia verificado, em certas circunstâncias, em relação aos militantes, fora dos circuitos de resistência, manifestações de complacência, empatia ou cumplicidade?[829]

---

[826] ACSELRAD, Henri. *Sinais de fumaça na cidade*: uma sociologia da clandestinidade na luta contra a ditadura no Brasil. Rio de Janeiro: Lamparina: FAPERJ, 2015. p. 40

[827] ACSELRAD, 2015, p. 43.

[828] *Zona cinzenta* é um conceito do historiador Pierre Laborie que, apoiado na obra de Primo Levi, busca fugir da "cultura binária" para compreender a França e os franceses durante a ocupação nazista. Nesse sentido, intenta analisar a sociedade francesa não por intermédio do maniqueísmo resistência/colaboração, mas direciona a análise ao espaço entre os dois polos e, mais ainda, às atitudes ambivalentes, em que se pode ser um e outro ao mesmo tempo. Para maiores detalhes, cf. LABORIE, Pierre. 1940-1944. Os franceses do pensar-duplo. *In*: QUADRAT, Samantha Viz; ROLLEMBERG, Denise. (org.). *A construção social dos regimes autoritários*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. v. 1, p. 31-44.

[829] ACSELRAD, op. cit., p. 42.

Problemática que o próprio Acselrad responde: "[...] em uma observação mais aguda, podemos admitir que, apesar do enorme retraimento da esfera pública, os clandestinos, de posse de suas novas identidades, teciam alguns laços com moradores das cidades."[830]

A relação de Vera com Mirian é uma evidência disso. A atitude da vizinha, avisando Vera antes da chegada dos policiais, é sintomática de sua ambivalência. Ao mesmo tempo em que denunciou Vera, o laço criado, apesar de tênue, possibilitou a fuga. Havia algo de real na relação entre as duas. Prova disso é que, poucos dias depois, Vera entregou no bar do "Seu" Alfredo, na esquina da rua Guatemala com a rua Montevideo, uma carta para Mirian:

> Minha amiga Mirian,
> Apesar de estar sofrendo muito, reuni forças para te escrever. Quero te explicar o que houve, quem sou e porque mesmo sendo tua amiga precisava te ocultar grande parte da minha vida.
> Logo que mudamos para aí, a primeira pessoa de quem me aproximei pessoalmente foi você.
> Você e as crianças (Dita e George) passaram a representar para mim, pessoas amigas, ligadas a mim afetivamente. Mas das quais tinha que ocultar a minha verdadeira profissão: revolucionária. Não revelei isto, não por vergonha ou desconfiança dos nossos amigos aí da rua. O problema é que entre amigos há sempre inimigos. A burguesia tem seus espias em todos os lugares. Acredito que o pessoal aí da rua ficaria do nosso lado. Nossa luta é de vocês que passam dificuldades, que não pertencem ao mundo dos ricos. Nossa luta é de todos os explorados contra os exploradores.
> Por isso, num momento propício, iríamos falar a vocês em nome da revolução. É o que estou fazendo agora. Pena ser este um momento particularmente doloroso para mim.
> Perdi meu marido e meu grande companheiro. Um combatente de verdade. Marcus morreu de armas na mão, atirando nos agentes da ditadura. Sua combatividade, seu exemplo devem ser seguidos por todos nós.
> Outros companheiros empunharão sua arma e vingarão sua morte. Morreu como um verdadeiro revolucionário, salvando companheiros. Seus tiros serviram de aviso para que os outros escapassem.
> [...]
> O tiroteio atraiu os policiais permitindo que Roberto saísse da área com nossas armas mais importantes. Nossos tiros avisaram os companheiros que se salvaram. O preço foi a morte de um grande combatente: Marcus. Mas as contas serão acertadas... olho por olho, dente por dentes.
> Mirian, um dia você me disse que se eu precisasse você me faria qualquer favor. Quero que você leia esta carta para nossos amigos e vizinhos e a esconda da repressão. Não quero que a repressão convença nossos amigos de que somos "terroristas" e cínicos. Que a nossa amizade era falsa. Isto não é verdade. Todo revolucionário é amigo do povo. É este o grande medo da ditadura dos patrões: que a gente tenha apoio do povo na guerra revolucionária. Pois aí está o segredo de nossa vitória. Somos a maioria do povo oprimido contra a minoria opressora. Lutamos por um mundo melhor onde não exista fome e miséria. Mas antes de conseguirmos isto, precisamos derrubar a ditadura dos patrões. No Vietnã, por exemplo, os opressores sofrem derrotas sucessivas porque contra eles têm o povo em armas. É isto tudo que quero que você explique ao pessoal do edifício, do bar, da padaria.
> Outro favor: explique à Dita [filha de Mirian]. Me apeguei muito a ela. Gostaria que ela continuasse a me ver como sua amiga. Via os dois como os filhos que não pude ter em virtude da vida que escolhi.

[830] Ibid., p. 44.

> Mirian, espero nesta longa guerra encontrar vocês do nosso lado. Hoje já peço o mínimo de ajuda: não deem informações à repressão. Não nos identifiquem, caso mostrem os retratos. Deem informações erradas. Se pedirem nossa descrição não deem. Vocês não podem ficar contra nós. Pois a nossa luta é a de vocês. Nossas vidas são dedicadas à causa do povo.
> Quanto a mim, estou procurando reagir ao choque que levei. Na luta junto com meus companheiros encontrarei novas forças. Guerra é guerra. É sempre muito doloroso perder uma pessoa querida que, além disso, era um combatente valioso. É, acho que nossa rua está com urucubaca. Meu pesar se junta ao da Maria, D. Dulce e D. Filhinha. De lembranças a todos, às crianças: um beijo grande. Ângela.
> PS: Vou mandar o dinheiro da lavadeira. Estou devendo à padaria. Como é pouco, Mirian, você podia pagar por mim.

A carta é rica em significados. Aponta os laços, mesmo que fugazes, tecidos entre os militantes e os moradores. Para além, indica aspectos importantes da tentativa frustrada de vinculação com o povo – a mobilização da imagética do "povo" brasileiro – evidenciando que os revolucionários estavam dando suas vidas por eles.

Outro aspecto importante refere-se à maternidade. Vera deixava claro seu desejo em ser mãe, sobretudo a partir do cuidado com os filhos de Mirian. Contudo, a vida revolucionária era um impeditivo.

Por fim, demonstra, também, a dificuldade em construir laços políticos com os setores sociais que buscavam mobilizar para realizar a idealizada revolução brasileira. A súplica de Vera a Mirian, uma representante do "povo", para que ela apoiasse, como pudesse, a continuidade da luta armada. Um sintoma do apoio que não vinha. O isolamento social como realidade das organizações revolucionárias. Por fim, a dor da morte de José Roberto, que seria superada na luta, evidenciando o imperativo ofensivo.

Além da carta, Vera telefonaria duas vezes à vizinha, demonstrando a confusão de sentimentos diante da situação. Em um primeiro telefonema, disse que nada aconteceria a Mirian, mas sim aos agentes da repressão. Contudo, em um segundo, disse que Mirian não conseguiria se esconder, ameaçando-a.[831]

Para além de toda a dor da morte de José Roberto ter sido causada por ela, os dois telefonemas eram, também, evidências do turbilhão de sentimentos diante do isolamento social a que estavam submetidos. Mais. Do isolamento social a que os representantes do povo, como Mirian, os estavam submetendo. Como lidar com o povo que, ao contrário de aliados à revolução, tornavam-se forças involuntárias da contrarrevolução.

6.3 "Por que sobreviver se não por aqueles que não sobrevivem?"

[831] Depoimento de Mirian Chaves Albuquerque. *In:* BRASIL. Superior Tribunal Militar, Apelação 39.757/1973, v. 1, fl. 131. Acervo digitalizado e enviado após consulta no https://www.stm.jus.br/. Há cópia no acervo Brasil: Nunca Mais. Para maiores detalhes, cf. BNM

Como os afetos guiam, também, a política, a perda de Zé Roberto gerava consequências para a militância de Vera. Configurava-se nela algo que, gradativamente, de modo mais ou menos intenso, acometia todos os militantes da esquerda armada brasileira. O imperativo da ofensiva, inerente à luta armada, que colocava a dispor do processo revolucionário coletivo a vida individual, impondo sua permanência enquanto estratégia revolucionária, transfigurava-se em compromisso ético-moral com os companheiros mortos. Dito de outro modo, a permanência da luta armada e, com ela, a contemplação da morte, não apenas como contingência necessária do projeto revolucionário, mas, sobretudo, como solidariedade com os companheiros.

Ficava, cada vez mais evidente, o isolamento social a que as organizações estavam submetidas. Prisões, torturas e assassinatos tornavam-se cada vez mais frequentes. Vera, clandestina, escondida como tantos outros, tinha pouca margem para buscar romper o isolamento. Ao contrário. A clandestinidade rigorosa como aprofundamento do isolamento social de Vera e, no limite, das organizações que optavam pelas armas como forma de revolucionar a sociedade brasileira. "Cercadas nas cidades e, nas cidades, cercadas", como dizia um dos documentos políticos escritos à época por Carlos Vainer, era a realidade das organizações.

Neste sentido é que Vera, ao relembrar o período da morte de José Roberto, disse, anos depois: "Meu compromisso transcendeu a qualquer coisa. Era com ele, José Roberto." Mais do que leituras conjunturais tático-estratégicas que apontassem caminhos favoráveis ao sucesso da revolução brasileira, o compromisso e a manutenção das organizações – e dos militantes – na luta armada passava a funcionar como uma espécie de manutenção do laço afetivo-político entre os companheiros.

Para Vera, especialmente, não era, apenas, um companheiro "valoroso", como ela dizia na carta a Mirian. Era seu maior afeto. Era seu amor. Permaneceria na luta armada não mais apenas por este ser seu projeto de vida, mas, também, por Zé Roberto. Victor Serge, em seus manuscritos autobiográficos a respeito de sua trajetória revolucionária, ao discutir a questão da sobrevivência e morte no seio de movimentos revolucionários, apontou:

> [...] sobreviver é, dentre todas as coisas, a mais desconcertante. Por que sobreviver se não por aqueles que não sobrevivem? Essa ideia confusa justificou minha sorte e tenacidade, dando-lhes um sentido – e, por muitas outras razões, ainda hoje sinto-me ligado a muitos homens a que sobrevivi. Os mortos para mim estão muito próximos dos vivos, não distingo bem a fronteira que os separa.[832]

[832] SERGE, 1987, p. 19-20.

Vera sobreviveu. Por isso, havia, nela, alguma felicidade. Por outro lado, a morte de Zé Roberto era um fator de extrema tristeza. Assim, sobreviveria por ele. Sua opção revolucionária ganhava uma nova tonalidade, reforçada.

A morte de José Roberto era, na trajetória de Vera, o que Ridenti, inspirado em Frantz Fanon, denomina como "ponto de não-retorno."[833] Tornava-se impossível recuar. Ao projeto revolucionário, que constituía sua identidade, adicionava-se o compromisso de mantê-lo vivo, não apenas pelo sucesso da revolução, mas por José Roberto. E, neste sentido, para justificar a sobrevivência do projeto e a sua própria, precisava agir.

Daniel Aarão Reis encontrou-se com Vera diversas vezes nos dias imediatamente posteriores à morte de José Roberto. Ela estava na casa de uma professora de letras de sua irmã, Gilberta Aarão Reis. Nesses encontros, Vera estava, segundo Daniel, "completamente transtornada" pela morte dele.[834] Como não sabia, exatamente, as condições em que Zé Roberto havia morrido, defendia, nas conversas com os demais militantes, que Zé havia se suicidado. Vera faria, inclusive, uma relação entre o judaísmo de Zé Roberto e a ojeriza dele em ter seu corpo torturado. Preferira, então, a morte. Como ela relembrou, este argumento foi duramente rejeitado pelos companheiros de militância. De todo modo, sentia-se culpada pela morte do companheiro, especialmente pelos diálogos em que dizia que tinham de se manter firmes na organização.

Tamanho era o abalo emocional que Vera procurou um psiquiatra. Conseguiu-se, diante dos contatos políticos, uma consulta com um médio vinculado ao PCB, localizado no Engenho de Dentro. Diante de seu estado, o psiquiatra receitou dois medicamentos para tratamento de ansiedade e depressão, Tryptanol e Tofranil, que Vera passou a utilizar diariamente.[835]

Apesar de medicada, Vera, nos diálogos com Daniel, deixava claro sua "ânsia em participar de alguma ação."[836] Além de todo o tempo que passou nos "aparelhos", buscava dar alguma resposta ao trauma que sofrera. Por muita pressão dela, Daniel, enquanto dirigente, colocou-a para participar de uma ação no início de março.

---

[833] "Ponto de não-retorno" é o que Marcelo Ridenti denomina como momento em que, apesar das evidências, os militantes da esquerda armada não poderiam recuar de suas escolhas, principalmente pelo imperativo moral da ofensiva e o compromisso ético-moral com os companheiros e com o projeto revolucionário. Para maiores detalhes, cf. RIDENTI, 2010, p. 247.

[834] AARÃO REIS, Daniel. Entrevista concedida a Higor Codarin. Rio de Janeiro, 19 de setembro de 2019.

[835] Sobre o psiquiatra: MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 18/07/1998, fita nº 1, lado B, transcrição, p. 30; sobre os medicamentos: BRASIL. Superior Tribunal Militar, Apelação 39.757/1973, v. 1, fl. 268. Acervo digitalizado e enviado após consulta no https://www.stm.jus.br/. Há cópia no acervo Brasil: Nunca Mais. Para maiores detalhes, cf. BNM 076.

[836] AARÃO REIS, Daniel. Entrevista concedida a Higor Codarin. Rio de Janeiro, 19 de setembro de 2019.

A ação foi planejada rapidamente. Tendo em vista a concentração fabril da região, realizariam uma panfletagem no horário de saída dos trabalhadores das empresas Cisper e General Electric, ambas próximas à favela do Jacarézinho.[837]

No dia 6 de março, por volta das 17 horas, deslocaram-se à saída da Cisper dois fuscas. No azul, conduzido por Jorge Venâncio, estavam Daniel e Regina Toscano. No bege, conduzido por Paulo Cesar Farah, estavam Zílio, no banco da frente com a metralhadora, Vera e Pedro Alves no banco de trás, com revólveres.[838]

Como eram muito procurados, as ações tinham de ser rápidas. Regina Toscano e Jorge Venâncio fizeram uma rápida panfletagem e Daniel fez um "comício-relâmpago", tendo em vista denunciar a ditadura e incorporar novos apoios à luta armada. À essa altura, pouco frutificavam esses trabalhos. Havia, inclusive, funcionários das empresas que fiscalizavam a ação de militantes nas portas das fábricas, dificultando o contato com os trabalhadores.

A ação aconteceu normalmente. Vera, no interior do fusca bege, com uma peruca loira, como participante da segurança, acompanhava-a com atenção. Terminada, ambos os carros partiram pela rua Viúva de Castro. Naquela região, onde confluíam diversas fábricas, o trânsito era movimentado. Em fim de turno, ainda mais. Quando estavam aguardando o tráfego na altura do buraco do Lacerda, tendo em vista alcançar a avenida Suburbana, atual Dom Helder Câmara, perceberam estar sendo seguidos por duas radiopatrulhas da polícia.

Em verdade, estavam sendo seguidos por três carros. Além dos dois primeiros, havia uma Kombi de um sargento do exército que, à paisana, viu a panfletagem e pediu reforço aos policiais. Estes, na perseguição, solicitavam mais reforços que, gradativamente, deslocavam-se à região.[839]

Na avenida suburbana, com o carro de Vera na dianteira, os militantes rumavam sentido zona norte, em direção à Estrada Velha da Pavuna. Da Estrada Velha, entraram na avenida Itaóca, momento em que os dois fuscas se separaram. Vera e os demais seguiram pelo Largo do Pilares até pegar, novamente, a avenida Suburbana, sendo seguido por um dos carros dos policiais.[840] Além do congestionamento a frente, uma outra viatura da polícia vinha no sentido contrário e fechou as possibilidades de fuga. Estavam cercados.

---

[837] TOSCANO, Regina. Entrevista concedida a Higor Codarin, via telefone, no dia três de novembro de 2020.
[838] ALVES FILHO, Pedro. Entrevista concedida a Higor Codarin, via telefone, no dia 18 de setembro de 2020; ZÍLIO, Carlos. Entrevista concedida a Higor Codarin, via e-mail, no dia 29 de julho de 2019.
[839] BRASIL. Superior Tribunal Militar, Apelação 39.757/1973, v. 1, fls. 263-265. Acervo digitalizado e enviado após consulta no https://www.stm.jus.br/. Há cópia no acervo Brasil: Nunca Mais. Para maiores detalhes, cf. BNM 076
[840] Ibid.

Começava um tiroteio. Segundo o relatório da polícia e o depoimento de Vera anos depois, foi ela quem deu início à troca de tiros, do banco traseiro do fusca.[841] Os tiros foram respondidos pela polícia. Zílio, com a metralhadora, e Pedro, com um revólver, revidavam. O fusca era alvejado pelas balas. Trocando tiros, conseguiram sair do carro. Vera e Zílio buscaram refúgio em um matagal, enquanto Pedro seguiu para uma das ruas adjacentes. Paulo Farah, misteriosamente, manteve-se no carro e, diante da caçada aos demais, conseguiu fugir.

Por conta dos tiros, Vera e Zílio, não foram, diretamente, seguidos. Desorientados, embrenhando-se pelos caminhos do matagal, acabaram por encontrar refúgio em um barraco abandonado. Ali, Zílio avisou Vera que ela havia levado uma bala na cabeça. Vera, olhando-o, percebeu, também, que ele havia sido atingido por duas balas, uma na cabeça e outra na barriga. Em verdade, Zílio havia sido atingido em três lugares diferentes: na cabeça, no abdômen e nas costas. Na vertigem do tiroteio, não haviam percebido que tinham sido atingidos.[842]

Feridos, em fuga, deixaram o barraco e saíram em disparada pelo matagal. Zílio, sem forças, caiu. Pensou que morreria ali. Vera, levantando-o, incentivou-o a continuar. Apesar dos esforços, deram de frente com um grande muro, onde passava a linha do trem. No alto do muro, estavam dois guardas de segurança, talvez da estrada de ferro. Vera e Zílio, gritando, demandaram que não se envolvessem, pois eram revolucionários e não bandidos. Não houve reação. Buscando outra saída, acabaram em um córrego. Estavam cercados pelo terreno. Mais. Estavam cercados pelos policiais que, caminhando em direção a eles, demandavam que se rendessem.

Por um momento, Vera e Zílio ficaram paralisados. Não havia mais possibilidade de fuga. Zílio, pouco tempo depois, disse a Vera que iria se render. Vera relutava. Lembrava-o do terror da tortura. Cogitou, inclusive, que se matassem. Naquele momento, cercada, queria ter o mesmo destino de José Roberto. Parecia o fim. Zílio buscava convencê-la dizendo que o importante era sobreviver. Não a mataria. Convencida da necessidade de sua própria sobrevivência, Vera também se rendeu.

6.4 Via Sacra

Rendidos e feridos, Vera e Zílio foram levados de volta à avenida Suburbana, onde estavam os carros dos agentes policiais. Foram colocados no chão. Além dos ferimentos a bala,

---

[841] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 18/07/1998, fita nº 1, lado B, transcrição p. 25; BRASIL. Superior Tribunal Militar, Apelação 39.757/1973, v. 1, fl. 265. Acervo digitalizado e enviado após consulta no https://www.stm.jus.br/. Há cópia no acervo Brasil: Nunca Mais. Para maiores detalhes, cf. BNM 076.

[842] ZÍLIO, Carlos. Entrevista concedida a Higor Codarin, via e-mail, no dia 29 de julho de 2019.

os policiais deram coronhadas na cabeça de ambos. Diante da aglomeração de pessoas, Zílio ainda teve forças de fazer uma espécie de discurso, dizendo que eram revolucionários, ao que foi seguido por Vera.[843]

Não apenas os dois foram presos. Pedro Alves também fora detido. Além dos três, que estavam no mesmo carro, Daniel, Regina e Jorge Venâncio também foram presos. Acabaram por ser encurralados em uma pedreira próxima, onde tiveram, também, de se render. Em um único dia, seis militantes do MR-8 eram presos. Dentre eles, Vera e Daniel, considerados quadros expoentes da organização.

Como estavam bastante feridos e sangrando, Vera e Zílio foram levados ao pronto socorro do hospital Salgado Filho, localizado no Meier. Ali, a emergência não tinha estrutura para realizar os procedimentos médicos necessários. Por isso, foram levados ao hospital Souza Aguiar.[844]

Chegando ao hospital, ambos foram examinados. Zílio, diante da gravidade do quadro, foi levado, diretamente, à Unidade de Terapia Intensiva. Vera teve ali seus primeiros cuidados médicos. De início, limparam o ferimento na cabeça. Perceberam, então, que a bala havia atingido Vera de raspão. Foi feita uma sutura e, também, solicitada uma radiografia. Seu diagnóstico foi: "Traumatismo cranioencefálico por projétil de arma de fogo. Ferida perfuro-contusa na região têmpora-parietal esquerda e escoriações."[845]

Como era um trauma na cabeça, deveria ficar em observação. Depois dos primeiros socorros, Vera foi levada ao leito de número quatro, localizado na enfermaria 714 do hospital, integrante do pavilhão sete.[846] Ali, chegaria, pouco depois, um residente em medicina, conhecido de Vera dos tempos do movimento estudantil na UFRJ, Reinaldo Pimenta.

Reinaldo, vinculado ao PCB, conhecera Vera nas lutas estudantis contra a ditadura e nos embates pela liderança do movimento. Não eram próximos, mas, diante da relevância de Vera, conheciam-se. Naquela noite de sexta-feira, Reinaldo assumia o plantão do pronto-socorro. Um de seus colegas, residente do último ano, José Carvalho Noronha, estava trabalhando na unidade de terapia intensiva e disse-lhe que Carlos Zílio, também conhecido do

---

[843] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 25/07/1998, fita nº 1, lado A, transcrição p. 34.

[844] BRASIL. Superior Tribunal Militar. Apelação 39.757/1973, v. 1, fls. 266. Acervo digitalizado e enviado após consulta no https://www.stm.jus.br/. Há cópia no acervo Brasil: Nunca Mais. Para maiores detalhes, cf. BNM 076.

[845] BRASIL. Ministério da Justiça. Informações do governo brasileiro para esclarecer supostas violações de direitos humanos relatadas em comunicações transmitidas pela Comissão Interamericana de Direitos Humanos, da Organização dos Estados Americanos, 1970. v. 7, 205 p., p. 17. *In*: *Arquivo Nacional*, fundo Divisão de segurança e informações do Ministério da Justiça. Disponível em: https://www.sian.an.gov.br. Acessado em: 20 jan. 2022. Código de referência: BR RJANRIO TT.0.MCP, AVU.70

[846] Ibid., p. 63.

movimento estudantil, havia dado entrada no hospital. Reinaldo, sabendo disso, deslocou-se para vê-lo.

Apesar da grande quantidade de policiais no hospital, os médicos e residentes, pelas funções ocupadas, tinham livre acesso aos pacientes. Zílio ainda estava consciente quando Reinaldo foi vê-lo na UTI. Apesar de muito debilitado, conseguiu avisá-lo de que Vera também estava no hospital e pediu que fosse ao encontro dela.[847]

Reinaldo, quando chegou ao leito de Vera, fez a ela a mesma pergunta que havia feito a Zílio, dispondo-se a ajudar da maneira como fosse possível. Vera pediu, imediatamente, que Reinaldo fizesse circular a notícia de que haviam sido presos e que estavam ali. Não apenas eles, como também Daniel, Regina e Jorge Venâncio. A informação deveria chegar, especialmente, aos familiares.[848]

Naquela conjuntura, era fundamental que houvesse a "institucionalização" da prisão. Como aponta o relatório da Comissão Nacional da Verdade, realizada em 2014, o aprofundamento da repressão política durante a ditadura, especialmente a partir do AI-5 e da atualização da Lei de Segurança Nacional, aumentou o número de prisões ilegais e arbitrárias, que desrespeitavam e violavam direitos básicos dos indivíduos, como a necessidade de registro formal da detenção e a comunicabilidade do detido. A violações desses procedimentos era central para os órgãos repressivos.[849] A partir da não respeitabilidade dos procedimentos usuais, o aparato repressivo da ditadura conseguia criar narrativas que justificavam mortes sob tortura, valendo-se, como vimos, dos chamados autos de resistência. Não havendo registro da prisão, qualquer narrativa poderia soar verossímil.

Assim, ter a prisão admitida era, de modo geral, uma defesa contra a possibilidade da morte sob tortura. Por isso é que Vera pedia, com tanta ênfase, que os familiares fossem avisados. Vera estava, inclusive, sem o documento falso que havia recebido da organização. Seu prontuário no Souza Aguiar tinha como identificação "uma mulher."[850]

Algum tempo depois, Claudio, pai de Vera, chegou ao hospital. Como não se sabia a identidade da mulher que havia dado entrada, foi autorizado que ele fosse à enfermaria em que Vera estava para reconhecer se era, de fato, ela. Custou a fazê-lo. Vera estava sedada. Há muito que os dois não se viam. Ao menos um ano, desde a entrada definitiva de Vera na clandestinidade. Depois da morte de José Roberto, Vera havia emagrecido muito. Além disso,

---

[847] PIMENTA, Reinaldo Guimarães. Entrevista concedida a Higor Codarin, via telefone, 28 de junho de 2021.
[848] Ibid.
[849] BRASIL. Comissão Nacional da Verdade, 2014, p. 301-326. v. 1.
[850] BRASIL, Ministério da Justiça, 1970, p. 63.

pela necessidade de suturar o ferimento na cabeça, foi necessário o corte de parte do cabelo de Vera. Claudio se emocionou ao, enfim, reconhecê-la. Depois de muito, reencontrava a filha machucada, fragilizada. Pensava, inclusive, que ela poderia morrer.[851]

Apesar do distanciamento afetivo que Claudio sempre teve de Vera, transformava-se, a partir dali, em um esteio da vida da filha. Como relatou Ana Lucia, ao lembrar das ações do pai depois da prisão de Vera: "Interessante como um pai tão ausente na nossa vida, foi tão presente na vida política da filha."[852]

Claudio, como advogado de esquerda, tinha conhecimento das torturas que estavam sendo perpetradas pelos agentes repressivos. Por isso, articulava para que Vera ficasse o máximo de tempo possível no hospital. Ao contrário da vontade de Claudio, os policiais e militares queriam tirá-la do hospital o mais rápido possível. Contudo, em um ato de resistência do diretor do hospital às investidas policiais, Vera passaria a noite no Souza Aguiar. Outro fator que contribuiu para sua manutenção no hospital, foi uma crise convulsiva que a acometeu. Aparentemente, a junção entre a pancada da bala e o sedativo levaram-na a um processo convulsivo. Isso serviu de álibi ao diretor do hospital, reforçando o argumento de que Vera não estava apta a ser transferida.

A despeito de sua condição de saúde, Vera seria retirada do hospital no dia seguinte. Receando uma operação de resgate por parte do MR-8, os militares conseguiram retirá-la, praticamente à força, do hospital. O documento do Souza Aguiar é evidência disso. Assinado pelo médico Ruy Sodré, o documento interno do hospital, uma espécie de prontuário de Vera, está rasurado onde consta o nome da autoridade envolvida na sua transferência. Apesar de indicado que foram agentes da Polícia do Exército, especialmente ligados ao CODI, o nome da autoridade vinculada à prisão e transferência de Vera está riscado à caneta. Consta apenas: "Esteve a autoridade [riscado] identificada e removida em ambulância do exército."[853]

Ao contrário do prontuário, Vera foi colocada em um jipe da Polícia do Exército, sem qualquer garantia de resguardo de sua sanidade física. Em alta velocidade, o jipe deslocava-se do hospital Souza Aguiar ao Hospital Central do Exército (HCE), localizado no bairro de Benfica. No trajeto, Vera, diante da precariedade do transporte, chocou, por diversas vezes, a

[851] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 25/07/1998, fita nº 1, lado A, transcrição p. 2.
[852] MAGALHÃES BARROS, Ana Lucia. Entrevista concedida a Higor Codarin. Rio de Janeiro, 2 de abril de 2019.
[853] BRASIL, Ministério da Justiça, 1970, p. 63-64.

cabeça. Nesse ínterim, era interrogada violentamente pelos agentes repressivos. Pouco conseguia falar. Quando chegou ao HCE, desmaiou.[854]

O HCE, como parte integrante do sistema repressivo do estado da Guanabara, cumpria duas funções principais: "[...] recuperar presos políticos que haviam sido torturados em outros órgãos oficiais ou clandestinos, para que pudessem ser novamente submetidos a interrogatórios; e forjar laudos periciais de vítimas mortas por agentes do Estado."[855]

Foi levada ao quinto pavilhão do hospital, local em que ficava a 13ª enfermaria prisional, destinada aos presos políticos. Ali, nos primeiros dias, seu tratamento foi, segundo o prontuário, um antibiótico de amplo espectro para evitar infecção no ferimento da cabeça e vitaminas diárias em decorrência de sua fraqueza física. Na anamnese com os médicos, disse-lhes, segundo o mesmo prontuário: "Queixa-se de nervoso, sente-se culpada da morte do esposo. Diz que se sente com medo do que possa lhe acontecer em decorrência de suas atividades políticas. Alega sentir inapetência e dor de cabeça."[856]

Como se pode notar, Vera não estava bem. Além da morte de Zé Roberto, pairava, também, o medo da tortura. Tudo isso gerava um desarranjo mental, expresso, apesar de minimizado, no exame psíquico realizado no HCE: "Atenta, lúcida, orientada, não apresenta alterações psíquicas. Ansiedade. Desajuste situacional agudo, compatível [com a anamnese]."[857]

Apesar de seu estado, Vera teve uma boa surpresa ao encontrar duas conhecidas do movimento estudantil e que seriam companheiras pelos dias que viriam na enfermaria do HCE: Dalva Bonet e Abigail Paranhos. Vera conhecia Dalva desde uma viagem a Cabo Frio, antes de entrar na faculdade de economia. Integrante do PCBR, presa desde janeiro do corrente ano, Dalva relembrou em entrevista esse período no HCE: "Foi bom estar entre amigas. Pudemos ajudá-la. Preparamos a Vera para a tortura."[858]

. Não era usual a tortura física dos presos políticos no HCE. Contudo, quando tinham mínimas condições, os presos eram transferidos ao 1º Batalhão da Polícia do Exército (BPE), localizado na rua Barão de Mesquita, Tijuca. Ali, nos fundos do pátio do quartel, funcionava,

---

[854] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 25/07/1998, fita n. 1, lado A, transcrição p. 5.
[855] RIO DE JANEIRO (Estado). Comissão da Verdade do Rio. *Relatório Comissão da Verdade do Rio.* Rio de Janeiro: CEV-Rio, 2014. p. 323.
[856] BRASIL, op. cit., p. 17.
[857] Ibid.
[858] BONET, Dalva. Entrevista concedida a Higor Codarin, via telefone, 19 de outubro de 2020.

em um dos prédios, o DOI-CODI, "principal centro de prisão ilegal tortura, morte e desaparecimento forçado"[859] do estado da Guanabara.

Dalva e Abigail, que já haviam passado por isso, sabiam que Vera também passaria. Por isso, preparavam-na. Diziam, especialmente, para que Vera, no momento da tortura, fixasse "pensamento em uma única coisa e esquecesse todo o resto."[860] Era o que haviam lido sobre a guerra na Argélia e o que tinha funcionado nos momentos mais difíceis. Vera, anos depois, relembraria essa expectativa da tortura: "Pensava nisso o dia inteiro. Era uma expectativa que eu organizei."[861]

Apesar do HCE ter um objetivo central na relação com os presos políticos, havia nuances entre os médicos que ali exerciam suas funções. No tratamento de Vera, Dalva e Abigail contrastavam a figura de dois deles. O tenente coronel neurologista José Luiz Campinho Pereira e o major psiquiatra Tong Ramos Vianna.

Campinho, como era chamado, não permitia torturas, físicas ou psicológicas. "Médico honesto", como diria Dalva e "verdadeiro anjo da guarda", como diria Regina Toscano que chegaria ao HCE pouco depois.[862] Quando estava em seu turno, impedia qualquer tipo de violação do direito dos presos. Diante das constantes dores de cabeça relatadas por Vera, foi ele quem autorizou, a pedido dela, a realização de um eletroencefalograma que, por fim, não encontrou nenhuma anormalidade em suas funções cerebrais. Por outro lado, Tong era, como relembra Dalva, um "psiquiatra policial."[863]

Provavelmente foi Tong quem autorizou que Vera fosse interrogada no dia 12 por integrantes do DOI-CODI. Como também foi ele quem mudou a medicação de Vera no mesmo dia. Apesar da manutenção do polivitamínico, Tong adicionou dois comprimidos ao dia de "Kiatrium", um dos nomes comerciais do medicamento ansiolítico Diazepam.[864] Apesar de Vera estar, como vimos, abalada psicologicamente com a morte de José Roberto e sua prisão, muito provavelmente a inserção dessa medicação, no mesmo dia do interrogatório, não foi baseada em suas condições de saúde. Ao contrário. Tendo como efeitos adversos sonolência, tontura e dor de cabeça, a utilização de Diazepam visava facilitar o trabalho dos interrogadores.

---

[859] Ibid., p. 288
[860] BONET, Dalva. Entrevista concedida a Higor Codarin, via telefone, no dia 19 de outubro de 2020.
[861] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 25/07/1998, fita n. 1, lado A, transcrição p. 16.
[862] BONET, Dalva. Entrevista concedida a Higor Codarin, via telefone, no dia 19 de outubro de 2020; TOSCANO, Regina. Entrevista concedida a Higor Codarin, via telefone, no dia três de novembro de 2020.
[863] BONET, Dalva. Entrevista concedida a Higor Codarin, via telefone, 19 de outubro de 2020.
[864] BRASIL, Ministério da Justiça, 1970, p. 72.

Na lógica dos torturadores, havia uma razão para fragilizar as defesas psicológicas dos presos. O objetivo imediato dos interrogatórios era conseguir informações que levassem a prisões de outros militantes. Assim, os primeiros interrogatórios eram baseados nas informações sobre "aparelhos" e "pontos". Ou seja, apartamentos que conhecesse e/ou encontros que teria nos próximos dias com outros militantes. Essas informações, por óbvio, tinham um prazo de validade. Caso o militante não aparecesse no "ponto" previamente marcado, aos demais estava claro que algo havia acontecido. E isso era suficiente para que deixassem os apartamentos e fizessem circular a informação da prisão.

Desse modo, como não era usual a utilização de torturas físicas no HCE, os medicamentos buscavam auxiliar o trabalho dos torturadores que intentavam chegar a essas informações.

Sob efeito do Diazepam, Vera foi interrogada no Pavilhão General Canrobert Pereira da Costa (P.C.P.C). Além do escrivão, estavam três integrantes do Exército, que conduziram o interrogatório: João Câmara Gomes Carneiro, major Ziembinski; Armando Avólio Filho, codinome "Apolo"; e, Francisco Moacyr Fontenelle. Vera relembrou que, ao olhá-los, percebeu, de imediato, que se tratava de torturadores: "Tem um 'ar'' de violência. Só o cinto do Gomes Carneiro, cheio de balas, e a cara de ódio que tinha para mim, era suficiente. Torturador quando olha para revolucionário tem ódio. Quer te matar."[865]

Apesar do medo, Vera teve, ao longo do interrogatório, uma atitude "inteiramente agressiva". Antes de iniciarem as perguntas, o escrivão, como de praxe, confirmando algumas informações, perguntou qual era sua profissão. Ao que Vera, imediatamente, respondeu, guerrilheira, gerando raiva nos oficiais.[866]

Mais uma vez utilizando-se dos "jogos de gênero", Vera criou uma história. Mobilizando, em certa medida, o estereótipo de ingenuidade feminina, facilmente manipulável pelos homens, disse que fora cooptada para a organização por Franklin Martins. Como Franklin estava em Cuba, não havia problema em imputar-lhe responsabilidades, algo que foi feito por diversos presos.

[865] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 25/07/1998, fita n. 1, lado A, transcrição p. 17.
[866] Ibid., p. 7.

Assim, Vera construía a visão de que não era politizada, nem mesmo era um "quadro" importante da organização. Havia, apenas, participado das ações da Frente de Trabalho Armado. Confirmou as ações que participou e não disse mais nada.[867]

Como não dera informações importantes, foi torturada psicologicamente. Em posse do prontuário médico de Vera, os oficiais do Exército buscavam, alimentando seu sentimento de culpa, responsabilizá-la pela morte de José Roberto. Diziam-lhe que ela o havia matado. Apesar de negar de forma veemente, Vera ficava abalada com essa possibilidade. Sentiu, ao fim do interrogatório, a ira dos torturadores e, também, que se utilizariam de José Roberto em futuros encontros.

Sua permanência no HCE não teria mais interrogatórios. Seu "tratamento", porém, seja com relação às convulsões e/ou às crises de ansiedade, seriam baseados em uma forte combinação de medicamentos, que a deixaram praticamente sedada todo o tempo, fragilizando-a psicologicamente. Sem nenhum acompanhamento de psicólogos ou psicanalistas, Vera, a partir do dia 19, foi submetida a três medicamentos que tinham propriedades sedativas. Além do Diazepam, incluiu-se o Gardenal (Fenobarbital), aparentemente para convulsões, como também o Mandrix (Metaqualona), cuja função principal é sedativa e hipnótica.[868] "Eu vivia embriagada, sedada. Uma angústia, uma coisa horrorosa."[869]

Ficaria sob efeito desse tratamento até a quarta-feira, dia 25 de março, quando Tong, em seu prontuário, escreveu: "Apta do ponto de vista psiquiátrico. Pode ter alta amanhã."[870] No dia seguinte, quinta-feira da paixão, Vera foi levada ao 1º BPE, na rua Barão de Mesquita.

Os documentos oficiais do Exército demonstram a farsa na tentativa de legitimar a transferência de Vera. Apesar do prontuário dela, outros documentos tentam apontar que sua transferência foi feita, apenas, no dia 28 de março, sob a esdrúxula justificativa de "falta de leitos":

> Recebeu alta do HCE em 28 Mar 70. Em virtude de seu estado não apresentar cuidados especiais, foi removida para a Enfermaria do 1º BPE, uma vez que o HCE ressente-se (sic) de falta de leitos e a enfermaria do 1º BPE estava em condições de prosseguir com seu tratamento.[871]

---

[867] BRASIL. Superior Tribunal Militar. Apelação 39.757/1973, vol 1, fls. 199-200. Acervo digitalizado e enviado após consulta no https://www.stm.jus.br/. Há cópia no acervo Brasil: Nunca Mais. Para maiores detalhes, cf. BNM 076.
[868] BRASIL, Ministério da Justiça, p. 72-73.
[869] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 25/07/1998, fita n. 1, lado A, transcrição p. 10.
[870] BRASIL, op. cit., p. 96.
[871] Ibid., p. 17.

Como veremos, Vera não foi transferida para continuar o tratamento. Aliás, como havia recebido alta, segundo o prontuário, não era necessário nenhum tipo de tratamento suplementar. Forjavam-se documentos para legitimar a via sacra que Vera passaria no final de semana da Páscoa.

***

Passados 20 dias de sua prisão, poucas eram as informações que os torturadores poderiam retirar de Vera. Muito provavelmente a notícia de sua prisão já havia circulado nos diversos setores do MR-8. Isso, como vimos, fazia com que grande parte das informações que Vera poderia "abrir" tivessem expirado.

Contudo, a tortura como política de Estado, no contexto de guerra contra a subversão, não tinha, apenas, a finalidade de buscar informações. Era, também, uma forma de impor castigo, intimidando, aterrorizando a vítima e, consequentemente, a sociedade. Como aponta o Relatório da Comissão Nacional da Verdade:

> O agente administra a violência porque seus objetivos só poderão ser alcançados contra a vontade da pessoa torturada, o que faz com que a vítima seja levada a um estado de completa aniquilação e impotência, de absoluta submissão, na qual não tenha saída senão abandonar a própria vontade. A ambição do torturador é quebrar o amor-próprio da pessoa torturada. É atingindo esse fim que a tortura se torna eficaz. [...] a tortura pressupõe a desconsideração do outro enquanto ser humano.[872]

Assim, para além de informações sobre a organização política e seus militantes, a tortura tinha, portanto, a finalidade "de destruir as crenças e convicções da vítima para privá-la da constelação identificatória que a constitui como sujeito."[873]

Essa função principal da tortura, como aniquiladora do indivíduo, aplicou-se, de modo geral, a todos os opositores da ditadura. Contudo, clivagens de gênero jogavam seu papel nos centros de tortura da ditadura brasileira. Mais. A "estruturação baseada na hierarquia de gênero e sexualidade transparece na violência estatal do período explicitando, por exemplo, o caráter tradicionalmente sexista e homofóbico da formação policial e militar, que constrói o feminino como algo inferior e associa violência à masculinidade viril."[874]

Neste sentido, portanto, os espaços de tortura, referendados pela estrutura de poder vigente, funcionavam como uma espécie de "território livre" para perpetração das mais diversas e sádicas violências sexuais e de gênero.

Concentravam-se na tortura das mulheres aspectos diversos da aniquilação do indivíduo. Como "privação da constelação identitária", não se buscava, apenas, a destruição

---

[872] BRASIL. Comissão Nacional da Verdade, 2014, v. 1, p. 329.
[873] VIÑAR, Marcelo; VIÑAR, Maren. *Exílio e tortura.* São Paulo: Escuta, 1992. p. 60
[874] BRASIL. Comissão Nacional da Verdade, 2014. v. 1, p. 404.

das convicções políticas. Buscava-se, especialmente, aniquilá-las enquanto seres políticos, ocupantes do espaço público, contribuintes ativas do ritmo e direção das mudanças sociais. Para isso, alguns tipos de violência, apesar de serem também utilizadas em homens, foram, predominantemente, utilizadas contra mulheres. Em específico, as violências sexuais.[875] Atingindo um dos pontos basilares da constituição identitária dos indivíduos, a violência sexual era, talvez, o culminar da prática da tortura.

A tortura realizada em mulheres era, portanto, ao mesmo tempo uma manifestação de ódio e uma tentativa de imputar castigo à "dupla transgressão" realizada por elas, seja pela opção de militância política em organizações consideradas "ilegais" ou por desafinarem e desafiarem os códigos de gênero de sua época. Dito de outro modo, a tortura realizada sobre mulheres adquiria maior amplitude. Era, também, uma resposta masculina à transgressão da norma política e de gênero cristalizada na sociedade brasileira. A experiência de Vera na tortura é exemplo desse contexto.

Para compreendermos a crueldade com a qual Vera foi torturada, deve-se ter em mente, para além do dito acima, a construção imagética de Vera realizada pelos órgãos repressivos. A exemplo das construções realizadas pelos jornais a respeito das mulheres que participavam da luta armada, como manipuladoras, frias e calculistas, os agentes repressivos também elegiam suas próprias formas de se referir a elas. Especificamente sobre Vera, desde a descoberta de sua participação na captura do embaixador norte-americano, consolidava-se a visão de que ela era "um dos maiores nomes dentro da Dissidência da Guanabara no grupo armado."[876]

Diante dos conflitos com a polícia em que, de acordo com a visão dos órgãos repressivos, começara atirando, construía-se a perspectiva de que Vera era de "grande periculosidade, pois andando armada, não vacila em atirar."[877] "Considerada fanática pela subversão", Vera era "capaz de atos extremos."[878] O perigo representado por Vera era acoplado à mística, já criada pelos jornais, de que ela era a "loira dos assaltos". Para além, evidenciando o espanto com a presença feminina nas organizações de esquerda armada, Vera era descrita como "elemento de maior projeção" no inexistente "setor feminino" do MR-8.[879]

---

[875] Como aponta a definição da Organização Mundial da Saúde, violência sexual refere-se a "[...] quaisquer atos sexuais ou tentativas de realizar um ato sexual, comentários ou investidas sexuais não consentidas, atos para comercializar ou de outra forma controlar a sexualidade de uma pessoa através do uso da coerção, realizados por qualquer pessoa, independentemente de sua relação com a vítima, em qualquer ambiente, incluindo, sem estar limitados, a residência e o trabalho." OMS apud BRASIL. Comissão Nacional da Verdade, 2014. v. 1, p. 418.
[876] BNM 296, p. 224.
[877] BNM 296, p. 243.
[878] BRASIL. Superior Tribunal Militar. Apelação 39.770/1973, Vol. 1, fl. 321. Acervo digitalizado e enviado após consulta no https://www.stm.jus.br/. Há cópia no acervo Brasil: Nunca Mais. Para maiores detalhes, cf. BNM 112.
[879] BNM 295, p. 1125.

Assim, de início, o anseio de aniquilação dos torturadores com relação à Vera correspondia a essa visão criada sobre ela, jogando um papel especial o fato de ela ter atirado, em duas ocasiões, contra policiais, além das diversas ações armadas que havia participado. Além disso, o enfrentamento de Vera no interrogatório do HCE, identificando-se como guerrilheira, elevou a ânsia dos torturadores. Como Vera relembrou: "Os caras nunca mais esqueceram essa minha frase."[880]

Vera chegou, provavelmente, ao prédio do Pelotão de Investigações Criminais (PIC), que serviu de base de operações ao DOI-CODI, na noite do dia 26 de março. Foi levada, diretamente, à sala de tortura, no térreo do prédio de dois andares. Magra, com o cabelo cortado e com o vestido sujo de sangue, ainda de quando havia sido presa, Vera foi ridicularizada pelos torturadores. Ironizavam-na, perguntando se ela era, efetivamente, a loira dos assaltos. Em seguida, o major Ziembinski, evidenciando o *modus operandi* da tortura contra mulheres, chamou-a de puta. Infligir a pecha de prostituta às militantes era tática usual para afirmar que as mulheres haviam deixado os espaços sociais aos quais pertenciam. Haviam deixado a esfera do lar; a posição social de filha, esposa e/ou mãe. Vera, incorporando o ato pejorativo do xingamento, respondeu: puta é a sua mãe. Como relembrou, anos depois: "Eu desfechei um processo bem violento."[881]

Como Vera incorporava, neste início, características consideradas masculinas, como resistência e virilidade, não se enquadrando nos papeis e estereótipos de gênero esperados pelos torturadores[882], criou-se uma estratégia para torturá-la. Seria torturada como homem. Mais. Como a sessão de tortura avançava pela madrugada de sexta-feira, seria torturada como o fora Jesus Cristo na Sexta-Feira Santa.[883]

Na sala de tortura, cujas paredes eram pintadas de roxo, revezavam-se sete torturadores, todos homens: Marco Antônio Povoreli, Andrade Oliveira, Ailton Guimarães Jorge (Capitão Guimarães), João Câmara Gomes Carneiro (major Ziembinski), Ailton Joaquim, apontado

[880] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 25/07/1998, fita n. 1, lado A, transcrição p. 7.
[881] Ibid.
[882] Como aponta o relatório da Comissão Nacional da Verdade: "Submissão, fraqueza, dependência, emoção, castidade, pudor, honra feminina, manutenção de valores e tradições familiares são alguns exemplos desses estereótipos associados à mulher "de família", seguidora de padrões socioculturais. Por outro lado, associam-se ao homem concepções como agressividade, força/potência sexual, capacidade de prover, racionalidade, honra masculina etc." Cf. BRASIL. Comissão Nacional da Verdade, 2014. v. 1, p. 401.
[883] BRASIL. Comissão Nacional da Verdade, 2014. p. 8

como um dos mais violentos torturadores do DOI-CODI, Armando Avólio Filho e Francisco Moacyr Fontenelle.[884]

O coordenador da tortura de Vera era Gomes Carneiro. Sob suas ordens é que Vera foi, nua, amarrada no pau-de-arara. Completamente indefesa, ficaria amarrada por horas, segundo suas próprias estimativas. A essa técnica de tortura, incorporavam-se duas outras: o "afogamento" e os choques elétricos. Enquanto estava suspensa no pau-de-arara, foram introduzidos, nas narinas e na boca , um tubo de borracha que lançava água, impedindo-a de respirar. Concomitante a isso, levava choques elétricos em diversas partes do corpo, incluindo as genitais. As descargas elétricas eram potencializadas pela água que percorria seu corpo.

Além dessas torturas, Vera foi espancada com socos e cassetetes, inclusive nas genitálias. Anos depois, relembrando as torturas que sofreu, descreveu sua tortura como "uma coisa assim meio de vingança, de ódio, muito ódio. Eles tinham uma coisa de me esmurrar, de me quebrar a cara. Saí toda de hematomas."[885]

Em meio às violências físicas, psicológicas e sexuais, Vera era interrogada. Não acrescentava nada ao que havia dito no interrogatório anterior. Como não havia informações a conquistar, Gomes Carneiro, em uma tentativa de submetê-la, disse: enquanto você me chamar de você, continuará sendo torturada. Vera, insubmissa, mantinha-se irredutível. Horas se passavam. Os torturadores passaram, então, a alimentar a culpa de Vera com relação à morte de José Roberto. Entre as violências várias, era responsabilizada pela morte dele. Machucada e debilitada, perdia as defesas psicológicas contra as mentiras. Ao contrário do interrogatório no HCE, quando negava essa possibilidade de forma peremptória, não tinha mais forças em meio às violências.

Tamanha eram sua fragilidade e vulnerabilidade que Ziembisnki, percebendo o estado de Vera, perguntou: Agora você vai me chamar de senhor? Completamente desorientada, Vera, naquele momento, confundiu-o com seu pai, respondendo-lhe: Vou, Claudio.[886]

Durante toda a sessão, os torturadores foram acompanhados do "doutor Carneiro", codinome do médico Amílcar Lobo. Era ele quem dava sinal verde à continuação das torturas

---

[884] Os torturadores aqui listados dizem respeito a três fontes diferentes. Para maiores detalhes, cf. AMNESTY INTERNACIONAL. *Report on allegations of torture in Brazil*. Inglaterra: Russell Press, 1972. p. 27-29; MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 25/07/1998, fita n. 1, lado, transcrição, pp. 14-15; RIO DE JANEIRO (Estado). Comissão da Verdade do Rio, 2014.

[885] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 25/07/1998, fita n. 1, lado A, transcrição, p. 8.

[886] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 25/07/1998, fita n. 1, lado A, transcrição, p. 15-16.

e, também, realizava tratamentos paliativos para que elas continuassem. A violência foi Tamanha que ele recomendou aos demais torturadores que a tortura fosse interrompida.

Tirada da sala da tortura, Vera foi levada à cela feminina, no segundo andar, onde ficavam as presas políticas. Segundo Ângela Xavier de Brito, presa desde dezembro último, a cela tinha cerca de 40 mulheres. Vendo o estado físico de Vera, as presas colocaram-na deitada. Algum tempo depois, os torturadores voltaram para submeter Vera a uma nova sessão de tortura. Em um ato de solidariedade, as demais presas impediram. "Nós nos opusemos", relembrou Ângela. Em uma reação espontânea, "[...]fizemos uma barragem e dissemos: ela não tem condições de descer. Ela estava arrebentada. Magérrima."[887]

Diante da resistência das demais presas em consequência do estado de saúde de Vera, Lobo, alguns dias depois, foi examiná-la. A despeito da vontade dos torturadores, inclusive de Lobo, Vera teve de ser levada à enfermaria.

Nesse período, incomunicável, a família de Vera continuava buscando informações sobre ela. Como o processo judicial relacionado à captura do embaixador norte-americano transitava na Justiça Militar, Vera foi citada para comparecer a uma audiência que seria realizada no dia 7 de abril. Claudio, no dia 25 de março, utilizando-se das normas processuais, protocolou um ofício ao juiz auditor demonstrando que estava ciente da prisão de Vera e de sua estada no HCE. Pedia, como manda o rito judicial, que Vera fosse citada no processo "na forma da lei", ou seja, pessoalmente, aproveitando para "mandar apurar o estado de saúde" de Vera.[888]

Apesar de não surtir efeito quanto a novas informações sobre o estado de saúde de Vera, o pedido de Claudio era mais um esforço para conseguir provas de que Vera estava presa. Além disso, acabaria se tornando, também, evidência das violências que ela sofria nas dependências de órgãos do Estado. No mandado de citação de Vera, consta: "[...] fui à presença da acusada dona Vera Sílvia Araújo Magalhães, que tomou conhecimento de todo teor do respectivo mandado, [...], *deixando de pôr sua assinatura, alegando estar sem o movimento dos dedos.*"[889]

Para além do movimento dos dedos, Vera perdeu, também, o movimento das pernas. Diante dos choques elétricos e do pau-de-arara, não mexia os membros inferiores. Estava paraplégica. Na explicação de Vera, a impossibilidade de movimentar os membros inferiores foi fruto, também, de uma estratégia de autodefesa para não mais ser torturada, como ela mesma relembrou:

---

[887] XAVIER DE BRITO, Ângela. Entrevista concedida a Higor Codarin. Paris, 13 de novembro de 2019.
[888] BRASIL. Superior Tribunal Militar, Apelação 38.321/1970, v. 6, fl. 1271. Acervo digitalizado e enviado após consulta no https://www.stm.jus.br/. Há cópia no acervo Brasil: Nunca Mais. Para maiores detalhes, cf. BNM 645.
[889] BRASIL. Superior Tribunal Militar, Apelação 38.321/1970, v. 6, fl. 1282.

> A paralisia foi uma autodefesa. Você fica muito tempo no pau-de-arara, toda amarrada, levando muita eletricidade. Se você sai do pau-de-arara e não anda, você não anda mais. A não ser se fizer tratamento, é a mesma coisa que botar um gesso durante muito tempo. E eu sabia disso. Fiquei paralítica com a intenção de ficar, para me defender, porque eles não torturavam paralíticos.[890]

É pouco provável que Vera tivesse total controle corporal ao ponto de, racionalmente, limitar e atrofiar a movimentação dos membros. Embora possa ter jogado um papel a perspectiva de autodefesa, outros fatores também devem ser considerados. Primeiro, como Vera mesma relembrou, as torturas físicas. As descargas elétricas e o pau-de-arara contribuíram para a deterioração do movimento de seus membros. Outro fator que pode ter contribuído foram os medicamentos prescritos para Vera. Diazepam e metaqualona, além dos ansiolíticos, têm como efeitos colaterais esperados o relaxamento muscular. Assim, conjugado aos outros fatores, pode ter contribuído à paraplegia..

Para além disso, devem ser mobilizados, também, fatores psicológicos, relacionando-os, possivelmente, a processos de somatização.

Anteriormente abrigadas sob o conceito de histeria, agora em desuso, as somatizações são sintomas físicos associados a causas psicológicas. Segundo Ávila e Terra, a descrição clássica de histeria compreende três grupos de sintomas: "manifestações agudas, sintomas funcionais duradouros e os sintomas viscerais". As manifestações agudas compreendem "amnésias histéricas, crises de agitação psicomotora e desmaios." Já os sintomas funcionais "incluiriam paralisias funcionais, contraturas e espasmos musculares". Por fim, dentre os sintomas viscerais estariam dores variadas, incluindo cefaleia constante.[891]

Não se quer, obviamente, fazer uso do conceito de histeria para, uma vez mais, vinculá-lo, exclusivamente, ao comportamento de mulheres, como o fora utilizado no passado. Contudo, compreendendo histeria como um conceito psicanalítico que diz respeito a "sintomas físicos associados a causas psicológicas"[892], talvez seja possível utilizá-lo para compreensão da paraplegia de Vera.

Algumas evidências da própria vida de Vera indicam nessa direção. Não era a primeira vez que Vera perdia o movimento das pernas. Além do evento, já citados, em que Vera, diante do surto de poliomielite, passou a mancar para preocupar a mãe, houve um outro incidente,

---

[890] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 25/07/1998, fita n. 1, lado B, transcrição p. 27.

[891] ÁVILA, Lazslo Antônio e Terra, João Ricardo. Histeria e somatização: o que mudou? *Jornal Brasileiro de Psiquiatria* [online], v. 59, n. 4, p. 333-340, p. 334, 2010. ISSN 1982-0208. DOI: https://doi.org/10.1590/S0047-20852010000400011.

[892] FREUD apud Idem, p. 336.

quando Vera estava em vias de ingressar na Dissidência. Segundo Maria Luisa de Carvalho, amiga de infância, Vera, nesse período, diante da dificuldade da decisão, ficou doente. Quando foi visitá-la no apartamento do Leme, Vera estava acamada, sem o movimento das pernas.[893]

Neste sentido, diante desses outros exemplos, pode-se supor que Vera já havia passado por processos de somatização. E os traumas psicológicas pelos quais Vera passava no início do ano de 1970 eram significativos.

Além da tortura física, Vera foi torturada psicologicamente. A morte de José Roberto, pouco tempo antes, já havia sido um trauma. Além deste trauma ter sido alimentado, na tortura, com o sentimento de culpa, adicionava-se a ele o trauma da própria prisão, das humilhações que sofria e, por último, mas não menos importante, a constatação de um distanciamento, cada vez maior, do projeto revolucionário. Ter sido presa significava, ao menos momentaneamente, um grande obstáculo à participação na revolução. Era o culminar de um processo progressivo de isolamento social. De impossibilidade de contato com as "massas revolucionárias."

Neste sentido, portanto, é possível compreender a paraplegia de Vera como uma confluência de diversos fatores, não sendo possível determinar a preponderância de qualquer um deles sobre os demais.

De todo modo, o estado de Vera era crítico, psicológica e fisicamente. Quando estava na enfermaria, teve dificuldade em reconhecer-se no espelho, tamanho eram os hematomas. O tratamento, prescrito por Lobo, era risível. Diante da paralisia dos membros inferiores de Vera, receitou, segundo ele mesmo relembrou em seu livro de memórias, "aspirina e vitamina B12."[894]

A debilidade de Vera impediu que ela fosse levada à audiência do processo no dia 07 de abril. Na ata da 18ª sessão relacionada ao processo consta: "Não compareceu ainda a acusada Vera Sílvia Araújo Magalhães por se encontrar enferma e baixada à enfermaria do 1º Batalhão da Polícia do Exército."[895]

Diante da ausência de Vera, os advogados que haviam sido designados por Claudio para acompanhar o caso dela, George Tavares e Antônio Evaristo de Moraes Filho, ambos com ampla experiência na defesa de presos políticos, pressionavam para que se rompesse a incomunicabilidade dela. Primeiro, pedindo que houvesse deslocamento do Conselho

---

[893] LUIZA DE CARVALHO, Maria. Entrevista concedida a Higor Codarin, via aplicativo de mensagens, 14 e 22 de abril de 2021.
[894] LOBO, Amílcar. *A hora do lobo, a hora do carneiro.* Petrópolis: Editora Vozes, 1981. p. 24.
[895] BRASIL. Superior Tribunal Militar, Apelação 38.321/1970, Vol.6, fl. 1326. Acervo digitalizado e enviado após consulta no https://www.stm.jus.br/. Há cópia no acervo Brasil: Nunca Mais. Para maiores detalhes, cf. BNM 645.

Permanente de Justiça à enfermaria do BPE para que Vera fosse ouvida. Com o indeferimento, tentaram, ainda, que fosse garantido o direito a assistência jurídica e visitas familiares a Vera.[896]

Apesar do deferimento do último pedido, a ata da 19ª sessão do processo é prova da arbitrariedade do Estado. Autorizados pelo Conselho Permanente de Justiça a prestar assistência jurídica a Vera, os advogados não puderam ingressar no 1º BPE em razão do Oficial de Justiça supostamente não ter repassado a decisão ao responsável pelo 1º BPE. Assim, Vera continuava incomunicável, sem contato com familiares nem advogados.[897]

Embora incomunicável, a pressão dos advogados surtiu efeito. No dia 13 de abril, o Conselho Permanente de Justiça, o auditor e o procurador deslocaram-se ao 1º BPE para tomar o depoimento de Vera ao processo. Estiveram presentes, também, os advogados de Vera e Claudio que, na condição de advogado, pôde participar da sessão. Para além deles, supostamente para "eventualidade de assistência médica", estava presente o médico Lobo.[898] Em verdade, sua presença era uma tentativa de coação. Em geral, os depoimentos dados aos processos judiciais eram momentos em que os presos políticos conseguiam denunciar as violências que sofriam. O cumprimento, ao menos aparente, dos ritos judiciais abria essa possibilidade. Para Vera, no entanto, não era necessário fazer qualquer denúncia. Seu corpo falava por si. Os hematomas e a paraplegia eram provas irrefutáveis. Vera deu depoimento deitada em uma maca. Sua assinatura, ao final do depoimento, demonstrava sua debilidade física. Parecia uma pessoa que havia recém aprendido a escrever.[899] Como ela relembrou, tempos depois: "Era uma cena muito surrealista."[900]

Diante do absurdo da cena, George Tavares demandou a transferência de Vera para o HCE, onde deveria ser submetida "a uma junta médica para que se verifique realmente a gravidade de seu estado de saúde."[901] Tamanha era a farsa judicial que o procurador do processo, dizendo-se favorável a remoção de Vera para um hospital, acrescentou, "contudo, não ser este o momento de decidir sobre sua transferência para um hospital militar, visto que devem antes ser estabelecidos contatos com a autoridade militar sobre a viabilidade dessa

[896] Ibid., fls. 1327-1328.
[897] Ibid.
[898] Ibid., fl. 1355
[899] Ibid., fl. 1356.
[900] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 25/07/1998, fita n. 1, lado A, transcrição, p. 12.
[901] BRASIL. Superior Tribunal Militar, Apelação 38.321/1970, v.6, fl. 1358. Acervo digitalizado e enviado após consulta no https://www.stm.jus.br/. Há cópia no acervo Brasil: Nunca Mais. Para maiores detalhes, cf. BNM 645.

transferência."[902] O Conselho, de modo unânime, disse que o requerimento dos advogados de Vera seria examinado em "outra sessão."

Na sessão seguinte do processo, a 21ª, o procurador continuava tentando postergar a decisão do conselho sobre a transferência de Vera. Suas ponderações eram constantemente deferidas, por unanimidade, pelo Conselho Permanente de Justiça. Diante da decisão, os advogados de Vera fizeram constar na ata:

> [...] o Dr. Evaristo de Morais Filho que, informou que a sua constituinte Vera Sílvia encontra-se com os membros inferiores paralisados; que a enfermaria da Polícia do Exército não oferece condição de tratamento; que dos autos só consta o ofício de alta, que, daquela data para cá sua saúde se agravou; pedia que o Conselho apreciasse com urgência o requerido pelo seu colega, uma vez que não se trata de matéria jurídica e sim humana.[903]

O pedido de urgência do advogado de Vera ganhou o vazio. Não apenas foi acordado que o pedido seria "decidido em outra oportunidade", como também era deferido, a despeito das tentativas dos advogados de Vera, o pedido do procurador para que constasse na ata "um voto de congratulação pela passagem de mais um aniversário da Batalha de Montese."[904] Não bastassem os indeferimentos, a lembrança de um fato alheio – que, inclusive, exaltava os militares –, sobrepondo-se à urgência das demandas dos advogados de Vera era, indiscutivelmente, um ato de cruel ironia.

Além da pressão dos advogados, a família de Vera passou a pressionar de outras maneiras. Virgínia e Ana Lúcia, após os relatos de Claudio sobre o estado de Vera, foram pressionar os militares da forma que podiam. Virgínia entrou em contato com o General João Bina Machado, seu padrinho de batismo, para interceder caso pudesse. Além disso, em uma das vezes, sob efeito de álcool, Virgínia foi à entrada do 1º BPE e, segundo Ana Lúcia, "fez um escândalo."[905]

Nesse ínterim, a saúde de Vera se deteriorava. Além de estar sem o movimento das pernas, teve uma hemorragia renal, fruto de uma pielonefrite. Se fosse mantida na enfermaria do 1º BPE, morreria. Somente assim, no dia 17 de abril, é que Vera foi reconduzida, novamente, ao HCE. Segundo o documento que comunicava sua transferência, estava recebendo "tratamento médico adequado", mas, diante de uma lesão no joelho, necessitaria de "tratamento fisioterápico adequado."[906]

---

[902] Ibid., fl. 1357.
[903] Ibid., fl. 1361.
[904] Ibid., fl. 1362.
[905] MAGALHÃES BARROS, Ana Lucia. Entrevista concedida a Higor Codarin. Rio de Janeiro, 2 de abril de 2019.
[906] BRASIL. Superior Tribunal Militar, Apelação 38.321/1970, Vol.6, fl. 1408. Acervo digitalizado e enviado após consulta no https://www.stm.jus.br/. Há cópia no acervo Brasil: Nunca Mais. Para maiores detalhes, cf. BNM 645.

Em seu prontuário no HCE, Tong e Campinho escreveram dois diagnósticos sobre a saúde de Vera. Ao descrever seu estado, imediatamente após sua segunda entrada no hospital, Tong, além de parecer impaciente, é sucinto ao demonstrar que não houve mudanças significativas antes e depois da passagem pelo DOI-CODI, além de se utilizar de um eufemismo para descrever a paraplegia de Vera:

> Observação Clínica: HDA – Queixa-se a paciente de sentir-se muito nervosa, não consegue dormir, com dores pelo corpo e dificuldade na marcha. Afirma a paciente se encontrar com febre constantemente. Paciente já conhecida deste HCE onde já esteve há pouco tempo internada. Retorna com as mesmas queixas anteriores. Dr. Tong.[907]

Cerca de um mês depois, consta o diagnóstico de Campinho, oferecendo um quadro detalhado, acentuadamente distinto do de Tong e mais próximo da realidade:

> Em18/mai/70. Paciente acentuadamente desnutrida, subfebril. O exame neurológico acusa sensível diminuição da força muscular nos membros inferiores, registrando-se relevante hipertonia muscular e hiporreflexia tendinosa. Há acentuada hipotrofia muscular nos membros inferiores, mais acentuada ao nível do quadríceps. Diag. Paraplegia psicogênica.[908]

Na estada no HCE, é possível seguir a trilha da saúde de Vera por intermédio dos medicamentos receitados.

Nos primeiros cinco dias de volta ao HCE, Vera ficou, novamente, sob efeito de sedativos. Além de ingerir, três vezes ao dia, antibióticos de amplo espectro, tomava "Usempax", medicamento ansiolítico e tranquilizante, duas vezes por dia e, à noite, antes de dormir, mais um comprimido de metaqualona (Mandrix).[909] "Minha catatonia não tinha limites, não sabia o que fazer da vida, ficava deitada o dia inteiro"[910], relembrou Vera.

Apesar do antibiótico, a infecção urinária não era resolvida. Assim, a partir do dia 23, mantinham-se o ansiolítico e o sedativo, mas alterava-se o antibiótico. Escolhia-se um específico ao trato urinário, que duraria até o dia 26.

Mesmo diante dos medicamentos vários, a situação de Vera parece não se alterar nesses primeiros 10 dias de internação no HCE. Evidência disso é a mudança completa nas medicações a partir do dia 26. Prescreveram-se dois antibióticos distintos, um para o trato urinário e outro para cistite, o que indica que a infecção se proliferou, também, pela bexiga. Alterava-se o ansiolítico. A partir dali, Vera passaria a tomar "Psicosadin" (Clordiazepóxido), cuja função era, também, de relaxante muscular.

---

[907] BRASIL. Ministério da Justiça, 1970, p. 18.
[908] Ibid., p. 96-97.
[909] BRASIL. Ministério da Justiça, 1970, p. 76.
[910] MAGALHÃES, Vera Silvia. *Provisórias Memórias.,* s.d, p. 44.

Como estava subnutrida, também foram receitados diversos polivitamínicos, além de cobamamida, um medicamento cuja função era estimular o apetite. Além de Vera estar debilidade psicologicamente, o que deve ter alterado seu apetite, ela relembra que a comida do HCE era horrível o que, evidentemente, contribuía para sua dificuldade em comer. Além desses todos, Vera passou a tomar um medicamento vagotônico, cujo objetivo era tonificar os músculos, tendo em vista melhorar a mobilidade de suas pernas.

Por fim, um novo medicamento inserido nas prescrições para Vera indicava uma mudança sensível em seu quadro psicológico. A partir do meio do mês de maio, mesmo com a manutenção dos ansiolíticos, Vera passou a tomar "Ampliotil". Nome comercial do princípio ativo Clorpromazina, é utilizado para quadros psiquiátricos agudos, especialmente para controlar crises psicóticas.

Não é possível precisar em que medida os diagnósticos psicológicos de Vera correspondiam às prescrições medicamentosas. Especialmente pelo fato de que o médico psiquiatra, Tong, era conivente às torturas. Além disso, segundo os arquivos, Vera não foi, em nenhum momento, submetida a avaliação e acompanhamento psiquiátricos e/ou psicológicos. Contudo, para além das violências física e sexual que sofreu na tortura, seu estado psicológico foi fundamentalmente alterado pelo sentimento de responsabilidade em relação à morte de José Roberto fato que, talvez, justifique a combinação entre ansiolíticos e antipsicóticos nesse período.

Em determinado momento dessa segunda estada no HCE, Vera foi transferida ao segundo andar do pavilhão General Canrobert Pereira da Costa. Existiam ali celas destinadas aos pacientes do hospital com transtornos mentais.[911] Vera compartilharia uma delas com Regina Toscano. Na cela contígua, ficariam Dalva Bonet e Abigail Paranhos. Apesar de sofrerem violências sexuais, sendo todo tempo vigiadas por guardas homens, inclusive no momento de tomar banho, tiveram, nessa estadia, alguma demonstração de solidariedade das freiras que realizavam assistência religiosa aos presos. Como relembrou Regina, "o que elas podiam fazer pela gente, elas faziam."[912] Mesmo limitadas, exerciam a solidariedade levando "pão e goiabada", algo que não era permitido aos presos. Buscavam, obviamente, a conversão das presas, algo que desagradava Vera. Eram, entretanto, ilhas de solidariedade em meio ao mar de indiferença.

Todas elas estavam bastante debilitadas. Dalva havia, como Vera, perdido o movimento das pernas. Regina, que estava grávida quando foi presa, havia sofrido um aborto em meio às

[911] MAGALHÃES, Vera Silvia. *Provisórias Memórias.,* s.d, p. 201.
[912] TOSCANO, Regina. Entrevista concedida a Higor Codarin, via telefone, no dia 3 de novembro de 2020.

torturas e, para além delas, teve um aumento considerável de suas crises epiléticas. Sem os medicamentos de uso contínuo para controle das crises, Regina acabou fraturando a perna em uma delas.[913]

Embora estivesses todas nesse mesmo contexto, Vera era, como relembrou Regina, a mais calada delas. Enquanto Regina apostava em "conversar, brincar e cantar" para, em meio a "todo sofrimento e angústia", "segurar a mão da vida"[914], no que era seguida por Dalva e Abigail, Vera adotava postura diversa. Estava pessimista a respeito de seu futuro. A cadeia parecia ser o único horizonte no futuro. Além disso, a morte de José Roberto estava sempre presente: "Meu desespero não tinha limites. Parecia que não conseguiria jamais superar tal perda."[915]

Apesar de muito calada, suas falas, quando aconteciam, centravam-se em José Roberto. Especialmente na culpa que sentia de tê-lo matado. "Um sentimento de culpa profundo"[916], como ela relembrou anos depois. Regina, ao relembrar que os torturadores "quiseram colocar isso nela", apontou que "no estado em que ela estava, Vera segurou isso como verdade."[917] Dalva, ao apontar na mesma direção, relembrou que a maioria dos diálogos com Vera neste período eram na tentativa de mostrar que aquela história não era verdadeira. Conseguiram, inclusive, uma testemunha, enfermaria do HCE, para dizer a Vera que José Roberto não havia morrido na Penha mas, sim, na Lapa.

Os esforços não faziam o efeito esperado. Como Vera escreveria anos depois: "Neste aspecto [os torturadores] venceram. Apesar de protestar veementemente, introjetei [essa culpa]."[918]

Embora angustiada e triste, Vera teve alguns bons momentos no HCE. Foi ali que teve autorizada a visita de sua família pela primeira vez desde que foi presa. Apesar de ter visto Claudio na audiência no 1º BPE pôde, passados dois meses, vê-los em uma situação melhor, mesmo que vigiados por um guarda militar. Vera não estava mais em situação crítica de saúde física, o que tranquilizava Virgínia, Ana Lucia e Claudio. Estava, ao menos por ora, fora de perigo.

Malgrado a visita dos pais, a melhor notícia para Vera chegaria em junho. Através de um dos presos que tinha acesso aos jornais, soube de uma nova ação revolucionária. No dia 11,

---

[913] BONET, Dalva. Entrevista concedida a Higor Codarin, via telefone, no dia 19 de outubro de 2020; TOSCANO, Regina. Entrevista concedida a Higor Codarin, via telefone, no dia 3 de novembro de 2020.
[914] TOSCANO, Regina. Entrevista concedida a Higor Codarin, via telefone, no dia 3 de novembro de 2020.
[915] MAGALHÃES, Vera Silvia. *Provisórias Memórias*, op. cit., p. 35.
[916] Ibid.
[917] TOSCANO, Regina. Entrevista concedida a Higor Codarin, via telefone, no dia 3 de novembro de 2020.
[918] MAGALHÃES, Vera Silvia. *Provisórias Memórias.,* s.d, p. 22.

quinta-feira, guerrilheiros brasileiros haviam capturado o embaixador da Alemanha Ocidental, Ehrenfried Von Holleben. Em troca de sua vida, era pedida a libertação de 40 presos políticos. Vera saberia, dois dias depois, que estava entre eles. Seu nome constava como o trigésimo sexto da lista, organizada em ordem alfabética. Voaria em direção à liberdade. A partir do dia 14, começaria sua longa e sinuosa trajetória no exílio.

PARTE III – OS EXÍLIOS

CAPÍTULO 7 – REVOLUCIONÁRIA SEM PÁTRIA

"Andávamos então, trocando de países como de sandálias."[919] (Bertolt Brecht)

Vera conquistava sua liberdade a partir de uma ação conjunta, planejada pela VPR e ALN. Após a ação realizada por Vera e os demais, relacionada ao embaixador norte-americano, a captura de diplomatas tornou-se mais frequente como forma de libertar presos políticos. Meses antes do voo de liberdade de Vera, em março, a VPR havia realizado, em São Paulo, a captura do cônsul japonês, Nobuo Okuchi, com objetivo de libertar cinco presos políticos, incluindo um dos então dirigentes da organização, Mário Japa, codinome de Chizuo Osawa.

Apesar da aparente demonstração de força, a captura de personalidades estrangeiras tornou-se evidência da fragilidade das organizações de esquerda armada. Invertia-se a lógica das ações armadas. Relegavam-se ao plano de fundo os objetivos políticos. Ao contrário da ação de Elbrick, quando o manifesto político teve lugar central, sobrepunha-se, a partir da ação de captura do cônsul japonês, a libertação de companheiros aos objetivos políticos. O número de nomes na lista pedida em troca da vida do embaixador da Alemanha Ocidental, 40, para além da consciência de que os embaixadores "valiam" mais do que se imaginava à época da captura de Elbrick, é sintomático do número, cada vez maior, de presos políticos vinculados à luta armada.

As organizações eram feridas de morte, com as prisões e assassinatos, cada vez em maior número, de militantes. Diante das perdas, não conseguiam repor quadros na mesma medida. Diminuía, assim, consideravelmente, o número de militantes. Nas organizações que, em meio a esse cenário, incorporavam novos quadros, as incorporações não aconteciam pelo trabalho realizado junto aos setores sociais que buscavam mobilizar, mas, na sua imensa maioria, pelo declínio de outros grupos e/ou migrações por divergências políticas. Quando cresciam, cresciam antropofagicamente[920], como diria Gabeira anos depois.

É certo que a estrutura repressiva, organizada e centralizada, aliada à censura, exercia função principal na limitação da ação dos grupos armados. As mudanças no cenário socioeconômico, porém, jogavam um papel fundamental.

Desde 1967, como resposta aos sinais de recessão econômica, em virtude do arrocho salarial e das políticas de contenção da inflação propostas pelos ministros de Castelo Branco, a

[919] BRECHT, 2012, p. 214.
[920] GABEIRA, 1979, p. 141.

ditadura, nos governos Costa e Silva e Médici, buscava obter legitimidade política através do crescimento econômico. Para isso, Antônio Delfim Netto, então ministro da Fazenda, "colocou em prática um vigoroso programa de crescimento, com uma política econômica francamente expansionista." Criava-se um "amplo sistema de subsídios para várias áreas da economia, em especial para a agricultura e as exportações." De forma concomitante, propunha-se "uma complexa estrutura de controle e administração dos preços", tendo em vista a manutenção do poder de compra e, consequentemente, do custo de mão de obra.[921]

Como principal produtor de eletricidade, aço, minerais, combustíveis, fertilizantes e produtos químicos, além de direcionar o investimento privado para áreas prioritárias, via políticas de crédito, incentivo e subsídio, o Estado "passou a exercer o comando quase absoluto sobre as principais decisões públicas ou privadas na área econômica."[922] Criava-se, também, um "novo sistema de crédito ao consumidor, que possibilitava a venda de ampla variedade de produtos, incluindo automóveis."[923]

Essas medidas, aliadas a um amplo programa de obras públicas, expandiam a capacidade empregatícia e incorporavam "novos trabalhadores à economia formal."[924] Assim, consolidava-se um "segmento médio de consumidores" no Brasil.[925] Combinava-se, também, a esse conjunto de políticas, um "período de vigoroso crescimento internacional."[926] Em conjunto, fizeram com que o Brasil, entre 1967-1973, crescesse a uma taxa média de 10% ao ano. Era o "milagre econômico."[927]

Apesar da concentração de renda, do arrocho salarial e do endividamento externo, a política econômica da ditadura inseria, momentaneamente, diversas parcelas da sociedade brasileira na esfera do consumo. Era o grande momento do projeto de modernização conservadora. As mudanças econômicas geravam grandes impactos sociais, realçando, também, as desigualdades de classe, cor, gênero e região. A "rápida industrialização e a intensa urbanização provocaram o mais intenso processo de mobilidade social da história brasileira."[928] Era, entretanto, uma mobilidade que mantinha – e aprofundava – as desigualdades.

---

[921] LUNA, Francisco Vidal; KLEIN, Herbert S. Transformações econômicas no período militar. (1964-1985). *In*: AARÃO REIS FILHO; PATTO SÁ MOTTA; RIDENTI, 2014, p. 104.
[922] Ibid., p. 105.
[923] Ibid., p. 106.
[924] Ibid., p. 105.
[925] Ibid., p. 106.
[926] Ibid.
[927] Ibid.
[928] LUNA, Francisco Vidal; KLEIN, Herbert S. Mudanças sociais no período militar (1964-1985). *In*: AARÃO REIS FILHO; PATTO SÁ MOTTA; RIDENTI, 2014, p. 68-69.

Confluíam, assim, no mesmo período, as maiores taxas de crescimento econômico e as mais vigorosas políticas de censura, repressão e violações de direitos humanos de opositores políticos. Violência de Estado e modernização socioeconômica como dois movimentos de um mesmo processo de desidratação dos grupos de oposição à ditadura, sobretudo os que propunham o enfrentamento armado.

O MR-8, após a morte de José Roberto e a prisão de Daniel e Vera, teve de reconstituir sua direção. Restava, apenas, Cid. Para reformular a trinca de dirigentes, foram incorporados à Direção-Geral Samuel Aarão Reis, comandando a FTO, e Carlos Vainer, para dar continuidade ao trabalho nas classes médias.

Em uma das primeiras reuniões da nova direção, diante da conjuntura de prisões, Samuel fez um prognóstico: "Do jeito que vão as coisas, em mais um mês um de nós não deverá estar aqui."[929] Algum tempo depois, no dia 21 de abril, os três dirigentes seriam presos, além de outros quatro militantes. Era mais uma das evidências da marginalização e do isolamento social das organizações da esquerda revolucionária brasileira.

Cid, na prisão, recebeu uma mensagem cifrada para enviar uma lista de nomes. Percebeu, de imediato, que se tratava de uma ação de captura. Na lista, além de Vera, estava o nome de Claudio Torres. Em virtude da visão ainda dominante sobre seu comportamento na prisão, seu nome foi retirado por Joaquim Câmara Ferreira.[930]

Na lista dos 40 nomes, predominavam os vinculados às organizações que realizaram a ação. Em relação ao "Oito", constavam apenas quatro. Além de Vera, voariam para liberdade Cid, Daniel e Fernando Gabeira. Ao contrário dos últimos dois voos da liberdade, que aterrissaram na Cidade do México, Vera encontraria a liberdade na África. Mais especificamente, na Argélia.

Diante do estado em que Vera se encontrava no Hospital Central do Exército, ter sido avisada de que seu nome estava na lista foi uma ótima notícia, especialmente pelo fato de que não voltaria a ser torturada, algo que, inclusive, era aventado pelo psiquiatra Tong. Regina Toscano e Dalva Bonet relembraram que foram tomadas de felicidade pela informação. Começavam os preparativos para sua soltura.[931]

Segundo o relatório médico de Vera, diante da imobilidade de suas pernas, foram prescritas, a partir do dia 29 de abril, sessões de fisioterapia.[932] Não é possível saber se as

[929] BENJAMIN, 2013, p. 38
[930] Ibid., p. 94-95.
[931] BONET, Dalva. Entrevista concedida a Higor Codarin, via telefone, no dia 19 de outubro de 2020; TOSCANO, Regina. Entrevista concedida a Higor Codarin, via telefone, 3 de novembro de 2020.
[932] BRASIL, Ministério da Justiça, 1970, p. 88.

sessões foram, efetivamente, realizadas. Contudo, no dia 15 de junho, quando Vera foi levada à Base Aérea do Galeão, ainda estava sem o movimento das pernas. Ali estava a sua espera uma cadeira de rodas.

Na Base Aérea do Galeão, Vera se juntava aos demais 39 presos à espera da libertação. Conhecia poucos dos 33 homens e seis mulheres que eram trocados pela vida do embaixador. Contudo, alguns rostos eram familiares. Depois de meses, revia Daniel e Cid. Reencontrá-los era uma felicidade, embora matizada por seu estado psicológico e pela tensão atmosférica que permeava o encontro.

Apesar da iminência da liberdade, ainda estavam na presença dos policiais. Ainda eram prisioneiros políticos. Qualquer mudança em relação à negociação com os captores do embaixador von Holleben poderia impedir o voo da liberdade. Os próprios policiais, buscando reforçar a tensão entre os militantes, realizaram, em alguns deles, simulações de fuzilamento antes de levá-los à Base Aérea do Galeão.

No reencontro com Vera, Daniel relembra que se chocou ao vê-la na cadeira de rodas e bastante magra. Vera buscou minimizar o impacto, dizendo que estava bem e se recuperaria logo.[933] Além do reencontro com Daniel e Cid, Vera conhecia ali, Fernando Gabeira. Apesar de fazerem parte da mesma organização, militavam em áreas diferentes e, diante da clandestinidade, não se conheciam. Ouvira falar do jornalista por intermédio de José Roberto que, amigo de Gabeira, dizia que ela gostaria de conhecê-lo, pois teriam diversas afinidades.[934]

Em meio aos encontros e reencontros, os militantes foram fotografados pelas autoridades policiais. Primeiro, individualmente. Eram feitas quatro fotografias. Duas sentadas, de perfil e de frente, além de duas em pé, seguindo as mesmas regras. Vera foi fotografada apenas três vezes. Diante da paraplegia, foi feita uma única foto em pé, para a qual Cid e outro militante, cuja definição da foto impossibilita o reconhecimento, tiveram de ampará-la. Vestida com uma camiseta de manga curta, saia na altura do joelho e meias 3/4, as fotos demonstram a fragilidade do estado de Vera, em especial pela magreza e olhar cabisbaixo.[935]

Em seguida, Vera e os demais foram colocados todos juntos para a fotografia que, a pedido dos captores, deveria ser feita como parte das provas da libertação. Alguns sorrindo; outros com dedos em formato de "V", simbolizando a vitória; alguns abraços. Nesses, a

---

[933] AARÃO REIS, Daniel. Entrevista concedida a Higor Codarin. Rio de Janeiro, no dia 19 de setembro de 2019.
[934] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 31/07/1998, fita n. 8, lado A, transcrição p. 18.
[935] SEM INDICAÇÃO DE AUTORIA. *Relação de subversivos banidos para a Argélia,* 1970, p. 36. *In*: Serviço Nacional de Informações, Arquivo Nacional. Código de referência: BR DFANBSB V8.MIC, GNC.AAA.70024565 Disponível em: https://www.sian.an.gov.br. Acesso em: 20 jan. 2020.

confiança de que a liberdade estava próxima. A maioria, com semblante sério, em uma espécie de estado de alerta. Entre militantes em pé e agachados, agrupados no lado direito estavam os integrantes do "Oito". Vera, quase de perfil, era a única sentada.

Depois da fotografia foram levados em um ônibus, duas kombis e um automóvel à pista do aeroporto, local em que o avião PP-VJH da Varig os aguardava. No aeroporto, também os aguardavam familiares de parte dos militantes. Claudio, Virgínia e Ana Lúcia passaram a noite no aeroporto à espera de Vera.

A espera no aeroporto, diante do cotidiano dos últimos meses, era um alívio para a família de Vera, especialmente para Virgínia. Em seu livro de memórias, retomou as angústias vividas enquanto Vera estava presa, relacionando-as à sua fragilidade psicológica. Além disso, ressaltava a especificidade do sofrimento materno, feminino e, por isso, se devendo contido, além de realçar o alívio pela libertação:

> Todas as mães sofriam caladas e controladas, com algumas exceções, mas eu parecia que ia morrer. Meus nervos são muito frágeis [...].
> Sofria demais com minha filha na cadeia, sabe lá em mãos de que tipo de carcereiro. Quando veio o banimento, fiquei exultante. Pensava: "longe de mim, mas livre de maus tratos." Quando as outras mães lamentavam, porque iam se distanciar dos filhos, eu dizia a elas: "Prefiro nunca mais ver minha filha do que saber que ela está sofrendo. Minha dor era muito grande com ela aqui no Brasil nas condições em que estava. No exterior, seria diferente. Continuariam as preocupações, mas pelo menos ela teria alguma perspectiva de ser feliz. Eram novos horizontes que se abriam estando em liberdade.[936]

Novos horizontes estavam, efetivamente, por se abrir para Vera. Contudo, Virgínia, Claudio e Ana Lucia, apesar do pernoite no aeroporto, não a veriam. Não foi permitido qualquer contato com os militantes e, para além, o avião foi disposto na pista de modo a dificultar a visão do embarque por parte dos familiares e jornalistas. A despeito das dificuldades, jornalistas do *Jornal do Brasil*, por intermédio de um binóculo, destacaram a paraplegia de Vera, embora marcada pelo eufemismo e pela reprodução da razão apontada pelos órgãos da ditadura: "[...] uma moça – Vera Sílvia Magalhães – desceu do veículo com dificuldades, pois foi ferida em tiroteio ao ser presa."[937] Além disso, tentaram alguma declaração dos pais de Vera. Receando represálias, nada disseram, realçando, apenas, que não sabiam das atividades políticas da filha, sempre muito "quieta e estudiosa."[938]

---

[936] GONÇALVES ARAÚJO, s.d, p. 69.
[937] *Jornal do Brasil,* 16 de junho de 1970, p. 5. Disponível em: http://memoria.bn.br/. Acesso em: 19 nov. 2022.
[938] Ibid.

Com todos a bordo, o avião decolou às 11:32 do dia 15 de junho, sob emoção e alívio dos familiares que, de dentro do aeroporto, vislumbravam o avião deixando o solo brasileiro e ganhando o céu.[939]

A despeito do alívio de parte dos familiares com a decolagem, o voo até a Argélia foi marcado por uma tensão permanente. Nas fileiras do avião, compostas de três lugares cada, os militantes eram dispostos em pares, algemados uns aos outros, acompanhados por um agente policial. O efetivo disponibilizado para acompanhar o voo era significativo. Segundo relatos jornalísticos, entre agentes do DOPS, Aeronáutica e Polícia Federal, cerca de 30 ou 40 faziam a segurança do voo. Vera viajou entre dois policiais, algemada a um deles.

O Centro de Informações da Aeronáutica (CISA) realizou, pouco depois, um relatório a respeito do voo. De acordo com as informações dos agentes que acompanharam Vera e os demais, o temor era de que os militantes tomassem o controle da aeronave, forçando alteração da rota para o México. Receavam o "efeito publicitário" causado pelo "o desembarque do 'TIME DOS QUARENTA'" no país em que, pela realização da copa do mundo de futebol, "toda a imprensa internacional encontra-se reunida."[940]

Vera, ao relembrar do voo, ressalta essa tensão, principalmente por parte dos policiais. Estando com dois policiais homens, lembrou da dificuldade em ir ao banheiro, sem a mobilidade das pernas. Apesar de argumentar que não apresentava nenhum perigo, os policiais foram irredutíveis. Teve de ir com um deles ao banheiro, em mais uma evidência de violência sexual.[941]

Apesar de tratados, rigorosamente, como presos, Vera e os demais podiam conversar. Eram, inclusive, incentivados e confrontados pelos agentes policiais interessados em mapear possíveis futuras ações e/ou coletar novas informações. É evidência disso o próprio relatório do CISA, que destaca, a partir das conversas, aspectos individuais e coletivos dos diálogos.

De acordo com as "Opiniões gerais" dos agentes, fica evidente o receio com a possibilidade de "novos sequestros", indicando, inclusive, possíveis alvos: "autoridades da repressão – para justiçamento"; "industriais e familiares – para obtenção do dinheiro"; e "diplomatas – para troca de presos."[942]

---

[939] A emoção e alívio dos familiares foi retratada pela edição do *Jornal do Brasil* acima referido.
[940] BRASIL. Ministério da Aeronáutica. Informação nº 381/CISA-RJ. Transporte de banidos para a Argélia, 1970. p. 3. *In*: Centro de Informações de Segurança da Aeronáutica, Arquivo Nacional. Código de Referência: BR DFANBSB VAZ.0.0.29907. Disponível em: https://www.sian.an.gov.br. Acesso em: 20 jan. 2020.
[941] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 31/07/1998, fita n. 8, lado A, transcrição p. 5
[942] BRASIL, Ministério da Aeronáutica, op. cit., p. 7.

Ao descreverem, individualmente, as falas dos militantes é notória a tentativa, por parte de Vera e os demais, de inflar a possibilidade de ação dos grupos armados e/ou de desmoralizar os órgãos repressivos, além de ameaçá-los. Especificamente sobre Vera, consta que ela "declarou que voltará ao Brasil; não está arrependida das ações que praticou pela causa da subversão; que um oficial do 1º BPE (capitão) vai receber o troco do que ela recebeu."[943]

Literal ou não, a declaração de Vera realça sua vontade e, de modo geral, a vontade da maioria dos que estavam a caminho da liberdade. Voltar ao Brasil. A Argélia como destino provisório. No limite, um exílio provisório. A exemplo de grandes revolucionários, como Lenin e Fidel Castro, o exílio como um interlúdio. Um entreato de dois momentos da revolução brasileira.

Diante disso, os agentes policiais no avião também ameaçavam os militantes. Cid relembrou que, ao dizer que voltaria ao Brasil, foi advertido por um dos oficiais: "Quero te dizer uma coisa: o preço para vocês saírem é, de agora em diante, não criarmos mais cobra. O pessoal mais importante vai ser morto."[944] Aos que voltassem, portanto, a ordem não era prender, mas sim matar.

Independente das ameaças, e tomados pelo desejo de voltar, Vera e os demais pousaram no aeroporto Dar-el-Beida, em Argel, às 00:25 do dia 16 de junho.

Para ser libertada, Vera era enquadrada, juridicamente, sob o Ato Institucional de nº 13. Como vimos, o AI-13 havia sido criado como saída jurídica para libertar os presos políticos pedidos em troca da vida do embaixador norte-americano. A partir de então, o governo brasileiro teria o "poder de banir do território nacional o brasileiro que, comprovadamente, se tornar inconveniente, nocivo ou perigoso à segurança nacional."[945] Todos os militantes libertados em troca da vida de diplomatas seriam enquadrados sob o AI-13. Vera, portanto, era banida do território nacional.

Mais do que apenas uma nomenclatura, banimento era uma pena imposta, exclusivamente, aos militantes políticos. Impedia, enquanto não houvesse disposição em contrário, o retorno de Vera e dos demais banidos ao Brasil. Mais. Juridicamente, Vera perdia os direitos enquanto cidadã brasileira. A chegada na Argélia era, também, sua expulsão do Brasil.

---

[943] Ibid., p. 5.
[944] BENJAMIN, 2013, p. 144.
[945] BRASIL. *Ato Institucional nº 13.* Disponível em: http://www.planalto.gov.br//CCIVIL_03/AIT/ait-13-69.htm. Acesso em: 17 abr. 2022.

Mesmo que, na visão de Vera e dos demais, estivessem sendo libertados pela imposição de uma ação revolucionária, o dispositivo jurídico do banimento era uma expulsão. Banida, expulsa, Vera tornava-se, a partir da chegada em Argel, uma exilada.

Como exilada, tornava-se partícipe de uma experiência, ao mesmo tempo, universal e particular; social e individual. Subjetiva e objetivamente, o exílio de Vera como ambiguidade e contradição. Sua caminhada no exterior como caminhar, também, de uma geração exilada, refletindo a multiplicidade de facetas e sentidos que o exílio – e a condição de exilada – teriam, sendo interpretadas e modeladas, assim como reinterpretadas e remodeladas. Sentidos e facetas instáveis, que se reconfiguravam de acordo com as alterações da conjuntura histórica, nacional e internacional, como também das movimentações e escolhas da própria Vera.

7.1 "Meca dos Revolucionários"

Dentre os países exigidos pelos captores, a Argélia era o primeiro, seguido por México e Chile. A escolha não era por acaso. Ex-colônia francesa, a Argélia tornou-se independente em 1962, após uma guerra civil que durou oito anos e deixou mais de um milhão de mortos. Independente, o principal país da região do Magrebe, sob liderança da Frente de Libertação Nacional (FLN), definia-se, como dizia a própria Constituição recém-criada, como uma "república popular, democrática e socialista."[946]

Assumindo características particulares, em que confluíam dentro de um mesmo projeto político Islamismo, nacionalismo e socialismo, a via argelina propunha uma espécie de arabização do socialismo enquanto projeto nacional. Fortemente vinculada ao Islamismo, transformado em religião oficial do país no início da década de 1970, a concepção argelina de socialismo, centrada no Estado-Nação, rejeitava o ateísmo e a ditadura do proletariado.[947]

A partir da luta de libertação nacional, a Argélia tornava-se, gradativamente ao longo da década de 1960, um dos países líderes do movimento terceiro-mundista, construindo-se como centro gravitacional das lutas anticolonialistas dos países africanos. Para isso, o primeiro presidente argelino, líder da FLN, Ben Bella, "criou um núcleo responsável pelo sistemático apoio aos exilados e militantes políticos africanos". Com o passar dos anos, esse apoio cresceu significativamente, estendendo-se, também, a militantes de outros continentes. "Exportar" a

[946] CRUZ, Fábio Lucas. *Brasileiros no exílio: Argel como local estratégico para a militância política (1965-1979)*. 2016. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. p. 57. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-30092010-111933/publico/2010FabioLucasdaCruz.pdf. Acesso em: 18 nov. 2022.
[947] Ibid., p. 59.

revolução como forma de sedimentá-la, também, internamente. A Argélia tornava-se a "Meca dos revolucionários", como disse Amílcar Cabral.[948]

***

Após o pouso do avião que transportava Vera e os demais prisioneiros no aeroporto de Dar-el-Beida, Carlos Felipe Saldanha, representante da embaixada brasileira em Argel, e Hadi Ali, chefe da divisão para a América Latina no ministério de relações exteriores do governo argelino, entraram na aeronave. Como representante do governo argelino, Hadi Ali exigiu a retirada das algemas dos presos.[949]

Pouco a pouco, a liberdade tornava-se realidade. Sem algemas, cerca de quinze minutos depois da aterrisagem, os quarenta presos políticos começaram a descer do avião e a ganhar, efetivamente, a liberdade em solo argelino. Vera, a partir das imagens feitas pelos vários jornalistas que os aguardavam ainda na pista de pouso, foi carregada por Cid. Posando para fotos em frente ao avião, é possível vê-la em seus braços, sorrindo, ladeada pelos demais que, em ampla maioria, faziam o "V" de vitória.[950]

Além de diversos jornalistas, quem também os aguardava na pista de pouso, junto das autoridades argelinas, era Miguel Arraes. Ex-governador de Pernambuco, eleito em 1962 pelo Partido Social Trabalhista (PST), Arraes foi deposto e preso logo após o golpe de 1964. Ficou pouco mais de um ano na cadeia. Em 1965, conseguira exílio na Argélia.

Pode-se dizer que Arraes abriu as portas da Argélia para os exilados brasileiros. Depois dele e estritamente vinculados ao ex-governador de Pernambuco é que chegaram os primeiros exilados brasileiros em Argel, ainda em meados da década de 1960.[951]

Ao longo das décadas de sessenta e setenta, Arraes desenvolveu relação intensa com o governo argelino. Foi, por anos, consultor de negócios para o governo, auxiliando, através de

---

[948] Outro fator explicativo para a escolha da Argélia dizia respeito, de acordo com depoimento de militantes políticos, à relação entre o embaixador argelino no Brasil, Hafid Keramane, e a VPR. Inserido na perspectiva do governo argelino em auxiliar movimentos revolucionários socialistas e/ou de libertação nacional ao redor do mundo, o embaixador desenvolveu relações próximas com a VPR, ficando, inclusive, com parte dos dólares expropriados na famosa ação sobre o cofre do ex-governador de São Paulo Adhemar de Barros. Confirma essa informação o fato de que o embaixador fora trocado logo em seguida da ação que libertou Vera e os demais. Para a versão dos militantes, cf. VIERA, Lizst. Entrevista concedida a Higor Codarin, por telefone, no dia 09 de outubro de 2020.

[949] LE GOUVERNEMENT ALGÉRIEN A ACCORDÉ l'asile politique aux quarante prisonniers libérés Il n'y a plus de voie moyenne possible entre la dictature militaire et la révolution nous déclare M. Appolonio de Carvalho. *Le Monde,* 17 juin 1970. Disponível em: https://www.lemonde.fr/archives-du-monde/. Acesso em: 1 dez. 2022.

[950] Essas descrições dizem respeito a dois vídeos da imprensa internacional que retratam a chegada de Vera e os demais na Argélia: AP TELEVISION, *ROVING REPORT BRAZIL*, 1970. Disponível em: http://www.aparchive.com/. Acesso em: 1 dez. 2022; o segundo, ao que tudo indica de um canal de televisão francês, foi-me cedido, assim com a referência do primeiro vídeo, pelo cineasta Ben Salama, autor do documentário "Alger, Mecque des révolutionnaires."

[951] CRUZ, 2016, p. 80.

seus contatos na Europa, a reconstrução do país, especialmente a partir da busca de novos parceiros comerciais.[952] De modo paralelo, tendo a Argélia como base, o ex-governador de Pernambuco criava uma rede de contatos entre brasileiros exilados. Com ampla gama de viagens, que abarcavam países da Europa, Ásia, África e América do Sul, além de manter correspondência ativa com diversos intelectuais, brasileiros e estrangeiros, líderes políticos e revolucionários de todo o mundo, Arraes, com apoio do governo argelino, solidificava Argel como protagonista do exílio. Não apenas para os movimentos de libertação nacional do continente africano, mas também para os brasileiros.

A estreita vinculação entre Miguel Arraes e o governo argelino, que recebia Vera e os demais, era a primeira mostra, ainda incipiente, das redes de solidariedade internacional que seriam importantes na trajetória de Vera.

Depois das fotos na pista de pouso, os quarenta foram levados a uma sala do aeroporto onde os esperavam, segundo o jornal *Le monde*, "uma multidão de jornalistas, altos funcionários argelinos e membros dos movimentos de libertação africanos, espanhóis e portugueses."[953] Ali, tendo a bandeira da Argélia como pano de fundo, Vera e os demais concederam uma entrevista coletiva.

Foi definida uma estratégia para a entrevista. Para além da demonstração de força das organizações no Brasil, evidenciando a continuidade da luta revolucionária, a principal linha argumentativa da coletiva de imprensa era a denúncia da tortura. Para isso, alguns fatores exerciam função.

De início, a figura de Miguel Arraes. Para além de seu primeiro empreendimento prático com relação aos exilados, tendo em vista garantir assistência financeira a eles, via oferta de trabalho dentro da Argélia, Arraes fundou a Frente Brasileira de Informações (FBI). Criada em novembro de 1969, a FBI tinha como principal forma de ação a denúncia internacional das ações da ditadura no Brasil. Especialmente através de boletins, "que continham informações sobre a situação econômica do Brasil, denunciavam a tortura, a censura e o desrespeito à legislação"[954], a FBI buscava desgastar a imagem do Brasil no exterior. Funcionava. Arraes e a FBI tornavam-se um incômodo internacional à ditadura que, por intermédio dos órgãos de informação no exterior, acompanhava-os com atenção. Assim, compreendendo a importância

[952] Ibid., p. 78.
[953] LE GOUVERNEMENT ALGÉRIEN A ACCORDÉ l'asile politique aux quarante prisonniers libérés Il n'y a plus de voie moyenne possible entre la dictature militaire et la révolution nous déclare M. Appolonio de Carvalho. *Le Monde,* 17 juin 1970. Disponível em : https://www.lemonde.fr/archives-du-monde/. Acesso em: 1 dez. 2022.
[954] CRUZ, 2016, p. 141.

da tática de denúncia da violência da ditadura no exterior, Arraes possivelmente tenha incentivado os quarenta a sublinharem esse aspecto.

Além de Arraes, deve-se sublinhar o papel de Apolônio de Carvalho, um dos libertos pela ação de captura. No centro dos recém-libertos e instituído como principal comunicador dos quarenta na coletiva, Apolônio, pela sua experiência, possivelmente conduziu a coletiva neste sentido. Um dos fundadores do PCBR, Apolônio tinha uma longa história de militância, além de conhecido internacionalmente. Integrou a Aliança Nacional Libertadora (ANL) em 1935, tendo sido preso na sequência da insurreição. Solto em 1937, lutou, vinculado ao PCB, na Guerra Civil Espanhola. Posteriormente, participou da resistência francesa à invasão nazista, fato que lhe rendeu condecoração militar de legião de honra na França.

Por fim, jogava um papel a confluência entre a curiosidade da imprensa internacional em relação às denúncias de tortura no Brasil e a condição física em que chegavam os brasileiros na Argélia. Boa parte dos quarenta ainda guardavam marcas corporais visíveis das torturas. Ferimentos na cabeça, nos braços e pernas eram mostrados aos jornalistas, que os fotografavam, além de ouvirem, com atenção, descrições dos métodos de tortura realizados pelos órgãos de repressão brasileiros. Como apontou Daniel Aarão Reis:

> Havia muita simpatia da imprensa internacional. Nós chegamos lá com marcas de tortura. Vários outros tinham também. Cicatrizes. Então, nossa chegada foi um escândalo internacional. [...]
> Essa dimensão da denúncia da tortura teve, ali, uma grande *première*, pois tinham vários que não precisavam nem falar, era só mostrar.[955]

Vera era um desses exemplos. Como falava francês, conseguia se comunicar com os jornalistas facilmente. Na coletiva, em uma cadeira de rodas, Vera estava em posição central, ao lado de Apolônio. O governo argelino, realçando sua condição de mulher, deu-lhe uma cesta com flores, como representação de boas-vindas aos brasileiros.

O jornal *Le Monde*, cobrindo a coletiva, ressaltou a presença feminina entre os quarenta, embora relacionadas aos homens, por intermédio da condição de viuvez. Evidência disso é o não tratamento de Maria do Carmo Brito pelo nome. Era caracterizada, apenas, como "viúva do revolucionário Juarez de Brito". Maria do Carmo e Juarez eram, ambos, militantes da VPR. Juarez cometeu suicídio quando, juntos, foram cercados e feridos.

Embora Vera fosse também caracterizada como viúva, José Roberto não é citado nominalmente. Ao contrário, é o nome de Vera que se evidencia. Sublinhava-se sua situação física, especialmente o fato de estar em uma cadeira de rodas, relacionando-a às torturas que

[955] AARÃO REIS FILHO, Daniel. Entrevista concedida a Denise Rollemberg. *In*: Arquivo Edgar Leuenroth (AEL/Unicamp), Fundo *Militância Política e luta armada no Brasil,*), fita 2, lado a.

sofrera, que a levaram à perda do movimento das pernas, além do assassinato de José Roberto.[956]

A caracterização do *Le monde* é sintomática da visão que permeia a vida das exiladas e militantes políticas. Como viúvas e/ou torturadas, tornavam-se mais vítimas do que "atrizes de seus próprios destinos", como aponta Anne Morelli:

> A expressão "exilado(a) político", quando pronunciada em voz alta, pode tanto designar o feminino como o masculino. No entanto, a imagem que se impõe em nosso pensamento, ligado a esses termos, é mais frequentemente masculina: um exilado político. A imagem do exilado(a) político (como também a do militante) é construída sobre o modelo de masculinidade. Mulheres, no máximo, são consideradas "refugiadas", o que implica que sejam mais vítimas do que atrizes de seus próprios destinos.[957]

Para além dessa perspectiva, Vera adquiriria protagonismo por suas falas direcionadas à revolução argelina e, consequentemente, a seu papel enquanto revolucionária, em matéria realizada pelo jornal argelino *El Moudjahid.*

Além das informações gerais sobre a captura e subsequente libertação dos presos, o jornal destacou a presença de duas mulheres. Além de Tercina Dias Oliveira, militante da VPR que foi liberta com seus quatro netos, sublinhou as declarações de Vera a respeito das conexões entre os processos revolucionários no Brasil e na Argélia e, especialmente, sua declaração a respeito das revolucionárias argelinas:

> 'Estou muito feliz de me encontrar sobre o solo de um país livre', disse Vera Silva Avanjo (sic), uma estudante paralisada de 22 anos. 'Penso que se nosso movimento pediu direito de asilo à Argélia foi porque se sentiu persuadido de que teremos uma experiência da luta revolucionária argelina que nos será benéfica. De minha parte, eu adoraria conhecer tudo sobre a mulher argelina que também lutou, assim como eu luto agora.'[958]

A declaração de Vera ao jornal argelino realça a reafirmação, por parte dela, de sua constituição identitária enquanto mulher e revolucionária, vinculando-a não apenas ao processo revolucionário argelino, como também às mulheres revolucionárias. Vera demonstrava, assim, o internacionalismo revolucionário, como também a especificidade da mulher revolucionária. Vera, como vimos, não estava feliz na saída do Brasil. Os tantos reveses, simbolizados no assassinato de José Roberto, na prisão, sua e de tantos outros companheiros, e na traumática experiência da tortura eram questões com as quais ela teria de lidar em sua primeira estada fora

---

[956] LE GOUVERNEMENT ALGÉRIEN A ACCORDÉ l'asile politique aux quarante prisonniers libérés Il n'y a plus de voie moyenne possible entre la dictature militaire et la révolution nous déclare M. Appolonio de Carvalho. *Le Monde,* 17 juin 1970. Disponível em: https://www.lemonde.fr/archives-du-monde/. Acesso em: 1 dez. 2022.
[957] MORELLI, Anne. Exhumer l'histoire des femmes exilées politiques. *In*: MORELLI, Anne (org.). *Femmes exilées politiques. Exhumer leur histoire.* Bruxelas: Editions de l'Université de Bruxelles, 2009. p. 7-16, p. 7.
[958] *El Moudjahid,* 17 jun. 1970. Disponível em: *Instituto Miguel Arraes.* Série Exílio, Seção de materiais de jornais, Pasta 3. Identificação: EXI_MJ_0180_001.

do Brasil, exilada. Contudo, a recepção calorosa em Argel, o contato com revolucionários de outros países e continentes, com os olhos do mundo voltados para ela e seus companheiros eram, também, motivos de alegria. Geravam, sobretudo, noção de pertencimento, reafirmando sua identidade.

Neste sentido, este início de exílio teria efeitos contraditórios na vida de Vera.

Como experiência humana, o exílio é uma marca constante na história da humanidade. Tem por função, como aponta Denise Rollemberg "*afastar/excluir/eliminar* grupos ou indivíduos que, manifestando opiniões contrárias ao *status quo*, lutam para alterá-lo."[959]

Exclusão, afastamento e eliminação. Combinadas na experiência subjetiva do exilado, o exílio acaba por gerar, de acordo com o referencial teórico da psicanálise, a "ruptura da ancoragem narcísica" do indivíduo. Como consequência:

> Perde o espelho múltiplo a partir do qual criava e nutria sua própria imagem, seu personagem. No exílio, ninguém o conhece, ninguém o reconhece. Aquele que eu era não existe mais. O personagem não é mais o mesmo, os atores tampouco. E nos encontramos ali, sem olhar, sem palavra: comoção e crise radical de identidade. O homem está nu.[960]

Contudo, se, de modo geral, pode-se concluir que a experiência do exílio leva à ruptura narcísica, ao distanciamento das raízes e, no limite, da própria identidade, esse processo não é livre de nuances e, tampouco, automático. "Quando começa o exílio? Em que momento se chega ao exílio? Qual significado da mudança súbita do país de origem para um mundo desconhecido?", pergunta Denise Rollemberg. Ao que ela mesma responde: "Não é tão evidente, como pode parecer em princípio, a delimitação desse momento."[961]

Para Vera, essa primeira fase do exílio seria, ao mesmo tempo, desenraizamento e manutenção das raízes. Por um lado, distanciava-se da luta revolucionária no Brasil, da maioria dos companheiros, da família e do estado da Guanabara. Por outro, deixava o Brasil ao lado de alguns companheiros, em virtude de uma imposição revolucionária, atraindo atenção internacional e costurando redes transnacionais de solidariedade e militância revolucionárias.
Reforço e fragilização identitária. Equilibrando-se nessa linha tênue, Vera iniciava seu exílio. "Nem era um exílio, embora fosse de fato"[962], como relembrou Vera anos depois. Entre os quarenta, a palavra exílio não era comumente utilizada. Preferia-se, inclusive, "lugar de trânsito".

---

[959] ROLLEMBERG, 1999, p. 25.
[960] VINÃR; VIÑAR, 1992, p. 71.
[961] ROLLEMBERGE, 1999, p. 89.
[962] MAGALHÃES, Vera Silvia. Entrevista concedida a Denise Rollemberg. *In*: *Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI-UFF)*, política no Brasil: Exílio, 1994, fita 2, lado a.

***

Depois da coletiva, Vera e os demais foram levados a Ben-Aknoum, comuna localizada a oeste de Argel. Ali, ficariam hospedados em uma espécie de colônia de férias pública chamada de *Centre familial*, administrada pelo órgão de previdência e segurança social argelino.

Era uma mudança drástica. Após uma rotina de clandestinidade rigorosa, fechada em "aparelhos", a estada em Ben-Aknoum era um alívio. O *Centre familial* era arborizado e florido. Localizado nas colinas de Argel, adquiria tons bucólicos.

Na chegada à colônia, os quarenta foram recebidos com um grande jantar no refeitório, regado a garrafas de vinho argelino. Muitos viraram a noite. Comiam, bebiam, conversavam. Celebravam a liberdade.[963]

Após o jantar, o grupo foi acomodado nos chalés da colônia. Em uma primeira manifestação das diferenças culturais que encontravam na Argélia, foram separados entre homens e mulheres. Cada chalé tinha dois beliches e uma cama de casal. Aos casais foi destinado alojamento separado. Apesar da divisão entre homens e mulheres, Maria do Carmo Brito, relembrou que, contrastando com a realidade da prisão, o cuidado dos argelinos chamava mais a atenção:

> Quando entramos nos chalés, foi a coisa mais comovente: os argelinos tinham feito um kit para as mulheres e outro para os homens. O das mulheres tinha baby doll, rosa ou azul, calcinha, escova de dentes, sabonete, escova de cabelo, xampu, creme Nívea e um perfuminho. Jamais em minha vida vi uma coisa tão gentil: tudo o que você precisa ao sair de uma cadeia.[964]

A estadia em Ben-Aknoum era um grande contraste também para Vera. Logo nos primeiros dias, foi encaminhada a médicos que, em pouco tempo, direcionaram-na para sessões de fisioterapia. Segundo o diagnóstico, sua recuperação seria possível em curto espaço de tempo. Voltaria a andar.

Os argelinos não eram apenas cuidadosos com relação à saúde de Vera e os demais. Propunham, também, seja em Argel e/ou Ben-Aknoum, passeios e divertimentos. Levaram os quarenta em excursões a casbah, as ruínas históricas de Argel, além de banhos de mar no Mar mediterrâneo. O cotidiano em Ben-Aknoum era também composto por sessões diárias de exercícios físicos. Sessões de cinema eram, também, frequentes na colônia. Parte do grupo,

---

[963] AARÃO REIS FILHO, Daniel. Entrevista concedida a Denise Rollemberg. *In*: *Arquivo Edgar Leuenroth (AEL/Unicamp)*, Fundo *Militância Política e luta armada no Brasil,*), fita 2, lado b.
[964] VIANNA, Martha. *Uma tempestade como a sua memória: a história de Lia, Maria do Carmo Brito.* Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 104.

incluindo Vera, assistiu *A batalha da Argel,* filme de 1966 que retrata a guerra civil contra os franceses, em Ben-Aknoum.

Para além, boas novas outras também animavam Vera. Poucos dias depois, Virgínia e a tia Beatriz chegavam na capital argelina. Em situação econômica desfavorável, Virgínia vendeu joias para conseguir viajar e, também, levar algum dinheiro à Vera para sua manutenção no exílio.[965] Foi um feliz reencontro. Vera e Virgínia reatavam, por um curto período, a ligação afetuosa de mãe e filha que construíram no passado.

Daniel Aarão Reis relembrou que, em um gesto de solidariedade, após a partida de família, Vera dividiu, igualmente, o valor que recebeu da mãe entre os quatro companheiros. Por sugestão de Gabeira, compraram um rádio para acompanhar as notícias internacionais.[966] Inteirar-se, especialmente, sobre os acontecimentos no Brasil era importante.

Além de familiares, companheiros de militância exilados em outros países foram visitar os recém-chegados. Militantes da ALN, VPR e PCBR que estavam no exterior, especialmente na Europa, chegavam a Argel. Vera, Daniel, Cid e Gabeira receberam a visita de um velho conhecido, Luiz Eduardo Prado, que em 1969 havia se exilado em Paris. Apesar de ter deixado a organização, o contato com os militantes do MR-8 estabeleceu uma nova função a ele: auxiliar os exilados com documentação, dinheiro e estadia. Seria uma base possível em Paris.[967] Além disso, era a recomposição de um afeto na vida de Vera. Apesar do fim do relacionamento, Vera nutria carinho por Luiz Eduardo, algo que era recíproco.

Assim, as visitas representavam para Vera a recomposição, na medida do possível, de um universo afetivo. E, neste sentido, eram celebradas.

Vera e os demais também foram visitados e acompanhados por diversos jornalistas internacionais, além de realizarem depoimentos para a Anistia Internacional, descrevendo as torturas que sofreram no Brasil.

Em relação aos jornais, para além do francês *Le monde* e do argelino *El Moudjahid*, Vera seria assunto em periódicos de diversos países. Suas fotos na cadeira de rodas, em condição de paraplegia, rodavam e sensibilizavam o mundo. A revista norte-americana *Time*, em sua edição de 27 de julho de 1970, ressaltou a chegada de Vera em Argel: "[...] Vera Sílvia Araújo Magalhães, 22, teve de ser carregada para fora da aeronave. Ela diz que suas pernas estão paralisadas em decorrência das torturas que sofreu, frequentemente concentradas em suas

[965] MAGALHÃES BARROS, Ana Lucia. Entrevista concedida a Higor Codarin. Rio de Janeiro, 02 de abril de 2019.
[966] AARÃO REIS FILHO, Daniel. Entrevista concedida a Denise Rollemberg. *In*: *Arquivo Edgar Leuenroth (AEL/Unicamp)*, Fundo *Militância Política e luta armada no Brasil,*), fita 2, lado b.
[967] PRADO, Luiz Eduardo. Entrevista concedida a Higor Codarin. Paris, no dia 23 de janeiro de 2020.

genitálias."[968] O jornal francês, *Le Nouvel Observateur*, ao realizar uma reportagem sobre a chegada dos quarenta na Argélia, destacou, com uma foto de meia página, Vera na cadeira de rodas, segurando a cesta de boas-vindas dada pelos argelinos.[969]

Tamanha era a repercussão das imagens de Vera em condição de paraplegia que, três anos depois, em novembro de 1973, o jornal mensal da Anistia Internacional a descreveria como *whellchair girl,* cujas fotografias "apareceram em jornais e revistas de todo o mundo." Além disso, aponta que utilizou suas fotos na cadeira de rodas, tiradas em Argel, como parte da campanha anual e mundial contra a tortura em 1973.[970] Vera, portanto, ficava conhecida internacionalmente.

Sua distinção internacional, construída a partir da chegada em Argel, não se fazia, apenas, pela condição física. A edição de julho de 1970 da revista italiana *L'Europeo* é evidência disso. "A única mulher que raptou o embaixador norte-americano", é o título de uma matéria de cinco páginas, escrita por Giuliano Ferrieri, a partir de uma entrevista com Vera.[971]

Essa entrevista é sintomática de que, embora o exílio seja o questionamento da identidade, a visibilidade internacional era, também, um reforçamento de sua identidade revolucionária. Vera, ao longo da entrevista, ressalta essa identidade. Descrevendo seu processo de libertação, disse que, quando retirada do HCE, teve uma simulação de fuzilamento. Ao ser perguntada sobre quais seriam suas últimas palavras, respondeu: "que vença a revolução."[972]

Detalhando a ação de captura de Elbrick, como também a morte de José Roberto e sua própria prisão, o jornalista perguntou: Pensou em tirar a própria vida? Ao que Vera respondeu, ressaltando a importância da vida para a revolução e da ação revolucionária: "A vida é a maior coisa. Enquanto você está vivo, você pode servir, como também pode ser salvo por seus companheiros, como aconteceu agora."[973]

Por fim, ao falar sobre as torturas e os torturadores, disse:

> Eles não foram capazes de me dobrar. Nem eu, nem os outros companheiros. Mas devemos saber esquecer. Devemos lutar por amor, não por ódio. Pelo amor que cultivamos pelo Brasil. Devemos esquecer que essas atrocidades são obras de brasileiros, esquecer que minhas pernas foram paralisadas pela tortura. Atrofia,

---

[968] Time, 27 jul. 1970, p. 20. *In*: *Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro*. Fundo Vera Sílvia Magalhães, Caixa 7,"Imprensa Internacional".
[969] *Le nouvel observateur,* 28 dez. 1970. p. 49. *In*: *Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro*. Fundo Vera Sílvia Magalhães, Caixa 7,"Imprensa Internacional".
[970] AMNESTY INTERNACIONAL, *Newsletter*, v. 3, n. 11, nov. 1973. p. 1. Disponível em: https://www.amnesty.org/en/documents/nws21/011/1973/en/. Acesso em: 7 dez. 2022.
[971] L'europeo, 2 jul. 1970. p. 28-32. *In*: *Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro*. Fundo Vera Sílvia Magalhães, Caixa 7,"Entrevistas publicadas com Vera".
[972] Ibid., p. 28.
[973] Ibid., p. 32.

> diziam os médicos, em decorrência dos espancamentos e pelo efeito de torção e deslocamento da coluna vertebral.
> Eu não era tão feia e esquelética quando entrei na prisão, em 6 de março, acredite. Em três meses, perdi dezoito quilos. E as pernas.[974]

Sensibilizado, o repórter respondeu: "Você é muito bonita, Vera. E suas pernas vão se curar, disseram os médicos". Vera, confiante na retomada da mobilidade das pernas e no retorno ao Brasil para reintegrar a luta revolucionária, responde, com bom humor: "Sim, tenho certeza. E sem pernas, como voltaria ao Brasil?"[975]

Fortalecia-se, assim, sua identidade revolucionária. Agora, perante o mundo. Especialmente, fortalecia-se sua identidade revolucionária na e pela relação com a ação de captura de Elbrick. Vera, anos depois, ao relembrar a ação de captura, realçou essa construção de identidade:

> Eu tenho orgulho pessoal. Tenho orgulho pois foi uma coisa historicamente importante, como quando uma atriz tem orgulho de ter feito um filme que, mesmo não tendo dado certo numa determinada idade da vida, mas que a lançou. Esse negócio [a ação] me lançou. Não atualmente, estou falando na época. Quem eu era? Minha identidade? Vera Sílvia, sequestradora do embaixador americano.[976]

Assim, em conjunto, a recuperação de parte do universo afetivo, o cotidiano aprazível de Ben-Aknoum, o tratamento médico e as entrevistas que serviam de reforçamento à identidade revolucionária eram estímulos positivos nesse início de exílio.

Nem tudo, entretanto, era alegria. Nas várias entrevistas que Vera concedeu anos depois, são raras as lembranças factuais desse início de exílio na Argélia. Como citou em uma delas, estava inteiramente *out*, condição que remete à tristeza: "Minha tristeza era evidente."[977]

Além da morte de José Roberto, presença constante, havia tristeza pelo caminhar do projeto revolucionário e, também, pela sua condição física. Sua magreza a incomodava muito, algo que fica evidente na entrevista ao jornal italiano. Acresciam-se às dificuldades de um exílio forçado, as perdas pessoais de Vera. Em meio a essa tristeza, Vera encontrou a felicidade de um novo amor.

Em pouco tempo, Vera e Gabeira passavam a maior parte dos dias juntos em Ben-Aknoum. Vera, ao relembrar essa aproximação, ressaltou que Gabeira era sensível ao seu estado de tristeza, percebendo-o. "Ele era o mais sensível do grupo", relembrou Vera. Segundo ela,

---

[974] Ibid.
[975] Ibid.
[976] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 20/07/1998, fita nº 3, lado a, transcrição, p. 10.
[977] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 31/07/1998, fita nº 8, lado a, transcrição, p. 5.

em um dos primeiros diálogos entre eles, Gabeira teria dito que não era possível que ela se restringisse a viver a morte de José Roberto. Deveria encontrar forças para seguir. "Foi assim que começou nosso namoro", recordou ela.[978]

Afinidades outras também jogavam um papel. Gabeira era afeito a psicanálise, além de cultivar uma ironia afiada, próxima à de Vera. Gabeira relembrou que gostava de paquerá-la cantarolando um bolero, lançado em 1960 por Anísio Silva, que brincava com sua condição de paraplegia: "Alguém me disse que tu andas novamente/ De novo amor, nova paixão, todo contente."[979]

Vera ainda não estava andando, mas com a cadeira de rodas encontrou um jeito de chegar ao chalé B-5, onde estava acomodado Gabeira. Ele, após abrir a porta, retirou-a da cadeira de rodas e a colocou no beliche. Receoso, Gabeira ressaltou que aquela era a primeira vez que transava com alguém naquela condição. Vera, com a confiança irônica de sempre, disse, segundo Gabeira: "Mesmo que a gente tenha medo de uma primeira vez, o negócio é tentar, não? Inclusive pode apertar um pouco mais."[980]

O início do namoro de Vera e Gabeira indicava que não eram apenas os argelinos que, ao separarem homens e mulheres, cultivavam uma moral conservadora. Lizst Vieira, integrante da VPR, relembrou que um ex-sargento da VPR ficou "escandalizado" com o namoro rápido entre os dois.[981] Gabeira confirmou essa versão em seu livro, *Crepúsculo do macho*: "Vera era viúva e todos esperavam que apenas sofresse com a morte do companheiro."[982] Em *O que é isso, companheiro?*, também salientou esse aspecto, dizendo que começaram o relacionamento "debaixo da crítica de alguns, que achavam não ter sido cumprido o tempo regulamentar do luto."[983]

Para além da morte de José Roberto, o "escândalo" baseava-se no fato de que, aparentemente, Vera ao chegar na Argélia estava junto a Cid. A relação "tática" que tinham ainda no Brasil, entrecortada pelas dificuldades da vida clandestina, foi retomada, em meio ao início com Gabeira. Lizst inclusive ressaltou esse fato. Escandalizava ela transitar entre os quartos dos homens em Ben-Aknoum, algo que Vera, com o humor costumeiro, relembrou anos

[978] Ibid., p. 7.
[979] GABEIRA, Fernando. Entrevista concedida a Higor Codarin. Rio de Janeiro, 07 de maio de 2019.
[980] GABEIRA, Fernando. *O crepúsculo do macho*. 7. ed. Rio de Janeiro: Codecri, 1980. p. 17
[981] VIERA, Lizst. Entrevista concedida a Higor Codarin, por telefone, no dia 09 de outubro de 2020.
[982] GABEIRA, op. cit., p. 18.
[983] Ibid., p. 54. Por que 1979? Esta nota não se refere à nota 62?

depois: “Eu pegava aquela minha cadeirinha de rodas ia para a casa do Cid. Marcha ré, ia para a casa do Gabeira.”[984]

A postura de Vera não escandalizava apenas membros da VPR. Cid e Daniel, em uma crise ciumenta, também demonstravam resistência ao relacionamento de Vera e Gabeira. Segundo Daniel, em uma das noites em que Vera e Gabeira estavam no chalé, ele e Cid, tomados pelo álcool, batiam, insistentemente na porta, xingando-a de “puta”. Em uma atitude machista e agressiva, demonstrando que não aceitavam que Vera estivesse em outra relação, tentavam perturbá-la e diminuí-la.[985] Apesar de deplorável, Vera manteve a relação de amizade com ambos, talvez em uma evidência de que, àquela altura, não enxergava o ciúme de ambos como uma violência.

Vera era desejada. E, mesmo diante das críticas, seguia firme em sua perspectiva amorosa e política, algo que foi constante em sua trajetória política: “Briguei muito para ser respeitada. Na minha visão de mundo, seja no amor ou na política.”[986]

Em relação à perspectiva política, a estada na Argélia também não era, apenas, de alegria pela libertação.

Passada a euforia inicial, as organizações representadas pelos quarenta recém-libertos iniciaram os balanços políticos da situação em que se encontravam. Cobranças e julgamentos diante do “comportamento” na cadeia construíam um clima de tensão no seio das organizações. Diante do número, cada vez maior, de prisões, discutiam-se suas razões. Contudo, a interpretação corrente dos militantes baseava-se na análise de sua própria prisão, que era descrita “dentro de um contexto muito técnico. Ou seja, interpretavam a sua prisão como um erro individual, cometido no momento precedente à prisão.”[987] Assim, ao contrário de problemas de fundo, gerais, relacionados à estratégia da luta armada, as prisões eram compreendidas como erros individuais.

Coletivamente, realizou-se, ao menos, um balanço conjunto. Daniel Aarão Reis relembrou que foram marcados por um “clima de certa rivalidade, que transparecia às vezes nos contatos, nos encontros.”[988]

---

[984] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 31/07/1998, fita nº 8, lado A, transcrição p. 7.
[985] AARÃO REIS, Daniel. Entrevista concedida a Higor Codarin, no Rio de Janeiro, no dia 19 de setembro de 2019.
[986] MAGALHÃES, Vera Silvia. Entrevista concedida a Denise Rollemberg. *In*: *Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI-UFF)*, política no Brasil: Exílio, 1994, fita 2, lado a.
[987] AARÃO REIS FILHO, Daniel. Entrevista concedida a Denise Rollemberg. *In*: *Arquivo Edgar Leuenroth (AEL/Unicamp)*, Fundo *Militância Política e luta armada no Brasil,* Fita 2, lado a.
[988] Ibid.

Vera também relembrou que foi ali que conheceu, de forma mais profunda, a esquerda armada brasileira. Até então, tinha tido poucos contatos longos com militantes de outras organizações. Sua origem social estudantil, universitária, vinculada à importância que creditava ao exercício teórico, intelectual, fez com que se espantasse com uma espécie de primarismo teórico de parte dos quarenta: "Levei um susto"[989], disse ela anos depois. Em outra entrevista, também ressaltou essa diferença: "A gente era mais articulado teoricamente."[990]

Ao contrário do MR-8, majoritariamente formado por estudantes, a VPR e ALN, maioria dentre os quarenta, tinham maior presença de militantes advindos de "camadas de base" e "camadas de transição", como caracteriza Ridenti.[991] Assim, era maior a presença de setores sociais com menor familiaridade com as discussões teóricas, como: militares de baixa patente, trabalhadores manuais urbanos, lavradores, autônomos. A isso, acrescia-se o fato de que essas organizações, com maiores tendências ao foquismo, acabavam por, em geral, aderir ao antiteoricismo, levando ao paroxismo a máxima de Debray de que "os melhores mestres do marxismo-leninismo eram os inimigos enfrentados." Buscando-se como alternativa à esquerda pré-64, simbolizada no PCB, "muito palavrosa, que falava muito e fazia pouco"[992], predominava, apesar das nuances e matizes, o culto à ação, à prática, em detrimento da teoria.

Apesar de imersos nesse contexto, os militantes do MR-8, incluindo Vera, nunca cederam, completamente, à negação da perspectiva teórica, reflexiva, como forma de realizar a revolução brasileira. Em uma mistura que envolvia a origem predominante de seus quadros e a concepção de partido de vanguarda leninista, realçavam a perspectiva de que sem teoria revolucionária não haveria movimento revolucionário. Apostavam em uma síntese dialética entre a arma da crítica e a crítica das armas, como apontava Marx na *Crítica da filosofia do Direito de Hegel*.[993] A referência à frase de Marx foi, inclusive, inspiração para um jornal mimeografado criado pelos dissidentes ainda nos tempos de fração do PCB e que foi recuperada, justamente, em 1970. Como forma de alimentar o debate teórico entre as organizações de esquerda em um momento desfavorável, o primeiro volume da nova velha revista, de outubro de 1970, é enfático:

---

[989] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 31/07/1998, fita n. 8, lado A, transcrição p. 4.

[990] MAGALHÃES, Vera Silvia. Entrevista concedida a Denise Rollemberg. *In*: *Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI-UFF)*, política no Brasil: Exílio, 1994, fita 2, lado a.

[991] RIDENTI, 2010, p. 277.

[992] AARÃO REIS FILHO, Daniel. Entrevista concedida a Denise Rollemberg. *In*: Arquivo Edgar Leuenroth (AEL/Unicamp), Fundo *Militância Política e luta armada no Brasil,*), fita 2, lado a. Transcrição p. 5

[993] "A arma da crítica não pode, é claro, substituir a crítica da armada, o poder material tem de ser derrubado pelo poder material, mas a teoria também se torna força material quando se apodera das massas." MARX, Karl. *Crítica da filosofia do direito de Hegel. (1843).* São Paulo: Boitempo, 2010. p. 151.

> Arma da Crítica [revista], assim, se define como um instrumento da discussão política e da luta ideológica*, partindo da certeza de que a crítica das armas só garantirá a sua consequência histórica se incorporar entre os seus elementos a arma das críticas política e ideológica.*[994]

Essa diferença no convívio entre os quarenta, seja em relação à importância da teoria, como também à familiaridade em relação aos termos teóricos do arcabouço marxista, foi ressaltada, também, por Maria do Carmo Brito:

> Em termos de quadros, a VPR tinha gente do povão mesmo. Por exemplo, quando fomos exilados os 40 para a Argélia, em troca do embaixador alemão, o Pedro, o Portuga e os demais (de origem humilde) não conseguiam entender nada do que o pessoal intelectualizado do MR-8 dizia – vinham pedir tradução depois.[995]

Apesar disso, alguns militantes de organizações de tendências foquistas, como era o caso de "Jamil Rodrigues", codinome de Ladislau Dowbor, buscavam desenvolver perspectivas teóricas para superar os impasses da esquerda armada. Ainda no Brasil, "Jamil" havia escrito um conjunto de textos que, naquele ano, eram divulgados, conjuntamente, pela VPR sob o nome *O caminho da vanguarda*.[996]

Dos diversos textos que compõem as "teses de Jamil", como os textos ficaram conhecidos, dois foram especialmente debatidos entre Vera e os demais militantes do MR-8: *Quem são as massas?* e *A vanguarda e as massas na primeira fase da revolução.*

No texto *Quem são as massas?* propõe uma análise sobre as massas exploradas no Brasil. O esforço teórico de Jamil tinha por objetivo, segundo Marcelo Ridenti, privilegiar

> [...] a criatividade crítica dentro do marxismo, visando superar o dogmatismo fossilizante da esquerda tradicional, bem como a transposição mecânica de teorias e realidade de outras épocas, para explicar a realidade brasileira dos dias que corriam.[997]

---

[994] MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO 8 DE OUTUBRO, *Arma da Crítica*, n. 1, out. 1970. Arquivo da Memória Operária do Rio de Janeiro(AMORJ), IFCS/UFRJ, fundo Organizações de Esquerda, Série-07, doc. n. 2. p. 2.

[995] BRITO, Maria do Carmo apud RIDENTI, 2010, p. 195.

[996] Para maiores detalhes sobre as chamadas "Teses de Jamil" e a influência delas na esquerda armada, cf. CHAGAS, Fábio André das. As teses de 'Jamil' e a luta armada dos anos 1960-70 no Brasil. *Revista Brasileira de História e Ciências Sociais*, v. 1, n. 2, dez. 2009. Disponível em: https://www.rbhcs.com/rbhcs/article/view/21/21. Acesso em: 3 jul. 2022; CODARIN, Higor. A arma da crítica legitimando a crítica das armas: o debate teórico na esquerda armada brasileira. *Tempos Históricos*, [*s.l.*], v. 23, n. 1, p. 544–574, 2019. DOI: 10.36449/rth.v23i1.20145. Disponível em: https://e-revista.unioeste.br/index.php/temposhistoricos/article/view/20145. Acesso em: 5 dez. 2022; PEZZANIA, Rodrigo. Entre o 'massismo' e o 'militarismo': embates teóricos da luta armada em Fernando de Andrade e Jamil Rodrigues. *OPSIS*, v. 14, n. 1, p. 38-59, 2014, Disponível em: https://www.revistas.ufg.br/Opsis/article/view/28997/17884#.Wzu00tJKjIU. Acesso: 3 jul. 2022; RIDENTI, Marcelo. A Vanguarda Armada e as Massas na Revolução que não ocorreu. *Ciências Sociais Hoje*. São Paulo: Vértice: Editora dos Tribunais: ANPOCS, 1987; ROLLEMBERG, Denise. A Vanguarda Popular Revolucionária: os 'marginais' na revolução brasileira. *In*: MEDEIROS DE MENEZES, Lená; MUNTEAL FILHO, Oswaldo; ROLLEMBERG, Denise (org.). *Olhares sobre o político*: novos ângulos, novas perspectivas. Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 2002. p. 77-88.

[997] RIDENTI, 1987, p. 181.

Neste sentido, promovendo uma reinterpretação da realidade brasileira, percebe que as classes sociais de seu tempo e do Brasil não eram as mesmas que Marx descreveu. A partir disso, desenvolveu a tese de que, nos países subdesenvolvidos, como o Brasil, as "massas economicamente marginalizadas", principalmente em desemprego ou subemprego, têm um peso maior no processo revolucionário em detrimento do proletariado, pois o capitalismo teria mudado sua composição orgânica, substituindo o homem pela máquina.

Contudo, o proletariado, apesar do papel decrescente, mantinha sua importância revolucionária. Em menor número que as massas marginalizadas, não teria condições de realizar a revolução por si, logo, teria como missão estratégica "[...] fornecer o cimento ideológico em torno do qual o conjunto da população encontrará a sua unidade revolucionária, ao lutar por ideais socialistas."[998]

No segundo texto, Jamil tenta equacionar a atuação dos revolucionários para com as massas na primeira fase da revolução, denominada "defensiva estratégica", tendo como objetivo superar os impasses políticos da luta armada. Nesta fase, segundo Jamil, os principais objetivos seriam: "[...] repercussão política nacional junto ao povo, projetando-se como poder alternativo; desafio direto ao poder constituído e repercussão local em áreas de possível desenvolvimento da luta armada."[999] Esses objetivos seriam alcançados através de elementos táticos desenvolvidos na cidade e no campo. Na cidade, seriam realizados através, unicamente, das ações de propaganda armada.

No período de "defensiva estratégica", "não há condição de transformar o apoio popular (no sentido passivo) em força permanente organizada"[1000], ou seja, o objetivo da primeira fase da revolução seria buscar uma vinculação política com a massa e não uma vinculação orgânica.[1001] Em síntese, segundo Ridenti:

> Na primeira fase da revolução, a relação entre vanguarda e massas urbanas deveria ser estabelecida através, em primeiro lugar, do 'contato' com as massas, e não do tradicional 'trabalho de massas', dado o escasso número de quadros e com o 'recrutamento limitado por razões de segurança ou orgânicas.'[1002]

Nesse sentido, portanto, para Jamil, neste primeiro momento, não haveria, diante das debilidades estruturais das organizações armadas, a possibilidade de incorporar novos militantes provindos das massas. Como o próprio Jamil aponta: "[...] contentamo-nos hoje em

---

[998] RODRIGUES apud RIDENTI, 1987, p. 193.
[999] RODRIGUES apud Ibid., p. 201.
[1000] RODRIGUES apud Ibid., p. 202.
[1001] Vinculação política remete ao apoio político da massa às ações armadas. Vinculação orgânica refere-se à transformação desse apoio em força organizada, ou seja, integração aos grupos armados.
[1002] RIDENTI, op. cit., p. 202.

desenvolver a facilidade de recrutamento através da popularização da luta armada, preparando o terreno de amanhã."[1003]

Em conjunto, os textos desvalorizavam a perspectiva de trabalho de massas e, também, alteravam o grupo social fundamental para a realização da revolução. Dentro do contexto geral da luta armada, era um dobrar de aposta nas ações armadas.

Como vimos, essa não era a perspectiva do MR-8. Na linha política escrita por Vera e Franklin Martins, em abril do ano anterior, havia uma perspectiva relacional entre as ações armadas e o trabalho de massas, além de enfatizar a importância do proletariado e do campesinato como primordiais para a revolução.

Diante disso é que Vera e os demais do MR-8 receberam com significativas ressalvas os textos de Jamil em Ben-Aknoum. Em reuniões entre os quatro, Vera, segundo Gabeira, com sua ironia costumeira, e em uma demonstração de que intuía os impasses mais gerais a que estavam submetidos, apontava que a pergunta mais importante, fazendo referência às "teses de Jamil", não era "quem são as massas", mas, sim, "quem somos nós", exilados, isolados da realidade brasileira.[1004]

Vera relembrou, inclusive, que Luiz Eduardo Prado, escreveu um texto também ironizando as "teses de Jamil". Ao contrário d'a revolução dos marginais, fazendo referência ao conceito de "classes economicamente marginalizadas" com potencial revolucionário, Luiz Eduardo nomeou seu texto como "Os marginais da revolução", enfatizando a marginalização social imposta aos militantes da esquerda armada.[1005]

Embora as referências irônicas aos textos de Jamil fossem sintomáticas das rejeições às suas propostas tático-estratégicas e demonstrassem o vislumbre, pouco nítido, de problemas mais gerais relativos à luta armada, não significavam, contudo, a abertura de Vera e dos demais para um questionamento profundo à viabilidade estratégica da luta armada. Ao contrário. A posição dos militantes do MR-8 ficava evidente no texto que escreveram ainda na Argélia, buscando se contrapor aos textos de Jamil. Sob protesto das outras organizações que, segundo Daniel Aarão Reis, menosprezaram o ato de escrever um texto político, em mais um exemplo

[1003] RODRIGUES apud MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO 8 DE OUTUBRO, *Arma da Crítica*, n. 1, out. 1970. Arquivo da Memória Operária do Rio de Janeiro(AMORJ), IFCS/UFRJ, fundo Organizações de Esquerda, Série-7, doc. n. 2. p. 27.
[1004] GABEIRA, 1980, p. 22.
[1005] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 18/07/1998, fita n. 1, lado A, transcrição p. 5.

do contexto antiteoricista, Vera e os demais, fazendo referência às "teses de Jamil", produziram um texto cujo nome é *O problema vanguarda/massa no atual momento histórico*.[1006]

Dialogando, ora explícita, ora implicitamente com os textos de Jamil, o texto aponta como um dos "problemas centrais da Revolução Brasileira o apontar das formas corretas de relacionamento vanguarda/massa, em cada momento tático."[1007]

Como o objetivo estratégico era o mesmo, qual seja, a construção do exército revolucionário, que detinha o poder de transformar a guerra revolucionária em guerra popular, nesse momento, o objetivo tático era, ainda, "a constituição de um embrião desse Exército". Admitia-se, assim, o pouco avanço das organizações de esquerda armada em direção aos objetivos estratégicos.

Apesar da compreensão de que a "situação da esquerda revolucionária, hoje em dia, é difícil." E que as prisões e assassinatos, "em termos de quantidade e qualidade são a expressão mais clara das dificuldades enfrentadas por nós, atualmente"[1008], o texto escrito pelos militantes do MR-8 aponta, em uma clara referência ao imperativo da ofensiva, que, "por mais paradoxal que pareça, a esquerda conta com amplas condições favoráveis para avançar, no caso de saber compreender a razão de seus erros."[1009]

Nessa linha, os erros das esquerdas são superestimados e as ações da ditadura subestimados. Enxergava-se a ditadura com potencial, apenas, repressivo. As mudanças socioeconômicas impostas, autoritariamente, pelos governos militares eram completamente negligenciadas. Gerava-se, assim, um sentimento de otimismo com relação ao futuro da revolução:

> Nunca as condições objetivas foram tão favoráveis para isolar e desgastar, politicamente, a ditadura. Não só o operariado urbano (ARROCHO SALARIAL) está descontente. A tensão se alastra, nas cidades, a todas as camadas empobrecidas, incluindo até pequenos proprietários. No campo, o clima de tensão já é antigo e tem se reforçado (vide 'expulsões' no NE, em função da seca).[1010]

Além disso, em outra evidência de uma visão pouco realista, apontam que, com relação ao apoio popular à guerrilha: "O aplauso é sempre majoritário e, em certos momentos, por ocasião dos sequestros, e/ou em certos lugares, pela tradição de luta local, quase unânime."[1011]

Assim, diante das condições objetivas favoráveis e do virtual apoio popular, restava dizer como realizar a relação entre vanguarda e as massas. Incorporando, em parte, as teses de

---

[1006] MR-8, 1970.
[1007] Ibid., p. 1.
[1008] MR-8, 1970.
[1009] Ibid.
[1010] Ibid.
[1011] Ibid., p. 2

Jamil, Vera e os demais apesar de apontarem a importância fundamental do campesinato e dos operários, abrem espaço para as "camadas empobrecidas". Diante da instabilidade da situação de trabalho, as "camadas empobrecidas" também adquiriam potencial revolucionário. Era, sob outra nomenclatura, as "classes economicamente marginalizadas" de Jamil.

Contudo, resta a pergunta. Se as condições são favoráveis e o apoio popular são possibilidades reais, quais são as razões dos problemas enfrentados pelas organizações? Segundo o texto escrito pelos exilados do MR-8, apesar da simpatia das massas com relação às ações das vanguardas, é "muito importante, porém, não superestimar esses dados. O nível de organização das massas é praticamente nulo."[1012]

O modo encontrado para iniciar a organização das massas era vincular-se ao que os exilados do MR-8 caracterizaram como "setores mais conscientes da massa", que seriam definidos pelos seguintes aspectos:

> (a) seguem com maior atenção a vida política do país, particularmente as ações de vanguarda às quais saúdam com entusiasmo; (b) transmitem, com frequência, suas opiniões e informações aos companheiros; (c) percebem com razoável clareza a exploração a que são submetidas, e se revoltam contra isso, apesar de, na maioria dos casos, estarem longe de ter uma visão do conjunto do processo de exploração; (d) tendem a assumir a liderança em explosões espontâneas, desempenhando frequentemente um papel de instigação à revolta; (e) estão dispostas a participar da luta, variando muito o nível dessa participação.[1013]

Em relação a esses grupos, ao contrário do "contato com as massas" que propunha Jamil, deveriam vincular-se organicamente a eles. Se Jamil, em seus textos, defende que o contato político seria necessário para impedir o desmantelamento das organizações em um primeiro momento, o texto de Vera e os demais aponta que é justamente o isolamento que poderia levá-los à destruição, ressaltando a importância da vinculação orgânica com os "setores mais conscientes da massa":

> os grupos de vanguarda tem caído por se encontrarem em um impasse geral que é demonstrado por vários fenômenos: (1) espontaneísmo geral, (2) desvinculação com os setores mais conscientes, (3) fragilidade ideológica geral. *As causas das quedas, basta ver sua quantidade e qualidade, não são um fenômeno técnico, são um problema histórico de ordem geral [...] a prática demonstra que o apoio de muitas pessoas reforça a segurança, desde que bem aproveitado. [...] a prática também tem demonstrado que fica bem mais difícil à repressão acabar com grupos que se confundem com a massa do que com grupos que residem em aparelhos*.[1014]

Por fim, ressaltando mais uma vez a importância da vinculação orgânica com os "setores mais avançados da massa", o texto faz uma última crítica à perspectiva de Jamil:

[1012] MR-8, 1970, p. 2-3.
[1013] Ibid., p. 4.
[1014] Ibid., p. 9, grifos nossos.

> Deixar que esses setores se percam é perder uma oportunidade histórica que não podemos prever quando se repetirá. Entregá-los às organizações de massa, como deixa implícito o documento anteriormente citado, é, isto sim, uma dispersão de forças incrível, inclusive porque estas organizações farão deles bucha pra canhão, retardando a revolução.[1015]

Nota-se, apesar de algumas divergências com as ideias de Jamil, algumas intersecções. Negligenciavam-se as análises a respeito da movimentação da ditadura, ressaltando, apenas, o caráter repressivo. Sublinhavam-se os erros tático-estratégicos sem uma leitura realista da conjuntura. Criavam-se conceitos a respeito das "massas" revolucionárias em uma tentativa de explicar o isolamento das organizações armadas. Em síntese, apesar da percepção de que as prisões e assassinatos não decorriam de erros técnicos, individuais, o texto escrito pelos exilados do MR-8 não apontava nenhuma crítica em relação à luta armada enquanto estratégia revolucionária. Vera, Gabeira, Daniel e Cid, apesar das constatações, mantinham-se firmes na perspectiva de manutenção da luta revolucionária, assim como propunham as teses de Jamil.

Para isso, jogava um papel, como já dito, o imperativo da ofensiva que os levava ao paroxismo do "ponto de não retorno". Além dos companheiros presos e/ou mortos, acrescia-se um novo elemento: os militantes ainda em luta no Brasil. A eles devia-se a liberdade que desfrutavam na Argélia.

Neste sentido, o cotidiano de Vera e dos demais libertos na Argélia era permeado, fundamentalmente, pelo imperativo de voltar ao Brasil. Defecção e desbunde não eram opções. Em uma evidência dessa atmosfera, Daniel relembrou que, em uma das poucas reuniões conjuntas entre as organizações, membros da VPR leram um comunicado de Carlos Lamarca. Ex-capitão do exército, que havia desertado para se juntar à VPR e tornara-se um dos líderes da esquerda armada brasileira, saudava os quarenta libertos dizendo que os revolucionários no Brasil os aguardavam para o seguimento da luta. O próprio Lamarca diria, mais tarde, que o exílio é o cemitério dos revolucionários.

Além disso, nessa mesma reunião conjunta, foi lido o relato épico do rompimento ao cerco montado pelos militares aos militantes da VPR no treinamento guerrilheiro que realizavam no Vale da Ribeira, em abril de 1970. Destacava-se a presença de um efetivo militar de 1.500 militares para capturar os guerrilheiros e, mesmo assim, Lamarca e os companheiros conseguiram fugir. Para Vera e os demais, que recebiam o relato, era, apesar dos reveses, uma "prova" da vitalidade do movimento revolucionário no Brasil.

[1015] Ibid.

Assim, o cotidiano em Ben-Aknoum aprofundava o imperativo da ofensiva, impulsionando, por sua vez, leituras teóricas que indicassem a permanência dessa forma de luta como necessária para o sucesso da, cada vez mais distante, revolução brasileira.

Além desse aspecto, restrito a dinâmica interna das organizações brasileiras, deve-se ter em conta a função exercida pela rede de contatos políticos estabelecida em Argel. Ainda na chegada no aeroporto, foi possível, através das reportagens, perceber a presença de revolucionários de diversos lugares recepcionando o grupo. Em Ben-Aknoum, estreitaram-se esses contatos, como apontou Lizst Vieira:

> Tivemos contatos com argelinos que lutaram na Frente de Libertação Nacional (FLN) contra os franceses, com angolanos do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), moçambicanos da Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo), militantes do Partido Africano pela Independência de Guiné e Cabo Verde (PAIGC), liderados por Amílcar Cabral [...]. Entre os refugiados, encontramos também alguns portugueses exilados do fascismo, que ainda reinava em Portugal.[1016]

Daniel Aarão Reis relembrou, também, a presença de representantes dos Panteras Negras e palestinos, além de uma visita realizada pelos quarenta a embaixada do Vietnã, onde dialogaram com personalidades diplomáticas vietnamitas. "Argel era um centro de retaguarda de revolucionários de toda a África. Mas não só. [...] [Argel] era uma espécie de capital revolucionária da África e da Ásia ocidental."[1017]

O contato com revolucionários, também exilados, de diversos países e continentes era a materialização do internacionalismo revolucionário. Revolucionários de todo o mundo, parafraseando a frase clássica de Marx e Engels no *Manifesto Comunista,* uniam-se. Embora no exílio, não deixava de ser uma união. União que simbolizava um convite à superação das dificuldades e, por conseguinte, manutenção da luta revolucionária. Vera, apesar das tristezas, estava imersa nessa atmosfera. Sua identidade enquanto revolucionária era reafirmada pela sensação de reconhecimento e pertencimento internacionais.

Além dos contatos com revolucionários da Ásia e África, Ben-Aknoum serviu de ponte para a aproximação entre o grupo dos quarenta e representantes do governo cubano. De todos os contatos com revolucionários de outros países, o mais importante e atrativo foi o aberto com os cubanos.

A relação do governo revolucionário de Cuba com a Argélia remonta aos idos da guerra civil. Em sua perspectiva de solidariedade terceiro-mundista, Cuba, segundo Fábio Cruz, havia prestado assistência militar à FLN durante a guerra de libertação nacional contra os franceses.

[1016] VIEIRA, Lizst. *A busca. Memórias da resistência.* 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2019. p. 77.
[1017] Daniel. Entrevista Denise.

Além de armas e efetivos militares, Cuba disponibilizou, também, treinamento guerrilheiro a militantes argelinos.[1018]

Após a independência da Argélia, o governo argelino estreitou relações com o governo de Fidel Castro. Che Guevara fez algumas viagens a Argel. Em uma delas, em 1965, é que o guerrilheiro argentino tomou conhecimento dos textos teóricos de Régis Debray, apresentado por um amigo em comum. A leitura do texto, segundo as memórias do próprio Debray, é que possibilitaram que Fidel Castro conhecesse o filósofo francês. Foi, portanto, a partir de Argel, que Debray estreitou laços com o governo cubano. Laços que, no limite, possibilitaram-no escrever o livro que influenciou sobremaneira os militantes da esquerda armada brasileira, *Revolução na revolução?*[1019]

Em meio a essa estreita relação, o grupo dos quarenta foi convidado a ir a Cuba. Oficialmente, para assistir às comemorações do dia 26 de julho, mas, sobretudo, para realização de treinamento guerrilheiro na ilha.

Como vimos, Cuba exercia uma força gravitacional importante no contexto revolucionário internacional, especialmente latino-americano. Era, portanto, empolgante a perspectiva de conhecê-la para Vera e os demais. Conhecer o primeiro território livre da América, como se dizia. A utopia realizada.

Além disso, a perspectiva em receber treinamento guerrilheiro no país latino-americana em que a guerrilha tinha chegado ao poder. Receber treinamento guerrilheiro para, enfim, retornar e engrossar as fileiras da revolução brasileira. Entusiasmada, Vera aceitou, assim como Daniel, Cid e Gabeira. Iriam a Cuba.

Vera, longos anos depois, rememorou a decisão de ir a Cuba:

> Eu, particularmente, fui no roldão da minha própria história. Eu não tive o comando. Minha saída era dentro do grupo. Eram os meus amigos. Não sabia, exatamente, se a revolução seria possível ou não. Em que momento histórico. Eu tinha muitas dúvidas. Eu cheguei no meu ponto limite. Achei que tinha dado o que eu podia para construir um projeto revolucionário. E daí? Como você faz um outro projeto? Você está de tal forma emaranhada naquilo... É verdade, houve pessoas que desistiram, que não foram a Cuba. No meu caso, eu tinha que sobreviver a essa tristeza, a esse pessimismo. E

[1018] CRUZ, 2016, p. 60-62.

[1019] Segundo as memórias de Debray, seu amigo, Oswaldo Barreto, ligado às forças de libertação nacional da Venezuela, realizou um encontro com Che Guevara, em Argel, no início de 1965, para o qual mostrou a revista *Les Temps Modernes* em que estava um artigo do filósofo francês a respeito de Cuba. Che Guevara, por ter gostado do conteúdo, levou-o a Fidel, como conta o próprio Debray: "El Che llevó ese ejemplar a Cuba en su equipaje y se lo pasará algunas semanas más tarde, después de traducirlo, al salir para el Congo, a Fidel Castro, que no lee francés. Lo que a este último le dio la idea de invitar al autor (ese fidelista desconocido en el batallón que parece que describe como buen conocedor los callejones sin salida de la guerrilla urbana y las ventajas de la rural)." DEBRAY, Régis. *Alabados sean nuestros señores*: una educación política Espanha. Madrid: Del Taller de Mario Muchnik, 1999. p. 94

Em outro momento, debrucei-me sobre a produção teórico-revolucionária de Debray e a relação do filósofo francês com governo cubano. Para maiores detalhes, cf. CODARIN, Higor. Um intelectual anti-intelectualista: Régis Debray e a revolução cubana. (1964-1967). *Izquierdas*, Santiago, v. 49, p. 3799-3816, 2020.

> como? Readquirindo o que foi a coisa mais vital em mim, que foi o meu projeto revolucionário. Eu tinha que continuar.[1020]

Por um lado, o depoimento de Vera remonta a perspectiva do exílio enquanto missão, seja em relação ao grupo e/ou em relação ao projeto que constitui sua identidade individual. Vinculava-o, inclusive, às emoções, aos afetos construídos. Não seria, portanto, uma decisão baseada no otimismo político, como ela mesmo rememorou: "Eu estava muito pessimista internamente. Não via muito futuro."[1021]

Nesse sentido, a opção de ir a Cuba, mesmo tomada pelo pessimismo e tristeza, com relação ao seu destino pessoal e/ou político, apontam para o que Olivier Fillieule, ao analisar os processos subjetivos de desengajamento militante, denomina como "custo de saída". Esse custo, seguindo a trilha aberta pelo sociólogo francês, material e/ou psíquico, remonta a diversos fatores, como:

> [...] a extensão dos sacrifícios feitos para ingressar no grupo (ritos de iniciação, testes, hierarquização e coesão dos coletivos) e ao grau de socialização no seio do grupo, que resulta, notavelmente, no fortalecimento do laço emocional que varia em função do grau de renúncia às relações exteriores ao grupo (relações familiares e amicais). Em síntese, os fatores regentes da defecção, às vezes tornada impossível pela dependência material ou pela ameaça de ser perseguido como traidor."[1022]

Assim, mesmo que o exílio forçado representasse um questionamento importante ao projeto político, individual e coletivo, de Vera, o "custo de saída" desse projeto, construído por ela e constituinte de sua identidade, era de tal monta que, ao contrário de fazê-la desistir, impelia-a a continuar.

Por outro, a perspectiva de Vera deve ser, também, relativizada. Ao mesmo tempo em que apontava suas críticas e seu pessimismo, também ressaltava: "Nosso desejo era muito forte em voltar ao Brasil e fazer a revolução."[1023]

Sendo assim, é pouco provável que a possibilidade de ir a Cuba não a tenha atraído. Apesar da força exercida pelo imperativo da ofensiva – simbolizado no entendimento de ir a Cuba "no roldão da própria história" – é provável que, contraditoriamente, isso coexistisse com um reforçamento do projeto revolucionário e, consequentemente, da identidade constituída em torno dele. A estadia em Argel, as entrevistas realizadas, que a consolidavam como "a única mulher que capturou o embaixador norte-americano", o contato com revolucionários do mundo

---

[1020] MAGALHÃES, Vera Silvia. Entrevista concedida a Denise Rollemberg. *In*: Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI-UFF), política no Brasil: Exílio, 1994, fita 2, lado a.
[1021] Ibid.
[1022] FILLIEULE; BENNANI-CHRAIBI apud FILLIEULE, Olivier; MATHIEU, Lilian; PÉCHU, Cecile. *Dictionnaire des mouvements sociaux*. Paris: Presses de Sciences Po, 2009. p. 182.
[1023] MAGALHÃES, Vera Silvia. Entrevista concedida a Denise Rollemberg. *In*: Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI-UFF), política no Brasil: Exílio, 1994, fita 2, lado a.

todo e o convite para participar de treinamento guerrilheiro em Cuba eram, combinados, um incentivo à manutenção do projeto revolucionário, mesmo que permeado por tristezas, incertezas, críticas e decepções.

Cerca de um mês depois da chegada em Argel, com o movimento das pernas recuperado, Vera voava em direção a Havana. Chegaria em Cuba em julho.

7.2 O Primeiro Território Livre da *Nuestra America*

Depois do apoio às Ligas Camponesas, ainda antes de 1964, e do apoio à natimorta guerrilha do Caparaó, empreitada do Movimento Nacionalista Revolucionário, vinculado a Leonel Brizola, Cuba , a partir da conferência da OLAS, em 1967, estreitou relações com Carlos Marighella e a ALN. Dava-se início a uma "nova fase de apoio dos cubanos à luta armada no Brasil."[1024] A partir de então, o guerrilheiro baiano passava a ser visto, pelo governo de Fidel Castro, como "principal liderança da revolução brasileira e a ALN a organização com mais condição de fazer a luta armada."[1025]

Com a morte de Marighella, em novembro de 1969, e a relevância de outras organizações, os cubanos passaram a buscar relacionamento com outras siglas da esquerda armada brasileira, apesar da manutenção do protagonismo da ALN.

O convite feito em Argel foi a todas as organizações. Contudo, apenas integrantes da ALN, VPR e MR-8 aceitaram. Assim, nem todos os quarenta foram a Cuba. Dentre os que foram, dividiram-se. Fernando Gabeira, do MR-8, Carlos Eduardo Pires Fleury, da ALN, e Lizst Vieira, pela VPR, indicados pelas organizações como representantes, chegaram antes em Havana. Como convidados oficiais do governo, participariam das solenidades relacionadas ao 26 de julho, data que, em 1953, Fidel e seus companheiros tentaram tomar o quartel Moncada, fato caracterizado como início do processo revolucionário. Vera e os demais seguiram para a ilha pouco depois.

O caminho para a capital cubana não era direto. De Argel, fizeram escala em Casablanca, no Marrocos, para, enfim, chegarem, pouco antes do 26 de julho, na capital revolucionária latino-americana.

A perspectiva de provisoriedade do exílio fica evidente nessa ida a Cuba. Vera, como todos os que rumaram à ilha caribenha, não se preocupou em pedir asilo político ou qualquer tipo de documentação para o governo argelino. Institucionalmente, a Argélia havia aceitado um pedido do governo brasileiro para receber os prisioneiros. Isso não significava imediata concessão de asilo, embora se houvesse pedidos de asilo realizados pelos recém-libertos, é

[1024] ROLLEMBERG, 2001, p. 39.
[1025] Ibid.

provável que seriam concedidos. Àquela altura, Vera e os demais, entretanto, recusavam a institucionalidade. Como aponta Denise Rollemberg, "a não inserção ou a inserção limitada nas sociedades, revelando, mais do que em qualquer outro período, o sentido de provisoriedade do exílio."[1026] Em termos jurídicos, chegavam clandestinamente à capital cubana.

Houve grande empolgação na chegada. No entorno do aeroporto era possível ver *outdoors*. Um deles, com os dizeres: Bem-vindo ao primeiro território livre da América.[1027] Era impactante. Vera, que nunca havia saído do país, chegava ao centro da revolução latino-americana. Uma mística envolvia a ilha e, ainda mais, o treinamento que realizariam.

Ao desembarcarem no aeroporto José Martí, não houve a recepção que tiveram em Argel. Clandestinos, chegavam como pessoas comuns. Logo após o desembarque, receberam documentos e nomes falsos, pelos quais seriam reconhecidos ao longo de toda a estada na ilha. Era a retomada, depois de um curto período, dos nomes de guerra. Vera passava a se chamar Ana Gomes.[1028]

Em seguida ao desembarque, os militantes foram instalados em "aparelhos". Em uma tentativa de "estanquizar" os contatos entre as organizações, cada uma delas foi instalada em um local diferente, sem informações sobre as demais. Os cubanos, apesar de aceitar a ida dos brasileiros ao treinamento, não tinham, com exceção da ALN, total confiança e conhecimento na miríade de organizações de esquerda armada brasileiras. Assim, a divisão atendia às regras de segurança, como também à perspectiva em tomar conhecimento, individualmente, das organizações.

Vera ficaria com os seus companheiros em uma casa confortável, no Vedado, bairro central da capital. Ali, reencontraria Vladimir Palmeira e Maria Augusta que, após serem libertados em troca da vida do embaixador Elbrick, deixaram o México em direção a Cuba.

Vladimir e Maria Augusta estavam em Cuba desde outubro de 1969. Foram a pedido do governo de Fidel Castro, que oferecera, também, treinamento guerrilheiro. Na chegada, concederam diversas entrevistas na ilha, denunciando o governo brasileiro e suas relações com o governo norte-americano, algo que servia aos cubanos como modo de desgastar a imagem dos Estados Unidos.

Apesar da guarida institucional oferecida, Vladimir, desde o Brasil, cultivava diversas críticas políticas ao foquismo cubano e não fazia questão de escondê-las na ilha. Maria Augusta

---

[1026] ROLLEMBERG, 1999, p. 54.
[1027] BENJAMIN, 2013, p. 146.
[1028] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 31/07/1998, fita n. 8, lado A, transcrição p. 13.

relembrou, inclusive, que ele conseguiu acesso à literatura trotskista de origem francesa em Havana, algo que era, apesar de proibido, em virtude da aproximação de Cuba com a União Soviética, tolerado pelos cubanos. Às críticas políticas, acresciam-se críticas à burocracia estatal.

Maria Augusta, apesar de menos crítica que Vladimir, como ela mesma ressaltou, relembrou que, em determinado momento, como forma de punição diante das intransigências dos dois, eles foram deslocados para uma casa em Miraflores, bairro afastado de Havana. Sem dinheiro, sem documentação e sem contatos políticos na ilha, sentiam-se como se estivessem em uma espécie de cárcere. Alimentaram-se por um período significativo de arroz e sardinha, trazidos diariamente por um oficial cubano. "Andávamos Havana inteira. Andávamos para não enlouquecer."[1029]

Neste contexto, o reencontro de Vera, Gabeira, Daniel e Cid com Maria Augusta e Vladimir foi permeado por críticas aos cubanos, capitaneadas por Vladimir. Ele, inclusive, criou, no apartamento em Vedado, um grupo de estudos sobre O Capital de Marx. Ressaltava a importância de realizarem leituras para aproveitar o tempo de exílio, qualificando-se teoricamente enquanto revolucionários, algo que, no contexto antiteoricista, era desvalorizado como prática revolucionária.

O grupo de estudos, segundo Cid, "logo esbarrou na preguiça de alguns."[1030] Numa confluência de fatores, foi sendo secundarizado, especialmente quando passou a concorrer com o treinamento, que se iniciava ainda no segundo semestre de 1970. Embora breve, foi o primeiro contato sistemático de Vera com a obra máxima de Marx.

Com exceção de uma parte dos quarenta, vinculados à VPR que realizaram treinamento separado do grupo de Vera, os grupos brasileiros que treinavam em Cuba a partir de 1967 ficavam conhecidos como "Exércitos da ALN." Vera e os demais do MR-8 integraram-se ao IV Exército. Eram, no total deste grupo, 13 integrantes, sendo cinco mulheres e oito homens.

No geral, a presença feminina nos treinamentos de brasileiros era ínfima. De acordo com um ofício do Centro de Inteligência do Exército brasileiro (CIE) que, de modo surpreendente, mapeou com riqueza de detalhes os treinamentos guerrilheiros realizados na ilha caribenha, foram formados, desde 1965, 10 grupos de brasileiros. Somados, totalizavam 161 militantes, sendo apenas 20 as mulheres. Elas eram, portanto, 12,4% do total de militantes que realizou treinamento. Além disso, as mulheres marcaram presença, apenas, a partir dos grupos

[1029] CARNEIRO, Maria Augusta. Entrevista concedida a Denise Rollemberg. *In*: *Arquivo Edgar Leuenroth (AEL/Unicamp)*, Fundo *Militância Política e luta armada no Brasil,*, fita 1, lado a.
[1030] BENJAMIN, 2013, p. 147.

vinculados à ALN. Antes, os treinamentos eram compostos, exclusivamente, por homens, algo que se relaciona, como vimos, a maior presença feminina nas organizações surgidas no contexto 67/68. Nesse cenário, o IV Exército, do qual Vera fez parte, era uma exceção, pela presença de, aproximadamente, 40% de mulheres.[1031]

O treinamento dado a Vera e os demais era, de maneira geral, padronizado. Na primeira fase, eram levados ao chamado "Ponto Zero", quartel do exército cubano, nos arredores de Havana. Ali, tinham acesso a um treinamento técnico, com cursos ministrados a respeito de armas e explosivos.[1032]

Durante cinco meses, Vera realizou esse treinamento. Familiarizou-se com diversas armas diferentes, dentre elas pistolas e fuzis. Aprendeu a montá-las e desmontá-las, inclusive de olhos fechados, uma exigência dos cubanos. Recebeu instrução e praticou tiro. Além disso, teve aulas sobre formulação e preparação de explosivos artesanais, com mistura de ingredientes facilmente adquiríveis em lojas de ferragens. Diante da origem social estudantil de Vera e dos demais do MR-8, e da parca experiência com armas e explosivos que tiveram no Brasil, a primeira fase do treinamento empolgava. "A gente aprendeu tudo"[1033], relembrou Vera anos depois.

Imersos no contexto da luta armada, embora se opondo à perspectiva que reduzia o aspecto político ao militar, o treinamento em Cuba era uma oportunidade para Vera e os demais incorporarem a perspectiva militar, construindo-se enquanto "quadros políticos-militares". Nesse sentido, a primeira fase impactava-a : "Eles tinham uma metodologia. Como professores eram excelentes. [...] tinha muita coisa útil."[1034]

No "Ponto Zero", para além do treinamento, tinham novos contatos com revolucionários da América central. Daniel Aarão Reis relembrou os encontros com haitianos e dominicanos, simbólicos de Havana como polo revolucionário latino-americano.[1035]

Durante o primeiro treinamento, como voltavam a capital aos finais de semana, buscavam aproveitá-la. Próxima ao apartamento em Vedado, havia a famosa sorveteria Coppelia, localizada na *Calle 23*. Como as filas eram enormes e constantes, Vera e os demais

---

[1031] BRASIL. Ministério do Exército. Centro de Inteligência do Exército. Ofício nº 790-*AI*. 26/12/1972. 108 p. *In*: ARQUIVO NACIONAL, *Fundo Divisão de segurança e informações do Ministério de Relações Exteriores*. Disponível em: https://www.sian.an.gov.br. Acesso em: 20 ago. 2022. Código de referência: BR DFANBSB Z4.REX.APD.128.

[1032] ROLLEMBERG, 2001.

[1033] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 31/07/1998, fita n. 8, lado B, transcrição p. 33.

[1034] Ibid., p. 35.

[1035] AARÃO REIS FILHO, Daniel. Entrevista concedida a Denise Rollemberg. *In*: *Arquivo Edgar Leuenroth (AEL/Unicamp)*, Fundo *Militância Política e luta armada no Brasil,*, fita 3, lado a.

criaram o hábito de tomar sorvete após meia-noite, quando o movimento era mais tranquilo. Além disso, como estavam próximos ao *El Malécon*, aproveitavam-no como local de caminhada, tendo o mar caribenho como paisagem.

O desfrutar da capital cubana também impunha questões e dilemas para Vera. Em sua perspectiva afetivo-sexual, Vera passou por turbulências na relação com Gabeira. Ao contrário de José Roberto, Gabeira tinha dificuldade em aceitar suas relações "táticas". Mesmo sob insatisfações veladas dele que não a criticava abertamente, pela exigência de aparentar abertura emocional, Vera manteve-se firme em suas concepções, como ela mesma relembrou: "eu não abria mão de jeito nenhum!"[1036]Uma dessas relações foi emblemática pela diversidade de aspectos envolvidos.

Entre fins de 1970 e início de 1971, Glauber Rocha exilou-se em Havana. O cineasta brasileiro nutria grande simpatia pela luta armada, desenvolvendo relações com a ALN. Em Cuba, tinha longa e próxima relação com Alfredo Guevara, diretor do Instituto Cubano del Arte e Indústria Cinematográficos (ICAIC). Através do ICAIC, buscava colocar em prática um projeto de longa data, *America Nuestra*.[1037] Apesar de ter servido de base ao roteiro de *Terra em transe*, lançado em 1967, o projeto, modificado diversas vezes, nunca deixou seu horizonte criativo. Imerso no contexto da época, o objetivo de Glauber era dirigir "uma fita radical violenta, divulgando abertamente (e justificando) a criação de diferentes Vietnãs."[1038]

Pouco depois de sua chegada, Glauber soube que o projeto havia sido recusado pelo ICAIC. Como uma espécie de compensação, o Instituto lhe propôs que participasse da produção de *História do Brasil*, projeto de Marcos Medeiros.[1039] Como vimos, Marcos Medeiros, ex-líder estudantil da Faculdade Nacional de Filosofia, era vinculado à então Dissidência da Guanabara até o racha de 1967, quando passou a integrar o PCBR.

Glauber e Marcos, como forma de produzir material para o filme, passaram a entrevistar parte dos guerrilheiros brasileiros em Havana. O local das entrevistas era o hotel *Habana Libre*, que cedera um quarto para sua realização.[1040] Vera, em um dos finais de semana, foi ao hotel. Não é possível saber se foi entrevistada. O encontro com Marcos, no entanto, velho conhecido do movimento estudantil, rendeu uma nova relação "tática".

[1036] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 31/07/1998, fita n. 8, lado A, transcrição p. 14.
[1037] Para maiores detalhes, cf. SILVA, Humberto Pereira da. *Glauber Rocha*: Cinema, Estética e Revolução. Jundiaí: Paco Editorial, 2016. *E-book*
[1038] ROCHA, Glauber apud MAGALHÃES, 2012, p. 365.
[1039] SILVA, 2016, p. 180-181.
[1040] O SONHO de um guerrilheiro em Cuba. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 5 maio 1996. Caderno +Mais! Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/5/05/mais!/12.html. Acesso em: 15 dez. 2022.

Quando saíram do hotel, em busca de um local a *huis clos*, Vera percebeu estarem sendo seguidos por Daniel Herrera, conhecido por ela e os demais como tenente "Olaf", agente cubano treinado pela KGB. Fora ele quem viajou à Argélia para acertar os detalhes do treinamento, como também era ele o intermediário entre os brasileiros e o regime cubano.

No dia seguinte, ao chegar ao apartamento em Vedado, Gabeira a questionou sobre o que havia feito no dia anterior, dando a entender que havia recebido informações sobre o encontro de Vera e Marcos. O nome clandestino de Gabeira, em Cuba, era Ignacio Gomes. O sobrenome em comum, Gomes, indicava que os cubanos tinham conhecimento da relação. Logo, é possível que Olaf tenha-o avisado para alertá-lo sobre um possível caso extraconjugal.[1041]

Esse fato é representativo por diversos fatores. Em uma perspectiva, sintetiza a excepcionalidade – e as dificuldades – de Vera em relação a sua concepção afetivo-sexual, especialmente em uma organização que, dentro do contexto das esquerdas armadas, era considerada uma das mais liberais no quesito dos costumes.

O relatório detalhado do Exército a respeito do treinamento em Cuba ressaltava esse aspecto. Descrevendo comentários gerais feitos em Cuba pelos guerrilheiros brasileiros, apontavam, dentre eles, que "trepar era com a turma do MR-8."[1042] Embora demonstre a perversidade das informações coletadas pelos órgãos de informação brasileiros[1043], o realce a essa característica é sintomático.

Se eram, efetivamente, comentários de militantes de outras organizações, captados por ouvidos infiltrados da ditadura, acabavam por significar uma visão pejorativa das demais organizações diante desse aspecto, capitaneado por Vera. Pode-se supor que simbolizavam, portanto, a manutenção das estigmatizações e dificuldades que permeavam a vida de Vera desde o Brasil.

Para além de representar a perspectiva afetivo-sexual de Vera, seu encontro com Marcos Medeiros sintetiza, também, dois outros aspectos importantes. Por um lado, a liberdade vigiada a que estavam submetidos em Cuba. Sob o imperativo das "normas de segurança", o governo

---

[1041] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 31/07/1998, fita n. 8, lado A, transcrição p. 15.

[1042] BRASIL. Ministério do Exército. Centro de Inteligência do Exército. Informação nº 2452S/102-S1-CIE. Guanabara, 05 out. 1972. p. 7 (numeração arquivo digital). *In*: ARQUIVO NACIONAL, *Fundo Divisão de segurança e informações do Ministério de Relações Exteriores*. Disponível em: https://www.sian.an.gov.br. Acessado em: 20 ago. 2022. Código de referência: BR DFANBSB Z4.SNA.OEP.17.

[1043] No relatório final da Comissão Nacional da Verdade, fica evidente essa predileção órgãos de informação a respeito das relações afetivo-sexuais dos militantes. Para maiores detalhes, cf. BRASIL. Comissão Nacional da Verdade. *Relatório Comissão Nacional da Verdade.* Brasília: CNV, 2014. v. 1, p. 402-403.

cubano, especialmente na figura de Olaf, vigiava, de forma velada, os brasileiros. Embora com livre circulação pela capital, o contato com cubanos comuns era desaconselhado por Olaf, sob o argumento, sempre plausível e justificável, das questões de segurança. Essa liberdade vigiada incomodava Vera que, embora entusiasmada com a primeira parte do treinamento, cultivava críticas em relação a isso.

Por outro, sublinha a força gravitacional exercida pela ilha caribenha no contexto latino-americano, para onde confluíam artistas e revolucionários brasileiros em busca de uma mesma revolução, seja ela estética ou política. Apesar da busca por vias diferentes, encontravam-se no mesmo lugar.

Terminado o curso no "Ponto Zero", os militantes do IV Exército, no início de 1971, deslocaram-se a *Pinar del Rio*, extremo oeste da ilha, para a segunda parte do treinamento. Com objetivo de praticar aspectos da guerrilha rural, foram levados à *sierra*, onde ficaram entre seis e 9 meses. Provavelmente, Vera passou seu aniversário de 23 anos nas montanhas cubanas, onde a mística e o entusiasmo criados em torno de Cuba e do treinamento tornavam-se críticas e decepção.

Na segunda fase, o treinamento consistia em "exercícios militares e de sobrevivência." Alojados em acampamentos na serra cubana, Vera e os demais tinham uma rotina rigorosa. Às cinco horas da manhã soava a sirene. Acordavam e vestiam-se com o uniforme verde-oliva, característico do *Ejercito Rebelde,* carregando uma mochila e um fuzil.

Diversificado, o treinamento incorporava circuito cronometrado de superação obstáculos, marchas na selva, táticas de mobilidade, além de treinamento de tiros. Apesar das marchas serem, normalmente, de algumas horas, foram submetidos a duas longas marchas, com duração de três e sete dias. Nelas, dormiam na mata, em uma simulação de situação real de guerrilha rural. Por fim, havia também exercícios práticos de simulação de combates, momento em que enfrentavam os oficiais cubanos.

Para jovens da classe média urbana do estado da Guanabara, sem nenhuma experiência de trabalho braçal no campo, era algo extremamente exaustivo. Para Vera, especialmente, sem nenhuma vinculação com prática de esportes e exercício físico, foi algo "apavorante". Bolhas no pé, sangramentos, extremo cansaço. "Eu era moça da zona sul [carioca]. Fiquei toda roxa, toda vermelha [...]. Foi o maior sacrifício."[1044] Com exceção de Cid, que tinha maior familiaridade com esportes, de Marília do Amaral, codinome "Tatiana", integrante da ALN, os

[1044] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 31/07/1998, fita n. 9, lado A, transcrição p. 7.

demais tinham grande dificuldade em realizar o treinamento. Maria Augusta, ao relembrá-lo, disse: "Era um pesadelo permanente. A exaustão física era tanta que eu não conseguia dormir pensando no dia seguinte."[1045]

Imersos na atmosfera machista do foquismo que, como vimos, promovia uma divisão clara de papeis e funções entre homens e mulheres na guerrilha, a atitude dos instrutores cubanos com relação às mulheres era de condescendência, fruto da subestimação. Embora não promovessem um treinamento diferenciado para Vera e as demais, os cubanos toleravam a não realização de algumas tarefas pelas mulheres, como a própria Vera relembrou: "[...] é diferente a visão deles, dos homens e das mulheres, era completamente diferente. A exigência não era a mesma. Tanto é que eu dizia: 'Isso aí eu não vou fazer!' E não fazia."[1046]

Apesar de certa condescendência com as mulheres, os cubanos estimulavam a competição no treinamento, desde a cronometragem do circuito de obstáculos até a eleição de comandante das tropas. Em uma dessas eleições, Vera foi escolhida. Estranhou. Sabia que seu desempenho não era condizente com o cargo de comando. Como uma das funções, deveria ficar de guarda enquanto o grupo dormia. Em guarda, sofreu tentativa de abuso por parte do Miguel, instrutor cubano. Percebeu, ali, que sua escolha era para que ficassem sozinhos. Vera, com o fuzil, vociferou contra o instrutor que, diante da postura dela, recuou, como ela mesma relembrou: "Eu estava com o FAL [fuzil] com bala na agulha. Aí disse: Miguel, isso é uma loucura. Se eu tivesse uma raiva maior, te matava! Isso é um absurdo!"[1047]

A tentativa de abuso não se tornou uma questão para o IV Exército. Não há, nos depoimentos dos demais que realizaram treinamento com Vera, menção a essa questão. Nesse sentido, não é possível saber se Vera, diante da violência, guardou-a para si, ou se, pelo contexto da época e pela predominância masculina no treinamento, esse fato foi relativizado e minimizado pelos demais.

Apesar disso, é provável que a tentativa de abuso pelo qual Vera passou tenha contribuído para as críticas que ela cultivava em relação aos cubanos, conforme fazia a segunda parte do treinamento. No geral, as críticas avolumavam-se no IV Exército. Por um lado, apesar das dificuldades e exigências físicas, espantavam-se com a artificialidade da estrutura. De

---

[1045] CARNEIRO, Maria Augusta. Entrevista concedida a Denise Rollemberg. *In*: *Arquivo Edgar Leuenroth (AEL/Unicamp)*, Fundo *Militância Política e luta armada no Brasil,*, fita 1, lado b.
[1046] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 31/07/1998, fita n. 9, lado A, transcrição p. 20.
[1047] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 31/07/1998, fita n. 8, lado B, transcrição p. 30.

acordo com alguns mais críticos, dormir em acampamentos, com chuveiros para tomar banho, não eram condições que reproduziam a realidade. Além disso, as marchas, com exceção de uma, eram feitas por trilhas abertas, algo que, também, não reproduzia condições reais.

Por outro, a formação política dos cubanos, o papel que delegavam à reflexão teórica e a predominância do aspecto militar sobre o político eram objetos principais das críticas, especialmente de Vera e de alguns outros do MR-8. Nessa perspectiva, as críticas não eram homogêneas. Havia, seguindo o jargão comunista, alguns mais à direita, ou seja, mais críticos a Cuba e ao treinamento e outros mais à esquerda, partidários de Cuba e dos cubanos.

À direita, destacavam-se Vladimir e Daniel. Vladimir, inclusive, gostava de ironizar os cubanos. Percebendo o primarismo teórico do instrutor em uma das aulas sobre política na montanha, Vladimir perguntou-o o que era o marxismo. A resposta do instrutor foi sintomática, como relembrou Domingos Fernandes, militante da ALN e participante do IV Exército: "Então, o instrutor falou: 'marxismo... bueno, marxismo, bueno, ... marxismo é del caralho!"[1048]

Por outro lado, à esquerda, estavam Gabeira, Cid e Maria Augusta. O primeiro, jornalista antes de entrar para a luta armada, relembrou que, completamente "fascinado pelos cubanos", reconhecia a "simplicidade dos argumentos", mas "tendia a defendê-los". A revolução realizada era a prova do sucesso: "Afinal, a prática era o critério da verdade."[1049]

Vera, como ela mesma relembrou, posicionava-se ao centro:

> Uns fizeram uma crítica mais profunda, outros menos. Eu acho que estava no meio, entre os mais esquerdistas e os mais à direita. Mas o foco guerrilheiro, daquele jeito, nós vimos que não daria certo de jeito nenhum. Nós não acreditávamos nisso, que o foco guerrilheiro faz a revolução.[1050]

Tania Fayal, militante da ALN que realizava o treinamento junto ao IV Exército, confirmou e realçou a criticidade de Vera, especialmente em relação ao que nomeou como "interferência do modelo cubano no processo revolucionário brasileiro":

> No treinamento se abriu um *front* de debate com os cubanos sobre as possibilidades de que aquilo tudo que se aprendia pudesse ser implantado em outra realidade [como a brasileira].
> Quem tinha mais condições [teóricas] de abrir a boca e debater, debatia. E a Vera era uma das que mais enfrentava a perspectiva de interferência do modelo cubano no processo revolucionário brasileiro.[1051]

[1048] FERNANDES, Domingos apud ROLLEMBERG, 2001, p. 44.
[1049] GABEIRA, 1980, p. 73-74.
[1050] MAGALHÃES, Vera Silvia. Entrevista concedida a Denise Rollemberg. *In*: Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI-UFF), política no Brasil: Exílio, 1994, fita 2, lado a.
[1051] FAYAL, Tania. Entrevista concedida a Higor Codarin, via telefone, no dia 21 de dezembro de 2022.

As críticas ao treinamento, entretanto, não eram comuns dentre os grupos que iam a Cuba para realizá-lo. O IV Exército era uma exceção. Fora o mais crítico e, dentre seus 13 integrantes, Vera e alguns do MR-8 chamavam a atenção pela criticidade, algo que incomodava os cubanos, como ressaltou Mario Japa, que treinou no mesmo período em outro grupo:

> Treinamento era obedecer, treinar para obedecer. O MR-8 questionava mais. Os cubanos se queixavam deles. [...]. Não se discutia a teoria do foco. Para quem estava lá, isto já estava resolvido. Esta discussão continuava no MR-8, talvez entre alguns da ALN. Mas não na VPR.[1052]

Tamanha fora a crítica do MR-8 que, após o fim do treinamento, entre abril e maio, recomendaram que os militantes que haviam sido libertados por uma nova ação de captura de embaixador, não fossem realizar o treinamento em Cuba. Em troca da vida de Giovanni Bucher, embaixador suíço, foram pedidos 70 presos políticos pela VPR. Evidenciando o esgotamento dessa tática de ação, a ditadura endureceu as negociações. Negou a libertação de treze presos políticos que estavam na lista, por terem realizado sequestros ou cometido "crimes de sangue", além de recusar as demais exigências, colocando na ordem do dia a possibilidade de assassinato do embaixador. Carlos Lamarca usou de sua condição de comandante da ação para impedir o assassinato do embaixador, aceitando as contrapartidas da ditadura.[1053]

Os 70 presos políticos pedidos em troca da vida do embaixador foram enviados a Santiago, onde a chapa de esquerda de Salvador Allende recém chegara ao poder. Alguns deles, militantes do MR-8, aguardavam orientações para irem realizar o treinamento e foram desencorajados pelos que estavam na ilha.

Assim, no coração revolucionário latino-americano, Vera decepcionava-se com o primeiro território livre da América. O treinamento, portanto, era, especialmente para Vera, a consolidação de uma visão crítica ao foquismo que, embora em menor medida estava presente desde a linha política de abril de 1969. Colocava a nu a visão de que apenas as armas não eram suficientes para a realizar a revolução.

No entanto, embora criticassem o treinamento e a concepção de Cuba sobre a condução do processo revolucionário, as críticas não se estendiam à luta armada enquanto perspectiva teórico-estratégica. Ao contrário. As notícias que chegavam do Brasil impulsionavam Vera e os demais na ideia de voltar, o quanto antes, à prática revolucionário em território nacional.

Ao fim do treinamento, em 1971, receberam um informe da organização no Brasil. Pouco tempo antes, em março, Carlos Lamarca havia se desligado da VPR e ingressado no MR-

---

[1052] OSAWA, Shizuo apud ROLLEMBERG, 2001, p. 45.
[1053] JOSÉ, Emiliano; MIRANDA; Oldack. *Lamarca, o capitão da guerrilha.* São Paulo: Global, 1980. p. 103-107.

8. Segundo Fábio das Chagas, Lamarca, em sua carta de desligamento da VPR, criticando os métodos da prática política da organização, elegeu-os como um dos motivos de seu desligamento.[1054]

Pode-se inferir que sua decisão se ligava à necessidade de repensar ações de grande vulto como possibilidade de encaminhar a revolução brasileira, e talvez este seja um dos aspectos que o aproximou do MR-8. A recusa do MR-8 em realizar ações de captura de embaixadores, em consonância com a posição de Vera e dos demais, ficou evidente nas discussões da recém-criada Frente Revolucionária.

Em um esboço de coligação entre as organizações da esquerda armada brasileira, a Frente reunia ALN, VPR, PCBR, MRT e MR-8.[1055] Em uma das reuniões, ainda em fins de 1970, houve discussões e divergências com relação à possibilidade de realizar a captura do embaixador suíço. Segundo depoimento atribuído a Manoel Henrique Ferreira, então militante do "Oito", MRT, MR-8 e ALN votaram contra a realização da ação, reforçando que as organizações não tinham condições para fazê-la. Talvez tenha sido a partir dessas reuniões, as quais contavam com a participação de Lamarca representando a VPR, que o *capitão da guerrilha* tenha tido contato com a tática do MR-8, de vincular as ações armadas às necessidades concretas das "massas revolucionárias", relegando para segundo plano ações de grande impacto.

Outro fator que contribuiu para a transferência de Lamarca foi a perspectiva de que havia a possibilidade de desenvolver um trabalho no campo. Com os contatos políticos realizados na Bahia, o MR-8 abriu uma perspectiva de trabalho rural no sertão baiano, em Brotas de Macaúbas, a partir de José Campos Barreto, o "Zequinha". Apesar de ilusória, diante do isolamento crescente das organizações, a possibilidade de atuação no campo exercia grande poder de mobilização para manutenção da crença de que, a exemplo das revoluções vitoriosas na China, Vietnã e Cuba, o campo incendiaria o Brasil e possibilitaria o início da idealizada revolução brasileira.

Principal líder da VPR e, de modo geral, de toda a esquerda armada após a morte de Marighella, o ingresso de Lamarca ao MR-8 foi recebido em Cuba como uma ótima notícia. Vera e os demais sentiam que o MR-8 havia se transformado na maior organização da esquerda

---

[1054] GONÇALVES DAS CHAGAS, Fábio André. *A Vanguarda Popular Revolucionária*: dilemas e perspectivas da luta armada no Brasil (1968-1971). 2000. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2000. p. 105-106. Disponível em: https://osirredentosblog.files.wordpress.com/2015/12/a-vanguarda-popular-revolucionc3a1ria.pdf. Acesso em: 12 set. 2017.

[1055] GORENDER, 2014, p. 217.

revolucionária brasileira.[1056] Efetivamente, o MR-8 era, nesse momento, uma organização para a qual migravam militantes.[1057] Lamarca é o maior exemplo. Contudo, como vimos, era um crescimento antropofágico. Em um misto entre a escassez de informações e o estreitamento da visão diante do imperativo da ofensiva, obnubilavam-se as dificuldades. A conjuntura, ao contrário das evidências, parecia positiva.

O documento que orientava a ação dos militantes no Brasil, produzido em janeiro de 1971, é evidência disso. Em *Orientação para a prática,* a direção do MR-8, contrariando a visão do documento de Vera e dos demais escrito em Argel, constatava melhorias nos índices econômicos do país. Embora contrariasse a visão de estagnação do capitalismo no Brasil, mantinha-se a perspectiva otimista para com a revolução. Incorporando a visão dos exilados a respeito dos chamados "setores mais conscientes da massa", enfatizavam a possibilidade de abertura de trabalho no campo: "Em 1972, se possível antes disso, colocaremos em ação o instrumento principal da guerra revolucionária: a luta armada no campo."[1058]

Assim, o horizonte, depois do treinamento, era deixar Cuba, de acordo com as ordens da organização, preparar a volta ao Brasil para engrossar as fileiras de revolucionários que estavam na *terra*[1059]. Incendiariam o Brasil a partir do campo.

***

Vera, anos depois, ao relembrar as críticas a Cuba, buscou fazer um contraponto, dizendo: "Não é que eu fale mal de Cuba. Seria até injusto. Afinal de contas, sou agradecida pelo que eles fizeram. Tentaram nos ajudar a tomar o poder. Mas, por outro lado, eles estimulavam um delírio. [...] era tudo muito mitificado, por eles mesmos."[1060]

Nesta lembrança de Vera fica evidente uma espécie de dualidade da perspectiva aberta por Cuba aos revolucionários latino-americanos.

[1056] AARÃO REIS, Daniel. Entrevista concedida a Denise Rollemberg. *In*: *Arquivo Edgar Leuenroth (AEL/Unicamp)*, Fundo Militância Política e luta armada no Brasil*,* Fita 4, lado b, transcrição p. 18.

[1057] No segundo semestre de 1970, militantes da ALN e VPR divergindo das orientações das respectivas direções migraram ao MR-8. Pela VPR: Sônia Lafoz, Manoel Henrique Ferreira, Caio Salomé, José Maurício Gradel, Roberto Chagas, Roberto Menks, Carmen Jacomini e Jesus Paredes Souto. Com relação à ALN, transferiram-se para o MR-8: o casal Marilena Villas Boas e Mario Souza Prata, como também José Carlos Avelino e Dirceu Grecco Monteiro. Para maiores informações, cf. Depoimento *atribuído* a Manoel Henrique Ferreira. BNM 036, p. 356.

[1058] MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO 8 DE OUTUBRO. Orientação para a prática*,* 1971, mimeo. p. 2. *In*: *Arquivo da Memória Operária do Rio de Janeiro*, IFCS/UFRJ, fundo Organizações de Esquerda, Série-03, doc. nº 1. p. 5.

[1059] Daniel Aarão Reis, nesse período no exílio, em entrevista para Denise Rollemberg, evidencia a distinção entre os militantes que estavam na *terra,* ou seja, na prática revolucionária e os militantes exilados. Para maiores detalhes, cf. ROLLEMBERG, 1999, p. 140-141.

[1060] MAGALHÃES, Vera Silvia. Entrevista concedida a Denise Rollemberg. *In*: *Laboratório de História Oral e Imagem* (LABHOI-UFF), política no Brasil: Exílio, 1994, fita 2, lado a.

Desde a revolução em 1959, Cuba protagonizou tentativas de assistência aos movimentos revolucionários do Terceiro Mundo. Com o avanço em direção ao socialismo, a partir de 1961, o internacionalismo revolucionário, que deitava raízes profundas nas culturas políticas socialista e comunista, realçava essa perspectiva. Além disso, impunham-se necessidades práticas. Diante do embargo econômico dos Estados Unidos, Cuba isolava-se no contexto latino-americano. Estimular movimentos revolucionários na América Latina era, portanto, um modo indireto de defender a própria revolução. Como aponta Denise Rollemberg, internacionalizar a revolução "para os países latino-americanos se colocou na ordem do dia, como condição para a sobrevivência e consolidação da revolução em Cuba."[1061]

Nesse sentido, o internacionalismo revolucionário cubano baseou-se, também, em uma perspectiva de consolidação de Cuba enquanto farol revolucionário, especialmente latino-americano. Para isso, jogou papel fundamental a construção tático-estratégica do foquismo. Ao contrário de uma leitura sobre o processo revolucionário cubano que realçasse a importância da mobilização social, a visão predominante fora a de que a revolução havia se dado, exclusivamente, a partir de um grupo de homens, armados, nas *sierras*. Cuba, como sintetizava bem Debray, havia encontrado uma nova fórmula revolucionária. Havia feito uma revolução no modo de fazer revolução.

Contudo, embora contassem com o apoio cubano e se baseassem nas perspectivas do foquismo, as tentativas guerrilheiras na América Latina, que pululavam na década de 1960, sobretudo na Venezuela, Colômbia, Guatemala e na Bolívia fracassaram. Acabavam por levar ao cárcere e à morte diversos militantes, dentre eles o próprio Che Guevara, em 1967.

Isolada diante das derrotas, Cuba consolidou sua aproximação com a URSS, comprometendo-se – em troca de auxílio econômico – com a perspectiva de coexistência pacífica no contexto da Guerra Fria. Comprometiam-se, portanto, a não incentivarem grupos e/ou organizações que buscassem tomar o poder, especialmente no continente americano.

Contraditoriamente, a partir de 1968 é que o maior número de brasileiros rumou a Cuba para realizar o treinamento. Qual era a razão de Cuba continuar concedendo treinamento guerrilheiro aos militantes como Vera? Estariam, conscientemente, estimulando, como dizia Vera, um delírio, diante das derrotas sucessivas? Além disso, colocando em xeque os acordos políticos e econômicos com os soviéticos, tão importantes para a sobrevivência da revolução?

Como aponta Denise Rollemberg, Cuba era um disco tocando, simultaneamente, em duas rotações. Uma, comprometida com a URSS diante da derrota dos demais movimentos

[1061] ROLLEMBERG, 2001, p. 14.

revolucionários na América Latina. Outra, enquanto polo revolucionário latino-americano, estimulando o mito da vanguarda:

> Era preciso alimentar, no exterior, o mito do *primeiro território livre da América Latina* e, internamente, dar coesão a um povo que tinha diante de si muitos obstáculos a superar. Era preciso mobilizá-los e fortalecê-los. A perspectiva de exportar a revolução serviu, em última instancia, como um meio de importar a revolução, garanti-la no interior de suas fronteiras e não de levá-las para além delas.[1062]

Apesar dessa perspectiva, isso não quer dizer que os instrutores e idealizadores dos treinamentos estavam, conscientemente, promovendo um "vestibular para o cemitério", como se referiu José Dirceu, militante da ALN, ao treinamento que realizou em Cuba. Alguns dos quadros históricos da revolução estavam relacionados aos treinamentos, como Daniel Alárcon. Conhecido como "Benigno" foi, inclusive, companheiro de Che na guerrilha boliviana. Depois de escapar ao cerco na Bolívia, voltou a Cuba e tornou-se um dos responsáveis pelo treinamento. Vera relembra de tê-lo encontrado. Segundo ela, Benigno havia se proposto a participar, pessoalmente, do processo de volta ao Brasil: "Ele queria ir com a gente para a nossa revolução."[1063]

Assim, os cubanos e, especialmente, os guerrilheiros e instrutores, constituíam e eram constituídos pela crença no foquismo e, consequentemente, no treinamento que davam:

> [...] era uma questão de sobrevivência *acreditar*, apegar-se ao mito que fortalece. O treinamento multiplicaria os guerrilheiros pelo Terceiro Mundo. Acreditava-se nisto, da mesma forma que os cubanos acreditaram no mito da revolução vitoriosa a partir de uns poucos guerrilheiros decididos.[1064]

Para Vera, o treinamento teve, como todo o início de exílio, aspectos contraditórios. Por um lado, a visão crítica com a qual deixava Cuba, era mais uma contribuição à constatação de distância da revolução brasileira. Embora com nuances, alguns, como Daniel, notavam um crescente "desinteresse de Vera" pela luta política e pelos debates políticos. Desinteresse que, dentre os militantes do MR-8, diminuía seu protagonismo perante o grupo. A seiva viva, anterior ao exílio, parecia diminuir.

Por outro, embora houvesse demonstrações cada vez mais claras da inviabilidade de seu projeto revolucionário de vida, a vivência, por um ano na capital da revolução latino-americana servia de reforço. A aspereza do treinamento guerrilheiro junto de seus companheiros, de seu universo afetivo, eram reafirmações de sua identidade.

[1062] ROLLEMBERG, 2001, p. 66.
[1063] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 31/07/1998, fita n. 8, lado B, transcrição p. 35.
[1064] ROLLEMBERG, op. cit., p. 66-67.

Além disso, a mística que envolvia realizar treinamento guerrilheiro em Cuba, o marco zero da revolução latino-americana, era mais um reforço de sua identidade enquanto revolucionária. Sua identidade foi reforçada em diversos aspectos e por diversos atores sociais diferentes. Por um lado, tornava-se reconhecida no contexto da luta armada brasileira, além dos movimentos e organizações socialistas e comunistas internacionais. Por outro, sua identidade revolucionária era reforçava para a própria repressão brasileira, que compreendia o treinamento em Cuba como "um indício importante para a caracterização da periculosidade de um terrorista."[1065]

A empolgação com a luta revolucionária tinha alto e baixos, avançava e retrocedia, em um intercalar de dúvidas e certezas. No entanto, apesar da dubiedade sempre presente, Vera mantinha-se firme na perspectiva de voltar ao Brasil. A volta, no entanto, não seria imediata. Por ora, continuaria sua peregrinação pelo mundo, trocando de países como se trocam de sandálias.

[1065] BRASIL, Ministério do Exército. Centro de Inteligência do Exército, 1972, p. 1.

CAPÍTULO 8 – A DERROTA DE UM CONTINENTE

Estamos todos perplexos
à espera de um congresso
dos mutilados de corpo e alma.
Existe espalhado por aí
de Bonsucesso à Amsterdam
do Jardim Botânico à Paris
de Estocolmo à Frei Caneca
uma multidão de seres
que portam pálidas cicatrizes
esmaecidas pelo tempo
bem vivas na memória envoltas
em cinzas, fios cruzes
oratórios,
elas compõem uma catedral
de vítimas e vitrais
uma Internacional de Feridas.
(Alex Polari)[1066]

Ainda em Havana, o MR-8 definiu as diretrizes para Vera e os demais. Embora voltar ao Brasil fosse a perspectiva, era necessário prepará-la. Esquematizava-se uma rota de retorno. De Cuba, voltariam a Argel. O apoio de Miguel Arraes transformara a capital argelina em importante ponto de apoio no exterior. Do continente africano, rumariam a Santiago no Chile para, enfim, reingressarem, por terra, no Brasil.

Em virtude da clandestinidade e das necessidades operacionais demandadas pelo governo cubano, definiu-se uma ordem de saída em direção a Argel. Primeiro, voltaria Daniel. Seguiam-se, a partir dele, Cid, Maria Augusta, Vera, Vladimir e, por último, Gabeira. A ordem, para além das necessidades práticas, remetia, também, ao critério de chegada em Santiago. Em tese, com um intervalo de cerca de um mês para a viagem de cada um deles, os militantes não se encontrariam na capital argelina.

Diante da clandestinidade, a cronologia da trajetória de Vera no exílio acaba, por vezes, sendo um espectro impreciso. A despeito da inexatidão, os indícios apontam que Vera ficou em Havana até os estertores do ano de 1971. Ainda na capital cubana, possivelmente no início de outubro, Vera soube do assassinato, ocorrido em 17 de setembro, de Carlos Lamarca.

Lamarca, muito procurado pelos órgãos de repressão, havia deixado o estado da Guanabara em junho. Seu destino fora o oeste baiano, tendo em vista o desenvolvimento do trabalho rural na região de Brotas de Macaúbas. Ao contrário da perspectiva do foco guerrilheiro, buscava-se um trabalho político paulatino na região. Após a chegada, Lamarca

[1066] POLARI, 1978, p. 51.

deslocou-se com Zequinha para ao povoado de Buriti Cristalino, local onde a família de Zequinha tinha uma propriedade e onde começariam a desenvolver o trabalho político.

Após uma série de prisões que levaram, inclusive, ao assassinato da militante e companheira de Lamarca, Iara Iavelberg, praticamente toda a estrutura desenvolvida pelo MR-8 na Bahia, seja em Salvador ou no Recôncavo, foi desmantelada. Nesse contexto, chegou-se à localização do *capitão da guerrilha*.[1067]

Diante das informações recolhidas através das torturas, os órgãos de repressão mobilizaram uma grande operação para destruir, por completo, a estrutura do MR-8 na Bahia e, de modo mais importante, capturar Lamarca. Denominada de Operação Pajussara, foi colocada em prática no dia 28 de agosto.[1068]

Apesar da perspectiva oficial ser capturar Lamarca, o que se viu foi o deflagar de uma onda repressiva de tortura e assassinatos no oeste baiano. Em Buriti Cristalino, os agentes policiais assassinaram o irmão de Zequinha, Otoniel Campos Barreto, e Luiz Antônio Santa Bárbara, militante do "Oito". Além deles, torturavam diversos camponeses, incluindo o pai de Zequinha e seu outro irmão, Olderico. Em virtude dos tiros, Lamarca, que acampava em local próximo, conseguiu fugir, acompanhado por Zequinha.

Contudo, ao contrário do sucesso de pouco mais de um ano antes, quando Lamarca e outros militantes da VPR conseguiram escapar do cerco militar na região do Vale da Ribeira, desta vez, Lamarca e Zequinha não escapariam.

Ao contrário da ofensiva surpreendente e misteriosa, pedra angular de toda experiência guerrilheira, o trajeto de Lamarca e Zequinha pelo campo brasileiro, assim como o de Che Guevara nos dias finais do foco guerrilheiro nas selvas bolivianas, era de fuga. O destino, a exemplo de Che, seria o mesmo. Por mais de duas semanas, como uma espécie de animais acuados, Lamarca e Zequinha camuflavam-se pelo árido sertão baiano. Exaustos, famintos e sedentos por água, buscavam romper o cerco, ao mesmo tempo em que as forças físicas se esvaíam. No crepúsculo da caçada aos dois, Zequinha carregava Lamarca nas costas.

Isolados, sem nenhum recurso, enquanto descansavam sob uma árvore, no município de Pintada, foram encontrados pela repressão que, sem prendê-los, assassinou-os no dia 17 de setembro. Tornava-se evidente uma mudança de qualidade no combate às organizações de esquerda armada. As mortes e desaparecimentos aumentavam. Ainda antes de Lamarca, outros

---

[1067] Para maiores detalhes a respeito do ciclo de prisões que levaram ao assassinato de Iara e Lamarca, cf. CODARIN, 2019, p. 275-281.

[1068] Para maiores detalhes do efetivo militar mobilizado, cf. BRASIL. Ministério do Exército. IV Exército. *Operação Pajussara (Relatório)*, 1971. 108 p. Disponível em: http://comissaodaverdade.al.sp.gov.br/upload/001-relatorio-operacao-pajussara.pdf. Acesso em: 20 dez. 2022.

militantes do MR-8 haviam sido assassinados. Em abril, o casal de militantes Marilena Villas Boas Pinto e Mario Souza Prata. No mês seguinte, em maio, o então dirigente da organização, Stuart Angel, que havia sido companheiro de Vera na faculdade de Economia, também fora assassinado. Preso no dia 14, foi levado à base aérea do Galeão e seu corpo nunca foi encontrado.[1069]

Para as organizações de esquerda armada e especialmente para Vera e os demais do MR-8, a notícia do assassinato de Lamarca e Zequinha, culminar da desestruturação do trabalho no campo, era um duro golpe. Outra evidência da inviabilidade da luta armada.

Nas condições em que foi assassinado, isolado no árido sertão baiano, Lamarca se tornava uma representação simbólica do próprio isolamento social das organizações de esquerda armada, como aponta Denise Rollemberg:

> [...] Lamarca no sertão, seco, magro, isolado, à espera de uma revolução que não vinha, que não viria. A chegada dos militares [...] a fuga desesperada de Lamarca e Zequinha, que carregava o capitão que se esvaía, que não sabia que Iara já havia morrido. [...] O isolamento, o cerco, a perseguição, com forças que de tão desproporcionais eram absurdas. O tiro de misericórdia em Lamarca, em Zequinha, na luta armada. Morreram ali, na aridez do sertão, tentando frutificar uma terra infértil. A vida e a morte de Lamarca, como a vida e a morte da luta armada.[1070]

Apesar das perdas e derrotas sucessivas da luta armada no Brasil, Vera mantinha-se na perspectiva de ir a Argel. Mais. Ao relembrar desse período entre o fim do treinamento e a chegada na Argélia, disse: "Eu tinha recuperado minha vontade revolucionária. E eu queria voltar [ao Brasil]."[1071]

De forma contraditória, no momento em que a luta armada sofria grandes reveses, mantinha-se vivo, na vida de Vera, o projeto revolucionário. Por um lado, essa contradição diz respeito às informações que chegavam ao exterior. Não havia um quadro completamente claro sobre a conjuntura das organizações no Brasil. Por outro, dizia respeito, também, ao imperativo da ofensiva e à conjuntura específica de sua vida, com a recuperação de sua saúde, do amor, através da relação com Gabeira, e, também, da recuperação do universo afetivo no convívio com os companheiros. A "tristeza evidente" que permeara sua vida na prisão e na chegada em Argel diminuía. Além disso, o fortalecimento de sua identidade enquanto revolucionária,

---

[1069] Para maiores detalhes sobre o caso de Stuart Angel e a trajetória de sua mãe, Zuzu Angel, em busca da localização de seu corpo, cf. BRASIL. Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2007, p. 160-162; VALLI, Virginia (org.). *Eu, Zuzu Angel, procuro meu filho.* 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1987.

[1070] ROLLEMBERG, Denise. Esquerdas revolucionárias e luta armada. *In*: FERREIRA, Jorge; NEVES, Lucília de Almeida (org.). *O tempo da ditadura. Regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. v. 4, p. 75.

[1071] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 31/07/1998, fita n. 9, lado B, transcrição p. 40.

alimentado, apesar das críticas, pela mística que envolvia o treinamento guerrilheiro em Cuba. Combinadas, impeliam Vera a seguir, mesmo diante de reveses como a morte de Lamarca. Pouco antes do final de 1971, com documentação fornecida pelos cubanos, deixava Havana em direção a Praga. Do mundo comunista no leste europeu, pegou um voo até Argel.

8.1 Vida em Suspenso

Ao contrário de outrora, chegava na capital argelina clandestina, por intermédio dos contatos políticos realizados por Miguel Arraes. Quem intermediava os contatos com Arraes era um velho conhecido de Vera, companheiro de FTA no Brasil, José Sebastião Rios. Na capital, Rios levou Vera a um "aparelho" na periferia, em uma comuna chamada Birkhadem, onde ficaria no aguardo de novas orientações.

Por um período, Vera ficou sozinha. Ao contrário da estada em Ben-Aknoum, em que pouco sentia as diferenças culturais e, especialmente, as diferenças e opressões de gênero, sentiu-as, todas, como um choque em Birkhadem.

Como vimos, a Argélia, país de tradição muçulmana, tornou o Islamismo religião oficial ainda no ano de 1970. Institucionalizavam-se, portanto, as diferenças culturais entre homens e mulheres, os espaços em que cada um deles podia estar, além de um código de práticas que restringiam as liberdades que mulheres ocidentais estavam acostumadas. Ao chegar, Vera não tinha roupas consideradas apropriadas pela cultura islâmica para sair publicamente. Com o pouco dinheiro que recebera de Rios, não tinha recursos para comprá-las. Quando tentou sair pelas ruas de Birkhadem, sentiu a repulsa e as estigmatizações. Maria Augusta relembrou, inclusive, que Vera lhe confidenciou ter sido assediada por um homem que tocou sua vulva.[1072]

Diante da violência e dos impeditivos, Vera permanecia no aparelho, à espera de Rios. "Era uma miséria. Eu não tinha comida", relembrou. Como falava francês, conseguiu se comunicar com uma vizinha que se solidarizou. A partir de então, alimentava-se com a comida entregue pela vizinha.[1073]

Algum tempo depois chegou Vladimir. Foi um alento, tanto pela companhia como pela possibilidade de ter necessidades atendidas. Vladimir saía com liberdade e realizava as funções operacionais da casa. Mesmo em sua companhia, a movimentação de Vera por Birkhadem era limitada. As mulheres eram proibidas de entrar em determinados espaços, como bares. Em um deles, Vera tentou entrar sozinha e o dono do bar pediu para que ela se retirasse, temendo, que

[1072] CARNEIRO, Maria Augusta. Entrevista concedida a Denise Rollemberg. *In*: Arquivo Edgar Leuenroth (AEL/Unicamp), Fundo *Militância Política e luta armada no Brasil,*, fita 1, lado b.
[1073] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 31/07/1998, fita n. 9, lado A, transcrição p. 25.

os demais homens a violentassem fisicamente. “Era horrível. Fiquei um longo período sem sair de casa.”[1074]

Com a chegada de Vladimir, ambos passaram a desconfiar que algo estava errado. Segundo as diretrizes da organização, não deveriam se encontrar em Argel. Pouco tempo depois, a desconfiança aumentou. Souberam que Daniel, Cid e Maria Augusta também estavam, todos, na Argélia. Mais especificamente em Orã, cidade a cerca de 400 quilômetros da capital. Era a constatação de que iam “engarrafando” no continente africano, como relembrou Daniel. Passaram a aventar que a situação da organização no Brasil não era favorável como imaginavam.

A partida para o Chile, que aguardava o sinal verde dos militantes do Brasil, não acontecia. O tempo passava. Vera completou 24 anos em Birkhadem. Apesar do aniversário, a vida em suspenso. Como lembrou Maria Augusta a respeito da vida na Argélia: “Estudava, comia e esperava.”[1075] Aguardar. Verbo que dava o tom a da vida de Vera e os demais. Significando, como diz Thomas Mann, “sentir o tempo e o presente não como um dom, mas como mero obstáculo, significa negar e aniquilar seu valor intrínseco e saltá-los espiritualmente.”[1076]

Além de parecer um hiato no movimento da vida, era uma vida austera, pois os parcos recursos enviados por Rios mal cabiam nas necessidades de Vera e Vladimir, acrescidos das de Daniel, que fora morar em Birkhadem pouco tempo depois. Divididos por três, os recursos se tornavam ainda menores. Mantinham uma dieta cotidiana pouco diversificada. Nas memórias, ressaltavam a lentilha que, pelo preço, era a principal parte da refeição por longos dias.

Uma anedota oferece tons concretos sobre a vida austera em Birkhadem. Embora com poucos recursos, Vera e Daniel tiveram a ideia de comprar uma cadeira para o apartamento, tendo em vista trazer um mínimo de conforto para a vida difícil. Vladimir discordou, esbravejando. Embora o apartamento fosse pobre de mobília, ressaltou que era um artigo desnecessário. Havia outras prioridades, segundo ele. De forma bem-humorada, Vera e Daniel fizeram valer o centralismo democrático. Realizaram uma votação para definir a compra. Como estavam em três, o resultado era óbvio. Voto vencido, Vladimir teve de se submeter. Pouco depois, os dois favoráveis à compra chegaram ao apartamento com a cadeira. Para surpresa de

[1074] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 31/07/1998, fita n. 9, lado B, transcrição p. 31.
[1075] CARNEIRO, Maria Augusta. Entrevista concedida a Denise Rollemberg. *In*: Arquivo Edgar Leuenroth (AEL/Unicamp), Fundo *Militância Política e luta armada no Brasil,*, fita 1, lado b.
[1076] MANN, 2016, p. 277.

ambos, Vladimir foi o primeiro a sentar. Mais. Não a deixava por nenhum instante. Para ir almoçar à mesa, ia sentado na cadeira. Vera e Daniel, vigilantes dos movimentos de Vladimir, esperavam, atentos, para conseguir sentir o prazer de sentar-se no artigo recém comprado. Em vão.[1077]

Nesse tempo em suspenso, além da disputa pela cadeira, Vera, Vladimir e Daniel refugiavam-se nas leituras. Daniel e Vera, para além delas, refugiavam-se, também, no amor. Como ele relembrou, foi um afago na vida áspera na Argélia, além de evidência das desconfianças que pairavam com relação ao futuro da organização:

> Foi um período muito bom. Namoramos muito, conversamos muito. Há uma grande troca, em termos teóricos, entre nós. Começamos a elaborar se nossa organização iria acabar. [...]foi um momento alto, de recuperação de laços, que tínhamos estabelecido depois da conferência de 1969.[1078]

A relação com Daniel foi interrompida pela chegada de Gabeira em Birkhadem, no início de 1972. Diante dos conflitos que tiveram em Cuba a respeito de suas relações paralelas, era impossível que Vera mantivesse as duas relações.

Em meio aos amores, Vera engravidou. Não poderia e não queria ter o filho. Buscou, sem sucesso, maneiras de interromper a gravidez na Argélia. Com Rios, estabeleceu um contato com Carlos Vainer que, depois de preso ainda em 1970, foi solto em troca da libertação do embaixador suíço. Do Chile, foi enviado, pelo MR-8, para a Europa, onde ficara responsável por uma base da organização em Roma, na Itália. Ali, em contato com o Partido Comunista Italiano (PCI), conseguiu uma clínica que realizaria a interrupção.

Diante das dificuldades financeiras, Maurílio Ferreira Lima, deputado cassado em 1968 e aliado de Arraes na Argélia, conseguiu os recursos necessários para Vera ir a Roma. Foi sozinha. Na capital italiana, teve o apoio de Annette Goldberg e Carlos Vainer. Contudo, diante da escassez de dinheiro e do alto custo da interrupção, teve de fazê-la a frio, sem anestesia. "Senti uma dor muito grande", relembrou.[1079]

Era a segunda interrupção de gravidez realizada por ela. Nos depoimentos, a interpretação é semelhante. Diante das condições, apesar da vontade em ser mãe, a maternidade não estava nos planos. O projeto revolucionário era o horizonte.

[1077] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 31/07/1998, fita n. 9, lado B, transcrição p. 45-46.
[1078] AARÃO REIS, Daniel. Entrevista concedida a Higor Codarin, no Rio de Janeiro, no dia 19 de setembro de 2019.
[1079] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 31/07/1998, fita n. 9, lado B, transcrição p. 30.

Depois da rápida passagem por Roma, voltou a Birkhadem. Ali, reunidos todos os seis militantes do MR-8 que estavam na Argélia, receberam, no início de 1972, a visita de Carlos Alberto Muniz, que havia sido alçado à Direção-Geral do MR-8 desde meados de 1970.

Era o primeiro contato com um militante recém-saído do Brasil. Mais. Era o primeiro contato pessoal com um dirigente da organização desde que Vera e os demais voaram para a capital argelina em junho de 1970. Apesar de intuírem as dificuldades pelas quais passava a organização, tendo em vista o engarrafamento no continente africano e as dificuldades financeiras, o contato com Muniz foi permeado por meias verdades. Segundo Daniel: "Muniz nunca nos dava um quadro preciso do que estava se passando no Brasil. Ele não chegava a dizer, propriamente, mas dava a entender que a organização estava indo muito bem e que entraríamos, em pouco tempo, no Brasil."[1080]

Apesar disso, Vladimir conseguiu acesso às Tribunas de Debates do Brasil que Muniz carregava consigo, divulgando-as aos demais. Nelas, ao contrário das boas perspectivas, notava-se a fragilidade da organização e o início de um debate que indicava um processo de autocrítica radical em relação à luta armada.

Para além das Tribunas de Debates que estavam com Muniz, os militantes no Brasil haviam criado um instrumento teórico: *Boletim Central*. Segundo a primeira edição, que não chegara ao conhecimento de Vera e os demais, produzido no início de 1972, os vários reveses impostos ao "Oito" romperam a unidade político-ideológica proposta no *Orientação para a prática*. Com isso, seria necessária uma "análise concreta de nossa situação", para "elaborar um plano rigoroso e harmonioso" com foco "na luta contra a ideologia pequeno-burguesa e o espontaneísmo."[1081]

Espontaneísmo como sinônimo de luta armada: "O militarismo é a expressão política do 'culto à espontaneidade' na conjuntura que vivemos."[1082]

A exemplo das leituras anteriores, a fragilidade teórica foi posta como principal indutor dos erros da organização. Recorrendo ao texto clássico de Lênin, *Que fazer?* apontavam:

> Apesar destas concepções não serem 'novas' no movimento proletário internacional, para nós têm a força (ou devem ter) de uma profunda transformação. No desprezo dos postulados científicos do socialismo e da enorme experiência acumulada pelo proletariado mundial na sua luta encarniçada contra a Burguesia, [...], sem um mínimo

[1080] AARÃO REIS FILHO, Daniel. Entrevista concedida a Denise Rollemberg. Militância Política e luta armada no Brasil*, Arquivo Edgar Leuenroth (AEL/Unicamp)*, fita 4, lado b, transcrição, p. 18.
[1081] MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO 8 DE OUTUBRO. *Boletim Central,* n. 1, 1972b, mimeo. p. 1. *In*: *Arquivo Edgar Leuenroth (AEL/Unicamp), Fundo Gilberto Mathias*, Série 1 (Organizações de Esquerda), Subsérie 3 (Movimento Revolucionário 8 de Outubro).
[1082] Ibid.

> instrumental científico de análise, como 'míseros artesãos', arregaçamos as mangas e nos pusemos a 'influenciar' a realidade.[1083]

Concluindo o argumento: "[...] foi preciso que a realidade destruísse as ilusões vanguardistas, para que iniciássemos um movimento de autocrítica".[1084]

Era uma crítica radical à luta armada. Sendo assim, postulavam a necessidade de realizar um novo congresso para proposição de uma nova linha política. No entanto, ao apontarem a necessidade do congresso, direcionavam o caminho necessário. Como forma de superar o isolamento social, reivindicavam o abandono da luta armada, substituindo-a pela perspectiva clássica de construção do Partido, através da

> [...] penetração na classe operária, formando e assimilando as lideranças de classe e fazendo com que estas, através de nossa agitação e propaganda, assimilem a perspectiva socialista. Para tanto, utilizaremos a imprensa através de nosso jornal o Movimento Operário Independente e da agitação-propaganda clandestina e do trabalho de formação de bases nas empresas.[1085]

Era um retorno à perspectiva clássica de construção de um partido operário: "A tarefa central do movimento socialista é a formação do Movimento Operário Independente e a construção do Partido."[1086]

Apesar de não ser do conhecimento de Vera e dos demais, o *Boletim Central* era uma espécie de resumo, mais bem formulado, do que encontraram nas Tribunas de Debates carregadas por Muniz.

Todo esse debate foi recebido como um choque por Vera e os demais. Distantes da realidade brasileira e da situação das organizações de esquerda armada no Brasil, feridas de morte, custavam a acreditar que a organização estava discutindo o abandono da luta armada. Mais. Sentiam-na como um retrocesso. Parecia um retorno ao passado. Um retorno à posição do PCB, com a qual haviam se digladiado no processo de ruptura e independência nos idos de 1966.

Diante da perplexidade, reforçou-se, entre eles, o ímpeto de voltar ao Brasil. Era necessário participar das discussões para impedir a guinada da organização ao "obreirismo", como Vera e os demais estigmatizavam essa perspectiva. Defendiam uma necessária autocrítica, mas sem o abandono da luta armada.

Apesar das posições políticas que buscavam revisar a perspectiva da luta armada, Muniz mantinha a visão de que a organização estava bem no Brasil. Assim, em meio a dúvidas, desconfianças e incertezas, definiram-se, sob seu comando, os caminhos a seguir. Alguns iriam,

---

[1083] Ibid., p. 2.
[1084] Ibid., p. 3.
[1085] Ibid.
[1086] Ibid., p. 4.

diretamente, a Santiago. Vera, para seu desgosto, era deslocada a Paris, com objetivo de reformular a base na Europa, em uma clara superestimação das forças da organização.

Vera sentiu sua designação para Europa como um rebaixamento. Era distanciada do centro de decisões. A vontade revolucionária que fora, apesar das nuances, reavivada na saída de Cuba, sofria um duplo golpe. Por um lado, a possibilidade de abandono da luta armada. Por outro, ter sido destacada para ir a Europa. Em um momento como aquele, delicado para a organização que ajudara a criar, esperava estar no centro dos debates. Entretanto, seguindo as regras do centralismo democrático, aceitou a decisão. Aceitou-a, também, pois ainda cultivava a perspectiva de voltar ao Brasil. Não sabia mais em qual função, para qual projeto de revolução, mas voltaria. Estava, sobretudo, impaciente e angustiada com a vida em suspenso no exílio argelino: "Eu queria voltar! Não aguentava mais aquele cotidiano. Ser clandestino no exterior, com uma vida sem sentido."[1087]

Ali, em Birkhadem, a vida parecia ter perdido o sentido. Sempre dependente das ações dos outros, especialmente dos homens, além de dependente das recomendações da organização, Vera passou por um processo de perda de autonomia e, também, de infantilização. Característica esta que, em certa medida, era intrínseca ao exílio, mas aumentada para ela como mulher ocidental em um país de tradição e maioria muçulmanas. Queria recuperar o sentido do e no projeto revolucionário, enquanto revolucionária. Também por isso aceitou a função de correspondente em Paris.

Gabeira, por ora, restaria na Argélia, como forma de manutenção da base do MR-8 na capital africana. Como exigência da revolução – mais uma –, Vera afastava-se de seu universo afetivo. Além dos companheiros, era um distanciamento de seu amor. Apesar das dificuldades com Gabeira, amava-o. Entre choros e abraços, despedia-se dele e partia para Paris. "Foi uma despedida trágica", lembrou anos depois.[1088]

Assim, ainda no primeiro semestre de 1972, Vera chegava na capital francesa. Buscaria exercer sua função, como era a diretriz da organização.

8.2 Velho Continente, Novas Referências

O objetivo de Vera em Paris era coordenar a base do MR-8 na Europa. Superestimada, era formada por pouquíssimos militantes, que talvez não chegassem a 10, divididos em dois "aparelhos", localizados no 4º e no 14º *arrondissement*.

[1087] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 31/07/1998, fita n. 9, lado B, transcrição p. 40.
[1088] Ibid., transcrição, p. 34.

A base na Europa era responsável por conseguir realizar falsificação de documentos, propagandas contra a ditadura e, se fosse possível, angariar recursos para a organização. A propaganda contra a ditadura brasileira e em relação aos avanços da luta armada no Brasil seriam realizada através do *Resistência*, que passara a ser editado, também, na exílio. Na França, Vera continuava clandestina. Ali, recebeu um passaporte brasileiro que fora roubado em uma festa de brasileiros em Paris. Para as autoridades, a partir dali, chamava-se Maria Cristina Bittencourt.

Quando tomou contato com os militantes em Paris, percebeu uma situação dramática. Descolados da realidade, alguns desenvolviam ideias mirabolantes e irrealizáveis, além da demonstração certo desespero. Aventavam a possibilidade de assaltos a bancos na capital francesa, cuja viabilidade era impossível. Vera, na condição de dirigente, ordenou que não os realizassem. A alguns, que aventavam a possibilidade de realização de justiçamentos, puniu com a expulsão da organização. Outros, foram rebaixados. Deixavam de ser quadros. Já reduzidos, diante das ideias irrealizáveis e disparatadas, Vera acabava por reduzir, ainda mais, a base em Paris.

Ao longo desse período, tinha, como ela mesma relembrou, uma "vida de aparelho". Às vezes, quando sobrava algo do pouquíssimo dinheiro que recebia da organização, ia ao cinema. Apesar das dificuldades, impactava-se com a beleza da cidade. Sua cultura francófila parecia tornar-se concreta. No mais, aproveitava Paris como uma espécie de *flâneuse* solitária. Não encontrava ninguém que não fosse ligado ao MR-8.

Pouco tempo depois de começar a coordenar a base europeia, entretanto, recebeu uma recomendação da organização. A recomendação que esperava desde a saída de Havana: voltaria ao Brasil.

A possibilidade de retorno era sob o disfarce de costureira baseada em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense. Provavelmente, seria deslocada para a região tendo em vista retomar os contatos com a classe operária, como estava no horizonte da nova perspectiva política. Ficou em dúvida. Atraía-a a vontade de voltar. Sonhava com essa possibilidade. Parecia, no entanto, uma fachada frágil. Não tinha nenhuma experiência com corte e costura. Mais. Lembrava do aviso dado pelos militares no avião a caminho de Argel. Aos banidos, caso voltassem e fossem presos, seriam mortos.

Embora não soubesse, Vera era, desde a saída do Brasil, monitorada pelos órgãos de inteligência da ditadura brasileira. Acompanhavam-na, especialmente, a partir de suas denúncias de tortura em Argel. Suas fotos, sem o movimento das pernas, correndo o mundo, contribuíram ao desgaste da imagem do Brasil no exterior. Tamanha fora a importância dada

ao caso de Vera que, ainda em 1970, o então general-presidente Médici recebeu um dossiê completo sobre seu caso, com o título: "A paralisia da 'torturada' Vera Sílvia Magalhães."[1089]

Com objetivo de desmontar a ideia de que Vera havia ficado paraplégica em decorrência das torturas, o dossiê era extenso. Para além de uma ficha com os crimes que cometeu e do histórico do MR-8, apresentava laudos médicos e prontuários com os medicamentos e tratamentos que recebeu, demonstrando que Vera teria tido acesso ao "melhor e mais completo tratamento possível no HCE."[1090]

A existência desse relatório e a chegada dele nas mãos de Médici, indicavam que sua caminhada no exterior era, portanto, acompanhada com atenção. O relatório sobre o treinamento em Cuba, extremamente detalhado, aponta para esse mesmo sentido. Os militares, através de infiltrados nas organizações, conseguiam mapear, mesmo que de forma entrecortada, os passos dos exilados, incluindo os de Vera. Sua entrada no Brasil seria, portanto, um risco. Diante disso, caso fosse presa, possivelmente seria executada.

Ainda em dúvida, recebeu uma visita surpresa de Gabeira em Paris. Quando soube que Vera tinha recebido a ordem de voltar, encontrou uma maneira de chegar à capital francesa. O reencontro era, ao mesmo tempo, tenso e feliz. Gabeira era contra sua ida ao Brasil. Percebia a fragilidade da proposta e dizia que se Vera fosse, estava indo para a morte.

As dúvidas que ela própria tinha foram realçadas por Gabeira. Diante disso, não aceitou. Não voltaria. Com exceção da recomendação em ir coordenar a base de Salvador, pós-captura de Elbrick nos idos de 1969, essa era a primeira ordem da organização que Vera descumpria.

Abandonar a recomendação de voltar ao Brasil, algo que tanto desejava, indicava um desprendimento parcial do projeto revolucionário. Se, antes, a vida do projeto revolucionário coletivo sobrepunha-se a sua vida individual ou, em outras palavras, colocava sua vida individual ao dispor do projeto, a decisão de não aceitar era, ao menos parcialmente, uma reavaliação dessa vinculação. Era, portanto, sinal do desengajamento militante. Mais. Além da decisão de não aceitar, pouco depois decidiu mudar-se para Berlim Ocidental, tendo em vista uma proposta de trabalho. Como relembrou Gabeira: "Nem ficar na França seria possível para nós dois, pois não havia nenhum dinheiro para nos manter."[1091]

Em meio às dificuldades financeiras, as quais a organização não mais supria, precisavam trabalhar. A vida prática, pouco a pouco, impunha-se sobre o sonho revolucionário. Com ela, distanciava-se da revolução. Vera e Gabeira, entretanto, manteriam suas atividades militantes:

[1089] BRASIL, Ministério da Justiça, 1970, p. 13.
[1090] BRASIL, Ministério da Justiça, 1970, p. 18.
[1091] GABEIRA, 1980, p. 105.

"Seríamos trabalhadores durante o dia e, à noite, cuidaríamos da direção da propaganda na Europa."[1092]

Depois de pouco tempo na capital francesa, agora ainda mais distante do Brasil e da revolução brasileira, Berlim Ocidental era o destino. Iria com Gabeira, que também não voltaria à Argélia. Juntos, buscavam a manutenção prática de suas vidas no continente europeu.

Chegavam em meados da primavera de 1972 na capital alemã fraturada pela Guerra Fria. Estavam, apenas, com cem dólares nos bolsos, algumas roupas doadas por amigos, passaportes falsos e "cheios de esperança diante do novo lugar."[1093]

Hélio Alves Pinto, mais conhecido como Helinho, velho companheiro do movimento estudantil no Brasil, é quem os havia aberto essa oportunidade. Morava em um quarto no prédio estudantil do bairro de *Charlotenburg*, localizado na *Mallwitzstrasse*. Era um apartamento modesto, menos de 20 metros quadrados, onde não havia divisão entre os cômodos. Generoso, Helinho passou a dividir um quarto com sua namorada para deixar Vera e Gabeira a sós no seu. No prédio, reuniam-se diversos imigrantes. Barato, era o que imigrantes com poucos recursos podiam pagar. Alguns, como Vera e Gabeira, ilegais. Uma moradia "velha, esquisita, cheia de gente suspeita"[1094], relembrou Vera. Passavam, então, a fazer parte dos que era chamados de "gente suspeita."

Pouco depois da chegada, no período de férias de verão, com documentos falsos da universidade de Berlim, conseguiram trabalho. Vera trabalhava às madrugadas em uma fábrica de velas. Uma rotina desgastante. Saía de *Charlotenburg* às três horas da manhã. Com um trajeto de uma hora até a fábrica, seu expediente começava às quatro. Voltava ao apartamento por volta das cinco horas da tarde. Era um trabalho difícil, não apenas pelo horário, mas também pelo "autoritarismo dos controladores de qualidade."[1095] Gabeira, embora tenha conseguido um trabalho que, a exemplo de Vera, não demandava qualificação, tinha uma função menos desgastante em uma fábrica de calças, denotando, uma vez mais, diferenças de gênero, agora no mundo do trabalho.

Como estudantes estrangeiros, ilegais, aceitavam o que aparecia. Como complemento da renda, aceitaram, também, a função de encadernar, aos domingos, o semanário de esquerda

---

[1092] Ibid.
[1093] GABEIRA, 1980, p. 107.
[1094] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 12/08/1998, fita n. 9, lado B, transcrição p. 28.
[1095] Ibid., p. 111.

Berlin Extra Dienst. Como relembrou Gabeira: "Começávamos às quatro horas da tarde e terminávamos as oito. O dinheiro que ganhávamos garantia a comida da semana."[1096]

Apesar da dureza, com os trabalhos conseguiam viver com certa autonomia em Berlim. Vera tinha uma vida mais solta, em parte livre das tarefas de militância. Apesar de ainda presentes, as tarefas não tomavam a totalidade da vida, dividida, agora, também com o trabalho. Além disso, desenvolveu relativa vida social na capital alemã.

Por um lado, recebeu a visita de sua irmã Ana Lucia. Era a primeira vez que a via desde a prisão. Ana foi a Alemanha Ocidental para passar uma temporada com o filho André e o marido Fernando Barros, como modo, também, de ajudar Vera.[1097] O sobrinho André, que por vezes fora levado por Vera para realizar levantamentos de ações ainda no estado da Guanabara, relembrou que ali que teve o primeiro contato, efetivo, com a tia. Um contato sempre permeado por uma espécie de não dito. Chamava-a de Vera quando estavam em casa e na rua de tia "Elisa". O mesmo com Gabeira. Em casa, era tio Fernando. Na rua, tio "Joaquim". "Elisa" e "Joaquim", codinomes que utilizavam na Alemanha. Apesar da felicidade em revê-la, era um choque para André as dificuldades financeiras do exílio da tia: "Me lembro que quando chegamos, o vizinho deu a ela um baú de roupas, como se dá para os pobres."[1098]

De todo modo, era um feliz reencontro. Ana Lucia, Fernando Barros e André ficariam hospedados no apartamento de Arthur Poerner, localizado na *Steinfensandstrasse,* também em *Charlotenburg*.[1099] Quando estavam disponíveis, conheciam, juntos, a cidade.

Para além do convívio e dos passeios turísticos com a família, Vera abria-se para uma espécie de vida universitária na Universidade de Berlim.

Além das refeições, baratas, que fazia no campus, passou a ser presença constante no Instituto Latino-Americano da universidade. Apesar de não falar alemão e ter dificuldade com o idioma, eram comuns as discussões, no Instituto, serem em espanhol, idioma que acompanhava com mais facilidade.

Nas salas da Universidade de Berlim e nas discussões que aconteciam no prédio em *Charlottenburg*, Vera ampliava seu leque de referências. "Eu engolia os livros, um atrás do outro", relembrou. Conheceu, ali, a sociologia de Pierre Bourdieu e suas pesquisas a respeito do simbólico. Além disso, aproximou-se da Teoria Crítica, especialmente com as contribuições

---

[1096] Ibid.
[1097] MAGALHÃES BARROS, Ana Lucia. Entrevista concedida a Higor Codarin. Rio de Janeiro, 2 de abril de 2019.
[1098] BARROS, André. Entrevista concedida a Higor Codarin. Rio de Janeiro, 2 de agosto de 2019.
[1099] Ibid.

teóricas de Theodor Adorno. “Eu meti a cara na Escola de Frankfurt.” Fez, também, um curso breve sobre *O capital* no Instituto Latino-Americano.[1100]

As leituras não eram, apenas, teórico-científicas. Abria o leque, também, das referências literárias. Aprofundava-se na literatura russa, especialmente Tolstói que nunca havia lido. A abertura para a literatura foi contribuição, especialmente, de Gabeira. A vivência em Berlim Ocidental era o ponto alto da relação entre os dois. Acrescentaram-se mutuamente, em termos amorosos, culturais e intelectuais, como Vera relembrou:

> Na Alemanha se abriu a grande troca na minha relação com Gabeira. Acho que ali ele entende finalmente o que eu chamava de liberdade, um amor sem constrangimento. Ele finalmente entendeu isso. E eu finalmente entendi que para conversar com ele eu tinha que abrir meu leque de leituras. Eu sentia que a relação havia enriquecido.[1101]

Era um bom momento. Vera voltava, também, a fazer análise. Através dos contatos no Instituto Latino-Americano, conheceu um rapaz chamado Thomas, apelidado por Vera de Thomas pequeno em oposição ao professor do instituto que também se chamava Thomas e, diante da altura, era chamado de Thomas grande. Desenvolveria com Thomas, o pequeno, uma relação tática. Apesar da beleza dele, a relação não durou por recomendação de Gabeira e Helinho. Ao contrário de um cerceamento da liberdade sexual de Vera, a restrição era mais que justificável. Thomas era próximo ao grupo de extrema-esquerda alemã *Baader-Meinhof*. Como eram clandestinos, moravam em local suspeito e não tinham retaguarda na Europa, era uma vulnerabilidade. Não podiam ser extraditados ao Brasil.

Apesar da relação efêmera, conseguira, com Thomas, o contato de um psicanalista brasileiro. Fez, com ele, dois meses de análise em um local chamado *Fabrik*, nos arredores de Berlim Ocidental. Em conjunto com um psiquiatra alemão, o psicanalista brasileiro buscava, em uma fábrica abandonada do século XIX, realizar uma experiência baseada nos preceitos da antipsiquiatria de Ronald Laing.

Psicanalista e psiquiatra escocês, Lang buscou, desde o início dos anos 60, construir uma nova abordagem a respeito de pessoas esquizoides e esquizofrênicas, lançando inovadora interpretação a respeito da “loucura e do processo de enlouquecimento.”[1102]

Compreendendo o ser humano em uma perspectiva relacional, ou seja, através de sua relação com o outro e com o mundo, Laing, situado na “tradição existencial”[1103], demonstra a

---

[1100] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 15/08/1998, fita n. 10, lado A, transcrição p. 28.
[1101] Ibid., transcrição p. 25.
[1102] LAING, Ronald. *O eu dividido*: estudo existencial da sanidade e da loucura. Petrópolis: Vozes, 1973. p. 5.
[1103] Tradição da filosofia fenomenológica-existencial, baseada em diversos filósofos sem se filiar, exclusivamente, em nenhum deles.

importância da loucura como fenômeno produzido e reproduzido socialmente. Mais. Aponta para a necessidade da compreensão de que a própria definição diagnóstica da psiquiatria clássica a respeito da loucura é arbitrária:

> Ao atestar que alguém é louco não ponho em dúvida que ele seja desequilibrado, talvez perigoso para si mesmo e para os outros, e exija atenção e cuidados num hospital para doentes mentais. Ao mesmo tempo, estou cônscio de que, em minha opinião, existem outras pessoas consideradas sadias, cuja mente é radicalmente doentia, podendo também constituir um perigo para si mesmas e para os outros, e a quem a sociedade não considera psicopatas e destinadas a um hospício. Sei que o homem a quem se considera alucinado pode estar, em sua ilusão, dizendo a verdade, não em sentido equívoco ou metafórico, mas literalmente, e que a mente perturbada do esquizofrênico talvez receba luzes que não penetrem a mente intacta de pessoas sadias, de mentalidade fechada.[1104]

Promovendo, assim, um questionamento incisivo a respeito das perspectivas diagnóstica e prática da psiquiatria clássica, Laing fora um dos principais teóricos do movimento antipsiquiatria, junto de David Cooper, Thomas Szasz e Michel Foucault, iniciado em 1960.

Em conjunto, apesar das diferenças, buscavam demonstrar que a psiquiatria clássica, ao caracterizar a loucura como "doença, alienação, desajuste, irracionalidade e perversão", promove a estigmatização e a exclusão social. Tradução "mais completa dessa exclusão, controle e violência", é o manicômio: "Seus muros escondem a violência (física e simbólica) através de uma roupagem protetora que desculpabiliza a sociedade e descontextualiza os processos sócio-históricos da produção e reprodução da loucura."[1105]

O que estava diante de Vera na *Fabrik* era, portanto, algo inovador. Reuniam-se, ali, não apenas pessoas com transtornos mentais, mas, de modo geral, marginalizados de todas as margens. Ao contrário da internação compulsória, era um local onde indivíduos, que estivessem dispostos a algum tratamento, acessavam tratamentos outros, baseados no pressuposto da liberdade. Como Vera relembrou: "Era um outro momento da história da psiquiatria. Eu me aproximei do pessoal. A gente saía juntos. Uma experiência incrível, inusitada!"[1106]

Essa experiência deve ter calado fundo em Vera. Despontava como uma via alternativa para sua própria família. Família que vira na infância, nas figuras da vó Heloísa e da tia-avó, entre idas e vindas aos hospitais psiquiátricos, envoltas em crises, submetidas a internações compulsórias e a tratamentos violentos e dolorosos. Talvez, ali, Vera tenha reconhecido, na

---

[1104] LAING, 1973, p. 13-14.
[1105] LÜCHMANN, Lígia Helena Hahn; RODRIGUES, Jefferson. O movimento antimanicomial no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 12, n. 2, p. 399-407, 2007. p. 402. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1413-81232007000200016. Acesso em: 27 dez. 2022.
[1106] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 15/08/1998, fita n. 10, lado A, transcrição p. 26.

liberdade dos não convencionais, a liberdade e o tratamento que sua família, atravessada pelas crises, também poderia ter tido.

Assim, as referências todas, teóricas e práticas, apreendidas no novo universo de leituras, como também na experiência inovadora com a psicanálise na *Fabrik*, apareciam, em conjunto, como alternativas, atualizações, oxigenações às referências da vida de Vera. De algum modo, a vivência em Berlim perturbava as principais referências teórico-políticas que Vera tinha tido até então. Apesar de, como vimos, ter uma abertura de leituras maior que a média dos militantes da esquerda armada brasileira, a estada em Berlim abria um novo leque de referências.

A vivência enriquecedora na capital alemã, além do minguar das atividades políticas do MR-8 no Brasil, contribuíam para um distanciamento, ainda maior, de Vera com relação à militância. Pensava, com cada vez mais frequência, na possibilidade de deixar de militar pela organização. Contudo, não o faria a distância. Diante das informações de que a maioria dos militantes do MR-8 estava em Santiago e discutiam os rumos da organização, colocou como objetivo rumar à capital chilena.

Eram seus amigos todos que estavam lá. Com os quais havia construído sua identidade revolucionária. Além do mais, Vera e Gabeira acompanhavam, com atenção, a conjuntura radicalizada que permeava o governo de esquerda de Salvador Allende, no Chile. Com o dinheiro que haviam guardado, era possível comprar as passagens.

Em meio ao rigoroso inverno alemão, abria-se o ano de 1973. Com ele, consolidava-se a certeza de rumar a Santiago. As razões, afetivo-políticas, confundiam-se no mesmo objetivo. O internacionalismo revolucionário latino-americano era, assim, uma maneira de se aproximar da distante revolução brasileira:

> A minha finalidade de ir ao Chile era me desligar pessoalmente. Não achava justo me desligar por carta. Tinha tanta ligação com a organização. [...]. [Então] tinha um lado formal. Um lado de esmero. Mas eu ia também recuperar alguma coisa da vida que eu queria... eu sabia que havia uma revolução em processo. Havia uma atração. Era um polo revolucionário se colocando. Mas eram meus companheiros todos que estavam lá. A maioria absoluta! [...] Eu recompus meu universo afetivo.[1107]

Como diria Gabeira, anos depois: "O centro do mundo, do nosso mundo, estava se deslocando para Santiago."[1108] No Chile chegariam, em fevereiro de 1973.

8.3 A Nova Capital do Exílio

[1107] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 12/08/1998, fita n. 9, lado A, transcrição p. 22.
[1108] GABEIRA, 1980, p. 107.

A atração exercida pelo Chile nos militantes de esquerda latino-americanos tinha uma razão particular de ser. Em 1970, pela primeira vez, uma coalizão de esquerda, a Unidade Popular, integrada pelo Partido Socialista (PS), Partido Comunista (PC), Partido Radical, Movimento de Ação Popular Unificado (MAPU), Partido Social-Democrata e Ação Popular Independente, venceu as eleições para a presidência da república. Liderada pelo Partido Socialista, a UP chegava ao poder comandada por Salvador Allende.

Ao contrário do que preconizavam as diversas organizações que surgiam na América Latina influenciadas pela revolução cubana, a Unidade Popular, apesar das divergências internas, propunha o que ficou conhecido como "via chilena ao socialismo" ou, nas palavras de Allende, uma *revolución con sabor a empanadas y vino tinto*. Apresentava-se como para uma tentativa de desenvolvimento do socialismo pela via institucional, democrática, sem luta armada e/ou tomada do poder pela violência e baseada, sobretudo, na participação popular.[1109]

A experiencia chilena exercia significativa força gravitacional, especialmente aos latino-americanos que, em sua grande maioria, vinham de realidades nacionais reacionárias e/ou ditatoriais, como aponta Denise Rollemberg:

> Notícias da experiência chilena corriam o mundo, empolgavam as esquerdas ansiosas por ver de perto o socialismo com intensa participação popular e viver essa efervescência, perspectivas estimulantes para os latino-americanos pouco habituados à tradição democrática, partindo de países já imersos em ditaduras. Santiago foi o refúgio de muitos brasileiros. A nova capital do exílio.[1110]

Estimativas compiladas pela Anistia Internacional, em relatório produzido após o golpe de Estado que derrubou Allende, confirmam o argumento de Rollemberg. De 13.000 a 15.000 exilados latino-americanos, dentre eles 1.200 brasileiros, estiveram no Chile durante o governo da Unidade Popular.[1111]

Inseridos neste contexto, Vera e Gabeira rumavam a Santiago. Apesar do dinheiro guardado, um imprevisto parecia ser impeditivo à viagem. Em uma rápida passagem por Roma, Gabeira, que levava todo o dinheiro, além de passaportes falsos que seriam entregues a outros militantes, perdera tudo em uma estação do metrô romano. Ficaram, assim, diante de um impasse, resolvido, apenas, com a ajuda da seção alemã da *Amnesty International*.

[1109] BORGES, Elisa de Campos. *¡Con la UP ahora somos Gobierno! A experiência dos Cordones Industriales no Chile de Allende.* 2011. Tese (Doutorado em História) – Instituto de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011. Disponível em: https://www.historia.uff.br/stricto/td/1319.pdf. Acesso em: 20 mar. 2022.
[1110] ROLLEMBERG, 1999, p. 85.
[1111] AMNESTY INTERNATIONAL. Chili: Un an après. Un rapport d'Amnesty International. Bruxelas: Amnesty International, 1974. *In*: *La contemporaine. Bibliothèque, archives, musée des mondes contemporains*. Paris: Université Paris-Nanterre.

Como clandestinos em Berlim, Vera e Gabeira estiveram, algumas vezes, próximos de serem descobertos pelas autoridades alemãs. Especialmente após o atentado contra a delegação israelense nas olimpíadas que aconteciam em Munique, em setembro do ano anterior, a polícia passou a frequentar assiduamente o prédio em que eles moravam, especialmente pela presença de palestinos. Como a situação de Vera e Gabeira era conhecida pela *Amensty Internacional*, a organização viabilizou, financeiramente, a saída deles. Além das passagens, foram levados a um supermercado onde conseguiram comprar roupas apropriadas para a viagem. Vera chegou ao Chile com um suéter marrom, cortesia da *Amnesty International.*[1112]

Assim, em fevereiro de 1973, após escala em Frankfurt, Vera e Gabeira chegaram em Santiago. A *ambiance* que encontraram no retorno à *Nuestra America* era significativamente diferente do inverno alemão em que estavam:

> O aeroporto de Puduhael é bem pobre e escuro diante do aeroporto de Frankfurt. Nossos passaportes falsos foram recebidos maravilhosamente. [...]. O hotel [onde ficaram provisoriamente] estava localizado na Alameda e quando amanheceu havia uma feira-livre, com gente vendendo frutas aos gritos. O que era inverno há 24 horas, tornara-se verão, graças à travessia do Atlântico. Descemos rapidamente as escadas; vestindo nossas roupas leves, compramos uma melancia inteira e saímos por Santiago em busca de referências. A cidade estava cheia de conhecidos.[1113]

Os principais conhecidos, companheiros de militância, não demoraram a aparecer e indicaram que o MR-8 havia rachado. Ainda no ano anterior, os parcos militantes que estavam no Brasil deixaram o país em direção ao Chile. Eram, apenas, quatro. A organização havia acabado em território nacional. A luta armada havia fracassado. Não apenas o MR-8 mas, de modo geral, todas as organizações, com exceção do PCdoB que iniciava a empreitada guerrilheira na região do rio Araguaia, estavam em vias de destruição.

Diante desse contexto, realizou-se um pleno de discussão, em dezembro de 1972. Nele, a organização dividiu-se em dois grupos. Os dirigentes recém-saídos do Brasil, representando o MR-8 Direção-Geral (MR-8/DG), preconizavam o abandono da luta armada e uma mudança radical na estratégia a ser adotada, consolidando as posições políticas que vinham sendo aprofundadas. Do outro lado, militantes há mais tempo no exílio fundavam o MR-8 Construção Partidária (MR-8/CP), buscando manter a luta armada no horizonte.

Gabeira, após o incidente com o dinheiro e os passaportes, havia se desligado da organização. Vera, ainda formalmente militante, era cobiçada pelas duas novas organizações que não contavam com mais de duas dezenas de militantes. Apesar das conversas e reuniões,

---

[1112] GABEIRA, 1980, p. 117.
[1113] Ibid., p. 119-120.

as perspectivas políticas não a empolgavam e, reencontrando seus companheiros, comunicou, formalmente, seu desligamento.

O desligamento da organização era o culminar dos questionamentos que surgiam, com mais força, na segunda passagem por Argel e, especialmente, na estada na Europa. Rompiam-se os chamados "custos de saída". Contudo, a trajetória de desengajamento seria sinuosa, demonstrando rupturas e permanências nessa estada em Santiago.

Apesar da não-militância organizada, continuaria ligada afetivamente aos companheiros. Ali, como se recorda, teve uma vida mais alegre ao reencontrá-los. Frequentava, junto aos demais brasileiros, as *penhas*, onde se cantavam músicas tipicamente chilenas, além da possibilidade de beber vinhos chilenos a bons preços. Especificamente, como grande parte dos brasileiros exilados no Chile, frequentava a *Penã de los Parra*, propriedade de Isabel e Angel, filhos de Violeta Parra. Além das parras, marcava presença, também, no Café Haiti, principal local de encontro dos exilados.[1114]

Contudo, a vida boêmia não a animava. A empolgação, como não podia deixar de ser, nos primeiros meses em Santiago, era o processo revolucionário em curso no Chile: "Eu achava que, pela primeira vez, a revolução estava despontando como uma realidade histórica. Discutíamos sem parar."[1115] As discussões, como se pode presumir, orbitavam em torno dos caminhos a seguir pela Unidade Popular e pelos trabalhadores diante dos diversos obstáculos que atingiam níveis críticos em 1973.

Conforme aponta Elisa Borges, desde o final do ano de 1971, o governo da Unidade Popular passava por sérias dificuldades. No cenário econômico, as políticas do governo não conseguiam responder aos desafios da

> [...] expansão da demanda por consumo das classes populares (devido ao êxito relativo da política de redistribuição social) conjugado à escassez de produtos e alimentos, déficit fiscal significativo (gerado pelo aumento de gastos do governo), pressão inflacionária, sabotagem econômica impulsionada pelos EUA e por setores da burguesia chilena que bloquearam a maioria dos mercados compradores de cobre chileno.[1116]

[1114] BENJAMIN, 2013, p. 157; VIEIRA, 2019.
[1115] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 15/08/1998, fita n. 10, lado A, transcrição p. 3.
[1116] BORGES, 2011, p. 75.

Dificuldades acirradas com o *paro patronal*[1117], deflagrado em outubro de 1972. A partir dele, instala-se uma crise sem precedentes no processo produtivo chileno gerando, também, sérias dificuldades de abastecimentos por todo o país.

Diante delas, acentuam-se as fissões e divergências no seio da Unidade Popular, sobretudo a respeito da "via chilena ao socialismo". Por um lado, setores ligados à perspectiva pacífica de Allende, especialmente uma parcela do Partido Socialista e do Partido Comunista, defendiam o que ficou conhecido pela expressão "*consolidar para avanzar*". Apostavam, especialmente, na conciliação e no jogo institucional para manter o governo da UP.

Por outro, setores do Partido Socialista e do MAPU, além de organizações mais radicais de esquerda, que não faziam parte da Unidade Popular, como o Movimiento de Izquierda Revolucionaria (MIR), propunham "*avanzar sin transar*". Reivindicavam o aprofundamento do processo em curso no Chile sem costuras políticas, colocando na ordem do dia a necessidade de mudanças rápidas, baseadas no apoio popular e na violência revolucionária, caso necessário.

Dentro desse contexto, Vera buscaria contribuir ao processo revolucionário chileno a seu modo. A identidade construída em torno do sonho da revolução brasileira e seu fracasso, ao menos no curto prazo, representado pelo desligamento da organização, impediam um engajamento profundo ao processo revolucionário chileno. Contudo, ao mesmo tempo, Vera respirava os ares que constituíam a ideia de *Nuestra America*. Imbuía-se, portanto, do internacionalismo revolucionário latino-americano.

Nesse sentido, entre uma identidade e, sobretudo, uma opção política que perdia, gradativamente, sua razão de ser e o espírito internacionalista que se aproximava da solidariedade que compunha o *ethos* revolucionário, Vera adotaria uma postura titubeante dentro do contexto chileno, não tecendo laços sólidos:

> Éramos internacionalistas, ao menos teoricamente. E no Chile eu pude exercer esse internacionalismo, mas de uma forma muito secundária. Não me doei. Não me engajei. Não me identifiquei politicamente com os chilenos. Não tinha as mesmas condições de identificação que tive com o processo brasileiro que, apesar de menos importante, foi, para mim, muito mais importante. [...] Eu me engajei aqui [no Brasil] aos dezesseis anos. Minha vida de militante foi praticamente toda a minha juventude e o início da maturidade. Então eu não tive essa relação com o Chile.[1118]

[1117] Iniciado como uma greve de caminhoneiros, acabou por tornar-se, também, uma espécie de locaute de grande parte do empresariado chileno.

[1118] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 15/08/1998, fita n. 10, lado A, transcrição p. 3-4.

Contudo, como ela mesmo dizia, a "revolução era tão abrangente, quase uma entidade."[1119]

Nesse sentido, buscava contribuir de alguma forma. Por um lado, retomou os estudos na capital chilena e, naquele momento, talvez não houvesse melhor lugar na América Latina para empreender estudos relacionados à realidade latino-americana e, especialmente, ao pensamento de esquerda. Santiago, àquela altura, "[...] havia se transformado em um dos centros mais importantes de produção de ciências sociais do Cone Sul", sendo um local fundamental no processo de "[...] mobilidade e intercâmbio de acadêmicos, técnicos e intelectuais de diferentes lugares da América Latina."[1120]

Frequentando a Faculdade Latino-americana de Ciências Sociais (FLACSO), aprofundou os estudos sobre *O capital* de Karl Marx, que havia começado em Cuba, além da realização de outros dois cursos: *Economia do Desenvolvimento* e *Reforma Agrária: México e Chile.*

Aprimorar-se teoricamente como forma de se "construir como quadro revolucionário". Além disso, trabalhava com pesquisas sociais sobre a América Latina no geral, e, especificamente, sobre o Chile e o Brasil, no Instituto de Estudos Sociais e Econômicos, liderado por Herbert de Souza, o Betinho.

Em paralelo a essas atividades, desenvolvia, junto a Gabeira, contatos políticos com o MAPU e o MIR[1121], o que indicava a tomada de posição diante do impasse da Unidade Popular. "*Avanzar sin transar"* era a consigna. Consigna que Vera defenderia com ainda maior firmeza após o levante militar que intentou derrubar Allende em 29 de junho, o *Tanquetazo.*

Para Vera, após a tentativa golpista, dissuadida pela rápida ação do General Prats, colocava-se na ordem do dia a necessidade de romper com a perspectiva pacifista e preparar, militarmente, os operários e as massas para o embate que se aproximava. Sua perspectiva

---

[1119] MAGALHÃES, Vera Silvia. Entrevista concedida a Denise Rollemberg. *In*: *Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI-UFF)*, política no Brasil: Exílio, 1994, fita 2, lado a.

[1120] MARCHESI, 2019, p. 113.

[1121] Cabe ressaltar que o MIR foi a organização mais próxima da maior parte dos exilados latino-americanos no Chile. Defensor da luta armada antes da chegada ao poder da Unidade Popular, o triunfo eleitoral de Allende "(...) provocou múltiplos debates dentro do MIR, que expressavam as tensões entre visões mais militaristas, que apontavam para a consolidação de uma guerrilha, e outras que apontam para o desenvolvimento de um trabalho de massas." MARCHESI, 2019, p. 123.
Contudo, apesar dos debates tático-estratégicos, a "solidariedade revolucionária" mantinha-se como uma posição inalterada, não apenas como evidência da cultura política transnacional, mas também como característica fundamental de uma estratégia revolucionária continental, que culminou na criação da *Junta de Coordinación Revolucionária* (JCR), congregando o MIR, a organização argentina *Ejército Revolucionario del Pueblo* (ERP) e o uruguaio *Movimiento de Liberación Nacional Tupamaros* (MLNT).
Para maiores detalhes sobre a relação entre as organizações, cf. MARCHESI, op. cit. Para maiores detalhes sobre a atuação, específica, dos Tupamaros durante o governo da Unidade Popular, cf. ALONSO, Jimena. Tupamaros en Chile. Una experiencia bajo el gobierno de Salvador Allende. *Encuentros Uruguayos*, Ano IV, n. 4, 2011.

convergia com as posições defendidas por setores da Unidade Popular, especialmente ligados ao PS, e o MIR.

Após o *Tanquetazo*, ambas as organizações passaram a discutir a necessidade de preparar militarmente os trabalhadores, em específico aqueles dos chamados *Cordones Industriales*.[1122] Vera, talvez por ter participado do treinamento guerrilheiro em Cuba, o que lhe conferia grande prestígio diante da mística que envolvia o treinamento, realizou alguns treinamentos com os operários, mas notava que, efetivamente, a perspectiva de enfrentamento não os mobilizava:

> Eu tive muita dificuldade em discutir política com os operários. Era fácil ensinar como se faz uma bomba, um TNT caseiro. É uma fórmula e eles entendiam muito rápido. Agora, discutir política era muito mais difícil. Por exemplo: se a luta no Chile iria ser pacífica ou armada. Eles estavam se preparando militarmente, mas não me parecia que se preocupassem com isso. Eles me diziam: "Não tem problema, o exército se divide. O Prats fica conosco e seguramos o Allende.[1123]

Esse depoimento de Vera converge com a análise realizada por Elisa Borges. Ao analisar a pouca resistência armada dos trabalhadores, aponta, não apenas as dificuldades práticas que se impuseram, como a Lei de Controle de Armas[1124] sancionada por Allende em 1972, contribuinte ao desarmamento e a desmoralização dos trabalhadores e das organizações, mas também o fato de que os *Cordones Industriales*, por suas pautas políticas e tradição sindical,

> [...] não tinham característica de uma organização militar ou que visassem a preparação armada de sua base de trabalhadores. O discurso radicalizado e que ressaltava, principalmente em meados do ano de 1973, a organização de um sistema de defesa não se materializou em uma preparação armada.[1125]

A não preparação armada dos trabalhadores desanimou Vera que, conforme rememorou Gabeira, estava pessimista e "[...] achava que um golpe seria desfechado e com enormes chances de vitória."[1126]

Apesar da não preparação, os trabalhadores chilenos, fiéis ao governo de Allende, endossavam e pressionavam a radicalização do governo através de diversas manifestações de

---

[1122] Os *Cordones Industriales* foram a principal tentativa de criar o poder popular no Chile. Realizava, na prática, uma mudança na dinâmica sindical ao buscar reunir as reivindicações dos trabalhadores nas fábricas às demandas dos locais de moradia, promovendo uma maior integração política entre os bairros populares e as indústrias. Para maiores detalhes, cf. BORGES, 2011.

[1123] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 15/08/1998, fita n. 10, lado B, transcrição p. 34.

[1124] Na prática, a lei possibilitou incursões do exército nas fábricas, sindicatos e sedes de organizações políticas para apreensão de armas.

[1125] BORGES, 2011, p. 210.

[1126] GABEIRA, 1980, p. 131.

rua. Vera, que havia proposto um projeto de transformação radical para o Brasil que não sensibilizou e tampouco mobilizou os trabalhadores brasileiros, participava das manifestações do Chile com admiração nostálgica. Uma nostalgia, conforme termo de Zuenir Ventura, do "não-vivido": "As manifestações eram emocionantes. Havia momentos em que tinha vontade de chorar, quando não chorava mesmo, pois nunca tinha visto. Era muito bonito. Esteticamente, plasticamente...vendo os operários e camponeses."[1127]

As manifestações dos trabalhadores, em parte radicalizadas – algumas, inclusive, pediam a ruptura institucional por parte de Allende –, demonstravam, apesar das pressões, o apoio ao governo da Unidade Popular.

No dia 04 de setembro, data comemorativa de três anos da chegada ao poder, os trabalhadores fizeram uma marcha que reuniu um milhão de pessoas e terminou em frente ao Palácio *La Moneda*, sede presidencial, sob o lema de ordem: *Unidad y Combate.* O combate viria dias depois.

No dia 11 de setembro de 1973, no início da manhã, um motim da Marinha deu início ao golpe de Estado. Allende, ainda sem o conhecimento de que se tratava de uma ofensiva golpista, dirigiu-se aos trabalhadores chilenos pela rádio para avisá-los e recomendar que fossem, normalmente, ao trabalho. Estava, talvez, certo de que os legalistas das Forças Armadas, a exemplo do *Tanquetazo*, pudessem sufocar o motim. Ao longo da manhã, realizaria quatro contatos com o povo chileno pela rádio. Elisa Borges descreve-os com alguns detalhes e relata, especialmente, como foram recebidos:

> O segundo e o terceiro contatos do presidente com trabalhadores do país ocorreu às 8:10 e às 8:45, respectivamente. Somente no terceiro contato foi confirmado que se tratava de um golpe de Estado. As orientações aos trabalhadores continuavam as mesmas, permanecerem nos seus locais de trabalho aguardando novas orientações. Às 9:02h, já com os aviões Hawker Hunter sobrevoando o *La Moneda*, o discurso do presidente se direcionou ao povo chileno, e não mais aos trabalhadores, pedindo que não se deixassem massacrar, mas que, ao mesmo tempo, deveriam defender suas conquistas. O último contato, já num tom de despedida, ocorre às 9:15h, e Allende se direciona primeiramente aos trabalhadores para agradecer a lealdade e a confiança. Ao final, pede ao povo chileno que se defenda, mas diz que não deveriam se sacrificar, e tampouco se humilhar. Para muitos, esse foi um discurso desmobilizador; para outros, foi o que impediu um grande massacre.[1128]

O Palácio *La Moneda* seria bombardeado e, em seguida, Allende se suicidaria. Apesar de alguma resistência de trabalhadores e militantes, o golpe consolidou-se e ascendia ao poder uma junta militar, comandada por Augusto Pinochet.

[1127] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 15/08/1998, fita n. 10, lado B, transcrição p. 39.
[1128] BORGES, 2011, p. 208-209.

Para Vera, além da não identificação com o processo chileno, o discurso de Allende teve um forte papel desmobilizador. Quando rememorou o momento em que escutou o discurso do presidente chileno pela rádio, pode-se notar os traços já reconhecíveis do desengajamento, presentes na perspectiva de preservação de sua vida: "Quando liguei o rádio pela manhã e ouvi o discurso de Allende, vi que a proposta reformista tinha ganho. Não dei um tiro. Foi o meu limite. Não ia entrar loucamente dando tiro para morrer. Não iria ser presa, torturada de novo."[1129]

8.4 Internacional de Feridos

A violência do golpe foi intensa desde os primeiros movimentos. Partidos colocados na ilegalidade e milhares de pessoas presas, quando não assassinadas. Impunha-se, para Vera, como necessidade primeira, definir os passos a seguir, especialmente pela "atmosfera xenofóbica" que, conforme relatório da Anistia Internacional, tomava conta do Chile.[1130]

Deve-se salientar que essa atmosfera foi construída, gradativamente, durante o governo Allende. Como vimos, após a chegada ao poder da Unidade Popular, o Chile tornou-se a principal referência para os militantes latino-americanos que buscavam escapar da repressão dos governos militares que se impunham, autoritariamente, em seus respectivos países. Nesse contexto, a tradição de asilo político, antes tratada como questão humanitária, passa a ser severamente questionada por setores da sociedade que se opunham ao governo da Unidade Popular. Conforme aponta Marchesi: "A imprensa opositora denunciava a chegada de novos refugiados como parte de uma conspiração internacional promovida pelos setores de esquerda mais radicais, que teriam vínculos com Cuba e buscavam interferir na vida política do país."[1131]

Cultivada pela mídia e por setores sociais de oposição ao governo Allende, a xenofobia foi impulsionada e utilizada, sobretudo, por parte do novo governo que, como uma das principais justificativas para o golpe de Estado, relatava a presença de estrangeiros que entraram ilegalmente no Chile durante os três anos de governo da Unidade Popular para auxiliar, de forma armada, Allende na realização de um golpe de Estado. Segundo o Ministro do Interior da ditadura de Pinochet, General Oscar Bonilla, as Forças Armadas intervieram "[...] a fim de salvaguardar o destino do país, seriamente ameaçado pelos elementos extremistas, dentre eles mais de 10.000 estrangeiros."[1132] Além das declarações oficiais, eram difundidas pela rádio

[1129] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 15/08/1998, fita n. 10, lado B, transcrição p. 38.
[1130] AMNESTY INTERNATIONAL, 1974.
[1131] MARCHESI, 2019, p. 124.
[1132] AMNESTY INTERNATIONAL, op. cit., p. 11.

mensagens direcionadas ao povo chileno, incentivando a denúncia da presença de estrangeiros em seus prédios ou proximidades. Algumas delas estão reproduzidas no relatório da Anistia Internacional e demonstram o teor hostil:

> Os atos cometidos pelas forças armadas e pela polícia são, unicamente, para o bem do Chile e dos chilenos, pois foram encorajados pelos civis. Nenhuma compaixão será guardada aos extremistas estrangeiros que vieram assassinar os chilenos. [...] Cidadão, continue a velar por encontrá-los e denuncie-os às autoridades militares mais próximas.[1133]

A essa altura, Vera e Gabeira moravam em um apartamento na avenida Holanda, em Santiago, alugado por intermédio da ajuda que Vera recebia dos pais. Ali, na mesma rua, moravam os também militantes brasileiros Angela Xavier de Brito e Artur Jader da Cunha Neves. Nesta época bastante próximos de Gabeira, brincavam que, com a presença de outros brasileiros que moravam na mesma rua, construíram o chamado "núcleo da rua Holanda". Viam-se sempre. Angela, inclusive, relembrou que os jantares do "núcleo" na casa de Vera e Gabeira eram sempre permeados pela mesma receita: macarrão *a carbonara*. "Era o único prato que Vera sabia fazer. Não aguentava mais."[1134]

Em uma evidência da divisão de gênero nas funções domésticas, Vera era responsável pelas refeições. Com poucas habilidades na cozinha, aventurava-se sempre na mesma receita. Era uma evidência, também, da dificuldade e do desconforto de Vera em colocar-se nessa posição.[1135]

Vera e Gabeira transitavam com passaportes falsos. Vera com passaporte brasileiro e Fernando Gabeira com passaporte equatoriano. Um casal de vizinhos, alemães, desconfiava da fachada estudantil que mantinham. Diante da possibilidade de serem denunciados, discutiam o que fazer.

Recorrer à embaixada do Brasil estava, definitivamente, fora de cogitação. Os dois haviam sido banidos e, àquela altura, a ordem era não mais prender os que retornassem, mas assassinar. Cogitavam a perspectiva de atravessar a fronteira com a Argentina e lá pedirem asilo. Contudo, a informação que circulava era que grande parte dos demais militantes brasileiros estavam buscando refúgio em embaixadas localizadas em Santiago.

A abertura da possibilidade de refúgio nas embaixadas fora um movimento criado, quase que espontaneamente, por Jean Marc von der Weid, ex-líder estudantil que havia sido libertado em troca da vida do embaixador suíço. Depois do golpe, como tinha dupla cidadania,

---

[1133] Ibid., p. 55.
[1134] XAVIER DE BRITO, Angela. Entrevista concedida a Higor Codarin. Paris, 13 de novembro de 2019.
[1135] Ibid.

brasileira e suíça, foi à embaixada suíça para verificar a possibilidade de garantir abrigo a Luis Travassos, companheiro de apartamento. Apesar da negativa, o embaixador confidenciou a Jean-Marc que algumas embaixadas estavam abertas a receber. Outras acabariam por receber, à revelia, os militantes que, aos montes, buscavam asilo.[1136]

Levar Travassos, em segurança, para a embaixada do México foi apenas o começo. Um nome levava a outro. Acabou-se criando uma rede de solidariedade e informações sobre onde estavam outros militantes para viabilizar que buscassem refúgio em embaixadas ainda abertas. Como tinha passaporte suíço, o trânsito de Jean Marc, ao menos nas primeiras semanas após o golpe, era menos perigoso. Contudo, como não sabia dirigir, contou com a ajuda, mais ariscada, de uma militante brasileira, Marcia Savaget Fiani, que conduzia o carro levando os demais militantes às embaixadas. "Marcia foi uma heroína muito mais corajosa que eu. Ela não tinha passaporte suíço. Em verdade, ela não tinha passaporte nenhum."[1137]

Passavam-se os dias e a situação tornava-se, gradativamente, mais crítica para Vera e Gabeira. A casa de Angela e Jader havia sido invadida pela polícia chilena. Era questão de tempo para que invadissem, também, o apartamento deles. Sabiam, provavelmente por intermédio de Jean Marc, da possibilidade das embaixadas. Além disso, diante da superlotação e do fechamento de algumas delas, receberam a informação de que a embaixada da Argentina era a melhor das possibilidades. Decidiram pela tentativa. Não seria, entretanto, tarefa fácil. A partir de um determinado momento, como as embaixadas tornaram-se locais de refúgio para opositores políticos do golpe, a ditadura chilena colocou, diante delas, *carabineros* para impedir, mesmo que a tiros, a entrada dos que buscavam asilo.

A pé, Vera e Gabeira saíram do apartamento em direção à embaixada, que ficava a menos de cinco quilômetros dali. Quando chegaram, diante de dois *carabineros* no portão principal, perderam a coragem e recuaram. No caminho de volta, perceberam, ao olharem para o relógio, que chegariam ao apartamento próximo ao toque de recolher, instituído logo após o golpe. Não podendo mais sair, seriam facilmente capturados pelos policiais que farejavam a presença de estrangeiros na rua Holanda. Assim, não podiam voltar ao apartamento. Pensando nas possibilidades, encontraram uma saída. Buscaram refúgio na residência de Sergio Pinho, conhecido do movimento estudantil, que morava próximo a embaixada argentina.

Na chegada à casa de Sergio, localizada na rua Grécia, foram avisados por ele de que dentro em pouco Jean Marc e Marcia passariam para pegá-lo. Seu destino era, coincidentemente, a embaixada da Argentina. Era uma nova chance. Vera e Gabeira tentariam,

[1136] VON DER WEID, Jean Marc. Entrevista concedida a Higor Codarin, via telefone, no dia 3 de abril de 2021.
[1137] VON DER WEID, Jean Marc. Entrevista concedida a Higor Codarin, via telefone, no dia 3 de abril de 2021.

novamente, o "salto". Transportados por Marcia, chegavam, mais uma vez, à embaixada. Verificaram que, poucas horas depois da primeira tentativa, o endereço era, agora, vigiado por quatro *carabineros*, dois na entrada principal e dois na entrada secundária. Seria necessário aguardar. Em um momento de distração dos que vigiavam a entrada secundária, os três, correndo, ultrapassaram os portões da embaixada e entraram. Estavam, ao menos pelo momento, seguros.[1138]

Apesar de seguros, a vida na embaixada não seria fácil. Mesmo sendo um grande casarão, estava superlotada. Havia, segundo estimativas, um grupo de 700 pessoas. Além de chilenos, havia estrangeiros de todas as nacionalidades latino-americanas. Uma miríade de organizações latino-americanas se fazia representar na embaixada argentina. Vera relembrou que ali "conheceu a esquerda latino-americana", enfatizando o contato com Tupamaros uruguaios e militantes argentinos vinculados ao Ejército Revolucionário del Pueblo (ERP).

Diante da superlotação, definiam-se regras para o cotidiano. Grupos foram criados para limpeza e a realização das refeições. Além disso, outros grupos, em ordem numérica, foram criados para definir prioridade de alimentação. Começavam com o "grupo 0", formado por idosos, crianças e grávidas, que tinham direito a alimentação prioritária. Apesar de poucos, os alimentos não faltavam, eram garantidos por funcionários da embaixada que saíam para fazer compras.

Vera e os demais não podiam nem ir aos jardins da embaixada, receando a atividade dos *carabineros.* "Não podíamos sair e nem mesmo nos arriscar nas janelas e varandas. Um dos refugiados, ao subir em uma árvore que havia no meio do pátio para olhar a rua, foi baleado por um guarda que estava do lado de fora."[1139] Neste contexto, apesar de seguros, era uma segurança sempre provisória, em xeque. O cotidiano permeado pela tensão.

Segundo o Centro de Informações do Exterior, ligado ao Ministério de Relações Exteriores brasileiro, o primeiro relatório em que consta o nome de Vera como um dos 108 brasileiros que buscaram refúgio na embaixada da Argentina remonta ao dia 20 ou 21 de setembro.[1140] Entre o golpe e a embaixada, praticamente 10 dias.

A relativa "demora" em buscar a embaixada, para além de justificativas práticas, também remonta a questões de fundo, mais complexas, que envolviam não apenas seu destino

---

[1138] GABEIRA, 1980, p. 147-149; MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 15/08/1998, fita n. 10, lado B.

[1139] VIEIRA, 2019, p. 125.

[1140] BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. CIEX nº 453/73, 1973. p. 98. *In*: *Divisão de Segurança e Informações do Ministério das Relacões Exteriores, Arquivo Nacional.* Código de Referência: BR DFANBSB IE.0.0.11 Disponível em: https://www.sian.an.gov.br. Acesso em: 20 jan. 2020.

individual, mas, sobretudo, o destino da geração da qual fazia parte e, consequentemente, do *ethos* revolucionário.

Conforme rememorou Gabeira: "Depois de sentir-se a salvo, Vera perdeu o interesse pela situação e parecia que ia dar um desses longos balanços em sua vida, períodos em que roda incessantemente uma mecha de cabelo, responde com monossílabos e jamais toma a iniciativa de uma conversa."[1141]

A constatação de segurança, mesmo que tensa, possibilitava lançar luz a outras problemáticas. Como vimos, quando Vera rememorou o cotidiano de precariedade e superlotação da embaixada, ressaltou a diversidade de organizações representadas por militantes que ali estavam. Àquela altura, além do Brasil, Argentina, Uruguai, Colômbia, Paraguai, Bolívia e Venezuela haviam sofrido, no passado recente, golpes militares e/ou eram governados por regimes militares de direita.

A despeito das palavras de ânimo do último discurso de Allende, que dizia que a "história es nuestra y la hacen los pueblos", o trágico fim de sua vida e do governo da UP indicavam o contrário. A história parecia ser deles. A vitória das forças armadas golpistas chilenas era o culminar da "derrota de um continente."[1142]

Nesse sentido, portanto, a representatividade das organizações revolucionárias latino-americanas nas embaixadas, em busca de refúgio, demonstrava, impiedosamente, o fim do projeto de transformação revolucionário. As embaixadas em Santiago como uma "Internacional de feridas."[1143] Uma Internacional de feridos. A idealizada revolução brasileira e latino-americana era varrida do horizonte por golpes que instauravam ditaduras e que, por consequência, varriam também os sonhadores, agora amontoados nas embaixadas da capital do que era, até então, o último bastião de esperança da América do Sul.

Jorge Semprun, ex-dirigente do Partido Comunista Espanhol, reflete, em sua autobiografia, sobre as facetas da clandestinidade, indicando que a atividade clandestina não pode ser vista, apenas, "[...] como aventura, ou seja, como prazer ou gozo de situar-se fora de toda a norma, mas também como caminho para a conquista da verdadeira identidade."[1144]

Na embaixada, Vera assumiu, pela primeira vez desde à chegada na Argélia em junho de 1970, seu nome verdadeiro. A opção por apresentar-se com seu nome era a única possibilidade de receber asilo. Por outro lado, entretanto, era também um retorno à

[1141] GABEIRA, 1980, p. 155.
[1142] FERREIRA apud ROLLEMBERG, 1999, p. 57.
[1143] POLARI, 1978, p. 51.
[1144] SEMPRUN, p. 91.

institucionalidade. Era o abandono, pela força das circunstâncias, dos nomes de guerra clandestinos. A necessidade de abandonar, como aponta Semprun, a identidade construída. Era o fim da luta clandestina junto aos companheiros na busca por construir um país e, no limite, um continente livre da exploração do homem pelo homem.

> O golpe no Chile foi uma marca para toda a esquerda. A partir daí, todo mundo mudou de vida, de uma forma ou de outra. [...] Depois do Chile foi uma espécie de diáspora. [...] Foi na embaixada do Chile que me identifiquei como Vera Sílvia. Aí, tive a visão de que ia ficar mais tempo no exterior.[1145]

Esse contexto, não era nada fácil e, com certeza, geraria dificuldades. Sobretudo novas questões. Como Gabeira rememorou, Vera estava no caminho de fazer um balanço da sua vida a partir dali. A derrota da Unidade Popular era, portanto, a consolidação de um desengajamento já em curso.

Quase três semanas depois, em meados de outubro, a Argentina, diante da repercussão internacional da presença de refugiados na embaixada, acordou, com a ditadura chilena, o envio de um avião para recolher os refugiados e levá-los a Buenos Aires. Para além dos chilenos e argentinos, com lugares garantidos, foram disponibilizados cerca de 40 assentos restantes para outras nacionalidades. Os brasileiros teriam direito, de acordo com o comando dos refugiados, a 24 lugares.

Dentre os assentos, Vera conseguiu um. Gabeira, ao contrário, ficaria na embaixada para um próximo voo. Apesar do bom momento vivido em Berlim, a relação no Chile passava por dificuldades. Ao contrário da dificuldade na separação quando ainda estavam em Argel, o distanciamento, agora, não foi tão sentido. O romance parecia, assim como a revolução, ferido de morte.

Organizadas as burocracias, o voo partira em direção a Buenos Aires no dia 13 de outubro. Vera deixava Santiago de forma trágica, não mais como militante política. Tornava-se uma refugiada.

Livre do perigo imediato, a chegada em Buenos Aires foi, também, permeada pela apreensão. O acordo de asilo político que havia sido prometido, ainda em campanha, pelo governo recém-eleito de Juan Péron, era desfeito. Após as eleições, Péron decidiu que não mais concederia asilo aos estrangeiros, com exceção dos chilenos. A retirada dos refugiados da

[1145] MAGALHÃES, Vera Silvia. Entrevista concedida a Denise Rollemberg. *In*: *Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI-UFF)*, política no Brasil: Exílio, 1994, fita 2, lado a.

embaixada era, portanto, apenas um jogo diplomático. Assim, quando o avião pousou no aeroporto internacional de Ezeiza, Vera e os demais brasileiros foram detidos.[1146]

No Hotel Internacional Ezeiza, contiguo ao aeroporto, os quartos foram transformados, provisoriamente, em celas para os estrangeiros. Não apenas eram rejeitados pelos argentinos, como também sofriam com uma eventual extradição para o Brasil, possibilidade aventada para alguns dos brasileiros pelo governo argentino recém-eleito.[1147] Vera e os demais tornavam-se figuras indesejáveis, não apenas na Argentina, mas, de modo geral, na América do Sul.

A prisão em Ezeiza adquiria contornos dramáticos. Saíam dos quartos apenas para fazer as refeições. Apesar delas, o tratamento era horrível. Luiz Alberto Sanz, um dos brasileiros do grupo, relembrou que seu filho, com então três meses, tinha de tomar leite das máquinas de café instantâneo, pois não lhe era dado leite apropriado pelas autoridades argentinas, fato que o levou a uma grave infecção.[1148] Diante desse e de outros casos que acabaram sendo descobertos, um comitê de solidariedade pressionou o governo argentino para melhorar a alimentação dos detidos, além de prestação de assistência médica.

Vera relembrou que, no hotel, foi interrogada. Autoridades argentinas e francesas citavam a captura do embaixador dos Estados Unidos como fator importante para ter o pedido de asilo político negado. As ações armadas e, especialmente, a captura de Elbrick apareciam, agora, menos como identificação revolucionária e mais como estigma indelével diante das autoridades diplomáticas.

Como estava sem nenhum documento que provasse, efetivamente, sua identidade, seu pai viajou a Buenos Aires para levar documentos que confirmassem suas informações.[1149] Apesar deles, o imbróglio continuava. Apenas dois países ofereceram asilo: Cuba e Argélia. Ambas as possibilidades não agradavam a Vera e os demais brasileiros. Além deles, pouco depois, despontava uma nova possibilidade, com o auxílio da conhecida *Amnesty International*.

Cerca de uma semana depois da chegada em Ezeiza, a *Amnesty International* enviou um representante sueco para discutir a viabilidade de asilo no país europeu. Diante da "enorme pressão de setores progressistas da sociedade, indignados com a truculência dos militares

---

[1146] AMNESTY INTERNATIONAL, 1973, p. 1.
[1147] SANZ apud ROLLEMBERG, 1999, p. 119.
[1148] SANZ apud ROLLEMBERG, 1999.
[1149] ARCHIVOS HISTORICOS DE CANCILLÉRIA. *Remite información sobre Vera Silvia Araujo de Magalahes y Fernando Paulo Nagle Gabeira, periodistas brasileros, ubicados en Argentina.* 1973. Disponível em: http://desclasificacion.cancilleria.gob.ar/userfiles/documentos/Seleccion-Brasil/CRJ01_005.pdf. Acesso em: 28 dez. 2022.

chilenos”[1150], alguns governos europeus, como o sueco, abriam a possibilidade de conceder asilo aos refugiados.

Vera e os demais aguardavam com ansiedade a chegada do então chamado *Monsieur Uchoa*. Quando o representante, enfim, chegou, foi impossível conter as risadas. Tratava-se de Lucio Flavio Uchoa Regueira, o “Tocha”, companheiro de Vera na Dissidência, que havia sido trocado pelo embaixador suíço e estava na Europa. No momento do golpe no Chile, em meio às pressões sociais, costurou contatos com o governo sueco para viabilizar asilo aos refugiados.[1151]

Para além da intermediação de um velho conhecido, Vera não era uma desconhecida da *Amnesty International*, fato que deve ter jogado um papel. Apenas um mês antes, em setembro, a organização havia lançado sua campanha anual contra a tortura. Elegendo três casos como simbólicos, Vera era um deles. Sua imagem na cadeira de rodas, junto de um pequeno relato sobre seu caso, era ladeada pelos casos de Pyotr Grigorenko na União Soviética e Desmond Francis na África do Sul.[1152]

Assim, Vera e outros 19 brasileiros tiveram concedido o asilo na Suécia. Dentre eles, alguns conhecidos de Vera ainda da militância no Brasil, como Gloria Ferreira, Francisco Nelson e Ernesto Soto. Outros, conhecidos no exterior, como Tânia e Carlos Fayal.[1153]

A escolha pelo exílio na Europa é uma clara demonstração de aspectos do desengajamento. Do desencantamento com a perspectiva revolucionária e da necessidade em refletir sobre outros aspectos da vida que não a militância. A recusa ao asilo oferecido por Cuba é representativa. A revolução latino-americana parecia ter perdido protagonismo, assim como seu principal polo revolucionário.

Aguardando os últimos trâmites para o voo, Vera recebeu visitas em Ezeiza. A primeira delas, do pai. Claudio, uma vez mais, apesar da distância afetiva, fazia-se presente em outro momento difícil da vida da filha. Depois de vê-la debilitada em decorrência das torturas no julgamento realizado no Hospital Central do Exército, há mais de três anos, via-a agora como uma refugiada política, impedida de voltar ao seu país e sem perspectivas para o futuro.

[1150] ROLLEMBERG, 1999, p. 111.

[1151] Sobre a anedota de “Tocha”, cf. FERREIRA, Gloria. Entrevista concedida a Denise Rollemberg. *In*: *Arquivo Edgar Leuenroth (AEL/Unicamp)*, Fundo *Militância Política e luta armada no Brasil,* fita 1, lado a; MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 15/08/1998, fita n. 10, lado A, transcrição p. 20.

[1152] AMNESTY INTERNATIONAL. *Epidemic*: Torture, 1973. p. 4. Disponível em: https://www.amnesty.org/en/wp-content/uploads/2021/06/act400031973en.pdf. Acesso em: 2 jan. 2023.

[1153] BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. CIEX nº 650/73, 1973. p. 81. In: *Divisão de Segurança e Informações do Ministério das Relações Exteriores, Arquivo Nacional*. Código de referência: BR DFANBSB IE.0.0.11 Disponível em: https://www.sian.an.gov.br. Acesso em: 20 jan. 2020.

Além de Claudio, recebia a visita, também, de Jean Marc. Com passaporte suíço, transitava livremente pela América do Sul. Assim, foi acompanhar, de perto, a situação dos brasileiros em Buenos Aires. Ali, teve uma longa conversa com Vera. Ao modo de um balanço. Quantos e quais companheiros haviam conseguido escapar. Vera soube, através de Jean Marc, que grande parte dos companheiros de MR-8 escapou. Apesar do alívio pelos companheiros, a conversa foi permeada pela tristeza e abatimento. Vera, enrolando as mechas de cabelo, como costumava fazer em momentos difíceis, marcados pela introspecção, perguntava sobre o que os aguardava no futuro. Jogaram o que tinham e o que não tinham no sonho revolucionário. Perderam. O que viria pela frente? Jean, ouvindo-as, não encontrava as respostas. Em verdade, eram suas, também, aquelas perguntas. Além disso, Vera também demonstrava reticências com relação ao exílio na Suécia. Especialmente, com o frio. "Só nos faltava esse mesmo, o gelo!"[1154]

Deixaria Buenos Aires em direção a Estocolmo no dia 26 de outubro.[1155] Apesar de ser um voo de liberdade, como fora o de junho de 1970 em direção a Argélia, era uma outra liberdade. Ao contrário da esperança revolucionária de outrora, a desesperança de um exílio sem perspectivas. Uma nova fase da trajetória exilada. O exílio no exílio. Este, também, forçado, mas, agora, por período indeterminado. A Europa como destino. Destino que, como apontou Gabeira, adquiriu, naqueles tempos, um peso negativo por forçar a admissão de "[...] uma realidade que nos doía muito: estávamos sendo tocados do Continente por uma onda de direita"[1156]

Ana Vasquez, Gabriela Richard e Marie-Claire Delsueil ao buscarem definir a situação do exílio, realçam a duplicidade "expulsão/proibição."[1157] A expulsão como castigo, imposto violentamente. Assim, "[...] o indivíduo passa por um corte brutal dos laços que o conectavam a seu mundo social, afetivo, cultural e político."[1158] Realizando uma "psicologização do exílio", as autoras, diante da "gravidade da perda e da violência" que o caracteriza, ressaltam-no como experiência traumática. Perdem-se as referências todas.[1159] Reina a desorientação

O golpe no Chile, a violência subsequente, o refúgio nas embaixadas e a diáspora pelo mundo que acometeria Vera e os demais militantes latino-americanos parecem ser, portanto, a

---

[1154] Esta frase e o teor da conversa foram rememorados por Jean Marc. VON DER WEID, Jean Marc. Entrevista concedida a Higor Codarin, via telefone, no dia 3 de abril de 2021.
[1155] BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. CIEX nº 650/73, 1973. p. 81. *In*: *Divisão de Segurança e Informações do Ministério das Relacões Exteriores, Arquivo Nacional*. Código de referência: BR DFANBSB IE.0.0.11 Disponível em: https://www.sian.an.gov.br. Acesso em: 20 jan. 2020.
[1156] GABEIRA, 1980, p. 156.
[1157] DELSUEIL, Marie-Claire; RICHARD, Gabriela; Vasquez, Ana. Psychologie de l'exil. *Esprit*, n. 30, p. 9-21, 1979.
[1158] Ibid., p. 11.
[1159] Ibid.

consumação definitiva do exílio. O exílio enquanto "perda irreparável do objeto afetivo". Perda que, segundo as autoras, é comparável "à experiência do luto". Luto algo diferente por ser "coletivo e partilhado."[1160] Luto de uma geração. A derrota continental como "o fim de um *modus vivendi*, de um contexto social e político que não poderá mais se reproduzir tal como era."[1161]

Seria, entretanto, um luto vivido, também, individualmente. Vera, marcada pelo projeto revolucionário, teria de enfrentá-lo.

Enfrentar o exílio. Enfrentar o vazio. Vazio por ter perdido o feixe constitutivo da identidade. Vazio que colocava na ordem do dia a necessidade de refazê-la, até então fortemente baseada no *ethos* revolucionário. Procurar novos caminhos, novos projetos; reinterpretar os sonhos, atualizando-os ou deixando-os no passado. O fim do sonho revolucionário seria, também, o fim da trajetória militante? Perguntas todas que se colocariam, com maior intensidade, no exílio indefinido que se iniciava.

[1160] Ibid.
[1161] Ibid.

CAPÍTULO 9 – *LUMIÈRES ET TENÈBRES*

> *"Paris é uma festa*, mas para muitos é também um fim de festa. Há um drama no ar, de que somos protagonistas há vários anos mas agora com outro caráter."[1162] (Cesar Benjamin)

9.1 All Countries Except Brazil and Chile

Depois de mais de 20 horas de voo, Vera e os demais brasileiros chegavam à capital sueca, Estocolmo. Cerca de oito meses depois, assim como acontecera na chegada a Santiago, invertiam-se as estações. Vera estava de volta ao frio europeu. Agora, em escala ampliada. A proximidade do país nórdico ao Círculo Polar Ártico torna-o um dos países mais frios do continente. Vera sentiu-o rapidamente. Chegou na capital sob a escuridão da noite. Escuridão que, pouco a pouco, com a proximidade do inverno, alargava-se sobre o dia. Apesar de ainda outono, a neve caía. Com pouquíssimas roupas, não apropriadas às rigorosas temperaturas, Vera relembrou que não conseguia nem sorrir na chegada, pois doíam os dentes.

A temperatura baixa, a neve e a noite acrescentavam tons ainda mais melancólicos à chegada. A escuridão e a frieza da paisagem intensificando, ampliando, tornando concreta a perplexidade e o desânimo interno, gélido, da derrota e do banimento continental a que haviam sido submetidos. Leta Souza Alves, brasileira que escapara da violência chilena e chegaria pouco depois na Suécia, ofereceu um quadro representativo desse choque na chegada: "E era neve, era o frio, era a dor[...]. O primeiro impacto, sentir a neve, os flocos grandes, gelados no meu rosto, no meu corpo. *Afinal, eu estava inteira, completamente gelada, meu corpo e minha alma.*"[1163]

Na primeira noite, foram hospedados em um hotel na capital, onde os aguardava um grande jantar, proporcionado pelo governo sueco. Apesar da recepção, na medida do possível, calorosa, a paisagem continuava perturbando Vera e os demais. O hotel ficava ao lado de um cemitério. Coberto pela neve e pela escuridão, a paisagem adquiria contornos assombrados. "Parecia um filme de terror" [1164], relembrou Luiz Alberto Sanz.

Vera e os demais eram, assim, aterrorizados pela morte. Nesse diálogo entre as paisagens, internas e externas, os túmulos representando os companheiros mortos. A neve e a escuridão cobrindo José Roberto e tantos outros que, conhecidos ou não, perderam suas vidas sob a violência dos regimes ditatoriais sul-americanos e eram, a contragosto, abandonados no

---

[1162] BENJAMIN apud ROLLEMBERG, 1999, p. 134.
[1163] SOUZA ALVES, Leta apud COSTA, Albertina de Oliveira; MORAES, Maria Teresa Prociúncula de; MARZOLA, Norma; LIMA, Valentina da Rocha (org.). *Memórias das mulheres do exílio.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. v. 2, p. 183, grifo nosso.
[1164] SANZ apud ROLLEMBERG, 1999, p. 120.

distante continente. Para além deles e com eles, morria, também, o projeto revolucionário. Morria o futuro. No limite, a proximidade com o cemitério simbolizando, assim, a morte no passado e a morte do futuro. Da construção de um outro futuro que se cria possível.

No dia seguinte, os brasileiros recém-chegados foram levados a Alvesta, cidade localizada no sul da Suécia. A mais de quatrocentos quilômetros da capital, foram hospedados em um campo de refugiados construído durante a Segunda Guerra Mundial, com objetivo de conceder refúgio a pessoas desabrigadas pelas consequências destrutivas e persecutórias do conflito. Pós-1945, "continuou a receber grandes contingentes movidos por conflitos políticos, com fronteiras pouco nítidas em relação aos migrantes econômicos."[1165]

Quando chegaram, Vera e os demais notaram a presença de pessoas dos mais diversos países e regiões do mundo. Alguns vinham do leste europeu. Outros, da Turquia. A maior parte era de Bangladesh. Parte dessas pessoas, como migrantes econômicos, vinha com "a perspectiva de inserção no mercado de trabalho, agenciados pelo Ministério do Trabalho sueco."[1166]

De grandes proporções, o campo era formado por uma estrutura notável. Famílias poderiam ficar nos chalés e os demais seriam hospedados em grandes galpões, com quartos para duas pessoas. Além dos alojamentos, havia, também, um refeitório, um ginásio esportivo e uma sauna.

Instalados, Vera e os demais receberam as instruções da nova morada. O governo sueco, vivendo "o auge do Estado de bem-estar social e do pleno emprego"[1167], assumia diretamente as responsabilidades com relação aos refugiados. Em Alvesta, teriam acesso a alimentação, moradia, roupas apropriadas, assistência médica e aulas de sueco. Além das necessidades básicas garantidas, Vera e os demais receberiam quatro coroas suecas por dia. Como incentivo à participação no curso de sueco, receberiam mais quatro por cada aula feita.

Havia, entretanto, contrapartidas. Os migrantes e refugiados tinham a mobilidade reduzida. Podiam deixar o campo apenas provisoriamente e sob condições específicas. Sozinhos, poderiam ir ao curso de sueco, ministrado em uma escola a cerca de um quilômetro de distância. Para qualquer outro local, eram autorizados a sair do campo apenas se uma pessoa de nacionalidade sueca se responsabilizasse por eles. Aprofundava-se o processo de infantilização que acometera a vida de Vera em Argel.

[1165] ROLLEMBERG, 1999, p. 118.
[1166] Ibid.
[1167] Ibid., p. 120.

Essa situação a frustrava. Às dificuldades imediatas, como as baixíssimas temperaturas e a restrição da liberdade, acrescia-se o choque cultural. De início, com o idioma. Vera não tinha nenhuma familiaridade com a língua sueca. Além de uma aprendizagem custosa, Vera e os demais brasileiros relatavam a subestimação dos professores com relação a eles, em uma perspectiva xenofóbica. Além disso, grande parte do curso, buscando oferecer noções básicas do idioma, restringia-se a ensinar os alunos a comprar, algo que irritava os brasileiros.[1168]

Apesar de ser uma opção possível de viabilizar a inserção social de estrangeiros, o foco no consumo, simbolizada no curso de sueco, é representativo de como o governo vislumbrava a incorporação dos estrangeiros na sociedade. Desde a chegada, buscando conquistar Vera e os demais para uma perspectiva de inserção social laboral, o governo sueco tentava enquadrá-los, juridicamente, como migrantes econômicos. Outro sinal disso é que, pouco tempo depois da instalação em Alvesta, foram levados, algumas vezes, em excursões para conhecer fábricas onde pudessem trabalhar.[1169]

O grupo de brasileiros relutava quanto a essa possibilidade. Demandavam ser enquadrados como refugiados políticos, sob a jurisdição da Convenção de Genebra de 1951, pilar fundamental do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), criado em 1950. Mais do que simples nomenclatura, o status de refugiado, apesar de fluido e subjetivo[1170], concedia uma gama de direitos e maior liberdade sobre onde se instalar e o que fazer no país. Nessa intenção, negando a possibilidade de ser enquadrada como migrante econômica, Vera entrou com dois pedidos junto ao governo sueco no dia 3 de dezembro de 1973. Além de permissão de residência, também demandava o *travel document* sob a jurisdição da Convenção de Genebra. Como uma espécie de passaporte, a concessão do *travel document* confirmaria sua condição de refugiada.[1171]

Conforme os dias passavam em Alvesta, o frio aumentava. Temperaturas sempre abaixo de zero. Inversamente proporcional à queda da temperatura, aumentavam os latino-americanos que chegavam ao campo provindos do Chile. A Suécia, segundo o relatório do ACNUR, foi o

---

[1168] FERREIRA, Gloria. Entrevista concedida a Denise Rollemberg. *In*: *Arquivo Edgar Leuenroth (AEL/Unicamp)*, Fundo *Militância Política e luta armada no Brasil,* fita 1, lado b; ROLLEMBERG, 1999, p. 121.

[1169] FERREIRA, Gloria. Entrevista concedida a Denise Rollemberg. *In*: Arquivo Edgar Leuenroth (AEL/Unicamp), Fundo *Militância Política e luta armada no Brasil,* fita 1, lado b.

[1170] Denise Rollemberg discorre, detalhadamente, sobre a "fluidez dos limites das classificações de *refugiado, exilado* e *migrante*. Para maiores detalhes, cf. ROLLEMBERG, op. cit., p. 37-47.

[1171] Os documentos sobre Vera em poder da Agência de Imigração Sueca (*Migrationsverket*) estão classificados por um período de 50 anos, tornando impossível sua consulta. Contudo, acessei informações básicas do dossiê, transmitidas, via e-mail, por uma funcionária do arquivo ligado à agência.

país que mais recebeu refugiados do Chile ainda no ano de 1973. Além de Vera, outras 472 pessoas foram recebidas naquele ano.[1172]

O aumento de latino-americanos no campo em Alvesta era, uma vez mais, o contato com a dura realidade do golpe, da fragmentação, da diáspora. Combinada ao choque cultural, às baixas temperaturas e a pouca quantidade de luz solar, a chegada de mais e mais latino-americanos era o culminar de um cenário mórbido. Alguns não aguentavam. "Achei a Suécia extremamente depressiva"[1173], relembrou Vera anos depois ao ressaltar que soube, inclusive, de casos de suicídio entre os exilados.

Apesar de tudo, Vera se fortalecia nos laços afetivos. Para além de Glória Ferreira, tornar-se-ia muito próxima de Ernesto Soto e Francisco Nelson. Laços que foram retomados e aprofundados ainda na embaixada argentina, adquiriam outros aspectos no cotidiano mais livre, apesar das restrições, em Alvesta. Distante de Gabeira, Vera havia, inclusive, iniciado, ainda no hotel Ezeiza, uma relação com Francisco, mais conhecido como Chiquinho. Eram respiros dentro de uma realidade sufocante.

Depois de pouco mais de um mês, a vivência no campo era muito custosa para Vera. Buscava uma maneira de ir, ao menos, viver em Estocolmo. Como ideal, gostaria de ir a Paris. Contudo, enquanto o imbróglio jurídico não se resolvia, teria de continuar em Alvesta. Passaria o final do ano de 1973 ali, onde vivenciaria uma experiência-síntese do choque cultural no exílio sueco.

Ao longo de dezembro, em uma tentativa de aproximação da sociedade com os estrangeiros que afluíam ao país, houve uma campanha de incentivo às famílias suecas para receberem os refugiados na noite de Natal. Inicialmente, a campanha pareceu surtir efeito. Convites passaram a chegar ao campo de Alvesta. Eram, no entanto, convites absurdos. Alguns deles realizados com exigências, demonstrando a objetificação dos exilados. Em um, solicitava-se que o refugiado cantasse. Em outros, que fossem uma família com crianças. Na imensa maioria brancos, de olhos claros e loiros, alguns suecos queriam refugiados que tivessem cabelo preto.[1174] Como apontou Denise Rollemberg: "Os exilados como personagens de um teatro entre o absurdo, o cômico e o trágico."[1175]

[1172] ROLLEMBERG, 1999, p. 115.
[1173] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 22/08/1998, fita n. 12, lado A, transcrição p. 2.
[1174] FERREIRA, Gloria. Entrevista concedida a Denise Rollemberg. *In*: *Arquivo Edgar Leuenroth (AEL/Unicamp)*, Fundo Militância Política e luta armada no Brasil, fita 1, lado b.
[1175] ROLLEMBERG, op. cit., p. 121.

A campanha, apesar de bem-intencionada, mostra, também, o estranhamento dos suecos com relação à diferença. Como apontou uma das principais referências da Anistia Internacional para os brasileiros, Marianne Eyre: "Não estávamos muito acostumados com o que acontecia nos países fora da Suécia. Na época, era uma coisa enorme encontrar um brasileiro."[1176]

Vera, Gloria, Chiquinho e Ernesto escaparam desses pedidos. Passaram o Natal em Estocolmo, justamente na casa de Marianne. Através dela, conseguiram, na alvorada de 1974, deixar o campo rumo a capital, sob a justificativa de que auxiliariam nos trabalhos da organização em relação ao mapeamento de exilados.

Também por intermédio da Anistia Internacional é que Vera ficou sabendo que o governo sueco abrira possibilidade de asilo para reunião de famílias separadas pelo golpe no Chile. Apesar da relação com Gabeira estar nos estertores, Vera vislumbrou a oportunidade de tirá-lo da embaixada da Argentina em Santiago. "Eu me sentia na obrigação de chamá-lo."[1177] Através dos contatos costurados por ela, em especial com Thomas Hammarberg, o caso de Gabeira foi acelerado e ele chegou em Estocolmo em meados de dezembro.[1178]

Apesar da felicidade do reencontro, o relacionamento não dava sinais de melhora. Em intensa convivência, Vera e Gabeira notavam que haviam se distanciado afetivamente. O relacionamento que havia começado há cerca de três anos antes, no exílio que nem parecia, de fato, um exílio, caminhava para o fim com o início do exílio considerado como tal.

Em Estocolmo, Vera, Gabeira, Gloria, Ernesto e Chiquinho passaram a morar em um prédio estudantil. Ali, Vera e os demais foram convidados para uma palestra aos suecos da Anistia Internacional sobre as torturas e violações de direitos humanos nas ditaduras latino-americanas. Vera, pela relevância de seu caso, teve importância principal.

Em meio a sua fala, quando descrevia as torturas pelas quais passou, Vera, subitamente, começou a rir. Gabeira, percebendo que algo estava errado, buscou acalmá-la, tirando-a da sala. "Tive um ataque histérico. Foi uma tragédia total"[1179], relembrou Vera anos depois.

Buscando encontrar razões para esse episódio, Vera apontou para um estado depressivo, um desgaste mental que a acometia nesse período. Gabeira, em duas ocasiões diferentes, relembrou a situação dela. Em uma delas, remonta o cotidiano introspectivo de Vera, em que

---

[1176] EYRE apud ROLLEMBERG, 1999, p. 122.
[1177] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 15/08/1998, fita n. 11, lado A, transcrição p. 5.
[1178] GABEIRA, 1980, p. 168.
[1179] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 22/08/1998, fita n. 12, lado A, transcrição p. 2.

"passava os dias enrolando com o dedo uma mecha de cabelo e isto era indício de que havia se desligado da realidade."[1180] Mais do que introspectiva, descreve que ela estava "bastante deprimida", sendo acometida por "rápidas saídas do ar."[1181]

Para além do término iminente com Gabeira e dos choques cultural e climático na estada na Suécia, ter sido acometida por um "ataque histérico", como ela mesma nomeou, em uma palestra sobre as torturas que sofreu é sintomático de aspectos outros. A "rápida saída do ar" talvez estivesse vinculada, também, à "ruptura narcísica" em decorrência da derrota do projeto revolucionário.

Ali, diante dos membros da Anistia Internacional, Vera era, como nunca antes, identificada como *refugiada*, *vítima*. Apesar de ter tido, na Argélia, um momento de denúncia das torturas, de ter sido identificada como *wheel chair girl*, seu feixe identitário, àquela altura, era a revolução. Vera Sílvia, a revolucionária. A mulher revolucionária brasileira que estava ansiosa para conhecer as revolucionárias argelinas. A única mulher que participou da captura do embaixador norte-americano. A realidade, entretanto, havia mudado. No inverno sueco, a identidade revolucionária parecia ter sido soterrada pela neve. Desaparecia sob os escombros da derrota no Chile.

Anos depois, ao relembrar sobre o período na Suécia, Vera criticou o governo sueco: "Eles tinham que ser filantrópicos, assistencialistas e só. Não tinham nenhuma visão política. *Não viam a importância da gente.*"[1182] Não os enxergar como importantes era, nesse sentido, não os enxergar como revolucionários. Como construtores de um novo mundo.

A estada na Suécia, portanto, como evidência de uma nova visão sobre a Vera e os demais revolucionários exilados que, consequentemente, influenciava sobre a visão que tinha de si mesma. A revolucionária transfigurava-se em refugiada, vitimizada pelo arbítrio e autoritarismo do governo brasileiro. Tornar-se uma denunciante da ditadura era mais uma evidência da inviabilidade do enfrentamento a ela. De ativa, com papel fundamental na transformação de seu país e do mundo, era transformada, pela força das circunstâncias, em agente passiva, infantilizada. Aprendendo, como uma criança, um novo idioma e um novo mundo. Novo mundo em que parecia ter mais espaço para descrever e denunciar, com detalhes, as ações de seus algozes do que apresentar suas propostas para a construção de um novo mundo.

Efetivamente, uma nova fase do exílio iniciara.

[1180] GABEIRA, 1980, p. 175

[1181] GABEIRA, Fernando. Entrevista concedida a Higor Codarin. Rio de Janeiro, 7 de maio de 2019.

[1182] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 15/08/1998, fita n.11, lado A, transcrição p. 7. grifo nosso.

Diante desse emaranhado de questões que perturbavam sua cabeça, o evento na Anistia foi a gota d'agua. Ficar na Suécia era insustentável. Vera teve medo de "pirar". Lembrava, com receio, do histórico de sua família. Em fins de janeiro, no entanto, uma boa notícia. O governo sueco aceitou seus dois pedidos. Ambos os documentos demandados foram concedidos e expedidos no dia 27 de janeiro. Em mãos, o *travel document* relembraria Vera, constantemente, de sua condição. No campo destinado aos países em que o passaporte tinha validade, apontava-se "*All countries except Brazil and Chile.*"[1183] Uma volta ao Brasil era impossível. Apesar disso, o documento de viagem, com duração de um ano, era a possibilidade de deixar Estocolmo. Não titubearia.

Com um beijo *blasé* em Gabeira, como ela mesma descreveu, disse que rumaria a Paris.[1184] Gabeira ficaria na Suécia. Era, formalmente, o fim. Em um gesto solidário, dividiu com ele o pouco dinheiro que tinha e rumou a Paris praticamente sem nada. Ficaria na casa de Luiz Eduardo Prado.

Ainda em fevereiro de 1974, com recém-completos 26 anos, Vera estava na capital francesa. Apesar de tudo, empolgava-se. Sua cultura familiar francófila, a familiaridade com o idioma, a mística que envolvia a cidade e o curto período em que nela havia morado dois anos antes construíam uma atmosfera, na medida do possível, entusiasmante. "Era a cidade dos meus sonhos"[1185], relembrou. Chegava à cidade luz. Luzes e sonhos, trevas e pesadelos. Sínteses contraditórias que permeariam sua estada na *terre d'asile*. Vera chegava à cidade que, por vezes a contragosto, recebera, ao longo dos séculos XIX e XX, vagas de revolucionários exilados. Distantes de suas revoluções, buscavam-nas pelos *arrondissements*, ao mesmo tempo em que buscavam a si mesmos. Assim como Vera faria a partir de então.

9.2 Pelos Bancos da Universidade de Paris

Desde 1968, o governo francês promovia uma política rigorosa e restritiva com relação à concessão de asilo aos latino-americanos. Contudo, após o golpe no Chile, a conjuntura se alterou. O governo de Georges Pompidou passou a adotar uma "posição liberal e recebeu um número expressivo de refugiados", tornando a França o segundo maior país em concessão de

[1183] O documento de viagem sueco (*RESEDOKUMENT)* de Vera consta em seu dossiê no Office français de protection des réfugiés et apatrides (OFPRA). Para maiores detalhes, cf. AML 75 Dossier COSTA DE ALBUQUERQUE MARANHÃO, Vera. Née ARAÚJO MAGALHÃES. Disponível em: Office français de protection des réfugiés et apatrides (OFPRA), Fontenay-sous-Bois, França.
[1184] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 15/08/1998, fita n. 11, lado A, transcrição p. 6.
[1185] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 22/08/1998, fita n. 12, lado A, transcrição p. 12.

asilo às pessoas que provinham do Chile, concedendo-o a 287 indivíduos, número que caracterizava 20,1% do total.[1186]

Mesmo antes da derrubada de Salvador Allende, apesar das restrições, a França era um dos principais destinos para os exilados latino-americanos, especialmente para os brasileiros. Segundo dados de um relatório do *Comité Inter-Mouvements Auprès Des Évacués* (CIMADE), produzido em agosto de 1973, 1.500 brasileiros estavam exilados na França, sendo a maior nacionalidade dentre os exilados latino-americanos.[1187] O caso de Vera, teoricamente exilada na Suécia, é evidência de que o número pode ser ainda maior. Maud Chirio estima que o número total de exilados brasileiros na França poderia chegar a 2.000 pessoas.[1188]

Diante desse contexto, a exemplo do que ocorrera no Chile, a chegada de Vera em Paris foi permeada por reencontros. Além de Luiz Eduardo, com quem moraria nos primeiros meses, reencontrava Carlos Vainer e Daniel Aarão Reis. Ambos haviam conseguido escapar da violência chilena e, por caminhos distintos, chegavam à capital francesa.

A estadia na casa de Luiz Eduardo foi por pouco tempo. Casado, o espaço do apartamento era pequeno para três. Assim, Vera, com parco auxílio financeiro dos pais, passou a dividir um apartamento com Carlos Vainer e uma outra brasileira, bióloga, chamada Rosa, localizado na *rue de la Glacière*. Estabelecia-se no *13eme*. Antigo *arrondissement* operário, situado na *rive gauche*, seria, junto do *14eme*, os lugares de Vera em Paris, onde estabeleceria morada.

Algum tempo depois da chegada, Vera viajou com Luiz Eduardo à Normandia. Em meio aos passeios, conheceu Jean Pierre, um parisiense pelo qual se apaixonou. Fora algo arrebatador. Quando voltaram à capital, buscavam, imediatamente, alternativas para morarem juntos. Jean Pierre, ao contrário de Vera, não estava sozinho. Divorciado, tinha um casal de filhos pequenos e um cachorro. Assim, o apartamento que dividia com Vainer e Rosa não era suficiente.[1189] Esse não era, no entanto, o único problema. Quando os amigos parisienses de Vera conheceram Jean Pierre, chocaram-se com a semelhança física dele com José Roberto. "Era parecidíssimo. No gestual, na postura corporal. Até o rosto parecia com José Roberto"[1190], relembrou Vainer. Daniel, de forma bem-humorada, rememorou o espanto quando o conheceu:

[1186] ROLLEMBERG, 1999, p. 115.
[1187] Ibid., p. 116.
[1188] CHIRIO, Maud. Les trajectoires intellectuelles et politiques des exilés brésiliens pendant le régime militaire (1964-1979). Mémoire de DEA. Paris: Universidade Paris 1, 2004.
[1189] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 25/08/1998, fita n. 13, lado A, transcrição p. 9.
[1190] VAINER, Carlos. Entrevista concedida a Higor Codarin, via Skype, no dia 27 de junho de 2020.

"Era algo assim, absurdo. Eu dizia: Vera, isso é maluquice. Você se casou com o José Roberto II."[1191] Até mesmo amigos que não estavam no cotidiano parisiense, assustavam-se. Eduardo Homem, que foi visitar Vera em Paris, disse, ao descrever sua chegada: "Eu desembarquei e fui direto para a casa dela, onde me hospedei por algumas semanas. Ela estava casada com um francês fisicamente parecidíssimo ao Zé Roberto, o que me deixou atônito."[1192]

No momento da chegada de Eduardo Homem, Vera já estava morando com Jean Pierre, seus dois filhos e seu cachorro, em um prédio localizado no número 40 da *avenue d'Italie*. Além deles, no outro quarto do apartamento, moravam Vainer e Sônia Giacomini, casal que foi convencido a dividir o apartamento nessa aventura. Como estava no quarto maior, Vera era responsável pela maior parte do aluguel. Contudo, o auxílio dos pais não era suficiente para pagá-lo e pagar todas as outras despesas. Diante da completa inação de Jean Pierre que, além de desempregado, subalternizava-a, forçando-a ao papel socialmente atribuído às mulheres, com o cuidado da casa e com os filhos, Vera, além da jornada diária no apartamento, teve de encontrar trabalho para se manter.

Como exilada, encontrava, apenas, trabalhos precarizados. A partir do cuidado espontâneo dos filhos de Sandra Castro, ex-militante do Partido Comunista Operário (POC) que havia conhecido na embaixada da Argentina em Santiago, Vera percebeu que poderia trabalhar como *baby sitter.* No contato com Flavia e Joca, filhos de Sandra, percebeu não apenas que gostava das crianças, mas que as crianças também gostavam dela. Flavia, tempos depois, ao relembrar dos contatos com Vera, apontou:

> Ela não tentava infantilizar o seu vocabulário para falar comigo, nem reduzia a conversa àquele tatibitate imbecil que tantos adultos se sentem obrigados a adotar quando falam com crianças. Não me lembro do que falávamos, mas que a considerava uma amiga minha e não apenas da minha mãe. Ela me impressionava por algo que não sei bem definir em seu jeito de ser.[1193]

Embora gostasse do trabalho de *baby sitter*, os ganhos não eram suficientes para sustentá-la. Assim, além dele, conseguiu, também, trabalhar como vagalume de cinema, uma espécie de monitoria das salas durante as sessões. Localizado em *Porte de Clignancourt*, uma das regiões periféricas de Paris, era um cinema pornográfico. Ali, Vera foi, por diversas vezes,

[1191] AARÃO REIS, Daniel. Entrevista concedida a Higor Codarin. Rio de Janeiro, dia 19 de setembro de 2019.
[1192] HOMEM, Eduardo. Entrevista concedida a Higor Codarin, via e-mail, 21 de setembro de 2020.
[1193] CASTRO, Flavia. Texto escrito no dia 10 de dezembro de 2007, transmitido a Higor Codarin via aplicativo e mensagens em 2020.

assediada verbalmente. Em algumas delas, teve de escapar de tentativas de abuso físico por parte dos espectadores.[1194]

A experiência de vagalume no cinema era uma espécie de pedra de toque da relação surrealista em que estava. Evidenciando sua fragilidade neste início, efetivo, do exílio, Vera, sem perspectivas, buscava um retorno impossível ao passado, simbolizado no "reencontro" com José Roberto. Em nome disso, era levada a aceitar, sem grandes conflitos, a exploração financeira, afetiva e laboral por parte de Jean Pierre.

Equilibrando-se entre a dupla jornada no trabalho e em casa, Vera organizava-se politicamente com outros exilados brasileiros. Em uma tentativa de articulação, criava-se o grupo "A iniciativa". Formada por Vera, Daniel Aarão Reis, Marco Aurélio Garcia, Carlos Vainer, Vladimir Palmeira, dentre outros, era uma articulação heterogênea de ex-militantes da esquerda armada e da esquerda no geral, preocupados em discutir teoria política e, mais especificamente, os destinos políticos do Brasil.

Reuniam-se nos cafés parisienses. Cafés que, outrora, emprestaram suas instalações para o início da parceria intelectual entre o exilado Marx e Engels em 1844 e que, entre os anos de 1909-1911, receberam o exilado Lenin. Sob essa mística histórica, Vera e os demais buscavam, do outro lado do atlântico, encontrar novas perspectivas para o Brasil.

Sintomática da conjuntura de destruição da perspectiva da luta armada no Brasil e, no limite, da perspectiva revolucionária latino-americana, era uma busca algo descompromissada. Daniel, ao relembrar das reuniões, remonta as intervenções desconcertantes e engraçadas de Vera:

> Ela ironizava todo mundo. Sacaneava todo mundo. E dizia: 'A gente tem que se questionar, primeiro, o seguinte: Quem somos nós? A gente era uma vanguarda revolucionária. A guerra acabou. Então, quem somos nós? Para depois sabermos o que queremos e para onde estamos indo.' Ela queria que nós aceitássemos que havíamos passado a ser atores coadjuvantes.[1195]

Ironizava, assim, os outros e, também, a si mesma. Passavam a ser coadjuvantes dos destinos do país. Pouco poderiam influenciá-lo. Notava-se, inclusive, uma redefinição da função política dos exilados. Naquele momento, a exemplo do depoimento de Vera na Anistia Internacional, as denúncias à ditadura tornavam-se a principal via de atuação política dos exilados. A constituição do Tribunal Bertrand Russell II, em novembro do ano anterior, 1973, era outra evidência disso. Criado pelo jurista Lelio Basso, tinha por objetivo o julgamento das

---

[1194] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 25/08/1998, fita n. 13, lado A, transcrição p. 1.

[1195] AARÃO REIS, Daniel. Entrevista concedida a Higor Codarin. Rio de Janeiro, dia 19 de setembro de 2019.

ditaduras latino-americanas. O nome, Bertrand Russell II, fazia referência ao tribunal, formado em 1966 por Bertrand Russel, para julgar, em Londres, os crimes norte-americanos cometidos no Vietnã.[1196] Alguns militantes brasileiros torturados, como Gabeira, prestaram depoimento ao tribunal, realizado em Roma.

Restava, aos militantes, denunciar a ditadura. Mudavam-se as táticas, como aponta Denise Rollemberg:

> Se a princípio as campanhas no exterior tentavam, em meio às sucessivas vitórias da repressão, passar a imagem de que havia forças revolucionárias no país capaz de vencê-la, aos poucos as iniciativas promovidas em diversos países começaram a abandonar esta avaliação, concentrando-se na luta pelos direitos humanos e, em seguida, pela anistia.[1197]

Apesar dessa mudança, os integrantes do grupo acompanhavam com atenção o cenário nacional.

Com o ano de 1974, abria-se uma nova conjuntura no Brasil. Após três anos e meio caracterizados pelo avanço da política repressiva e pelo chamado "milagre econômico", Médici deixava o poder. Ernesto Geisel, vinculado ao grupo de Castelo Branco, chegava à Presidência.

Encontrava, internacionalmente, uma conjuntura econômica desfavorável, em especial atrelada à crise do petróleo, iniciada em 1973. Como seu desdobramento, a subida vertiginosa dos preços do óleo em março de 1974, realizada pela Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP), gerava turbulências em todo o globo e, especialmente, no Brasil, que importava 73% do óleo hidrocarboneto que consumia.[1198]

Ao contrário da maioria dos países importadores de petróleo, que adotaram "programas recessivos, com restrições à demanda interna", o governo de Geisel seguiu caminho distinto. Desenvolvia-se, a partir dali, um "ambicioso programa de investimentos que visava aumento da oferta interna de bens de capital e insumos básicos, reduzindo a dependência das importações." Gradativamente, essa opção mostrou-se danosa, gerando "maior endividamento interno e externo, maior inflação e o esgotamento da capacidade financeira do governo

---

[1196] Para maiores detalhes sobre o tribunal, cf. ROLLEMBERG, 1999, p. 233-245.
[1197] Ibid., p. 229.
[1198] LUNA, Francisco Vidal; KLEIN, Herbert S. Transformações econômicas no período militar. (1964-1985). *In*: AARÃO REIS FILHO; PATTO SÁ MOTTA; RIDENTI, 2014, p. 107.
[1198]Dados do IGP-DI compilados pela Fundação Getúlio Vargas. Disponíveis em: http://www.yahii.com.br/igpdi44a79.html. Acesso em: 17 jan. 2023.

federal."[1199] A inflação, que fechara o ano de 1973 em 14,43%, atingiu 34,54% no ano seguinte.[1200] Os tempos de milagre econômico pareciam ter acabado.

No campo político, em discurso realizado em agosto, Geisel apontava para o "processo da lenta, gradativa e segura distensão."[1201] Era a sinalização do início da atravancada e ziguezagueante abertura política.

Sob o novo governo, em novembro, realizaram-se as eleições legislativas. Com redução do controle sobre a atuação partidária do MDB e da ARENA, rádios e televisões "foram utilizados com maior liberdade nas campanhas dos candidatos e veicularam também propagandas oficiais, nas quais se sublinhava a importância do voto e buscava-se estimular o comparecimento dos eleitores no dia de votação."[1202]

O MDB, apesar de povoado por diversas correntes políticas, incluindo uma gama de políticos fisiológicos, era composto por um grupo de políticos de esquerda, autointitulados "autênticos do MDB". Em torno destes últimos, parte das organizações de esquerda, que se reorganizavam clandestinamente do Brasil, participaram da campanha eleitoral, enfatizando a necessidade de votação em candidatos do MDB, ao contrário da preconização do voto nulo que fora frequente em eleições anteriores.[1203]

Com maior participação da sociedade brasileira, os resultados foram surpreendentes. A oposição obteve uma vitória expressiva. Na disputa por 22 cadeiras do Senado Federal, o MDB conquistou 16. Na Câmara dos Deputados, a oposição aumentou de 86 para 165 o número de cadeiras. Apesar de não conquistar a maioria no legislativo federal, o MDB, a partir de então, inviabilizava alterações constitucionais. Mais. Conquistou, ainda, maioria nos legislativos de seis estados: Acre, Amazonas, Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro e Guanabara.[1204]

Embora dominante, foi uma derrota significativa da ditadura. Abria-se, assim, não apenas uma nova conjuntura para a ditadura, mas, também, para as esquerdas brasileiras. Como

---

[1199] LUNA, Francisco Vidal; KLEIN, Herbert S. Transformações econômicas no período militar (1964-1985). *In*: AARÃO REIS FILHO; PATTO SÁ MOTTA; RIDENTI, op. cit., p. 109.

[1200] Dados do IGP-DI compilados pela Fundação Getúlio Vargas. Disponíveis em: http://www.yahii.com.br/igpdi44a79.html. Acesso em: 17 jan. 2023.

[1201] GEISEL, Ernesto. *Discurso feito aos dirigentes da Arena.* 1974. Disponível em: http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/ernesto-geisel/discursos/1974/17.pdf/view. Acesso em: 17 jan. 2023.

[1202] CARVALHO, Alessandra. Democracia e desenvolvimento versus Segurança e desenvolvimento: as eleições de 1974 e a construção de uma ação oposicionista pelo MDB na década de 1970. *Varia História*, v. 28, n. 48, p. 555-572, 2012. Para citação, p. 556-557.

[1203] ARAUJO, Maria Paula Nascimento. Lutas democráticas contra a ditadura. *In*: FERREIRA, Jorge; AARÃO REIS, Daniel. *Revolução e democracia (1964).* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. v. 3, p. 321-354, p. 335.

[1204] CARVALHO, op. cit.

aponta Maria Paula Nascimento Araujo, a partir de 1974 há "[...] a configuração de um novo mapa de esquerda e de oposição no país".[1205]

Apesar de praticamente extinta, a derrota do último estertor da perspectiva de luta armada no Brasil, a guerrilha do Araguaia empreendida pelo PCdoB, era o fim definitivo de uma estratégia revolucionária que ganhara corações e mentes dos militantes comunistas brasileiros. Para alguns, a autocrítica já estava sendo feita, como vimos com relação a Vera e ao MR-8. Para outros, estava em vias de se fazer.

No centro dessa autocrítica, tendo a conjuntura de abertura política de 1974 como pano de fundo, configurava-se uma nova polaridade.[1206] De um lado, as organizações e seus militantes que "concordavam com uma luta de resistência, pelas liberdades democráticas". De outro, aquelas organizações que "consideravam essa proposta uma reedição do reformismo do comunismo tradicional brasileiro."[1207]

Se Vera, junto aos demais dissidentes, rompera com o PCB em 1966, tendo em vista posicionar-se contra o pacifismo do partido e indicar a necessidade de ingressar na luta armada contra a ditadura, o MR-8 passava a defender posições táticas no mesmo campo do antigo partido com o qual rompera anos antes. Além das duas organizações, o PCdoB, a Ação Popular Marxista-Leninista (APML), a Convergência Socialista e a Liberdade e Luta, defendiam a luta pelas liberdades democráticas como central na atual conjuntura. Formavam o chamado "Bloco das Liberdades Democráticas." Atuavam a partir de uma "plataforma de lutas centrada na denúncia do arbítrio e na campanha por direitos democráticos, tais como liberdade de organização, expressão e manifestação, liberdade de imprensa, denúncia de prisões ilegais e, principalmente, da tortura."[1208]

Outras organizações, menores, como a PO, surgida da antiga ORM-POLOP, e, apesar das nuances, o Movimento de Emancipação do Proletariado (MEP), criticavam essa perspectiva, apontando que a luta pelas liberdades democráticas "representava uma bandeira reformista", defendendo a "luta econômica como instrumento para a organização e conscientização dos trabalhadores brasileiros."[1209]

[1205] ARAUJO, Maria Paulo Nascimento. *A utopia fragmentada*: As novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000. p. 116.
[1206] Como aponta Maria Paula Nascimento Araujo, essa não era a única questão que expunha as diferenças tático-estratégicas entre as organizações de esquerda na conjuntura pós-luta armada. Contudo, para os interesses aqui desenvolvidos, salienta-se a polaridade tática fundamental. Para maiores detalhes, ARAUJO, op. cit., p. 120-127.
[1207] Ibid., p. 124.
[1208] Ibid.
[1209] Ibid., p. 125.

Apesar da polaridade entre as organizações, além das nuances que existiam em cada uma delas, a maior parte das organizações de esquerda, derrotada a luta armada, compreendia como necessidade primeira o investimento em uma "luta política legal", um "retorno às formas de luta mais amplamente aceitas pela sociedade". Era, na prática, uma "tentativa de sair do isolamento vivido pelos grupos armados."[1210]

Ao contrário da perspectiva ofensiva proposta pela luta armada, sua autocrítica é a abertura de uma *conjuntura de resistência* para a esquerda brasileira.

Como aponta Maria Paula Araújo Nascimento: "A palavra 'resistência' está intimamente ligada à ideia de uma correlação de forças adversa; de um inimigo mais forte que se impõe. A resistência é sempre do mais fraco, do acuado."[1211] O apoio de significativa parte das organizações de esquerda aos políticos do MDB nas eleições legislativas de 1974 era um marco dessa nova conjuntura, em que a tática dominante das organizações de esquerda seria "[...] uma plataforma de lutas pelas liberdades democráticas e uma política de alianças que ia na direção de setores mais moderados da oposição, tendo como objetivo ampliar o movimento da sociedade civil contra a ditadura."[1212]

Forjados, em sua maioria, na luta armada, Vera e os demais de "A iniciativa" enxergavam, apesar das nuances, com ceticismo as mudanças na esquerda brasileira, como também a possibilidade de mudanças efetivas por vias institucionais. Como vimos, a opção pela luta armada incorporava uma posição de enfrentamento aos velhos partidos de esquerda, vide PCB, e às velhas formas de fazer política. Democracia "era vista como sinônimo de acordos, negociatas, conchavos."[1213] Mais. Sinônimo de democracia liberal burguesa.

Reticências e dúvidas, portanto, permeavam os debates. Apesar da derrota do projeto revolucionário da luta armada e distantes do Brasil, o apoio a uma nova tática não se fazia automático. De todo modo, era uma nova conjuntura que aguçava os corações e mentes dos exilados. Desmoralizada, a ditadura estaria chegando ao fim? A abertura, para além da retórica de Geisel, tornar-se-ia uma realidade? Os exilados voltariam ao Brasil? Por ora, eram perguntas sem resposta. Sem poder de ação efetivo sobre os acontecimentos que se desenrolavam no Brasil, restava a expectativa. Com ela, a condição, *par excellence,* do exilado. Uma vida à espera, entre parênteses, provisória.

[1210] ARAUJO, 2000, p. 124.
[1211] Ibid., p. 123.
[1212] ARAUJO, 2007, p. 323.
[1213] Ibid., p. 328.

Essas discussões alimentavam a perspectiva de provisoriedade do exílio. Era, entretanto, uma sensação de provisoriedade distinta da experimentada até então. Antes, a vida em suspenso seria retomada na prática revolucionária, representada na volta ao Brasil ou contribuindo ao processo revolucionário latino-americano, simbolizado no apoio ao governo da Unidade Popular. Àquela altura, em Paris, era uma provisoriedade indefinida, sobre a qual não se tinha gerência. Assim, colocava-se na ordem do dia a necessidade buscar, de alguma maneira, permear os parênteses da vida, fazê-lo vivo, adaptando-se e inserindo-se na nova realidade.

Como "A iniciativa" se tratava de um grupo heterogêneo, essas questões apareciam de modo variado. Alguns, superestimavam sua importância em transformar a sociedade brasileira. Fora de tempo e de lugar, mantinham ilusões revolucionárias. Outros, como Vera na intervenção citada em que propõe a pergunta "Quem somos nós?", compreendiam as imensas limitações que se impunham. Essas clivagens no seio do grupo devem ter, inclusive, contribuído para sua dissolução no ano seguinte, 1975.

Para Vera, a relativa atividade militante no seio do grupo não representava, como antes, a centralidade de sua vida. Era, no entanto, algo nebuloso, confuso. Manter-se focada no Brasil ou inserir-se na sociedade francesa eram perspectivas que coexistiam, sobrepondo-se, neste início de exílio parisiense. Apesar da confusão, Vera acenava à inserção, especialmente por intermédio do meio universitário.

Voltar a estudar era algo que a mobilizava. "Retomar a minha vida"[1214], como ela relembrou. Além da curiosidade intelectual, saíra do Brasil sem concluir a faculdade de Economia. Com o fim da perspectiva revolucionária, descortinavam-se necessidades práticas. "Tínhamos de sobreviver".[1215] Conquistar um diploma tornava-se algo importante.

Contudo, em meio à rotina que vivia, seria impossível. Manter a relação com Jean Pierre era, no limite, manter uma rotina insustentável. Além disso, com o tempo, as semelhanças com José Roberto não bastavam. Interesses, gostos e visões de mundo apresentavam-se, gradativamente, como diferenças insolúveis, demonstrando que Jean Pierre não era José Roberto. O passado estava no passado. Diante disso tudo, Vera terminou a relação. Mais do que um trauma, foi um alívio. Apesar da dificuldade em romper com a relação, que durou quase um ano, a universidade e o tempo livre despontavam como novos e arejadores horizontes.

[1214] MAGALHÃES, Vera Silvia. Entrevista concedida a Denise Rollemberg. *In*: Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI-UFF), política no Brasil: Exílio, 1994, fita 2, lado b.

[1215] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 15/08/1998, fita n. 10, lado B, transcrição p. 34.

Através do contato com os brasileiros exilados, especialmente Vainer, Vera soube da possibilidade de retomar os estudos na *Université Paris VIII*, localizada em *Vincennes*. Na esteira da abertura aos exilados no governo Pompidou, o governo recém-eleito de Giscard d'Estaing, pressionado pelos setores progressistas da sociedade francesa, promovera diversas ações para integrá-los, incluindo a concessão de empregos e possibilidade de formação profissional.[1216] Nesse contexto, professores universitários chilenos, perseguidos pelo golpe, inseriam-se nas instituições francesas, retomando suas respectivas profissões.

A solidariedade francesa com esses professores acabaria por reverberar em uma solidariedade latino-americana que atingiria Vera. A partir das conexões feitas entre os exilados, os professores chilenos, na condição de representantes das universidades do Chile, atestavam a realização de estudos universitários realizados em Santiago.[1217]

Por intermédio dessa rede de solidariedade, Vera entrou, pouco antes do início do ano letivo 1974-1975, em agosto, com um pedido de equivalência de supostas disciplinas realizadas no Chile. Segundo os documentos, correspondiam à realização de sete semestres do curso de Sociologia na Universidade do Chile.[1218] Não eram, no entanto, disciplinas quaisquer. Faziam jus à sua trajetória revolucionária: Sociologia do trabalho; Organização do Trabalho; O conceito de revolução; Imperialismo e classes sociais; Meios de comunicação e luta revolucionária.[1219]

Como vimos, Vera havia feito cursos curtos, no ano de 1973, na Flacso, mas nada que justificasse todas as equivalências. Era, assim, um gesto de solidariedade. Contudo, era mais que isso. Revalidavam-se, ali, sua curiosidade intelectual que desaguara em sua prática revolucionária. As equivalências como simbolismo de uma espécie de validação institucional do período da militância. Não havia sido isso que Vera tinha em mente quando começara a se debruçar sobre o arcabouço teórico marxista, mas, naquele momento, ter esse aspecto reconhecido fazia-se importante.

Tramitados os papeis, as disciplinas atestadas pelos professores chilenos equivaleram a 21 *unités de valeur* do sistema de ensino francês. Além deles, durante o ano letivo 1974-1975,

---

[1216] SAENZ-CARRETE apud ROLLEMBERG, 1999, p. 116.
[1217] FERREIRA, Gloria apud MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 22/08/1998, fita n. 12, lado A, transcrição p. 7.
[1218] UNIVERSITÉ PARIS VIII. Service des équivalences. 1975. *In*: *Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro*. Fundo Vera Sílvia Magalhães, Caixa 1, Documentos Pessoais II, doc. 3.
[1219] UNIVERSITÉ PARIS VIII. Attestation d'unités de valeur.1975. *In*: *Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro*. Fundo Vera Sílvia Magalhães, Caixa 1, Documentos Pessoais II, doc. 4.

foram atestadas 9 *unités de valeur* realizados na *Université Paris VIII*, em relação às mesmas disciplinas.[1220]

Assim, em termos burocráticos, Vera finalizou, com as equivalências e disciplinas realizadas na universidade parisiense, o *deuxième cycle*. Obteve, assim, o grau de *licenciée* em Sociologia em junho de 1975.[1221] A partir dali, poderia, no ano letivo de 1975-1976, ingressar, diretamente, no *troisième cycle*.

A reabertura do mundo universitário entusiasmava. A disponibilidade para vivenciar a atmosfera intelectual de Paris a seduzia. Não se restringia à universidade à qual estava vinculada, frequentava outros espaços, como o *Collège de France* e a *École des hautes études en sciences sociales*, expoentes na produção de conhecimento em ciências humanas. No *Collège de France,* assistiu e conheceu, pela primeira vez, as ideias do filósofo francês Michel Foucault.

O curso do qual participou, ministrado por ele no ano letivo 1974-1975, deve tê-la impressionado. *Os anormais*.[1222] Vinculando-o à experiência na *Fabrik*, era o contato próximo com um dos autores que construía a tendência antipsiquiatria. Interessava-se em discutir essas questões. Além disso, vê-las aprofundadas, *in loco*, pelos próprios autores era algo impactante: "Foucault trouxe várias ideias para minha cabeça. Era um autor muito heterodoxo."[1223]

Algumas delas talvez tenham impactado questões pessoais, espinhosas. Falando sobre os anormais, Foucault abrangia, também, os chamados "incorrigíveis". Em sentido algo diverso do proposto no curso pelo filósofo francês, Vera era, também, uma incorrigível. Marginalizada, exilada em um país que não era o seu. Revolucionária de uma revolução perdida

Além das propostas teóricas inovadoras de Foucault, contribuíam a essas questões os contatos de Vera com as novas tendências dentro do campo marxista. Ali aprofundava suas leituras sobre a Escola de Frankfurt, interrompidas na ida a Santiago. Abrindo flancos na teoria marxista, a Teoria Crítica complexificava as questões relacionadas à revolução.

Estando no coração da Europa, em uma sociedade que representava, de forma mais bem acabada, a *societé du spectacle*[1224], as reflexões a respeito da indústria cultural propostas,

---

[1220] UNIVERSITÉ PARIS VIII. Attestation de licence.1975. *In*: *Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro*. Fundo Vera Sílvia Magalhães, Caixa 1, Documentos Pessoais II, doc. 5.
[1221] Ibid.
[1222] De acordo com os relatos de Vera, assistiu ao curso de Foucault no *Collège de France* em 1975.Portanto, o curso frequentado por Vera fora *Os anormais*, de acordo com: FOUCAULT, Michel. *Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
[1223] MAGALHÃES, Vera Silvia. Entrevista concedida a Denise Rollemberg. *In*: *Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI-UFF)*, política no Brasil: Exílio, 1994, fita 2, lado b.
[1224] Conceito proposto por Guy Debord. Para maiores detalhes, cf. DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo.* Rio de Janeiro: Contraponto, 2007.

especialmente, por Adorno e Horkheimer, adquiriam concretude. Lançando luz a dinâmicas outras que serviam à dominação burguesa dentro do sistema capitalista, mais sofisticadas e diversas que, apenas, o aparato burocrático-militar do Estado, eram interpretações que acabavam por aprofundar a perturbação da visão marxista de Vera, iniciada ainda na Alemanha. "Abriu muito a minha cabeça. Muitas discussões sobre o marxismo. Diversas correntes diferentes."[1225]

As leituras não impactavam apenas em relação às análises sobre a configuração das lógicas de dominação do sistema capitalista. Vera também entrava em contato com autores que revisitavam as experiências revolucionárias. Impactou-se, especialmente, com uma crítica ácida à revolução cubana, *Les guérilleros au pouvoir*, do jornalista russo K. S. Karol. Iniciava, na França, o contato com críticos das experiências reais do socialismo. Acrescidas às suas observações e críticas construídas em Cuba e na Argélia, contribuíam à desconstrução de uma visão idílica das experiências revolucionárias e/ou comunistas.

Em conjunto, as referências adquiridas na vida universitária parisiense acabariam por manifestar funções contraditórias na vida de Vera, sintetizando essa fase do exílio. Além do entusiasmo, da empolgação com as novas leituras e novos temas, era, por um lado, uma forma de inserção social na sociedade francesa. Por outro, aprofundavam, teoricamente, o momento de redefinição da identidade baseada em perspectivas teóricas e experiências revolucionárias que pareciam ter fracassado. Neste sentido, apesar da empolgação, a vida no início do exílio parisiense, descompromissada das atividades militantes, impunha a percepção definitiva do desengajamento militante. Impunha a reelaboração do passado e novos planos para o futuro. Processo complexo e gradativo, como ela mesma rememorou:

> É curioso que eu só atino que deixei de ser militante em 1975 na França. Eu achava que o meu destino, que o meu perfil era o de uma militante revolucionária, e eu não sabia nem qual revolução eu ia fazer, mas outra coisa eu não faria! Eu não seria professora universitária, não voltaria para a universidade. Achava tudo isso andar pra trás. Quando eu me vi de novo nos bancos da Universidade de Paris.[1226]

Nos bancos das universidades parisienses, teria de acertar contas com o projeto revolucionário e, ao mesmo tempo, redefinir sua identidade. A partir de 1975, as luzes e trevas do exílio parisiense coexistiriam e contrastariam de modo evidente. As luzes demonstrar-se-iam especialmente nos afetos e na vida cultural, entremeados pela libertação das amarras da

[1225] Ibid.
[1226] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 15/08/1998, fita n. 10, lado B, transcrição p. 34.

vida militante. As trevas, entretanto, representar-se-iam no vazio deixado pela revolução, na desorientação e, de forma fundamental, na loucura.

9.3 Montanha Mágica

Entre fins de 1974 e início de 1975, Vera, como resultado do desengajamento militante, tinha uma vida social mais movimentada. Em meio à comunidade brasileira, passava a frequentar pequenas reuniões e festinhas nos apartamentos de exilados. Apesar de suas redes de sociabilidade serem todas atravessadas pela atividade militante, abria, na medida do possível, seu leque. Leque que se deslocava da política, embora permeado por ela.

Em uma das reuniões na casa de Paulo Sérgio Duarte, companheiro dos tempos de Dissidência e de movimento estudantil, Vera conheceu Carlos Henrique Maranhão. Em verdade, revia-o. Carlos estivera na Argélia, no momento da chegada de Vera em Argel, junto dos demais 39 presos libertados. Como base de apoio do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR) em Paris, fora à Argélia com a missão de receber Apolônio de Carvalho e levá-lo à capital francesa. Assim, no continente africano, mais de quatro anos antes, conheceram-se.

Apesar das funções em Paris, Carlos Henrique havia deixado a militância. Recifense, filho de uma família tradicional de Pernambuco, dona de usinas de cana-de-açúcar, Carlos e seu irmão, Bruno Maranhão, estudantes da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), tornaram-se militantes PCBR na capital pernambucana. Presidente do Diretório Central dos Estudantes da UFPE, Carlos, diante da perseguição política pós-AI-5, decidira por um autoexílio na França, a partir de setembro de 1969. Ali, desenvolvera grande interesse pelo cinema, devotando-se à possibilidade de realizar filmes, além de participar na produção de alguns outros.[1227] Leitor assíduos dos *Cahiers du cinema*, vivia a atmosfera cultural de Paris. Nesse contexto, aproximava-se dos brasileiros semelhantes. Paulo Sérgio que, apesar de fazer Psicologia na *Université Paris VII*, interessava-se por artes em geral, era um deles. Através dele, reencontrava Vera.

O reencontro foi permeado por conversas diversas. Estavam se conhecendo. Alto, galanteador e estiloso, portando óculos armação tartaruga, Carlos se fazia notar. Em meio à reunião, como não podia deixar de ser, um dos assuntos principais era o Brasil. Em determinado momento, Carlos, então, disse a Vera que tinha acesso ao *Jornal do Brasil*, onde havia uma reportagem interessante. Abriu, inclusive, a possibilidade de que ela o pegasse, posteriormente,

[1227] MARANHÃO, Carlos Henrique; MARANHÃO, Felipe. Entrevista concedida a Higor Codarin. Recife, 15 de julho de 2019.

em seu apartamento para lê-lo. Localizado no mesmo *13eme* de Vera, na *rue Pascal*, número 79, estava próximo do apartamento dela. Para além do interesse nas notícias era, também, um flerte.

Vera aceitou a proposta e, poucos dias depois, foi ao prédio. Ali, além de Carlos Henrique, moravam em outro apartamento Guel e Maurício Arraes, que Vera conhecera também nessas reuniões. Filhos de Miguel Arraes, tornaram-se, posteriormente, outras fontes de informação sobre o Brasil para Vera, através dos jornais brasileiros que recebiam em casa.[1228]

Depois do rápido encontro na *rue Pascal*, Vera e Carlos Henrique reencontraram-se em outra festa, no apartamento de José Joaquim Salles.[1229] Vera imergia em um contexto artístico. José Joaquim e Guel Arraes estavam, àquela altura, como relembrou Paulo Sérgio: "[...] muito envolvidos com cinema, especialmente com a tecnologia disponível na época, o Super 8."[1230]

Apesar de o Brasil e, consequentemente, a situação nacional, ser, em alguma medida, o feixe das pessoas que se reuniam, não eram encontros vinculados à política *tout court*. Além disso, as conversas, sempre regadas a queijos e vinhos franceses, provavelmente abordavam assuntos que não faziam parte da vida pregressa de Vera. A rigidez das reuniões políticas cedia espaço para a desenvoltura, o prazer e o descompromisso criativo dos ambientes da boemia artística. Germinavam novas perspectivas, como também uma nova relação.

No terceiro encontro fortuito entre Vera e Carlos Henrique, agora na festa do também artista e ex-companheiro de militância de Vera, Ricardo Vilas, combinaram de sair. Vera se sentia atraída por ele. "Foi um homem que me interessou de cara."[1231] A recíproca era, também, verdadeira. Carlos se impressionou, de início, com a inteligência de Vera, que descreveu como "fora de série."[1232]

Apesar das intersecções com o mundo político dela, Carlos Henrique era representativo de um novo mundo, de uma nova fase. Passaram a se encontrar regularmente. Interrompidos por uma rápida ida de Vera à Suécia, na primeira quinzena de janeiro, para renovar seu *travel*

[1228] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 22/08/1998, fita n. 12, lado A, transcrição p. 13-14.
[1229] MARANHÃO, Carlos Henrique. Entrevista concedida a Higor Codarin, via aplicativo de mensagens, dia 23 de janeiro de 2023.
[1230] DUARTE, Paulo Sergio. Entrevista concedida a Higor Codarin, via e-mail, dia 25 de janeiro de 2023.
[1231] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 22/08/1998, fita n. 12, lado A, transcrição p. 13.
[1232] MARANHÃO, Carlos Henrique; MARANHÃO, Felipe. Entrevista concedida a Higor Codarin. Recife, 15 de julho de 2019.

document, os encontros foram retomados logo em seguida.[1233] A partir do retorno de Vera a Paris, a relação tornava-se mais firme. Dormiam na casa um do outro frequentemente. Comemoraram, juntos, o aniversário de 27 anos de Vera. Como de praxe, Vera não o comemoraria. Ao contrário dela, Carlos era um entusiasta das comemorações e fez questão.

A celebração do aniversário evidenciava o contraste de personalidades. Carlos Henrique notava um certo pessimismo de Vera, algo difícil de definir, caracterizado por ele como uma espécie de indiferença crítica, cética.[1234] Por outro lado, ela vislumbrava sua alegria de viver, "um cara pra cima, que curtia a vida."[1235]

Como um *bon vivant*, Carlos buscava influenciar Vera em uma reconquista pela beleza da vida. Nessa perspectiva, convidou-a para irem a Portugal. Em Lisboa, encontrariam os pais dele que estavam em visita ao irmão, Bruno, na capital portuguesa. Vera aceitou. Ambos se entusiasmavam em conhecer a aurora das mudanças promovidas pela Revolução dos Cravos, que depôs a ditadura de 41 anos de Antonio Oliveira Salazar e Marcello Caetano em abril do ano anterior. Ver, pessoalmente, a construção de um novo governo, que havia recém-derrubado a ditadura de tantos anos, em um país próximo culturalmente ao Brasil parecia ser, também, uma forma de cultivar esperanças. Como dizia a música de Chico Buarque, a primavera em que floresciam os cravos portugueses deveria guardar algum alecrim para inspirar a primavera brasileira.[1236]

Apesar de Carlos Henrique não se importar com etiquetas sociais, sua família, tradicional, apreciava a manutenção dos ritos. Sabendo disso, Carlos preveniu Vera ao dizer que, em Lisboa, era provável que, em meio aos passeios pela cidade, frequentariam restaurantes reservados à alta sociedade. Com condição financeira muito mais que confortável, fazia parte dos planos da família. Vera, ao saber disso, titubeou. Ressaltou que não tinha roupas à altura e que não as compraria, seja por falta de dinheiro e/ou estranhamento.

Carlos Henrique, antevendo essa situação, havia comprado um vestido e um par de sapatos de salto alto. "Era tudo jeans, ele utilizou a minha tendência, só que eram roupas lindas,

---

[1233] *RESEDOKUMENT,* 1974. AML 75 Dossier COSTA DE ALBUQUERQUE MARANHÃO, Vera. Née ARAÚJO MAGALHÃES. Disponível em: Office français de protection des réfugiés et apatrides (OFPRA), Fontenay-sous-Bois, França.

[1234] MARANHÃO, Carlos Henrique; MARANHÃO, Felipe. Entrevista concedida a Higor Codarin. Recife, 15 de julho de 2019.

[1235] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 15/08/1998, fita n. 11, lado A, transcrição p. 8.

[1236] A música acima referida é *Tanto mar*, composta em 1975.

da Odeon, sapatos altos. [...] Eu disse: 'é, interessante. [...] achei estranhíssimo, não entra na minha cabeça, mas em todo o caso, eu vou fazer um esforço para não me sentir mal.'"[1237]

O estranhamento de Vera decorria de uma multiplicidade de fatores. Apesar da socialização no seio de sua família, do exemplo de Virgínia sempre transbordando a feminilidade socialmente constituída em sua maneira de se vestir, Vera transformou-se na sua relação com o vestuário em meio à vida militante.

O modo do ser militante de Vera incorporava, também, um modo de vestir militante. Na militância, jogava um papel a austeridade da vida clandestina e exilada, mas não só. As roupas eram, assim, construtoras de identidade. O vestuário, portanto, como "meio de integração entre os indivíduos e o grupo", "como elemento de construção de sua identidade pessoal perante o grupo, e da identidade coletiva do grupo a que pertence."[1238]

Assim, para além da masculinização dos comportamentos que, como vimos, fez-se necessário para Vera se impor e se fazer ouvir nos espaços militantes androcêntricos, a escolha do vestuário era, também, uma forma de se constituir enquanto revolucionária. "Eu tinha duas calças jeans, duas camisetas de verão, dois pulôveres e algumas roupas que a mãe da Glorinha [Ferreira] tinha me dado na Argentina. Não é porque eu não tinha dinheiro para comprar. Eu achava que era assim que devia se vestir uma revolucionária."[1239] Mais. Preocupar-se com roupas era característica de pequeno-burgueses. "Achava tudo pequeno-burguês."[1240]

Em meio à ruptura com a identidade revolucionária, Vera sentira, em sutilezas cotidianas, que o vestuário também passava por modificações. Em uma das discussões de "A Iniciativa", um dos integrantes, Marcão, vira que Vera, sempre utilizando a mesma calça jeans e pulôver, fazia uso de um cordão, ao invés de um cinto, para cinturar a calça. Questionando-a sobre o porquê da prática, Vera estranhou a pergunta e não soube respondê-la. Parecia ser algo natural. Nunca havia sido questionada pelo uso. Cinturar a calça com um cordão fazia parte, mesmo que de forma colateral, de um modo de vida militante e que, naquele momento, parecia, aos olhos de Marcão, também ex-militante, fora de tempo e lugar. [1241]

[1237] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 22/08/1998, fita n. 12, lado A, transcrição p. 14.
[1238] EMERENCIANO, Juliana. A comunicação através das roupas: uma compreensão do design de moda além da superficialidade. *Design em Foco*, v. 2, n. 1, p. 9-25, jan./jun. 2005. p. 10.
[1239] Ibid., p. 13.
[1240] Ibid.
[1241] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 22/08/1998, fita n. 12, lado A, transcrição p. 12.

Neste sentido, o estranhamento de Vera em relação ao vestido dado por Carlos Henrique dizia respeito, por um lado, ao contexto de erosão de sua constituição identitária. Por outro, como ela mesma relembrou, "nunca me vi vestida para um homem."[1242] Percebia e estranhava, também, estar fazendo algo por uma demanda masculina.

Apesar dos estranhamentos todos, sentia-se bonita. Recuperava, talvez, depois de anos, o que considerava como feminilidade. Com exceção dos momentos da luta armada em que, fazendo uso dos "jogos de gênero", incorporava, através do vestuário, os papeis socialmente constituídos para as mulheres, Vera havia se distanciado da utilização de vestidos na militância. Assim, alterar a maneira de se vestir fazia parte desse contexto de questionamento identitário.

De modo geral, a estada em Paris e, sobretudo, a relação com Carlos Henrique aprofundavam e promoviam constatações outras relacionados ao desengajamento militante. Relembrando desse início, Vera apontou que na relação com ele foi "abrindo a cabeça."[1243]

Não se quer dizer, aqui, que assumir um vestuário tipicamente feminino e que, por vezes, serve como forma de objetificação do corpo, seja sinônimo de abertura. Naquele contexto, entretanto, em que subsistiam as coerções da vida militante, sentir-se bonita em um vestido simbolizava uma espécie de abertura para outro mundo, mesmo que permeado por outras coerções.

Mais que uma abertura, era evidência – uma a mais – da crise identitária. Em meio à ruptura, cada vez mais completa, da identidade revolucionária, Vera, mesmo que sem perceber, voltava-se para uma das identidades que a constituía antes da militância. Socializada em uma família em que a feminilidade, ao menos com relação ao vestuário, enquadrava-se nos padrões sociais, era a recuperação de uma identidade que não dizia respeito à militância.

Com o vestido na mala, Vera e Carlos Henrique rumaram, de carro, a Portugal. Para além de um trajeto a cumprir, os quase dois mil quilômetros que separam Paris de Lisboa fizeram parte da viagem. As belas paisagens europeias, diversas, devem ter impactado Vera. Atravessando França e Espanha para, enfim, chegar à capital portuguesa, Vera admirava paisagens, oferecendo, a si mesma, o direito de aproveitá-las. Não que não as aproveitasse antes. Àquela altura, eram quase cinco anos no exterior, exilada. Na bagagem, três continentes diferentes. Culturas e paisagens distintas. Contudo, até então, olhava-as sem, efetivamente, vê-las. Os olhos voltados ao Brasil, à revolução, serviam de anteparo às paisagens do presente. A

[1242] Ibid., p. 14.
[1243] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 22/08/1998, fita n. 12, lado A, transcrição 13.

viagem para Portugal era, portanto, algo diverso. Apesar da presença do passado, o presente, mais leve e prazeroso, parecia retomar lugar na vida de Vera.

Em fins de março, no dia 26, Vera e Carlos chegavam à capital portuguesa. Ali ela conheceu, enfim, os pais dele, Gisela e Fernando Maranhão. Estava receosa. Por um lado, sentia-se pressionada por não ser uma "mulher de etiqueta."[1244] Por outro, era, depois de muito tempo, um relacionamento que seguia a formalidade de ritos que, àquela época, acompanhavam a formação dos casais. Apesar das inseguranças, a convivência foi tranquila, como ela mesma relembrou, "foram muito legais, me receberam muito bem, apesar da minha trajetória."[1245]

Menos como algo a ser valorizado e mais como um estigma. Vera passava a sentir, com cada vez mais frequência, o peso negativo da identidade revolucionária. Gisela e Fernando, com a militância dos filhos, provavelmente não estranhariam sua trajetória militante. Suzana, companheira do irmão de Carlos, também era militante do PCBR. Estavam, inclusive, clandestinos, utilizando codinomes. Assim, o receio de Vera partia de si mesma, relacionada ao contexto a que estava submetida.

Contudo, como marca indelével, a identidade revolucionária seria realçada, também negativamente, pelos órgãos de Estado europeus.

Depois da primeira passagem por Lisboa, que durou até o dia 03 de abril, Vera voltaria a Portugal para aproveitá-la no verão. Na capital ficaria, com Carlos Henrique, do dia dois ao dia 12 de julho.[1246] Pouco tempo depois, de volta a Paris, recebeu a notícia de que seu pai iria à Europa. Por intermédio de suas funções no Departamento Nacional de Estradas e Rodagens (DNER), Claudio visitaria Londres para estudar contratos ingleses a respeito da utilização de contêineres.

Depois de mais de um ano sem vê-lo, Vera combinou de encontrá-lo na capital inglesa. No dia 21, embarcou em um avião com destino a Lydd, aeroporto nas cercanias de Londres. Ali, quando desembarcou, foi detida. Apesar de signatária da Convenção de Genebra, fato que impunha o reconhecimento do *travel document* de Vera, a Inglaterra conhecia, também, seu passado revolucionário.

Detida, Vera ficou incomunicável. Foi interrogada, por horas, sobre as razões pelas quais estava querendo ingressar na Inglaterra. Sua versão, segundo as autoridades inglesas, não convencia. Ao longo do interrogatório, foi privada de água e alimentação. Em busca de drogas

---

[1244] Ibid., p. 14.
[1245] Ibid.
[1246] As datas se referem aos carimbos no *travel document* de Vera. Para maiores detalhes, cf. AML 75 Dossier COSTA DE ALBUQUERQUE MARANHÃO, Vera. Née ARAÚJO MAGALHÃES. Disponível em: Office français de protection des réfugiés et apatrides (OFPRA), Fontenay-sous-Bois, França.

inexistentes, realizaram, inclusive, revista íntima. Tempos depois, levaram-na a uma prisão, próxima ao aeroporto.[1247]

Como anteviam a possibilidade de dificuldades, Vera e Carlos Henrique haviam combinado dela telefonar assim que chegasse. Passadas as horas, Vera não telefonou. Carlos, então, ligou para Jorge Guillain, amigo de Vera dos tempos da Dissidência com o qual ela se hospedaria na estadia londrina. Como Guillain também não recebeu notícias dela, Carlos mobilizou contatos para descobrir seu paradeiro.[1248]

Por intermédio de Violeta Arraes, uma das principais líderes da Frente Brasileira de Informações (FBI) em Paris, Carlos conseguiu o contato de um escritório de advocacia em Londres que, cerca de dois dias depois, descobriu o paradeiro de Vera. Em mais uma evidência da rede transnacional de solidariedade, Vera, com a intervenção do escritório, além de libertada, teve autorizada a entrada na Inglaterra. Diante do tratamento que recebeu, recusou-se. Demandou que a colocassem em um transporte de volta a Paris. Colocada em um navio, retornou à França.

Em contato com os advogados ingleses, Carlos soube da informação de que o navio que transportava Vera chegaria ao porto de Dunquerque, no norte da França. Com Sergio Tolipan, amigo de ambos, Carlos deslocou-se para recebê-la. Chegado o navio, Carlos e Sergio viram Vera desembarcando. Contudo, era necessário passar, também, pelo departamento de imigração francesa. Aguardavam. O tempo passava e Vera não aparecia. Desconfiado, Carlos foi perguntar sobre seu paradeiro. Declarando-se como seu noivo, foi-lhe permitido entrar na sala em que Vera estava sendo interrogada. A polícia francesa havia sido comunicada pela polícia inglesa sobre sua presença no navio. Assim, quando foram avisados pelas autoridades inglesas, os franceses puseram-se a postos para acompanhá-la de perto. Como não havia nada concreto que pudessem utilizar contra Vera, não puderam detê-la. Estipularam, contudo, um prazo de três meses para que ela saísse do país. Apoiando-se no fato de que seu asilo havia sido concedido pela Suécia, a França não era obrigada a aceitá-la em seus territórios.

Era um duro golpe. A partir dali, Vera estava com prazo limitado para permanecer na França. Voltar à Suécia não era uma opção. Necessitava encontrar uma solução. Pensando em alternativas, Carlos Henrique aventou a possibilidade de se casarem para que Vera pudesse permanecer na França. Em tese, seria possível. Depois de alguns contatos, Carlos descobriu

---

[1247] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 22/08/1998, fita n. 12, lado B, transcrição p. 30.

[1248] MARANHÃO, Carlos Henrique; MARANHÃO, Felipe. Entrevista concedida a Higor Codarin. Recife, 15 de julho de 2019.

que, primeiro, teria de alterar seu visto de permanência na França para, em seguida, ingressar com pedido de casamento. Disposto, apresentou a solução a Vera que, prontamente, aceitou. Tornavam-se, diante das circunstâncias, efetivamente noivos. Um pedido de casamento algo *deplacé*, em virtude da vida revolucionária de Vera.

Assessorado juridicamente, Carlos deu entrada, pouco depois, junto ao *Ministère de l'Intérieur*, nas imensas burocracias que se faziam necessárias para a alteração de seu visto e subsequente casamento. Vera, de forma concomitante, ingressou com pedido de asilo político na França, junto ao *Office français de protection des réfugiés et apatrides* (OFPRA). Como principal razão para o pedido, apontava o casamento com Carlos Henrique.[1249] Embora estivessem, a partir dali, noivos, viviam como casados. Desde a volta da primeira viagem a Lisboa, Vera passara a morar com Carlos Henrique na *rue Pascal*.[1250]

Os dois interrogatórios a que Vera foi submetida, na Inglaterra e na França, foram experiências traumáticas. A fragilidade da condição de refugiada, o desengajamento da militância e o receio em ser deportada ao Brasil construíam uma atmosfera amedrontadora. Seu passado revolucionário se apresentava não apenas como obstáculo à construção de uma nova identidade mas, também, à inserção social na França.

Apesar do trauma, essas experiências não seriam as únicas. O contexto europeu e, especialmente o francês, ressaltavam o estigma revolucionário, dificultando sua vida.

Embora conhecida como *terre d'asile*, a França, como aponta Paulo César Gomes, exerceu "constante vigilância" sobre os brasileiros exilados no país, em especial sobre "aqueles que tinham participado de ações e grupos armados de esquerda."[1251]

Vera, assim, era conhecida dos serviços de informação franceses. Em ocasião da sua saída para Argélia, teve seu nome relacionado em um relatório da agência francesa de espionagem, *Service de documentation extérieure et de contre-espionnage* (S.D.E.C.E). Produzido em outubro de 1970, o relatório *"Brésil-Algérie. Les quarante refugies politiques brésiliens en Algérie",* apontava, para além do apoio do governo argelino e do cotidiano em Ben-Aknoum, uma lista com o nome dos quarenta militantes brasileiros. Mais do que uma descrição nominal, constavam informações individuais e ações armadas das quais participaram.

[1249] OFFICE FRANÇAIS DE PROTECTION DES RÉFUGIÉS ET APATRIDES. *Certificat de refugié*, nov. 1976. Para maiores detalhes, cf. AML 75 Dossier COSTA DE ALBUQUERQUE MARANHÃO, Vera. Née ARAÚJO MAGALHÃES. Disponível em: Office français de protection des réfugiés et apatrides (OFPRA), Fontenay-sous-Bois, França.

[1250] MARANHÃO, Carlos Henrique; MARANHÃO, Felipe. Entrevista concedida a Higor Codarin. Recife, 15 de julho de 2019.

[1251] GOMES, Paulo César. *Liberdade vigiada: as relações entre a ditadura militar brasileira e o governo francês:* do golpe à anistia. Rio de Janeiro: Editora Record, 2019. p. 31.

Vera, além do nome, data de nascimento, organização política e codinomes utilizados, tinha descrita a participação na captura do embaixador Elbrick.[1252]

Ao que tudo indica, até o evento no porto de Dunquerque, as autoridades francesas responsáveis pela vigilância dos brasileiros exilados, em especial a *Direction Centrale des Renseignements Généraux* (DCRG) e a *Direction de la Surveillance du Territoire* (DST)[1253], não tinham conhecimento da presença de Vera em território francês. Contudo, a partir de então, Vera passava a constar no radar das autoridades francesas. Radar especialmente aguçado diante dos eventos que haviam recentemente acontecido em Paris

Em junho, depois de uma caçada que durara mais de um ano, a DST havia, finalmente, encontrado o apartamento em que estava Carlos, o Chacal, militante comunista venezuelano. Com conexões com a Frente Popular de Libertação da Palestina e a organização alemã *Baader-Meinhof*, Carlos fora responsável por diversos atentados contra personalidades políticas e diplomatas da Europa, sendo procurado por agências de espionagem de todo o continente. Apesar de descoberto seu paradeiro, Carlos assassinou dois agentes da DST ao resistir à prisão e fugir.

O *affaire Carlos*, como o caso ficou conhecido na França, não começara ali. Sua trajetória de atentados e capturas havia iniciado em 1973. Contudo, a partir do assassinato dos dois policiais, o caso ganhou repercussão nacional e internacional. Além disso, concentrou a atenção absoluta dos órgãos de vigilância. Atenção que, de forma colateral, atingiria Vera. Como relembra Carlos Henrique, o *affaire Carlos* justificou "uma razia por toda a comunidade latino-americana exilada na França."[1254]

Em contato com os amigos, Carlos Vainer e Carlos Minc, este último com o qual Vera havia sido libertada para a Argélia e refugiada na embaixada da Argentina no Chile, notaram que a polícia francesa estava seguindo um padrão, tão inócuo quanto ingênuo.[1255] Interessavam-se, em especial, por todos os latino-americanos cujo nome era Carlos. Nesse contexto, Vera e

---

[1252] Service de documentation extérieure et de contre-espionnage (S.D.E.C.E). Brésil-Algérie. Les quarante refugies politiques brésiliens en Algérie, 1970. p. 2. *In*: ARCHIVES NATIONALES. *Intérieur; Direction centrale des renseignements généraux. Dossiers de la section "étrangers"* (1944-1983). Ressortissants brésiliens en France (1964-1978), Cote: 19850087/73.
Os documentos desta seção são classificados. É necessário, para consultá-los, realizar uma *demande de derogátion* ao *Ministère de la culture*. Contudo, nem todos os meus pedidos foram aceitos. Algumas cotas foram liberadas parcialmente, apenas.

[1253] Seções da polícia francesa responsáveis pelos serviços de vigilância interna. A DST tinha por função atividades de contraespionagem. Já a DGRG tinha por objetivo produzir informações que garantiriam a segurança do Estado, fato que a fazia ser acusada, por vezes, como a polícia política francesa.

[1254] MARANHÃO, Carlos Henrique; MARANHÃO, Felipe. Entrevista concedida a Higor Codarin. Recife, 15 de julho de 2019.

[1255] MARANHÃO, Carlos Henrique; MARANHÃO, Felipe. Entrevista concedida a Higor Codarin. Recife, 15 de julho de 2019; VAINER, Carlos. Entrevista concedida a Higor Codarin, via Skype, no dia 27 de junho de 2020.

Carlos Henrique foram seguidos por vários dias. Em um deles, Vera foi, novamente, detida. Conduzida à sede da DST, foi submetida a um novo interrogatório. Pouco depois, chegou, também, Carlos Henrique para prestar depoimento. Apesar dos interrogatórios, que duraram toda uma tarde, foram liberados.

Embora livres, Vera seguiria sendo monitorada. No ano seguinte, 1976, seu nome constaria junto ao nome de outros 114 brasileiros, que deveriam ser monitorados em virtude da visita presidencial de Geisel à França. As autoridades francesas temiam a possibilidade de um atentado contra o general-presidente brasileiro e estabeleciam potenciais nomes que poderiam realizá-lo.[1256] Em documento seguinte a esse, o diretor do DCRG apontou: "Os membros da oposição brasileira que residem na França são objetos de uma vigilância atenta por parte da minha divisão."[1257]

A liberdade de Vera na França passava a ser, portanto, uma liberdade vigiada. Contudo, apesar da vigilância, mantinha-se em Paris, onde, em agosto de 1975, deu prosseguimento à sua vida universitária, iniciando o *troisième cycle* no *Institut d'étude du développement économique et social* (IEDES), vinculado à *Université Paris I*.

Criado em 1957, nos estertores da colonização francesa no continente africano, o IEDES buscava, a partir de especialistas de diversas áreas, produzir conhecimento a respeito do desenvolvimento em suas formas econômica, social e política. Voltado ao *Tiers Monde*, evidenciava, nesse início, a perspectiva eurocêntrica que balizou sua fundação. Contudo, após os eventos de maio de 1968, especialmente a partir de março de 1969, o Instituto passou a trilhar um caminho diferente. Na contramão dos demais institutos franceses que, à época, mantinham perspectivas "neutras e técnicas" diante da produção do conhecimento, enveredou por uma opção progressista, "de solidariedade militante para com as lutas de emancipação do Terceiro Mundo."[1258] Para tornar prática essa solidariedade, promoveu, ao longo da década de 70, abertura a doutrinas e ideias diversas e heterodoxas. Perspectiva essa que se concretizava, especialmente, no recrutamento de professores "diversos e, sobretudo, engajados politicamente", além da acolhida de um "fluxo de estudantes e universitários refugiados."[1259]

[1256] Ministère de l'interieur. *Telegrame*, 22 avril 1976. p. 1. *In*: ARCHIVES NATIONALES. *Intérieur; Direction centrale des renseignements généraux. Dossiers de la section "étrangers" (1944-1983)*. Ressortissants brésiliens en France (1964-1978), Cote : 19850087/74.

[1257] Direction Centrale des Renseignements Généraux (DCRG). *DCRG. Informe. 5ºs/ nº 759/1610.* 1976. *In*: ARCHIVES NATIONALES. *Intérieur; Direction centrale des renseignements généraux. Dossiers de la section "étrangers" (1944-1983)*. Ressortissants brésiliens en France (1964-1978), Cote : 19850087/74.

[1258] GUICHAOUA, André. Parcours d'une institution: l'IEDES a 50 ans au terme de cinq décennies du développement. *Revue Tiers Monde*, n. 191, p. 647-659, 2007/3. p. 650. DOI: 10.3917/rtm.191.0647. Disponível em: https://www.cairn.info/revue-tiers-monde-2007-3-page-647.htm. Acesso em: 1 fev. 2023.

[1259] Ibid.

Vera inscrevia-se no *troisième cycle* nesse contexto. Por intermédio dos contatos com outros refugiados na França, abriu-se a possibilidade de realizá-lo sob a disciplina *Devellopément agricole*. Apesar do tema, que a seduzia parcialmente, o espaço de discussão de ideias terceiro-mundistas no IEDES foi importante. Sua curiosidade intelectual convergia com a heterodoxia do instituto. Localizado, àquela altura, na *rue de la Glacière*, o Instituto era próximo da casa de Vera e Carlos Henrique. Ali, tomaria contato com as ideias do marxista Charles Bettelheim, também professor no IEDES. Além dos docentes, participaria de discussões com outros estudantes, refugiados de todas as partes, que acrescentavam novas perspectivas ao seu pensamento.

Nesse período, por intermédio do espaço de sociabilidade do IEDES e, sobretudo, fora dele, Vera tomava contato com um conjunto de ideias que, como uma onda, uma segunda onda[1260], agitava a sociedade francesa. Apesar de intersecções com o marxismo, essa nova onda perturbava, inclusive, as certezas teóricas dos setores progressistas e de esquerda. Vera encontrava-se com o feminismo.[1261]

Embora não vinculado, propriamente, às demandas dos estudantes e trabalhadores franceses nas revoltas e rebeliões iniciadas em maio de 1968, o surgimento de uma "nova onda" feminista na França foi gestado no amplo leque de reivindicações do chamado *maio francês*. Como aponta Michelle Zancarini-Fornell, mesmo se a consciência de identidade de gênero apenas aparece, publicamente, nos anos posteriores a 1968, "a questão do masculino e do feminino" está no ventre dos eventos de maio-junho daquele ano.[1262]

[1260] Convencionou-se chamar o movimento iniciado nos anos setenta de segunda onda em referência a um primeiro movimento político de mulheres, especialmente na segunda metade do século XIX e início do século XX, cujas principais pautas eram a busca pelo sufrágio feminino e, também, a inserção no mercado de trabalho.

[1261] Não se quer, aqui, oferecer um sentido único ao termo feminismo. Como aponta Yasmine Ergas, "[...] no mundo contemporâneo o feminismo adquiriu diferentes significados, em diferentes contextos." Multifacetado, o termo não designa, portanto, uma "realidade substancial, cujas propriedades podem se estabelecer com exatidão". Ao contrário, "indica um conjunto de teorias e práticas historicamente mutáveis em torno da constituição e da capacitação de sujeitos femininos." ERGAS, Yasmine. El sujeto mujer: el feminismo de los años sesenta-ochenta. *In*: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. (org.). *Historia de las mujeres. El siglo XX.* Barcelona: Taurus, 2018. v. 4, p. 1281-1342, p. 1292-1293.
Mesmo a chamada "segunda onda" feminista, que permeara os anos 1960-1970, é, segundo Maria Luisa Gonçalves de Abreu, "extremamente diversa e engloba uma multiplicidade de grupos, propostas e teorias feministas." ABREU, Maira Luisa Gonçalves de. *Feminismo no Exílio: o Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris e o Grupo Latino-Americano de Mulheres em Paris.* 2010. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010. p. 23.
Assim, retomando a perspectiva de Ergas, "o que é, ou o que foi, o feminismo é mais uma questão histórica do que uma questão de definição." ERGAS, op. cit., p. 1293.

[1262] ZANCARINI-FOURNEL Michelle. Genre et politique: les années 1968; *Vingtième Siècle. Revue d'histoire*, n. 75, p. 133-143, 2002/3. DOI: 10.3917/ving.075.0133. Disponível em: https://www.cairn.info/revue-vingtieme-siecle-revue-d-histoire-2002-3-page-133.html. Acesso em: 2 fev. 2023.

Assim, no caldeirão de reivindicações de 1968, que buscavam a revolução da vida, do cotidiano, surgem alguns grupos de mulheres que, no ano de 1970, unificar-se-iam no *Mouvement de libération des femmes* (MLF).

Considerado o "ano-zero" da segunda onda do feminismo na França, 1970, para além de outros eventos fundadores, foi o ano da primeira aparição pública do MLF. O grupo, até então sem nome, fez uma intervenção no Arco do Triunfo, em agosto, demonstrando solidariedade a uma greve de trabalhadoras norte-americanas que rememorava os 50 anos da conquista do sufrágio feminino. No Arco, onde repousa o soldado desconhecido, símbolo da memória de todos os soldados franceses mortos em guerra, o grupo de mulheres colocou uma coroa de flores com os dizeres: "Em honra à mulher ainda mais desconhecida do que o soldado desconhecido." Ao lado, outra frase era colocada: "Um homem sobre dois é uma mulher."

Diante da aparição, a mídia francesa batizou o movimento. Pouco tempo depois, as mulheres assumiram o nome.

Como aponta Maria Luisa Gonçalves de Abreu, o MLF surgiu da confluência de duas estruturas teóricas. Por um lado, o arcabouço teórico marxista e, por outro, a obra de Simone de Beauvoir. Do sistema teórico derivado das obras de Marx, apropriava-se "a ideia de luta coletiva e projeto revolucionário, além de ser uma referência para a discussão sobre trabalho doméstico". Em relação à perspectiva teórica proposta por Beauvoir, incorporava-se, sobretudo, "o caráter fundamentalmente social da opressão feminina. Desta tomaram a consciência da desigualdade social entre os sexos e a definição de 'outro.'"[1263]

Apesar da utilização do marxismo como referencial teórico-prático, no seio da multifacetada segunda onda feminista há, contudo, uma crítica ácida à perspectiva – sedimentada até então – de que a revolução socialista encaminharia, naturalmente, a emancipação feminina e o fim da opressão de gênero.

Desvinculando-se dessa perspectiva e realçando a imediatez da questão de gênero, o heterogêneo movimento sublinhava as especificidades da opressão feminina. Remetendo às pichações que tomaram os muros de Paris durante os eventos de 1968, as mulheres, fazendo referência à frase clássica do *Manifesto Comunista* de Marx e Engels, colocavam novas palavras de ordem nos muros da capital francesa: "*Prolétaires de tous les pays, qui lave vos chaussettes*?"[1264]

[1263] ABREU, 2010, p. 57-58.

[1264] BANTIGNY, Ludivine; BUGNON, Fanny; GALLOT, Fanny. *Prolétaires de tous les pays, qui lave vos chaussettes? Le genre de l'engagement dans les années 1968.* Rennes, França: Presses universitaires de Rennes, 2017. Em tradução livre: Proletários do mundo todo, quem lava suas meias?

Um novo léxico surgia no cenário político ao longo da década de 1970. Algumas palavras, já existentes, adquiriam outros significados. "Patriarcado", mais do que uma palavra, tornava-se um conceito. Conceito que, buscando definir "uma formação social na qual os homens detêm o poder", ressaltava o caráter sistêmico, estrutural e não individual, deste poder e desta dominação. Sublinhando, assim, "a especificidade da opressão à mulher", o conceito de patriarcado lançava luz, também, à "necessidade de uma luta autônoma especificamente feminista."[1265] (Res)Surgia, assim, um movimento social de mulheres para mulheres.

Neste contexto, muito além da construção de um novo léxico e novas abordagens teóricas, construía-se uma nova identidade. Uma identidade de gênero. Buscava-se conscientizar as mulheres de sua condição específica, social e culturalmente construída. Portanto, social e culturalmente modificável. Para além disso, alargava-se a arena da política. Questionando a divisão de gênero entre público e privado, na qual aos homens era garantido a predominância no espaço público e, por consequência, político, as mulheres feministas lançavam a palavra de ordem "o pessoal é político." Politizava-se o cotidiano, politizavam-se os corpos e as escolhas individuais. Iluminavam-se, portanto, às subjetividades.

Exemplo dessa politização foi a criação, em 1973, do *Mouvement pour la liberté de l'avortement et de la contraception* (MLAC), que buscava, como o próprio nome aponta, defender a legalização da interrupção voluntária da gravidez, proibida até então na França.

Promovendo debates, passeatas e manifestações, as organizações feministas, plurais e diversas, tornaram a França um dos epicentros, junto dos Estados Unidos, do feminismo no mundo. E essa movimentação, impossível de não ser notada em Paris, reverberava nas refugiadas brasileiras, como apontou Sonia Giacomini, que se tornara amiga de Vera por intermédio de Carlos Vainer:

> Eu morava num grande conjunto de prédios e tinha um MLAC ali (...) Na universidade em que eu estudava tinha núcleos do MLAC, movimento pela legalização do aborto e da contracepção. Isso tinha em toda parte. Ou seja, você respirava feminismo.[1266]

A influência do feminismo francês nas refugiadas latino-americanas desaguou na criação do Grupo Latino-Americano de Mulheres em Paris, no ano de 1972. Alguns anos mais tarde, algumas delas, buscando sublinhar a necessidade de pensar a especificidade dos problemas das mulheres brasileiras, criaram o Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris, em janeiro de 1976.

[1265] ABREU, op. cit., p. 38.
[1266] GIACOMINI apud ABREU, 2010, p. 98.

A partir de sua criação, realizada por um núcleo reduzido, o Círculo "cresce, ganha legitimidade face à comunidade exilada, torna-se conhecido pelo movimento feminista francês e se transforma numa das mais bem estruturadas organizações de brasileiros no exílio e no mais importante grupo feminista de exiladas desta nacionalidade". Apesar da presença de mulheres militantes de organizações brasileiras de esquerda, impunha-se de forma autônoma a elas, abrindo "novo horizonte para muitas militantes de esquerda."[1267]

Parecia ser uma oportunidade interessante para Vera. Um novo projeto, uma nova perspectiva. Despontava como um referencial teórico-prático para todos os "mal estares sem nome" do período da militância na luta armada. Além disso, parte de seu universo afetivo participava, ativamente, da construção do Círculo. Amigas de longa data, como Glória Ferreira que, a partir de 1975 vivia entre a França e a Suécia, talvez fosse o maior exemplo. Mas não era a única. Ângela Muniz e Ângela Xavier de Brito, esta última com a qual Vera tinha estado presa no Brasil e convivera no Chile, também faziam parte do grupo. Além delas, outras amizades, mais recentes, feitas em Paris, também estavam no Círculo, como eram os casos de Sônia Giacomini, Suzana Maranhão e Maria Betânia Ávila.

Esse período, inclusive, é o momento em que Vera incorpora novas amizades femininas. Como vimos, ao longo do período da militância, embora cultivasse amizades com mulheres, tinha maior convívio com homens. Mesmo que parte das novas amizades feitas em Paris fossem construídas por intermédio de seus relacionamentos com homens, como eram os casos de Sonia Giacomini e Suzana Maranhão, não deixa de ser sintomático a criação de uma rede de sociabilidade feminina.

No entanto, surpreendentemente, Vera não se engajou. Apesar da confluência de fatores, não se mobilizou em nenhuma das diversas perspectivas do feminismo que se apresentavam, tampouco no Círculo. Mais. Via o movimento feminista com muitas ressalvas, quando não de forma pejorativa. Ao relembrar esse período, anos depois, Vera apontou que teve uma atitude "reacionária" com relação ao feminismo na França. "Nunca me interessei e era uma posição reacionária que eu tive. [...] não lia nenhum livro feminista no exterior, nenhum."[1268]

Para além do desinteresse pela teoria, Vera criticava, inclusive, um dos pontos centrais da prática feminista do período, os chamados grupos de autoconsciência ou *vécu,* como ficaram conhecidos na França. Em uma perspectiva de compartilhamento de experiências vividas no

[1267] ABREU, op. cit., p. 172.
[1268] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 25/08/1998, fita n. 14, lado A, transcrição p. 1.

cotidiano, a prática se apresentava como uma tentativa de conscientização entre as mulheres de que os dilemas e questões vividos não eram, apenas, individuais. Vera, ao relembrá-los, apontou: "Eu achava besteira, coisas de mulher, só falavam em fofoca, falavam mal dos homens, eu gostava dos homens. Achava intimismo. Falavam das suas coisas enquanto o mundo estava explodindo."[1269] Jeni Vaitsman, que também havia sido militante da luta armada, confirma essa visão ao demonstrar um menosprezo, irônico, de Vera ao referir-se, pejorativamente, a uma militante feminista como "quadra": "Quadra é a mulher que não conseguiu ser quadro [militante]. Ela sacaneava. Brincava."[1270]

A inquietante relação de Vera com o feminismo no exílio parisiense remonta a múltiplos fatores. Em um dos planos explicativos, pode-se vislumbrar o choque entre a masculinização pela qual Vera passou ao longo de sua trajetória militante e as novas propostas. Buscar ser igual aos homens, por longos anos, seguindo um modelo masculino de engajamento, talvez a tenha levado a subestimar e menosprezar tais questões. Em outro plano, pode-se mobilizar sua formação política. Apesar de curiosa e, em alguns elementos, heterodoxa, Vera inscrevia-se em uma perspectiva marxista onde a categoria "classe" predominava. Contraditoriamente, tendo em vista sua trajetória militante, embora sentisse a relevância da desigualdade de gênero, Vera as enxergava, naquele momento, como algo menor. Descrever as reuniões de *vécu* como "intimismo" parece corresponder às críticas de setores marxistas refratários ao feminismo, que buscavam estigmatizá-lo como individualista e/ou "pequeno-burguês."

Algumas das amigas de Vera, participantes do Círculo, quando interpeladas sobre as razões pelas quais Vera não se engajou no feminismo, ressaltam, em uníssono, sua prática feminista de vanguarda. Deixam subentendido que Vera não estava interessada pois já havia realizado aquelas rupturas todas. Suzana Maranhão, por exemplo, demonstrando o contraste entre a sua trajetória e a de Vera, relembrou:

> Eu fazia de tudo para Vera ir para o Círculo. Ela tinha, assim, uma prática feminista, de vanguarda. [...] achava que não precisava daquilo [em referência ao Círculo]. Dizia que a questão principal era a classe. Se sentia muito livre. [...] Eu, por exemplo, briguei para caralho para estar no Círculo.[1271]

Maria Betânia Ávila, apontando na mesma direção, ressaltou: "Ela era uma pessoa libertária, transgressora. Mas em Paris nunca se aproximou do Círculo. Talvez por essa trajetória, ela não se sentisse atraída."[1272]

[1269] Ibid., p. 2.
[1270] VAITSMAN, Jeni. Entrevista concedida a Higor Codarin. Rio de Janeiro, 2 de agosto de 2019.
[1271] MARANHÃO, Suzana. Entrevista concedida a Higor Codarin. Recife, 15 de julho de 2019.
[1272] ÁVILA, Maria Betânia. Entrevista concedida a Higor Codarin. Recife, 19 de julho de 2019.

Sônia Giacomini, apesar de concordar, apontou, também, para um outro aspecto:

> Vera sempre foi um pouco crítica na forma de organização das mulheres feministas. E, ao mesmo tempo, sempre foi uma pessoa muito de esquerda. Mas eu acho que, na Vera, existiu um certo cansaço das organizações de esquerda. Embora ela convivesse com todas essas pessoas. É como se ela mantivesse os valores..., mas não via a Vera engajada em uma atividade militante, embora intelectualmente fosse superaberta a todas essas pessoas.[1273]

O cansaço, fruto do passado revolucionário que pesava sobre ela, talvez servindo como amálgama aos múltiplos fatores de recusa ao feminismo. A identidade revolucionária, forjada em um modelo específico de militância disruptiva e ofensiva, apesar de perder o sentido de ser, subsistia sob os escombros do projeto revolucionário como uma âncora, impedindo-a de se abrir para novas perspectivas. A identidade revolucionária que lhe havia aberto o mundo, impunha-lhe, naquele momento, limites.

Apesar da recusa ao feminismo, desenvolvia projetos individuais. Além da formação acadêmica no IEDES, Vera, ainda em 1975, voltou a fazer análise. Depois de um longo hiato, seu retorno acontecia em decorrência de necessidades práticas. Sentia-se perturbada. Perturbação que aparecia, fundamentalmente, enquanto dormia.

Desde o momento em que passaram a morar juntos, Carlos Henrique notava, com certa frequência, que Vera gritava durante o sono.[1274] Apesar de não se lembrar dos gritos, Vera, quando desperta, relembrava um pesadelo que, apesar das variações, era constante. Sonhava que estava caindo. Mais. Em não raras vezes, sonhava que caía de uma escada, empurrada por José Roberto.[1275] Diante da recorrência, Carlos Henrique, que fazia psicanálise na França, recomendou que Vera também procurasse um analista. Sem referências em Paris, Vera pediu recomendações a Luiz Eduardo. Àquela altura, Luiz Eduardo estava imerso no debate e no meio psicanalítico francês. Havia começado, inclusive, o *troisième cycle* em psicologia sob orientação do psicanalista Jean Laplanche. Por intermédio de Luiz Eduardo, Vera contatou Horacio Amigorena. Psicanalista argentino, de inspiração kleiniana, trabalhava com exilados e perseguidos pelas ditaduras latino-americanas em Paris. Por desenvolver trabalho psicanalítico com pessoas que passaram por situações semelhantes à de Vera, algo raro naquele momento, era uma boa opção.

[1273] GIACOMINI, Sônia. Entrevista concedida a Higor Codarin. Rio de Janeiro, 8 de maio de 2019.
[1274] MARANHÃO, Carlos Henrique; MARANHÃO, Felipe. Entrevista concedida a Higor Codarin. Recife, 15 de julho de 2019.
[1275] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 25/08/1998, fita n. 13, lado A, transcrição p. 9.

Segundo Vera, desde a primeira sessão, em que verbalizou a recorrência do sonho, Amigorena ressaltou que era sobre essa experiência traumática, a morte de José Roberto, que deveriam se debruçar.[1276] O sonho era uma nítida representação da culpa de Vera pela morte dele. Ser empurrada da escada por ele era, assim, um simbolismo para a punição desejada diante da culpa.

Em carta a Daniel Aarão Reis, que a esta altura havia se deslocado para Moçambique, Vera relembrou a experiência com Amigorena e o fato de estar, pela primeira vez, enfrentando "cara a cara" suas culpas: "Entrei num momento X. A culpa estrutural de ter nascido, o complô familiar e os outros que fui formando, a culpa da morte de Zé Roberto, [todos] estão sendo vividos pela 1ª vez cara a cara. Muito medo e insegurança porém em uma conjuntura favorável."[1277]

A conjuntura favorável decorria de diversos fatores. Por um lado, o fim da militância, liberando-a à intensidade do trabalho psicanalítico. Além dele, a segurança afetiva e financeira proporcionadas por Carlos Henrique, os amigos em Paris e a confiança em Amigorena. Combinados, levavam-na em direção à superação do medo e da insegurança no processo de mergulhar em suas questões. A análise tornava-se, pela primeira vez, central em sua vida.

De forma paralela, mantinha-se no *troisième cycle* no IEDES. Contudo, o tema a empolgava apenas parcialmente. Depois de um período de estágio em uma propriedade agrícola, em que ela, de forma desastrada, acabou por prejudicar a produção agrícola local, Vera concluiu, em junho de 1976, o *première année*. Suas notas regulares, além de algumas baixas, eram um misto do desinteresse com relação ao tema, das dificuldades com um sistema de ensino diferente e a vida para além da universidade. Seu diploma de conclusão do primeiro ano, que equivale, no sistema de ensino brasileiro, ao mestrado, adjetivava suas notas como "passável."[1278] Apesar delas, a conclusão do primeiro ano era digna de comemoração. De férias, tanto da universidade quanto da psicanálise, descompromissada de todos os compromissos, Vera aproveitaria o tempo livre para viajar.

Em pleno verão europeu de 1976, Vera e Carlos Henrique decidiram aproveitá-lo na Grécia, em duas oportunidades diferentes. Em uma primeira viagem, realizada com a família

---

[1276] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 25/08/1998, fita n. 13, lado A, transcrição p. 9.

[1277] MAGALHÃES, Vera Sílvia. *Carta a Daniel Aarão Reis.* (a) s.d., fl. 4 *In*: *Arquivo Pessoal de Daniel Aarão Reis*.

[1278] UNIVERSITÉ PARIS I. INSTITUT D'ÉTUDE DU DÉVELOPPEMENT ÉCONOMIQUE ET SOCIAL. *Attestation.*1976. *In*: *Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro*. Fundo Vera Sílvia Magalhães, Caixa 1, Documentos Pessoais II, doc. 6.

de Carlos Henrique, ficaram quase um mês, até o final de julho. Vera, que não as conhecia, ficou maravilhada com a beleza das ilhas gregas. Além de uma passagem pela capital Atenas e pela região do Peloponeso, passaram dias em Skiathos, uma das ilhas do arquipélago Espórades. Tendo de realizar a matrícula no *deuxième année*, Vera, junto dos pais de Carlos Henrique, além de Suzana e Bruno Maranhão, retornou a Paris. Cerca de uma semana depois, no dia 8 de agosto, voltou à Grécia, onde reencontrou Carlos Henrique, além de Maria Martins e seu filho, Pedro Tolipan. Com eles, conheceriam a ilha de Scopelos e Skyros.

Em seguida, foram ao encontro de Paulo Sérgio Duarte e Hélio Alves, o Helinho que a havia ajudado na chegada em Berlim Ocidental e, àquela altura, havia se tornado um de seus grandes amigos. Ambos estavam na ilha de Ios, integrante do arquipélago das Cíclades. Ios, naquele período, era um destino cobiçado pelos jovens europeus. Como relembrou Carlos Henrique, "era o lugar mais animado do mundo da minha geração. Tinha jovens do mundo inteiro naquela de *sex, drugs and rock'n roll*, praias de nudismo e muita festa. Era o paraíso."[1279]

Ali, Vera ficou algo confusa. Apesar das aberturas com relação ao sexo, sentiu-se constrangida quando foram à praia de nudismo. "Estavam todos nus. Foi a primeira vez que eu fiquei nua na frente dos outros. Eu ficava meio inibida. Procurava assimilar o contexto."[1280]

Assimilar o contexto não dizia respeito, exclusivamente, à praia de nudismo. A vivência na ilha de Ios era um convite ao prazer, à curtição e, no limite, ao desbunde. Assim, assimilar o contexto era, também, ressignificar esses momentos para além da conotação negativa adquirida ao longo do período da militância. Era mais um passo, inseguro e incerto, de Vera em direção à reincorporação do divertimento individual como possibilidade da vida.

Além da rotina movimentada de Ios, Vera ficaria absorta por outra realidade, esta literária, em virtude de um livro com o qual Helinho a presenteou. Ali, Vera começou a ler *A montanha mágica*, do escritor alemão Thomas Mann.

Sentiu-se profundamente impactada pelo livro. Leu-o, apesar do tamanho, rapidamente. Narrando a história de Hans Castorp, no início do século XX, que, em visita a um primo tuberculoso internado em um nosocômio nas montanhas suíças de Davos-Platz, acaba permanecendo na montanha por tempo indeterminado, é, como aponta o próprio narrador, "um romance sobre o tempo."[1281] Apesar do realismo de Thomas Mann que, conforme aponta

[1279] MARANHÃO, Carlos Henrique. Entrevista concedida a Higor Codarin, via aplicativo de mensagens, dia 23 de janeiro de 2023.
[1280] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 25/07/1998, fita n. 6, lado B, transcrição p. 18.
[1281] MANN, 2016, p. 726.

Lukács, é um "realista de rara fidelidade à realidade"[1282], o romance é mais do que buscar tornar compreensível um tempo, ou uma época, qual seja a conjuntura ideológica europeia pré-Primeira Guerra Mundial. É, também, uma forma de discutir o tempo enquanto categoria abstrata, moldável conforme a subjetividade de quem o enxerga. Um tempo que, apesar de subjetivo, é permeado por uma objetividade. Um tempo que presentifica transformações.[1283]

Permeado por belas e poéticas reflexões sobre diversos temas e suas vinculações dialéticas, com especial destaque para a dialética vida e morte, a estada de Hans Castorp nas montanhas que, antes prevista para três semanas, acabara tornando-se uma vida, calava fundo em Vera.

Em algumas passagens, Vera enxergava-se, talvez, no espelho. Como exilada, distante de seu país e derrotada sua revolução, parecia estar vivendo na montanha, lugar em que "não há tempo nem vida; não há coisa alguma"[1284], como descrevia Joachim, primo a quem Castorp fazia a visita. Um lugar em que, apesar de um novo país, das novas amizades e, especialmente, de um novo amor, não deixava de ser, ao menos parcialmente, um tempo de espera, vazio, assim como Mann descrevia o início da estada de Castorp na montanha. Além disso, a leitura acrescia, dando sentidos outros, ao enfrentamento "cara a cara" que estava em curso na experiência psicanalítica. Mais do que as culpas, o livro talvez aprofundasse as reflexões fragmentadas, desconexas, intervaladas de Vera com relação à derrota de seu projeto revolucionário, às desilusões, ao vazio e à falta de perspectivas da conjuntura histórica a que estava submetida.

Aliadas à psicanálise, as reflexões de Mann apareciam, assim, como um feixe aglutinador das reflexões da própria Vera, oferecendo concretude à sua situação e, curiosamente, tornando-se uma espécie de presságio, como nesta passagem, fato que justifica a longa citação:

> O indivíduo pode vislumbrar numerosos objetivos pessoais, finalidades, esperanças, perspectivas, que lhe deem impulso para grandes esforços e elevadas atividades; mas, quando o elemento impessoal que o rodeia, quando o próprio tempo, não obstante toda a agitação exterior, carece de esperanças e perspectivas fundamentais e se lhe revela como desesperador, desorientado e falto de saída, e quando responde com um silêncio vazio à pergunta que de qualquer modo se faz, consciente ou inconscientemente, acerca do sentido supremo, ultra pessoal e absoluto, acerca de toda atividade e todo esforço – então se tornará inevitável, justamente entre as naturezas mais retas, o efeito paralisador desse estado de coisas, e esse efeito será capaz de ir além do domínio da alma e da moral, e de afetar a própria parte física e orgânica do indivíduo.[1285]

[1282] LUKÁCS, Georg. *Thomas Mann.* Barcelona: Ediciones Grijaldo, 1969. p. 13.
[1283] MANN, op. cit., p. 399.
[1284] MANN, 2016, p. 25.
[1285] Ibid., p. 44.

Apesar da beleza, do movimento e do barulho vertiginosos da ilha de Ios, Vera enfrentava o "silêncio vazio", desesperador, carente de esperanças e perspectivas de um tempo histórico desprovido de sentido. De uma vida, no limite, sem sentido, paralisada. Nessa conjunção de fatores, teria afetada, não sua "parte física e orgânica", mas mental. Vera encontrava-se com a loucura.

Em meio à leitura do livro, Vera ficou agressiva com os demais. Em específico, com Maria Martins. Passou a suspeitar que ela não estava alimentando seu filho propriamente.[1286] Notando que havia algo errado, Carlos Henrique propôs que os dois voltassem à França. No retorno, em setembro, Vera teve sua primeira crise maníaca[1287].

Pouco depois da chegada, Vera comprou, em um único dia, diversos exemplares do livro de Thomas Mann. "Cheguei em Paris e comprei muitos *A montanha mágica*. Quando Carlos Henrique chegou em casa, tinha uma pilha enorme de livros."[1288] Em nítido episódio de mania, Vera queria que todos os seus amigos o lessem. Além de comprá-los, despachava-os pelo correio, quando impossibilitada de presenteá-los pessoalmente: "Mandei pros meus amigos na Suécia, para Moçambique, pro raio que o parta."[1289]

Apesar da estranheza do evento e de uma agitação constante, Vera seguia o cotidiano. Os amigos e Carlos Henrique notavam que ela estava diferente, porém não identificavam as razões. Contudo, em outubro, aprofundava-se a crise. Frequentando um curso sobre literatura na Aliança Francesa, Vera estranhou a presença de um fotógrafo. Com a função de fotografar a turma, Vera pensou que ele, na verdade, era um agente da ditadura brasileira que a perseguia. Assustada, começou a gritar. A mania, então, adquiria aspectos de delírio[1290] persecutório.

Carlos Vainer, ao relembrar esse momento, ressaltou que chegou a mobilizar a Anistia Internacional para proteger Vera da perseguição, tamanho era o poder de convencimento

---

[1286] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 25/07/1998, fita n. 6, lado B, transcrição p. 18.

[1287] Por mania, ou episódios maníacos, compreende-se "um período distinto de humor anormal e persistentemente elevado, expansivo ou irritável e aumento anormal da atividade dirigida a objetivos", levando a sentimentos de elevada autoestima, grandiosidade, além de pensamentos rápidos e sobrepostos, desinibição e irritabilidade. Para maiores detalhes, cf. KAPCZINSKI, Fabio; QUEVEDO, João. *Transtorno bipolar. Teoria e clínica.* 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2016.

[1288] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 22/08/1998, fita n. 12, lado A, transcrição p. 15.

[1289] Ibid.

[1290] Em uma definição ampla, delírio pode ser considerado uma visão distorcida da realidade.

dela.[1291] Carlos Henrique apontou na mesma direção ao dizer: "Ela tinha uma capacidade tremenda de nos envolver nas crises."[1292]

Outra característica marcante era a cacofonia argumentativa. Jean-Marc, a esta altura morando em Paris, relembrou que Vera, sem avisar, foi à casa dele. Agitada, falava sem parar, saltando de um assunto ao outro. Falava de política, costumes e cultura, intercalando-os. "Não completava nenhum raciocínio, mas eram todos brilhantes."[1293]

Além dos delírios persecutórios, da agitação e excitação intelectual, Vera era acometida por alucinações[1294]. Remontando à culpa pela morte de José Roberto, eram frequentes os momentos em que o via, ora vivo, ora morto.

Amigorena, que acompanhava a crise de perto, ressaltou a necessidade de cuidados psiquiátricos. Vera, assim, consultou-se com um psiquiatra que a medicou com "Piportil", nome comercial de palmitato de pipotiazina. Além da função sedativa, era um medicamento antipsicótico. Buscava-se, assim, conter a agitação de Vera e, ao mesmo tempo, bloquear os delírios persecutórios e as alucinações. Medicada, conteve-se a agitação. Depois de pouco mais de um mês, controlaram-se os sintomas maníacos. Vera, no entanto, imergia em uma crise depressiva.[1295]

Assim, após um período em que permanecia constantemente agitada, Vera era tomada por angústias e desesperanças várias que a levaram, inclusive, a ideações suicidas. "Era duro. Era muito difícil"[1296], relembrou Carlos Henrique.

Apesar do sofrimento, Carlos Henrique evitava sua "psiquiatrização", como relembrou Vera.[1297] Embora se tenha cogitado sua internação em um hospital psiquiátrico, tanto os amigos como Carlos Henrique foram contra. Para suprir a demanda de um cuidado permanente, impedindo sua internação, criou-se uma rede afetiva de solidariedade para acompanhá-la. Além de Carlos Henrique, amigos como Chico Nelson, Pedro Tolipan, Glória Ferreira, Maria Martins,

---

[1291] VAINER, Carlos. Entrevista concedida a Higor Codarin, via Skype, no dia 27 de junho de 2020.
[1292] MARANHÃO, Carlos Henrique; MARANHÃO, Felipe. Entrevista concedida a Higor Codarin. Recife, 15 de julho de 2019.
[1293] VON DER WEID, Jean Marc. Entrevista concedida a Higor Codarin, via telefone, no dia 3 de abril de 2021.
[1294] Experiência subjetiva marcada por uma confusão dos sentidos de um indivíduo.
[1295] Com relação aos episódios depressivos, sublinha-se a presença, frequente, de uma sensação de insatisfação, pessimismo e desesperança, geradoras de uma multiplicidade de sintomas, desde a sensação de vazio, sentimentos de culpa até, em casos graves, ideação suicida. Para maiores detalhes, cf. MORENO, Ricardo Alberto *et al*. *Aprendendo a viver com o transtorno bipolar*: manual educativo. Porto Alegre: Artmed, 2015.
[1296] MARANHÃO, Carlos Henrique; MARANHÃO, Felipe. Entrevista concedida a Higor Codarin. Recife, 15 de julho de 2019.
[1297] MAGALHÃES, Vera Silvia. *Provisórias Memórias.,* s.d. *In*: *Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro*. Fundo Vera Sílvia Magalhães, Caixa 2, doc. 3, s.d, p. 59.

Lúcio Flavio Regueira, Carlos Vainer, Sonia Giacomini, Maria Betania, Helena Celestino, entre outros, passaram a se revezar no cuidado de Vera.

Neste sentido, embora difícil, sua crise foi, também, momento de reafirmação dos laços afetivos. Mais do que apenas a manifestação de solidariedade em meio à fragilidade de sua saúde, a rede afetiva que se criava era, também, consequência do cultivo de afetos que Vera tinha como uma de suas principais características. Como apontou Helena Celestino: "Vera era um pouco chefe de tribo, aglutinava as pessoas."[1298] Ressaltando o mesmo aspecto, relembrou Carlos Henrique: "A prioridade da vida dela eram os amigos."[1299]

Assim, mesmo na crise, sua casa se tornava um ponto de encontro. Para além das dificuldades e do sofrimento, partilhavam-se momentos hilários e divertidos. Seu humor, afiado, exacerbava-se nos períodos agitados. Ainda mais desinibida do que normalmente era, proporcionava, aos amigos, momentos de riso. Maria Betânia relembrou-os, enfatizando a confluência de fatores que compunham a crise de Vera, além de sublinhá-la como um pilar afetivo do grupo:

> Era um momento de muito sofrimento. Sofrimento dela, sofrimento nosso. Apesar disso, era, também, muito criativo, pois Vera tinha muitas ideias. Lia muito, ficava citando autores preferidos.
> Ademais, era um momento de encontro, pois estávamos todos ali, nos revezando. Foi, assim, uma experiência muito forte, representativa de uma solidariedade profunda. Tínhamos um pacto de sustentação.
> Além de tudo isso, havia momentos muito engraçados.[1300]

Nesta primeira crise, manifestavam-se os sintomas clássicos do transtorno bipolar. O intercalar entre episódios maníacos e depressivos, acrescidos de sintomas psicóticos, como delírios e alucinações, eram claras evidências de que Vera, assim como alguns integrantes da sua família, tinha transtorno afetivo bipolar ou, como se dizia à época, psicose maníaco-depressiva. Os episódios que a amedrontavam na infância e adolescência, representados, especialmente, nas figuras de sua avó Heloísa e de sua mãe Virgínia, passavam a fazer parte da sua própria realidade.

Vera, inclusive, controlada a crise, negava que tivesse a doença. Além de um diagnóstico simplista do psiquiatra, que dizia que ela era acometida apenas por uma crise de ansiedade, Vera recusava-se a acreditar que estava se inscrevendo em algo que, na memória da família materna, apresentava-se como um destino familiar inexorável.

É óbvio que, apesar da herdabilidade, a bipolaridade de Vera não corresponde, apenas, a sua família. Como vimos, as razões para desenvolvimento da doença são multifatoriais.

[1298] CELESTINO, Helena. Entrevista concedida a Higor Codarin, via telefone, 12 de setembro de 2020.
[1299] MARANHÃO, Carlos Henrique; MARANHÃO, Felipe. Entrevista concedida a Higor Codarin. Recife, 15 de julho de 2019.
[1300] ÁVILA, Maria Betânia. Entrevista concedida a Higor Codarin. Recife, 19 de julho de 2019.

Portanto, a genética familiar, isolada, é insuficiente para explicar as razões da crise de Vera e, tampouco, o momento em que ela ocorreu pela primeira vez.

Além disso, seus traumas, sejam os conflitos conjugais dos pais na infância, as crises da mãe e da avó, o assassinato de José Roberto, a prisão, a tortura, a derrota e o exílio não foram, no momento em que aconteceram, eventos catalisadores da crise. Embora alguns deles tenham sido rememorados nos sintomas psicóticos, nenhum, isoladamente, foi o estopim dessa crise que aconteceu, apenas, nos estertores de 1976.

Nesta perspectiva, a experiência com a psicanálise, levada a cabo apenas após o desprendimento da vida militante, tem um papel fundamental. Unificavam-se os traumas todos. Lançavam-se luzes sobre as mortes que permeavam a vida de Vera. Por um lado, a morte física de José Roberto. Por outro, as mortes do projeto revolucionário e de sua própria identidade revolucionária. Além disso, passava em revista outras experiências traumáticas e fundantes de sua vida, como os conflitos e crises no seio de sua família e a experiência limite que havia vivido na tortura. Combinadas, criavam a tempestade perfeita.

Não deixa de ser inquietante o fato de que a primeira crise de Vera tenha surgido em um momento de relativa calmaria e tranquilidade em sua vida. Segura, afetiva e financeiramente, e desligada da militância, Vera, ao mesmo tempo em que pôde se expor ao trabalho psicanalítico, também estava desprendida de obrigações, medos e receios que povoaram sua vida clandestina e exilada nos últimos anos.

Essa relativa tranquilidade talvez deva, também, ser levada em consideração. Luiz Eduardo Prado, através do arcabouço teórico da psicanálise, apontou neste sentido ao dizer: "Quando há o alívio, você pode, enfim, ficar louco. A crise de loucura é, ao mesmo tempo, uma coisa impressionante e atemorizadora, mas também é sinal de que alguma coisa foi melhor."[1301]

Não se quer dizer, aqui, que Vera estivesse controlando o momento em que irromperia a primeira manifestação da sua bipolaridade. Contudo, não deixa de ser digno de nota o culminar de sua primeira crise em um momento de desprendimento das tarefas militantes e segurança afetiva e financeira.

Por outro lado, a crise, além de remontar aos traumas do passado, diz respeito, também, aos receios do futuro. Como Vera relembrou, em uma busca explicativa para sua primeira crise: "Acho que foi uma explosão em torno do vazio."[1302]

[1301] PRADO, Luiz Eduardo. Entrevista concedida a Higor Codarin. Paris, no dia 23 de janeiro de 2020.
[1302] MAGALHÃES, Vera Silvia. Entrevista concedida a Denise Rollemberg. *In*: *Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI-UFF)*, política no Brasil: Exílio, 1994, fita 2, lado b.

Vazio deixado pela destruição de seu projeto revolucionário. A crise, assim, como manifestação da desestruturação do eu, como culminar da "ruptura narcísica", representado no conjunto derrota e exílio. Fazia-se necessário a busca do futuro, ou de um novo "destino", deixando a identidade revolucionária, pretensiosa, para trás, como relatou Vera em carta: "[...] chegou a idade de procurar um 'destino', uma prática social. Revolucionária, [é] muita pretensão."[1303]

Nessa perspectiva, pode-se perceber que, além das razões circunscritas à realidade particular de Vera, sua crise se inscreve, também, em um panorama coletivo, geracional.

Vera não foi a única de sua geração a se encontrar com a loucura no exílio. Permeados por motivações também individuais, outras exiladas e exilados da geração de 1968 brasileira acabaram por sucumbir ao vazio e à desorientação. Como casos-limite, demonstram os choques psicológicos da derrota do projeto revolucionário e do exílio forçado.

Maria Auxiliadora Lara Barcellos, a Dora, como era conhecida, e frei Tito de Alencar, ambos libertados em decorrência da captura do embaixador suíço em janeiro de 1971, são representativos.

Dora, militante da Vanguarda Armada Revolucionária – Palmares (VAR-Palmares), alguns anos depois à sua libertação fora acometida por crises psicológicas. Na Alemanha Ocidental, país em que estava exilada, submeteu-se a tratamento psiquiátrico. O amigo Juarez Ferraz de Maia recebia, neste período, cartas de Dora relatando "solidão, angústia, derrota", além de expor "a descrença nos homens e mulheres e na possibilidade de mudança."[1304] No mesmo ano em que Vera encontrou-se com a loucura, Dora, em junho, suicidou-se ao se jogar na linha do metrô berlinense, em *Charlottenburg*.

Tito havia se exilado na França. Tendo feito parte, no Brasil, de um grupo de padres dominicanos que ofereciam apoio logístico à ALN, foi preso e liberto em 1971. Diante dos permanentes delírios persecutórios, em que Sérgio Paranhos Fleury, um de seus torturadores, sempre o estava perseguindo, Tito suicidou-se em Lyon, no ano de 1974. Como apontou Magno José Vilela, também padre dominicano: "Ele sobreviveu num estado triste até o dia em que preferiu a morte."[1305]

[1303] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Carta a Daniel Aarão Reis. (a) s.d., fl. 7 *In*: *Arquivo Pessoal de Daniel Aarão Reis*.
[1304] ROLLEMBERG, 1999, p. 150.
[1305] VILELA apud Ibid. Para maiores detalhes sobre a trajetória de Tito, cf. DUARTE PLON, Leneide; MEIRELES, Clarice. *Um homem torturado*: nos passos de frei Tito de Alencar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

Além deles, um companheiro de Vera dos tempos da Frente de Trabalho Armado também sofreria com problemas psicológicos. José Sebastião Rios, depois de um período na Argélia, exilou-se na França. Ali, acabou tornando-se mendigo.

Assim, a experiência de Vera encontrava reverberações geracionais. Um vazio e uma desorientação que eram individuais e coletivos a um só tempo.

Cesar Benjamin, que havia militado com Vera, fora preso em 1971. Ficou no cárcere por cinco anos, até ser libertado em 1976, quando foi enviado para o exílio na Suécia. Em meio à crise, Vera estava em contato com "Menininho", como era seu codinome nos tempos de luta armada. Em carta a Daniel Aarão Reis, ela relembrou a felicidade e emoção da libertação dele e de Claudio Torres, que havia ficado sete anos preso após a captura do embaixador norte-americano: "Menininho saiu da cadeia e tivemos vários contatos telefônicos. Daqui a um mês virá a Paris. Já andava emocionada e essas duas notícias, de Claudio e dele, foram a gota d'água. Era como se fosse recompensada por outras perdas. Eles dois estão lendo *A montanha mágica*."[1306]

"Menininho", em carta a sua mãe, Iramaya Benjamin, datada de 16 de novembro de 1976, fez referência à leitura do livro de Thomas Mann. Não é possível precisar se a leitura ocorria por influência de Vera, embora seja possível que ela, impactada pelo livro, possa tê-lo influenciado. A carta, buscando analisar o exílio geracional, talvez estivesse levando em consideração a situação de Vera. De todo modo, torna-se uma espécie de síntese de sua vida, o que justifica a longa citação:

> *Paris é uma festa*, mas para muitos é também um fim de festa. Há um drama no ar, de que somos protagonistas a vários anos mas agora com outro caráter. Nossa sorte, ou azar, não sei, mas nossa força, com certeza (mas que se torna a fraqueza de muitos), vem de ser coletivo, quer dizer, histórico.
> Aqui, porém, vê-se claramente um fim de um ciclo: o mesmo drama que teve suas bases lançadas quando rompemos, com energia mas pouca visão, com nossa classe em 1969, seguindo sem ela a todo vapor, hoje chega a seu ato final, que pode levar, para alguns, toda uma vida, numa profunda crise de identidade que, desnecessário dizer, abre a (difícil) possibilidade de reconstrução. O triste é ver este drama atual: se no Brasil suas bases estavam lançadas e em desenvolvimento, lá ela se mesclava com o elemento heroico, utópico (no sentido de antítese de mesquinho), tendia ao épico que nos sustentava e dava uma beleza; enquanto aqui, para muitos, do drama resta a tragédia, ou até atinge-se a farsa. A crise de identidade que se vê nos rostos das pessoas sem pátria e sem classe, sem encadeamento entre passado e presente se projetando para frente, vivendo numa eternidade estática e vazia de sentido (é bom, por sinal, eu estar lendo agora *A montanha mágica*), a crise de identidade, repito, se é forte e dura, nos abre a possibilidade de sua reconquista em outro nível, maior, mais profundo e humano, porque optada. Trata-se de um desafio. Creio que muitos não o vencerão, mas os que sobreviverem terão algo a dizer.[1307]

[1306] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Carta a Daniel Aarão Reis. (a) s.d., p. 7. *In*: *Arquivo Pessoal de Daniel Aarão Reis*.
[1307] BENJAMIN, César. Carta a Iramaya Benjamin, 1 de novembro de 1976 apud ROLLEMBERG, 1999, p. 134.

Abandonados o épico, o heroico e a utopia, restava o drama do presente sem sentido. Vera, sem pátria e sem classe, seguiria tateando a realidade em busca da reconquista de sua identidade. Por vezes, teria de tateá-la na escuridão amedrontadora da loucura. Em outras oportunidades, na luminosidade dos afetos, das festas e da cultura.

9.4 Boulevard Raspail

A crise de Vera, nos seus episódios maníacos e depressivos, foi superada ainda no fim de 1976. Iniciada em setembro, durou até meados de novembro. Apesar da delicadeza do momento, Vera, passada a crise, como relembrou Helena Celestino, "voltava ao que ela era. Se recuperava perfeitamente."[1308] Para além de sua recuperação, outra boa notícia seria comemorada.

Apesar da liberdade vigiada na França, os trâmites burocráticos para o visto de Carlos Henrique caminharam de forma favorável, assim como o pedido de asilo de Vera. Seu *certificat de refugié* foi expedido no dia 10 de novembro de 1976. A partir de então, Vera era, oficialmente, uma refugiada acolhida pela França. Segundo o documento, poderia ficar no país por três anos.[1309]

Diante da autorização das autoridades francesas, Vera e Carlos Henrique organizaram o casamento. No dia sete de dezembro, na prefeitura do *13eme*, tornavam-se, efetivamente, casados. Como padrinhos foram escolhidos grandes amigos da época. De um lado, Gloria Ferreira e Lucio Flavio Regueira Uchoa, o "Tocha". Do outro, Pedro Tolipan e Maria Martins. Carlos Henrique, ao relembrar do casamento, apontou que o juiz de paz, ao realizar a cerimônia, discorreu, longamente, a respeito da mística envolvendo Paris e o amor. Segundo ele, dois latino-americanos que se encontravam na cidade, ali também encontrariam o amor.[1310]

Embora a cerimônia do casamento fosse, como vimos, uma formalidade para manutenção de Vera na França, não deixava de ser, também, a celebração da relação. Era um "amor profundo", como Vera relembrou anos depois. Em carta a Daniel Aarão Reis que remonta a esse período, Vera discorreu a respeito. Não a romantizava. Sua descrição parece sintomática de uma visão madura em relação ao amor mas, também, do momento em que Vera se encontrava, permeado por uma espécie de ceticismo. Assim, descrevia-a de modo realista,

---

[1308] CELESTINO, Helena. Entrevista concedida a Higor Codarin, via telefone, 12 de setembro de 2020.
[1309] OFFICE FRANÇAIS DE PROTECTION DES RÉFUGIÉS ET APATRIDES. *Certificat de refugié*, nov. 1976. Para maiores detalhes, cf. AML 75 Dossier COSTA DE ALBUQUERQUE MARANHÃO, Vera. Née ARAÚJO MAGALHÃES. Disponível em: Office français de protection des réfugiés et apatrides (OFPRA), Fontenay-sous-Bois, França.
[1310] MARANHÃO, Carlos Henrique; MARANHÃO, Felipe. Entrevista concedida a Higor Codarin. Recife, 15 de julho de 2019.

entremeada por dificuldades, medos e inseguranças. Contudo, era, segundo ela, a melhor relação de sua vida, na qual se sentia acompanhada e amada. Através da dialética marxista, fazia, inclusive, um balanço das relações anteriores. Apesar da força da relação com José Roberto, demonstrava que Carlos Henrique era a síntese amorosa dos contrários em sua vida, o que justifica a longa citação:

> Perdi mesmo a ilusão do idílio para reencontrar no amor a dialética dos contrários, sem antagonismos. [...]
> Tive medo das diferenças. Na verdade, nunca enfrentei os conflitos de cara.
> Agora, depois de 1 ano e 5 meses de análise e de vivência com uma pessoa clara nos seus movimentos, readquiri confiança para criticar, discordar sem fazer disso nada destrutivo.
> Associava o amor à igualdade e, portanto, à opressão.
> A dialética dos iguais ou dos distintos do tal Benedetto não está com nada, como diz a mocidade. Aí, a unidade não tem movimento. Um dos dois é engolido pelo outro e aí é uma questão de tempo.
> Concilio muito com os amigos, mas com Carlos Henrique não foi possível. Por isso te digo que é hoje a relação mais conflituosa e importante que vivi. O conflito não é timoneiro da destruição.
> Foi na relação com Zé Roberto, cuja reprodução é impossível (Jean Pierre foi uma péssima escolha.)
> Gabeira, o sucessor, também não poderia ir muito longe. Gostei dele muito e vice-versa. Porém, depois de 2 anos, transformou-se em detenção e eu tive que fazer um grande esforço para ser aceita. Ai não dá.
> Perde-se a espontaneidade. O medo da perda e separação bloquearam.
> Comigo e Carlos Henrique é inteiramente diferente.
> [Carlos Henrique] diz o que pensa claramente, expressa seus sentimentos, ciúmes, amor sem nenhum problema dentro de uma unidade amorosa.
> Pela 1ª vez senti a grande possibilidade de ser eu mesma, agradando e ele me agradando, sem grandes ilusões e mitificações. Me sinto acompanhada e vice-versa.[1311]

Um amor intenso e, ao mesmo tempo, companheiro. Encontravam-se, apesar das dificuldades, nas diferenças.

Depois do casamento, com amigos e familiares, Vera e Carlos Henrique almoçaram no tradicional *Le Pavillon*, localizado no parque Montsouris, próximo à *Cité universitaire*. Vera, apesar da crise recente, estava feliz. Nas fotos é possível vê-la sorrindo, divertindo-se ao lado de Carlos Henrique e dos demais.

O estado civil não seria a única mudança na vida de Vera no período. Carlos Henrique e ela deixaram o apartamento *da rue* Pascal. A partir dali, viveriam em um novo apartamento, localizado no *boulevard Raspail*, número 280.

Mais do que uma simples mudança de endereço, o apartamento no Raspail era representativo de uma nova fase do exílio de Vera. Se, como apontava Hemingway, Paris é uma

---

[1311] MAGALHÃES, Vera Sílvia. *Carta a Daniel Aarão Reis.* (a) s.d., fls. 1-3 *In*: *Arquivo Pessoal de Daniel Aarão Reis.*

festa, o lugar em que essa festa se traduziria de forma mais evidente na vida de Vera seria, justamente, na nova morada.

Situado próximo à praça *Denfert-Rochereau*, o apartamento, duplex, localizava-se no último andar do prédio. Com uma arquitetura particular, chamava atenção. A sala, com pé-direito duplo, era composta por janelas extensas. A cozinha, com abertura para a sala, aprofundava a amplidão do ambiente. Os três quartos, como relembrou Paulo Sérgio Duarte, eram acessados "por uma loggia debruçada sobre a sala em ângulo reto."[1312]

Era um grande apartamento. Para os padrões parisienses e, especialmente, para os brasileiros exilados, com restritos recursos financeiros, era "enorme", como relembrou Helena Celestino: "O *Raspail* era enorme. Na verdade, eu não sei bem se era enorme. Visto daquela época, nos lugares em que morávamos, apartamentos pequenos, com vizinhos chatos, o *Raspail* era enorme."[1313]

A amplidão física do apartamento tornava-se, sob as mãos de Vera e Carlos Henrique, amplidão afetiva. Rapidamente, tornou-se um local de encontro de parte dos brasileiros exilados. Festas que irrompiam a madrugada e terminavam por encontrar a aurora de um novo dia eram frequentes. Amigos, que buscavam morada provisória, também encontravam, ali, seu lugar. Grandes jantares, à brasileira, permeados por discussões várias, sobre cultura, política e arte completavam a paisagem afetiva do apartamento. Sempre regado a bebidas alcoólicas de todos os tipos, o apartamento no *Raspail* era vívido e vivido, intensamente, por todos que por ali transitavam. Alguns dos exilados, pretensiosamente, acabariam por apelidá-lo de segundo consulado brasileiro em Paris. Carlos Henrique, relembrando do apartamento, apontou para essa paisagem constante que o permeava: "Era muito alegre. A casa era uma festa. Vivia 24 horas por dia. Sempre tinha alguém bebendo, lendo, mesmo quando não estávamos. Às vezes, íamos dormir e as festas continuavam."[1314]

Em não raras oportunidades, embora amplo, o apartamento não comportava a hospitalidade de Vera e Carlos Henrique. Daniel Aarão Reis, em visita a Paris, acabou buscando morada no casa de Vera. Ali, com a esposa Sônia, foram surpreendidos, como relembrou: "A casa dela estava lotada. Tinha umas cinquenta pessoas, bebendo e comendo. Sem lugar, dormimos no chão."[1315]

[1312] DUARTE, Paulo Sergio. Entrevista concedida a Higor Codarin, via e-mail, 23 de setembro de 2020.
[1313] CELESTINO, Helena. Entrevista concedida a Higor Codarin, via telefone, 12 de setembro de 2020.
[1314] MARANHÃO, Carlos Henrique; MARANHÃO, Felipe. Entrevista concedida a Higor Codarin. Recife, 15 de julho de 2019.
[1315] AARÃO REIS, Daniel. Entrevista a Higor Codarin. Rio de Janeiro, 19 de setembro de 2019.

Assim, Vera, apesar das diferenças, recuperava o cotidiano festivo do apartamento do Leme na sua adolescência. Além das festas, recuperava, também, a dinâmica de relações paralelas. Apesar de casados, Vera e Carlos Henrique tinham outros parceiros, denotando relativa abertura na relação.

Além das festas, Vera aproveitava a cultura parisiense, especialmente o cinema. Sua proximidade com os filmes, cultivada desde os tempos do cinema Paissandu, ganhava um novo fôlego no convívio com Carlos Henrique. Ele, inclusive, estava planejando um filme documentário sobre João Cabral de Mello Neto, o qual Vera acompanhava e auxiliava no que fosse possível.

Em meio à preparação do filme, Vera e Carlos Henrique realizaram algumas viagens. A primeira ao Senegal, local em que João Cabral era embaixador. Primo em primeiro grau da mãe de Carlos Henrique, o poeta recifense hospedou-os em sua casa em Dakar. Ali, transitavam diversas personalidades diplomáticas e artistas que, de passagem, visitavam o poeta. Foi na casa de João Cabral que Vera e Carlos Henrique conheceram o cineasta Joaquim Pedro de Andrade. Além dele, teriam contato com um adido militar que, como general, estava em vias de voltar ao Brasil para assumir cargo importante no Clube Militar. O poeta e diplomata recifense, receando expor-se por estar recebendo na embaixada uma banida, pediu a Vera e Carlos Henrique que não falassem sobre política e tampouco sobre o passado de Vera, ao que os dois concordaram. O encontro ocorreu tranquilamente. Ao final, segundo Carlos Henrique, o general e sua esposa "[...] ficaram encantados com a simpatia de Vera e a convidaram para ficar em sua casa quando fosse ao Rio de Janeiro."[1316]

Além dessa viagem ao Senegal, Vera e Carlos Henrique, acompanhados de Helena Celestino e Chico Nelson, foram à Espanha. Como o foco do documentário era, especialmente, a relação da poesia de João Cabral com o país espanhol, foram ao encontro dos lugares e situações descritos na escrita do poeta.

Nesse período, para além da vida afetiva e cultural agitada, Vera estava, também, refletindo sobre a crise bipolar que acabara de sofrer. Apesar de enxergá-la de maneira otimista, fora um grande baque. Sentia-se vulnerável. Ao mesmo tempo em que os eventos maníacos, depressivos e psicóticos foram, em alguma medida, produzidos pelo vazio identitário, eles acabavam, também, produzindo novos vazios e aprofundando a crise de identidade em curso, como ficou evidente nesta carta escrita por Vera no início de 1977:

[1316] MARANHÃO, Carlos Henrique. Entrevista concedida a Higor Codarin, via aplicativo de mensagens, 30 de março de 2023.

> Regredi enormemente, porém como meu analista é marxista estou com grande confiança no tratamento. Não farei disto minha vida. Tento, com todos os esforços, me assegurar em Paris. [...] *Vivo a quebra de uma imagem. A mulher forte e perigosa. A contrapartida é dolorosa. Tento, ao máximo, não curtir a tristeza. Reagir, mas os traumas voltaram.*
> [...]
> Tenho, no entanto, recuperado meu passado mais recente (13 anos em frente). E nele tenho encontrado pontos de referência positivos, *malgré la défaite politique.*[1317]

Buscando novos pontos de referência, apesar da derrota política, Vera se engajaria em projetos. Alguns, individuais; outros, coletivos. Tinham, em comum, expectativas menos ambiciosas que a tomada do poder. Vera, contudo, os viveria intensamente.

***

Como vimos, desde sua chegada em Paris, Vera trabalhou como babá. Além das necessidades financeiras, estar com crianças era algo que a mobilizava. Desde os tempos em que cuidava do sobrinho André, levando-o, por vezes, aos levantamentos para realizar as ações armadas, tinha facilidade e familiaridade com crianças. O cuidado com os filhos da vizinha Mirian, na clandestinidade, era mais uma evidência disso. No cuidado com os filhos dos outros, seja em Paris ou no Brasil, exercia uma espécie de maternidade por procuração. Contudo, com o fim definitivo da militância, o desejo de ser mãe tornava-se vívido.

Desde 1976, Vera e Carlos Henrique conversavam sobre essa possibilidade. Em princípio, Vera queria mais do que ele. Ao longo de todo o ano, Carlos Henrique resistira. Em 1977, contudo, o desejo convergiu. Pouco tempo depois, em maio, Vera engravidou.

Escolher ser mãe era, em alguma medida, inscrever-se no socialmente construído como destino natural das mulheres. Para além, era mais uma constatação do abandono da militância. Na carta que escreveu a Mirian, Vera ressaltava a militância como impedimento do exercício da maternidade. Assim, a decisão de ser mãe e a subsequente gravidez eram, também, um desdobramento da ruptura da identidade revolucionária masculinizada.

A despeito desses significados, a gestação foi um ótimo momento na vida de Vera. Helena Celestino, ao rememorar o período da gravidez, apontou que Vera ressaltava a previsibilidade como aspecto importante do período. “Ela dizia muito que pela primeira vez na vida sabia o que iria acontecer dentro de nove meses.”[1318] Diante de uma vida militante imprevisível e insegura, de um exílio indeterminado e do retorno incerto ao Brasil, Vera sentia-se bem com a estabilidade e previsibilidade que a gravidez lhe dava.

[1317] MAGALHÃES, Vera Sílvia. *Carta a Daniel Aarão Reis.* (b) s.d., fl. 6. *In: Arquivo Pessoal de Daniel Aarão Reis.*
[1318] CELESTINO, Helena. Entrevista concedida a Higor Codarin, via telefone, 12 de setembro de 2020.

Ademais, o crescimento da barriga a deixava maravilhada. Sentia-se bem, bonita. Deixou, inclusive, de fumar ao longo da gestação, algo que fazia regularmente desde a adolescência. Gestar uma vida dentro de si e vê-la crescer era algo que a fortalecia psicologicamente, como ela mesma apontou em carta datada de novembro: "A barriguinha aumentou a olhos vistos. Uma gravidez tranquila. Me sinto muito animada e cheia de novas energias. Acho que será assim até o fim. Estou curtindo mesmo a ideia de ter, em breve, um pimpolho nos braços."[1319]

Embora com energias renovadas, Vera não nutria expectativas em relação ao Brasil. Acompanhava com atenção o cenário nacional, especialmente as limitações em relação à abertura "lenta, gradual e segura" de Geisel.

Apesar das sinalizações com relação ao aumento das liberdades democráticas, incluindo o afrouxamento dos órgãos de repressão de Estado, a derrota eleitoral de 1974 e a conjuntura subsequente deixariam evidente, tratando-se dos militares, dois aspectos essenciais.

Por um lado, a abertura seria marcada pelo protagonismo e centralidade dos militares em sua condução. Atuando conforme a conjuntura, Geisel garantiria, por intermédio de avanços e retrocessos nas medidas liberalizantes, um processo que fosse, sobretudo, seguro para os próprios militares. Por outro, demonstrando a heterogeneidade da caserna, apontaria a resistência de parte deles – especialmente na extrema-direita militar representada pela comunidade de informações – em encampar a operação de retirada e devolução do poder político aos civis.

Ao mesmo tempo em que Geisel promovera aberturas democráticas para a realização das eleições de 1974, o conjunto dos órgãos da chamada comunidade de informações, que englobava o Centro de Informações do Exército (CIE), Centro de Informações da Aeronáutica (CISA), Centro de Informações da Marinha (CENIMAR), Serviço Nacional de Informações (SNI) e os DOI-CODI, aumentava a carga da repressão política.

Majoritariamente comandados por militares contrários a abertura, buscavam, com o recrudescimento das ações contra opositores, obstaculizá-la. O assassinato do jornalista Vladimir Herzog, falsamente declarado como suicídio, em outubro de 1975, era uma das evidências. O assassinato do operário Manoel Fiel Filho, em janeiro do ano seguinte, seria outra. O culto ecumênico para Herzog, realizado na catedral da Sé, reunindo cerca de oito mil pessoas tornava-se uma das primeiras manifestações de vulto pós-1968. Gerando comoção,

[1319] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Carta a Daniel Aarão Reis. Novembro de 1977. fl. 3. *In: Arquivo Pessoal de Daniel Aarão Reis.*

nacional e internacional, os assassinatos acabavam por desgastar politicamente o governo e demonstravam que a abertura encontrava resistência entre os militares.

Geisel, diante disso, afastou o comandante do II Exército, responsável pelo comando do DOI-CODI em que foram assassinados os dois. Como apontou Daniel Aarão Reis: "Foi um marco. A polícia política não estava mais autorizada a matar."[1320] Além disso, em outubro de 1977, Geisel exoneraria um dos principais representantes da comunidade de informações, o general Sylvio Frota, então ministro do Exército. Eram claras representações dos avanços em direção à abertura.

Por outro lado, porém, o general-presidente garantiria que a abertura ocorresse sem que os militares perdessem o controle. Diante da derrota eleitoral de 1974, colocou em ação mecanismos jurídicos para garantir que os resultados não se repetissem. Em julho de 1976, outorgou a "Lei Falcão", visando restringir a propaganda eleitoral que havia sido liberalizada na eleição anterior. Para além, no ano seguinte, em abril de 1977, decretou o recesso do congresso nacional e outorgou o que ficara conhecido como "pacote de abril". Em um conjunto de decretos-lei e uma emenda constitucional, o pacote garantia que um terço dos senadores que seriam escolhidos pelo pleito de 1978 o fossem de forma indireta. Assim, restringindo o direito da população em eleger os dois terços que estavam em disputa, o general-presidente buscava impedir que a oposição emedebista conquistasse a maioria no Senado. Era a criação dos chamados senadores biônicos. Além disso, redefiniam-se os coeficientes eleitorais tendo em vista favorecer os estados em que a ARENA tinha maioria.

Diante desse cenário, Vera analisava de forma pessimista a conjuntura, como escreveu em carta de dezembro de 1977:

> Quanto ao Brasil, eu continuo pessimista. Se é bem verdade que a conjuntura evolui para uma redemocratização, acredito pouco na estabilização e profundidade da dita cuja. Tenho a impressão de que teremos pelo menos mais um governo militar, isto é, no mínimo mais quatro anos com reformas brandas.[1321]

Além disso, fazia uma análise a respeito de uma esperança "desfocada" dos exilados brasileiros com relação ao Brasil. Mais. Entre as organizações de esquerda que dividiam-se entre uma política radical, de negação institucional, e a plataforma de luta pelas liberdades democráticas, Vera demonstrava sentir-se deslocada. Não encontrava seu lugar de atuação em um momento de redefinição de projetos e lutas políticas no conjunto da esquerda brasileira. Deslocamento que gerava uma espécie de resignação, conforme ela mesma escreveu:

[1320] AARÃO REIS, 2000, p. 43.
[1321] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Carta a Daniel Aarão Reis. Dezembro de 1977. fl. 7. *In: Arquivo Pessoal de Daniel Aarão Reis.*

> Às vezes sinto, entre nós exilados, um clima de esperança meio desfocado. O plano pessoal é ainda ficar muito tempo no exterior. O tempo histórico é muito longo, nossas previsões em geral omitem isso e acabamos confundindo nossos desejos com a realidade. A minha pergunta é como procurar atuar e intervir politicamente no momento, considerando meu descompasso com os projetos políticos existentes. Deste ponto de vista, me sinto isolada da esquerda revolucionária e sem ilusões nem vontade de atuar em uma faixa democrática mais ampla.[1322]

Não apenas se sentia isolada na política como, depois da crise bipolar, isolou-se da universidade. Não concluiu o *deuxième année* no IEDES em meados de 1977 como estava planejado. É provável, embora não tenha sido possível confirmar, que Vera foi reprovada por falta de assiduidade. Em seus arquivos pessoais consta a matrícula no ano letivo 1976-1977, porém inexistem outras informações, tampouco diplomas de conclusão com as notas obtidas nas disciplinas realizadas.

A desistência com relação à universidade resultava de uma confluência de fatores. Por um lado, a crise bipolar que a afetara por dois meses. Para além dela, havia, também, um certo desinteresse de Vera com relação ao tema e, no limite, com o "mundo institucional" simbolizado pela universidade. Em busca de uma nova identidade, parecia não a ter encontrado no mundo universitário, apesar de sua curiosidade intelectual. Por fim, seus interesses pessoais, centrados na recuperação de uma vida social, agitada, também devem ter contribuído para que Vera secundarizasse seu projeto no IEDES.

Contudo, em meio à gestação, e por intermédio dela, surgia um outro projeto. Nesse período, Sérgio Tolipan e Maria Martins moravam com Vera e Carlos Henrique. Assim, Vera passava longos períodos com Pedro Tolipan, filho do casal. Diante do contato com ele, Vera percebeu uma questão particular: os reflexos da repressão e do exílio na vida das crianças. Ao desenhar com Pedro, Vera percebia que seus desenhos eram, na verdade, um só: um homem matando seu pai. Era uma clara evidência à perseguição política imposta à sua família.[1323]

Buscando encontrar maneiras de mitigar as angústias de Pedro que eram, também, a realidade dos filhos de outros exilados brasileiros, Vera, em vias de ser mãe, passava a pensar sobre a especificidade – e as dificuldades – das crianças brasileiras no exílio. No limite, pensava, por consequência, nas dificuldades que seu próprio filho enfrentaria quando nascesse. Em contato com Glória Ferreira e Roque Aparecido dos Santos que, na Suécia, observavam, enquanto trabalhavam em creches, a dificuldade de adaptação dos estrangeiros, essas questões se aprofundaram e ganhavam consequências concretas.

[1322] Ibid., fl. 9-10

[1323] ISTOÉ. "Crianças exiladas. A escola que ensina o que é feijoada: Reaprendendo o Brasil, à espera da volta", 1979. pp. 34-37. *In: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro*. Fundo Vera Sílvia Magalhães, Caixa 7, "Entrevistas publicadas com Vera".

Entre a cultura brasileira, dos pais, e a inserção social no país de acolha, as crianças sofriam. Mais. Distantes do Brasil, não cultivavam relações com a cultura e o modo de vida brasileiros. Diante desses dilemas, Vera, Gloria e Roque criaram, no apartamento do *Raspail*, o Clube Experimental Saci Pererê, no início de 1978.

O objetivo era reunir, uma vez por semana, as crianças brasileiras para que, "elas mesmas, sem a cotidiana interferência paterna, tivessem um contato com os elementos do mundo infantil brasileiro."[1324] Buscando expandir as referências das crianças – muitas delas nascidas no exílio –, a ordem do clube, como diz o manifesto escrito por Vera e os demais criadores, era "brincar de Brasil". Através do "teatro, música, cerâmica, muita tinta e papel", torná-las íntimas da "pipa, da pelada, dos personagens do nosso folclore, suas artes, suas manhas." Assim, buscavam "tornar possível a elaboração dos desejos, ansiedades e angústias das crianças em relação ao Brasil". Um país que, na visão delas, era "muito bonito, por longínquo", mas "muito mau, por impenetrável."[1325]

A empolgação de Vera com o Saci confundia-se com sua empolgação em relação à maternidade. Em meio à preparação do clube, que iniciaria suas atividades em janeiro, Vera estava na iminência de ter seu filho. Àquela altura, sabia tratar-se de um menino. Segundo a programação, o nascimento estava previsto para fevereiro. Esperava com muita felicidade, como escreveu em dezembro:

> No mais, a barriguinha crescendo e a proximidade do parto enche meu peito de emoção. Acho que escolhi bem o momento de parir. O pimpolho será muito bem recebido [...]. Esperei muito mas valeu a pena. Nunca me senti tão bem emocionalmente, cheia de energias, afastando as angústias e os diabos soltos.[1326]

Em meio à espera, deu início, formal, ao Saci. A partir de Pedro Tolipan, o grupo se expandiu. No início de janeiro, agrupava seis filhos de brasileiros exilados. O primeiro encontro foi, como o próprio nome do clube, sobre Saci Pererê. Fizeram, junto com as crianças, representações do personagem folclórico com massa de biscoito. Polvilhado com açúcar, terminavam todos, ao final do dia, por comer o biscoito em formato de Saci. As crianças adoraram.

Pouco tempo depois, no dia 22, uma nova criança passaria a fazer parte do convívio no apartamento. Adiantando-se à previsão, o filho de Vera, Felipe, nascia. Seu nascimento, apesar

---

[1324] ALCANTARA, Naruna. *et al*. Manifesto ou declaração de princípios do grupo envolvido na construção do Clubinho Experimental Saci Pererê. (1979). *Artes & Ensaios*, v. 27, n. 42, p. 29-36, 2021. p. 30. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/49194/26851. Acesso em: 24 fev. 2023.
[1325] Ibid.
[1326] MAGALHÃES, Vera Sílvia. *Carta a Daniel Aarão Reis.* Dezembro de 1977. fls. 11-12. *In: Arquivo Pessoal de Daniel Aarão Reis.*

da felicidade, contrastaria com a bonança da gestação, demonstrando, uma vez mais, a ambivalência do exílio e um reencontro com a loucura.

***

Era um domingo de inverno parisiense quando a bolsa de Vera rompeu. A ruptura do saco amniótico era sinal de que entrava, de forma precoce, em trabalho de parto. Ato contínuo, Vera e Carlos Henrique foram à maternidade *Port Royal*, no mesmo *14eme* em que moravam. Seria um parto conturbado.

Com o rompimento da bolsa, intensificaram-se as contrações. Contudo, ao contrário do esperado, não foram acompanhadas da dilatação necessária. Vera sentia muitas dores. Transferida à sala de parto, uma equipe médica a aguardava. Todos trajados de verde. Vera foi colocada na maca, sob fortes luzes. Como não havia dilatação, a primeira medida da equipe foi administrar um medicamento por via intravenosa, buscando induzi-la. Além disso, conectavam-se eletrodos ao seu corpo, para acompanhamento da saturação e dos sinais vitais, tanto dela quanto de Felipe.[1327]

Em meio a essas ações, Vera começou a gritar e chorar. Olhava, desnorteada, para tudo e todos ao seu redor. Não reconhecia aquele cenário. Não reconhecia Carlos Henrique. Tampouco reconhecia os médicos. Ou melhor, reconhecia-os como os torturadores da rua Barão de Mesquita. Fardados de verde, injetavam-lhe pentotal, o "soro da verdade", utilizado de forma a fazer com que os torturados "abrissem" informações. Além disso, davam-lhe choques elétricos por intermédios dos eletrodos ligados ao seu corpo.[1328] As dores da contração eram, naquele momento, as dores das torturas físicas que sofrera oito anos antes. De uma maternidade na capital francesa, Vera parecia ter sido transferida ao andar térreo do DOI-CODI do estado da Guanabara.

Horas se passavam e os sintomas psicóticos continuavam. Os médicos buscavam contê-la. Carlos Henrique tratava de iniciar conversas com Vera para demonstrar que o ambiente hospitalar e a realidade eram outros. Depois de um longo período de cerca de 12 horas, Vera atingiu a dilatação necessária e deu à luz, finalmente, a Felipe. O filho, envolto em sangue, completava o cenário aterrorizante da tortura. Na dor do parto, cuja intensidade é recompensada pela alegria de ter o rebento nos braços, Vera revivia a dor dilacerante da tortura. O parto, e as dores, eram apartados de seu aspecto positivo. Contrastando com a felicidade de todo o período

[1327] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 25/08/1998, fita n. 13, lado B, transcrição p. 19-20.
[1328] Ibid.

de gestação, da espera pelo filho que tanto desejava, Vera era atingida por uma espécie de extensão da tortura, manifestação inicial de uma nova crise.

A aurora da maternidade seria difícil. Para além dos sintomas da bipolaridade, Vera, diante da recorrência de infecções urinárias e renais que teve ao longo da infância e juventude, agravadas pela tortura que sofrera, teve de tomar, por precaução, antibióticos após o parto. Tomando-os, não pôde amamentar Felipe. Além disso, diante dos remédios que lhe foram ministrados para poder dormir em meio à excitação da mania, não lhe era possível acudir o filho ao longo da noite. Carlos Henrique era quem lidava, no início, com as principais demandas de Felipe. Muito fragilizada, Vera, após a fase maníaca, imergiu em uma depressão que, por consequência, afetava sua capacidade de lidar com as vontades do filho, representadas, quase sempre, em crises de choro, como é natural em recém-nascidos. [1329]

Em meio à insustentabilidade da situação, a rede afetiva de Vera e Carlos Henrique colocou-se a disposição para auxiliar. As mães do casal, Virgínia e Gisela, foram a Paris para ajudar no que fosse possível.

Apesar da disponibilidade, a saúde de Virgínia era precária. Pouco antes de ir a Paris, havia, em meio a uma crise depressiva, tentado o suicídio por ingestão de medicamentos.[1330] Vera soube dessa tentativa apenas quando a mãe chegou na França.

Na presença de Virgínia, Vera, em termos psicanalíticos, regredia. Voltava a ser criança. A relação íntima e próxima que haviam construído na infância, reencontrava seu lugar de outro modo. Desenvolvia-se uma relação confusa, em que o estado de Vera era estopim para uma nova crise bipolar de Virgínia. Com ambas em crise, agravava-se a situação.

Além das figuras maternas, os amigos de Paris construíam, uma vez mais, o círculo afetivo para atravessar a crise, revezando-se como podiam para cuidarem de Vera e de Felipe. Helena Celestino, nessa época, passou a morar provisoriamente no apartamento do *Raspail* para auxiliar no cuidado dela.[1331]

Assim, mais do que sediar as festas e o Saci, o amplo apartamento servia de base para os cuidados com Vera e Felipe.

Para além, o *Raspail* tornava-se, em meados de 1978, palco para uma discussão cada vez mais frequente entre os exilados brasileiros. Discussão simbolizada em uma única palavra, carregada de incertezas e esperanças. Anistia.

9.5 Ampla, Geral e Irrestrita?

[1329] Idem, transcrição p. 20.
[1330] GONÇALVES ARAUJO, s.d, p. 80.
[1331] CELESTINO, Helena. Entrevista concedida a Higor Codarin, via telefone, 12 de setembro de 2020.

Apesar de algumas vozes dissonantes desde o início da ditadura, como era o caso do PCB, e a presença, embora sem nenhuma efetividade, no programa político da oposição do MDB desde 1972, a discussão sobre a anistia aos punidos pela ditadura brasileira começou a ganhar espaço relevante nos debates políticos a partir da segunda metade da década.

Em meio à abertura proposta por Geisel e à nova tática de oposição à ditadura por intermédio das lutas democráticas, o debate sobre a anistia iniciava, gradativamente, uma trajetória em direção ao protagonismo na luta política brasileira. Um dos marcos iniciais, em 1975, fora a criação do Movimento Feminino pela Anistia (MFPA). Capitaneado por Terezinha Zerbini, que havia sido presa por nove meses no ano de 1970 em função de ter apoiado a realização do XXX Congresso da UNE em Ibiúna, o movimento fora lançado em meio ao Congresso do Ano Internacional da Mulher, realizado pela Organização das Nações Unidas (ONU) na Cidade do México. Seu manifesto de criação contou com 12 mil assinaturas em todo o país. Reunindo familiares de presos políticos, exilados, cassados e banidos, o MPFA e seu manifesto esboçavam a construção de um movimento unificado em torno da bandeira política da anistia.[1332]

No mesmo ano, em Paris, criava-se o Comitê Brasil pela Anistia.[1333] Em 1976, novas movimentações. Em março, o Comitê Pró-Anistia no Brasil, em Lisboa, publicara, em um dossiê em prol da luta pela anistia. Em julho, na 28ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), realizada em Brasília, aprovou-se, sob aplausos, uma moção pela anistia.[1334]

Eram evidências tímidas, porém reais, de mobilização da sociedade civil em direção a anistia.

No ano seguinte, em primeiro de maio de 1977, a discussão ganhou novo fôlego a partir da prisão de universitários vinculados ao MEP, por ocasião da mobilização do dia do trabalhador na região do ABC paulista. Dias depois, em solidariedade, estudantes se mobilizaram. No Rio, cerca de cinco mil estudantes cariocas realizaram uma manifestação na PUC. Na capital paulista, em uma passeata sobre o viaduto do Chá, reuniram-se cerca de dez

---

[1332] VARGAS, Mariluci Cardoso. O Movimento Feminino pela Anistia como partida para a redemocratização brasileira. *In*: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA: VESTÍGIO DO PASSADO – A HISTÓRIA E SUAS FONTES - ANPUH-RS, 9., 2008, Porto Alegre. *Anais* [...]. Porto Alegre: ANPUH, 2008.

[1333] OLIVEIRA, Lucas Monteiro de. *As dinâmicas da luta pela anistia política.* 2014. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-02062015-171603/publico/2015_LucasMonteiroDeOliveira_VCorr.pdf. Acesso em: 27 fev. 2023.

[1334] CPDOC, Verbete temático: Comitê Brasileiro pela Anistia (CBA). Disponível em: https://www18.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/comite-brasileiro-pela-anistia-cba Acesso em: 27 fev. 2023.

mil. “Era a primeira passeata estudantil pós-1968.”[1335] O movimento estudantil, depois de um hiato forçado, retomava uma agenda de manifestações. No centro das demandas, discutia-se o arbítrio das prisões políticas e, também, defendia-se a anistia.

Para além dos estudantes, novos personagens entravam em cena.[1336] Surgiam fora dos circuitos estudantis e partidários usuais. No limite, opunham-se a ditadura a partir de novos espaços e novas perspectivas.

Criado em 1973, fundamentalmente por mulheres periféricas, especialmente vinculadas aos Clube das Mães e às Comunidades Eclesiais de Base (CEB’s)[1337], o Movimento do Custo de Vida (MCV), também conhecido como Movimento Contra a Carestia (MCC), passou a ocupar as ruas e, mesmo que de forma colateral, estabelecer intersecções com o movimento pró-anistia.

Em meio ao fim do “milagre econômico”, com a alta inflacionária e o arrocho salarial imposto pelo governo, o movimento buscava, fundamentalmente, mobilizar a sociedade em relação à fome e ao aumento do custo de vida. Tendo esse objetivo, o MCC organizou, em agosto, uma “jornada contra a carestia” em São Paulo. Realizada na Praça da Sé, contou com a presença de cerca de 20 mil pessoas, majoritariamente moradoras de áreas periféricas. Ali, em uma espécie de assembleia-geral do MCC, buscava-se entregar às autoridades um abaixo assinado composto por mais de 1,2 milhão de assinaturas, defendendo o congelamento de preços e demandando o fim do arrocho salarial.[1338]

Para além das mulheres periféricas, surgiam, nas fábricas, novos atores que buscavam reconstruir velhas organizações. Em maio de 1978, em São Bernardo do Campo, uma greve na fábrica Saab Scania do Brasil, sob liderança do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do

---

[1335] ARAUJO, 2007, p. 343.

[1336] Frase inspirada no livro de Eder Sader. Para maiores detalhes, cf. SADER, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

[1337] “As CEBs surgiram como reuniões de católicos situados no meio popular: zonas rurais, periferias urbanas, bairros populares e favelas. Constituíram-se [...] por iniciativa de setores da Igreja marcados pela ideia de que exprimir a fé religiosa significava tomar consciência de sua situação social.
A orientação que regeu as CEBs foi marcada pelas ideias de Paulo Freire e do Movimento de Educação pela Base (MEB), de setores ‘progressistas’ da Igreja dos anos 1960, da participação de camadas populares no processo de sua própria educação (política), através da discussão de seus problemas imediatos, e, em seguida, da decisão e mobilização para a defesa de seus direitos.” CAMURÇA, Marcelo Ayres. A militância de esquerda (cristã) de Leonardo Boff e Frei Betto: da Teologia da Libertação à mística ecológica. *In*: AARÃO REIS; FERREIRA, 2007, p. 387-408. p. 396. Para maiores detalhes, cf. FARIA, Camila. *As Comunidades Eclesiais de Base no processo de organização política do movimento popular por moradia no município de Volta Redonda. (1970-1980)*. 2013. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Programa de Pós-graduação em Serviço Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013. Disponível em: https://app.uff.br/riuff;/bitstream/handle/1/8340/CamilaFaria-ok.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 27 fev. 2023.

[1338] MONTEIRO, Thiago William Nunes Gusmão. *Como pode um povo viver nesta carestia:* o movimento do custo de vida em São Paulo (1973-1982). 2015. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-11032016-132815/pt-br.php. Acesso em: 27 fev. 2023.

Campo, indicava a emergência de um sindicalismo que se imaginava diferente. O chamado "novo sindicalismo", que contava com "militantes advindos das comunidades da Igreja Católica, das organizações de esquerda, das oposições sindicais e dos sindicatos que se insurgiam contra o comodismo e o servilismo", buscava refundar a estrutura sindical. Em oposição ao "velho sindicalismo", corporativista, atrelado ao Estado, intentavam construir "uma concepção e uma prática sindicais dotadas de liberdade e autonomia", tendo em vista lutar contra a deterioração das condições de vida e por melhores condições de trabalho.[1339]

Desafiando, a um só tempo, a ditadura e seus respectivos patrões, que buscavam impedir as mobilizações por intermédio da legislação vigente, a greve na fábrica Saab Scania se alastrou pelo ABC paulista. Iniciada no dia 12, seria seguida no dia 15 pelos trabalhadores da Ford e, no dia seguinte, pelos operários da Volkswagen. Era "[...] o início de uma onda mobilizatória que alcançou grandes, médias e pequenas empresas, desenvolvendo tipos variados de greve e com duração diversa, acabando por atingir outros municípios, como Osasco e São Paulo."[1340] Assim, trabalhadores sindicalizados buscavam oxigenar suas organizações, oferecendo novas perspectivas a velhas formas de luta.

Entre novos e velhos atores sociais pressionando a ditadura, reocupando e (re)politizando os espaços públicos, a campanha da anistia ganhava força. Em janeiro de 1978, criou-se, no Rio de Janeiro, o primeiro Comitê Brasileiro pela Anistia (CBA). Seguido por São Paulo, os CBA's espraiaram-se pelos estados ao longo do ano. Se a bandeira da anistia ganhava diversos matizes nos variados corações e mentes brasileiros, os CBA's, como aponta Maria Paula Nascimento Araujo, "[...] representavam as posições mais à esquerda na luta pela anistia. Eram compostos por representantes das organizações de esquerda e pelos segmentos mais combativos da sociedade."[1341] Além desses, também faziam parte dos CBA's familiares de presos, mortos e desaparecidos durante a ditadura. Uma das fundadoras do CBA do Rio, por exemplo, foi Iramaya Benjamin, militante política em prol da anistia e mãe dos companheiros de Vera, Cid e Cesar Benjamin.

Unificando esforços, os CBA's estaduais realizaram, em setembro de 1978, na capital baiana, o Encontro Nacional de Movimentos pela Anistia. Chegando a um denominador comum para as principais demandas, o encontro estabeleceu uma pauta mínima para a campanha.

[1339] da COSTA, Hélio. O novo sindicalismo e a CUT: entre continuidades e rupturas. *In*: AARÃO REIS; FERREIRA, 2007, p. 595-636. p. 597.
[1340] SANTANA, Marco Aurélio. Classe trabalhadora, confronto político e democracia: o ciclo de greves do abc paulista e os desafios do sindicalismo atual. *Lua nova*: revista de cultura e política, n. 104, p. 19-65, 2018. p. 30. DOI: https://doi.org/10.1590/0102-019065/104.
[1341] ARAUJO, 2007, p. 343.

Deliberou-se que a principal bandeira deveria ser por uma anistia "ampla, geral e irrestrita." Buscava-se, portanto, que a anistia "beneficiasse todas as pessoas punidas por quaisquer atos de exceção, sem nenhuma discriminação nem exclusão". Além disso, propunha-se a mobilização pela revogação e extinção dos atos e leis que caracterizavam o estado de exceção brasileiro, além do fim do aparato repressivo criado pelos governos militares.[1342]

Dois meses depois, em novembro, uma nova reunião ia além. Confirmando as teses defendidas no encontro dos CBA's, o I Congresso Nacional pela Anistia exigia, ainda, a punição aos agentes do Estado envolvidos em casos de mortes, torturas e desaparecimentos.

Nesse turbilhão, a bandeira política da anistia tornava-se, ao longo do biênio 1977-1978, "altamente mobilizadora", com poderio de "congregar diferentes posições políticas, segmentos sociais, gerações". Além disso, discutir anistia significava focar o cerne da ditadura, qual seja, as prisões, cassações, banimentos e torturas. Para as esquerdas brasileiras na nova conjuntura, tornava-se "a luta política essencial contra a ditadura."[1343]

Esse contexto de mobilizações sociais diversas acabavam por exercer pressões sobre a "distensão lenta, gradual e segura" de Geisel. Rivalizavam e perturbavam seu projeto que visava, como vimos, completo controle. Em meio a elas, o general-presidente oferecia novas mostras em direção à abertura, outorgando novas medidas. No mês de outubro, com a emenda constitucional de número 11, extinguiam-se as disposições do Ato Institucional número 5 a partir do ano seguinte. Era significativo. Um dos principais aparatos repressivos da ditadura caía por terra.

Além da extinção dos atos institucionais, Geisel editava, em dezembro, uma medida que se relacionava diretamente a Vera. Por intermédio do Decreto nº 82.960, o presidente revogava a pena de banimento a partir do início do ano de 1979. Instituída, como vimos, para libertação dos presos por ocasião da captura do embaixador norte-americano e estendida aos demais libertados em ações de captura posteriores, sua revogação possibilitava que Vera, depois de nove anos, pudesse voltar ao Brasil.

Apesar da aparente possibilidade da volta, Vera, assim como outros banidos, estava reticente. A revogação da pena de banimento tinha um revés. A partir dela, os processos pelas ações armadas e pela militância política, que tramitavam na Justiça Militar e haviam sido interrompidos, eram retomados. Assim, pairavam incertezas. Caso fosse condenada, Vera poderia ser presa, caso regressasse. Ao menos por ora, não arriscaria.

[1342] Ibid., p. 344.
[1343] Ibid.

Um dos banidos arriscaria e retornaria, imediatamente, à "terrinha", como o Brasil ficara apelidado pelos exilados. "Tocha" foi o primeiro banido a voltar ao Brasil. Fez-se, inclusive, uma festa de despedida para ele no apartamento do *Raspail*.

A experiência de "Tocha" confirmava as incertezas de Vera. Recém-chegado, ainda no avião, foi detido pela polícia. Após interrogatório, levaram-no, preso, ao presídio Frei Caneca. Ainda não era tempo de voltar.

De todo modo, todas essas movimentações no Brasil reverberavam na comunidade brasileira exilada em Paris. Depois de superada a segunda crise bipolar, que durou, a exemplo da primeira, alguns poucos meses, as conversas no *Raspail* tornavam-se quase monotemáticas. As medidas de Geisel desaguariam, efetivamente, em uma anistia "ampla, geral e irrestrita"? Vera poderia voltar ao Brasil sem o receio de ser, novamente, presa?

Para além dessas, outras questões despontavam. A luta pela anistia, em conjunto à luta por uma Assembleia Constituinte, que ganhava força entre as esquerdas no mesmo período, sintetizavam uma clivagem geracional. A abertura política e a nova tática em prol das liberdades democráticas funcionavam como novos marcos fundadores. A revolução, palavra central para a geração de Vera, polissêmica, carregada de sentidos diversos, individuais e coletivos, reais e utópicos, tornava-se, na nova conjuntura, secundária. Apesar de ainda ocupar lugar de destaque nos documentos programáticos e palavras de ordem das organizações de esquerda, havia sido destronada pelo conceito amplo de democracia. A conjuntura de resistência é, portanto, a conjuntura em que a revolução, que estava ao alcance das mãos da geração de Vera e os demais da luta armada, tornava-se um objetivo distante. Mais. Metamorfoseava-se em democracia.

Isso, como vimos de forma sucinta acima, impactava Vera. Impactava, também, a construção do movimento em prol da anistia na França.

A capital francesa, como uma das grandes capitais do exílio brasileiro, era um dos principais centros do exterior na campanha pela anistia. Com o desenvolvimento da campanha no Brasil, o Comitê Brasil pela Anistia se fortaleceu.

Vera, a exemplo da leitura que fazia da conjuntura brasileira, era pessimista com relação à atuação do comitê parisiense. Demonstrando sua dificuldade em se engajar, novamente, na militância política *stricto sensu*, apontou em carta do final de 1977: "Não tenho saco nem de me meter no Comitê Anistia, onde as reuniões são profundamente ineficazes, onde as organizações dizem representar forças inexistentes, lutando e brigando por uma hegemonia inútil e desnecessária."[1344] Tomada por um misto de descrença e realismo, além da sinceridade

[1344] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Carta a Daniel Aarão Reis. Dezembro de 1977. fl. 10. *In: Arquivo Pessoal de Daniel Aarão Reis.*

desconcertante, Vera prosseguia: "As pessoas falam como se controlassem o destino do país."[1345]

Ao contrário de outrora, quando, de armas em punho, realizaria a revolução brasileira, transformando os destinos do país, Vera era tomada, naquele momento, pela descrença. Como consequência da crise de identidade, a descrença de Vera aprofundava a dificuldade de engajamento.

A crise de identidade, o desengajamento e a descrença, todos sintomas de um mesmo processo, tinham, também como pano de fundo, as críticas ao socialismo real que se exacerbavam entre os exilados brasileiros em Paris, especialmente em seu grupo. Com as leituras e informações que circulavam na capital francesa, especialmente a respeito do burocratismo soviético, das perseguições e dos *gulags* dos tempos de Stálin, além de novas referências sobre os regimes cubano e chinês, aprofundava-se a desilusão. Nesta perspectiva, a crise de identidade não era, apenas, fruto da derrota do projeto político da luta armada no Brasil. A revolução, em sentido amplo, parecia ser tomada, ela também, de desesperança.

Vera, com seu humor afiado e crítico, dava mostras dessa atmosfera com comentários desconcertantes e irônicos a respeito de sua própria militância na luta armada e, também, em relação à experiência do socialismo real, algo que ficava evidente no reencontro com velhos amigos de passagem por Paris.

Claudio Torres, recém-saído do cárcere, encontrou-se com Vera em Paris em fins de 1977. Em correspondências, Vera relatou a emoção e o estranhamento do reencontro para ambos. Preso desde 1969, Vera sentia que Claudio havia "parado um pouco no tempo e no espaço". Ressaltando que os oito anos que os separaram "foram vividos por cada um de forma diferente"[1346], descrevia o choque de Claudio com as críticas ao socialismo: "Ficou um pouco chocado com as críticas irreverentes ao socialismo, [...] achou todo mundo meio descrente e *blasé*. Na verdade, foi um reencontro muito afetivo e amistoso, porém politicamente marcou as diferenças."[1347]

Leilah Landim, que não havia sido presa, embora também não tivesse se exilado, foi visitar Vera no apartamento do *Raspail*. Ali, foi tomada por estranhamentos vários. Por um lado, chocou-se com o que chamou de "defasagem" a respeito das visões sobre o socialismo:

> Quando cheguei no *Raspail*, me choquei. Estava aqui [no Brasil], fazendo trabalho de base, trabalhando com as CEBs, ONGS que trabalhavam no Nordeste. Quando

[1345] Ibid.
[1346] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Carta a Daniel Aarão Reis. Dezembro de 1977. fl. 11. *In: Arquivo Pessoal de Daniel Aarão Reis.*
[1347] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Carta a Daniel Aarão Reis. Novembro de 1977. fl. 6. *In: Arquivo Pessoal de Daniel Aarão Reis.*

> cheguei em Paris vi muitos com críticas bem desenvolvidas, por vezes irônicas, com relação ao socialismo. Eu não tinha isso aqui no Brasil. Havia uma defasagem interessante.[1348]

Para além, em outro sentido, Leilah estranhou o aspecto boêmio do exílio. Em meio à atividade política vertiginosa do Brasil, deparava-se com a vida festiva do *Raspail* e a assiduidade de exilados brasileiros nos bares da *place de la contrescarpe.* Era uma espécie de boemia desconcertante que para Leilah, provavelmente, esbarrava na noção de desbunde.

Em meio a esse misto de estranhamentos, estranhava, também, a própria Vera, imersa nesse contexto. Desprendida da militância, casada e mãe. Ao contrário da imagem revolucionária, vanguardista, disruptiva de outrora, Leilah sentia uma clivagem. Apontava ter encontrado uma Vera "amainada": "Ficava um pouco desapontada. Eu queria um rumo para mim, queria que ela me mostrasse o rumo. Mas ali ela estava meio parada."[1349]

Ambos os contatos, depois de longos anos, eram sintomáticos das diferentes realidades vividas. Claudio, da prisão, não entrara em contato com as contradições e limites das experiências socialistas, seja na prática e/ou com as análises teóricas. Por outro lado, Leilah, experienciando a efervescência política brasileira, estranhava o desprendimento da vida exilada. Além disso, estranhava as mudanças pelas quais Vera passara. Eram choques entre realidades distintas.

Embora fossem realidades distintas, a descrença de Vera saltava aos olhos. Além dela, as dificuldades das crises, a vontade de viver uma vida mais leve, a maternidade e o casamento terminavam de compor um quadro em que a militância, como havia sido no passado, tivesse perdido o sentido de ser. Vera, no entanto, continuava sua busca por outras formas de atuação, refugiando-se em atividades militantes modestas, especialmente relacionadas à cultura.

O Saci, ao longo de 1978, desenvolveu-se. Das seis crianças iniciais, chegou a 30, entre três e 9 anos, em março de 1979.[1350] O *Raspail* tornou-se pequeno. Em busca de um novo espaço, conquistaram a possibilidade de utilizar, todo sábado, uma sala no sexto andar da Casa do Brasil, localizada na *Cité Universitaire.* Sem recursos próprios, o clube experimental vivia de doações. As famílias das crianças contribuíam, quando possível, com uma taxa de 80 francos por mês, tendo em vista a compra de material, além de enviar alimentação para as crianças.

Com o sucesso, a notícia chegou ao Brasil. Rosa Freire d'Aguiar, jornalista brasileira radicada em Paris, fez uma reportagem sobre o clube, publicada em julho de 1979 pela revista

---

[1348] LANDIM, Leilah. Entrevista concedida a Higor Codarin. Rio de Janeiro, 01 de Agosto de 2019.
[1349] Ibid.
[1350] ALCANTARA et al., 2021(1979), p. 30.

IstoÉ.[1351] Vera foi uma das responsáveis por falar sobre a experiência. Demonstrava estar empolgada com o projeto ao dizer: "O Saci-Pererê não é uma tentativa de caracterizar ainda mais a vida de gueto, a condição de estrangeiro. Ao tornar o Brasil mais palpável para essas crianças, tentamos universalizar ainda mais sua visão do mundo, aumentando a experiência internacional que já possuem."[1352]

Seja por intermédio da entrevista e/ou por outros meios, famílias no Brasil passaram a ajudar. Conseguiu-se, inclusive, montar uma biblioteca infantil a partir de livros enviados pela escritora Ana Maria Machado.[1353]

Em meio ao Saci, Vera buscava superar as dificuldades na criação de Felipe, que havia acabado de completar um ano. Ser mãe era um desafio. Em meio à bipolaridade, tornava-se ainda mais difícil. O fato de Felipe ter nascido em meio a uma crise era algo que entristecia e, ao mesmo tempo, amedrontava Vera. Receava transmitir-lhe o estigma familiar da bipolaridade, como também construir um ambiente familiar perturbador para o filho. Medos que fugiam ao seu controle. A despeito deles, Felipe era nutrido com afeto por Vera e Carlos Henrique em Paris. No cotidiano do Saci, respirando a cultura brasileira, Vera e Felipe descobriam, também, a relação entre mãe e filho.

Além do cuidado dos pais, Felipe participava, como não podia deixar de ser, do cotidiano movimentado do *Raspail*. Sempre repleto de pessoas, o apartamento era a síntese de uma primeira infância permeada por dificuldades, cuidados e afetos vários, como também pela não convencionalidade de sua família. Helena Celestino, por exemplo, relembrou de uma fotografia-síntese desse contexto. Em meio à gravação de um outro filme de Carlos Henrique, Chico Nelson, participante da película, era filmado no apartamento. Entre cenas, tirou-se uma fotografia em que aparecem Vera, Carlos Henrique, Chico Nelson e Felipe. Nu e com Felipe nos braços, Chico Nelson conversava tranquilamente com os pais da jovem criança.[1354]

Essa imersão no mundo cultural fez com que Vera, embora descrente em relação ao Comitê Brasil pela Anistia, encontrasse ali, para além do Saci, outro lugar para atuar. Promoveria uma ação que, a um só tempo, evidenciava sua personalidade provocativa, *pour épater les Bourgeois*, lançando luz sobre questões relevantes vinculadas aos costumes, como

---

[1351]. CRIANÇAS EXILADAS. A escola que ensina o que é feijoada: Reaprendendo o Brasil, à espera da volta. *ISTOÉ*, 1979, p. 34-37. *In*: *Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro*. Fundo Vera Sílvia Magalhães, Caixa 7,"Entrevistas publicadas com Vera".
[1352] Ibid., p. 37.
[1353] FERREIRA, Gloria. Entrevista concedida a Denise Rollemberg. *In*: *Arquivo Edgar Leuenroth (AEL/Unicamp)*, Fundo Militância Política e luta armada no Brasil, fita 1, lado b.
[1354] CELESTINO, Helena. Entrevista concedida a Higor Codarin, via telefone, 12 de setembro de 2020.

também ao conservadorismo reinante nas organizações de esquerda brasileiras e sua perspectiva refratária às subjetividades como pauta política.

Tendo por objetivo mobilizar a opinião pública francesa para apoiar a anistia no Brasil, o Comitê desenvolvia diversas atividades em Paris. Em função disso, dividia-se em grupos de trabalho temáticos. Um deles era responsável por atividades culturais, o chamado Grupo de Cultura do Comitê Brasil pela Anistia.

Embora, como disse, não tivesse "saco" para participar das reuniões políticas do comitê, Vera fazia parte, junto de Carlos Henrique, Glorinha e Helinho, da seção cultural. Era um grupo plural e, no jargão comunista, significativamente heterodoxo. Jean Marc, ao relembrá-lo, apontou: "O grupo de cultura era cheio de fio desencapado. Era foco de confusão."[1355]

Os próprios integrantes sabiam disso. Carlos Henrique apontou, inclusive, que a seção de cultura criou uma revista chamada "Mosca de Boi", justamente para caracterizar a atuação do grupo. A exemplo da mosca que perturba o boi no pasto, o grupo de cultura perturbava o comitê.[1356]

Vera, como "mosca de boi", testava os limites da organização. De início, em 1978, propôs que se fizesse um evento especial com Augusto Boal, diretor e teórico teatral, sobre as relações entre teatro e censura para a comunidade brasileira. Para além, propunha um evento com José Celso Martinez, diretor de teatro e criador do Teatro Oficina. Os coordenadores do Comitê, dentre eles Jean Marc Von der Weid e Lizst Vieira, opuseram-se à proposta, apontando que o objetivo fugia ao escopo da organização. Vera, ao contrário de acatar a decisão, protestou. Apontou que uma das funções do comitê era realizar atividades, debates e discussões para brasileiros. Instalado o conflito, a discussão foi levada para uma espécie de assembleia geral que terminou por permitir a realização dos eventos.

Abria-se um precedente. No ano seguinte, Vera e os demais testariam o conservadorismo dos membros do comitê. Convidavam Herbert Daniel para realizar uma discussão sobre homossexualidade e política para os brasileiros em Paris.

Herbert Eustáquio de Carvalho, codinome "Daniel", era ex-dirigente da VPR, era homossexual. Participante do treinamento guerrilheiro do Vale da Ribeira com Lamarca, vivera duplamente a clandestinidade ao longo da militância na luta armada. Por um lado, como os demais, desenvolvia uma luta clandestina contra a ditadura. Por outro, realçando o conservadorismo das organizações de luta armada, marcadas pelo androcentrismo e valorização

[1355] VON DER WEID, Jean Marc. Entrevista concedida a Higor Codarin, via telefone, no dia 3 de abril de 2021.
[1356] MARANHÃO, Carlos Henrique; MARANHÃO, Felipe. Entrevista concedida a Higor Codarin. Recife, 15 de julho de 2019.

de características da masculinidade hegemônica, tinha de reprimir sua sexualidade. No exílio desde 1974, passou a refletir sobre as relações entre a política e a sexualidade, numa confluência entre a sua trajetória e a emergência de movimentos políticos e teóricos que, a exemplo do feminismo, realçavam a necessidade do olhar para as subjetividades homossexuais.[1357]

Convidados, Daniel e seu companheiro Claudio aceitaram. Quando Vera e os demais levaram a ideia à coordenação do Comitê, criou-se um novo conflito. Jean Marc, ao relembrar a discussão entre os coordenadores, realçou o "reacionarismo generalizado" contra a proposta. Alguns, exaltados, bradavam: "Isso é coisa de viado!"[1358]

Embora os coordenadores estivessem contra, Jean Marc avisou-lhes que o precedente aberto para os eventos com Boal e Martinez possibilitava a realização do evento. Caso vetassem, a única razão seria o conservadorismo da coordenação. Em meio a ela, não se chegava a um consenso. Alguns defendiam sua realização. Outros, buscavam impedi-la. O imbróglio manteve-se por meses, até que a decisão foi levada, uma vez mais, à assembleia dos integrantes.

Com cerca de 70 a 80 pessoas, foi um "quebra pau geral". Uma discussão áspera, com ataques contra Vera e os demais. As organizações políticas que estavam representadas no Comitê, atacando Daniel, presente na reunião, de forma homofóbica, demonstravam o conservadorismo que caracterizava sobre a esquerda brasileira de modo geral. Além disso, os argumentos para a não realização do evento apontavam na mesma direção das críticas ao feminismo. A homossexualidade não era um tema político e tampouco tinha a ver com a dinâmica do Comitê.[1359]

Em meio à aspereza, realizou-se a votação. Chegando a um empate, Jean Marc e Lizst Vieira votaram pela realização do evento. Alguns, indignados, exaltaram-se com o resultado. Evitou-se, inclusive, que Lizst fosse agredido por um integrante do PCdoB que o chamava, insistentemente, de traidor.[1360] O Comitê, diante da permissão ou proibição, havia rachado.

Percebendo a confusão e, ao mesmo tempo, sendo avesso a ela, Herbert Daniel propôs que a atividade fosse realizada fora dos circuitos do Comitê, o que foi aceito por Vera e os demais. Apesar da vitória, a atividade seria realizada de forma independente. De todo modo, o objetivo de perturbar o comitê havia sido atingido.

Vera e os demais, então, passaram aos preparativos.

[1357] Para maiores detalhes, cf. GRENN, James. *Revolucionário e gay*: a extraordinária vida de Herbert Daniel – pioneiro na luta pela democracia, diversidade e inclusão. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
[1358] VON DER WEID, Jean Marc. Entrevista concedida a Higor Codarin, via telefone, no dia 3 de abril de 2021.
[1359] VON DER WEID, Jean Marc. Entrevista concedida a Higor Codarin, via telefone, no dia 3 de abril de 2021.
[1360] Ibid.

O convite, feito por Claudio, era provocativo, realçando a intersecção entre política e homossexualidade, além de sublinhar, de modo irônico, o preconceito:

> Ou:
> Se você é, vem que tem.
> Debate. Não careta (esperamos).
> Falar. Acrescente o seu grafite.
> Não somente nesta porta-tribuna das privadas virtudes
> de vícios periféricos. Venha discutir. Não somente depor
> que "nada tem a declarar" - fórmula-resposta no confessionário-policial,
> inquirindo a quantas anda nossas
> trepadas nos locais da proibição. São homossexuais que
> devem falar de si. E de política. Inclusive daquela de
> não fazer nenhuma.
> Ou:
> No quadro dos desdobramentos das lutas políticas, as
> Questões postuladas pela sexualidade (em geral, inclusive pelas formas ditas "marginais") provocam uma necessária
> reflexão que, para além das considerações tático-estratégicas envolvidas, busca esclarecer as articulações próprias dos movimentos de "minorias" no panorama
> geral das transformações sociais. Ao abrir o debate sobre
> o homossexualismo pensamos ser necessário não somente discorrer "sobre" o problema ou explicá-lo, mas veicular o próprio discurso homossexual com sua sintaxe própria. Discurso prolixo, multifacético, atravessado verticalmente pelos estigmas da repressão e da clandestinidade, assentado simultaneamente numa proibição infamante e numa agressividade difamatória. Discurso "secreto", mas evidente; banido dos lugares oficiais do saber, do dever, ou do prazer, mas eloquente nas regiões antípodas do discurso oficial (por exemplo, nas paredes dos mictórios públicos). Discurso-escândalo que só chocaria hoje retardatários duma moral que se pulveriza.
> Deste discurso fragmentário e ingênuo ao discurso homossexual articulado à luz do dia; politizado e político
> - um debate.
> Se você É (interessado em política, por exemplo) vem
> que tem.[1361]

Feito o convite, marcou-se data e local. 29 de maio, em uma espécie de auditório da Casa do Brasil. Organizado por Vera, Glorinha, Carlos Henrique, Helinho, além de Daniel e Claudio, ficaria guardado na memória de muitos exilados brasileiros em Paris.

Chegado o dia, caipirinhas eram servidas, na entrada, aos convidados que chegavam aos montes.[1362] O auditório ficou lotado. Jean Marc relembrou que apenas em evento com Luís Carlos Prestes houve adesão semelhante.[1363] Eram cerca de duzentas pessoas.

Na sala, enquanto os convidados se acomodavam, projetavam-se imagens de interações várias entre pessoas do mesmo sexo, não necessariamente homossexuais. Ao fundo, ouvia-se o refrão de uma canção composta por Roberto e Erasmo Carlos: "Será que tudo que eu gosto é

[1361] DANIEL, Herbert. *Passagem para o próximo sonho*. Rio de Janeiro: Codecri, 1982. p. 212-213.
[1362] FERREIRA, Gloria. Entrevista concedida a Denise Rollemberg. *In*: *Arquivo Edgar Leuenroth (AEL/Unicamp)*, Fundo Militância Política e luta armada no Brasil, fita 1, lado b.
[1363] VON DER WEID, Jean Marc. Entrevista concedida a Higor Codarin, via telefone, no dia 3 de abril de 2021.

ilegal, imoral ou engorda?"[1364] Criava-se uma *ambiance*. Claudio decorou o auditório como que retratando um banheiro público, permeado por páginas de revistas de pornografia gay.

Com todos sentados, Herbert Daniel, sozinho no palco, iniciava o debate perguntando aos membros do grupo de cultura do comitê o porquê eles eram heterossexuais. Vera relembrou que as respostas foram muito espontâneas.[1365] Helinho, levando os presentes às gargalhadas, respondeu: "Eu sou 'crioulo', pobre e de esquerda. Se eu fosse, ainda, homossexual, seria uma catástrofe."[1366]

Após as respostas, Daniel passou a uma apresentação "psicológica, sociológica e histórica" da homossexualidade, como relembrou Jean Marc.[1367] Havia, inclusive, escrito um texto, visando sistematizar as ideias para o debate, que viria a ser publicado sob o nome "Homossexuais: defesa de interesses", em um periódico chamado *Notas Marginais*.[1368]

Terminada a apresentação, o público ficou em silêncio. Tamanha era a novidade e a profundidade das questões desenvolvidas por Daniel que o público não sabia se aplaudia ou não. Em meio ao silencio constrangedor, deu-se início, efetivo, ao debate.

Como relembrou Gloria Ferreira, foi um grande debate: "As pessoas mais duronas, as que haviam sido contra o evento, começaram a falar de si, dos seus problemas, dos seus preconceitos. O tema ainda era um tabu na esquerda. Foi, realmente, um *happening*."[1369]

Embora alguns se abrissem, outros demonstravam o preconceito reinante entre os militantes de esquerda. Valneri Neves Antunes, ex-integrante da VPR que havia realizado o treinamento no Vale da Ribeira em conjunto com Daniel e fora contra a realização do evento pelo Comitê, foi um deles. Nas memórias de Daniel, Átila, como Valneri era conhecido, disse: "Não tenho nada contra você. Sou contra é a homossexualidade. Quero discutir isso."[1370] Por outro lado, na memória de Jean Marc, Átila foi ainda mais ofensivo ao dizer: "Daniel, você falou, falou, falou, e não entendi porra nenhuma do que você disse. Eu quero saber o seguinte: Tu é viado ou não é viado?"[1371] Daniel, que se recusava a ser definido, apenas, como homossexual, teria respondido: "Olha, Átila, se você quer as coisas nestes termos, eu sou

---

[1364] FERREIRA, Gloria. Entrevista concedida a Denise Rollemberg. In: *Arquivo Edgar Leuenroth (AEL/Unicamp)*, Fundo Militância Política e luta armada no Brasil, fita 1, lado b.
[1365] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 25/08/1998, fita n. 14, lado A, transcrição p. 4.
[1366] GREEN, 2018, p. 239.
[1367] VON DER WEID, Jean Marc. Entrevista concedida a Higor Codarin, via telefone, no dia 3 de abril de 2021.
[1368] GREEN, op. cit., p. 238
[1369] FERREIRA, Gloria. Entrevista concedida a Denise Rollemberg. In: *Arquivo Edgar Leuenroth (AEL/Unicamp)*, Fundo Militância Política e luta armada no Brasil, fita 1, lado b.
[1370] GREEN, 2018, p. 240.
[1371] VON DER WEID, Jean Marc. Entrevista concedida a Higor Codarin, via telefone, no dia 3 de abril de 2021.

viado."[1372] Diante da confirmação de Daniel, outro ex-militante da VPR, decepcionado, teria lamuriado: "Meu comandante!"[1373]

Sejam quais forem as versões verdadeiras, todas são sintomáticas de que a homossexualidade era algo menosprezado por segmentos das organizações de esquerda.

Apesar da tensão e dos atritos, o debate acabou em dança e festa. Em meio ao conservadorismo e preconceito, a atividade proposta por Vera e os demais atingia o objetivo. Por um lado, discutir uma questão relevante e, por outro, bem ao estilo de Vera, perturbar os membros mais conservadores do comitê.

Nessas atividades, Vera mantinha uma espécie de aproximação com os grupos políticos brasileiros e, ao mesmo tempo, aprofundava seu distanciamento deles. Ao deparar-se com o conservadorismo e o preconceito de parte das organizações de esquerda, Vera ampliava suas críticas. A partir desse período, Vera começou a apontar, com cada vez mais frequência, o autoritarismo presente na militância e nas organizações de esquerda.

No mês que se seguiu, as informações sobre a noite histórica do polêmico debate correram pela comunidade exilada. Mais. Reverberavam, inclusive, no Brasil.[1374] Contudo, ao final de junho, no dia 27, foram obnubiladas por uma outra notícia. Um projeto de lei a respeito da anistia era divulgado e enviado ao Congresso Nacional.

Em Paris, o *Raspail* foi local privilegiado na espera e busca por notícias. Como de hábito, organizou-se um jantar festivo para receber as informações a respeito do projeto. No cardápio, risoto de galinha regado a champagne, vinho e uísque. Eram em torno de 60 pessoas, entre brasileiros e franceses, na expectativa por detalhes. Na espera, o encontro entrou pela madrugada.[1375] Diante das notícias contraditórias que chegavam, sublinhando a dubiedade do projeto, sedimentava-se um misto de sentimentos. Felicidades e alegrias misturavam-se a apreensões e decepções.

Tamanha era a importância do apartamento do *Raspail* na comunidade exilada em Paris que Any Bourrier, correspondente do jornal *O globo* em Paris, relatou a festa na casa de Vera. Com o humor característico, Vera, em entrevista à jornalista, evidenciava o clima de incerteza entre os brasileiros através da *ambiance* do apartamento:

> Mas ontem, explicou Vera Sílvia, aconteceu algo curioso, como as notícias eram contraditórias e o projeto nos pareceu confuso no primeiro momento, muitas garrafas eram abertas quando chegava notícia boa e fechadas imediatamente após, quando

[1372] GREEN, op. cit., p. 240.
[1373] MARANHÃO, Carlos Henrique; MARANHÃO, Felipe. Entrevista concedida a Higor Codarin. Recife, 15 de julho de 2019.
[1374] Ibid., p. 242.
[1375] *O globo,* 29 jun. 1979, p. 5. Disponível em: https://acervo.oglobo.globo.com/. Acesso em: 6 mar. 2023.

> acontecia o contrário. Foi um tirar e repor rolhas nas champanhas (sic) que não acabava mais.[1376]

O abrir e fechar das champagnes tinha razão e ser. João Baptista Figueiredo, que havia substituído Geisel como general-presidente em março de 1979, enviava, depois de longo período de maturação, um projeto que estava aquém do idealizado pelos movimentos sociais e partidos políticos brasileiros.

Segundo o esboço da lei, seria concedida anistia "[...] a todos quantos, no período compreendido entre 2 de setembro de 1961 e 31 de dezembro de 1978, cometeram crimes políticos ou conexos com estes." Em parágrafo subsequente ao primeiro artigo, definia-se o que se entendia por "conexos": "[...] crimes de qualquer natureza relacionados com crimes políticos ou praticados por motivação política." Para além, indicavam-se restrições à anistia: "Excetuam-se dos benefícios da anistia os que foram condenados pela prática de crimes de terrorismo, assalto, sequestro e atentado pessoal."[1377]

Como representação-síntese do processo de distensão proposto por Geisel e continuado por Figueiredo, o projeto de lei da anistia, ao contrário de amplo, geral e irrestrito, como demandavam os movimentos sociais e partidos políticos, era, em verdade, parcial, limitado e recíproco. Parcial e limitado pois excluíam-se militantes políticos que haviam sido condenados pelo que ficara conhecido como "crimes de sangue". Recíproco pois a definição de "crimes conexos" era demasiadamente ampla, enquadrando, assim, os agentes de Estado que cometeram crimes na repressão aos movimentos de oposição ao regime. Torturas, assassinatos e desaparecimentos poderiam, a partir deste projeto, serem anistiados como "crimes conexos."

Conforme aponta Carla Simone Rodeghero, a proposta de anistia apresentada pela ditadura fez com que a mobilização social alcançasse o "seu mais alto grau."[1378] Apesar dos matizes, o projeto foi rechaçado "pelos movimentos e também pelo partido de oposição."[1379] Manifestações foram marcadas; presos políticos entraram em greve de fome. Insatisfeitos, mobilizaram-se de forma ampla entre os meses de junho e agosto para pressionar e promover alterações no projeto de lei.

[1376] Ibid.
[1377] *Jornal do Brasil,* 28 jun. 1979, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/. Acesso em: 6 mar. 2023.
[1378] RODEGHERO, Carla Simone. A anistia de 1979 e as heranças da ditadura. *In*: FERREIRA, Jorge; NEVES DELGADO, Lucília de Almeida. (org.). *O Brasil republicano. (Vol. 4). O tempo do regime autoritário*: ditadura militar e redemocratização. 9. ed. (digital) Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019. p. 1123.
[1379] RODEGHERO, Carla Simone. A Anistia de 1979 e seus significados, ontem e hoje. *In*: AARÃO REIS; PATTO SÁ MOTTA; RIDENTI, 2014, p. 199.

A despeito das mobilizações, porém, diante da maioria arenista no Congresso Nacional, o projeto de lei foi aprovado e sancionado sem alterações no essencial. Em 28 de agosto era publicada a Lei nº 6.638, popularmente conhecida como Lei da Anistia.[1380]

Com sua aprovação, deitando raízes no passado político brasileiro[1381], corporificavam-se, em lei, as noções de anistia como "esquecimento e pacificação". Criavam-se, com ela, obstáculos "legais e políticos para que as demandas de esclarecimento, julgamento e punição dos crimes da ditadura pudessem ser levadas adiante."[1382] Sedimentava-se, assim, ao contrário da ruptura, a conciliação. A transição, demonstrando uma vez mais aspectos fundamentais da cultura política brasileira, impunha-se de forma conciliatória.[1383]

Era uma derrota do amplo movimento social que havia sido criado em torno da bandeira da anistia. Àquela altura, apesar de maior ou menor radicalidade, "[...] já era majoritária a visão de que o Estado tinha cometido crimes e que estes não eram passíveis de anistia; que a medida deveria ser acompanhada de esclarecimento e de punição; e que o esquecimento não era o melhor caminho para a construção da democracia."[1384]

Neste contexto, diante da aprovação da lei, o sentimento de "tensão entre a meia vitória conquistada e a meia derrota sofrida" tomava conta dos corações e mentes mobilizados em torno da anistia. Como sintetizou Terezinha Zerbini, ao ser entrevistada sobre o projeto de lei: "[...] esta não é a medida desejada, mas estamos felizes porque foi uma batalha ganha. Temos também a grandeza de reconhecer que a mão que víamos sempre vazia, foi estendida à conciliação."[1385]

No *Raspail*, desde a divulgação do projeto, houve comemorações e decepções. Alguns, enquadrados pela lei, estavam felizes. A anistia estava próxima. Outros, atingidos pelas restrições, entristeciam-se. Especificamente para o caso de Vera, prevaleciam incertezas. Como participante de ações armadas, assim como da captura do embaixador norte-americano, seria

---

[1380] BRASÍLIA. Planalto. *Lei nº 6.683, de 28 de agosto de 1979.* Brasília, DF: Planalto, 1979. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6683.htm#:~:text=1%C2%BA%20%C3%89%20concedida%20anistia%20a,de%20funda%C3%A7%C3%B5es%20vinculadas%20ao%20poder. Acesso em: 6 mar. 2023.

[1381] Carla Simone Rodehgero demonstra como se consolidou, na política brasileira, a relação entre anistia e esquecimento. Ao contrário do alargamento de seu sentido, o projeto de lei da ditadura era a representação da anistia como "véu eterno do esquecimento". Para maiores detalhes, cf. RODEGHERO, 2014.

[1382] RODEGHERO, op. cit., p. 1133.

[1383] Rodrigo Patto Sá Motta aponta para a importância da conciliação e da acomodação, constituintes da cultura política brasileira, como aspectos importantes na compreensão da ditadura civil-militar brasileira. Conforme suas próprias palavras: "A conciliação e a acomodação fazem parte do repertório de estratégias à disposição dos que disputam os jogos de poder no Brasil – ou seja, elas integram a cultura política do país -, e, como há larga tradição e vários exemplos bem-sucedidos, muitos líderes são incentivados a escolher tal caminho, na esperança de construir projetos políticos estáveis." PATTO SÁ MOTTA, 2014, p. 15.

[1384] RODEGHERO, 2014, p. 202.

[1385] *Jornal do Brasil,* 28 jun. 1979, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/. Acesso em: 6 mar. 2023.

beneficiada pela lei? Poderia, enfim, voltar ao Brasil? Como a lei seria interpretada pela justiça militar? Desde junho, essas dúvidas pairavam. Além disso, conforme previsto, depois da revogação de banimento, os processos contra Vera voltaram a tramitar. Ela, inclusive, havia dado continuidade à sua defesa, arrolando três testemunhas para o processo em relação à captura de Elbrick.

Em setembro, contudo, poucos dias após a publicação da lei, as dúvidas se dissiparam.

Passados quase dez anos exatos da captura do embaixador norte-americano, o processo, instaurado contra Vera e os demais por conta da ação, recebia, no dia três de setembro de 1979, a seguinte sentença: "[...] resolve o Conselho Permanente de Justiça da 1ª Auditoria do Exército da 1ª CJM, por voto unânime, absolver os acusados acima mencionados, julgando extinta sua punibilidade."[1386]

Assim como este, todos os outros processos acusatórios contra Vera receberam a mesma sentença. Extinção de punibilidade. Anistia. Inexistindo condenações transitadas em julgado, visto que seus processos foram todos obstados em decorrência da pena de banimento, estava apta a ser enquadrada sob a lei. Vera era anistiada. Estava livre. Após nove longos anos de exílio, a possibilidade da volta ao Brasil tornava-se, finalmente, uma realidade.

Depois das passagens por Argélia, Cuba, Alemanha Ocidental, Chile, Argentina, Suécia e França, mudando de países como se mudam de sandálias, vislumbrando revoluções realizadas, fugindo de golpes de estado e/ou polícias políticas, vivendo tanto de forma austera e clandestina, como de forma legal, abastada e festiva, colocava-se na ordem do dia a possibilidade de voltar à "terrinha". O que fora aventado, idealizado e imaginado, aconteceu. Reencontrar a família, os amigos, a cidade do Rio de Janeiro[1387] e o país. O sonho se tornava real.

Contudo, como foi o exílio parisiense, as luzes e trevas permeavam a possibilidade da volta.

Enquanto desejo abstrato e indefinido, voltar é um ponto de sustentação do próprio exílio. Como aponta Ana Vasquez: "Um exílio sem retorno é sentido como uma dupla derrota, como se eles – aqueles que nos baniram – tivessem realmente conseguido cortar nossas raízes."[1388] Para além, aos exilados em geral, a ânsia e o desejo de regresso não remetem,

---

[1386] BRASIL. Superior Tribunal Militar, Apelação 38.321/1970, v.7, fl.1859. Acervo digitalizado e enviado após consulta no https://www.stm.jus.br/. Há cópia no acervo Brasil: Nunca Mais. Para maiores detalhes, cf. BNM 645.

[1387] Desde 1975 o Estado da Guanabara perdera o status de Estado sendo, a partir de então, a cidade do Rio de Janeiro, capital do estado homônimo.

[1388] VASZQUEZ apud ROLLEMBERG, 1999, p. 266.

apenas, à vontade de retorno a um lugar físico, mas, também, a um tempo que está no passado. "A sedução de voltar no tempo, quando se volta a um lugar. Efeito atraente, sobretudo para os que deixaram no passado a juventude, a esperança, o ideal, a luta e, até mesmo, o reconhecimento, o prestígio."[1389]

Porém, quando o retorno ganha concretude, tornando-se real, com data definida, incorporam-se novos sentidos, menos luminosos, incertos e complexos, à ânsia, felicidade e desejo de regresso.

A volta, tão aguardada, acontecia em circunstâncias não esperadas. O regresso que, no momento da partida, seria para dar continuidade a um processo revolucionário em curso, acabava por se concretizar pela anistia de um governo que Vera havia se proposto a destruir.

Além disso, voltar colocava na ordem do dia uma nova mudança. Vera havia construído uma vida em Paris. Em fevereiro, completara cinco anos na capital francesa. Em meio ao desenraizamento, característica intrínseca ao exílio, Vera havia, ali, construído novas raízes. A concretude da volta representava, assim, outro desenraizamento. Mais um.

Com a vida estabelecida em Paris, a felicidade pela possibilidade de retorno era nuançada. Como mãe, Vera pensava como Felipe a experimentaria. Além dessa, outras questões. O tempo em suspenso, característica do exílio, terminava. O retorno recolocava, em outros termos, velhas questões. Como refazer a identidade, como adaptar-se, novamente, a uma nova realidade. Como se reencontrariam, depois de tantas mudanças, Vera e o Brasil. Como estaria o país que, tão perto quanto distante, abria, enfim, suas fronteiras para recebê-la. Seria, efetivamente, uma volta ou uma nova partida? "Às vezes, já nem é mais possível saber qual o referencial que define se a viagem é de ida ou de volta."[1390] Além disso, o exílio havia, efetivamente, terminado?

Em meio às questões, uma certeza: seria, uma vez mais, um recomeço. Como relembrou Vera: "Já íamos mudar completamente, de novo. Íamos perder tudo que havíamos adquirido. É uma perda para ganhar. É um ganho que se perde."[1391]

Em meio às felicidades, alegrias, incertezas e angústias, Vera não tinha dúvidas de que voltaria. Apesar da complexidade dos sentimentos, sentia a volta também como uma espécie de dever. Era preciso voltar. A "volta era quase uma obrigação cívica, por todos que tinham lutado pela anistia, pelos pais, pela família. Havia muitas coisas que puxavam para volta", como ela

---

[1389] ROLLEMBERG, op. cit., p. 266.
[1390] ROLLEMBERG, 1999, p. 275.
[1391] MAGALHÃES, Vera Silvia. Entrevista concedida a Denise Rollemberg. *In*: *Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI-UFF)*, política no Brasil: Exílio, 1994, fita 2, lado b.

relembrou.[1392] Tornando-se uma possibilidade real, concreta, a volta era o fechamento de um ciclo na vida de Vera. Em meio a ele, um olhar em retrospecto.

Nos 9 anos expatriada, sofrera uma derrota política, fora tomada de um sentimento de desesperança em relação ao futuro, desistira, formalmente, da militância, além de encontrar-se com o estigma familiar da loucura. Contudo, como apontou Carlos Henrique: "o exílio não foi só tristeza."[1393] Foi, também para Vera, um espaço privilegiado de abertura de horizontes, de enriquecimento cultural, teórico, da descoberta de um amor maduro e, também, da experiência da maternidade.

Com toda essa bagagem, por vezes incômoda, Vera voltaria ao seu país. Com então 31 anos, preparava o retorno ao Brasil que havia deixado com 22. Muito havia mudado. Ela havia mudado. Novos horizontes apareceriam. Assim como novas dificuldades. Em busca de uma nova identidade, Vera voltava ao lugar em que construiu sua identidade perdida.

[1392] Ibid.
[1393] MARANHÃO, Carlos Henrique; MARANHÃO, Felipe. Entrevista concedida a Higor Codarin. Recife, 15 de julho de 2019.

CAPÍTULO 10 – SOBREVIVENTE A MIM MESMO

"O que eu sou hoje é como a umidade no corredor do fim
da casa,
Pondo grelado nas paredes...
O que eu sou hoje (e a casa dos que me amaram treme
através das minhas lágrimas),
O que eu sou hoje é terem vendido a casa,
É terem morrido todos,
É estar eu sobrevivente a mim-mesmo como um fósforo
frio..."[1394] (Álvaro de Campos)

10.1 O apagar das luzes do Raspail

Desde o ano anterior, o *Raspail* tornou-se sede de um outro tipo de festa: as despedidas. Ao longo de 1978, quando as sinalizações do governo em direção à abertura política eram cada vez mais concretas, os brasileiros que, recusando-se a viver sob uma ditadura, sem que existisse, contudo, uma perseguição evidente, iniciavam seu caminho de volta à sociedade brasileira. Dentre eles, alguns frequentadores assíduos do apartamento, grandes amigos de Vera, como Helena Celestino, Sergio Tolipan e Lena Giacomini. O próprio Carlos Henrique voltou ao Brasil, algumas vezes, em 1978, para desenvolvimento do filme que estava realizando. Abriam-se as veredas da volta.

Diante das iminentes partidas, organizavam-se encontros para celebrar a volta tão aguardada. Foi assim com os três acima citados, como também com "Tocha", no início de 1979. Além dessas, outras despedidas povoariam o apartamento ao longo do último ano da década, especialmente após a lei da anistia. Àquela altura, as festas no apartamento de Vera e Carlos Henrique eram sintomáticas, a um só tempo, da força gravitacional do *Raspail*, assim como da revoada dos brasileiros que se intensificou após a promulgação da lei, especialmente para os banidos e processados.

Contudo, para além das despedidas, o apartamento servia, também, de refúgio aos que não haviam sido beneficiados pela lei. Mantendo a atmosfera de consulado brasileiro paralelo em Paris, acolhia a multiplicidade e complexidade de sentimentos e pessoas envolvidos no contexto da anistia, como foi o caso de Antônio Prestes de Paula.

Ex-sargento da Aeronáutica, Antônio havia participado do movimento dos sargentos em apoio às reformas de base antes do golpe de 1964 e, posteriormente, integrou-se ao PCBR. Exilou-se em 1969, quando rumou em direção a Santiago. Alguns anos depois, possivelmente após o golpe contra Allende, desembarcou em Paris. No período da aprovação da lei da anistia, hospedou-se no apartamento de Vera e Carlos Henrique.

[1394] PESSOA, Fernando. *Poemas completos de Álvaro de Campos.* Domínio Público. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/. Acesso em: 16 maio 2023.

Como havia sido expulso da Aeronáutica e condenado a 20 anos de prisão pela participação no movimento dos sargentos, Prestes de Paula não foi anistiado. Diante da impossibilidade de voltar, entristeceu-se, como relembrou Carlos Henrique: "Era um cara extremamente alegre e divertido e, durante esse tempo, vendo um a um dos amigos partirem, entrou numa severa depressão. Passava o dia olhando a televisão, silente."[1395]

Assim, além das alegrias e felicidades proporcionadas pelas despedidas, o *Raspail* também era povoado de tristezas e angústias. Não apenas dos que ali estavam de passagem. Mas, sobretudo, de Vera.

Habitava nela, entremeada pela felicidade, a tristeza. Para além do sentimento dúbio que acometia significativa parte dos exilados, a tristeza de Vera dizia respeito, também, à desesperança que a circundava. Como relembrou Betânia ao descrevê-la após a confirmação da possibilidade da volta: "Vera estava feliz ao seu modo."[1396] Era uma felicidade incompleta, incômoda, que reverberava, também, nos preparativos para a volta.

Na mesma situação jurídica de Vera, a maioria dos banidos voava, ansiosa, ao Brasil. Dulce Maia, que havia sido libertada junto de Vera em 1970, foi a primeira a chegar, três dias após a aprovação da lei, no dia 31 de agosto. O mesmo acontecera, no dia seguinte, com outros dois, estes íntimos de Vera: Fernando Gabeira e Chico Nelson.

As chegadas dos exilados tornavam-se eventos. Com ampla cobertura midiática, eram carregadas de simbolismos, demonstrando as metamorfoses pelas quais passara a sociedade brasileira. Além disso, organizavam-se como manifestações políticas, mobilizadas pelos amigos e militantes pela anistia. A chegada de Gabeira, neste contexto, foi emblemática

Na edição seguinte à sua chegada, o *Jornal do Brasil* estampou na capa uma foto do ex-marido de Vera. Carregado nos ombros e cercado de pessoas, Gabeira acenava aos presentes que o foram recepcionar no aeroporto do Galeão. Ao fundo, uma faixa com as palavras de ordem do movimento pró-anistia: "Anistia ampla, geral e irrestrita." A manchete do jornal apontava: "Gabeira chega e recebe a maior festa da anistia."[1397]

Não era exagero do jornal. Estando no mesmo voo da delegação do time de futebol do Flamengo, que havia excursionado pelo exterior e era aguardada por torcedores, as festas se confundiram, como descreveu o jornal. Uma banda, contratada pelo cartunista Ziraldo, aguardava-o. Em ritmo de samba, tocavam "Voltei", canção composta por Osvaldo Nunes,

---

[1395] MARANHÃO, Carlos Henrique. Entrevista concedida a Higor Codarin, via aplicativo de mensagens, 3 de março de 2023.
[1396] ÁVILA, Maria Betânia. Entrevista concedida a Higor Codarin. Recife, 19 de julho de 2019.
[1397] JORNAL do Brasil, 2 set. 1979, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/. Acesso em: 20 mar. 2023.

além de "Apesar de Você", de Chico Buarque.[1398] Depois de alguns minutos sobre os ombros de amigos, Gabeira concedeu uma rápida entrevista aos diversos meios de comunicação presentes, realçando o aspecto político da volta: "Gabeira, ao falar aos jornalistas que estavam no aeroporto, disse que, inicialmente 'pretende rever os amigos, pensar em trabalhar e contribuir, de alguma forma, com a luta política que se desenvolve no Brasil."[1399]

Ao contrário de Gabeira, Chico Nelson foi detido pela Polícia Federal. Seria libertado poucas horas depois. Ao comentar a detenção do companheiro, Gabeira ressaltou a luta pela anistia: "Vou tentar integrar-me na luta política do Brasil e juntar-me às pessoas que lutam pela anistia, porque foi graças à atuação do Comitê Brasileiro pela Anistia é que eu voltei e outros voltaram." Além disso, acrescentou: "A anistia ampla, geral e irrestrita é a tarefa mais importante das inúmeras que se tem pela frente. Temos a década de 80 com imensos problemas que nós precisamos resolver."[1400]

Embora o caso de Gabeira seja algo particular no contexto dos banidos, devido à relevância pública que ele adquirira no contexto da anistia relacionada à sua exposição midiática ainda antes da volta ao Brasil, ele não era o único. Cid Benjamin, que voltara poucos dias depois de Gabeira, também descreveu a festa para seu retorno:

> Quando cheguei ao saguão do aeroporto, fui recebido por mais de cem ativistas do movimento pela anistia. [...]. As primeiras semanas no Rio foram de festa. A cidade queria conhecer os antigos exilados e presos políticos. Havia enorme interesse em saber mais deles, em particular dos que tinham participado da guerrilha.[1401]

O relato de Cid e os eventos construídos em torno da chegada dos exilados e banidos era sintomático de que a metamorfose pela qual passava a sociedade brasileira reverberava na imagem de Vera e dos demais militantes da luta armada. Estava em curso a construção de uma memória coletiva, social, a respeito do período que havia iniciado em 1964 e parecia estar chegando ao fim.

1979 tornava-se, assim, um marco não apenas pelos significativos passos em direção à abertura política. Mais do que isso e, também, por isso, tornava-se um ano chave para que a sociedade, às voltas com os projetos de "conciliação e "pacificação" defendido pelos setores sociais dominantes no processo de abertura, digerisse o período de 15 anos que havia passado. Neste contexto, a construção de uma memória social[1402] adquiria papel fundamental. Como

---

[1398] JORNAL do Brasil*,* 2 set. 1979.
[1399] Ibid., p. 14.
[1400] Ibid.
[1401] BENJAMIN, 2013, p. 214.
[1402] Conforme Napolitano: "O conceito clássico de 'memória social' é tributário dos estudos de Maurice Halbwachs e se confunde com a 'memória coletiva', cuja função social primordial era garantir a coesão social. Nas sociedades ocidentais do século XIX, a memória coletiva se confundia com a memória nacional, cujos

"captura do passado pelo presente"[1403], estabelecia "novos sentidos para as ações do passado, marcando identidades e espaços que atuam no jogo político do presente."[1404]

Em meio à *conjuntura da resistência*, Vera e os demais banidos, em sua maioria militantes da luta armada, tornavam-se, diante da sociedade, também resistentes. De marginais e marginalizados na e pela sociedade brasileira, eram alçados ao protagonismo da cena política. Criava-se o *mito da resistência.*[1405] Todos haviam resistido à ditadura. Uma "resistência em abstrato"[1406], indefinida, que era vista "como uma frente, ou um bloco de justos contra os maus, desconsiderando suas variáveis internas ou minimizando o efeito de seus diferentes projetos políticos sobre o próprio conceito de resistência."[1407]

Geravam-se deslocamentos de sentido, esquecimentos. Apagavam-se as menções à ditadura do proletariado feitas pelos militantes da luta armada como Vera. A democracia e a democratização, "pautando o *mainstream* ideológico do campo da oposição"[1408], pautavam, também, a construção da memória sobre a luta armada. Resistiram em favor da democracia. Resistentes democráticos que retornavam ao Brasil nos braços do povo. Povo este que, resistindo, sempre rechaçou a ditadura. Surgia, assim, nas reconstruções da memória uma ditadura que havia sido, exclusivamente, militar. "O *reencontro* de 1979 e dos anos seguintes – com os exilados e os presos políticos, 'da sociedade com a democracia'- criou um fosso entre o passado e o futuro, como se para fazer este fosse preciso *esquecer* aquele."[1409]

---

epicentros eram os heróis construtores do Estado-nação. Em meados do século XX o conceito de memória social se ampliou, passando a incluir o direito à memória e à contramemória de vítimas de violência política, étnica ou religiosa ou de grupos socialmente marginalizados e oprimidos pela 'memória nacional.'" Cf. NAPOLITANO, Marcos. Recordar é vencer: as dinâmicas e vicissitudes da construção da memória sobre o regime militar brasileiro. *Antíteses*, [*s.l.*], v. 8, n. 15esp, p. 9-44, 2015(a). p. 10. DOI: 10.5433/1984-3356.2015v8n15espp9. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/23617. Acesso em: 22 mar. 2023.

[1403] Expressão é de Beatriz Sarlo. Para maiores detalhes, cf. SARLO, 2009.

[1404] Ibid.

[1405] Daniel Aarão Reis foi quem abriu a vereda para discutir a construção da memória sobre as esquerdas no período da ditadura civil-militar. Para maiores detalhes, cf. AARÃO REIS, Daniel. Um passado imprevisível: a construção da memória da esquerda nos anos 60. *In*: AARÃO REIS, Daniel *et. al*. *Versões e ficções. O sequestro da História.* São Paulo: Fundação Perseu Ábramo, 1999; AARÃO REIS, 2000.

[1406] Ibid., p. 20.

[1407] NAPOLITANO, Marcos. Os historiadores na 'batalha pela memória': resistência e transição democrática no Brasil. *In*: QUADRAT, Samantha Viz; ROLLEMBERG, Denise. *História e memória das ditaduras do século XX.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015(b). v. 1, p. 96-108, p. 100.

[1408] NAPOLITANO, 2015(a), p. 22.

[1409] ROLLEMBERG, Denise. Esquecimento das memórias. *In*: MARTINS FILHO, João Roberto. (org.). *O golpe de 1964 e o regime mil*itar. São Carlos: Ed. UFSCar, 2006. p. 85.

A chegada dos exilados, recebidos fervorosamente, especialmente pelos órgãos de comunicação que superdimensionavam e reverberavam as recepções era, assim, um dos sintomas do inventar da "nossa honra e nosso futuro."[1410]

A imagética em torno do retorno dos banidos era o deslocamento da agência que configurava a atividade militante para a passividade dos atingidos por uma ação arbitrária do Estado. Apesar do arbítrio, resistiram. Eram a parte mais extremada da resistência. A resistência, *una*, havia sido permanente e coesa ao longo dos *anos de chumbo.* Dos anos de trevas. No horizonte da resistência, as "luzes da democracia."[1411] O projeto revolucionário da luta armada era esquecido. Esquecido não apenas pela sociedade que fora insensível a ele, mas, também, pela voz de alguns de seus próprios agentes. Os "sonhos violentos" e a "luta fantástica", adjetivações descritivas de Gabeira a respeito da luta armada em entrevista extensamente divulgada no jornal *O Pasquim* em 1978, são algumas das evidências das transformações pelas quais passava o projeto revolucionário da luta armada e seus militantes na reconstrução da memória.[1412] Havia sido uma tresloucada aventura. Contudo, valeu a pena resistir, como apontou Gabeira na mesma entrevista: "Muitos morreram no caminho, muitos foram torturados, mas valeu a pena. O Brasil, em muitos aspectos, está resistindo à ditadura."[1413] Para lembrar – e enaltecer – a *resistência* era necessário esquecer a *revolução*. E assim era feito, em meio aos reencontros festivos, calorosos e afetuosos nos aeroportos brasileiros.

É provável que Vera tivesse acesso às informações a respeito da euforia social em torno da chegada de Gabeira e, no limite, dos demais exilados. Contudo, voltar nos braços do povo, como sonhara nos tempos da idealizada revolução brasileira, não a empolgava. Tampouco apressava a volta. Ao contrário. Programava-a.

Carlos Henrique, ao relembrar esse período, aponta para a necessidade do cumprimento de algumas questões de ordem prática. Era necessário finalizar o contrato de aluguel do apartamento do *Raspail* e organizar a mudança para o Brasil. Sem desprezá-las, outros fatores jogavam papel para o não retorno imediato. Vera estava insegura com relação à volta. Pensando sobre ela, reencontrava os traumas. Voltar ao Brasil significava, também, voltar à morte de José Roberto, à loucura familiar, à derrota política, à tortura e ao vazio.

[1410] ROLLEMBERG, Denise. História, Memória e Verdade: em busca do universo dos homens. *In*: MACDOWELL SANTOS, Cecília; ALMEIDA TELES, Edson Luís de; ALMEIDA TELES, Janaína de (org.). *Desarquivando a Ditadura*: Memória e Justiça no Brasil. São Paulo: Hucitec, 2009. v. 2, p. 575.
[1411] AARÃO REIS, 2000, p. 5.
[1412] O Pasquim, nº 490, p. 18. Disponível em: http://memoria.bn.br/. Acesso em: 30 mar. 2023.
[1413] Ibid.

Notando a complexidade que envolvia o retorno, Carlos Henrique sugeriu que fossem ao Brasil apenas de passagem. Mantendo a vida em Paris, iriam a passeio, ambientando-se gradativamente para, assim, voltar, posteriormente, em definitivo. Vera negou. O impulso para a volta, motivado, como vimos, também por uma espécie de dever, calava fundo.

Assim, depois de dois meses, despedindo-se dos amigos brasileiros e franceses que ficavam, dos *arrondissements* parisienses, dos bulevares haussmannianos, dos cafés históricos, das luzes amarelo âmbar e do movimento inexorável das águas do rio Sena, Vera, Carlos Henrique e Felipe partiam, no dia sete de novembro, em direção ao Brasil. Deixando a cidade que servira de exílio a diversos revolucionários, voltavam ao país em que a revolução havia faltado ao encontro.[1414]

10.2 Estrangeira em seu próprio país

No dia cinco de novembro, o jornal *O Globo* noticiava a iminência da chegada de Vera. Realizando uma espécie de agenda pública do retorno dos exilados, representativa da curiosidade ansiosa dos jornalistas e, no limite, da sociedade, o periódico publicava a seguinte nota: "Mais dois banidos retornam esta semana ao Brasil, ambos vindos de Paris: Bruno Dauster Magalhães e Silva desembarcará amanhã no Aeroporto Internacional do Rio; e Vera Sílvia Araújo Magalhães chegará na quinta feira ao Recife."[1415]

Depois de longos anos de exílio, em que foi privada de reencontrar sua família, sua cidade e, no limite, seu país, Vera aterrissaria na capital pernambucana. Ao contrário de uma necessidade de Carlos Henrique que, como vimos, havia voltado ao Brasil no ano anterior e reencontrado amigos e familiares, desembarcar em Recife foi uma decisão planejada, relacionada às necessidades de Vera.

A mobilização de setores sociais de extrema-direita, vinculados à chamada "comunidade de informações" dos militares, acabava por gerar desconfianças aos exilados que retornavam. Buscando atravancar o processo de abertura política, surgiam, ou ressurgiam, na segunda metade da década de 1970, grupos terroristas de extrema-direita, como a Aliança Anticomunista Brasileira (AAB), o Movimento Anticomunista (MAC), o Comando de Caça aos Comunistas (CCC), Comando Delta, Falange Pátria Nova e outros, que passavam a realizar atentados contra instituições da sociedade civil, como foram as bombas plantadas na Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e na Ordem dos Advogados do Brasil (OAB).[1416]

[1414] A referência é o título da obra de Daniel Aarão Reis, *A revolução faltou ao encontro*.
[1415] *O Globo,* 5 nov. 1979, p. 3. Disponível em: https://acervo.oglobo.globo.com/. Acesso em: 6 de mar. 2023.
[1416] CHIRIO, Maud. *A política nos quartéis. Revoltas e protestos de oficiais na ditadura militar brasileira.* Rio de Janeiro: Zahar, 2012. p. 188.

Além de instituições, personalidades também eram alvos. Neste contexto, a comoção criada em torno da volta dos exilados, em especial dos militantes da luta armada, poderia instigar atentados em represália. Assim, a chegada em uma cidade que não estava no epicentro dos retornos e, também, em que Vera era desconhecida, tornava-se estratégica por razões de segurança.[1417] Mitigavam-se as possibilidades de um atentado, possibilidade que, por vezes, habitava o pensamento de Vera e Carlos Henrique.

Além disso, a chegada em Recife dizia respeito às inseguranças e medos de Vera.

Ao contrário das festas e recepções animadas, eternizadas pela cobertura midiática, Vera optava pelo anonimato. Embora o jornal *O Globo* tivesse noticiado o dia de sua chegada, não houve cobertura de seu desembarque. Não pela ausência de interesse jornalístico. Ao contrário. Era um pedido da própria Vera. "Eu pedi que não fosse a imprensa. Não queria falar com a imprensa. Queria chegar incógnita no Brasil."[1418]

Em meio à complexidade que envolvia a volta, à necessidade de adaptar-se, encontrando uma nova identidade, Vera não queria ser vinculada a sua identidade perdida, traumática: "Eu não queria voltar como 'aquela da cadeira de rodas' ou 'viúva de José Roberto'. Queria eliminar todos os epítetos que atazanaram a minha vida pregressa."[1419]

Apesar de suas vontades, não era possível. No mesmo mês em que chegava ao Brasil, Gabeira lançava sua autobiografia a respeito da luta armada. *O que é isso, companheiro?* era, como aponta Daniel Aarão Reis, a "expressão mais acabada de seu tempo."[1420] Rememorava-se o contexto que possibilitou o ingresso na luta armada, a Dissidência da Guanabara, a captura do embaixador norte-americano, a prisão e parte do exílio. Nas páginas escritas por ele, é possível notar uma rememoração avaliativa, crítica. No entanto, Gabeira promovia uma alteração fundamental ao fazê-las. Críticas que viriam a ser formuladas apenas no exílio, no bojo da derrota do projeto da luta armada, eram, no texto, retrospectivamente localizadas "no fogo mesmo dos acontecimentos."[1421]

Nesta perspectiva, o "[...] Gabeira/guerrilheiro ressurge descolado da ingenuidade ambiente, reescrito pelo autor com uma superconsciência das tragédias que haveriam de vir."[1422] Reposicionando o projeto revolucionário da luta armada como "utopia inalcançável",

---

[1417] MARANHÃO, Carlos Henrique. Entrevista concedida a Higor Codarin, via aplicativo de mensagens, 13 de março de 2023.
[1418] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 02/09/1998, fita n. 15, lado a, transcrição p. 2.
[1419] Ibid.
[1420] AARÃO REIS et al, 1997, p. 36.
[1421] Ibid.
[1422] Ibid.

apontava a ingenuidade e a coragem estéril de Vera e os demais, como se os visualizasse de forma condescendente, "por fora ou por cima do fluxo dos acontecimentos."[1423] Para além, de coadjuvante nas ações armadas, em especial na captura do embaixador, tornava-se protagonista.

Construindo a luta armada como uma tresloucada – ingênua, mas corajosa! – aventura resistente, entremeada pela bárbara violência ditatorial, o livro tornou-se, rapidamente, um sucesso editorial. *O pasquim*, em sua edição de meados de novembro apontava: "1º lugar absoluto em todas as listas de mais vendidos!"[1424] A revista *Veja*, sintetizando a conjuntura em que o livro era lançado, escrevia: "Neste verão de abertura vai sentir falta de assunto quem ainda não tiver lido o livro de Fernando Gabeira."[1425] O *Tribuna da imprensa* ressaltava a barbárie de uma ditadura que vitimizava a sociedade, enfatizando que o livro lançava luz ao "avesso" do Brasil: "Um dos pontos mais fundamentais do livro é isso: esse avesso escancarado que machuca, essa sensação de que nada daquilo é passado, de que os "zômi" estão aí e com toda essa barbaridade presente, tocando, ameaçando nossa pele e nossa espinha."[1426]

Na epígrafe do livro, Gabeira cita uma passagem de Romain Rolland: "[...] Nós utilizamos cada dia para alcançar um pouco mais de verdade. Quando chegarmos ao fim, vocês dirão então o que é que valeu nossa pena."[1427] Lendo as páginas permeadas pela tinta da pena de Gabeira, a sociedade brasileira, buscando "um pouco mais de verdade", encontrava-a. Reconstruída, remontada, relativa e permeada por esquecimentos seletivos, era a verdade ansiada pela sociedade. Assim, o sucesso editorial do livro validava as duas penas de Gabeira. Por um lado, a pena de prisão e exílio. Por outro, a pena de sua escrita.

Vera leu o livro pouco depois de sua publicação. Achou-o bem escrito e, na época, gostou, embora notasse as reconstruções e os esquecimentos. No entanto, via, ali, ressaltada, a identidade que queria esquecer. Embora figurasse de forma colateral, reencontrava-se, na leitura, com José Roberto, com a relação amorosa com Gabeira, a captura do embaixador e, também, sua condição de paraplegia no momento da prisão.

Além do livro, que permeava a construção da memória coletiva brasileira, a nota jornalística que indicava a data de retorno de Vera era, também, representativa desse mesmo contexto. Às informações de dia e horário de sua chegada, acrescentava-se um breve resumo biográfico. Estavam impressas ali as palavras que caracterizavam parte de sua identidade perdida: "Vera é a presa política que, na foto dos quarenta banidos publicada na época por

---

[1423] AARÃO REIS et al, 1997, p. 35.
[1424] O Pasquim, n. 542, p. 26. Disponível em: http://memoria.bn.br/. Acesso em: 30 mar. 2023.
[1425] *Veja* apud O Pasquim, n. 542.
[1426] TRIBUNA da imprensa apud O Pasquim, n. 542.
[1427] GABEIRA, 1979, p. 5.

exigência dos sequestradores do embaixador alemão, aparece sentada numa cadeira. Segundo sua família, por ter ficado paralitica em virtude da tortura na prisão."[1428] Seletiva, era a construção de uma identidade vitimizada, esterilizada de seu aspecto revolucionário. A sociedade, em meio às reconstruções da memória, desejando lembrá-la. Vera, em meio ao retorno, desejando esquecê-la.

Neste contexto, o estigma, embora indelével, exerceria menor pressão no Recife, cidade desconhecida. Além da distância do epicentro dos acontecimentos, a influência da tradicional família Maranhão serviria como defesa à sua privacidade no momento da chegada.

Escolher Recife como local de desembarque era, portanto, representativo da complexidade do retorno depois de longos anos de exílio. Vera e o país, novos, desconhecidos, conhecendo-se. Em meio à contradição entre desejo e repulsa de um retorno ao passado, Vera buscava um reencontro com o futuro. Assim, recepcionada por um pequeno grupo de pessoas, especialmente familiares de Carlos Henrique, Vera estava, efetivamente, no Brasil.

Do aeroporto, deslocaram-se para a casa provisória da família Maranhão, localizada na praia de Piedade, nos arredores de Recife. Era o primeiro contato direto de Vera com a opulência da família de Carlos Henrique. Na casa, aguardava-os um grande almoço para celebrar a volta. Mesa farta de comida e amigos. Vera se sentia, na medida do possível, acolhida. Embora acolhida, a sensação era a de um retorno incompleto. Recife não era a sua cidade. Os familiares e amigos de Carlos Henrique não eram o seu círculo afetivo. Assim, para completar o retorno, era necessário voltar ao Rio. E isso Vera também havia planejado. Depois da estadia de um dia no Recife, voaram à capital carioca, onde desembarcaram no dia 9 de novembro.

A chegada no Rio foi o reencontro com seu universo afetivo. Familiares e amigos em grande número. Vera revia, depois de longo período, a irmã Ana Lucia, o cunhado Fernando Barros, o sobrinho André e a tia Beatriz, além da mãe Virgínia. Felipe era, também, visto pela primeira vez pelos tios e pelo primo. Amigos, como Carlos Vainer, Sonia Giacomini, Chico Nelson, Sergio Tolipan, Lena Giacomini, Gabeira e tantos outros, encontraram-na no aeroporto. Familiares, amigos do movimento estudantil, da luta armada e do exílio. Ao reencontrá-los todos, Vera emocionou-se. A exemplo da chegada em Recife, a imprensa a aguardava. Alguns

[1428] O Globo*,* 5 nov. 1979, p. 3. Disponível em: https://acervo.oglobo.globo.com/. Acesso em: 6 de mar. 2023.

dos jornalistas presentes pediram uma declaração. Vera negou. Depois dos abraços e carinhos, foram todos à casa de Ana Lucia, no Leme, para um almoço.[1429]

A emoção de Vera tangenciava a felicidade. Uma felicidade ao seu modo, frágil, nuançada, provisória. Durante o almoço, Vera reencontrava-se com as dificuldades do convívio familiar, algo temido quando imaginava, ainda em Paris, a volta. O reencontro com Virgínia foi traumático. Em meio aos sintomas depressivos de uma nova crise bipolar, a mãe manteve-se indiferente à presença da filha. André Barros ressaltou que, ao longo do exílio de Vera, lembra-se das reuniões da família, na casa de avó, para falar com a tia exilada ao telefone, impossibilitada de voltar ao Brasil. Era um "acontecimento" para o sobrinho.[1430] Saudades de parte a parte que, embora mitigadas pelas ligações telefônicas, eram impossíveis de serem sanadas por completo. Agora, na volta realizada, o contraste.

Virgínia, que ansiara pelo retorno da filha, participando, inclusive, de algumas atividades do CBA, não demonstrava reações emotivas diante dela. Embora compreendesse, ver a mãe em crise, sem demonstrar alegria pelo reencontro, era doloroso para Vera. Claudio, ao contrário, foi muito afetuoso. Deu-lhe um beijo e um abraço apertados. Os conflitos entre Virgínia e Claudio, embora divorciados desde a adolescência de Vera, permaneciam. Diante disso, o pai, após cumprimentar a filha, não permaneceu no almoço.

Assim, o reencontro era o deparar-se de Vera com um passado que insistia em permanecer, habitado por velhas questões e, também, tristezas.

Entremeadas pelas permanências, imperavam as mudanças. Leilah Landim, participante do almoço, relembra "certo choque" nesse primeiro contato, especialmente com relação ao vestuário de Vera. Para além da diferente relação com as roupas que Vera havia construído em Paris, o universo de opulência do Recife a impactara, fazendo-a incorporar uma espécie do, socialmente constituído, vestir feminino de alta classe: "Estava com um cabelo cacheado bem tratado. [...] requintada, bem-vestida, com colares."[1431] "Não estava 'perua'. Estava *soigné*. Roupa evidentemente de boa qualidade. Parecia estar no *boulevard Raspail*."[1432] Diante dessa visão, não parecia ser a Vera que conhecera. Para além das roupas, o contraste também se fazia

[1429] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 02/09/1998, fita n. 15, lado a, transcrição p. 2.
[1430] BARROS, André. Entrevista concedida a Higor Codarin. Rio de Janeiro, 2 de agosto de 2019.
[1431] LANDIM, Leilah apud MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 02/09/1998, fita n. 15, lado a, transcrição p. 4.
[1432] LANDIM, Leilah. Entrevista concedida a Higor Codarin. Rio de Janeiro, 1 de agosto de 2019.

notar no ânimo de Vera: "Estava triste, desligada e toda linda, arrumada. Era uma outra pessoa."[1433]

O desligamento descrito por Leilah ficaria ainda mais evidente no dia seguinte, quando Ana Lucia propôs um reencontro de Vera com a cidade. De carro, as irmãs, acompanhadas de Fernando, Carlos Henrique e Felipe, percorrendo a orla da cidade. Da zona sul à zona oeste, até a Barra da Tijuca. Vera sempre gostou do mar do Rio de Janeiro. Quando criança, na ida repentina a Porto Alegre, sentira, como vimos, falta do mar. Contudo, ao contrário da felicidade, Vera era acometida, durante o trajeto, de uma "uma mudez total", como ela mesma relembrou. "Não conseguia olhar para o lado, nem para a paisagem, nem para o Carlos Henrique. Não conseguia segurar o Felipe. Estava muito estranha, angustiada demais."[1434]

Nos dias subsequentes, que se tornaram uma estada de cerca de dois meses na casa de Ana Lucia, aprofundava-se a angústia. Vera não reconhecia o Rio e, no limite, seu próprio país. Reestabelecer "relações com uma cidade irreconhecível"[1435] parecia impossível. Era um "estranhamento profundo", como ela relembrou.[1436] Sentia-se "sem jeito de viver no presente."[1437] Sensação desconfortável, angustiante, estranha de parecer ter despertado "com muitos anos de atraso nos dias de hoje". "Da velha cidade que restava? Onde o Rio de outrora?"[1438] Esforçava-se para reconhecer a cidade que havia sido a sua, os lugares que haviam sido os seus, pelos quais circulava antes do exílio, e, também, os próprios amigos. O hiato de quase uma década fazia-se um abismo: "Custei muito para reconhecer o Rio de Janeiro, as pessoas, os lugares."[1439]

Na vertigem dos estranhamentos, uma sensação permanente de deslocamento. No contato com os amigos, a impressão "[...] que eu não conseguia conversar como antes."[1440]

[1433] LANDIM, Leilah *apud* MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 02/09/1998, fita n. 15, lado a, transcrição p. 4.
[1434] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 02/09/1998, fita n. 15, lado a , transcrição p. 4.
[1435] MACHADO, Aníbal. Viagens ao seio de Duília. *In*: MORICONI, Italo. (org.). *Os cem melhores contos brasileiros do século.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 113.
[1436] MAGALHÃES, Vera Silvia. Entrevista concedida a Denise Rollemberg. *In*: *Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI-UFF)*, política no Brasil: Exílio, 1994, fita 2, lado b.
[1437] MACHADO, op. cit., p. 113.
[1438] Ibid.
[1439] MAGALHÃES, Vera Silvia. Entrevista concedida a Denise Rollemberg. *In*: *Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI-UFF)*, política no Brasil: Exílio, 1994, fita 2, lado b.
[1440] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 02/09/1998, fita n. 15, lado a, transcrição p. 5.

As conversas expunham as transformações e dificuldades, especialmente aos amigos que Vera havia se distanciado desde o início dos anos 1970. Lucia Murat, presa em 1971 e solta três anos e meio depois, reencontrava Vera após uma década. Grávida, prestes a ter sua filha, Lucia foi visitada pela amiga dos tempos de Dissidência. Percebeu, assim como Leilah, o "desligamento" da realidade de Vera. A ele, acresciam-se as histórias a propósito das crises da amiga em Paris. Ao relembrar o encontro, apontou: "Foi muito difícil para mim. As pessoas que tiveram contato mais próximo com a história de Vera não tiveram o susto que eu tive. Para mim foi um salto."[1441]

Em meio às dificuldades no reencontro com o país, o filho e o marido. A estada na casa da irmã era provisória. Apesar dos planos para a chegada, não haviam decidido onde morar. Os afetos de Vera mantinham-se na capital carioca. Os de Carlos Henrique na capital pernambucana. Era necessário discutir o futuro. Vera, então, propôs que morassem no Rio. Carlos Henrique não aceitou. Queria voltar a Recife. As divergências eram também sintomáticas de um desgaste na relação. Vera, diante do imbróglio, cedeu. No início de 1980, estabeleceria morada com Carlos Henrique e Felipe em Pernambuco.

***

Enquanto restava indefinido o imóvel em que morariam, Vera, Carlos Henrique e Felipe ficaram hospedados na casa da família na praia de Piedade. Além deles, estavam morando ali alguns dos cinco irmãos de Carlos Henrique, além de seus pais, Fernando e Gisela.

O contato, próximo e íntimo, com os familiares de Carlos Henrique demonstrava que Vera passava a viver em um universo diferente. A riqueza da família a impactava. Com as três usinas em pleno funcionamento, além de outros negócios paralelos, a família vivia de forma abastada. Vera, pouco depois que chegou, como não sabia dirigir, foi apresentada a seu novo motorista, chamado Antônio. Além dele, passara a conviver na presença de diversos empregados domésticos.

Embora usufruísse dessas e de outras benesses proporcionadas pela família de Carlos Henrique, não deixava de ser algo incômodo, desconfortável. Em primeiro lugar por não estar acostumada. Embora sua família participasse de alguns círculos da alta classe carioca, era um desnível evidente. Para além, e de modo mais profundo, dizia respeito às suas convicções políticas, à sua trajetória de vida. Era-lhe contraditório. Apesar de não renunciar aos privilégios, buscava, simbolicamente, atenuá-los. Quando demandava os serviços de Antônio, tendo em

[1441] MURAT, Lucia. Entrevista concedida a Higor Codarin. Rio de Janeiro, 1 de agosto de 2019.

vista demonstrar uma espécie de inconformidade com esse mundo, apesar de habitá-lo, Vera sentava-se ao lado dele, ao contrário de viajar no banco traseiro.[1442]

A abundância de recursos da família de Carlos Henrique não era o único fator de um novo universo para Vera. Sentia-o, também, na questão dos costumes. O tradicionalismo da família trazia consigo conservadorismos na maneira de se portar, especialmente relacionados às mulheres. Impressionava-se com o fato de que "palavrões" eram expressões interditas no convívio familiar. Como ela mesma relembrou: "Tive de me adequar a certos códigos."[1443] Contudo, apesar da adequação, Vera, com sua autenticidade, acabava, por vezes, colidindo com o tradicionalismo da família.

Apesar disso, os choques e acomodações com esse novo universo não foram impeditivos para a construção de uma relação significativamente afetuosa com a família. Em Paris, como vimos, tornara-se próxima de Suzana e Bruno. No período de estada na casa da família, ficaria também próxima de um outro irmão de Carlos Henrique, Gustavo. Além deles, Fernando e Gisela nutriam profundo carinho por Vera. Apesar das diferenças, admiravam sua trajetória e, principalmente, sua inteligência e humor. Descrevendo o contato dela com a família, Suzana relembrou os choques de parte a parte permeados pelo afeto:

> No início houve um certo choque com o palavreado dela. Até nós, que havíamos sido do PCBR, não tínhamos aquela linguagem. Vera gostava de chocar. No entanto, era tão generosa e solidária que criou um afeto pela família e a família criou um afeto por ela. [...] Foi aceita com muito carinho. Vera tinha um carinho muito grande pelo sogro e pela sogra.[1444]

Essa relação afetuosa e sincera com a família de Carlos Henrique, que se construía em meio ao cotidiano pernambucano, era evidência, por um lado, da capacidade de Vera em construir redes afetivas e, por outro, uma espécie de incorporação de um ambiente familiar relativamente estável, em contraposição ao ambiente familiar conflituoso em que fora criada. Como apontou Helena Celestino: "Dona Gisela e Fernando eram a família que ela nunca teve."[1445]

O afeto construído era, inclusive, uma das razões pelas quais Vera tinha relativa liberdade diante dos "códigos" da família. Diante do palavreado e dos gestos irreverentes, os

---

[1442] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 02/09/1998, fita n. 15, lado a, transcrição p. 6.
[1443] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 02/09/1998, fita n. 15, lado a, transcrição p. 6.
[1444] MARANHÃO, Suzana; MARANHÃO, Alexandra. Entrevista concedida a Higor Codarin. Recife, 15 de julho de 2019.
[1445] CELESTINO, Helena. Entrevista concedida a Higor Codarin, via telefone, 12 de setembro de 2020.

pais de Carlos Henrique por vezes riam. Alexandra, filha de Suzana e Bruno, relembra a permissividade dos avós com relação ao palavreado de "Veroca", como ficou conhecida na família: "Era desbocadíssima. Com outras pessoas, isso não era aceito, mas, Veroca podia. Isso não era dito, era uma coisa que sentíamos."[1446]

O tradicionalismo da família de Carlos Henrique não decorria, apenas, da condição socioeconômica da família. Dizia respeito, também, à própria dinâmica da capital pernambucana. Embora fosse uma das principais capitais do país, a grandeza não se traduzia em uma cultura aberta, cosmopolita. Ao contrário. A cultura social da cidade estabelecia uma rígida demarcação das funções e papeis sociais, especialmente nas distinções entre o feminino e o masculino. E isso Vera perceberia, ainda mais, conforme vivia na cidade.

Depois de pouco mais de um mês de estadia na casa da família, Vera e Carlos Henrique alugaram uma casa que pertencia à artista plástica e escultura Guita Charifker, localizada na cidade de Olinda. A saída da casa de Gisela e Fernando acabava por realçar a ausência de um círculo afetivo de Vera em sua nova cidade. Desconhecida em Recife, Vera encontraria abrigo afetivo, além da família de Carlos Henrique, na amizade de Betânia, iniciada no exílio parisiense, e Eduardo Homem, do qual era amiga desde os tempos da Dissidência.

Também recém-chegada de Paris, Betânia estabelecia-se em Recife. Eduardo Homem, que havia recém-criado uma rede de televisão comunitária, TV Viva, estabeleceu-se em Olinda. Apesar de presente, Eduardo, pela rotina atribulada na direção da tv e no cuidado de sua filha recém-nascida, tinha pouco tempo livre. Assim, Vera relacionava-se, nesse período, especialmente com Betânia. Simbolizavam, uma para a outra, uma espécie de continuidade diante das novidades do retorno ao Brasil, como apontou Betânia: "A pessoa mais estabelecida, mais próxima, na volta para o Recife, era eu. Eu também voltava com as minhas dificuldades, então, a relação com a Vera era o meu retorno e, também, a minha continuidade. De não quebrar com algo que vinha de antes."[1447]

Através dela, alargaria seu ciclo social, aproximando-se, uma vez mais, do feminismo e, também, das evidências do conservadorismo recifense.

Como Betânia havia participado do Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris, buscava incorporar-se ao movimento feminista na cidade. Ainda se estabelecendo, passou a morar, de forma provisória, na casa de Maria Aurea Santa Cruz, ativista social e criadora do grupo feminista *Ação Mulher*, em fins de 1978. Idealizado como "[...] resposta a uma sociedade

[1446] MARANHÃO, Suzana; MARANHÃO, Alexandra. Entrevista concedida a Higor Codarin. Recife, 15 de julho de 2019.
[1447] ÁVILA, Maria Betânia. Entrevista concedida a Higor Codarin. Recife, 19 de julho de 2019.

machista e preconceituosa"[1448], era formado, neste início, por oito mulheres que se reuniam, periodicamente, na casa de Maria Aurea, uma espécie de sede do grupo, localizada na rua compositor Antônio Maria, centro de Recife.

Ainda incipiente, as atividades do grupo baseavam-se, especialmente, na realização das reuniões que seguiam o molde das reuniões de *vécu* do feminismo francês. Como relembrou Maria Aurea: "[...] tínhamos de fazer um trabalho de autoconhecimento, visando encontrar nossas dificuldades em enfrentar a vida. A gente queria, primeiro, se conhecer para depois enfrentar a sociedade."[1449]

Neste contexto, em meio à amizade com Betânia, Vera tornou-se frequentadora da casa de Maria Aurea, desenvolvendo uma nova amizade. As reuniões do *Ação Mulher* e a própria dinâmica do apartamento, o qual Maria Aurea havia tornado um ponto de encontro para eventos festivos, eram, assim, um novo ambiente de sociabilidade para Vera.

Especificamente em relação às reuniões do grupo, Vera, segundo Maria Aurea, mantinha-se, na maioria delas, calada. "Era muito calada. Muito contida."[1450] Embora calada, Vera fazia-se presente. "Ficava ouvindo, balançando a cabeça. De quando em vez fazia alguns comentários." Através deles, ainda segundo Maria Aurea, era possível perceber sua cultura e inteligência.[1451]

A participação de Vera nas reuniões do grupo é sintomática de uma mudança em sua relação com o feminismo. Ao contrário da postura reativa e crítica com a qual estabelecera sua relação com o feminismo francês, estava, agora, permeável aos encontros e diálogos feministas no Recife. E isso devia-se, especialmente, a dois fatores.

Por um lado, diante da dificuldade em adaptar-se a uma nova realidade, sem o círculo afetivo que, entre chegadas e partidas, esteve presente na maior parte dos momentos de sua vida, o feminismo tornava-se um ponto de sociabilidade, pavimentando caminhos para novas amizades, como era o caso de Maria Aurea. Além disso, por outro, Vera tornava-se mais permeável à perspectiva feminista pela significativa diferença na dinâmica social do Recife em relação aos lugares que havia vivido. Na confluência entre os fatos narrados nas reuniões e a sua própria vivência na família de Carlos Henrique e, de modo geral, na cidade, desvelavam-se opressões e discriminações de gênero mais evidentes, menos nuançadas e disfarçadas.

[1448] SANTA CRUZ, Maria Aurea. Entrevista concedida a Higor Codarin, via telefone, 22 de março de 2023.
[1449] SANTA CRUZ, Maria Aurea. Entrevista concedida a Higor Codarin, via telefone, 22 de março de 2023.
[1450] Ibid.
[1451] Ibid.

Maria Aurea, àquela altura, era divorciada. Demonstrando o conservadorismo da capital pernambucana, apontou:

> Era terrível. Sofri muito como mulher divorciada. Fui assediada; rejeitada pelas mulheres da minha família, do trabalho, dos meus amigos. [...] Além disso, tive problema na escola da minha filha, como única mãe separada. Era eu quem pagava a escola e o recibo de pagamento vinha no nome do meu marido. Ele nunca me pagou pensão. Quando reclamei, a diretora da escola dizia que era norma.

Em meio às reuniões, é provável que Vera tenha entrado em contato com esse e outros relatos. Diferiam, em muito, de sua vivência. Além disso, nesse período em que construíam a amizade, Maria Aurea foi agredida por um homem quando chegava, sozinha, à praia para encontrar com amigos. Vera, ao saber do ocorrido, deu-lhe de presente uma edição de *A montanha mágica*, já famoso entre seus amigos. Nele, uma dedicatória solidária, dizendo:

> Maria Aurea querida.
> Queria te fazer um carinho, te dizer assim docemente: vai passar; logo passa. Mas sei que não é verdade.
> Thomas Mann, melhor do que nós, descreve profundamente os jogos dos grupos fechados, a dificuldade do gesto amoroso no nosso século; a diluição do indivíduo à razão e ao Estado, corroendo, isolando os indivíduos.
> Mas temos que resistir.
> Vamos nos dar as mãos, os poucos que restam, que ainda pensam. Isto é muito mais importante do que qualquer coisa: O amor, *malgré-tout*.
> Que século, puta merda.
> Um beijo enorme. Leia este livro agora, depois desta porrada. Nos faz compreender tudo o que vem por aí. Te quero um bem enorme. Vera.[1452]

Como sintoma desse início da vida de Vera no Recife, a dedicatória é indicativa do momento e de algumas características de Vera. De início, a solidariedade. A agressão deve tê-la chocado. Para além do sofrimento de uma nova amiga, dizia respeito também ao abismo entre a vida que estava acostumada a levar e o cotidiano da capital pernambucana. A discrepância em relação à vida do exílio parisiense era demasiada. A isso, acrescia-se o pessimismo que habitava Vera nesse retorno ao Brasil. A descrição feita sobre o século; a desesperança; a referência "aos poucos que restam". O estranhamento em relação à vida de forma geral combinava-se ao estranhamento com o cotidiano recifense.

Além disso, embora estivesse permeável aos encontros do *Ação Mulher*, é possível perceber que Vera não adotou uma perspectiva feminista. Em meio à violência que Maria Aurea havia sofrido, não há referência às questões de gênero. Além disso, a descrição do amor em abstrato. Como relembrou Maria Aurea: "Vera não rejeitou o feminismo. Mas não se engajou."[1453] Era um avanço com relação ao contato em Paris. Contudo, diante das desilusões, não se transfigurava em uma relação efetiva, como apontou, também, Betânia: "O feminismo

[1452] Acervo pessoal Maria Aurea.
[1453] SANTA CRUZ, Maria Aurea. Entrevista concedida a Higor Codarin, via telefone, 22 de março de 2023.

não foi algo central da vida dela. [...] Não a encantava ao ponto de possibilitar uma entrega, um maior envolvimento."[1454]

Embora não engajada, a rede de sociabilidade feminista abriria perspectivas de trabalho na nova cidade, ao passo da abertura de uma nova perspectiva política que despontava no cenário nacional.

Em junho, especificamente no dia 27, o líder sindical Luiz Inácio da Silva, o "Lula", como era conhecido, foi a Recife.

Como presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo, Lula era uma das principais lideranças da greve de maio na fábrica Saab Scania que, como vimos, dera início a um ciclo de greves na região do ABC paulista. Para além delas, no ano seguinte, 1979, a mobilização atingira níveis ainda maiores. Conforme aponta Marco Aurélio Santana: "Se o movimento de 1978 foi marcado pela paralisação parcial por empresas, esse de 1979 era um movimento de greve geral da categoria."[1455]

Iniciada em 13 de março de 1979, a paralisação foi enorme. Em seu quarto dia, contava com a adesão de 170 mil trabalhadores. Diversas fábricas tiveram suas atividades paralisadas completamente. Apesar da repressão da ditadura e dos patrões, buscando criminalizar a greve tornando-a ilegal, o movimento grevista conseguiu amplo respaldo da sociedade, como o auxílio realizado por segmentos da Igreja Católica, especialmente as comunidades eclesiais de base e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), além de intelectuais, políticos do MDB, movimento estudantil e de organizações clandestinas de esquerda diversas.

Assim, ao envolver milhares de trabalhadores, "[...] o movimento fez emergir à tona da pantanosa cena política brasileira um novo fator: exatamente a presença dos trabalhadores."[1456] O "novo sindicalismo", considerando-se *autêntico*, colocava os trabalhadores no epicentro da conjuntura de abertura política.

Embora protagonizado pelos trabalhadores e sindicalistas do ABC paulista, esse "novo sindicalismo" espraiava-se por outras regiões e categorias. 1978 inaugurou uma onda de mobilização dos trabalhadores que os alçaria, conforme aponta Daniel Aarão Reis, "como dos mais combativos em escala mundial."[1457] Em seu bojo, suas lideranças adquiriam protagonismo na cena política. Uma delas, a maior, era, justamente, "Lula". Com seu poder de oratória e

---

[1454] ÁVILA, Maria Betânia. Entrevista concedida a Higor Codarin. Recife, 19 de julho de 2019.
[1455] SANTANA, 2018, p. 38.
[1456] MUNAKATA apud SANTANA, Marco Aurélio. Trabalhadores, sindicatos e política no Brasil: do golpe à redemocratização (1964-1985). *In*: FERREIRA; NEVES DELGADO, 2019, p. 717-846. p. 783.
[1457] AARÃO REIS, Daniel. O Partido dos Trabalhadores: trajetória, metamorfoses, perspectivas. *In*: AARÃO REIS; FERREIRA, 2007, p. 503-540. p. 505.

mobilização, tornava-se, junto de José Cicote, Henos Amorina, Paulo Skromov, Jacó Bittar e Olívio Dutra, a principal liderança operária do Brasil.

Em meio ao impacto social das mobilizações e greves, que continuavam e se expandiam no início da década de 1980, ganhava força a ideia de construir um "partido distinto e específico, de trabalhadores."[1458] Nas greves e mobilizações sindicais vislumbravam-se as potencialidades e, também, os limites dessas lutas na melhoria da vida dos trabalhadores. Como dissera o próprio Lula: "Sindicalismo a gente faz para tentar melhorar o relacionamento capital e trabalho. Política a gente faz para transformar a sociedade."[1459] Transformar a sociedade por intermédio da criação de um partido político. Embora esse sonho fizesse morada na cabeça de algumas das mentes dos trabalhadores desde 1978, a ideia adquiriria concretude apenas no início de 1980.

Com a Lei nº 6.767, de 20 de dezembro de 1979, extinguia o bipartidarismo político. Era mais uma medida em direção à abertura. Liberava-se a criação de novos partidos políticos, fazendo surgir no horizonte uma miríade de organizações, seja por intermédio da refundação de antigas e/ou na criação de novas. Sepultava-se o binarismo político entre ARENA e MDB.

Nesse contexto, na convergência de interesses entre "lideranças sindicais *autênticas*, revolucionários marxistas-leninistas e militantes cristãos radicais"[1460], fundava-se, no dia 10 de fevereiro de 1980, em São Paulo, o Partido dos Trabalhadores (PT). Era essa a razão da ida de Lula a Recife. Participar da fundação da seção estadual do partido em Pernambuco.

Na primeira notícia de sua ida à capital pernambucana, o *Diário de Pernambuco* entrevistava os integrantes da Comissão Estadual Provisória do partido em Pernambuco. Apesar da incerteza com relação à data em que Lula, pernambucano, voltaria ao seu estado natal para realizar o lançamento do partido, ressaltava-se que o PT era um partido diferente, formado de baixo para cima. Além disso, buscava-se evidenciar sua capilaridade nacional. Até aquele momento, contava com 26.136 militantes filiados, divididos por 22 estados e Distrito Federal.[1461]

Assim, em meio ao crescimento do PT, Lula chegou ao aeroporto de Guararapes no final da tarde do dia 27. Depois da recepção no aeroporto e atividade na sede do partido, deslocou-

---

[1458] Ibid., p. 506.
[1459] LULA apud LINHA DE MONTAGEM. Direção: Renato Tapajós. Produtora Tapiri Cinematográfica. São Paulo, 1982.
[1460] AARÃO REIS, 2007, p. 507.
[1461] DIARIO de Pernambuco, 8 jun. 1980, p. 5. Disponível em: https://acervo.oglobo.globo.com/. Acesso em: 3 abr. 2023.

se a um evento organizado no clube América, destinado a um grande número de pessoas.[1462] Ali, Vera foi apresentada a Lula.[1463] Com Carlos Henrique e o irmão dele, Bruno, que participava ativamente da formação do PT na cidade, tiveram uma breve conversa.

O surgimento do novo partido, de trabalhadores, sensibilizava e, sobretudo, engajava significativa parcela dos ex-militantes da luta armada. Grandes amigos de Vera jogavam-se na construção do partido, como foram os casos de Vladimir Palmeira, Daniel Aarão Reis, Cesar Benjamin, Cid Benjamin e Carlos Vainer que participaram, inclusive, da fundação do PT no Rio de Janeiro. Era uma nova esperança. A estrela vermelha, símbolo do partido, aparecia no horizonte como um feixe de luz guiando uma nova forma de ação política.

Ao contrário da concepção de partido de vanguarda de outrora, incutindo, de fora para dentro, a consciência nos trabalhadores, a dinâmica era outra. Ao isolamento e ínfima sensibilização da luta armada para com os trabalhadores, o PT surgia como uma nova possibilidade para esses militantes. Uma possibilidade de "[...] interlocução com uma camada mais ampla da classe trabalhadora"[1464], como relembrou Cid Benjamin.

Vera foi impactada por essa nova conjuntura. Contudo, como se tornava frequente em sua vida, era um impacto algo desinteressado, indiferente, que não a mobilizava ao ponto de se engajar. Embora não engajada, Vera abriu, nesse evento com Lula, sua primeira possibilidade de trabalho na volta ao Brasil. Ali, para além do sindicalista, foi apresentada, também, a Rose Marie Muraro.[1465]

Nascida em 1930, Muraro, formada em Física, foi uma das pioneiras e expoentes do feminismo na década de 1970. Vinculada à esquerda cristã, especificamente à Teologia da Libertação[1466], trabalhava na Editora Vozes com Leonardo Boff, onde publicou seus dois primeiros livros sobre as mulheres: *A mulher na construção do mundo futuro* e *Libertação sexual da mulher*. Além disso, foi importante personagem na recepção a Betty Friedan, feminista norte-americana, em sua vinda ao Brasil para divulgar o livro *A mística feminina*, em março de 1971.[1467]

[1462] DIARIO de Pernambuco, 29 jun. 1980, p. 1. Disponível em: https://acervo.oglobo.globo.com/. Acesso em: 3 abr. 2023.
[1463] MARANHÃO, Carlos Henrique; MARANHÃO, Felipe. Entrevista concedida a Higor Codarin. Recife, 15 de julho de 2019.
[1464] BENJAMIN, 2013, p. 219.
[1465] MARANHÃO, Carlos Henrique. Entrevista concedida a Higor Codarin, via aplicativo de mensagens, 24 de março de 2023.
[1466] Para maiores detalhes, cf. CAMURÇA, Marcelo Ayres. A militância de esquerda (cristã) de Leonardo Boff e Frei Betto: da Teologia da Libertação à mística ecológica. *In*: AARÃO REIS; FERREIRA, 2007, p. 387-408.
[1467] MURARO, Rose Marie. *Sexualidade da mulher brasileira. Corpo e classe social no Brasil.* Petrópolis: Editora Vozes, 1983. p. 13.

Àquela altura, Muraro estava envolta com um projeto de pesquisa elaborado em conjunto com a socióloga Ieda Siqueira Wiarda, vinculada à Universidade de Massachusetts, a respeito das relações entre as mulheres e a maternidade, elaborando considerações a respeito do planejamento familiar no Brasil. Financiado pela Fundação Rockfeller, o projeto, para analisar a relação entre as mulheres e a maternidade, teria que discutir questões mais complexas, como apontou a própria pesquisadora brasileira:

> Para que se pudesse conhecer as verdadeiras motivações das mulheres para a maternidade, seria preciso ligá-las à percepção que elas teriam do seu próprio corpo, da sua sexualidade, dos papeis sexuais que a sociedade lhes determina, como seria também necessário relacioná-las com a inserção no mundo do trabalho, bem como conhecer sua ideologia e visão de mundo.[1468]

Debruçando-se sobre essas questões, o projeto teve, necessariamente, de ser mais abrangente. Para buscar as "motivações das mulheres para a maternidade", Muraro e as demais pesquisadoras perceberam que era necessário ouvi-las. Decidiu-se, assim, pela elaboração de um questionário a ser respondido com mulheres de classes e regiões diferentes para "[...] chegar a um conhecimento maior da realidade concreta da vida destas mulheres e, assim, não projetar sobre elas nossos conceitos e as nossas práticas de mulheres de classe média."[1469]

Nesse contexto é que se deu o contato de Vera com a feminista carioca. Objetivando realizar entrevistas com mulheres camponeses, Muraro, através dos contatos com o *Acão Mulher*, contratou Vera como uma das responsáveis pela realização das pesquisas em Pernambuco.

Assim, por alguns dias, Vera, as sociólogas Janete Azevedo e Maria Luiza de Lima Vasconcelos, além da historiadora Ana Célia Bandeira, deslocaram-se para duas áreas do estado de Pernambuco: Agreste e Zona da Mata. No Agreste, buscavam-se as mulheres vinculadas à agricultura de subsistência. Na Zona da Mata, com uma outra configuração econômica, de maior penetração das relações de produção capitalistas, buscavam-se as mulheres assalariadas que trabalhavam, especialmente, no corte e colheita dos latifúndios de cana de açúcar.

Para a primeira região, foram escolhidos os municípios de Surubim e Vertentes. Para a segunda, o município de Palmares. No total, Vera e as demais entrevistaram 40 mulheres e 24 homens. Durante aqueles dias, conheceram um pouco da realidade das trabalhadoras do campo brasileiro. Embora não estivesse engajada no PT, a pesquisa realizada com Muraro era um encontro de Vera com os trabalhadores, com o *povo* brasileiro, que protagonizava, frequentemente, os documentos políticos da época da luta armada e fora tão refratário a seu

[1468] Ibid., p. 15
[1469] MURARO, 1983, p. 16.

projeto revolucionário. O campo e as camponesas e camponeses, que incendiariam o Brasil de outrora, desnudavam-se para Vera em suas dificuldades e conservadorismos. Com um questionário sobre a relação das mulheres e homens com seus corpos, sua sexualidade, as relações sexuais, o aborto e o trabalho, Vera encontrava-se com o conservadorismo feminino em relação à interrupção da gravidez, além das diversas dificuldades na vida das mulheres, em específico com relação à conquista do prazer sexual e à dupla – por vezes, tripla – jornada de trabalho.[1470]

No decorrer do processo de coleta das entrevistas, Vera tomava contato com o objetivo principal da obra de Muraro: as intersecções entre classe e gênero. Percebia, sobretudo, o abismo entre sua vida e a vida das mulheres que entrevistava. As diferenças entre a maneira como exercia sua sexualidade e a "sexualidade anestesiada"[1471] que tomava forma nos depoimentos. Neste contexto, para além das reuniões do *Acão Mulher*, o contato com as camponesas e camponeses, trabalhadoras e trabalhadores rurais, desvelavam, uma vez mais, as desigualdades de gênero que saltavam aos olhos no estado pernambucano. O povo brasileiro, o camponês brasileiro, idealizados e, em certa medida, mitificados por Vera e os demais integrantes da luta armada, tornavam-se concretos, perdendo seu caráter essencialmente revolucionário de outrora.

Por volta de três anos depois, o livro seria publicado sob o título: *Sexualidade da mulher brasileira. Corpo e classe social no Brasil.* Em uma das primeiras páginas, Muraro faz questão de ressaltar que "o livro é um trabalho coletivo."[1472] Dentre as diversas contribuições, aponta-se o nome de Vera e Betânia. Com entrevistas realizadas em São Paulo, Rio de Janeiro e Pernambuco, visando conseguir depoimentos de mulheres representantes da burguesia (RJ), operariado (SP) e camponeses (PE), o livro buscava atingir um objetivo inovador para a época. Mais do que uma sexualidade feminina em abstrato, sublinhavam-se as clivagens de classe na constituição da sexualidade da mulher brasileira.

Além disso, apoiada no arcabouço teórico da psicanálise, diante da polêmica "feminismo X luta gerais", Muraro sublinhava que "[...] a dominação sexual é a base e o fundamento da dominação de classes no Brasil."[1473] Assim, buscando combater o que considerava "cegueira ideológica"[1474] dos movimentos de esquerda, apresentava um apelo à

[1470] Para o questionário e as respostas, cf. MURARO, 1983, p. 339-500.
[1471] Ibid, p. 320.
[1472] Ibid., p. 9.
[1473] Ibid., p. 15.
[1474] Ibid.

interseccionalidade como norte de atuação para os movimentos de esquerda em busca da transformação revolucionária, ou em seus termos, da "luta geral":

> Em suma, cremos que as instituições que exprimem as singularidades (e que também tocam no desejo inconsciente das pessoas): movimentos de mulheres, de negros, de homossexuais, associações de bairro, comunidades de base, associações de favelas, de operários, de mães, etc., podem dar uma contribuição muito mais importante do que se pensa nesta luta geral, que é a de descobrir antagonismos que existem em seu seio, diversificá-la ao invés de homogeneizá-la e com isso fazer com que ela tome corpo com muito mais rapidez do que se imagina. As lutas específicas são aquelas pelas quais deve passar a luta geral se ela quer ir a termo.[1475]

Apesar desse contato, incorporando todas essas questões, Vera não se empolgava. Tomada pelo pessimismo, talvez tenha vislumbrado o encontro com as camponesas e camponeses como uma evidência – mais uma – da impossibilidade concreta de seu projeto revolucionário passado. Além disso, subsistia, como pano de fundo, o estranhamento geral de Vera em relação ao retorno.

Embora pessimista e, em certa medida, desinteressada, o trabalho com Muraro expandia os contatos sociais de Vera no Recife. E, com ele, apareceu uma nova oportunidade de trabalho, agora nas favelas da capital pernambucana.

Sob o comando de Renato Krause, a prefeitura de Recife, pressionada pelos movimentos de bairro, Organizações Não-Governamentais (ONGs) e a Igreja Católica, iniciou, em 1979, o processo de reconhecimento das favelas como Zonas de Interesse Social (ZEIS). Em termos práticos, reconhecer as favelas como ZEIS era submetê-las a um processo de urbanização. Para além de apenas uma mudança nominal estéril, a transformação das favelas em ZEIS foi colocada em prática, inicialmente, através do projeto de urbanização realizado pela ONG Centro de Pesquisa e Ação Social, em conjunto com uma comissão de moradores, da favela Brasília-Teimosa. O chamado "Projeto Teimosinho."[1476]

Apresentado em 1979, foi aprovado pela prefeitura apenas em abril do ano seguinte, após apelo e pressão dos moradores.[1477] No segundo semestre, Vera passou a integrá-lo.

Como principal objetivo, o "Projeto Teimosinho" visava conquistar a regularização da posse de terra para cinco mil famílias. Ao passo da regularização, fazia-se necessário encontrar soluções urbanísticas para a região. Essa era a função de Vera. Junto aos demais integrantes da ONG e técnicos da Companhia de Habitação Popular do Estado de Pernambuco (COHAB-PE),

---

[1475] Ibid., p. 332.
[1476] FERNANDES, Antônio Sérgio Araújo. A trajetória de democratização da gestão municipal em Recife e Salvador: escolhas políticas e processo decisório. *Organizações & Sociedade* [online], v. 10, n. 27, p. 141-158, 2003. p. 145. ISSN 1984-9230. DOI: https://doi.org/10.1590/S1984-92302003000300009. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1984-92302003000300009. Acesso em: 5 abr. 2023.
[1477] DIARIO DE PERNAMBUCO, 25 abr. 1980, p. 6. Disponível em: https://acervo.oglobo.globo.com/. Acesso em: 3 abr. 2023.

buscariam as soluções em contato com os moradores. O setor de Vera ficou responsável, especificamente, em buscar soluções com relação às questões de saúde pública, em específico a instalação de centros de pronto atendimento. Foi um trabalho bem-sucedido, como Vera lembrou anos depois: "Foi uma excelente experiência. [...] Tinha contato com a associação de moradores e fizemos uma proposta para a COHAB. O prefeito gostou das ideias e adotou várias medidas que nós pensamos."[1478] Depois de alguns meses, a prefeitura sacramentou a regularização das terras e deu início às construções na comunidade.

Apesar dos trabalhos e da expansão de seu ciclo social, a nova cidade, o novo país, os estranhamentos todos, o pessimismo e a indiferença faziam-se sentir. Permeando o retorno de Vera, explodiriam em uma nova crise bipolar. "Era muita contradição na minha vida", relembraria.[1479]

Carlos Henrique e Betânia, depois das experiências em Paris, passaram a decifrar os sinais que indicavam a iminência de uma crise. Aos poucos, e de forma crescente, Vera era tomada por uma inquietude inabitual; sua voz adquiria um tom mais alto, que se materializava em um modo mais ofensivo de falar. Ambas as características, contrastando com sua maneira natural de ser, alertavam. Eram os principais prenúncios. Vera começava a "decolar", como ela mesma dizia. Seguiam, depois, as características clássicas da fase maníaca: excesso de excitação, autoconfiança excessiva, distratibilidade, falta de sono e sintomas psicóticos.

Em meio às dificuldades todas, inerentes à mania, as qualidades de Vera, como nas crises anteriores, exacerbavam-se. Sua inteligência e análise resplandeciam, sofisticadas. A psicologização dos indivíduos que, como vimos, era uma característica de Vera, tornava-se mais frequente. Eduardo Homem que, até então, não havia presenciado nenhuma das crises, também passou a fazer parte do grupo de amigos que a apoiava e ressaltou esses aspectos:

> Estive com ela várias vezes, conversávamos, ela falava sem parar, com uma lucidez sobre o interior das pessoas impressionante, inexplicável para mim. Ela te dizia coisas, de ti e dos outros, nas quais você se reconhecia, por vezes resistia mas era obrigado a reconhecer. Sempre uma enxurrada de palavras, ininterruptamente, chegava a ser amedrontador, sufocante.[1480]

Embora com características recorrentes, identificáveis, o primeiro evento de sua bipolaridade no Brasil tinha algo diferente das crises anteriores. Ao contrário da duração de cerca de dois meses, a fase maníaca se prolongava. Passavam-se três, quatro, cinco meses e as manifestações maníacas permaneciam. Como nas crises anteriores, a onipresença de José

[1478] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 02/09/1998, fita n. 15, lado a, transcrição p. 10.
[1479] Ibid., p. 7.
[1480] HOMEM, Eduardo. Entrevista concedida a Higor Codarin, via e-mail, 21 de setembro de 2020.

Roberto, acrescidas de delírios persecutórios com os militares que a haviam torturado. Carlos Henrique chamou, inclusive, Helinho para auxiliá-lo. Pouco depois, Vera expulsou-o da casa. Parecia não haver nada que controlasse sua crise. O psiquiatra que a estava acompanhando recomendou sessões de sonoterapia. Foram, também, ineficazes.[1481]

Diante das dificuldades todas, tomou-se a decisão de separar Vera de Felipe. O ambiente doméstico em Olinda ficou insustentável para a presença dele. Embora necessário, era algo doloroso para Vera. Não apenas pelo fato de ter de se separar de seu filho mas, também, por fazê-lo presenciar esses eventos. A partir dali, Felipe ficaria sob os cuidados da avó Gisela. Assim como os amigos no exílio parisiense, o afeto construído com a família de Carlos Henrique transmutava-se em solidariedade nos momentos de crise. Além do cuidado com Felipe, a irmã e a mãe de Carlos Henrique passaram a se revezar nos cuidados de Vera.

Durante os meses pelos quais a crise se estendia, coexistiam, com as dores e sofrimentos, momentos hilários, representativos da personalidade de Vera. Mesmo em crise, Vera participava dos eventos tradicionais da família Maranhão. Em alguns deles, abordava homens tradicionais da sociedade recifense, fazendo-lhes perguntas sexuais constrangedoras. Questionando a masculinidade hegemônica, *pour épater les Bourgeois,* perguntava-lhes se gostariam e/ou se já haviam sido penetrados durante o sexo. Diante do conservadorismo reinante, era chocante, como relembrou Maria Aurea: "Ela chocava as pessoas, ainda mais em crise. Era uma pessoa muito aberta para as questões morais e isso chocava muito a sociedade recifense."[1482] Percebendo os constrangimentos que causava, Vera ria. Divertia-se com isso.[1483] Os familiares de Carlos Henrique, especialmente os pais, permaneciam no limiar entre o constrangimento e o riso. O carinho e o afeto por Vera também adquiriam tons de condescendência com relação à sua bipolaridade.

Antônio, motorista, também participava das crises de Vera. Como relembrou Betânia, Vera fazia de Antônio um de seus principais interlocutores a respeito de suas análises psicologizantes: "Ela fazia relatos psicanalíticos, engraçadíssimos... e ele que era um homem taciturno, abria o coração e o sorriso."[1484] Além disso, Antônio servia de anteparo aos rompantes maníacos de Vera. Em um deles, Vera pediu para que parassem em uma loja de

[1481] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 02/09/1998, fita n. 15, lado a, transcrição p. 9.
[1482] SANTA CRUZ, Maria Aurea. Entrevista concedida a Higor Codarin, via telefone, 22 de março de 2023.
[1483] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 02/09/1998, fita n. 15, lado b, transcrição p. 27.
[1484] ÁVILA, Maria Betânia. Entrevista concedida a Higor Codarin. Recife, 19 de julho de 2019.

óculos. Entrou e comprou uns óculos escuros para Antônio. Estranhando, o motorista disse que não poderia aceitar. Vera insistiu, dizendo-lhe que seria necessário pois estavam a caminho de assaltar o banco. Descrente nessa possibilidade, Antônio, como pedido por Vera, parou no banco. Vera, como havia dito, anunciou o assalto à gerente. A funcionária, calmamente, respondeu que não seria necessário, tendo em vista a quantia que Vera tinha em sua conta bancária. Diante da resposta, Vera demandou um saque. Antônio, às pressas, interrompeu: "Não dê atenção para ela. Dona Vera já está cheia de dinheiro."[1485]

Embora engraçados, eram evidências de que a crise parecia não ter fim.

Pressionado pela ineficácia dos tratamentos, o psiquiatra recorreu ao aumento da dosagem de nitrazepam, ansiolítico relaxante, visando um efeito sedativo. Utilizando-os, Vera, em fevereiro de 1981, teve uma overdose medicamentosa que a levou a uma parada cardiorrespiratória. Às pressas, foi internada na Unidade de Tratamento Intensivo.

Depois de alguns dias no hospital, entre a vida e a morte, Vera retomou a consciência. Como efeito colateral da parada cardiorrespiratória, desenvolveu um pneumotórax. Além dele, depois de acordar na UTI, a crise bipolar atingia sua fase depressiva. Os episódios maníacos que, nos eventos em Paris duravam, no máximo, três meses, haviam durado seis. Como não podia tomar remédios psiquiátricos, em virtude da overdose, a depressão foi severa, como ela mesma relembrou: "Depressão total, daquelas de não comer. Chorava o dia inteiro. Às vezes as pessoas iam me visitar e eu não sabia quem eram."[1486]

Em meio ao desânimo depressivo, sintomas do pneumotórax. Dores toráxicas, dificuldade para respirar e febre alta. Como havia a necessidade de abstinência medicamentosa, tentava-se controlar a febre por intermédio de compressas, realizadas, na maioria das vezes, pelo clínico geral da família Maranhão que passou a acompanhar Vera, Francisco Trindade Barreto, conhecido como Chicão. Alguns dias depois, os sintomas foram controlados.

Apesar de sentir-se melhor fisicamente, os sintomas depressivos permaneciam, aprofundados por um outro evento na vida de Vera. Vera e Carlos Henrique, depois de seis anos de relacionamento, separavam-se. Desde a mudança para Recife, o relacionamento ficara desgastado e, impactado pela última crise, chegou ao fim.

[1485] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 02/09/1998, fita n. 15, lado b, transcrição p. 26-27.

[1486] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 02/09/1998, fita n. 15, lado a, transcrição p. 9.

Envolta pela dor da separação, Vera foi confortada pelo afeto dos amigos. Na primeira noite em que dormiria sozinha, foi surpreendida pela visita de Eduardo Homem. Embora soubesse, Eduardo não tocou no assunto da separação, tampouco no nome de Carlos Henrique. Vera, anos depois, mantinha esse gesto do amigo na memória:

> Sentou-se na mesa, jantou comigo, não tocou na palavra separação. Não sei como ele soube, mas ele estava ali para segurar minha primeira noite de solidão. [...] A gente ficou a noite inteira, porque ele sabe que eu tenho insônia. [...] Quer dizer, ele não me disse uma palavra sobre a dor que eu estava sentindo, mas o gesto foi tão bonito que eu não esqueço essa noite, é impossível esquecer.[1487]

O relato de Vera é sintomático, para além dos laços de amizade, do quanto sentiu o término com Carlos Henrique. Apesar disso, não deixou que a relação com o agora ex-marido se transformasse, como relembrou Betânia:

> Vera tinha um amor profundo e generoso pelo Carlos Henrique. O espírito libertário dela fazia com que enfrentasse essa situação com muita força, no sentido de não deixar que isso fosse algo que interferisse no que se tinha transformado a relação com Carlos Henrique, que já não era uma relação de casamento.[1488]

A recíproca era, também, verdadeira. Embora não fossem, a partir dali, um casal, Carlos Henrique continuaria sendo um esteio afetivo e financeiro para Vera. Entre março e abril, deixaram a casa em Olinda. Carlos Henrique alugou um apartamento e uma casa, próximos, para se revezarem nos cuidados com Felipe. Assim, viam-se com frequência.

Diante da relação desenvolvida com os familiares dele, Vera era também presença constante nas reuniões de família. O término da relação afetiva não foi impeditivo para a manutenção dos laços construídos. Apesar da dureza do momento, Vera ressaltou, anos depois, a importância do ex-marido nesse período conturbado: "Ele foi de uma delicadeza fora do comum na separação. [...] Ele mesmo alugou o apartamento, fez a mudança, alugou uma casa na outra esquina para ficar perto. Foi muito delicado. Para todos os eventos familiares ele me chamava."[1489]

Assim, apesar das mudanças, Vera e Carlos Henrique permaneciam em contato. Betânia, pouco depois, passaria a morar com Vera no apartamento. A amizade fortalecia-se ainda mais.

Na aurora de 1982, diante das mudanças em sua vida, Vera recebia uma nova proposta de trabalho, agora na fundação Joaquim Nabuco. Criada em 1949 com o objetivo de preservar o legado do abolicionista brasileiro, a fundação tinha como principal foco de atuação as regiões

---

[1487] Ibid., p. 11.
[1488] ÁVILA, Maria Betânia. Entrevista concedida a Higor Codarin. Recife, 19 de julho de 2019.
[1489] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 02/09/1998, fita n. 15, lado a, transcrição p. 10.

norte e nordeste do Brasil. Sediada em Recife, tinha como uma de suas seções o Instituto de Pesquisas Sociais, dirigido pelo famoso economista Clóvis Cavalcanti. Convidada por ele, Vera passou a realizar algumas pesquisas no sertão pernambucano, especialmente relacionadas à seca. Ao longo do trabalho, ficara bastante sensibilizada. Ao deparar-se com a seca e a fome no sertão, sentia-se impelida a auxiliar como podia. Com os veículos da fundação, buscava assistência médica aos que necessitavam: "Era uma miséria tão grande, uma seca tão profunda. Eu cheguei a ficar na casa de um camponês para dar assistência. As crianças me mobilizavam muito. Ver aquelas crianças magras, tristes..."[1490]

Embora impactada, Vera não sentia que aquele seria um trabalho empolgante, capaz de mobilizá-la como um novo projeto de vida. A esta altura, Daniel Aarão Reis havia ido visitá-la em Recife. Ao relembrar o encontro, descreve os diálogos e a falta de perspectivas que acometia Vera: "Não sabia o que fazer da vida. Se sentia deslizando para fora do ovo, sem saber como entrar. Estava muito sem perspectiva, muito perturbada com a falta dela."[1491]

No decorrer desse contexto, menos de um ano depois de superada a crise anterior, uma nova despontava. Agregando-se aos aspectos anteriores, Vera era acometida, especialmente, por delírios persecutórios. Para além da onipresença de José Roberto, acrescentava-se um novo delírio. Sentia-se perseguida, constantemente, por facas. Os objetos eram referência ao conflito entre a mãe Virgínia e a avó Heloísa em sua adolescência.[1492] A volta ao Brasil era, também, a volta ao passado amedrontador de sua família.

Diante da intensidade com a qual apareceu e tendo em vista, também, a crise anterior, Vera foi levada ao Rio por Carlos Henrique. Acompanhados por Chicão, foram apresentados ao que seria o novo psiquiatra de Vera, Roberto Robalinho. Indicado por Ana Lucia, Robalinho, como era conhecido, optou pela internação de Vera. Contudo, como Carlos Henrique e Ana Lucia eram contrários à sua psiquiatrização, optou-se por um hospital regular. A partir dali, Vera ficaria no hospital São Sebastião, localizado no Largo do Machado, onde seria visitada regularmente pela família e quinzenalmente por Carlos Henrique.[1493] Além deles, por coincidência, Vera reencontraria, depois de anos de separação, João Lopes Salgado, companheiro da Frente de Trabalho Armado. Trabalhando, àquela altura, no hospital, faria visitas frequentes a Vera.[1494]

[1490] Ibid., p. 11.
[1491] AARÃO REIS, Daniel. Entrevista concedida a Higor Codarin. Rio de Janeiro, dia 19 de setembro de 2019.
[1492] MAGALHÃES, Vera Silvia. *Provisórias Memórias* (cont.)*.,* s.d. *In*: *Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro*. Fundo Vera Sílvia Magalhães, Caixa 2, doc. 04, s.d, p. 6.
[1493] MARANHÃO, Carlos Henrique. Entrevista concedida a Higor Codarin, via aplicativo de mensagens, 13 de março de 2023.
[1494] SALGADO, João Lopes. Entrevista concedida a Higor Codarin, via Skype, 29 de setembro de 2020.

Interná-la em um hospital comum era uma tentativa de mitigar os efeitos da internação para seu tratamento. Como vimos, ao longo de sua infância e adolescência, Vera convivera com a internação da avó Heloísa em hospitais psiquiátricos. Além dela, Virgínia, durante o exílio de Vera, também fora internada. O medo de Vera em carregar o estigma familiar da loucura adquiria uma nova concretude.

No decorrer da internação, Robalinho apontou que Vera, desde os tempos de Paris, estava sendo medicada de forma incorreta. Apesar do diagnóstico correto da bipolaridade, o tratamento não era apropriado. Atualizado com relação aos tratamentos, o médico promoveu uma alteração nos medicamentos. A partir da internação, Vera passou a utilizar novas substâncias, em especial, lítio. Além dele, para controlar os sintomas psicóticos, iniciou o uso de "Haldol", nome comercial para a substância haloperidol. Para a excitação e insônia, novos sedativos e indutores do sono. Deram resultado. Cerca de dois meses depois, Vera saía da fase maníaca. Através do lítio, impediu a manifestação dos sintomas depressivos.[1495]

Assim, após três meses, na segunda metade de 1982, Vera recebeu alta hospitalar.

Em pouco menos de dois anos, duas grandes crises e uma internação. Além delas, tratamentos medicamentosos longos, constantes, com diversos e extensos efeitos adversos, físicos e mentais. As oportunidades de trabalho interrompidas. No intercalar entre os episódios maníacos e depressivos, a bipolaridade apresentava-se como um novo e potente obstáculo à construção de novos projetos e perspectivas. O ceticismo, estranhamento e pessimismo de Vera retroalimentavam-se com e nas crises, esvaziando o futuro de possibilidades. Em conjunto, contribuíam ao aprofundamento de uma espécie de melancolia que se materializava em certa indiferença ao mundo. Indiferença que passava a habitar, também e com cada vez mais frequência, seu mundo interno.

É inegável que as crises de Vera no retorno ao Brasil são multifatoriais. Contudo, é igualmente inegável a importância do retorno na duração e gravidade das crises. A readaptação no país é, portanto, fator essencial para a compreensão de seus problemas psicológicos.

As dificuldades na readaptação não foram exclusivas a Vera. Contrastando com o *verão da anistia, dos retornos* e das recepções calorosas, a maioria dos exilados teve problemas de readaptação. Segundo Denise Rollemberg, a maior parte dos relatos de exilados lembra os primeiros anos de retorno "como tempos difíceis e a chegada como um choque. [...] Poucos afirmam não terem tido problemas na chegada."[1496]

[1495] MAGALHÃES, Vera Silvia. *Provisórias Memórias* (cont.)*.,* s.d. *In*: *Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro*. Fundo Vera Sílvia Magalhães, Caixa 2, doc. 04, s.d, p. 7.
[1496] ROLLEMBERG, 1999, p. 286.

Nesse contexto, embora permeados por estranhamentos gerais, as readaptações eram experiências particulares. "As origens do estranhamento, sentimento que predomina nos relatos, formaram uma teia complexa, onde se misturaram razões psicológicas, profissionais e políticas."[1497]

Na formação das teias complexas individuais, alguns tornavam-se casos extremos. Celso Castro, militante do Partido Operário Comunista (POC) nos anos 1970, também havia retornado depois de um longo exílio. Vera o conhecera na embaixada da Argentina em Santiago. Em Paris, abrira a possibilidade de trabalhar como *baby-sitter* a partir do cuidado com seus filhos, João e Flávia. Celso, em uma das cartas à filha, depois do retorno ao Brasil, demonstrava as dificuldades encontradas no país:

> Desde que voltei para o Brasil (e como me arrependo de ter voltado) tive uma dificuldade enorme de me reintegrar. E essa dificuldade aumenta à medida que passa o tempo, hoje é maior do que há seis meses atrás, muito maior de que há um ano. Quando resolvi vir para Porto Alegre, pensei que aqui seria mais fácil essa adaptação. Outro erro. Desde que voltei para cá as coisas ficaram piores. Bem piores.[1498]

Essas dificuldades levaram-no à morte, em 1984.

Além dele, Sérgio Rocha, também exilado, suicidou-se assim que retornou ao Brasil. Mauricio Dias David, companheiro de Sérgio no Front Brasileiro de Informações, apontou o suicídio como resultante de um "processo de desestruturação do exílio. Nem todos têm a capacidade de superar."[1499]

Outros exemplos, mais próximos de Vera, também eram representativos dessas dificuldades. "Tocha", alcoólatra, morreria poucos anos depois do retorno. José "Ruivo", que havia sido companheiro de Vera nos tempos da Dissidência, se encontraria, também, com a loucura.

Além deles, Vera era, também, um caso extremo de inadaptação. Em sua vida, a teia complexa se formava, sobretudo, a partir da ruptura de sua identidade revolucionária. Simbolizada pela derrota do projeto revolucionário da luta armada, a destruição identitária era aprofundada pela transformação da conjuntura social, política e cultural que havia servido de base para sua construção.

Os deslocamentos de sentido relacionados à construção da memória coletiva sobre a ditadura e, especialmente, sobre os guerrilheiros e a luta armada, davam o tom de uma conjuntura esterilizada, desprovida dos aspectos rebeldes e revolucionários de outrora. Os 10

[1497] Ibid., p. 287.
[1498] CASTRO, João Paulo Macedo e. Ritos da memória: trajetórias e experiências sobre a ditadura militar. *Mana*, v. 20, n. 1, p. 7–38, 2014. p. 26.
[1499] DIAS DAVID apud ROLLEMBERG, 1999, p. 287.

anos de distância entre Vera e o Brasil foram, também, anos de mutações no cenário nacional. Da ruptura com a ditadura, vencia a conciliação. Da revolução pela tomada violenta do poder, vencia a democracia em abstrato, liberal, planejada e capitaneada pelos militares. De guerrilheiros socialistas, transformavam-se em resistentes democráticos.

O fato de Vera ter vislumbrado, ainda no exílio, as fragilidades e impossibilidades de concretização de seu projeto revolucionário não são diminutivos da amplitude do choque com a realidade brasileira e, por consequência, de sua inadaptação. Ao contrário. Sob os escombros do projeto da luta armada, subsistia o *ethos* revolucionário, uma forma de enxergar e agir no mundo que, contrastando com a nova realidade brasileira, passava a funcionar como uma "camisa de força."[1500] O ethos como "âncora fundamental" da identidade revolucionária, impedindo a construção de novas perspectivas e projetos.

Assim, a nova conjuntura brasileira incorporava aspectos outros à derrota revolucionária. As festas na chegada, a autobiografia dos ex-militantes, a curiosidade dos brasileiros em relação aos guerrilheiros eram sinais – ao contrário de uma suposta vitória nos embates pela construção da memória[1501] – da amplitude da derrota. Embora Vera fizesse parte do panteão dos heróis da resistência, era a heroína de uma resistência estéril, inscrita dentro dos limites do mundo tal qual ele é, apagados os projetos utópicos e revolucionários de negação deste mesmo mundo. Nas reconstruções da memória, Vera era uma heroína da resistência e não da revolução.

Dito de outro modo, entre a revolução fracassada e uma conjuntura desprovida de alternativas revolucionárias, Vera, forjada nos marcos fundadores rebeldes e revolucionários da geração de 1968, posicionava-se em uma espécie de "não-lugar". Nem mais se identificava com o projeto político de outrora, como tampouco com a realidade que se abria em seu retorno.

Sentia-se, assim, estranha ao contexto nacional, estrangeira. Estrangeira em seu próprio país. No Brasil, vivia um "exílio interno", como ela mesma descreveu.[1502] Embora algo sensível às mudanças conjunturais e aos trabalhos em Recife, Vera era habitada por uma espécie de indiferença melancólica, permeada por uma sensação de *mal à l'aise.*

[1500] MAGALHÃES, Vera Silvia. Entrevista concedida a Marcelo Ridenti e Daniel Aarão Reis Filho. *In*: *Arquivo Edgar Leuenroth (AEL/Unicamp)*, *Fundo Militância Política e luta armada no Brasil*, fita 1, lado b (Arquivo Digital: 139b)

[1501] Como aponta Marcos Napolitano, apesar da incorporação de certos valores de esquerda, a construção da memória hegemônica deste período a respeito da ditadura é liberal-conservadora: "Ao elogiar a resistência em abstrato, e condenar as ações de alguns resistentes, em concreto (como os guerrilheiros), a memória liberal conseguiu, ardilosamente, apagar o papel dos liberais na construção da ordem autoritária." NAPOLITANO, 2015, p. 20.

[1502] A metáfora é da própria Vera. Para maiores detalhes, cf. MAGALHÃES, Vera Silvia. Entrevista concedida a Denise Rollemberg. *In*: *Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI-UFF)*, política no Brasil: Exílio, 1994, fita 2, lado b.

Neste sentido, as recorrentes referências a José Roberto e aos torturadores nos momentos de crises não eram apenas sintomáticas dos traumas vividos, mas também da identidade perdida que, por intermédio dessas referências, reaparecia. “Eu fico muito política nas minhas crises. É muito esquisito”, relembrou Vera.[1503] A loucura, assim, diante dos estranhamentos todos, também como um refúgio, um retorno à identidade que não tinha mais espaço de ser e que, paradoxalmente, obstaculizava novas construções identitárias.

O aprofundamento das crises e da melancolia, portanto, refletindo o estranhamento e a desorientação no retorno, como ela relembrou: “[...] não sabia bem o que fazer no Brasil, como recomeçar. Era um outro país. [...] Voltar para o Brasil que eu queria tanto transformar. Era um outro Brasil, tinha mudado, mas em nenhum dos sentidos que eu queria. Nisso eu sofri muito, no Brasil. Não sabia o que fazer.”[1504]

***

Destituída de perspectivas, Vera, atravessada a internação, voltara a Recife. Nesse período, para além da recuperação parcial dos projetos na fundação Joaquim Nabuco, iniciou um relacionamento com Carlos Eduardo Cadoca, que havia conhecido na ONG Centro de Pesquisa e Ação Social. Eleito vereador recifense pelo Partido Movimento Democrático Brasileiro (MDB), Cadoca fora vinculado ao Partido Comunista. O relacionamento, fugaz, durou pouco tempo, até o início de 1983. Segundo relatos de pessoas próximas, Cadoca, embora de esquerda, era um homem conservador, tradicional e se espantava com o jeito de Vera. Ela, por outro lado, não se apaixonou por ele. Acabou sendo uma breve aventura amorosa.

A monotonia afetivo-sexual de Vera, algo inabitual em sua trajetória, era representativa, também, da monotonia da vida em Recife. Com cada vez maior frequência, pensava em voltar a morar no Rio. Foi, inclusive, novamente à cidade natal em maio de 1983 para tratar-se de um novo problema de saúde. As pielonefrites agudas, que haviam marcado presença na infância, na adolescência e atingiram o paroxismo após as sessões de tortura, voltaram.[1505] Tratou-se com um novo médico, Pedro Henrique de Paiva, companheiro de movimento estudantil na década de 1960.

[1503] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 25/08/1998, fita n. 13, lado b, transcrição p. 23.

[1504] MAGALHÃES, Vera Silvia. Entrevista concedida a Denise Rollemberg. *In*: *Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI-UFF)*, política no Brasil: Exílio, 1994, fita 2, lado b.

[1505] DE PAIVA, Pedro Henrique. Relatório médico sobre Vera. 1f. 1999. *In*: *Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro*. Fundo Vera Sílvia Magalhães, Caixa 1, Documentos Pessoais II (Relatórios médicos).

Apesar das idas ao Rio, havia certa resistência à ideia de voltar. Por um lado, habitava em Vera o medo de que o contato com o passado traumático na cidade a levasse ao aprofundamento das crises. Por outro, dizia respeito à vida de Felipe. Com então cinco anos, Vera não queria tirá-lo do convívio com o pai. Contudo, em fins de 1983, a situação mudaria. Com Helena Celestino e Chico Nelson, Vera realizou uma viagem a Paris. Reencontrou-se, ali, não apenas com os *arrondissements* que lhe acolheram, como também com seus afetos. Chico Nelson e Helena estavam, àquela altura, morando na capital carioca. O reencontro afetivo, depois de um período distante, em sua antiga cidade, foi suficiente para que Vera consolidasse a decisão de voltar ao Rio. Quando retornou a Recife, comunicou a decisão a Carlos Henrique que, prontamente, aceitou. Deram início aos preparativos e, no início de 1984, Vera voltaria à sua cidade natal. Com Felipe nos braços, iniciava uma nova etapa da vida, reencontrando-se com os amigos e a família na cidade que voltava a ser sua.

10.3 Balanço sem perspectiva

Visando mitigar os prejuízos à vida de Felipe, com recém-completos seis anos, Vera planejou o retorno ao Rio antes do início do ano letivo escolar. Para instalar-se na cidade, Vera e Felipe foram acompanhados de Carlos Henrique. O ex-marido mantinha-se como um apoio afetivo e financeiro. Foi ele quem organizou a mudança, como também alugou o novo apartamento em que Vera e Felipe morariam. Localizado na rua Marques de São Vicente, número 226, era uma grande cobertura duplex, oferecendo uma ampla e confortável vista do arborizado bairro da Gávea.

Durante o processo de mudança, Vera contratou uma funcionária para realizar os afazeres domésticos. Por intermédio do porteiro do prédio, conseguira o contato de uma mulher. Piauiense, Joana havia recém-chegado no Rio. Diante dos preconceitos em Teresina por ter pedido o divórcio de seu marido, mudou-se em busca de uma nova vida. Sem parentes ou amigos na capital carioca, não tinha onde morar. Trabalhando como babá de uma criança, cuja família estava em vias de se mudar, buscava um emprego que proporcionasse moradia. Assim, conseguiria economizar para trazer seus filhos. Pouco depois da recomendação do porteiro, Vera encontrou-se pessoalmente com Joana. Na conversa, Joana foi franca e sincera, colocando as condições necessárias para aceitar o trabalho: “Não gosto que ninguém grite comigo. Não peço dinheiro adiantado e nem gosto de receber atrasado.”[1506] Vera, impressionada positivamente com a personalidade dela, gostou e, prontamente, a contratou. A partir dali

[1506] DOS SANTOS, Joana. Entrevista concedida a Higor Codarin. Rio de Janeiro, 3 de agosto de 2019.

conviveriam cotidianamente, construindo uma relação que transcenderia, em muito, o aspecto laboral.

Devidamente instalada, Vera buscaria, rapidamente, recuperar os afetos. "Imediatamente eu retomei minhas relações, todas. Telefonei, procurei todo mundo"[1507], relembrou. Chico Nelson, inclusive, passou a morar, provisoriamente, no apartamento. No que foi substituído, pouco depois, por Glória Ferreira. Reuniões, encontros e festas aconteciam cotidianamente. "Fiz da Gávea um lugar de concentração, de festas, de apoio."[1508] O apoio constante dos amigos era uma condição para Vera buscar sua readaptação. A solidão, àquela altura, a amedrontava: "A maior angústia que tenho é a solidão geográfica."[1509]

Com a recuperação dos afetos, novas relações surgiam. Cristina Zahar era um exemplo. Apesar dos amigos em comum, no Brasil e na França, aproximaram-se nesse retorno de Vera ao Rio. Ao relembrar do cotidiano no apartamento, apontou: "As pessoas iam chegando. Vera era uma aglutinadora das pessoas e dos amigos."[1510]

A vida movimentada do duplex na Gávea parecia ser uma reedição, apesar das diferenças, do cotidiano movimentado da vida parisiense. Buscando recuperar suas relações, Vera, em meio às dificuldades em se readaptar, trazia o exílio para o Brasil, refugiando-se nos afetos.

Nesse contexto, o intenso movimento não se fazia, apenas, no apartamento de Vera. A sociedade brasileira, organizando-se, desafiando a transição gradual e segura dos militares, movimentava-se. Envolta pelos sinais, cada vez mais nítidos, de que a ditadura chegava ao fim, demandava participar, ativamente, da construção da nova democracia que surgia. Demandava, especialmente, escolher seu principal representante. Os brasileiros queriam voltar a escolher quem ocuparia o cargo da presidência da república. Iniciava-se o movimento que passou à história como *Diretas-Já*.

Após o fim do bipartidarismo em 1979, as eleições gerais de 1982 eram mais um passo em direção à democracia. Os brasileiros puderam votar, de forma direta, para seus respectivos governadores estaduais. Em meio a esse contexto, teve início um movimento buscando alargar a eleição direta para presidente. Uma primeira manifestação a respeito do tema foi realizada no

---

[1507] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 02/09/1998, fita n. 16, lado b, transcrição p. 21.
[1508] Ibid.
[1509] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 02/09/1998, fita n. 16, lado a, transcrição p. 10.
[1510] ZAHAR, Ana Cristina. Entrevista concedida a Higor Codarin, via aplicativo de videoconferência, 20 de outubro de 2020.

município de Abreu e Lima, no estado de Pernambuco. Pouco depois, em abril, o deputado do PMDB, Dante de Oliveira, propôs uma emenda constitucional para viabilizá-la legalmente. A partir do projeto, novas manifestações se realizaram. A primeira delas, realizada em Goiânia, com cerca de cinco mil pessoas em junho, levantou, pela primeira vez, a bandeira política em torno da aprovação da emenda.[1511]

A manifestação na capital goiana era sintoma do surgimento de um movimento suprapartidário, em que se destacavam o PMDB, o Partido Trabalhista Brasileiro (PDT) e o PT. Juntos, buscando arregimentar apoio para o voto presidencial direto, construíram o Comitê Nacional Partidário Pró-Diretas. Além deles, o PCB e o PCdoB, embora ilegais, engrossavam as fileiras na difusão e mobilização do movimento.[1512]

Apesar de capitaneados pela ação político-partidária, contribuíam e somavam-se às mobilizações diversas organizações da sociedade civil, como a UNE, a OAB, a ABI, a recém-criada Central Única dos Trabalhadores (CUT), o Congresso Nacional das Classes Trabalhadoras (Conclat), a CNBB e a Comissão de Justiça e Paz de São Paulo.[1513]

A miríade de organizações e partidos envolvidos na luta pela eleição direta para presidente evidenciava a heterogeneidade do movimento que surgia. Da manifestação em Abreu e Lima até meados de abril do ano seguinte, o movimento somente faria crescer. Passeatas, comícios e novas manifestações, cada vez mais volumosas, espraiavam-se pelo Brasil. Como aponta Lucília de Almeida Neves Delgado: [...] a presença crescente e maciça de trabalhadores, estudantes, desportistas, jornalistas, políticos, artistas, intelectuais, clérigos e mulheres nas ruas e praças brasileiras expressou um contundente protesto contra a ausência de liberdades civis e políticas no Brasil."[1514]

A campanha pelas diretas era evidência, conforme as palavras de Francisco Carlos Teixeira da Silva, de uma "segunda fase do processo de abertura", em que a iniciativa "passaria das mãos do poder militar para a sociedade civil."[1515] A proposta das Diretas era a representação de uma tentativa de "[...] rompimento radical com a *abertura limitada e pactuada* que o regime vinha implantando". Se bem-sucedida, alcançando não apenas a eleição direta para presidente, mas, também, a construção de uma nova constituição, poderia levar "[...]

[1511] NEVES DELGADO, Lucília de Almeida. Diretas-Já: vozes das cidades. *In*: AARÃO REIS; FERREIRA, 2007, p. 409-428. p. 423.
[1512] NEVES DELGADO, Lucília de Almeida. Diretas-Já: vozes das cidades. *In*: AARÃO REIS; FERREIRA, 2007, p. 414.
[1513] Ibid.
[1514] Ibid., p. 417.
[1515] DA SILVA, Francisco Carlos Teixeira. Crise da ditadura militar e o processo de abertura política no Brasil. *In*: FERREIRA; NEVES DELGADO, 2019, p. 313-356. p. 336.

uma ruptura constitucional extremamente desfavorável para as forças que implantaram a ditadura militar no país."[1516]

Os militares, órfãos de grande parte do apoio civil e comandados por um fragilizado Figueiredo, acometido por problemas diversos, políticos e de ordem de saúde pessoal, perdiam poder de reação. Limitavam-se, "de forma acabrunhada, ao imobilismo, enquanto manifestações de massa ocupavam as ruas."[1517]

No Rio, a primeira delas aconteceu em fevereiro de 1984, com aproximadamente 50.000 pessoas que marcharam da Candelária à Cinelândia. Pouco mais de um mês depois, nova manifestação reuniu 150.000 pessoas.[1518] Vera, ainda em processo de mudança, não participou de nenhuma delas. Contudo, pouco mais de um mês depois, participaria do comício realizado na Candelária que entraria para a história.

Diante da proximidade da votação da emenda constitucional, marcada para o fim de abril, as manifestações se avolumavam em caráter jamais visto. Na capital paulista, no dia seis de abril, reuniram-se cerca de um milhão e meio de pessoas. Na capital carioca, quatro dias depois, Vera engrossaria as fileiras do comício que reuniu cerca de um milhão de pessoas. Era enorme. Vera, que participara da Passeata dos Cem Mil em 1968, ficou impactada com a quantidade de pessoas. Permeada por slogans como "Presidente, quem escolhe é a gente. Eleições Diretas-Já!; Diretas *quae sera tamen*; Vai raiar a liberdade nas diretas no Brasil; Feliz a nação que elege seu presidente"[1519], o comício era tocante. Apesar das restrições e críticas ao projeto de abertura, vislumbrava-se, ali, a concretude do fim da ditadura. Depois de exatamente duas décadas, o fim parecia cada vez mais iminente.

Contudo, apesar da intensa e imensa mobilização social, as expectativas populares foram frustradas com a votação da emenda, começada no dia 25 de abril e terminada na madrugada seguinte. Apesar dos 298 votos a favor, a emenda Dante Oliveira não alcançou o *quórum* qualificado de 2/3 dos votos para ser aprovado. Não haveria, em termos imediatos, votação direta para a presidência da república.

Apesar de decepcionada com a votação, Vera teve pouco tempo para sentir a derrota, pois estava tomada de apreensão e medo. Em meio à euforia do histórico comício, Vera sentiu-se mal. Foi acometida de uma sensação de cansaço seguida de uma febre súbita, fato que a fez deixar, antes do fim, as imediações da Candelária, com destino à casa de Arnaldo Chain, amigo

[1516] Ibid., p. 345.
[1517] Ibid.
[1518] Para todas as estimativas de presença popular, cf. DELGADO, 2007, p. 423.
[1519] Ibid., p. 420.

dos tempos de AESSE e companheiro de Dissidência. Na casa dele, a febre, apesar da persistência, cedeu. O mal-estar febril se somava a um outro sintoma que a vinha acometendo, uma perda de peso sem razão aparente. Desconfiada de seu estado de saúde, Vera marcou uma consulta com seu clínico-geral, Pedro Henrique. Em contato com Carlos Henrique, também buscou a opinião de Chicão. Diante dos relatos e sintomas, solicitou-se um raio x torácico.

Na realização do exame, em fins de abril, Vera soube, por intermédio do radiologista, da presença de uma massa incomum na região do mediastino. Era um tumor. Contudo, embora a radiografia desvelasse sua presença, não era possível nenhuma conclusão diagnóstica. Assim, os médicos pediram novos exames, incluindo-se uma biópsia. A apreensão tomava conta de Vera. Carlos Henrique, também apreensivo, foi ao Rio para acompanhá-la na realização dos exames. A partir da biópsia, realizada no início de maio, constatava-se a malignidade do tumor. Vera estava com câncer.

O resultado caía como uma bomba. Ao final do laudo, Vera encontrava a palavra linfoma. Como havia pesquisado diante dos sucessivos exames pedidos pelo médico, descobria, ali, que se tratava de um câncer. Deparava-se com essa palavra, interdita, indizível, sinônimo de morte. A morte, que estivera presente em diversos momentos da vida militante, retomava lugar em sua vida. Contudo, agora, de uma outra maneira. A reprodução desordenada e desenfreada das células que, originalmente, tinham por função proteger seu corpo estavam, agora, desgastando-o, corroendo-o vagarosa e secretamente.[1520] Como a própria Vera relembrou: "[...] um processo de tristeza, de morte. Aquela coisa [o tumor] dentro de você, te consumindo."[1521] Era assustador.

Recém-chegada no Rio, em meio à retomada dos afetos, tateando a construção de uma nova vida, Vera era tragada pelo diagnóstico de um câncer no sistema linfático. Um novo baque. Aos obstáculos que as crises bipolares impunham a sua vida, acrescia-se outro. Embora seja impossível o estabelecimento de relações causais diretas, a deterioração física e psicológica de Vera nesse retorno ao Brasil é, ao menos, simbólica. O "efeito paralisador" de uma realidade desprovida de perspectivas afetando agora, não apenas a dimensão psicológica, mas, também, a "parte física e orgânica", como apontava Thomas Mann. O câncer, de forma metafórica, conforme conceituou Wilhelm Reich, como "desistência da esperança."[1522]

[1520] Esse sentido metafórico dado ao câncer está no sentido figurado dado à palavra no *Oxford English Dictionary* e citado por Susan Sontag. Para maiores detalhes, cf. SONTAG, Susan. *Doença como metáfora.* Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984. p. 8.

[1521] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 08/09/1998, fita n. 17, lado a, transcrição p. 3.

[1522] REICH apud SONTAG, 1984, p. 16.

No entanto, como em relação às crises, Vera motivava-se para superá-lo. Em meio às dúvidas, medos e apreensões, acrescidos ao pessimismo, ceticismo e indiferença, Vera buscava forças para se tratar. A principal delas era Felipe: "Ele era minha grande motivação para viver."[1523]

O apartamento da Gávea, depois do diagnóstico, foi ocupado pelos amigos. "A casa estava lotada". Evitando a tristeza, Vera interrompia os amigos que não seguravam as lágrimas. Pedia para que evitassem o choro. Diante de seus pedidos e de sua própria postura, a *ambiance* do encontro se inverteu. Alguns passaram a jogar cartas e a beber; outros, rindo, conversando. "Era um momento de grande tristeza. [...] Mas parecia uma festa a casa, uma loucura coletiva."[1524]

Embora fosse um momento de grande tristeza, Vera buscava lidar com a crise mantendo e reafirmando os laços afetivos. Na presença dos amigos e de Carlos Henrique, seu reduto afetivo, Vera buscava fortalecê-los. Assim, consequentemente, se fortaleceria.

Imersa nessa perspectiva, alguns bons presságios. Acompanhada de Carlos Henrique, realizou uma consulta com Halley Pacheco de Oliveira, consagrado hematologista vinculado à Universidade Federal do Rio de Janeiro.[1525] Por intermédio dele, refinou-se o diagnóstico. Vera estava com linfoma de Hodking estágio II. Em uma gradação de I a IV, indicativas da progressão do linfoma para outros linfonodos e/ou órgãos, o diagnóstico ocorreu em um bom momento, com favoráveis perspectivas de tratamento.

Discutiu-se, a partir de então, o que fazer. No Brasil, a indicação de tratamento era a quimioterapia. Contudo, diante dos recursos financeiros de Carlos Henrique, vislumbrou-se um tratamento inovador, apenas por radioterapia, realizado na universidade de Stanford, na Califórnia. Apesar de doloroso, parecia ser menos agressivo e de menor duração. Despontava com um dos tratamentos mais avançados do mundo.

Diante das evidências, Vera optou por realizá-lo. Carlos Henrique, uma vez mais, tomou as providências necessárias. Além do montante financeiro e respectivas comprovações à embaixada estadunidense no Brasil, era necessária a obtenção do visto. Nesse momento, instalou-se a apreensão.

[1523] MAGALHÃES, Vera Silvia. *Provisórias Memórias* (cont.)*.,* s.d. *In*: *Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro*. Fundo Vera Sílvia Magalhães, Caixa 2, doc. 4, s.d, p. 9.

[1524] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 05/09/1998, fita n. 16, lado b, transcrição p. 23.

[1525] Para maiores detalhes, cf. SPECTOR, Nelson. Halley Pacheco de Oliveira: médico, mestre e amigo. *Revista Brasileira de Hematologia e Hemoterapia*, v. 22, n. 2, p. 9A–10A, maio 2000.

Internacionalmente conhecida pela captura do embaixador estadunidense, Vera corria o risco, como outros participantes da ação que tentaram, posteriormente, ingressar no país, de ter seu visto negado. Contudo, a relação com Carlos Henrique se faria importante uma vez mais. No momento da separação, ficou acordado que não haveria divórcio legal. Para os efeitos da lei, continuavam casados. Em mais uma prova de solidariedade a Vera, Carlos Henrique queria garantir uma espécie de segurança financeira a ela. Além disso, a manutenção do casamento era, simbolicamente, a manutenção de um laço amoroso que resistia à separação. Assim, para as autoridades estadunidenses, Vera Sílvia Araújo Magalhães não era a mesma pessoa que Vera Sílvia Magalhães de Albuquerque Maranhão e o visto foi concedido.

Para acompanhar Vera, a irmã Ana Lucia se disponibilizou. Chicão, como médico, faria os contatos iniciais com o Centro Médico da Universidade de Stanford e voltaria ao Brasil. Felipe ficaria na casa dos amigos Carlos Vainer e Sônia Giacomini. Tudo foi rapidamente providenciado. Entre a febre no comício das Diretas-Já em abril, o diagnóstico completo e o embarque aos Estados Unidos, menos de dois meses. No início de junho, Vera desembarcava na Califórnia para iniciar seu tratamento.

Em território estadunidense, Vera, Ana Lucia e Chicão instalaram-se em uma casa em Palo Alto, próximo a Stanford. Depois das consultas iniciais, Chicão retornou a Recife. A partir de então, teriam início os exames para as subsequentes sessões de radioterapia. Durante esse processo, Vera dava mostras de uma nova crise bipolar. Ficava agressiva. Com o carro em movimento, conduzido por Ana Lucia, Vera ameaçou abrir a porta e se jogar.[1526] Controlando o carro e Vera como podia, Ana Lucia rumou ao hospital. Ali, ressaltou a necessidade de uma consulta psiquiátrica em caráter de urgência.

O psiquiatra, depois de atendê-la, foi, atônito, conversar com Ana Lucia. Era uma crise psicótica realmente grave, segundo suas impressões. Vera aparentava não saber quem era. Em uma visão delirante sobre si, criava fantasias a respeito de sua vida pregressa, imputando-lhe fatos monumentais. Dizia ter participado da luta armada no Brasil, da captura do embaixador dos Estados Unidos e de um treinamento guerrilheiro em Cuba. Teria, supostamente, saído do Brasil em uma cadeira de rodas, libertada em troca da vida de outro embaixador capturado, passando a viver, exilada, em diversos países diferentes, nos quais fugira de golpes de estado, buscando refúgio em embaixadas. Ana Lucia, entre risos, interrompeu-o para dizer que esses não eram os sinais da crise de Vera. Ao contrário, eram todos eventos verdadeiros dos quais a

[1526] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 05/09/1998, fita n. 16, lado b, transcrição p. 23.

irmã participara. Resistindo a acreditar também em Ana Lucia, o psiquiatra foi convencido somente em um diálogo com Robalinho que, para além da confirmação dos fatos, pediu-lhe que Vera passasse a ingerir doses pequenas de Haldol, além de Lexotan e Lítio, para controlar, de forma inicial, a crise.[1527]

Com as medicações, tornou-se possível o início do tratamento. No Centro Médico da Universidade de Stanford, Vera era atendida por uma equipe médica multifacetada, comandada pelo médico Richard Hoppe. Após os exames iniciais, que incluíram ressonâncias magnéticas e radiografias, Vera fez as primeiras sessões de radioterapia.

Embora menos agressivo que a quimioterapia, o tratamento não se reduzia à radioterapia. Depois das primeiras sessões, Vera foi submetida a uma laparotomia. Mais preciso que os exames de imagem, a laparotomia é um procedimento cirúrgico de abertura da cavidade abdominal para analisar os órgãos e/ou linfonodos, tendo em vista descartar a possibilidade de progressão do linfoma para outras áreas. Ao contrário da radioterapia, era um procedimento agressivo e invasivo. Apesar da dor posterior, o exame trazia uma boa notícia. Confirmava-se o estágio II do linfoma de Hodking. Não havia, efetivamente, outros linfonodos e órgãos afetados.[1528] Assim, a possibilidade de tratamento pela via das radioterapias na região do mediastino trazia consigo significativas possibilidades de cura.

Em meio à felicidade, Vera recebia a notícia de que sua avó Heloísa havia falecido. O tratamento do câncer e a notícia da morte da avó acabavam por amplificar as angústias. Embora tenha presenciado diversos conflitos dramáticos entre Heloísa e Virgínia, ocorridos quando ambas estavam em crise bipolar, era sua avó mais próxima.

Além da tristeza pela morte da avó, novas complicações de saúde se apresentavam. Recém-saída da laparotomia, Vera foi acometida de uma baixa súbita na saturação de oxigênio. Tratado e devidamente contornado, o contratempo era, segundo os médicos, decorrente do hábito compulsivo de Vera em fumar.

Apesar da presença do cigarro desde a juventude, a frequência com que Vera fumava aumentara significativamente no exílio parisiense e no retorno ao Brasil. Diante desse cenário, a equipe médica, então, sugeriu que Vera abandonasse o hábito. Mesmo no decorrer do

---

[1527] MAGALHÃES, Vera Silvia. *Provisórias Memórias* (cont.)*.,* s.d. *In*: *Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro*. Fundo Vera Sílvia Magalhães, Caixa 2, doc. 04, s.d, p. 9; MAGALHÃES BARROS, Ana Lucia. Entrevista concedida a Higor Codarin. Rio de Janeiro, 2 de abril de 2019.

[1528] STANFORD UNIVERSITY MEDICAL CENTER. Departament of Medicine Oncology Day Care Center. Evaluation of her recurrent Hodkin's disease. 1990. *In*: *Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro*. Fundo Vera Sílvia Magalhães, Caixa 1, Documentos Pessoais II, doc. 3, p. 1.

tratamento, Vera se recusou. O cigarro havia se tornado uma companhia sem a qual não aceitaria viver.

Recuperada da laparotomia e da baixa saturação, Vera seguiu com as sessões de radioterapia. Contudo, as sessões planejadas não poderiam ser realizadas em um curto espaço de tempo. Como efeitos secundários da radiação, ocorria uma baixa nos níveis plaquetários. Assim, era necessário aguardar o restabelecimento dos níveis normais para iniciar novas sessões.

No ínterim entre elas, Vera aproveitava o tempo para realizar curtas viagens pela costa oeste dos Estados Unidos. Depois de cerca de um mês, Ana Lucia voltou ao Brasil. Para substituí-la no cuidado com Vera, Chain se disponibilizou. Com ele, Vera realizou algumas viagens, como ao Parque Nacional das Sequoias. Impactava-se positivamente com as paisagens. "Foi uma forma de viver o câncer."[1529] Além de parceiro nas viagens, Chain auxiliava no que fosse necessário. Como as sessões de radioterapia eram feitas em lugares exatos, previamente marcados a caneta no corpo de Vera, Chain ficava responsável, também, por impedir que as marcações desaparecessem, sublinhando-as, constantemente, pelo corpo dela.

Embora com o prognóstico positivo, além dos lampejos de distração e divertimento proporcionados pelas viagens e passeios, não era um período fácil. Ao relembrá-lo, Chain apontou a introspecção de Vera e a dificuldade dos procedimentos médicos: "Tratamento devastador. [...]. Nós dois dentro de uma casinha pequena. Vera ficava deitada lendo Eça de Queirós. Atravessou *Os maias*. Leu durante meses. Muito silenciosa. Processo em que ela perdeu toda a energia."[1530]

Sem energia, encontrava refúgio nas leituras, no afeto e cuidado de Chain, além das cartas motivacionais e carinhosas que os amigos escreveram para que ela levasse consigo.[1531] Com eles, atravessava as sessões de radioterapia que duraram até dia dois de outubro de 1984. Em um período de cerca de quatro meses, foram, ao todo, seis sessões, além de incontáveis exames e procedimentos.

Findada a sexta e última sessão planejada, seguiram-se exames para avaliar a resposta de Vera ao tratamento. Apreensivos, Vera e Chain aguardavam, ansiosos, os resultados. Embora tenha, de forma colateral, desenvolvido hipotireoidismo em razão da radioterapia, os exames

---

[1529] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 05/09/1998, fita n. 16, lado b, transcrição p. 25.
[1530] CHAIN, Arnaldo. Entrevista concedida a Higor Codarin. Rio de Janeiro, 7 de maio de 2019.
[1531] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 08/09/1998, fita n. 17, lado a, transcrição p. 3.

realizados apontavam para uma "resposta completa" aos procedimentos.[1532] Vera estava em remissão. Surpreendentemente, não havia mais evidências do tumor. As últimas sessões de radioterapia foram, inclusive, preventivas, realizadas no pulmão esquerdo e no pericárdio.[1533] Nesse sentido, portanto, o tratamento havia terminado. Vera poderia voltar ao Brasil.

Foi um momento de grande emoção e felicidade. O médico Richard Hoppe ressaltou que a remissão não era, propriamente, a cura. No entanto, caso não houvesse recidiva nos próximos cinco anos, Vera estaria, então, efetivamente curada. Era uma ótima notícia. Assim, ligou para a família, amigos e Carlos Henrique para dar as boas novas. A felicidade era geral. Se não se podia afirmar que a guerra estava vencida, ao menos daquela batalha Vera saía vencedora.

Após a alta hospitalar, Vera iniciou, imediatamente, o planejamento de retorno ao Rio, cidade em que desembarcaria alguns dias depois. Apesar da grande saudade de Felipe, o filho tivera de ficar em Recife pois estava com catapora. Vera, com o sistema imunológico baixo em decorrência do tratamento, não poderia arriscar. Sem a presença dele, foi recebida, pela manhã, por amigos e familiares ainda no aeroporto. Além deles, o pai de Carlos Henrique, de passagem pela capital carioca, também esteve no aeroporto para recepciona-la. Foi um reencontro permeado por grande emoção. No apartamento da Gávea, Joana havia preparado o café da manhã. Ao longo daquele dia, amigos entravam e saíam da cobertura, parabenizando-a e comemorando com Vera o sucesso do tratamento.

Embora feliz, sua saúde não lhe dava descanso. Diante da baixa imunológica resultante do tratamento, Vera desenvolveu herpes zoster. Ao contrário de uma evolução satisfatória, a reativação do vírus no organismo imunossuprimido de Vera levou-a a muitas dores, além de impedir, por mais tempo, o reencontro com Felipe.

Durante todo esse período, de recuperação do tratamento do câncer e do herpes, destacava-se a onipresença sobrecarregada de Joana. Além de cuidar dos afazeres domésticos e das refeições, Joana auxiliava Vera nas tarefas básicas que ainda estava impossibilitada de fazer.

Com a ajuda dela, Vera, em meados de dezembro, se reestabeleceu. Pôde, enfim, voar a Recife para reencontrar o filho. Chegando no aeroporto, Felipe, com seis anos, estranhou a

---

[1532] STANFORD UNIVERSITY MEDICAL CENTER. Departament of Medicine Oncology Day Care Center. Evaluation of her recurrent Hodkin's disease. 1990. *In*: *Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro*. Fundo Vera Sílvia Magalhães, Caixa 1, Documentos Pessoais II, doc. 3, p. 1.
[1533] Ibid.

chegada da mãe. Buscando refúgio no colo de Carlos Henrique, não queria chegar perto de Vera. A recusa do filho em abraçá-la calara fundo. Entristeceu-se.

O tratamento do câncer foi mais um obstáculo no exercício da maternidade. Em conjunto com as crises bipolares presenciadas pelo filho, ofereciam contorno a um sentimento de culpa que passava a habitar Vera com cada vez mais frequência em relação a Felipe. Fundada na perspectiva de que não proporcionara um ambiente doméstico saudável ao filho, em decorrência das crises que sofrera, a culpa adquiria, naquele momento, novos elementos. Somavam-se ao ambiente doméstico turbulento, as ausências involuntárias na vida cotidiana dele. Vera ressentia-se muito por isso. O estranhamento do filho como concretude das "faltas", como ela mesma relembrou: "São as faltas. [...] e eu faltei muitas vezes."[1534] Mobilizada pelo "dispositivo materno"[1535], socialmente construído como característica esperada do gênero feminino, Vera, embora não controlasse as doenças que lhe acometeram, culpava-se por ter falhado como mãe.

Apesar de tê-la estranhado no início, Felipe, aos poucos, acostumou-se com a presença dela. Nesse período de readaptação, Vera hospedou-se na casa de Betânia. Apesar da distância, se reuniria com a família de Carlos Henrique, incluindo sua nova esposa, para passarem, todos juntos, a ceia de Natal. Carlos Henrique e sua família continuavam sendo um esteio afetivo na vida dela.

No dia seguinte, com Felipe, Vera retornou ao Rio para, enfim, retomar sua vida. Em grande estilo, a retomaria com uma festa memorável de passagem de ano.

O *réveillon* de 1985 foi uma reunião digna dos tempos do *boulevard Raspail.* Superado o câncer e com Felipe, Vera tinha motivos para comemorar. Preparou uma grande festa. Joana estima a presença de cem pessoas no apartamento. Exagerada ou não, a previsão aponta para a amplitude do encontro. Para além dos que combinaram de passar a virada do ano na casa de Vera, ao longo da madrugada foram chegando outros, incorporando-se aos que ali já estavam. O apartamento na Gávea transformava-se em um mar no qual desaguavam os rios festivos. Os vizinhos, incomodados, chamaram a polícia para conter a festa.[1536] Em vão. Com a casa cheia

---

[1534] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 05/09/1998, fita n. 16, lado b, transcrição p. 26.

[1535] Baseada na vereda aberta por Foucault, que compreende os dispositivos como "máquinas de fazer ver e fazer falar", produtoras da subjetividade, Valeska Zanello aponta o "dispositivo materno" como um dos principais dispositivos na construção da subjetividade feminina contemporânea. A maternidade, o amor materno e a devoção da mãe pelo filho são construções sociais. Nesse sentido, a culpa de Vera diz respeito, também, ao peso de, como mãe, ter abandonado seu filho, embora lhe fosse impossível se fazer presente diante das circunstâncias. Para maiores detalhes a respeito do dispositivo materno, cf. ZANELLO, Valeska. *Saúde mental, gênero e dispositivos. Cultura e processos de subjetivação.* Curitiba: Appris, 2018.

[1536] DOS SANTOS, Joana. Entrevista concedida a Higor Codarin. Rio de Janeiro, 3 de agosto de 2019.

e a aurora de um novo dia, o encontro terminaria, apenas, com uma farta mesa de café da manhã preparada, como de hábito, por Joana.[1537]

A quantidade de pessoas na festa de Vera aponta para um aumento de seu círculo de amigos. Para além dos companheiros de militância e de exílio, surgiam novas figuras, como eram os casos de Eliane Longo, Sergio Flacksman, Sergio Góes, Renato Aguiar, além de agregados dos conhecidos que passavam a frequentar o apartamento. Em meio às amizades, a vida afetivo-sexual de Vera retomava lugar em seu cotidiano. Histórias curtas, sem compromisso, imiscuíam-se pelas novas amizades, oferecendo tons divertidos à vida de Vera, embora nenhuma delas tivesse forças para se transformar em uma nova relação duradoura.

Além do movimento e das novidades na vida de Vera, com o novo ano, estabelecia-se, também, um novo regime político no Brasil.

Embora a oposição não tenha conseguido aprovar a emenda constitucional em favor da eleição direta, a inação do governo Figueiredo em relação ao movimento popular era a demonstração cabal de que o governo militar perdia a liderança do processo de abertura. O "vazio de ação" de um Figueiredo encastelado no Palácio do Planalto era fruto de uma confluência de fatores. Para além de Figueiredo viver envolto em crises persecutórias, além de não ter se recuperado completamente do infarto que sofrera em 1981, as imensas dificuldades econômicas pelas quais o país passava encurtavam as margens de atuação política do governo. A inflação galopante, que atingia 200% ao ano em 1984, o aumento substancial do custo de vida e o endividamento externo, que atingia a marca de 90 bilhões de dólares em 1983, eram alguns dos muitos indicadores que evidenciavam a deterioração da economia brasileira.[1538] A primeira metade da década de 1980 evidenciava que a conta do "milagre econômico" havia chegado.

Neste contexto, a inação do governo era ocupada, sobretudo a partir de 1984, pelos partidos políticos, "que tomam a direção do processo de abertura."[1539] Iniciavam-se os movimentos finais da transição entre a ditadura e um regime democrático-liberal.

Não eram, no entanto, quaisquer partidos políticos que lideravam essa transição. Tampouco os mais radicalizados à esquerda. Enquanto o Partido Democrático Social (PDS), sucessor da ARENA como partido governista, indicava Paulo Maluf como candidato civil à presidência nas eleições indiretas que ocorreriam no ano seguinte, lideranças do PMDB

[1537] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 05/09/1998, fita n. 16, lado b, transcrição p. 27.
[1538] KLEIN; LUNA, 2014.
[1539] DA SILVA, 2019, p. 348.

buscavam costurar um acordo com políticos dissidentes do PDS, insatisfeitos com a indicação de Maluf.

As conversas, avançando rapidamente, desaguavam na construção de uma chapa de oposição. Para torná-la possível, os dissidentes do PDS, adequando-se aos dispositivos legais de disciplina partidária, tiveram de romper com o partido fundando um novo. Criava-se o Partido da Frente Liberal (PFL). Entre PMDB e PFL formava-se a Aliança Democrática, lançando a chapa constituída pelos civis Tancredo Neves e José Sarney que, pouco depois de fundar o PFL, migrou para o PMDB.[1540]

O perfil político centrista e conciliador de Tancredo Neves, liderança de oposição considerada pelos governistas como "construtiva e moderada"[1541], vinculado à figura de José Sarney que, depois de pertencer à chamada Bossa Nova da UDN nos anos iniciais da ditadura, com posições nacionalistas e moderadamente de esquerda, tornava-se "um dos notáveis do regime militar"[1542], era a manifestação-síntese da transição que chegava ao termo no Brasil. Ao contrário de uma *transição por colapso*, onde propõe-se uma ruptura com o regime anterior, construía-se uma *transição acordada, pactuada*[1543], "fruto de acordo entre os setores conservadores no poder e as forças moderadas na oposição."[1544]

Diante dessa aliança, o colégio eleitoral, no dia 15 de janeiro, ofereceu expressiva votação à chapa Tancredo/Sarney. Foram 480 votos contra apenas 180 à chapa de Maluf/Flávio Marcílio, além de 26 abstenções. Embora eleito, Tancredo Neves, enfermo, não seria empossado e morreria pouco tempo depois, em 21 de abril. Depois de 21 anos de governos militares, o primeiro presidente civil seria José Sarney.

Entre algumas rupturas e muitas continuidades, findava-se a ditadura. Assim, ao modo das reconstruções da memória sobre a ditadura e do processo político que gerou a anistia recíproca, a transição para a democracia fazia-se, sobretudo, pela conciliação. Iniciava-se de forma pactuada, conciliada, a *nova república*. Ao contrário do nome que a popularizou, guardaria grandes semelhanças com o período que a antecedeu.

[1540] A migração de Sarney para o PMDB tinha em vista completar a manobra legal iniciada na construção do PFL. Segundo a legislação vigente, os candidatos à presidência e à vice-presidência deveriam estar vinculado a um mesmo partido.
[1541] DA SILVA, 2019, p. 340.
[1542] Ibid., p. 347.
[1543] As tipificações de transição acima referida foram propostas por Guillermo O'Donnell. Para maiores detalhes, cf. O'DONNELL, Guillermo; SCHMITTER, Phillipe. Tentative Conclusions about Uncertain Democracies. *In*: O'DONNELL, Guillermo; SCHMITTER, Philippe; WHITEHEAD, L. (ed.). *Transitions from Authoritarian Rule.* Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1994.
[1544] DA SILVA, op. cit., p. 345.

Vera não ficava surpresa. Tampouco decepcionada. Não cultivava esperanças em uma ruptura que, a cada passo, dava sinais de conciliação. "De onde menos se espera, daí é que não sai nada", como apontava Aparecido Torelly, o Barão de Itararé.[1545] Acompanhando-o pelas notícias, o processo que terminara com a eleição do primeiro presidente civil brasileiro apenas aprofundava sua sensação de "não-lugar" na sociedade, como também seu distanciamento da política institucional.

Diante disso, voltava-se para a esfera profissional, buscando inserir-se profissionalmente nesse retorno ao Rio.

Na companhia de Helinho e Glorinha, que estavam, àquela altura, morando junto com Vera, além de Renato Aguiar, escreveu-se um "anteprojeto" de revitalização urbana da região onde se situava a antiga Praça Onze, demolida em 1941 para construção da avenida Presidente Vargas. Focado na construção de um centro cultural, cujo nome seria dado em homenagem ao compositor e pintor brasileiro Heitor dos Prazeres, o "anteprojeto", reconhecendo a importância histórico-cultural da região que, depois da criação do sambódromo pelo então governador Leonel Brizola, deixara de servir de palco para os desfiles das escolas de samba no carnaval, visava aprofundar sua importância cultural para a cidade. Na perspectiva de Vera e os demais, a "criação de um espaço físico de convergência social e cultural" serviria "como elemento de expansão e globalização destas práticas e como elemento de reativação da memória cultural da área."[1546]

Centrado no tripé educação, cultura e lazer, o centro cultural desenvolveria atividades escolares, oficinas profissionalizantes e ateliês para a terceira idade. Além disso, como "anteprojeto", ressaltava-se a necessidade da contribuição das "associações de moradores, blocos carnavalescos, clubes e entidades de bairro, associações culturais ou esportivas", tendo em vista aprofundar as discussões para sua viabilização.[1547]

Depois do período de elaboração, a escrita do projeto foi finalizada. Àquela altura, Tânia Fayal, ex-militante da ALN e conhecida de Vera desde a libertação para a Argélia, fazia parte da RioTur. Responsável pelo setor de turismo do Rio de Janeiro, a empresa aparecia como um caminho possível para a implementação do projeto. Em contato com Tânia, marcou-se uma reunião para sua apresentação.

[1545] Para maiores detalhes sobre a frase e o personagem, cf. KONDER, Leandro. O Barão de Itararé. *In*: AARÃO REIS; FERREIRA, 2007. p. 185-198.
[1546] FERREIRA, Gloria *et al*. Anteprojeto para a implantação do centro cultural Heitor dos Prazeres. 1985. 4f. *In*: *Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro*. Fundo Vera Sílvia Magalhães, Caixa 2, Escritos e Projetos, doc. 3, p. 1.
[1547] Ibid., p. 3.

Embora o projeto não tenha sido levado adiante, Tânia, nessa reunião, soube que Vera estava à procura de um emprego. Carlos Fayal, naquele momento marido de Tânia e deputado estadual pelo Partido Democrático Trabalhista (PDT), sabia de uma possibilidade de emprego para o perfil de Vera na gestão governamental de Brizola. Assim, por intermédio da rede construída ao longo da militância, Vera passou a fazer parte do quadro administrativo do governo do Estado.[1548]

Vera foi contratada, em julho, pela Fundação Escola de Serviço Público do Rio de Janeiro (FESP-RJ) para exercer o cargo de Assessora Técnica na Secretária de Estado de Planejamento e Controle comandada por Fernando Lopes. No interior da estrutura da secretaria, seria lotada na Superintendência de Planejamento Regional.[1549]

Ao longo dos primeiros meses, adaptou-se bem aos companheiros de trabalho. Como apontou Haidine Duarte, então superintendente da secretaria: "Vera se integrou fácil ao conjunto da equipe técnica pelo seu perfil cordial."[1550] Ali, a grande maioria dos servidores conhecia seu histórico de militância. Alguns deles, inclusive, eram conhecidos de Vera dos tempos do movimento estudantil. Nesse sentido, o ambiente de trabalho era agradável. Contudo, uma vez mais, Vera não se sentia seduzida pela nova função. A burocracia do Estado não a animava. Ao contrário. Sentia o Estado como uma instituição permeada pela aridez, desconectado de suas aspirações, conforme ela mesma relembrou: "Era um trabalho árido, fazer orçamento. Não corresponde ao que eu já estudei, ao que eu já pensei sobre o mundo."[1551]

Acrescentava-se, assim, nova contradição na vida de Vera. Distante da política institucional, acabava por ingressar na estrutura do Estado. Mais. Um estado que se estruturava sob uma democracia conciliada e pactuada. Mesmo que o sonho da ruptura revolucionária estivesse no passado e não cultivasse novos projetos de sociedade para o futuro, Vera sentia o ingresso na estrutura do Estado como uma contradição com o seu passado que insistia em permanecer.

Além de insatisfeita, Vera seria acometida por uma nova crise ao fim de 1985. Ao contrário do princípio de crise controlado nos Estados Unidos, a medicação não surtira o mesmo

---

[1548] FAYAL, Tania. Entrevista concedida a Higor Codarin, via telefone, 21 de dezembro de 2022; MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 05/09/1998, fita n. 16, lado B, transcrição p. 16.

[1549] FUNDAÇÃO ESCOLA DE SERVIÇO PÚBLICO DO RIO DE JANEIRO. Contrato e trabalho, 1985, 2f. *In*: *Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro*. Fundo Vera Sílvia Magalhães, Caixa 1, Documentos de Trabalho, doc. 1, p. 1.

[1550] DUARTE, Haidine. Entrevista concedida a Higor Codarin, via e-mail, 21 de abril de 2023.

[1551] MAGALHÃES, Vera Silvia. Entrevista concedida a Denise Rollemberg. *In*: *Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI-UFF)*, política no Brasil: Exílio, 1994, fita 2, lado b.

efeito. A fase maníaca durara cerca de quatro meses, seguida de algumas semanas de depressão. Novos e velhos amigos remontavam a estrutura solidária com relação ao cuidado de Vera, auxiliados por Joana. Cristina Zahar e Eliane Longo incorporavam-se à dinâmica dos cuidados com Vera. A primeira, inclusive, ficava responsável pelo gerenciamento dos medicamentos.

Superada a crise, Vera, no início de 1986, concedeu a primeira entrevista a respeito de seu passado.

Ao contrário do que se espera, não era uma entrevista à mídia. Ao longo do processo de redemocratização, surgiam, para além dos livros autobiográficos e de memórias, os primeiros trabalhos acadêmicos que buscavam realizar uma análise da experiência da luta armada no Brasil.

Nesse contexto, os ex-militantes, envoltos pelo avanço da história oral como metodologia de pesquisa e, também, da valorização do testemunho e das testemunhas que participaram daquele período, eram chamados a falar sobre como o vivenciaram.

Realizada em 23 de janeiro, Vera foi entrevistada por Marcelo Ridenti, então doutorando em Sociologia pela Universidade de São Paulo. Além dele, participava, também, seu amigo de sempre, Daniel Aarão Reis que, àquela altura, também realizava doutorado em História na mesma universidade.

Mais do que os eventos a respeito da DI-GB, a entrevista, de forma colateral, lança luz a aspectos outros. Tratando do passado, o presente emergia. Através da entrevista, é possível vislumbrar como Vera, naquele momento, relacionava passado, presente e futuro.

Ao ser perguntada se as impressões que ficaram na sociedade brasileira a respeito da luta armada não teriam sido as visões de que havia sido uma "porra-louquice" fadada ao fracasso, Vera ressalta a "condescendência" com a qual os militantes da luta armada passavam a ser enxergados. Esterilizada a dinâmica revolucionária, valorizava-se o aspecto da resistência. Inofensivos, ao contrário de criticados, passavam a ser valorizados, inclusive por atores políticos que os criticaram outrora. Esqueciam-se os erros em que incorreram e, inclusive, eram incentivados, eles próprios, a os esquecerem:

> O que existe hoje é um resgate. Hoje, com o processo de democratização do país, nas pessoas que falam de nós é possível sentir uma mudança, na medida em que não apresentamos mais nenhuma ameaça, absolutamente nenhuma. Nós mesmos já fizemos nossa autocrítica, perdemos aquelas convicções [...]. Há uma grande condescendência. [...] Às vezes, eu canso de dizer que foi "porra-louquisse" e o intelectual que há dez anos atrás dizia que eu era porra louca, hoje diz: "Deixa de dizer isso. É secundário. O importante é que vocês lutaram, resistiram."[1552]

[1552] MAGALHÃES, Vera Silvia. Entrevista concedida a Marcelo Ridenti e Daniel Aarão Reis Filho *In*: *Arquivo Edgar Leuenroth (AEL/Unicamp)*, Fundo *Militância Política e luta armada no Brasil*, fita 1, lado b (Arquivo Digital: 139b).

Além da constatação da condescendência estéril da sociedade com a opção pela luta armada, Vera apontava para a importância daquele período em sua vida e, de modo colateral, para a falta de perspectivas no presente: "Eu acho que foi mais do que rica [a experiência da luta armada]. Foi definitiva. As coisas mais importantes que aconteceram na minha vida foram exatamente naquele período."[1553]

Por fim, ressaltava a dificuldade em se encontrar politicamente. Entre as críticas ao socialismo real[1554] e a política institucional, o vazio: "Eu não sou mais militante. Não faço mais política institucional. Não tenho saco. Tenho, é claro, uma visão de esquerda do mundo, mas bem amena em relação à que eu tinha. Tenho uma puta crítica ao socialismo atual. Não sei definir. Não tenho definição política."[1555]

Embora sem definição política, Vera mantinha-se próxima ao PT, dando mostras dessa proximidade nas eleições de 1986.

No curso da redemocratização, o governo Sarney estabelecia, ainda em 1985, por intermédio da emenda constitucional de número 26, a eleição de uma Assembleia Constituinte, que deveria ter início em 1987.

A formulação de uma nova Constituição fora uma bandeira política de diversos grupos políticos e instituições sociais após a campanha das Diretas-Já. Tornara-se, inclusive, um dos principais objetivos da costura política de Tancredo Neves. Evidência disso é que, no primeiro discurso pós-eleição, Tancredo apontou como necessidade imediata a convocação de uma Assembleia Constituinte.

Sarney, embora sinalizasse para a realização da Constituinte, fazia-a aos moldes do pacto conciliatório que o alçou à presidência. Contrariando, como apontou Daniel Aarão Reis, "a melhor tradição desse tipo de assembleia – unicameral, exclusiva e soberana"[1556], o presidente, para além da convocação de uma Comissão Provisória de Estudos Constitucionais (CEC), que visava escrever um esboço de constituição, aproveitava o ensejo das eleições a serem realizadas em novembro de 1986 para eleição dos constituintes.[1557] Era uma Constituinte congressual. Deputados e senadores eleitos seriam responsáveis pela legislação ordinária e, ao

---

[1553] Ibid.

[1554] Expressão para designar os regimes políticos socialistas. Àquela altura, especialmente o socialismo chinês, soviético e cubano.

[1555] MAGALHÃES, Vera Silvia. Entrevista concedida a Marcelo Ridenti e Daniel Aarão Reis Filho *In*: *Arquivo Edgar Leuenroth (AEL/Unicamp)*, Fundo *Militância Política e luta armada no Brasil*, fita 1, lado b (Arquivo Digital: 139b).

[1556] AARÃO REIS, 2014, p. 460.

[1557] FERREIRA, Jorge. O presidente acidental: José Sarney e a transição democrática. *In*: FERREIRA, Jorge; NEVES DELGADO, Lucília de Almeida. (orgs.). *O Brasil Republicano. O tempo da Nova República*: Da transição democrática à crise política de 2016. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. v. 5, p. 27-72.

mesmo tempo, pela escritura da nova carta magna do país. Mais. Se somariam a eles os senadores eleitos em 1982 que, com o mandato de oito anos, não haviam sido designados para a tarefa.

Apesar dos pesares, o PT, com uma postura combativa, rejeitando os acordos e pactos, buscava ocupar os espaços institucionais. Como um de seus candidatos a deputado federal estava o antigo companheiro e amigo de Vera, Vladimir Palmeira.

Vera participou da campanha de Vladimir, comparecendo a algumas passeatas e comícios realizados. Fez, inclusive, boca-de-urna, algo que, naquela época, ainda era possível. Contudo, como de hábito, era uma participação à sua maneira, algo distanciada, sem muitos esforços, como ela mesma relembrou: "Eu era uma petista da Zona Sul."[1558]

Assim, ao contrário da macropolítica de outrora, Vera, sem esperanças, refugiava-se em uma política microscópica, em que oferecia apoio distante, algo desinteressado. Ela mesma passou a teorizar sobre isso. Dizia que passara a fazer uma "micropolítica."[1559] Era, talvez, uma maneira de demonstrar, para si e para os outros, que não a havia abandonado.

De todo modo, a campanha em torno da candidatura de Vladimir dera resultado. Em novembro, Vladimir foi eleito para deputado federal. A partir do ano seguinte, comporia, ao lado de outras quinze pessoas, dentre elas Lula, Florestan Fernandes, José Genoíno e Benedita da Silva, a bancada do PT na construção da Constituinte.

Embora combativa, a bancada petista era uma ilha no oceano conservador que comporia a Constituinte. Em meio ao estelionato eleitoral de Sarney com o Plano Cruzado que, com congelamento de preços, salários e taxas de câmbio, controlava, artificialmente, os índices econômicos, o resultado das eleições não seria favorável às perspectivas de esquerda. Na disputa pelos 559 parlamentares constituintes, os partidos conservadores elegeram 488. O PMDB conquistou 298 cadeiras, PFL, 133, o PDS, 38 e o PTB, 19.[1560]

A vitória dos partidos conservadores era mais um motivo do desânimo de Vera com a política. Contudo, as relações afetivas que, no passado, havia construído a partir dela, deflagrariam, no presente, um novo amor em sua vida. Em meados de 1986, Vera reencontrou-se, depois de longo período, com Emir Sader.

Formado em Filosofia pela USP em 1965, Emir engajou-se, junto com seu irmão, Eder, na construção da POLOP ao longo dos primeiros anos da ditadura. Embora não tenha

---

[1558] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 08/09/1998, fita n. 17, lado b, transcrição p. 16.
[1559] Ibid.
[1560] FERREIRA, 2018, p. 49-50.

participado da luta armada, militava politicamente na clandestinidade até 1970, quando se exilou inicialmente em Paris e depois no Chile. Ao longo do governo de Allende, passou a militar pelo MIR, razão pela qual conhecera Vera em 1973.

O contato entre eles na vertigem dos acontecimentos em Santiago fora rápido. Como vimos, Vera era simpática à atuação política do MIR. Assim, cruzaram-se algumas vezes.[1561] Passados 13 anos, encontravam-se novamente.

Realizado na capital paulista, o encontro, em um bar próximo à cidade universitária, foi centrado nas vivências do passado. Ao mesmo tempo em que Vera contava tudo que lhe acontecera desde o Chile, Emir a atualizava sobre sua trajetória. Permeada pela política, a trajetória de ambos acabava por desaguar em uma longa conversa a respeito das perdas. Vera falava sobre José Roberto; Emir, por outro lado, falava sobre sua ex-companheira Maria Regina Marcondes Pinto.[1562]

Também militante do MIR, Maria Regina fora detida logo após o golpe contra Allende. Embora tenha sido liberada algum tempo depois, exilou-se, com Emir, na Argentina, dando continuidade às atividades políticas da organização na capital Buenos Aires. Contudo, na conjuntura da consolidação de uma nova ditadura militar na Argentina, Maria Regina fora perseguida e assassinada em 1976. Seu corpo nunca foi encontrado.[1563]

As perdas e as dores em comum, entremeadas pelos sonhos revolucionários derrotados, criavam um laço. O encontro no bar terminaria, no dia seguinte, em um café da manhã no motel. Ali, começava uma nova relação.

Em meio à solidão amorosa e à trajetória comum, Vera era tomada por uma "paixão fulminante", como ela mesma relembrou.[1564] Pouco tempo depois, Emir passaria a viver com ela no apartamento da Gávea.

Embora apaixonados, o convívio era permeado por alguns atritos. Ao longo do ano de 1986, apesar das trajetórias semelhantes, ficavam evidentes as diferenças de personalidade. Os cotidianos se chocavam. Emir não era afeito ao movimento vertiginoso do apartamento. Os amigos de Vera, que continuavam a marcar presença em sua casa, também perdiam a naturalidade na presença dele. Contudo, as incongruências não eram impeditivas para o avanço

---

[1561] SADER, Emir. Entrevista concedida a Higor Codarin, via e-mail, 17 de fevereiro de 2020.
[1562] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 08/09/1998, fita n. 17, lado b, transcrição p. 26
[1563] Perfil biográfico de Maria Regina Marcondes Pinto. Disponível em: https://memorialdaresistenciasp.org.br/pessoas/maria-regina-marcondes-pinto/. Acesso em: 1 maio 2023.
[1564] MAGALHÃES, Vera Silvia. *Provisórias Memórias* (cont.)*.* s.d. *In*: *Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro*. Fundo Vera Sílvia Magalhães, Caixa 2, doc. 4, s.d, p. 14.

da relação. Fizeram, inclusive, uma viagem pelos Estados Unidos e Europa. Como Vera relembrou: "O resultado da viagem foi a confirmação de um grande encontro."[1565]

No entanto, pouco tempo depois da mudança de Emir para o apartamento, Vera sofreria com a emergência de novos problemas de saúde. Desta vez uma nova crise de pielonefrite. Embora recorrente, a infecção renal, ao contrário das anteriores, progrediu. Em meio à piora em seu estado de saúde, Vera foi internada no hospital Samaritano. Constatou-se, após exames, que a pielonefrite desencadeara uma sepse, manifestação inflamatória aguda, potencialmente letal.

Apesar de longo, o tratamento surtiu efeito. Depois de um mês internada, Vera, uma vez mais, escapava da morte. Aos remédios psiquiátricos somavam-se novas drogas para o reestabelecimento físico. Com eles, novos efeitos adversos.

Vera estava debilitada. Superada a sepse, uma nova crise bipolar despontara no início de 1987. Emir não sabia como reagir. Não se fez presente nos problemas de saúde e, tampouco, auxiliou no cuidado com Felipe. Vera sentiu-se desamparada. Carlos Henrique, então, foi ao Rio para auxiliar no que fosse necessário.

Foi uma grande crise. As fases maníaca e depressiva atravessando meses. Felipe, então com 9 anos, ficara assustado diante da mãe em uma crise que se aproximava de um ano. Abriu-se, então, com Carlos Henrique, um debate sobre a possibilidade de Felipe voltar a morar em Recife. Após relutar, Vera, entristecida, percebeu que era o melhor a ser feito. Mais uma vez, a separação do filho. Mais uma vez defrontar-se com a culpa. A partida do filho acrescentando nova dor às dores de Vera que, retroalimentando-se, aprofundavam a sensação de estranhamento.

Nos meses que restavam de 1987, o relacionamento entre Vera e Emir esfriava. A "paixão fulminante" do ano anterior era substituída pelo distanciamento *blasé*. As dificuldades pessoais de Vera e Emir aprofundavam a distância. Em maio de 1988, Emir foi abalado pela morte de seu irmão, Eder, agravando a situação.

Nesse período, Vera, infeliz e atravessando problemas de saúde, mantinha-se no trabalho junto à Secretaria de Planejamento. Ali, diante de todos os obstáculos, contava com a empatia solidária da equipe de trabalho que, como apontou Haidine Duarte, "compreendia e respeitava os limites dela."[1566] Foi, não poucas vezes, aconselhada a ficar em casa para reestabelecer sua saúde física e emocional.

[1565] Ibid.
[1566] DUARTE, Haidine. Entrevista concedida a Higor Codarin, via e-mail, 21 de abril de 2023.

Envolta pelas dificuldades todas do presente, e com o futuro esvaziado de possibilidades, o retorno ao passado tornava-se uma perspectiva atraente. Vera refugiava-se nos tempos da luta armada. Aventava escrever um livro. Ainda embrionário, algo confuso, imaginava-o como um uma narrativa autobiográfica entremeada, de modo fundamental, pela história da DI-GB, enfatizando a captura do embaixador norte-americano. Buscando concretizá-lo, realizou, ao longo de 1988, entrevistas com ex-militantes da DI-GB e participantes da captura.[1567]

Além da vontade de Vera, a perspectiva em escrever um livro era incentivada por Daniel Aarão Reis. Imerso na vereda acadêmica, o amigo de longa data buscava animá-la em direção à retomada dos estudos acadêmicos. Sentindo-a desestimulada no trabalho burocrático, Daniel vislumbrava em Vera características que a credenciavam a uma carreira docente na universidade: "Ela era muito inteligente, tinha muitas referências e era, ao mesmo tempo, muito compreensiva, nem um pouco dogmática. Além disso, era uma pessoa capaz de encorajar os outros. Então, tinha um perfil, para professor, excelente."[1568]

Mais do que apenas as credenciais, Daniel pensava que o ambiente universitário, permeado pelas discussões plurais, poderiam reavivar a curiosidade intelectual de Vera e, portanto, reanimá-la diante da vida.

Vera gostou da ideia. Em paralelo aos rascunhos iniciais do livro, reuniu a documentação relacionada aos diplomas obtidos na França para buscar revalidação na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em outubro de 1988, teve revalidado o curso de Sociologia feito em Paris. Era, a partir dali, bacharel em Ciências Sociais pela UFRJ.[1569]

Embora houvesse conseguido a revalidação da graduação, o mesmo não acontecera com o *troisième cycle*. Como não o terminara, a UFRJ não validou o primeiro ano como correspondente ao mestrado. Algo frustrada, o indeferimento não foi impeditivo para o avanço das atividades de Vera.

O retorno ao passado oxigenava sua vida. Era um novo fôlego. Envolvida por ele, Vera encontrou-se com Yedda Botelho Salles, também ex-militante da Dissidência. Juntas, vinte anos depois, escreveram um texto a respeito do ano de 1968 e a luta armada.

[1567] Vera realizou entrevistas com Fernando Gabeira, Lucia Murat, Jeni Vaitzman, Maria Augusta, Arnaldo Chain e João Lopes Salgado. Para maiores detalhes, cf. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, Fundo Vera Sílvia Magalhães, Caixa 2, Entrevistas por Vera Sílvia.

[1568] AARÃO REIS, Daniel. Entrevista a Higor Codarin. Rio de Janeiro, 19 de setembro de 2019.

[1569] UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. Apostila de revalidação. 17/10/1988. 1f. *In*: *Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro*. Fundo Vera Sílvia Magalhães, Caixa 1, Documentos Pessoais II (Histórico Escolar).

Era um balanço. Revisitando, duas décadas depois, a conjuntura efervescente daquele ano, Vera e Yedda vislumbravam o abismo que separava o passado do presente. Como apontava, de modo apropriado, seu título, *Balanço sem perspectiva. 1968 – Os que não se esqueceram, os que não se arrependeram*, o texto representa o vazio de sentido do presente na vida de ambas, quando comparado aos sonhos revolucionários de outrora.

Embora dialogasse com o vazio do presente, era, também, uma tentativa crítica –na melhor tradição das organizações comunistas, autocrítica – de valorizar o legado da geração de 1968. Além disso, dialogando com as reconstruções da memória a respeito da luta armada e do ano de 1968, é permeado por algumas alterações de sentido.

De início, após realizar uma descrição dos eventos que culminaram na oposição do movimento estudantil contra a ditadura, constrói-se uma relação automática entre o movimento estudantil e a luta armada. Na esteira, entrando no debate sobre a militância armada, Vera e Yedda oferecem uma visão crítica ao apontar: "Estávamos certas de que participaríamos de um processo revolucionário socialista. Nessa época, nem de longe percebíamos nossa impotência histórica em relação ao nosso próprio projeto."[1570]

Embora generosos, os militantes da luta armada, segundo Vera e Yedda, foram tomados por uma espécie de cegueira. Não a respeito do socialismo e/ou do imperativo de realização da revolução brasileira, mas da própria conjuntura, especialmente econômica, representada pelo "modelo econômico concentrador de renda" que dificultava as margens de atuação da oposição.[1571]

Essa incapacidade de visão decorria, especialmente, do cultivo de certezas monolíticas, pouco aberto a dúvidas que, diante do isolamento social progressivo, somente fazia crescer: "Não tínhamos dúvidas. Só certezas. Tínhamos medo de duvidar. Num mundo que nos contradizia a cada passo, nossa pequenez numérica e isolamento social levavam a que qualquer incerteza ameaçasse fazer '*craquer le monde*.'"[1572] Criticavam, assim, a *utopia do impasse* que fazia os corações e mentes dos militantes daquele período.

Para além da visão autocrítica, o texto de Vera e Yedda reposiciona – tornando centrais – lutas que, como vimos, não faziam parte do léxico partilhado pela maioria dos militantes da esquerda armada. Algumas, inclusive, inexistiam, como era o caso da luta pelos direitos dos

[1570] MAGALHÃES, Vera Silvia; SALLES, Yedda Botelho. Balanço sem perspectiva. 1968 – Os que não se esqueceram, os que não se arrependeram. 1988, mimeo., 7f.. *In*: *Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro*, Fundo Vera Sílvia Magalhães, Caixa. 2, Escritos e Projetos, doc. 1, p. 3-4.
[1571] Ibid., p. 4-5.
[1572] Ibid., p. 5.

homossexuais. Ali, no texto escrito em 1988, reapareciam, transformadas, as pautas revolucionárias de 1968:

> Mas, não só de enganos vivíamos. Para nós, militantes dessas organizações, a luta não poderia ser só 'política'. Teríamos que superar as diferenças de sexo, a marginalização social, sexual e cultural das mulheres, superar os preconceitos quanto ao homossexualismo (sic) e o racismo. Tudo isto era parte integrante da nossa política, e tão importante quanto a luta pelo poder.[1573]

Especialmente sobre a superação das "diferenças de sexo", é possível notar também que, embora Vera não houvesse se engajado na militância feminista, acabava por incorporar a chave analítica proposta pelo movimento ao analisar, *a posteriori*, os "mal estares sem nome" da militância feminina na luta armada:

> Para nós, mulheres, a militância era uma faca de dois gumes: era uma forma de afirmação social e era também a vivência de confusão entre a recusa à dominação e o reconhecimento da diferença. A tentativa de uma troca igual quase sempre dava em uma troca desigual. [...] Tentávamos uma forma de relação afetiva igualitária para já.[1574]

Por fim, apontando, especificamente, para o balanço que realizavam vinte anos depois, Vera e Yedda, "duas mulheres que foram até o fim nas experiências, questionamentos, lutas que estavam em pauta naqueles anos", sublinhavam as "cicatrizes" e "uma bem pesada bagagem": "[...] o sentimento de que sobrevivemos a nós mesmas, às nossas mais caras crenças, ao companheirismo e afeto da relação entre os militantes, aos amigos mortos ou destruídos de outra forma."[1575]

Imersas na perspectiva de que a experiência daqueles anos fora definitiva, como havia dito Vera aos entrevistadores Marcelo Ridenti e Daniel Aarão Reis, as duas *soixante-huitardes* reafirmavam, apesar da derrota, a importância da militância:

> Hoje, olhar para trás não traz gosto de vitória, mas contribui para a sabedoria que algumas derrotas de movimentos generosos podem trazer. Olhar para o passado mostra que a geração 68, que tentou pensar o mundo com novos padrões e revolucioná-lo, essa geração, não guarda, hoje, nenhuma identidade. Dispersou-se em diversas direções, tem diversas visões de mundo e diversas atitudes frente a ele. Mas, para muitos, restou um *ethos*, uma bonita forma de afeto e a exigência de compartilhar da 'consciência do mundo', não circunscritos à vida privada.[1576]

Para além, e finalizando o texto, buscavam demonstrar que, embora desprovido de perspectivas, o balanço não era um abandono da utopia:

> Olhar para o passado revela o que somos hoje: não desistimos da utopia, mesmo que não tenhamos mais o mapa do caminho. Resistimos à destruição da generosidade e da esperança. Mesmo sem nenhuma grande certeza monolítica, mas com pequenas

[1573] MAGALHÃES, Vera Silvia; SALLES, Yedda Botelho. Balanço sem perspectiva. 1968 – Os que não se esqueceram, os que não se arrependeram. 1988, mimeo., 7f.. *In*: *Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro*, Fundo Vera Sílvia Magalhães, Caixa. 2, Escritos e Projetos, doc. 1, p. 4.
[1574] Ibid., p. 5.
[1575] Ibid., p. 6-7
[1576] Ibid., p. 6.

> certezas e muitas dúvidas, não renunciamos às raízes do gesto. Cabe, com a exatidão relativa dos nossos diais atuais, a estrofe de Drummond: 'Mas as coisas findas, muito mais que as lindas, essas ficarão.'[1577]

Apesar da motivação e empolgação em produzir textos a respeito do passado, o balanço a respeito de 1968 demonstra o estranhamento que habitava Vera. Mais. A provisoriedade e instabilidade de sua empolgação. As "pequenas certezas e muitas dúvidas" descrevem bem sua desorientação. A recusa ao abandono da utopia talvez como uma tentativa de, justamente, recuperá-la. Recorrer à bússola antiquada, obsoleta, de vinte anos atrás, era buscar uma orientação. O reencontro com o passado – e o ânimo diante dele – oferecendo nítidos contornos às suas dificuldades, ao sentimento de *mal á l'aise* no presente. Voltando-se ao passado, Vera deixava evidente seu estrangeirismo diante do presente.

Se, em 1988, Vera voltava seu olhar ao passado, o Congresso Nacional, depois de mais de um ano, aprovava a Constituição que vislumbrava o futuro. Como apontou Maria D'Alva Kinzo: "A despeito de várias imperfeições, a Constituição representou um avanço significativo. Todos os mecanismos de uma democracia representativa foram garantidos, mesmo aqueles associados à democracia direta, como o plebiscito, o referendo e o direito da população de proposição de um projeto de lei."[1578]

Além deles, que asseguravam, ao menos formalmente, o exercício da democracia política, a Constituição Cidadã, conforme foi nomeada pelo presidente da Assembleia Constituinte, Ulysses Guimarães, também se destacava pela "amplitude dos direitos assegurados – individuais, coletivos, sociais, ecológicos."[1579] Por outro lado, entretanto, mantinha-se um conjunto de tradições, reproduções do passado, "reiterando a força dos legados do período ditatorial."[1580]

Ambivalente, a nova constituição era "[...] expressão autêntica – para o mal e para o bem – do processo de transição da ditadura à democracia no Brasil."[1581]

Embora ambivalente, em um país à deriva, imerso em uma crise econômica que alçava a inflação a 980,22% ao ano[1582], a nova carta magna não deixava de ser um alento que, no

---

[1577] Ibid., p. 7.
[1578] KINZO, Maria D´alva G. A democratização brasileira: um balanço do processo político desde a transição. *São Paulo em Perspectiva*, v. 15, n. 4, p. 3–12, out. 2001. p. 4.
[1579] AARAO REIS, 2014, p. 473.
[1580] AARÃO REIS FILHO, Daniel. A Constituição cidadã e os legados da ditadura. *Locus*: Revista de História, [*s.l.*], v. 24, n. 2, 2021. p. 293. DOI: 10.34019/2594-8296.2018.v24.20879. Disponível em: https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20879. Acesso em: 2 jun. 2023.
[1581] Ibid.
[1582] FERREIRA, 2018, p. 61.

entanto, Vera pouco comemorou. Envolta em questões particulares, acompanhou, como se tornava hábito, à distância todo o processo.

Nesse período, Vera deixou o bairro da Gávea. Passou a viver no Leblon, em um grande apartamento localizado no número 800 da avenida Visconde de Albuquerque. Nele, algum tempo depois da mudança, já em 1989, a insustentável relação com Emir terminou. A partir de um caso extraconjugal, Emir abandonou o apartamento e passou a morar com sua nova parceira. Embora distantes, a rapidez e a falta de diálogo por parte dele fizeram com que Vera, indiferente às relações paralelas de seus antigos relacionamentos, se sentisse, naquele momento, traída. Além disso, sem Felipe, embora contasse com a presença dos amigos e de Joana, via-se sozinha. Aparentemente no calor dos acontecimentos, nos rascunhos de suas *Provisórias memórias* – este seria o título do livro – escreveu: "Me sinto sozinha e pela primeira vez assumindo essa solidão que dói por dentro. Resistir."[1583]

Assim, no crepúsculo da década de 1980, Vera buscava reencontrar forças, que pareciam se esvair, para resistir aos traumas. Além dos adquiridos no seio familiar, na luta armada e no exílio, acrescentavam-se outros, novos. Alguns incorporavam-se aos antigos, aprofundando-os. A loucura, pesadelo obstinado, perseguindo-a. A fragilidade física como uma maldição. O amontoado de remédios e seus efeitos adversos diários.

Haviam se passado dez anos desde o retorno ao Brasil. O reencontro com o país não a levara ao reencontro consigo mesma. A falta de perspectivas, o desencantamento político e os obstáculos impostos pela sua saúde, física e mental, consolidavam uma espécie de cansaço melancólico na vida de Vera. A vida desencontrada, estranhada, estrangeira fazia sentir seu peso. "Dez anos de exílio, dez anos de câncer, de loucura. São vinte anos fora do mundo"[1584], relembrou Vera.

Nos anos que se seguiriam, o cansaço melancólico se tornaria ainda mais profundo, por vezes onipresente, colocando na ordem do dia o encontro de Vera com a morte.

10.4 Fósforo Frio

Em meio à tristeza e melancolia, Vera deparava-se com a inquietude e efervescência da política nacional. Como consequência das discussões na Assembleia Constituinte, estabeleceu-se, para 1989, a realização da eleição direta para presidência da república.

[1583] MAGALHÃES, Vera Silvia. Provisórias Memórias (cont.)., s.d. *In*: *Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro*. Fundo Vera Sílvia Magalhães, Caixa 2, doc. 4, s.d, p. 15.

[1584] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 12/09/1998, fita n. 19, lado b, transcrição p. 24.

Depois da derrota do movimento Diretas-Já, transformava-se em realidade, enfim, o desejo da maioria dos brasileiros em votar para o mais alto cargo do Estado brasileiro. Naquela conjuntura, não era um desejo qualquer. A última vez que haviam referendado um presidente foi em 1960, quando da eleição de Jânio Quadros. Era um hiato, portanto, de quase trinta anos. Por isso, as eleições foram aguardadas, acompanhadas e batalhadas com amplo entusiasmo pela sociedade brasileira ao longo de todo o último ano da década. Através dela, ganhava concretude o último ato em direção à redemocratização do país.

Como apontaram Alessandra Carvalho e Américo Freire, dado "o alto grau de incerteza quanto ao desfecho das eleições"[1585], lançaram-se candidaturas em pletora. Foram, ao todo, 22. Dentre elas, o PT lançou, como era esperado, a candidatura de Lula.

Embora tivesse conquistado resultados surpreendentes nas eleições de 1982, 1985 e 1986, não estava no radar do partido disputar, efetivamente, com chances de vitória, a eleição para o Executivo federal. Neste sentido, a candidatura de Lula aparecia como "uma espécie *anticandidatura*, mais para *marcar posições* do que para disputar o posto máximo da República."[1586]

Com um programa *reformista-revolucionário*[1587], lastreado "nas tradições nacional-estatistas mais radicais das esquerdas brasileiras"[1588], a candidatura de Lula, a despeito das projeções do partido, ganhou tração. Nas pesquisas de intenção de voto a partir de meados de março, Lula, crescendo, passou a incomodar o principal candidato de esquerda, Leonel Brizola, que postulava o cargo pelo PDT. Como representantes de esquerda, disputavam o segundo lugar. Nas pesquisas, eram superados, à direita, apenas, pelo político *outsider* Fernando Collor de Mello, abrigado no Partido da Reconstrução Nacional (PRN).

A campanha, desenvolvendo-se ao longo ano, com comícios, manifestações e programas televisivos destinados ao recém-criado horário de propaganda eleitoral gratuita (HPEG), empolgavam os militantes e simpatizantes do PT. O *jingle* "Lula lá", cantado por diversos artistas no horário eleitoral, emocionava. Joana, ao relembrar esse período, apontou para a "loucura" do movimento no apartamento de Vera. "Andávamos cheias de broches do PT."[1589] Os debates, televisionados, movimentavam o apartamento.

[1585] FREIRE, Américo; CARVALHO, Alessandra. As eleições de 1989 e a democracia brasileira: atores, processos e prognósticos. In: FERREIRA; NEVES DELGADO, 2018, p. 119-162. p. 122.
[1586] AARAO REIS, 2007, p. 515-516.
[1587] A expressão é de Carlos Nelson Coutinho e foi utilizada por Daniel Aarão Reis. Para maiores detalhes, cf. AARAO REIS, op. cit., p. 533-534.
[1588] Ibid., p. 516.
[1589] DOS SANTOS, Joana. Entrevista concedida a Higor Codarin. Rio de Janeiro, 3 de agosto de 2019.

Em 15 de novembro, dia da eleição, a pesquisa de boca-de-urna realizada pelo instituto Datafolha indicava uma surpresa. Lula, com 15% de intenção de votos, havia ultrapassado Brizola, que estacionara nos 14%.[1590] Contabilizadas as urnas, a pesquisa foi confirmada. Lula, surpreendendo, alcançou 17,1% de votos válidos. Ficou atrás, apenas, de Collor, que recebeu 30,48%.[1591]

A surpresa do resultado empolgou ainda mais a militância petista. Aguerrida, construindo seus próprios recursos de campanha, dobrou a carga na tentativa de sensibilizar a sociedade em favor do projeto do partido. Vera, embora distante, acompanhou e também se empolgou. Uma virada era possível. Por outro lado, as elites sociais e políticas brasileiras, assustadas com a possibilidade da vitória de Lula, agarraram-se a Collor. Mobilizaram as mais diversas ferramentas para desmoralizar a imagem de Lula e amedrontar os setores populares.

A quatro dias da eleição, as pesquisas indicavam um empate técnico. Collor, liderando, aparecia com 46% das intenções de voto. Lula, logo atrás, com 45%. Outros 3% eram brancos ou nulos e 6% indecisos.[1592] A eleição estava em aberto.

No dia 17 de dezembro, as urnas indicaram, apesar da mobilização, que não houve virada. Alcançando 53,03% dos votos válidos, o político alagoano, pertencente "a uma família com tradições políticas e dona de importantes empresas de comunicação no estado de Alagoas"[1593], vencera Lula, que alcançou 46,97%.

Embora nem PT e nem Lula saíssem desmoralizados do pleito, o resultado foi um balde de água fria para as esquerdas brasileiras. A derrota de Lula para Collor, um candidato das elites, parecia alinhar-se com a abertura de uma nova conjuntura internacional. Por um lado, o neoliberalismo despontava como alternativa econômica em escala mundial, simbolizado, especialmente, nas figuras de Margareth Thatcher, na Inglaterra, e Ronald Reagan, nos Estados Unidos. A retomada agressiva da concepção de livre mercado e das políticas de austeridade exerciam pressões, inclusive, sobre o Estado de Bem-Estar Social da Europa Ocidental. Por outro lado, e de forma concomitante, a crise do mundo socialista. A queda do Muro de Berlim, em novembro, simbolizando a desagregação do socialismo europeu; a crise do estado cubano e, dois anos depois, em 1991, a queda, inimaginável, da União Soviética. Em uma vertigem de derrotas, a esquerda, a nível mundial, passava a uma posição de defensiva estratégica. [1594] O

[1590] FREIRE; CARVALHO, op. cit., p. 137.
[1591] Dados referentes aos votos válidos, disponíveis no site do Tribunal Superior Eleitoral. Para maiores detalhes, cf. https://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-anteriores/eleicoes-1989. Acesso em: 11 maio 2023.
[1592] FREIRE; CARVALHO, 2018, p. 145.
[1593] Ibid.
[1594] AARÃO REIS, 2007, p. 514.

século XX, que começara sob os auspícios da tomada do Palácio de Inverno pelos bolcheviques, terminava com uma derrota retumbante do sonho revolucionário. A última década do século XX como o "eclipse geral das utopias."[1595]

As derrotas de Lula e do socialismo não eram, propriamente, derrotas de Vera. Desiludida e desencontrada da vida militante, não foram sentidas como a derrota do projeto revolucionário de outrora. Contudo, a despeito disso, não deixavam de figurar em seu acúmulo de derrotas. Embora cultivasse críticas ao socialismo real e não preservasse uma definição política clara, Vera vislumbrava, diante de seus olhos, a manutenção do poder das elites pela via democrática no Brasil e o desmanche no ar da solidez do socialismo. O mundo que, aparentemente marchava, inexorável, ao socialismo, acabava por contradizer, com rigor, a tese fatalista que animou Vera por longos anos.

Entre o primeiro e o segundo turno das eleições, a saúde física de Vera passou a rivalizar com a conjuntura política por sua atenção. A exemplo do acontecido em 1984, Vera passou a se sentir, constantemente, febril e cansada. Eram os mesmos sintomas que indicaram a existência de um câncer outrora. Alerta e preocupada, procurou seus médicos. Em meio às consultas e exames, novos achados. Um tumor na parede toráxica e, também, uma "massa ganglionar" na axila direita.[1596] Não eram bons presságios.

Desde a finalização do tratamento nos Estados Unidos, em outubro de 1984, haviam se passado pouco mais de cinco anos. Segundo a previsão da equipe médica de Stanford, Vera estava clinicamente curada desde o mês anterior. A realidade, entretanto, rebelava-se contra a previsão. Em fevereiro do ano seguinte, com recém completados 42 anos, Vera não tinha nada a comemorar. A realização de uma biópsia confirmava o pesadelo: a recidiva do linfoma de Hodgkin.[1597]

Uma vez mais, o baque da notícia. Também uma vez mais, o auxílio de Carlos Henrique. Assim que soube da notícia, mobilizou recursos para que Vera voltasse a Stanford. Com os trâmites financeiros e burocráticos resolvidos rapidamente, Vera estava, em março, novamente na Califórnia.

[1595] TRAVERSO, Enzo. *Melancolia de esquerda*: marxismo, história e memória. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2018. p. 29.
[1596] DE PAIVA, Pedro Henrique. Relatório médico sobre Vera. 1f. 1999. *In*: *Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro*. Fundo Vera Sílvia Magalhães, Caixa 1, Documentos Pessoais II (Relatórios médicos).
[1597] STANFORD UNIVERSITY MEDICAL CENTER. Departament of Medicine Oncology Day Care Center. Evaluation of her recurrent Hodkin's disease. 1990. *In*: *Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro*. Fundo Vera Sílvia Magalhães, Caixa 1, Documentos Pessoais II, doc. 3, p. 4.

Nas avaliações iniciais, constatava-se, efetivamente, a recidiva do câncer, como também a permanência de alguns hábitos de Vera. Em seu relatório médico registrava-se a inveterada paixão pelo cigarro. Àquela altura, estava fumando de 40 e 60 cigarros diariamente.[1598]

Ultrapassadas as avaliações e exames iniciais, definiu-se o tratamento. Ao contrário da radioterapia realizada anteriormente, Richard Hoppe e sua equipe indicavam o tratamento quimioterápico. Embora mais doloroso, era o mais indicado. Para além de um prognóstico favorável ao controle do linfoma, um dos motivos para sua escolha era o nível de toxicidade imprevisível de um segundo tratamento radioterápico.

Concordando, Vera iniciou seu primeiro ciclo de quimioterapia no dia sete de março. Segundo o relatório médico, apesar da náusea diária, suportou bem as medicações intravenosas.[1599] Pouco depois de finalizado, Vera demandou aos médicos se poderia terminar os outros dois ciclos de quimioterapia no Brasil. Como era um tratamento padronizado, não haveria prejuízo.

Depois de menos de um mês nos Estados Unidos, Vera continuaria o tratamento no Rio, com o médico Halley Pacheco. Com ele, iniciou o segundo ciclo no dia 27 de março. Ao contrário do primeiro, Vera teve maiores efeitos colaterais. O principal deles foi uma severa anemia, que a levou a uma transfusão de sangue.

Debilitada, realizou o terceiro, e último, ciclo no dia 24 de abril. Avaliando o tratamento alguns dias depois, Pacheco constatava que havia uma "quase completa resolução do tumor na parede toráxica."[1600] O tratamento, mais uma vez, surtira o efeito esperado. Era necessário manter o acompanhamento, mas, por ora, havia terminado.

Ao longo dos dois meses em que recebeu as medicações, Vera, anêmica, passava a maior parte do tempo acamada. Embora débil fisicamente, manteve-se relativamente forte ao longo dos ciclos quimioterápicos: "Eu fiquei mais ou menos tranquila durante o câncer."[1601] Contudo, recuperando-se, a relativa calmaria explodiria em uma nova e potente crise bipolar.

Ultrapassando anos, seria a maior crise de Vera desde os primeiros indícios de sua bipolaridade. Estimativas conservadores dos amigos e da própria Vera, que confessara ter

---

[1598] Ibid.
[1599] STANFORD UNIVERSITY MEDICAL CENTER. Departament of Medicine Oncology Day Care Center. Evaluation of her recurrent Hodkin's disease. 1990. *In*: *Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro*. Fundo Vera Sílvia Magalhães, Caixa 1, Documentos Pessoais II, doc. 3.
[1600] PACHECO, Halley. Carta ao médico Richard Hoppe. 07/05/1990. 1f. *In*: *Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro*. Fundo Vera Sílvia Magalhães, Caixa 1, Documentos Pessoais II (Relatórios médicos).
[1601] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 12/09/1998, fita n. 19, lado a, transcrição p. 2.

perdido a noção temporal nesse período, apontavam para uma duração de cerca de 18 meses.[1602] Outras, como a de Carlos Henrique, apontam para mais de dois anos.[1603]

Seja como for, para Vera parecia intransponível. Perturbavam-na, incessantemente, episódios maníacos, delírios e alucinações. Em vertigem, torturadores, José Roberto, perseguições e vigilâncias permanentes de órgãos de inteligência. Potencializando-os, a insônia. Por longas noites, Vera passou a realizar limpezas inusitadas da casa pela madrugada adentro. Nada parecia conter a crise. Joana, ao relembrá-la, apontou que, diante da excitação de Vera, chegou a ficar doze dias sem conseguir dormir.[1604] Era insustentável. Joana, assim, tomou a decisão de avisar Carlos Henrique. Vera tentou impedi-la. Queria poupá-lo. A partir deste período, com a recorrência dos problemas de saúde, Vera passou a minimizá-los quando em contato com Carlos Henrique. Contudo, Joana, diante da gravidade, avisou-o.

Tentando auxiliar como podia, Carlos Henrique foi ao Rio. Ali, contratou um enfermeiro para acompanhá-la em tempo integral. Ao longo desse período, foram vários cuidadores e acompanhantes terapêuticos diferentes. A rotatividade indicava a dificuldade. Os amigos se revezando como podiam, tentando conciliar o cuidado com Vera e as obrigações laborais e familiares. Quando ausentes, Vera fazia questão de telefonar durante a madrugada, acusando-os, ironicamente, de terem se tornado "caretas" por dormirem cedo. Entretinha-os e, ao mesmo tempo, os perturbava com sua visão aguçada sobre os mais variados assuntos.

Em determinado momento da crise, Vera foi tomada por uma ideação suicida. Aproximando-se da janela, foi impedida por Joana que percebeu o comportamento estranho. Diante da gravidade, mesmo com os acompanhantes e enfermeiros, tornava-se impossível mantê-la em casa. Com sua anuência, os amigos, Carlos Henrique e Joana optaram pela internação.

Ao contrário de outrora, quando fora hospitalizada em um hospital regular, desta vez Vera foi internada em uma clínica psiquiátrica no bairro de Botafogo. Era muito doloroso para todos vê-la naquela situação. Visitando-a, os amigos, diante da gravidade inédita, saíam entristecidos. Vera tinha dificuldade em reconhecê-los, lutando contra os delírios, alucinações e sedações. Nos primeiros dias, excitada, não queria comer e nem dormir. Foi convencida, apenas, pela presença incansável de Joana.

[1602] Ibid., p. 3.
[1603] MARANHÃO, Carlos Henrique. Entrevista concedida a Higor Codarin, via aplicativo de mensagens, 4 de maio de 2023.
[1604] DOS SANTOS, Joana. Entrevista concedida a Higor Codarin. Rio de Janeiro, 3 de agosto de 2019.

Desde a volta ao Rio, Vera se tornara completamente dependente da presença dela, algo que rompia uma relação saudável de trabalho. Nesse período de mais de uma década, Joana não havia tirado férias, algo absurdo. A essa altura, havia conseguido trazer seus filhos para o Rio. Contudo, tinha pouco tempo para viver com eles. Era uma relação difícil, descrita por Joana como "carma". No entanto, tomada pela dubiedade, era também permeada pelo afeto e companheirismo: "A gente se completava. Brigava e sorria. Vera me ajudou a criar meus filhos. Ensinou-os a ler. Me ajudou muito financeiramente."[1605]

Depois de algum tempo, controlada a fase maníaca, Vera teve alta hospitalar. Em novo apartamento, também no Leblon, localizado na rua Rita Ludolf, enfrentaria a fase depressiva da crise. Interminável, durou, de acordo com os relatos, cerca de seis meses. Foi um período tomado pela solidão. Vera ficou completamente reclusa: "Ninguém conseguia me tirar de casa. Não comia, não telefonava para os amigos, não queria visitas. Foi o único momento da minha vida que eu não quis me expor. Me reduzi à equipe técnica do Robalinho."[1606]

Apartada do mundo pela crise, Vera tampouco acompanhou o desastre do governo de Collor. Inebriado pela conjuntura internacional, o presidente adotava, economicamente, um reformismo liberal, pautando um processo de privatização das empresas estatais e, de modo geral, afastando-se da tradição nacional-estatista de outrora. Buscando responder à conjuntura econômica, costurou um conjunto de soluções ineficazes que acabaram por ceifar seu apoio popular, seja pelo confisco das poupanças, ou pelo imbróglio envolvendo a correção do valor das aposentadorias. Na confluência entre a corrosão do suporte popular, dos casos de corrupção que o atingiam pessoalmente e do titubeante apoio no Congresso Nacional, Collor sofreu *impeachment* em dezembro de 1992.[1607] O primeiro presidente eleito de forma democrática após a ditadura não completava seu mandato. Assumia a presidência seu vice, Itamar Franco.

Na aurora de 1993, a crise havia sido superada. Depois de um longo período, Vera tentava retomar sua vida, embora tivesse dificuldades em saber por onde começar. Retomava os contatos com os amigos e voltava ao trabalho. Algumas sequelas, no entanto, habitavam seu cotidiano, acrescendo novas dificuldades. Além de acompanhantes e enfermeiros, novos medicamentos e novas dosagens de velhas drogas faziam-se presentes. Àquela altura, além do lítio e do hormônio para a tireoide, Vera ingeria diariamente antipsicóticos (levomepromazina),

---

[1605] DOS SANTOS, Joana. Entrevista concedida a Higor Codarin. Rio de Janeiro, 3 de agosto de 2019.
[1606] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 05/09/1998, fita n. 16, lado a, transcrição p. 12.
[1607] Para maiores detalhes sobre o governo Collor, cf. SALLUM JÚNIOR, Brasilio. O governo e o *impeachment* de Fernando Collor de Mello. *In*: FERREIRA; NEVES DELGADO, 2018, p. 163-192.

antidepressivos (lorazepam) e indutores do sono (flunitrazepam e zopiclona).[1608] Com eles, efeitos secundários, físicos e mentais, em profusão. Segundo as bulas, os efeitos adversos promoviam desde alterações na coordenação motora e fraqueza muscular a tonturas e diminuição na capacidade de concentração e atenção.

Assim, na intersecção entre a vultosa crise e as medicações, aprofundava-se o estranhamento de Vera e sua sensação de impotência diante da realidade vertiginosa. Embora houvesse tentado retomar o projeto de pesquisa sobre a DI-GB para ingresso na pós-graduação, não conseguiu concluí-lo. Restou um esboço.[1609] Refletindo sobre essa impotência de escrita, Vera apontava para a insegurança provocada pela loucura:

> A sensação da loucura é que você vai morrer. A relação com o instinto de morte, sair do real e decolar. Delirar e apagar o real. Eu voltei, mas voltei com uma insegurança enorme. Por que eu não fiz doutorado? Porque eu acho que o que eu vou escrever não vai corresponder ao que eu teria escrito antes de ter vivido essa questão da loucura.[1610]

Além da insegurança e impotência, Vera, nesse período, seria acometida pela triste notícia de falecimento de Helinho, vítima da dependência de álcool. A morte do grande amigo, que oferecera guarida na Alemanha e fora tão presente nos momentos mais felizes e difíceis, aprofundava sua desilusão.

Todo esse estado de espírito de Vera ficaria mais que evidente em uma nova entrevista concedida em janeiro seguinte. Uma vez mais abria as portas de sua casa aos acadêmicos, agora à historiadora e então doutoranda, Denise Rollemberg. Além das informações factuais a respeito da trajetória exilada de Vera, objetivo da entrevista, a conversa é sintomática da ampliação do cansaço melancólico dela diante do presente, ressaltando os influxos e intersecções entre o estranhamento, a loucura e a fragilidade física em sua vida.

Refletindo sobre a vida pós-exílio, Vera apontava para uma espécie de exílio interminável, demonstrando seu estrangeirismo: "Não sei como vou atravessar, individualmente, esse grande impasse que é de não achar o Brasil o meu país. Não tenho nenhum sentimento de identificação patriótica. Tenho um certo exílio interno."[1611]

[1608] CUNHA GOMES, Lucy. Laudo médico pericial. Mimeo. 10f. 2003, p. 3. *In*: *Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro*. Fundo Vera Sílvia Magalhães, Caixa 1, Documentos Pessoais II (Relatórios médicos).

[1609] MAGALHÃES, Vera Sílvia. O problema. mimeo. 5f. 1994. *In*: *Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro*, Fundo Vera Sílvia Magalhães, Caixa. 2, Escritos e Projetos, doc. 2.

[1610] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 05/09/1998, fita n. 16, lado a, transcrição p. 12.

[1611] MAGALHÃES, Vera Silvia. Entrevista concedida a Denise Rollemberg. *In*: *Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI-UFF)*, política no Brasil: Exílio, 1994, fita 2, lado b.

Buscando razões para explicá-lo, encontrava-as nas dificuldades em refazer um projeto de vida. Ressaltava, assim, o vácuo deixado pelo projeto derrotado da luta armada: "Perdi o miolo da minha vida."[1612] "Me falta uma atividade que desse continuidade ao que eu fiz."[1613]

Na esteira, conjecturando sobre as razões pelas quais recusava a militância política no retorno ao Brasil, especialmente no seio do PT, Vera apontava fatores explicativos novos. Além da clivagem entre sua utopia revolucionária de outrora e os sonhos limitados à esfera das possibilidades institucionais, Vera, ao seu modo de buscar raízes psicológicas para as opções políticas, sublinhava, também, a importância dos traumas individuais e de sua fragilidade mental:

> Não gosto das instituições. Acho uma chatice. Uma reunião já me dá nervoso. Tenho vontade de sair, não consigo. Definitivamente não consigo. [Pode ser também que] isso tudo me traga coisas, recordações e vivencias que eu mesma já não aguento mais. Coisas inteiramente individuais. Vivências que eu não suporto mais. É possível.[1614]

Entre a busca por uma atividade militante, que oferecesse continuidade ao seu projeto revolucionário de vida, e a impossibilidade de se adaptar aos projetos políticos disponíveis, sentia-se perdida. O *ethos* revolucionário que a impulsionara, no passado, em direção a diversas rupturas, acabava por aprisioná-la em uma espécie de limbo político. Reafirmando a importância da experiência da luta armada, Vera ressaltava sua descrença e desilusão diante da totalidade do presente:

> Tenho um lado perdido. Tenho muito acuidade para perceber minhas contradições, de reconhecer as minhas vacilações. De uma certa forma, eu exerço sobre mim um certo entrave.
> Na militância, levando aquilo mais do que a sério. Acho que fui uma das pessoas que foi mais longe nesse processo. E, de repente, eu me dei conta... não que aquilo não tivesse valido a pena, claro que valeu! E valeu muito. Se para o Brasil ficou no pé de página, foi uma pena. Mas, para mim, para quem participou, valeu muito.
> Mas o presente é uma ruptura com tudo isso. Sinto que a minha vida atual é muito esvaziada dessas coisas que eu acreditava. Eu não acredito mais, não adianta fingir. Eu invejo muito aqueles que acreditam no próprio tom de sua voz, da sua palavra. [...] Tenho muita coisa acumulada, experiências, que não sei onde colocar. Pago um preço por isso, por essa falta de crença. Não tenho nenhuma. Fiquei meio perdida. Nunca mais me dediquei a nada.[1615]

Em meados da década de 90, se afastaria, inclusive, do trabalho na Secretaria de Planejamento. Diante dos problemas de saúde recorrentes, Vera ingressou com um pedido de aposentadoria por invalidez. Tramitado, seria concedido em meados de 1996. Com 48 anos, Vera estava impedida de trabalhar. De quase meio século de vida, pouco mais de uma década

---

[1612] Ibid.
[1613] MAGALHÃES, Vera Silvia. Entrevista concedida a Denise Rollemberg. *In*: *Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI-UFF)*, política no Brasil: Exílio, 1994, fita 3, lado a.
[1614] Ibid.
[1615] Ibid.

havia passado na Secretaria de Planejamento. Embora não fosse o trabalho ideal, a partir dali, nem mesmo ele, atravancado e obstaculizado por suas debilidades físicas e mentais, oxigenaria sua rotina. A dureza do tratamento da recidiva do câncer e a última crise bipolar acabavam por minar as poucas esperanças que ainda cultivava a respeito do presente e do futuro.

Sentindo-se cada vez mais desorientada, sua vida era tomada por uma espécie de perpetuidade monótona. Mesmo o ambiente festivo de seu apartamento perdia, gradativamente, a vivacidade. Os dias somavam-se, iguais. Quando "um dia é como todos, todos são como um só."[1616] Ao contrário de viver, durava, sobrevivente a si mesma. Desencantada e desesperançada, vivia uma vida entediada e entediante. Diante do vazio de projetos, objetivos e crenças, potencializados pelas dificuldades impostas por sua saúde, Vera, a exemplo do poema de Álvaro de Campos, sentia-se como um fósforo frio. Da chama viva de outrora, restava a frieza do que fora e já não era.

A "brevidade mórbida do tempo", como apontava Thomas Mann em seu livro favorito, era rompida, somente e parcialmente, através do olhar para o passado. Lampejos de vitalidade faziam-se presentes, sobretudo, em momentos e eventos em que Vera era levada, de volta, ao período de sua militância política. Através dele, como uma espécie de espelho, reconhecia-se, reencontrava-se, ao passo de um reconhecimento, também, social.

O primeiro deles aconteceria em 1995, diretamente relacionado ao governo recém-empossado de Fernando Henrique Cardoso.

Eleito presidente na esteira de seu trabalho como Ministro da Fazenda de Itamar Franco, sendo considerado responsável pelo controle do processo inflacionário e da turbulência econômica brasileira através das medidas que ficaram conhecidas como Plano Real, Fernando Henrique Cardoso ampliou a utilização do receituário neoliberal como meio de superação da crise que se arrastava desde a década de 80. Como aponta Marly Motta: "Na avaliação dos tucanos, a chave do problema da inflação residia no déficit crônico do Estado. O combate ao processo inflacionário deveria, portanto, articular-se estrategicamente com as privatizações e a redução dos gastos públicos."[1617]

Fiel a essa avaliação, seu governo seria marcado pela continuidade da política econômica iniciada no Ministério da Fazenda, como evidenciou o próprio FHC em seu discurso de despedida do Senado, pouco antes de assumir a Presidência, em dezembro de 1994:

> Eu acredito firmemente que o autoritarismo é uma página virada da história do Brasil. Resta, contudo, um pedaço de nosso passado político que ainda atravanca o presente

[1616] MANN, 2016, p. 123.
[1617] MOTTA, Marly. A estabilização e a estabilidade: do Plano Real aos governos FHC (1993-2002). *In*: FERREIRA; NEVES DELGADO, 2018, p. 219-254. p. 227.

> e retarda o avanço da sociedade. Refiro-me ao legado da Era Vargas, ao seu modelo de desenvolvimento autárquico e ao seu Estado intervencionista.

Acabar com o legado nacional-desenvolvimentista era a consigna. Embora fossem criticadas e condenadas por Vera – que havia, como sempre, votado em Lula na disputa presidencial – as políticas de austeridade de FHC, nos estertores de 1995, não eram o centro de sua atenção.

Com a promulgação da Lei de nº 9.140, em dezembro, estabelecia-se uma nova etapa na relação entre o Estado e seu passado ditatorial. Especificamente para Vera, a lei acabava por tocar em um ponto sensível de seu passado: o assassinato de José Roberto.

Conhecida como lei dos desaparecidos políticos, a Lei de nº 9.140 é, como apontou Marcos Napolitano, momento-chave na construção de uma "política de memória"[1618] em relação aos perseguidos pela ditadura. Como uma "lei-memória", o Estado brasileiro, inaugurando uma nova fase na construção da memória coletiva a respeito da ditadura, reconhecia os crimes de assassinato cometidos pelo estado, em especial, em relação às pessoas consideradas desaparecidas em virtude de sua atividade política entre os anos de 1961 e 1979.

Embora tímida, mantendo intacto o pacto conciliatório que pautara a promulgação da lei da Anistia e o processo de redemocratização[1619], a lei era o reconhecimento, formal, de que o Estado havia perseguido, assassinado e, em não poucos casos, desaparecido com o corpo de opositores políticos. Para além, vislumbrava-se a criação de um Comissão para analisar pedidos de inclusão de nomes na lista de mortos e desaparecidos ao longo do período, como também ficava estabelecido um mecanismo indenizatório como política de reparação aos familiares.

Cerca de um mês depois da promulgação da lei, em 25 de janeiro de 1996, a mãe de José Roberto, Szjana Spiegner, entrou com o pedido de reconhecimento do assassinato dele perante a Comissão Especial constituída.

[1618] Como aponta o próprio Napolitano: "As políticas de memória são ações deliberadas e estabelecidas por governos ou atores políticos e sociais (ou pela interação de ambos) e se constitui como política de Estado quando consegue se institucionalizar e ter alguma chancela das principais forças político-partidárias em um determinado ambiente político. As políticas de memória visam "conservar, transmitir e valorizar" as lembranças consideradas significativas para modelar uma determinada identidade social e política, bem como estabelecer formas de representação pública da memória oficializada." Para maiores detalhes, cf. NAPOLITANO, 2015, p. 27.

[1619] Primeira evidência da conciliação proposta reside na temporalidade na qual está circunscrita a lei. Estabelecendo como limites os anos de 1961 e 1979 não se reconhece, oficialmente, que o Brasil passou por um golpe de Estado que instalou uma ditadura. Por outro lado, no próprio corpo da lei, fica evidenciado o caráter conciliatório e pactual, em uma referência explicita à lei de anistia: "A aplicação das disposições desta Lei e todos os seus efeitos orientar-se-ão pelo princípio de reconciliação e de pacificação nacional, expresso na Lei nº 6.683, de 28 de agosto de 1979 - Lei de Anistia."
Para maiores detalhes, cf. BRASIL. *Lei nº 9.140, de 4 de Dezembro d 1995*. Brasília, DF: Planalto, 1995. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9140compilada.htm. Acesso em: 20 de junho de 2023. Para uma análise a respeito do caráter conciliatório da lei, cf. NAPOLITANO, op. cit., 2015.

Vera acompanhou com atenção o processo. Próxima do grupo "Tortura: Nunca Mais", uma das instituições responsáveis pelo levantamento de informações sobre o caso de José Roberto, Vera, neste período, aproximou-se, inclusive, da família Spiegner. Embora reconhecesse que era um contato doloroso, procurou a irmã de José Roberto, Marilene. Encontraram-se no apartamento de Vera, que havia se mudado, àquela altura, para a Praia do Flamengo. Ao relembrar o encontro, Marilene apontou o peso de José Roberto na vida de Vera. Surpreendeu-se com um retrato do irmão em cima da cama dela. Na conversa, percebera o passado impassável: "Vera falava no José Roberto como se o que havia acontecido anos atrás tivesse acontecido ontem."[1620]

Apesar de doloroso, cerca de três meses depois, em abril de 1996, a Comissão Especial reconheceu, oficialmente, que José Roberto havia sido assassinado pelos órgãos repressivos ligados ao Estado.[1621] Para Vera, o reconhecimento, apesar da não punição aos culpados, não deixava de ser um acerto de contas com o passado. Na medida do possível, em meio a uma democracia parcial, pactuada e conciliada, era algo significativo.

Neste mesmo período, entre os anos de 1996 e 1997, Vera faria outras duas viagens ao passado. Juntas, inauguravam uma nova perspectiva em sua vida. Refletiria sobre seu passado no espaço público, oferecendo entrevistas a grandes órgãos de comunicação.

A primeira delas foi uma entrevista concedida à apresentadora Marília Gabriela, em seu *Marília Gabi Gabriela*, transmitido pela Central Nacional de Televisão (CNT), em horário nobre. Àquela altura, Marília Gabriela, recém-saída da TV Bandeirantes, havia sido contratada com o maior salário da televisão brasileira, algo que denota a importância da apresentadora e de seu programa.

Antes da entrevista, efetivamente, começar, exibiu-se um vídeo com uma montagem de fotos de Vera. Em meio a elas, uma frase, em tom de curiosidade, ressaltava a identidade pela qual Vera era reconhecida: "única mulher que sequestrou o embaixador norte-americano". Ao apresentá-la aos telespectadores, Marília Gabriela demonstrou surpresa com sua trajetória de vida: "Confesso que nunca vi uma ficha tão impressionante."[1622]

Em uma conversa de pouco menos de uma hora, a apresentadora repassou grandes temas da vida de Vera, com especial ênfase na luta armada. A curiosidade de Marília Gabriela com

---

[1620] SPIEGNER, Marilene. Entrevista concedida a Higor Codarin, via telefone, 15 de janeiro de 2021.
[1621] COMISSÃO ESPECIAL SOBRE MORTOS E DESAPARECIDOS POLÍTICOS. Processo nº 066/96. José Roberto Spiegner. 1996, p. 40. *In*: *Arquivo Nacional*, *Fundo Comissão Especial sobre mortos e desaparecidos políticos.* Código de referência: BR DFANBSB AT0.0.0.431 Acesso em: 20 maio 2023.
[1622] Não foi possível localizar a data exata da reportagem. O programa, gravado, consta em um cd-rom que integra o acervo pessoal de Ana Lúcia, irmã de Vera.

os "nomes de guerra", as ações armadas e, especificamente, a captura do embaixador simbolizando as curiosidades da sociedade.

Embora fossem perguntas algo rasas, em que Vera, por vezes, oferecia respostas mais complexas do que as esperadas pela apresentadora, é possível notar a vivacidade dela ao falar sobre o passado. Passeando sobre o período da militância política, Vera recuperava uma espécie de empolgação. Ao contrário da melancolia e desilusão, o passado, apesar dolorido, fazia-se uma centelha de vida.

Ao fim, realizando um balanço sobre a experiencia da luta armada, confirmava-se a visão crítica de Vera, como também sua perspectiva em não renegar seu passado. Embora defendesse que o projeto da luta armada fora um projeto político autoritário, resumido a ações armadas e não a uma experiência, efetivamente, guerrilheira, Vera afastava-se da ideia de resistência democrática, enfatizando o caráter socialista de sua militância: "O bonito da nossa geração é isso. A gente fez o que pôde. Queríamos construir o socialismo. Acreditávamos no socialismo."

Pouco tempo depois da entrevista na CNT, os holofotes da grande mídia voltariam a iluminá-la. Desta vez, em ocasião do lançamento do filme *O que é isso, companheiro?*, adaptação para o cinema do livro de Gabeira.

Centrado na ação de captura do embaixador norte-americano, o filme dirigido por Bruno Barreto causou frisson. Realizado sob considerável e confortável soma de recursos financeiros, foi amplamente divulgado. Apesar da combinação entre realidade e ficção, o filme adquiriu, em meio à curiosidade da sociedade sobre o tema, aspectos de verdade histórica. Os próprios participantes do filme o viam assim, como apontou a atriz Fernanda Torres, uma das protagonistas: "Precisamos atingir os jovens, eu não aprendi nada disso na escola, o cinema tem de ajudar o brasileiro a descobrir a complexidade da história recente do país."[1623]

Estreando em abril de 1997, Vera assistiu-o logo em seguida. No cinema, revoltou-se com as falsificações históricas que, ao contrário de auxiliar na descoberta da complexidade da história do país, acabavam por realçar estereótipos depreciativos a respeito da ação dos militantes da luta armada.

Para interpretar Vera, o filme optou por incorporar duas mulheres, representadas em Claudia Abreu e Fernanda Torres. Dissociadas, as personagens simbolizavam dois momentos fundamentais e distintos da vida dela. A primeira, responsável por realizar o levantamento da ação de captura. A segunda, ressaltando a tortura e a paraplegia posterior.

[1623] TORRES, Fernanda apud RIDENTI, Marcelo. Que história é essa? *In*: AARÃO REIS *et al.* 1997, p. 27.

Em determinado momento do filme, a personagem de Claudia Abreu, diante da necessidade em conseguir informações a respeito dos horários do embaixador, acaba por seduzir e transar com o chefe de segurança para obtê-las. Depois, fragilizada, liga para o pai em busca de consolo, sem poder contar-lhe a verdade. Sob a proteção da liberdade ficcional, alterava-se a realidade. Nessa cena, em meio ao silêncio da sessão, Vera gritou, revoltada, que aquilo não havia acontecido. Embora o filme não se propusesse a ser um retrato fiel aos eventos históricos, representar a atuação de Vera e, no limite, a presença feminina nos grupos de luta armada nesses termos, era optar por uma imagética não condizente com a atuação de Vera e demais mulheres naquele período. Mais. Resumia-se, ali, a ação das mulheres ao papel de sedução. Sexualizadas, serviam à revolução apenas com seus corpos, objetificados.

Ao longo da sessão, cotejando, a cada cena, o passado com sua representação cinematográfica, Vera indignava-se com as reconstruções e falsificações. Para além da cena de sexo com o chefe de segurança, indignou-se, sobretudo, com a humanização dos torturadores e a desumanização dos militantes políticos, como era o caso da representação feita de Virgílio Gomes da Silva, o "Jonas". Ao sair da sessão, esbravejou. Achou o filme um desastre.

Com o filme, a luta armada voltou ao debate público. Com seu retorno, Vera, uma das protagonistas daquela história, passou a ser requisitada pelos jornalistas. Foi entrevistada por diversos jornais diferentes, incluindo *O Globo, O Estado de S. Paulo* e *Jornal do Brasil.* As entrevistas todas tinham o mesmo teor. Buscavam informações que comparavam realidade e ficção, como também incentivavam Vera a falar sobre sua prisão e tortura. Por um lado, Vera não poupava repulsa ao filme, como na entrevista concedida ao *Jornal do Brasil:* "Em nenhum momento há a preocupação de dizer a que nós viemos. Parecia um ato de doidivanas. Os revolucionários são estereotipados, quase uns idiotas."[1624] Por outro, atendia às perguntas sobre a ação de captura do embaixador e as torturas que sofrera, oferecendo detalhes sobre a ação e a respeito da brutalidade de seus torturadores.

Embora decepcionada com sua representação no cinema, as viagens ao passado indicavam uma nova relação de Vera com sua vida militante. Da recusa ao olhar para o passado traumático, simbolizada na tentativa de retorno anônimo ao Brasil, Vera reconstruía pontes com o tempo longínquo da busca pela revolução brasileira. Retornar à juventude, à luta armada, a sua Ítaca perdida, era uma forma – talvez única – de reencontrar sua identidade e de recuperar um lugar na sociedade brasileira.

Sedutores, o reencontro e reconhecimento, porém, eram carregados de contradições.

[1624] JORNAL do Brasil, 2 maio 1997, p. 66. Disponível em: http://memoria.bn.br/. Acesso em: 20 mar. 2023.

Ao mesmo tempo em que era reconhecida, chamada ao debate público, percebia a fragilidade desse reconhecimento. A curiosidade estéril a respeito da luta armada e da captura do embaixador norte-americano, descoladas de seus aspectos revolucionário e disruptivo, acabavam por reservar, também a Vera, uma espécie de lugar social que, além de exótico, era permeado pela domesticação e inofensividade. Neste sentido, ao mesmo tempo em que falar sobre o passado era, por um lado, reconhecer-se e ser reconhecida socialmente, por outro, recontar o período da militância política naquela conjuntura era, também, percebê-lo como irreconhecível por aquela sociedade. Assim, ampliava-se, contraditoriamente, seu estranhamento.

A essa altura, Vera havia se mudado novamente. Agora, passara a morar na avenida Rainha Elizabeth, 559, na região limítrofe entre os bairros Copacabana e Ipanema. De menor dimensão quando comparado aos apartamentos anteriores, a nova moradia dizia respeito à nova realidade financeira de Vera. Os recursos enviados por Carlos Henrique rareavam em meio às suas próprias dificuldades enfrentadas em Recife. Assim, Vera, com a parca aposentadoria que recebia, teve de alterar seu estilo de vida.

A mudança de apartamento afastou, também, algumas presenças constantes no seu cotidiano. A dinâmica vivaz do apartamento parecia se ressentir da falta de dinheiro. A despeito dos amigos de sempre, que se mantinham, como era possível, na vida de Vera, alguns desapareceram quando o volume de recursos não se fazia mais presente.

Em meados de 1998, diante das dificuldades todas enfrentadas por Vera e, ao mesmo tempo, da curiosidade que sua trajetória despertava, um grupo de amigos propôs a ela que escrevessem sua biografia. Idealizado por Daniel Aarão Reis, Gloria Ferreira, Leilah Landim e Arnaldo Chain, o projeto buscava realizar uma espécie de autobiografia de Vera, balizado por um conjunto de entrevistas a ser realizado com a protagonista.

As amigas e amigos ressentiam-se da falta de perspectiva na vida de Vera. A maioria deles – e não apenas os que propunham a biografia – encontravam novos e animadores projetos. Encontravam seus lugares na sociedade brasileira. Tornavam-se críticos de arte, professores universitários, jornalistas, escritores, cineastas e políticos. Em meio à vertigem dos projetos que, inclusive, acabava por impor distâncias ao convívio com Vera, buscavam auxiliá-la em alguma atividade que lhe desse sentido.

De todo modo, Vera animou-se com o convite e topou. A partir do aceite, abriu sua casa e suas memórias aos amigos entrevistadores. Em 15 encontros, distribuídos entre os meses de julho e setembro, Vera era estimulada pelos amigos a revisitar suas lembranças. No total, quase

33 horas foram gravadas nos encontros que passeavam pela sua vida, rememorando suas vitórias e derrotas, tristezas e alegrias, além das crises bipolares e dos problemas de saúde.[1625]

Uma vez mais, as viagens ao passado arejando, provisoriamente, sua vida. Daniel, ao relembrar do projeto, apontou para esse aspecto: "Ela revivia naqueles momentos. Todo mudo gostava de ouvir e ela gostava também."[1626]

Embora renascesse através do passado, os depoimentos sublinhavam suas dificuldades. Além dos estranhamentos todos, citados nas entrevistas anteriores, destaca-se a rotina entediada de sua vida sem objetivos, povoada pelo desânimo e pela crise de identidade:

> Não tenho cotidiano. Existem pessoas que sabem fazer um cotidiano, um ritual. Não tenho ritual. Hoje é sábado. Tanto faz, para mim, se hoje é sábado, segunda ou terça. Eu não tenho ritmo. Isso é uma coisa perigosa. Para mim é uma coisa perigosa. [...] Eu não sei como é que eu vivo sem nenhum cotidiano. Não sou uma pessoa que me autoalimento. Meu espelho é muito quebrado. Nem olho para o espelho.[1627]

A crise de identidade e a falta de cotidiano sublinhando seu cansaço. O peso da vida tomando proporções insustentáveis. A essa altura, em outro dos encontros, Vera relacionou-os à possibilidade de suicídio, indicando a importância de Felipe para manter-se viva:

> Eu associava a militância à minha vida. E associo até hoje. Tanto é que eu não consigo fazer porra nenhuma da minha vida. É normal uma pessoa como eu, que leu, estudou, não ter trabalho, não ter objetivo e não ter cotidiano? Não me mato porque tenho meu filho. Essa frase é ridícula, mas é exatamente o que me prende no mundo.[1628]

Depois das entrevistas, passou-se à discussão sobre como elaborar o texto. Nesse ínterim, em março de 1999, assinaram um contrato com a editora Record para publicá-lo. Definiu-se, inclusive, o título: *A Vera*. Contudo, diante da necessidade em estabelecer o rumo da escrita do texto, divergências entre os membros do grupo se avolumaram. Os conflitos perpassavam desde a estilística a temas interditos que não deveriam ser incorporados à redação final. Obstaculizando seu avanço, as divergências atingiram o paroxismo. O projeto foi abandonado.

Embora não estivesse relacionado a Vera, o abandono do projeto tornava-se mais um objetivo inacabado em sua vida.

[1625] Como indicado na introdução, tive acesso, apenas, às transcrições realizadas. No entanto, no fundo relacionado a Vera no Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, consta uma planilha manuscrita com o total de encontros e minutagem das entrevistas. Para maiores detalhes, cf. *In*: *Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro*. Fundo Vera Sílvia Magalhães, Caixa 2, doc. 2 (Projeto Livro Coletivo "A Vera").

[1626] AARÃO REIS, Daniel. Entrevista a Higor Codarin. Rio de Janeiro, 19 de setembro de 2019.

[1627] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 05/09/1998, fita n. 16, lado b, transcrição p. 18.

[1628] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida a Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. *Arquivo pessoal de Gloria Ferreira*, 18/07/1998, fita n. 1, lado b, transcrição p. 31.

A frustração com a não realização do livro não era seu único problema. Alcançando níveis preocupantes, sua saúde se deteriorava. No crepúsculo do século, somavam-se, incontáveis, as adversidades em sua vida.

Apesar do controle medicamentoso das crises bipolares, que não apareciam desde o início da década, e da ausência de sinais de retorno do linfoma, Vera desenvolveu novas enfermidades. Crises de convulsão e desmaios súbitos despontaram, demandando a utilização de anticonvulsivos. Além deles, e ainda mais grave, uma pneumonia revelaria um enfisema pulmonar.

Novos problemas, novas drogas e novos efeitos colaterais. Um ciclo que se repetia, sem fim. Eliane Longo, uma das amigas responsáveis pelo controle das medicações, apontou que, ao todo, eram quase 50 comprimidos ao dia, divididos entre manhã e noite. Acordava e dormia através dos remédios.[1629] A insônia, indomável, ignorava a presença dos medicamentos, fazendo-se uma companhia permanente e indesejável. O corpo de Vera, tamanha a exposição às drogas, insensibilizava-se a elas, resistindo aos seus efeitos esperados.

Diante desse contexto, seu médico, em julho de 1999, detalhou a situação de sua saúde. Em uma espécie de linha evolutiva dos problemas, apontava o surgimento de novas enfermidades e concluía atestando a extrema fragilidade da saúde de Vera:

> Ao longo dos anos e, como subproduto dos tratamentos quimioterápico e psiquiátrico, desenvolveu anemia não-responsiva aos métodos usuais e obesidade.
> Em suma, essa paciente desenvolveu ao longo dos anos uma quantidade realmente impressiva de situações médicas graves e, potencialmente letais, fazendo corpo pensar que suas condições físicas e mentais tenham se tornado extremamente frágeis.[1630]

Diante da pletora de enfermidades e tentativas de tratamentos, Vera não abandonaria hábitos prejudiciais. Diante do quadro de enfisema pulmonar, era imperativo que renunciasse ao cigarro. Os amigos, cientes dos perigos, pressionavam-na, constantemente, a abandonar o vício. Vera se irritava. Definia-o como um dos últimos prazeres mundanos que lhe restara. Fumava de forma impassível, irrenunciável. Além do cigarro, a companhia inseparável da Coca-Cola. Aos olhares de alguns amigos, era um comportamento autodestrutivo consciente. O encontro com a morte como algo desejado, diante da desesperança completa.

Acompanhando a distância o martírio de Vera, Felipe, na aurora do novo século, decidiu voltar a morar com a mãe. Além de tomar parte nos cuidados da saúde dela, o filho, com mais de vinte anos, tornava-se uma companhia. Semelhantes nos hábitos noturnos, passavam noites em claro, conversando. Vera gostava de ouvi-lo. Era um alento.

[1629] LONGO, Eliane. Entrevista concedida a Higor Codarin. Rio de Janeiro, 9 de maio de 2019.
[1630] DE PAIVA, Pedro Henrique. Relatório médico sobre Vera. 1f. 1999 *In*: *Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro*. Fundo Vera Sílvia Magalhães, Caixa 1, Documentos Pessoais II (Relatórios médicos).

Embora Felipe trouxesse alegria, a vida se tornava mais dura financeiramente. As consultas médicas e os medicamentos, em meio ao rarear de recursos, impactavam seu orçamento. A aposentadoria por invalidez mal possibilitava fechar as contas. O aluguel do apartamento da avenida Rainha Elizabeth havia ficado caro. Tornava-se imperativo uma nova mudança, agora para um apartamento de dimensões bastante modestas, localizado na rua Joaquim Nabuco, em Copacabana.

Daniel Aarão Reis, ao visitá-la na nova casa, relembrou o impacto: "Vivia em um vazio existencial". Além dele, impactava-se com as dificuldades financeiras, representadas, especialmente, nos móveis. As dimensões da mobília de Vera, acumuladas ao longo da vida no Rio, diziam respeito aos apartamentos em que ela havia morado. Espaçosos, eram móveis que atendiam à dimensão dos antigos apartamentos. Àquela altura, sem dinheiro para comprar novos, Vera doou alguns, enquanto reaproveitava outros para a nova casa. Desproporcionais, acabavam por evidenciar uma incompatibilidade incômoda, disfuncional.[1631]

Os móveis, incompatíveis, impróprios, como símbolos da incompatibilidade da própria Vera. Seus sonhos e projetos do passado como o imenso mobiliário que, sem função, procuravam, inutilmente, lugar na miudeza da vida, submersa em dificuldades. Sem ter lugar para colocá-los, acabavam ficando ali, atravancando o espaço.

Nesse contexto, Vera, por necessidade e vontade, voltou a buscar um emprego. Encontrou-o com a irmã, Ana Lúcia.

Desde 1996, Ana e a psicóloga Roseli Goffman desenvolviam projetos vários através da Organização Não-Governamental que haviam criado, o Centro de Estudos Sócio psicanalíticos - Casa Alto Lapa Santa (CESOP). Inicialmente com um teor mais teórico que prático, a ONG passou a desenvolver projetos sociais na virada do século. No ano de 2001, em parceria com as secretarias estaduais do Trabalho e dos Direitos Humanos do governo de Anthony Garotinho, a ONG criou o projeto "Monitor da cidadania."

Financiado pelo Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT), a iniciativa buscava ressocializar a população carcerária através de um curso chamado "Cidadania, História e Cultura."[1632] Propondo-se como um projeto alternativo à evangelização que ocorre nos presídios, buscava politizar os detentos, inserindo-os no debate político e possibilitando redução de pena. Nesse sentido, segundo apontou Roseli, "Vera Sílvia era nosso trunfo."[1633]

[1631] AARÃO REIS, Daniel. Entrevista a Higor Codarin. Rio de Janeiro, 19 de setembro de 2019.
[1632] O Globo, 9 dez. 2001, p. 31. Disponível em: https://acervo.oglobo.globo.com/. Acesso em: 6 mar. 2023.
[1633] GOFFMAN, Roseli. Entrevista concedida a Higor Codarin, via telefone, 28 de março de 2023.

Em contato com Roseli e a irmã, Vera engajou-se. Passou, a partir dos últimos meses do ano, a frequentar os presídios da cidade, oferecendo palestras e dialogando com a população carcerária.

Júlio Barroso, preso desde 1996 no Complexo Penitenciário de Gericinó, popularmente conhecido como Bangu IV, integrou o projeto. Idealizador do jornal carcerário *Grito de liberdade*, Júlio conhecia de antemão a única mulher que havia capturado o embaixador norte-americano. Como havia lido *O que é isso, companheiro?* e visto a adaptação para o cinema, sabia da existência de Vera. Por isso, ficou espantado quando a viu se apresentar dentro do presídio. Seu espanto admiração e respeito foram partilhados, gradativamente, pelos demais detentos que participavam do curso.[1634]

Durante o curso, Vera ficava em uma sala sozinha com os presos. Sua fala sincera e cheia de palavrões impactava. Além disso, ganhava simpatia imediata deles ao romper com a autoridade dos carcereiros ao fumar e ceder cigarro aos detentos em áreas proibidas. Os presos, desconfiados em aceitar, eram interrompidos pelo humor irônico de Vera. "O que mais pode acontecer se vocês aceitarem meus cigarros? Já estão presos mesmo!"[1635]

Diante de sua personalidade, as informações sobre o curso circulavam nos presídios. Integrantes do curso ansiavam para ouvir a "coroinha doida", como Vera passou a ser conhecida.[1636] O apelido não deixa de ser marcante. Embora permeado por um tom jocoso, é sintomático, também, da maneira como enxergavam-na. Tudo o que havia feito, seu projeto revolucionário, parecia loucura. Estava fora de lugar. Mais que isso. A população carcerária, guardadas as diferenças, não deixava de ser representativa do *povo* que Vera buscava mobilizar para realizar, outrora, a revolução brasileira. E, uma vez mais, não parecia sensibilizar para além de uma curiosidade estéril.

Embora permeado por esse sentimento, os presos a respeitavam. Sentiam uma espécie de gratidão pela disponibilidade em ir ao presídio. Além disso, percebiam-na como uma integrante do grupo. Sua atuação política armada, "criminosa" era compreendida como uma espécie de identidade comum: "Todos respeitavam ela. Quando uma pessoa que não é policial, juiz ou padre se dispõe a ir a uma cadeia, o preso é muito grato. Além disso, quando a galera descobriu que ela já tinha metido a mão em arma e sequestrado, o respeito aumentou."[1637]

[1634] BARROSO, Júlio. Entrevista concedida a Higor Codarin, via telefone, 20 de março de 2023.
[1635] Ibid.
[1636] Ibid.
[1637] Ibid.

Mesmo que Vera fizesse questão de salientar a diferença entre as ações armadas que realizou e os crimes considerados comuns, não deixava de ser uma identidade partilhada. Por intermédio dela, construía laços, reforçando as críticas ao sistema prisional pelo qual havia, também, passado.

Com um mês de projeto, o curso reunia cerca de 500 alunos em oito penitenciárias diferentes. Em entrevista para o jornal *O Globo*, pouco antes da cerimonia de diplomação de alguns deles, Vera ressaltava sua importância: "Nos identificamos muito mais com os excluídos. São eles que merecem o nosso olhar."[1638]

O projeto foi um sopro de vida para ela. Entrar em contato com a população carcerária a mobilizou. Pôde exercer nas prisões a "microfísica do afeto" que teorizava como sua principal atuação política naqueles tempos. Para além, como apontou Roseli Goffman, "alimentou muito a identidade de Vera."[1639] Assim, era mais uma das viagens ao passado que lhe devolvia, mesmo que provisoriamente, um sentido de vida.

Contudo, mesmo no seio do projeto, Vera externava seu cansaço. Nos contatos com ela, Roseli percebia uma espécie de "estado depressivo" constante.[1640] Além disso, pouco tempo depois, em 2002, ano eleitoral, o projeto foi descontinuado.

Diante da insolubilidade de seus problemas financeiros, Vera decidiu, após muita insistência dos amigos e pessoas próximas, ingressar na justiça por um pedido de indenização do Estado, por conta das torturas e perseguição que sofrera nos tempos da ditadura.

Desde a lei de 1995, que previa indenização aos mortos e desaparecidos, discutia-se a respeito de políticas reparatórias aos que, embora estivessem vivos, foram também impactados pelo arbítrio da ditadura. O culminar deste debate foi a promulgação, em maio de 2001, da Medida Provisória de nº 2.151, tornada lei no ano seguinte, que criava uma legislação específica para os anistiados políticos, expandindo o reconhecimento e reparação do Estado a todos os atingidos pelas medidas autoritárias da ditadura.

Nesse contexto, acompanhada juridicamente pelo advogado Paulo Henrique Fagundes, vinculado ao grupo Tortura Nunca Mais do Rio de Janeiro, Vera ingressou com um duplo processo. Demandava pensão da União como reparação pelas torturas sofridas e, também, reparação por danos morais e patrimoniais.

De forma inédita, teve sua demanda deferida. Em abril de 2002, a 23ª Vara Federal do Rio de Janeiro reconheceu que Vera sofreu sequelas em decorrência das torturas e mandou a

---

[1638] O Globo, 9 dez. 2001, p. 31. Disponível em: https://acervo.oglobo.globo.com/. Acesso em: 6 mar. 2023.
[1639] GOFFMAN, Roseli. Entrevista concedida a Higor Codarin, via telefone, 28 de março de 2023.
[1640] GOFFMAN, Roseli. Entrevista concedida a Higor Codarin, via telefone, 28 de março de 2023.

União pagar 20 salários-mínimos – à época quatro mil reais – em forma de pensão mensal.[1641] Era a primeira anistiada a conseguir indenização reparatória do Estado brasileiro. Além disso, pouco tempo depois, em formato de pensão única, receberia a quantia de 60 mil reais pelos danos morais e patrimoniais.[1642]

Embora tenha sido beneficiada pela lei, o fato não era impeditivo para que Vera externasse críticas às suas distorções. A partir de uma regra indenizatória problemática, estabelecendo que os demitidos em virtude do arbítrio do Estado teriam direito a valores indenizatórios de acordo com o salário do mais alto posto que poderiam ter alcançado, algumas indenizações, especialmente de militares, atingiam a casa de milhões de reais. Procurada pelo jornal *O Globo*, Vera criticou: "Não consigo imaginar esses valores. Não acho justo um montante desse para ninguém. Os critérios não deveriam ser esses. [...] Quem reivindicou se baseou na lei, mas ela é questionável. Essas somas me deixam perplexa."[1643]

Para além do pedido de indenização, o ano de 2002 foi movimentado para Vera em virtude da conjuntura política. Pela quarta vez, Lula candidatava-se à presidência da república. E, pela primeira, venceria. Com 61,27% dos votos válidos, o candidato do PT derrotava, no segundo turno, José Serra, representante do PSDB.

Vera, como sempre, votou em Lula em ambos os turnos. Entretanto, sua relação com o PT se tornava, ao longo do tempo, cada vez mais crítica e distante.

Apesar de forjados, como vimos, nas mobilizações operárias radicalizadas do final da década de 70, Lula e o PT, passadas mais de duas décadas, haviam se transformado.

Em meio aos sucessivos sucessos eleitorais, de um partido formado por trabalhadores e para trabalhadores, questionando as estruturas da política institucional, o PT se tornara uma importante máquina partidária e eleitoral. A metamorfose foi significativa, como apontou Daniel Aarão Reis:

> Dos compromissos com os movimentos sociais, à dinâmica absorvente dos calendários político-eleitorais. De um partido de líderes sociais a um partido de parlamentares, de prefeitos, de executivos, de assessores. Do amadorismo romântico das oposições utópicas, ao profissionalismo da *grande política* comprometida com as possibilidades. Da revolução à reforma, à administração, à gestão da República.[1644]

Seguindo e, ao mesmo tempo, indicando os caminhos da metamorfose de seu partido, Lula também operava transformações em si mesmo. Da postura combativa de outrora, surgia o

---

[1641] O Globo, 30 abr. 2002, p. 13. Disponível em: https://acervo.oglobo.globo.com/. Acesso em: 6 mar 2023.
[1642] O Globo, 23 mar. 2003, p. 10. Disponível em: https://acervo.oglobo.globo.com/. Acesso em: 6 mar 2023.
[1643] Ibid.
[1644] AARÃO REIS, 2007, p. 522.

inofensivo *Lulinha paz e amor*. Do enfrentamento aos empresários, emergia a "Carta aos brasileiros", tranquilizando o mercado financeiro e os investidores.

Na conjuntura do "eclipse geral das utopias", compreendendo a política como *arte do possível*[1645], Lula e o PT alçavam-se ao executivo federal a despeito das perspectivas reformistas-revolucionárias de outrora.

Diante da guinada neoliberal realizada pelos governos anteriores, resta óbvio que a vitória de Lula foi comemorada por Vera. No entanto, como ela mesma havia expressado em entrevista ao *O globo* em 1997, não cultivava grandes ilusões com um possível governo liderado pelo PT: "No início, o PT tinha propostas novas. Agora, não. Não tenho ideia do que farei em 1998 [em relação às eleições presidenciais]. Devo votar em Lula, mas acho que não será nada fácil."[1646]

Assim, como se tornara quase uma regra em sua vida, a vitória de Lula possibilitava uma comemoração contida, provisória, pois realçava, também, uma conjuntura desprovida de utopias que parecia tragar a tudo e a todos, sem exceção.

***

Em maio de 2003, Vera foi submetida a uma perícia médica, demandada pela justiça em virtude de recurso apresentado pela União ao seu pedido indenizatório. Além das mazelas físicas, evidenciava-se no relatório seu cansaço melancólico perante a vida e o mundo:

> [...] face inexpressiva, mímica pobre, leve ansiedade, respondendo laconicamente às perguntas formuladas, não encarando o interlocutor. Aos poucos, esboçando um leve sorriso passou a discursar sobre sua vida pregressa como fosse de terceiros, sem demonstrar emoção, sem modulação de voz, quase indiferente, apática.[1647]

Vera distanciava-se, indiferente e apática, da própria vida. Vislumbrando a escuridão abismal entre passado e presente, sentia-se irreconhecível. O futuro deixava de figurar como uma possibilidade. Suas parcas forças, circunscritas à sobrevivência, reduziam-se drasticamente. "Estava num declínio radical e sem expectativas", relembrou o amigo Daniel Aarão Reis.[1648] Os problemas de saúde atingiam o paroxismo. Embora continuasse concedendo entrevistas, valorizando o legado de sua geração, Vera havia atingido um ponto de não retorno.

[1645] A expressão é de Daniel Aarão Reis. Para maiores detalhes, cf. AARÃO REIS, Daniel. O governo Lula: das utopias revolucionárias à política como arte do possível. *Revista USP*, [*s.l.*], n. 65, p. 64-73, 2005. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i65p64-73. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13410. Acesso em: 26 maio. 2023.

[1646] O Globo*,* 7 dez. 1997, p. 3. Disponível em: https://acervo.oglobo.globo.com/. Acesso em: 6 mar. 2023.

[1647] CUNHA GOMES, Lucy. Laudo médico pericial. Mimeo. 10f., 2003, p. 4-5. *In*: *Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro*. Fundo Vera Sílvia Magalhães, Caixa 1, Documentos Pessoais II (Relatórios médicos).

[1648] AARÃO REIS, Daniel. Entrevista a Higor Codarin. Rio de Janeiro, 19 de setembro de 2019.

Felipe, a esta altura principal companheiro cotidiano, relembrou a desilusão de Vera: "Minha mãe estava muito desiludida com a vida. Invertiam-se os papéis, era eu quem a consolava."[1649] Júlio Barroso, em liberdade desde 2003, desenvolveu uma amizade com Vera nesse período. Nos encontros, relembrou uma "angústia enorme" que a habitava, interditando a possibilidade de qualquer tipo de felicidade: "Não via ela rindo. Não se sentia à vontade para se sentir feliz."[1650]

Diante desse cansaço melancólico, a morte despontava como único futuro possível. Desejo oculto, impronunciável, confidenciado por Vera a alguns poucos amigos. Dos sonhos utópicos e revolucionários de outrora, destruídos pela roda viva da história, restava a última renúncia possível, individual, a um mundo caduco que insistia em permanecer.

Semeando seu cansaço, novos problemas de saúde surgiam. Três hérnias de disco acabavam por gerar o deslocamento de três vértebras da coluna, dificultando sua locomoção. A partir dali sua vida, restrita, restringiu-se quase que completamente ao apartamento da rua Joaquim Nabuco. "Ela estava muito isolada. Foi muito ruim esse fim", relembrou Helena Celestino.[1651]

Em uma das poucas saídas nesse período, em julho de 2006, Vera foi a um encontro festivo organizado pelos antigos companheiros de militância estudantil e armada dos anos 60. Nas fotografias, sempre sentada, com uma aparência adoecida e envelhecida, mantinha um olhar vazio.[1652] Alguns, que não a viam há muito, chocavam-se e entristeciam-se.

A vitalidade e vivacidade do passado contrastando com o cansaço do presente, como se Vera representasse, melancolicamente, os sonhos que sua geração ousou sonhar. Envelhecidos e adoecidos, corroídos pela estreiteza imaginativa de um tempo histórico destituído de alternativas, os sonhos esvaziados de sentido como a própria vida de Vera. Ambos fora de lugar, estrangeiros, exilados, incomodados e incomodando.

Na segunda metade de 2007, o enfisema pulmonar se agravara. Vera regurgitou sangue e teve de ser internada, às pressas, no hospital Samaritano, em Botafogo. Ao avaliar o caso, os médicos apontavam para uma severa hemorragia pulmonar. Vera poderia morrer. Inconsciente, no Centro de Terapia Intensiva, era acompanhada, mesmo a distância, por Felipe, Joana, Carlos Henrique, Ana Lúcia, André e pelos amigos todos. Revezavam-se no hospital a espera de notícias, demonstrando a ela a solidariedade de sempre.

[1649] MARANHÃO, Felipe. Entrevista concedida a Higor Codarin. Recife, 15 de julho de 2019.
[1650] BARROSO, Júlio. Entrevista concedida a Higor Codarin, via telefone, 20 de março de 2023.
[1651] CELESTINO, Helena. Entrevista concedida a Higor Codarin, via telefone, 12 de setembro de 2020.
[1652] Arquivo pessoal de Raimundo Arroio, disponibilizado via contato por e-mail.

Sem alternativas, os médicos optaram pela realização de uma lobectomia. Embora arriscado, o procedimento fazia-se necessário. A apreensão tomou conta da sala de espera do hospital. Ansiando por informações, familiares e amigos, em uma linha de comunicação permanente, trocavam mensagens e telefonemas sobre seu estado. Horas depois, a notícia que todos esperavam, chegou. A cirurgia foi um sucesso. Vera havia, uma vez mais, sobrevivido.

Depois de mais alguns dias internada, Vera voltou para casa na segunda quinzena de novembro. A recuperação seria longa, cuidados eram necessários, mas, aparentemente, tudo caminhava bem.

Na noite do dia três de dezembro, Vera recebeu a visita do sobrinho André para o jantar. Com eles, jantaram Felipe e a enfermeira que a acompanhava. Terminada a refeição, André despediu-se de todos e partiu. Felipe, pouco depois, medicado contra a insônia, tentou descansar. Vera, porém, indomável pelo sono, manteve-se na sala. Na madrugada do dia quatro, sentiu sede e pediu água à enfermeira. Entre o pedido e sua satisfação, o coração de Vera, com 59 anos, parou de bater. A morte, que se aproximara inúmeras vezes, conseguiu, enfim, levá-la.

***

Felipe se ocupou de avisar a todos. Joana foi uma das primeiras. Em entrevista a essa biografia, relembrou a cena do filho ao telefone, pálido e mudo, escutando atento a voz do outro lado da linha. Desligada a ligação, Joana, como se soubesse de antemão, perguntou se Vera havia morrido. Ao ter confirmada a especulação, os filhos e ela caíram em pranto. "Lá em casa todo mundo era doido pela dona Vera."[1653]

Avisados, diversos amigos afluíam ao apartamento da rua Joaquim Nabuco. Amparavam, burocrática e afetivamente, Felipe.

No dia seguinte, realizou-se o velório no cemitério São João Batista, em Botafogo. Com a presença de amigos, familiares e personalidades públicas, foi um momento de reencontro. Por uma última e derradeira vez, Vera como aglutinadora de seus afetos.

Poucos foram os discursos. Depois de uma fala do sobrinho André, Carlos Vainer, amigo de tantas décadas, relembrou a vida *a vera* de Vera. Passeando pelo seu companheirismo, solidariedade, afeto e humor inveterado, levou muitos dos presentes ao entremear de choros e risos. Ao longo de seu discurso emocionado, sublinhava, com momentos de vida partilhados, o quanto estavam, todos, perdendo com aquela partida. E, ao mesmo tempo, quão benéfico havia sido conviver na sua presença indelével e revolucionária.

[1653] DOS SANTOS, Joana. Entrevista concedida a Higor Codarin. Rio de Janeiro, 3 de agosto de 2019.

Os jornais *Folha de S. Paulo* e *Estado de São Paulo* destinavam parte de suas páginas para imprimir a vida de Vera, relembrando-a. *O Globo*, embora ressaltasse a objetificação do corpo feminino, dedicou meia página ao seu obituário, sob o título: "Vera Sílvia, a bela rebelde da luta armada."[1654]

Até mesmo o *Pravda*, recriado pelos antigos jornalistas do histórico jornal homônimo, principal órgão de comunicação da extinta União Soviética, relembrava sua vida. Reservando a Vera um lugar na mítica Valhalla, espécie de paraíso da mitologia nórdica reservado aos mais nobres guerreiros mortos em combate, apontava:

> Faleceu hoje, no Rio de Janeiro, a guerrilheira Vera Sílvia Magalhães, combatente contra a ditadura, defensora da liberdade, batalhadora pelo socialismo. [...] Todos os revolucionários, socialistas e libertários brasileiros estão de luto. Vera Sílvia, que foi exilada na Suécia, está agora percorrendo os campos férteis de Valhalla, onde todos nós nos encontraremos um dia.[1655]

Ao contrário dos jornais brasileiros, o periódico russo optara por realçar a atividade militante de Vera. Mais do que a mística de sua beleza, do imaginário da "loira dos assaltos", o arbítrio do Estado, a cadeira de rodas, as torturas indizíveis e as doenças, destacava-se sua principal característica que, simbolicamente, era esquecida pelos obituários brasileiros. Vera fora uma revolucionária. Embora esmaecida pelo tempo, nunca abandonou a perspectiva libertária e utópica da revolução *a vera* que buscou realizar. Como havia forjado e forçado sua entrada em ambientes militantes majoritariamente masculinos, forjava e forçava, agora, seu ingresso no reino, também masculino, de Valhalla.

[1654] O Globo, 5 dez. 2007, p. 21. Disponível em: https://acervo.oglobo.globo.com/. Acesso em: 6 mar. 2023.
[1655] PRAVDA, 4 dez. 2007. *In*: *Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro*. Fundo Vera Sílvia Magalhães, Caixa 1, Documentos Pessoais III (Documentos pós- mortem).

À GUISA DE CONCLUSÃO – AS SOMBRAS DE 1968

"Nossa geração teve pouco tempo
começou pelo fim
mas foi bela a nossa procura
ah! moça, como foi bela a nossa procura
mesmo com tanta ilusão perdida
quebrada,
mesmo com tanto caco de sonho
onde até hoje
a gente se corta."[1656]
(Alex Polari)

Adelbert von Chamisso, representante do romantismo alemão, escreveu, em 1813, *A história maravilhosa de Peter Schlemihl*.[1657] Caracterizada por Thomas Mann como "novela fantástica", a narrativa de Chamisso é centrada nos infortúnios de um homem que vendeu sua sombra. Trocando-a por uma bolsa que multiplica moedas de ouro, Peter Schlemihl passa, então, a ser perseguido e marginalizado por ser um homem sem sombra. "Pessoas decentes costumam levar a sombra junto, quando saem ao sol"[1658], dizia um de seus perseguidores.

Resta óbvio que a sombra, no conto de Chamisso, é metafórica. No entanto, não o é como falsificação, contraposição ao real, à verdade, conforme a tradição platônica iniciada com a *Alegoria da caverna*. Ao contrário. Em prefácio para uma das edições francesas da obra, Chamisso sublinhou, através de uma definição proposta por um tratado elementar de física do século XVIII, o aspecto sólido das sombras.[1659]

Nesta perspectiva, a despeito de uma representação falseada da realidade, a solidez da sombra de um indivíduo – e, também, de uma geração – evidencia-se como sua projeção concreta no mundo. A silhueta como identidade, marca de uma trajetória individual, produzida no encontro entre a opacidade individual e a luminosidade social. Próxima e, ao mesmo tempo, distante da sombra dos demais.

[1656] POLARI, Op. Cit., 1978, p. 18
[1657] CHAMISSO, Aldelbert von. *A história maravilhosa de Peter Schlemihl.* São Paulo: Estação Liberdade, 1989.
[1658] Idem, p. 26.
[1659] A definição apresentada por Chamisso é citada no posfácio escrito por Thomas Mann: "Assim, a sombra propriamente dita representa *um sólido* cuja forma depende ao mesmo tempo da do corpo luminoso, da do corpo opaco e da posição deste em relação ao corpo luminoso." Após a definição, Chamisso continua: "É deste sólido que se trata na história maravilhosa de Peter Schlemihl." Para maiores detalhes, cf. Idem, p. 109.

A sombra de Vera – e de sua geração – foi seu *ethos* revolucionário. Inscrita dentro de marcos referenciais sociais e internacionais, sonhou sonhos audaciosos e ambiciosos. Negando o mundo tal qual ele é, respondia com a proposição de um novo mundo. Ação e sonho como partes de uma mesma prática revolucionária. Coletivo e individual como dimensões distintas, porém indissociáveis, de uma mesma responsabilidade histórica em transformar o mundo.

Através da combinação de contrários que parecia, até então, inconciliável, a revolução, utopia irrealizável, tornava-se possível, iminente, ao alcance dos dedos.

Vera fora uma das expressões mais bem acabadas de sua geração. Como caso-limite, representa a incorporação e manutenção das dimensões contraditórias do *ethos* revolucionário.

Por um lado, como vimos, Vera buscou integrar a um programa de revolução social e política, coletiva, uma revolução individual, existencial. Em um particular entrelaçamento entre a conjuntura radicalizada e revolucionária dos anos 60, seu cotidiano familiar, a curiosidade intelectual por leituras algo heterodoxas do campo teórico marxista e a relação com a psicanálise, Vera concebeu um projeto revolucionário que ultrapassava os limites de uma revolução, apenas, política, embora tivesse a luta armada como sua pedra angular. Forjando e forçando participação em ambientes militantes majoritariamente masculinos, acabava por promover, na prática, uma ampliação da concepção sobre política, embora o fizesse sob as coordenadas históricas de sua época, permeada por contradições e "mal estares sem nome".

Vera, entretanto, não é apenas representativa pelo projeto revolucionário que sua geração sonhou. É, também, pelo estranhamento, desilusão e desesperança com a derrota que se seguiu. Em outras palavras, a trajetória de Vera como feixe exemplar do *mal á l'aise* que passou a habitar, em maior ou menor medida, os corações e mentes dos revolucionários que foram derrotados pela roda-viva da História.

Após a avassaladora derrota, Vera – assim como a ampla maioria de sua geração – , ao modo de Peter Schlemihl, buscava se reencontrar com sua sombra. Reencontrar seu lugar no mundo. Buscou, inclusive, nas tentativas vãs de formular novos projetos, desenhar para si outras sombras, assim como o protagonista de Chamisso demandou, desesperado, a um pintor que refizesse sua marca na terra.

Não foi possível. O ethos revolucionário como uma espécie de espectro, sombra autônoma, rebelava-se contra o ser que a construíra no passado. As maneiras de agir e ver o mundo, "âncora fundamental" de sua identidade, que haviam lastreado sua posição neste

mesmo mundo, tornavam-se, a partir da derrota, obstáculos impeditivos a sua reformulação. A relação com o feminismo, a dificuldade em reencontrar a empolgação de outrora com os vários projetos e trabalhos e, sobretudo, a desilusão com a vida política são as principais manifestações das dificuldades de Vera em se readaptar às novas realidades que se apresentaram.

Aos obstáculos de sua sombra, somavam-se os impostos por sua saúde. A loucura e as doenças físicas amplificando, retroalimentando, a conciliação impossível entre Vera e sua sombra. Assim, gradativamente, Vera, que conferiu "outrora à sombra um ser", via o "ser passar como sombra"[1660]. Em meio ao exílio e, sobretudo no retorno ao Brasil, tornava-se sombra de si mesma. Irreconhecível, fora de lugar, estrangeira.

Sendo um caso-limite, marginal, da trajetória de sua geração, é evidente que Vera não fora a única. Como vimos, os aspectos individuais e coletivos de seu projeto revolucionário foram, embora de forma diversa, incorporados também por outras e outros militantes.

Além disso, a desilusão e desorientação posteriores também se fizeram presentes no cotidiano daqueles que buscaram tomar o céu de assalto. Alguns, diante da clivagem entre os sonhos revolucionários utópicos e as conjunturas desprovidas de revoluções possíveis, acabaram por se encontrar com a loucura, a adicção a drogas e/ou o suicídio. Outros, menos extremados, embora tenham conseguido reencontrar novos lugares na sociedade brasileira, acabaram, também, por sentir essa readaptação parcial, problemática. Como bem sintetizou Arnaldo Chain, justificando a longa citação:

> Como articular uma vida depois de ter se envolvido num processo como esse? É difícil você repor a vida numa condição normal. Vou ser isso, vou ser aquilo. Lutar por uma carreira.
> Todo mundo que viveu essa situação teve seus problemas, suas questões. Essas questões, às vezes, permanecem a vida inteira. Depois que você opta por um processo armado, não tem volta. [Para] muitos companheiros, inclusive para mim. Atualmente, eu não acredito em coisas. Éramos um bando de moleques, mas acreditávamos em coisas.
> Como conciliar, numa boa, um processo do tipo que a gente viveu com um processo democrático em que vemos todas as forças corrompidas, todos os mundos deteriorados. Você vai votar em um candidato? Você é representado numa tribuna? Você que fez uma crítica tão radical, teve uma prática tão radical contra ela? O que qualquer um de nós vai fazer? Ser deputado?[1661]

[1660] CHAMISSO, Op. Cit., 1989, p. 13.
[1661] CHAIN, Arnaldo. Entrevista concedida a Higor Codarin, Rio de Janeiro, 7 de maio de 2019.

Para Vera, as questões postas pelo desengajamento militante, fruto de uma acachapante derrota, permaneceram uma vida inteira. As "ilusões perdidas", os "cacos de sonho" sempre presentes, cortantes, cortando.

Assim, sua trajetória como uma espécie de negativo fotográfico de sua geração, realçando os contornos e contrastes. Através dela, iluminam-se – ou se obscurecem – os caminhos e descaminhos, compassos e descompassos de sua geração com a sociedade que outrora lhe havia cedido terreno para frutificar.

***

Embora sob a penumbra da vastidão de sua marca no mundo, impeditiva do vislumbre da luminosidade de outros caminhos e projetos, Vera, ao contrário de Peter Schlemihl, nunca vendeu a sua sombra. Apesar das críticas, nunca renegou seu projeto revolucionário.

Em uma das entrevistas que concedeu em 2003, ao programa *Memória política* realizado pela Câmara dos Deputados, Vera, ao relembrar o destacamento de uma parcela dos estudantes para a luta armada, apontou:

> Um movimento não mais estudantil, mas um movimento social, de tomada do poder. Era isso o que queríamos, a transformação daquilo em socialismo. E nós não éramos exatamente contra a ditadura. Nós éramos contra a ditadura militar burguesa, mas nós éramos a favor da ditadura do proletariado. Isso ninguém diz. Mas tenho que dizer, faz parte da nossa história.[1662]

Ao falar sobre a perspectiva revolucionária de seu projeto político, Vera tocava em um ponto sensível na construção da memória coletiva sobre a luta armada. Lembrava algo que fora cuidadosamente esquecido: a dimensão revolucionária.

Tamanho fora o esquecimento da revolução na memória sobre a luta armada que, no passado recente, inserido em uma nova fase na memória coletiva sobre a ditadura[1663], este trecho da entrevista de Vera fora rememorado por representantes da direita brasileira,

---

[1662] MAGALHÃES, Vera Sílvia. Entrevista concedida ao projeto *Memória política*. 2003. Câmara dos Deputados. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/a-camara/documentos-e-pesquisa/arquivo/historia-oral/Memoria%20Politica/Depoimentos/vera-silvia-magalhaes/texto Acessado em: 12 de junho de 2023.

[1663] Segundo Marcos Napolitano, inaugura-se, em 2003, uma quarta fase da memória coletiva sobre a ditadura civil-militar brasileira. Para ele, a "[...] nova conjuntura político-ideológica-partidária abalou um espaço sociopolítico (institucional e simbólico) que sustentava a memória hegemônica do regime militar, espaço este que sempre foi conflitivo, mas que não hesitava em defender o aprofundamento da democracia, o protagonismo da sociedade civil e a condenação do autoritarismo da direita. Ao que parece, a memória hegemônica ancorada neste espaço não se diluiu totalmente, mas tem enfrentado questionamentos, tendo que dividir espaço público com memórias inorgânicas e difusas, claramente de extrema direita, que chegaram a esboçar reedições patéticas da "marcha da Família" e de passeatas pela 'volta dos militares', eventos impensáveis antes de 2014/2015." In: NAPOLITANO, Op. Cit., 2015, p. 33.

incluindo Nikolas Ferreira, deputado federal mais votado nas eleições de 2022 e um dos principais nomes atuais da extrema direita no parlamento.

Através de um revisionismo rasteiro de direita, a luta armada era caracterizada como ditatorial e autoritária. Diziam-se representantes da democracia, mas, em verdade, buscavam a sua própria ditadura, segundo os direitistas. A prova estaria no discurso dos próprios participantes. Vera era, assim, utilizada como exemplo.[1664]

Na utilização deste trecho por representantes da "extrema direita facistoide e golpista"[1665], fica evidente, ao contrário de um certo senso comum reinante, que a batalha pela memória não foi vencida pelos vencidos. Ao contrário. O deslocamento para a penumbra do aspecto revolucionário da geração de 1968, com a anuência de parte da própria esquerda brasileira, é a vitória de uma classe social que se beneficia de um mundo desprovido de alternativas. Desprovido de visões de futuro que não sejam a sua reprodução.

Neste contexto, vivemos, ainda, sob as sombras de 1968. Em outras palavras, continuamos contemporâneos de 1968. A coragem de Vera e os demais, de sonhar um outro mundo possível, deve servir de inspiração contra a resignação soberana de um mundo permeado pelo imobilismo presentista. De um mundo no qual aventar a "hipótese comunista"[1666] parece um sacrilégio, inclusive, para setores da própria esquerda, submersos em um pessimismo supostamente inescapável. Que os caminhos e descaminhos de Vera, impressos nessas páginas, possam contribuir, mesmo que minimamente, ao que Enzo Traverso nomeou como "organizar o pessimismo", mobilizando ferramentas para "superar o trauma de um colapso sofrido". A trajetória de Vera como possibilidade de "tirar lições do passado, conhecer uma derrota sem capitular diante do inimigo, com a consciência de que um novo começo tomará inevitavelmente novas feições, diferentes caminhos."[1667]

[1664] Para maiores detalhes sobre o vídeo, cf. https://www.youtube.com/watch?v=7MeFhUVQMeU Acessado em 12 de junho de 2023.
[1665] NAPOLITANO, Op. Cit., 2015, p. 32
[1666] BADIOU, Alain. *A hipótese comunista.* São Paulo: Boitempo, 2012.
[1667] TRAVERSO, Op. Cit., 2015, p. 155

REFERÊNCIAS:

FONTES DOCUMENTAIS:

ACERVO PESSOAL ANA LÚCIA MAGALHÃES

Entrevista Vera Sílvia Magalhães a Marília Gabriela, s.d. CD-Rom.

ACERVO PESSOAL DANIEL AARÃO REIS:

Periódicos:

- CONTACTO*,* ano I, n. 5, jun. 1967, mimeo.

Documentos políticos:

- DISSIDÊNCIA UNIVERSITÁRIA DA GUANABARA (DI-GB). Resoluções da conferência*.* 1967. mimeo.

Correspondências:

- MAGALHÃES, Vera Sílvia. Carta a Daniel Aarão Reis. (a) s.d.
- MAGALHÃES, Vera Sílvia. Carta a Daniel Aarão Reis. (b) s.d
- MAGALHÃES, Vera Sílvia. Carta a Daniel Aarão Reis. Setembro de 1977.
- MAGALHÃES, Vera Sílvia. Carta a Daniel Aarão Reis*.* Novembro de 1977.
- MAGALHÃES, Vera Sílvia. Carta a Daniel Aarão Reis. Dezembro de 1977.

ACERVO PESSOAL GLÓRIA FERREIRA

- Entrevista com Vera Sílvia Magalhães, realizada por Arnaldo Chain, Carlos Zílio, Daniel Aarão Reis
Filho, Glória Ferreira, Leilah Landim e Paulo Sérgio Duarte. 18/07/1998; 20/07/1998; 25/07/1998; 29/07/1998; 31/07/1998; 12/08/1998; 15/08/1998; 22/08/1998; 25/08/1998; 02/09/1998; 05/09/1998; 08/09/1998; 12/09/1998; 25/09/1998. (transcrições)

ARQUIVO DA MEMÓRIA OPERÁRIA DO RIO DE JANEIRO, UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (AMORJ/UFRJ)

Fundo: Organizações de Esquerda (OE)

- Série 02 (Dissidência Comunista da Guanabara)

Documentos da série:

Situação Internacional, 1969.

- Série 03 (Movimento Revolucionário 8 de Outubro)

Documentos da série:

Orientação para a prática, 1971

- Série 07 (Periódicos)

Documentos da série:

Arma da crítica, nº1, 1970

Arma da crítica, especial, 1970

ARCHIVES NATIONALES (FRANÇA)

Fundo : Intérieur; Direction centrale des renseignements généraux.

Dossiers de la section "étrangers"

- Brésil-Algérie. Les quarante refugies politiques brésiliens en Algérie, 1970. Cote :19850087/74.
- Ressortissants brésiliens en France (1964-1978), Cote: 19850087/73.

ARCHIVOS HISTORICOS DE CANCILLÉRIA (ARGENTINA) - Disponível em: http://desclasificacion.cancilleria.gob.ar/userfiles/documentos/Seleccion-Brasil/CRJ01_005.pdf.

- *Remite información sobre Vera Silvia Araujo de Magalahes y Fernando Paulo Nagle Gabeira, periodistas brasileros, ubicados en Argentina.* 1973.

ARQUIVO NACIONAL

Disponível em: https://www.sian.an.gov.br.

Fundo Divisão de Segurança e Informações do Ministério da Justiça

- *Informações do governo brasileiro para esclarecer supostas violações de direitos humanos relatadas em comunicações transmitidas pela Comissão Interamericana de Direitos Humanos, da Organização dos Estados Americanos*, 1970. v. 7, 205 p. Código de referência: BR RJANRIO TT.0.MCP, AVU.70

Fundo: Serviço Nacional de Informações

- *Relação de subversivos banidos para a Argélia,* 1970.. Código de referência: BR DFANBSB V8.MIC, GNC.AAA.70024565

- Encaminhamento nº 0483/CISA. Código de referência: BR DFANBSB V8.MIC, GNC.AAA.71039203

Fundo: Divisão de segurança e informações do Ministério de Relações Exteriores.

- Ministério das Relações Exteriores. *CIEX nº 453/73*, 1973. Código de Referência: BR DFANBSB IE.0.0.11

- Ministério das Relações Exteriores. CIEX nº 650/73, 1973. Código de referência: BR DFANBSB IE.0.0.11

- Ministério do Exército. Centro de Inteligência do Exército. *Ofício nº 790-AI.* 26/12/1972. 108 p. Código de referência: BR DFANBSB Z4.REX.APD.128.

- Ministério do Exército. Centro de Inteligência do Exército. *Informação nº 2452S/102-S1-CIE*. Guanabara, 05 out. 1972. p. 7 (numeração arquivo digital). Código de referência: BR DFANBSB Z4.SNA.OEP.17.

Fundo: Centro de Informações de Segurança da Aeronáutica

Ministério da Aeronáutica. *Informação nº 381/CISA-RJ. Transporte de banidos para a Argélia, 1970*. Código de Referência: BR DFANBSB VAZ.0.0.29907.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO (APESP)

Fundo: DEOPS/SP Disponível em: https://www.arquivoestado.sp.gov.br/

- Prontuário nº 1512. Carlos Mario Pestana de Magalhães. Departamento de Ordem Política e Social – Santos (DOPS-Santos). Código de referência: BR_SP_APESP_DEOPS_SAN_P001512_01

- Prontuário nº 4400. Retirada dos presos políticos para "Argel". Secretaria da Segurança Pública do Estado de São Paulo. Departamento de Ordem Política e Social – Santos (DOPS-Santos)Código de referência: BR_SP_APESP_DEOPS_SAN_P004400_01

- Prontuário nº 5836. Catulo Pestana Magalhães. Departamento de Ordem Política e Social – Santos (DOPS-Santos). Código de referência: BR_SP_APESP_DEOPS_SAN_P005836_01.

- Prontuário nº 9853. Vera Sílvia Pestana de Magalhães. Departamento de Ordem Política e Social – Santos (DOPS-Santos). Código de referência: BR_SP_APESP_DEOPS_SAN_P009853_01

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (APERJ)

Coleção: Daniel Aarão Reis Filho (DARF)

- Série: Movimento Revolucionário 8 de Outubro

Subsérie: Documentos de Circulação Interna

Documentos da subsérie:

SEM NOME, *Sobre a luta revolucionária no campo*, 1971.

CALANGO, Pedro. *Sobre a luta armada,* 1971.

MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO 8 DE OUTUBRO. *Balanço, frente e programação*, 1970.

MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO 8 DE OUTUBRO. *Resoluções políticas do Pleno de dezembro.* 1972.

RICARDO. *Algumas questões sobre o campo*. 1971.

Fundo: Vera Sílvia Araújo Magalhães (VSM)

Caixa 1:

- COLEGIO ANDREWS. Certificado de conclusão de curso de Vera Sílvia Araújo de Magalhães, 3 de agosto de 1972

- CUNHA GOMES, Lucy. Laudo médico pericial. Mimeo. 10f. 2003.

DE PAIVA, Pedro Henrique. Relatório médico sobre Vera.

- FACULDADE NACIONAL DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Histórico Escolar de Vera Sílvia Magalhães, 1967-1968.

- FUNDAÇÃO ESCOLA DE SERVIÇO PÚBLICO DO RIO DE JANEIRO. Contrato e trabalho, 1985, 2f.

- PRAVDA, 4 dez. 2007.

- MAGALHÃES, Vera Silvia; SALLES, Yedda Botelho. Balanço sem perspectiva. 1968 – Os que não se esqueceram, os que não se arrependeram. 1988, mimeo., 7f.

MAGALHÃES, Vera Sílvia. O problema. mimeo. 5f. 1994

PACHECO, Halley. Carta ao médico Richard Hoppe. 07/05/1990. 1f.

-STANFORD UNIVERSITY MEDICAL CENTER. Departament of Medicine Oncology Day Care Center. Evaluation of her recurrent Hodkin's disease. 1990

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RERIO DE JANEIRO. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. Apostila de revalidação. 17/10/1988.

- UNIVERSITÉ PARIS VIII. Service des équivalences. 1975.

- UNIVERSITÉ PARIS VIII. Attestation d'unités de valeur.1975

- UNIVERSITÉ PARIS VIII. Attestation de licence.1975

UNIVERSITÉ PARIS I. INSTITUT D'ÉTUDE DU DÉVELOPPEMENT ÉCONOMIQUE ET SOCIAL. *Attestation.*1976

Caixa 2:

- Entrevistas realizadas por Vera Sílvia Magalhães e Daniel Aarão Reis Filho

Entrevista Arnaldo Chain

Entrevista com João Lopes Salgado

- MAGALHÃES, Vera Silvia. *Provisórias Memórias.,s.d.*

- FERREIRA, Gloria *et al*. Anteprojeto para a implantação do centro cultural Heitor dos Prazeres. 1985.

Caixa 3:

- GONÇALVES ARAUJO, Maria Virgínia. *Meus nervos*. s/d, manuscrito

Caixa 7:

Jornais e periódicos:

Time, 27 jul. 1970

Le nouvel observateur, 28 dez. 1970.

L'europeo, 2 jul. 1970.

ISTOÉ. "Crianças exiladas. A escola que ensina o que é feijoada: Reaprendendo o Brasil, à espera da volta", 1979.

ARQUIVO EDGAR LEUENROTH, UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (AEL/UNICAMP)

Fundo: Militância Política e Luta armada no Brasil

Entrevistas orais realizadas por Denise Rollemberg

- Daniel Aarão Reis Filho
- Maria Augusta Carneiro
- Ricardo Villas
- Vera Sílvia Magalhães

Entrevistas orais realizadas por Marcelo Ridenti

- Cesar Benjamin
- Cid Benjamin
- Daniel Aarão Reis Filho
- Vera Sílvia Magalhães

Fundo: Gilberto Mathias

Série 01: Organizações de Esquerda

Subsérie 03: Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8)

RICARDO. *Alguns pontos importantes*, 1971

SEM NOME. *Área estratégica – uma crítica à tribuna da DG*. 1971

MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO 8 DE OUTUBRO. *Contra o golpismo, prosseguir na luta pela proletarização da O.* 1972

CÍNTIA. *Balanço.* 1971

MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO 8 DE OUTUBRO. *Boletim Central*, nº1, 1972.

MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO 8 DE OUTUBRO. *Proposição para a campanha contra a pena de morte da ditadura*. 1971

CHICO. *Como Prosseguir*. 1971

MARIANO, PATRICIO, VALTER E SIGISMUNDO. *Contribuição à Orientação para a prática.* 1971.

OLGA. *Tribuna de Debates: Sobre critérios de militância*. 1971

MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO 8 DE OUTUBRO. *Comunicado.* 1971.

MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO 8 DE OUTUBRO. *Introdução*. 1972

BIBLIOTECA NACIONAL (BN)

Hemeroteca Digital - Disponível em https://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx

Periódicos:

- A federação. Edições: 30/11/1906; 03/12/1910; 20/01/1916;11/12/1916; 26/11/1925
- A noite. Edições: 16/10/19246; 08/02/1947
- Correio da manhã. Edições: 28/07/1944; 20/06/1956; 18/03/1966; 12/06/1966; 15/03/1966; 09/12/1966; 23/09/1966; 14/05/1969; 05/07/1969
- Diário de Notícias. Edições: 16/01/1966; 12/03/1967; 10/05/1969
- Diário de Pernambuco. Edições: 08/06/1980.
- Jornal do Brasil. Edições 02/09/1979;
- O Pasquim. Edições: nº 490; nº 542

BRASIL NUNCA MAIS (BNM). ACERVO DIGITALIZADO EM: http://bnmdigital.mpf.mp.br/pt-br/

Processos: 036; 052; 074; 076; 080; 112; 166; 190; 192; 227; 253; 295; 296; 311; 342; 411; 432; 438; 457; 555; 567; 580; 603; 625; 638; 645; 650; 680.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SÃO PAULO (CEDEM/UNESP)

Coleção: Archivio Storico Del Movimento Operaio Brasiliano (ASMOB)

- Periódicos:

Arma da crítica, nº2, 1970

Arma da crítica, nº3, 1970

Resistência, nº 11, 1969

Resistência, nº 12, 1969.

Resistência, s/nº, 1970

Resistência, nº22, 1970

Resistência, nº 24, 1970

Resistência, nº 28, 1970

Resistência, nº 29, 1970

Resistência, nº 30, 1970

Resistência, nº 31, 1971

Resistência, Especial, 1972

Edições internacionais:

Resistência, Edição Francesa, nº 3, 1971

Resistência, Edição Francesa, nº 4, 1971

Resistência, Edição Francesa, nº 5, 1971

Resistência, Edição Chilena, nº 01, 1972

Resistência, Edição Chilena, nº 01, 1972 (suplemento)

- Documentos Políticos:

DIREÇÃO-GERAL. *Tribuna de Debates setembro de 1970,* 1970.

MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO 8 DE OUTUBRO. *Sobre o trabalho da Organização,* 1970.

CAMILO, Ivan. *Os caminhos da revolução*, 1971.

INSTITUTO MIGUEL ARRAES

Série Exílio.

Seção de materiais de Jornais, Pasta 3. *El Moudjahid,* 17 jun. 1970. Identificação: EXI_MJ_0180_001.

NÚCLEO DE HISTÓRIA ORAL E MEMÓRIA (TEMPO/UFRJ)

Projeto Memórias Estudantis.

Entrevistas orais:

- Daniel Aarão Reis Filho

- Franklin Martins

- Maria Augusta Ribeiro

- Vladimir Palmeira

OFFICE FRANÇAIS DE PROTECTION DES RÉFUGIÉS ET APATRIDES (OFPRA, FRANÇA)

- AML 75. *Dossier COSTA DE ALBUQUERQUE MARANHÃO, Vera. Née ARAÚJO MAGALHÃES.*

- *RESEDOKUMENT,* 1974

- *Certificat de refugié*, nov. 1976.

PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO (PCB). Disponível em:

http://pcb.org.br/

- "Manifesto de Janeiro", 1948

- "Manifesto de Agosto", 1950

- Teses IV Congresso, 1954

- Declaração sobre a Política do PCB, 1958

- Teses V Congresso, 1960

SUPERIOR TRIBUNAL MILITAR (STM) Acervo digitalizado e enviado após consulta no https://www.stm.jus.br/.

Apelação nº 38.321/1970

Apelação nº 38.768/1971

Apelação nº 39.917/1971

Apelação nº 39.479/1973

Apelação nº 39.757/1973

Apelação 39.770/1973

Apelação nº 39.662/1974

Apelação 40.500/1974

ENTREVISTAS REALIZADAS POR HIGOR CODARIN

Alexandra Maranhão, 15 de julho de 2019

Ana Lúcia Magalhães Barros, 02 de abril de 2019

André Barros, 02 de agosto de 2019

Angela Abrahao, 16 de abril de 2021

Angela Xavier de Brito, 13 de novembro de 2019

Arnaldo Chain, 07 de maio de 2019

Carlos Alberto Muniz, 09 de novembro de 2020.

Carlos Henrique Maranhão e Felipe Maranhão, 15 de julho de 2019

Carlos Henrique Maranhão, dias 23 de janeiro, 03 de março, 13 de março, 24 de março, 04 de maio de 2023

Carlos Minc, 20 de outubro de 2020

Carlos Zílio, 28 de julho de 2019

Cecília Magalhães, 03 de Maio de 2021 e 13 de maio de 2021

Cid Benjamin, 03 de abril de 2019

Dalva Bonet, 19 de outubro de 2020

Daniel Aarão Reis, 19 de setembro de 2019

Eduardo Homem, 22 de setembro de 2020

Eliane Longo, 09 de maio de 2019

Emir Sader, 17 de fevereiro 2020

Fernando Gabeira, 07 de maio de 2019

Franklin Martins, 07 de outubro de 2020

Glória Ferreira, 06 de maio de 2019

Haidine Duarte, DUARTE, 21 de abril de 2023

Helena Celestino, 12 de setembro de 2020

Jean Marc Von der Weid, 03 de abril de 2021

Jeni Vaitzman, 02 de agosto de 2019

Joana dos Santos, 03 de agosto de 2019

João Lopes Salgado, 29 de setembro de 2020

Jorge Saavedra Durao. 10 de abril de 2021.

Jovanildo Savastano, 02 de outubro de 2020

Júlio Barroso, 20 de março de 2023

Leilah Landim, 01 de agosto de 2019

Lizst Vieira, 09 de outubro de 2020

Lucia Murat, 01 de agosto de 2019

Luiz Eduardo Prado, 23 de janeiro de 2020

Maria Aurea Santa Cruz, 22 de março de 2023.

Maria Betania Ávila, 19 de julho de 2019

Maria Cristina Zahar, 20 de outubro de 2020

Maria Luisa de Carvalho, 13, 14 e 22 de abril de 2021.

Marilena Giacomini, 08 de maio de 2019

Marilene Spiegner, 15 de janeiro de 2020

Paulo Sérgio Duarte, 23 de setembro de 2020 e 25 de janeiro de 2023

Pedro Alves Filho, 18 de setembro de 2020

Raimundo Arroio, 12 de outubro de 2020

Regina Toscano, 03 de novembro de 2020

Reinaldo Guimarães Pimenta, 28 de junho de 2021

Ricardo Pimenta, 18 de setembro de 2020

Roseli Goffman, 28 de março de 2023.

Samuel Aarão Reis, 13 de junho de 2016 e 03 de abril de 2019

Sergio Pinho, 17 de dezembro de 2020

Sônia Giacomini, 08 de maio de 2019

Suzana Maranhão, 15 de julho de 2019

Tânia Fayal, 21 de dezembro de 2022

Vera Araújo, 20 de abril de 2021

FONTES AUDIOVISUAIS

AP TELEVISION, *ROVING REPORT BRAZIL*, 1970. Disponível em: http://www.aparchive.com/. Acesso em: 1 dez. 2022.
LINHA DE MONTAGEM. Direção: Renato Tapajós. Produtora Tapiri Cinematográfica. São Paulo, 1982.

BIBLIOGRAFIA:

AARÃO REIS FILHO, Daniel. A Constituição cidadã e o s legados da ditadura. *Locus*: Revista de História, [*s.l.*], v. 24, n. 2, 2021. p. 293. DOI: 10.34019/2594-8296.2018.v24.20879. Disponível em: https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20879. Acesso em: 2 jun. 2023.

AARÃO REIS FILHO, Daniel. *Ditadura militar, esquerdas e sociedade.* Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

AARÃO REIS FILHO, Daniel. Entre reforma e revolução: a trajetória do Partido Comunista no Brasil entre 1943-1964. *In*: AARÃO REIS FILHO, Daniel; RIDENTI, Marcelo (orgs.). *História do Marxismo no Brasil*: Partidos e organizações dos anos 1920 aos 1960. Campinas: Editora Unicamp, 2002.

AARÃO REIS FILHO, Daniel. *Luis Carlos Prestes*: um revolucionário entre dois mundos. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

AARÃO REIS FILHO, Daniel. O Estado à sombra de Vargas. *Revista Nossa História*, n. 7, 2004.

AARÃO REIS FILHO, Daniel. O maoísmo e a trajetória dos marxistas brasileiros. *In*: AARÃO REIS FILHO, Daniel; MORAES, João Quartim (org.). *História do marxismo no Brasil*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. v. 1.

AARÃO REIS, Daniel. O Partido dos Trabalhadores: trajetória, metamorfoses, perspectivas. *In*: AARÃO REIS FILHO, Daniel; FERREIRA, Jorge (org.). *Revolução e democracia (1964 - ...)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007b. (Coleção As esquerdas no Brasil). p. 503-540.

AARÃO REIS FILHO, Daniel. 1968: o curto ano de todos os desejos. *Tempo Social*, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 25-35, 1998. DOI: 10.1590/ts.v10i2.86770. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/86770. Acesso em: 19 jul. 2022.

AARÃO REIS FILHO, Daniel; CAMURÇA, Marcelo. O Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8). Da luta armada contra a ditadura à luta eleitoral no PMDB *In*: AARÃO REIS FILHO, Daniel; FERREIRA, Jorge (org.). *Revolução e democracia (1964 - ...)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 131-148, p. 145. (Coleção As esquerdas no Brasil, v. 3)

AARÃO REIS FILHO, Daniel; DE MORAES, Pedro. *1968. A paixão de uma utopia.* 3. ed. revista e atual. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2008.

AARÃO REIS, Daniel *et. al*. *Versões e ficções. O sequestro da História.* São Paulo: Fundação Perseu Ábramo, 1999.

AARÃO REIS FIHO, Daniel; FERREIRA, Jorge. *Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964)*. Rio de Janeiro: 2007a. (Civilização Brasileira)

AARÃO REIS FILHO, Daniel; MORAES, João Quartim (org.). *História do marxismo no Brasil*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. v. 1.

AARÃO REIS FILHO, Daniel; PATTO SÁ MOTTA, Rodrigo; RIDENTI, Marcelo (orgs.). *A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

AARÃO REIS FILHO, Daniel; RIDENTI, Marcelo (orgs.). *História do Marxismo no Brasil*: Partidos e organizações dos anos 1920 aos 1960. Campinas: Editora Unicamp, 2002.

ABREU, Alzira Alves de. *Intelectuais e guerreiros*: o Colégio de Aplicação da UFRJ de 1948 a 1968. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1992.

ABREU, Maira Luisa Gonçalves de. *Feminismo no Exílio: o Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris e o Grupo Latino-Americano de Mulheres em Paris.* 2010. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

ACSELRAD, Henri. *Sinais de fumaça*: uma sociologia da clandestinidade na luta contra a ditadura no Brasil. Rio de Janeiro: Lamparina, Faperj, 2015.

ALCANTARA, Naruna. *et al*. Manifesto ou declaração de princípios do grupo envolvido na construção do Clubinho Experimental Saci Pererê. (1979). *Artes & Ensaios*, v. 27, n. 42, p. 29-36, 2021. p. 30. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/49194/26851. Acesso em: 24 fev. 2023.

ALMEIDA, Carla Maria Carvalho de; OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de (org.). *Exercícios de micro-história.* Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2009.

ALMEIDA, Valesca Souza. *O "Bom Burguês". A trajetória de Jorge Medeiros Valle sob a ditadura brasileira.* 2015. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015. Disponível em: http://www.historia.uff.br/stricto/td/1920.pdf. Acesso em: 15 abr. 2017.

ALONSO, Jimena. Tupamaros en Chile. Una experiencia bajo el gobierno de Salvador Allende. *Encuentros Uruguayos*, Ano IV, n. 4, 2011

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos e Abusos da História Oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

AMNESTY INTERNATIONAL. Chili: Un an après. Un rapport d'Amnesty International. Bruxelas: Amnesty International, 1974. *In*: *La contemporaine. Bibliothèque, archives, musée des mondes contemporains*. Paris: Université Paris-Nanterre.

AMNESTY INTERNACIONAL, *Newsletter*, v. 3, n. 11, nov. 1973. p. 1. Disponível em: https://www.amnesty.org/en/documents/nws21/011/1973/en/. Acesso em: 7 dez. 2022.

AMNESTY INTERNACIONAL. *Report on allegations of torture in Brazil*. Inglaterra: Russell Press, 1972.

ANDERSON, Jon Lee *Che, uma biografia* Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2005.

ARAUJO, Maria Paulo Nascimento. *A utopia fragmentada*: As novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

ARAUJO, Maria Paula Nascimento. Lutas democráticas contra a ditadura. *In*: FERREIRA, Jorge; AARÃO REIS, Daniel. *Revolução e democracia (1964).* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. v. 3, p. 321-354.

ARAUJO, Maria Paula. Por uma história da esquerda brasileira, *Topoi,* Rio de Janeiro, PPGHIS/UFRJ, v. 5, p. 333-353, 2002.

ARENDT, Hannah. *Homens em tempos sombrios*. ed. digital. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008.

ARISTÓTELES. *Política*. Portugal: Editora Nova Vega, 2016.

ÁVILA, Lazslo Antônio e Terra, João Ricardo. Histeria e somatização: o que mudou? *Jornal Brasileiro de Psiquiatria* [online], v. 59, n. 4, p. 333-340, 2010. p. 334. ISSN 1982-0208. DOI: https://doi.org/10.1590/S0047-20852010000400011.

BACK, Lilian. Gênero, sacrifício e moral nos grupos de esquerda armada. (Brasil e Argentina dos anos 1960 aos 1980). *In*: PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe; VEIGA, Ana Maria (org.). *Resistências, gênero e feminismos contra as ditaduras no Cone Sul*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2011.

BADIOU, Alain. *A hipótese comunista.* São Paulo: Boitempo, 2012.

BANTIGNY, Ludivine. Affects et émotions dans l'engagement révolutionnaire post-1968. *In*: MUXEL, Anne (org.). *La vie privée des convictions. Politique; affectivité, intimité*. Paris, França: Presses de Sciences Po, 2014.

BANTIGNY, Ludivine; BUGNON, Fanny; GALLOT, Fanny. *Prolétaires de tous les pays, qui lave vos chaussettes? Le genre de l'engagement dans les années 1968.* Rennes, França: Presses universitaires de Rennes, 2017.

BARAN, Paul; SWEEZY, Paul. *Capitalismo monopolista: ensaio sobre a ordem econômica e social americana*. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

BARBOSA LIMA, Marcos Epifanio; DE ALMEIDA, Maria Zeneide Carneiro Magalhães; MOREIRA, Sebastiana Aparecida. O paradigma pedagógico inaciano e a formação continuada de professores das séries iniciais: práticas exitosas na formação de docente em exercícios. *In*: Simpósio Encontro Estadual de Didática e Práticas de Ensino, 6., 2015, Goiânia. **Anais** [...]. Goiânia: EDIPE, 2015. p. 1 Disponível em: http://cepedgoias.com.br/edipe/viedipe/PDF/GT13%20Dialogos%20pdf/GT13%20O%20PARADIGMA%20PEDAGOGICO%20INACIANO.pdf. Acesso em: 21 set. 2021.

BARROSO, Carmen Lúcia de Melo; MELLO, Guiomar Namo de. O acesso da mulher ao ensino superior brasileiro. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 15, p. 47–77, 1975. p. 48. Disponível em: https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/1813. Acesso em: 3 jun. 2022.

BANTIGNY, Ludivine. Affects et émotions dans l'engagement révolutionnaire post-1968. *In*: MUXEL, Anne (org.). *La vie privée des convictions. Politique; affectivité, intimité*. Paris, França: Presses de Sciences Po, 2014. p. 150.

BECKER, Jean-Jacques. O handicap do a posteriori. *In*: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos e Abusos da História Oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BENJAMIN, Cid. *Gracias a la vida:* Memórias de um militante. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

BEROUD, Sophie. *et al*. (orgs.). *Changer le monde, changer sa vie.* Paris: Actes Sud, 2018.

BEZZE, Guy; CAVEING, Maurice. *Politzer. Princípios fundamentais da filosofia.* p. 6 Disponível em: https://www.marxists.org/portugues/politzer/1936/mes/principios-pt.pdf. Acesso em: 7 jul. 2022.

BLOCH, Ernst. *O princípio esperança*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005. tomo I.

BORGES, Elisa de Campos. *¡Con la UP ahora somos Gobierno! A experiência dos Cordones Industriales no Chile de Allende.* 2011. Tese (Doutorado em História) – Instituto de História,

Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011. Disponível em: https://www.historia.uff.br/stricto/td/1319.pdf. Acesso em: 20 mar. 2022.

BORGES, Jorge Luis. *Ficções* (1944). São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BORGES, Jorge Luis. *O aleph (1949).* São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina.* 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BORDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. *In*: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos e Abusos da História Oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BRASIL. Comissão Nacional da Verdade. *Relatório Comissão Nacional da Verdade.* Brasília: CNV, 2014. 3 v.

BRASIL. *Decreto-Lei nº 898, de 29 de setembro de 1969*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/Del0898htm. Acesso em: 22 abr. 2017.

BRASIL. *Lei nº 9.140, de 4 de Dezembro de 1995*. Brasília, DF: Planalto, 1995. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9140compilada.htm. Acesso em: 30 de junho de 2023.

BRASÍLIA. Planalto. *Lei nº 6.683, de 28 de agosto de 1979.* Brasília, DF: Planalto, 1979. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6683.htm#:~:text=1%C2%BA%20%C3%89%20concedida%20anistia%20a,de%20funda%C3%A7%C3%B5es%20vinculadas%20ao%20poder. Acesso em: 6 mar. 2023.

BRASIL. Presidência da República, *Ato Institucional nº 5, de 13 de dezembro de 1968.* Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ait/ait-05-68.htm. Acesso em: 15 ago. 2022.

BRASIL. Secretaria Especial Dos Direitos Humanos. *Direito à verdade e à memória*: Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2007.

BRECHT, Bertolt. *Poemas (1913-1956)*. 7. ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

BRIGGMANN, Luisa Dornelles; WOLFF, Cristina Scheibe. A loura dos assaltos: discursos sobre mulheres militantes no jornal Correio do Povo (1968-1975). *História – Unisinos*, v. 26, n. 2, p. 344-358, 2022.

BROUÉ, Pierre. *História da Internacional Comunista (1919-1943).* São Paulo: Sundermann, 2007. 2 v.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. A militância de esquerda (cristã) de Leonardo Boff e Frei Betto: da Teologia da Libertação à mística ecológica. *In*: AARÃO REIS FILHO, Daniel; FERREIRA,

Jorge (org.). *Revolução e democracia (1964 - ...)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007b. (Coleção As esquerdas no Brasil). p. 387-408.

CAMUS, Albert. *O homem revoltado.* 9. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2011.

CAMPOS, André Luiz Vieira de; NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; MARANHÃO, Eduardo. A história da poliomielite no Brasil e seu controle por imunização. *História, Ciências, Saúde Manguinhos*, v. 10, p. 573-600, 2003. Supl. 2.

CAPDEVILA, Luc. Résistance civile et jeux de genre. *Annales de Bretagne et des Pays de L´ouest*, Rennes - Presses Universitaires de Rennes, tome 108, n. 2, p. 103-128, 2001.

CARONE, Edgar. *O P.C.B (1943 – 1964*). São Paulo: Editora Difel, 1982. v. 2.

CARVALHO, Alessandra. Democracia e desenvolvimento versus Segurança e desenvolvimento: as eleições de 1974 e a construção de uma ação oposicionista pelo MDB na década de 1970. *Varia História*, v. 28, n. 48, p. 555-572, 2012.

CASTRO, Flavia. Texto escrito no dia 10 de dezembro de 2007, transmitido a Higor Codarin via aplicativo e mensagens em 2020.

CASTRO, João Paulo Macedo e. Ritos da memória: trajetórias e experiências sobre a ditadura militar. *Mana*, v. 20, n. 1, p. 7–38, 2014.

CASTRO, Ruy. *Chega de saudade. A história e as histórias da Bossa Nova.* 4. ed. (ed. digital). São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CASTRO, Ruy. "Geração Paissandu". Disponível em : https://www.digestivocultural.com/ensaios/ensaio.asp?codigo=180&titulo=A_Geracao_Paissandu Acesso em : 24 jun. 2023.

CASTRO, Ruy. *Metrópole à beira-mar*: O rio moderno dos anos 20. ed. digital. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

CASTRO GOMES, Angela. Partido Trabalhista Brasileiro (1945-1965): getulismo, trabalhismo, nacionalismo e reformas de base. *In*: AARÃO REIS FIHO, Daniel; FERREIRA, Jorge. *Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

CHAGAS, Fábio André das. As teses de 'Jamil' e a luta armada dos anos 1960-70 no Brasil. *Revista Brasileira de História e Ciências Sociais*, v. 1, n. 2, dez. 2009. Disponível em: https://www.rbhcs.com/rbhcs/article/view/21/21. Acesso em: 3 jul. 2022.

CHAMISSO, Aldelbert von. *A história maravilhosa de Peter Schlemihl.* São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

CHIRIO, Maud. *A política nos quartéis. Revoltas e protestos de oficiais na ditadura militar brasileira.* Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

CHIRIO, Maud. *Les trajectoires intellectuelles et politiques des exilés brésiliens pendant le régime militaire (1964-1979).* Mémoire de DEA. Paris: Universidade Paris 1, 2004.

CODARIN, Higor. A arma da crítica legitimando a crítica das armas: o debate teórico na esquerda armada brasileira. *Tempos Históricos*, [*s.l.*], v. 23, n. 1, p. 544–574, 2019. DOI: 10.36449/rth.v23i1.20145. Disponível em: https://e-revista.unioeste.br/index.php/temposhistoricos/article/view/20145. Acesso em: 5 dez. 2022.

CODARIN, Higor. *Diálogos*, v. 23, n. 2, p. 140-161, 2019. DOI: https://doi.org/10.4025/dialogos.v23i2.42227.

CODARIN, Higor. Entre o individual e o coletivo: uma análise acerca da trajetória de Vera Sílvia Magalhães e José Roberto Spiegner na esquerda armada brasileira (1966-1970). *Plural*, v. 26, n. 2, p. 340-362, 2019. DOI: 10.11606/issn.2176-8099.pcso.2019.143135. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/143135. Acesso em: 19 fev. 2021.

CODARIN, Higor. *O MR-8 na luta armada: as armas da crítica e a crítica das armas.* São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2019.

CODARIN, Higor. Um intelectual anti-intelectualista: Régis Debray e a revolução cubana (1964-1967). *Izquierdas*, Santiago, n. 49, p. 3799-3816, maio 2020. ISSN 0718-5049. Disponível em: http://www.izquierdas.cl/images/pdf/2020/n49/art180_3799_3816.pdf. Acesso em: 21 jul. 2022.

COHN-BENDIT, Daniel. *1968. A revolução que tanto amámos.* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1988.

COMISSÃO DE FAMILIARES DE MORTOS E DESAPARECIDOS POLÍTICOS; INSTITUTO DE ESTUDO DA VIOLÊNCIA DO ESTADO; GRUPO TORTURA NUNCA MAIS -RJ E PE. *Dossiê dos mortos e desaparecidos políticos a partir de 1964*. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1995.

COOLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio. *Dicionário crítico de gênero*. 2. ed. Dourados, MS: Ed. Universidade Federal da Grande Dourados, 2019.

COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. *CACO: 90 anos de História.* Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

CPDOC. Dossiê: Jango, Centro Popular de Cultura. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/NaPresidenciaRepublica/Centro_Popular_de_Cultura. Acesso em: 29 dez. 2021.

CPDOC, Verbete biográfico "PESTANA, Clóvis." Disponível em: http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/pestana-clovis. Acesso em: 2 setembro 2021.

CPDOC, *Verbete Temático*: Partido Social Democrático (PSD 1945-1965). Disponível em: http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/partido-social-democratico-psd-1945-1965. Acesso em: 29 dez. 2021.

CORRÊA, Humberto; SILVA NEVES, Fernando. Genética do transtorno bipolar. *In*: KAPCZINSKI, Fabio; QUEVEDO, João. *Transtorno bipolar. Teoria e clínica.* 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2016.

COSTA, Albertina de Oliveira *et al*. (org.). *Memórias das mulheres do exílio.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. v. 2.

COSTA, Nailda Marinho da.; DIEGUEZ, Priscila. Feminismo em revista: a União Universitária Feminina nas páginas do periódico Jornal das Moças (década de 1950). *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, [S. l.], v. 1, n. 79, p. 69-86, 2021. p. 81. DOI: 10.11606/issn.2316-901X.v1i79p69-86. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/189941. Acesso em: 3 jun. 2022.

COUTO, Ari Marcelo Macedo. *Greve na Cobrasma*: uma História de luta e resistência. São Paulo: Annablume, 2003.

CRUZ, Fábio Lucas. *Brasileiros no exílio: Argel como local estratégico para a militância política (1965-1979)*. 2016. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. p. 57. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-30092010-111933/publico/2010FabioLucasdaCruz.pdf. Acesso em: 18 nov. 2022.

DA COSTA, Hélio. O novo sindicalismo e a CUT: entre continuidades e rupturas. *In*: AARÃO REIS FILHO, Daniel; FERREIRA, Jorge (org.). *Revolução e democracia (1964 - ...)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007b. (Coleção As esquerdas no Brasil). p. 595-636.

DANIEL, Herbert. *Passagem para o próximo sonho*. Rio de Janeiro: Codecri, 1982.

DALMÁS, Giovana; MÉNDEZ, Natália Pietra. Beauvoir, Simone (Verbete). *In*: COOLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio. *Dicionário crítico de gênero*. 2. ed. Dourados, MS: Ed. Universidade Federal da Grande Dourados, 2019. p. 68-74, p. 73.

DA-RIN, Silvio. *Hércules 56:* o sequestro do embaixador norte-americano em 1969. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

DA SILVA, Francisco Carlos Teixeira. Crise da ditadura militar e o processo de abertura política no Brasil. *In* : FERREIRA, Jorge; NEVES DELGADO, Lucília de Almeida. (org.). *O Brasil republicano. O tempo do regime autoritário*: ditadura militar e redemocratização. 9. ed. (digital) Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019. p. 313-356.

DEBORD, Guy *apud* LÖWY, Michael. *A estrela da manhã. Surrealismo e marxismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

DEBRAY, Régis. *Alabados sean nuestros señores*: una educación política Espanha. Madrid: Del Taller de Mario Muchnik, 1999.

DEL ROIO, Marcos. Os comunistas, a luta social e o marxismo (1920-1940). *In*: AARÃO REIS FILHO, Daniel; RIDENTI, Marcelo (orgs.). *História do Marxismo no Brasil*: Partidos e organizações dos anos 1920 aos 1960. Campinas: Editora Unicamp, 2002. v. 5.

DELSUEIL, Marie-Claire; RICHARD, Gabriela; Vasquez, Ana. Psychologie de l'exil. *Esprit*, n. 30, p. 9-21, 1979.

DE OLIVEIRA PINHERO, Marcos Cesar. *Dos comitês populares democráticos (1945-1947) aos movimentos de educação e cultura popular (1958-1964)*: uma história comparada. 2014. Tese (Doutorado em História) – Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: https://ppghc.historia.ufrj.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=71-dos-comites-populares-democraticos-1945-1947-aos-movimentos-de-educacao-e-cultura-popular-1958-1964-uma-historia-comparada&category_slug=teses&Itemid=155. Acesso em: 21 set. 2021.

DÓRIA, Carlos Alberto. O dual, o feudal e o etapismo na teoria da revolução brasileira. *In*: QUARTIM DE MORAES, João (org.). *História do marxismo no Brasil*. *Teorias e interpretações*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014. v. 3.

DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida.* 2. ed. São Paulo: Edusp, 2015.

DREIFUSS, René. *1964*: A conquista do Estado. Petrópolis: Vozes, 1981.

DUARTE PLON, Leneide; MEIRELES, Clarice. *Um homem torturado*: nos passos de frei Tito de Alencar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle. (org.). *Historia de las mujeres. El siglo XX.* Barcelona: Taurus, 2018.

DUNKER, Christian; SAFATLE, Vladimir; SILVA JUNIOR, Nelson da. (org.). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico.* Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

EDIMAR SOUZA, José; BRASIL COSTA, Valesca. Gênero e campo jurídico: a mulher na Faculdade de Direito (1960-1974), *Educação, Ciência e Cultura*, v. 22, n. 3, p. 147-161, 2017.

ELIAS, Norbert. A sociedade dos indivíduos. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

EMERENCIANO, Juliana. A comunicação através das roupas: uma compreensão do design de moda além da superficialidade. *Design em Foco*, v. 2, n. 1, p. 9-25, jan./jun. 2005.

ERGAS, Yasmine. El sujeto mujer: el feminismo de los años sesenta-ochenta. *In*: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. (org.). *Historia de las mujeres. El siglo XX.* Barcelona: Taurus, 2018. v. 4, p. 1281-1342, p. 1292-1293.

ETHUIN, Nathalie. De l'idéologisation de l'engagement communiste. Fragments d'une enquête sur les écoles du PCF (1970-1990). *Politix*, v. 16, n. 63, p. 145-168.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FARIA, Camila. *As Comunidades Eclesiais de Base no processo de organização política do movimento popular por moradia no município de Volta Redonda. (1970-1980)*. 2013. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Programa de Pós-graduação em Serviço Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013. Disponível em: https://app.uff.br/riuff;/bitstream/handle/1/8340/CamilaFariaok.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 27 fev. 2023.

FARIAS DE SOUZA, Fabiano. Conjuntura política e econômica no Brasil (1950-1964): terreno fértil para o Golpe de 1964. *História e cultura,* v. 2, n. 1, 2013.

FERNANDES, Antônio Sérgio Araújo. A trajetória de democratização da gestão municipal em Recife e Salvador: escolhas políticas e processo decisório. *Organizações & Sociedade* [online], v. 10, n. 27, p. 141-158, 2003. ISSN 1984-9230. DOI: https://doi.org/10.1590/S1984-92302003000300009. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1984-92302003000300009. Acesso em: 5 abr. 2023.

FERREIRA, Jorge. Entre a história e a memória: João Goulart. *In*: AARÃO REIS FILHO, Daniel; FERREIRA, Jorge. *Nacionalismo e reformismo radical. (1945-1964).* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. v. 2, p. 509-542 (Coleção As esquerdas no Brasil)

FERREIRA, Jorge. *João Goulart: uma biografia.* 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

FERREIRA, Jorge. Leonel Brizola, os nacional-revolucionários e a Frente de Mobilização Popular. *In*: AARÃO REIS FIHO, Daniel; FERREIRA, Jorge. *Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

FERREIRA, Jorge. O presidente acidental: José Sarney e a transição democrática. *In*: FERREIRA, Jorge; NEVES DELGADO, Lucília de Almeida. (orgs.). *O Brasil Republicano. O tempo da Nova República*: Da transição democrática à crise política de 2016. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. v. 5.

FERREIRA, Jorge; AARÃO REIS FILHO, Daniel Aarão (org.) *A formação das tradições (1889-1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

FERREIRA, Jorge; AARÃO REIS, Daniel. *Revolução e democracia (1964-)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

FERREIRA, Jorge; NEVES, Lucília de Almeida (org.). *O tempo da ditadura. Regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

FERREIRA, Jorge; NEVES DELGADO, Lucília de Almeida. (org.). *O Brasil republicano. O tempo do regime autoritário*: ditadura militar e redemocratização. 9. ed. (digital) Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

FERREIRA, Jorge; NEVES DELGADO, Lucília de Almeida. (org.). *O Brasil Republicano. O tempo da Nova República*: Da transição democrática à crise política de 2016. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. v. 5.

FERRO, Marc. *L'Histoire sous surveillance. Science et conscience de l'histoire.* Paris, França: Calmann-Levy, 1985.

FICO, Carlos. *Como eles agiam. Os subterrâneos da Ditadura Militar*: espionagem e polícia política. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

FIGUEIREDO, Cesar Alessandro Sagrillo. As Representações Fílmicas de Vera Silvia Magalhães: Gênero, Testemunho e Resistência. *Porto Das Letras*, v. 3, n. 2, p. 22-42, 2018. Recuperado de https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/4617.

FILLIEULE, Olivier; MATHIEU, Lilian; PÉCHU, Cecile. *Dictionnaire des mouvements sociaux*. Paris: Presses de Sciences Po, 2009.

FLEURY, Laure; MATHIEU, Lilian; PETTE, Mathilde. Les genèses enfantines des humeurs contestataires. *In*: BEROUD, Sophie. *et al*. (orgs.). *Changer le monde, changer sa vie.* Paris: Actes Sud, 2018.

FREIRE, Américo; CARVALHO, Alessandra. As eleições de 1989 e a democracia brasileira: atores, processos e prognósticos. *In*: FERREIRA, Jorge; NEVES DELGADO, Lucília de Almeida. (orgs.). *O Brasil Republicano. O tempo da Nova República*: Da transição democrática à crise política de 2016. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. v. 5, p. 119-162.

JOSÉ, Emiliano; MIRANDA; Oldack. *Lamarca, o capitão da guerrilha.* São Paulo: Global, 1980.
GABEIRA, Fernando. *O crepúsculo do macho*. 7. ed. Rio de Janeiro: Codecri, 1980.

GABEIRA, Fernando. *O que é isso, companheiro?* 8. ed. Rio de Janeiro: Codecri, 1979.

GAMA PEREIRA, Ludmila. *O historiador e o agente da história*: os embates políticos travados no curso de história da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (1959-1969). 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010. Disponível em: https://www.historia.uff.br/stricto/td/1416.pdf. Acesso em: 28 abr. 2022.

GARAUDY, Roger. *Perspectivas do homem.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

GARCIA, Marco Aurélio. O gênero da militância: notas sobre as possibilidades de uma outra história da ação política. *Pagu,* n. 8-9, 1997.

GARCIA, Marco Aurélio; VIERA, Maria Alice (org.). *Rebeldes e Contestadores*: 1968 – Brasil/ França/ Alemanha. 2. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.

GEISEL, Ernesto. *Discurso feito aos dirigentes da Arena.* 1974. Disponível em: http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/ernesto-geisel/discursos/1974/17.pdf/view. Acesso em: 17 jan. 2023.

GILMAN, Claudia. *Entre la pluma y el fusil. Debates y dilemas del escritor revolucionario en América Latina.* Buenos Aires: Siglo XXI, 2003.

GINZBURG, Carlo. *A micro-história e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes. O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição.* 2. ed. (de bolso). São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GOIAS, João Bosco Hora; QUADRAT, Samantha Viz. Militância política e gênero na ditadura brasileira: entrevista com Jessie Jane Vieira de Sousa. *Gênero: Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero*- NUTEG, v. 8, n. 2, (1º sem. 2000) – Niterói: EdUFF, 2008. Disponível em: https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/30913. Acesso em: 30 de junho de 2022.

GOMES, Paulo César. *Liberdade vigiada: as relações entre a ditadura militar brasileira e o governo francês:* do golpe à anistia. Rio de Janeiro: Editora Record, 2019.

GONÇALVES ARAUJO, Maria Virgínia. *Meus nervos*. s/d, manuscrito. *In* : *Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro*, fundo *Vera Sílvia Magalhães Albuquerque Maranhão* (BR RJAPERJ VSM), Caixa 3, doc. 3, p. 20.

GONÇALVES DAS CHAGAS, Fábio André. *A Vanguarda Popular Revolucionária*: dilemas e perspectivas da luta armada no Brasil (1968-1971). 2000. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2000. p. 105-106. Disponível em: https://osirredentosblog.files.wordpress.com/2015/12/a-vanguarda-popular-revolucionc3a1ria.pdf. Acesso em: 12 set. 2017.

GONDE, José. Como prosseguir., dezembro de 1969, mimeo, 15f, p.11. *In:* BRASIL. Superior Tribunal Militar, Apelação 39.757/1973, Apenso 2, sem indicação de folha, p. 590 (numeração do arquivo digital) Acervo digitalizado e enviado após consulta no https://www.stm.jus.br/.

GOODWIN, Jeff; JASPER, James; POLLETTA, Francesca. *Passionate Politics*: Emotions and Social Movements. Chicago: University of Chicago Press Books, 2001.
GRENDI, Edoardo. Microanálise e História Social. *In*: ALMEIDA, Carla Maria Carvalho de; OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de (org.). *Exercícios de micro-história.* Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2009. p. 27.

GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas. A esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada.* São Paulo: Expressão Popular/Perseu Ábramo, 2014

GRENN, James. *Revolucionário e gay*: a extraordinária vida de Herbert Daniel – pioneiro na luta pela democracia, diversidade e inclusão. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

GRYNSZPAN, Mario; DEZEMONE, Marcus. As esquerdas e a descoberta do campo brasileiro: Ligas Camponesas, comunistas e católicos (1950-1964). *In*: AARÃO REIS FIHO, Daniel; FERREIRA, Jorge. *Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

GUEVARA, Che. El socialismo y el hombre en Cuba. Março de 1965. *In*: *Obras escogidas.* Santiago, Chile: Resma, 2004.

GUEVARA, Ernesto. Mensaje a los pueblos del mundo a través de la Tricontinental. (1967). *In*: GUEVARA, Ernesto "Che". *Obras Escogidas*. Santiago: Resma, 2004.

GUEVARA, Ernesto "Che". *Obras Escogidas*. Santiago: Resma, 2004.

GUICHAOUA, André. Parcours d'une institution: l'IEDES a 50 ans au terme de cinq décennies du développement. *Revue Tiers Monde*, n. 191, p. 647-659, 2007/3. p. 650. DOI: 10.3917/rtm.191.0647. Disponível em: https://www.cairn.info/revue-tiers-monde-2007-3-page-647.htm. Acesso em: 1 fev. 2023.

GULLAR, Ferreira. Quarup ou ensaio de deseducação para brasileiro virar gente. *Revista Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, n. 15, p. 251-258, set. 1967. p. 253.

HARTOG, François. *Crer em História.* Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

HARTOG, François. *Regimes de historicidade*: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

HEGEL, Georg. *Princípios da filosofia do direito.* São Paulo, Martins Fontes, 1997.

HERLER, Thomaz Joezer. *Formação e trajetória do primeiro MR-8*: Possibilidades e limites de construção de uma vanguarda revolucionária político-militar (1964-1969). 2015. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Oeste do Paraná, Marechal Rondon, 2015. Disponível em: http://www.documentosrevelados.com.br/wp-content/uploads/2015/11/dissertacao-thomaz-versao-final-com-ficha-catalografica.pdf. Acesso em: 12 set. 2022.

HOBSBAWM, Eric J (org.). *História do Marxismo*. São Paulo: Paz e Terra, 1985. v. 6.

HOBSBAWM, Eric (org.). *História do Marxismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985-86. v. 5-7.

HOBSBAWM, Eric. Sexe, symboles, vêtements et socialisme. *Actes de la recherche en sciences sociales*, v. 23, p. 2-18, sept. 1978. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/arss_0335-53221978num2312604. Acesso em: 25 jun. 2022.

HOBSBAWM, Eric. *Sobre História.* São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HO CHI MINH *apud* GIAP, Vo Nguyen *Armamento das Massas Revolucionárias, Edificação do Exército do Povo.* 2. ed. São Paulo: Nova cultura, 2018.

HUBERMAN, Leo. *História da riqueza do homem.* 7. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

JOSHUA, Florence. *Anticapitalistes. Une sociologie historique de l'engagement.* Paris: La Découverte, 2015.

KAPCZINSKI, Fabio; QUEVEDO, João. *Transtorno bipolar. Teoria e clínica.* 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2016.

KINZO, Maria D´alva G. A democratização brasileira: um balanço do processo político desde a transição. *São Paulo em Perspectiva*, v. 15, n. 4, p. 3–12, out. 2001.

KONDER, Leandro. O Barão de Itararé. *In*: FERREIRA, Jorge; AARÃO REIS FILHO, Daniel Aarão (org.) *A formação das tradições (1889-1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 185-198. (A esquerdas no Brasil, v. 1)

KRIEGEL, Anne. *Les communistes français. Essai d'ethnographie politique.* França: Éditions du Seuil, 1968.

LAING, Ronald. *O eu dividido*: estudo existencial da sanidade e da loucura. Petrópolis: Vozes, 1973.

LABORIE, Pierre. 1940-1944. Os franceses do pensar-duplo. *In*: QUADRAT, Samantha Viz; ROLLEMBERG, Denise. (org.). *A construção social dos regimes autoritários*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. v. 1, p. 31-44.

LECLERQ, Catherine; PAGIS, Julie. Les incidences biographiques de l'engagement. *Sociétés Contemporaines*, n. 84, p. 5-23, 2001/4.

LE GOFF, Jacques. (org). *A história nova.* São Paulo: Martins Fontes, 1990.

LENIN, Vladimir. I. Kommunismus. Journal of the Communist International For the Countries of South-Eastern Europe (in German), Vienna, n. 1-2 (February 1, 1920) to n. 18, May 8, 1920. *In*: *Collected works*. Moscou: Progress, 1966.

LÊNIN, Vladimir I. Que fazer? *In*: LÊNIN, Vladimir I. *Obras escolhidas*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1986. tomo 1.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. *In*: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos & Abusos da História Oral.* 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

LIMA, Henrique Espada. *A micro-história italiana: escalas, indícios e singularidades*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LIMA FILHO, Acacio Vaz. O positivismo e a República. *Revista Da Faculdade De Direito*, São Paulo, n. 99, p. 3-33, 2004. p. 26. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/rfdusp/article/view/67617. Acesso em: 21 maio 2021.

LOBO, Amílcar. *A hora do lobo, a hora do carneiro.* Petrópolis: Editora Vozes, 1981.

LOUREIRO, Isabel. (org.). *Rosa Luxemburgo*: textos escolhidos. 1914-1919. São Paulo: Editora da UNESP, 2011. v. 3.

LOUREIRO, Janis. *et al*. *Caminhos da história*: Augusto Pestana em 145 anos de imigração. Augusto Pestana: Z Agência, 2015.

LUCHAIRE, Nome apud SIRINELLI, Jean-François. Effets D'Age et Phénomènes de Génération dans le Milieu Intellectuel Français. *Cahiers de L'Institut D'Histoire du Temps Présent*: Générations Intellectuelles, n. 6, p. 5-18, nov. 1987.

LÜCHMANN, Lígia Helena Hahn; RODRIGUES, Jefferson. O movimento antimanicomial no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 12, n. 2, p. 399-407, 2007. p. 402. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1413-81232007000200016. Acesso em: 27 dez. 2022.

LUKÁCS, Georg. *Thomas Mann.* Barcelona: Ediciones Grijaldo, 1969.

LUNA, Francisco Vidal; KLEIN, Herbert S. Mudanças sociais no período militar (1964-1985) *In*: AARÃO REIS FILHO, Daniel; PATTO SÁ MOTTA, Rodrigo; RIDENTI, Marcelo (org.). *A ditadura que mudou o Brasil*: 50 anos do golpe de 1964. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 66-91.

LUNA, Francisco Vidal; KLEIN, Herbert S. Transformações econômicas no período militar. (1964-1985). *In*: AARÃO REIS FILHO, Daniel; PATTO SÁ MOTTA, Rodrigo; RIDENTI, Marcelo (org.). *A ditadura que mudou o Brasil*: 50 anos do golpe de 1964. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 104.

MACDOWELL SANTOS, Cecília; ALMEIDA TELES, Edson Luís de; ALMEIDA TELES, Janaína de (org.). *Desarquivando a Ditadura*: Memória e Justiça no Brasil. São Paulo: Hucitec, 2009.

MACHADO, Aníbal. Viagens ao seio de Duília. *In*: MORICONI, Italo. (org.). *Os cem melhores contos brasileiros do século.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MAFRA, Patrícia Henriques *Uma escola contra a ditadura:* a participação política do CAp-UFRJ durante o regime militar brasileiro (1964-1968). 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de História e Ciências Sociais (IFCS), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: http://objdig.ufrj.br/34/teses/PatriciaHenriquesMafra.pdf. Acesso em: 16 jan. 2022.

MAGALHÃES, Mário. *Marighella*: o guerrilheiro que incendiou o mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MAGALHÃES, Vera Sílvia. Depoimento concedido ao projeto Memória Política, da Câmara dos Deputados, 12 de maio de 2003. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/a-camara/documentos-e-pesquisa/arquivo/historia-oral/Memoria%20Politica/Depoimentos/vera-silvia-magalhaes/texto. Acesso em: 13 jan. 2021.

MANN, Thomas. *A montanha mágica.* São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

MARCHESI, Aldo. *Hacer la revolución.* Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Siglo XXI, 2019. (livro digital) ISBN 978-987-629-903-9.

MARCUSE, Herbert. *A ideologia da Sociedade Industrial. O Homem unidimensional.* 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

MARKLOUF CARVALHO, Luiz. *Mulheres que foram à luta armada.* São Paulo: Editora Globo, 1998.

MARTINHO, Francisco Carlos Palomanes. A monografia de um tempo português. *Tempo*. Revista do Departamento de História da UFF, v. 31, p. 313-316, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/tem/v17n31/13.pdf. Acesso em: 17 abr. 2018.

MARTINS, Antonio Carlos Pereira. Ensino superior no Brasil: da descoberta aos dias atuais. *Acta Cirúrgica Brasileira* [online], v. 17, p. 4-6, 2002. Supl. 3. DOI: https://doi.org/10.1590/S0102-86502002000900001. ISSN 1678-2674.

MARTINS FILHO, João Roberto. *Movimento estudantil e ditadura militar*: 1964-1968. Campinas: Papirus, 1987.

MARTINS FILHO, João Roberto. Movimento estudantil e militarização do Estado (1964-1968). *In*: MULLER, ANGELICA. *1968 em movimento.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2018. p. 11.

MARX, Karl. *Crítica da filosofia do direito de Hegel. (1843).* São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. 1844. São Paulo: Boitempo, 2004.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto comunista. (1848).* São Paulo: Editora Boitempo, 1998.

MEDEIROS DE MENEZES, Lená; MUNTEAL FILHO, Oswaldo; ROLLEMBERG, Denise (org.). *Olhares sobre o político*: novos ângulos, novas perspectivas. Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 2002.

MÉSZAROS, István. *A obra de Sartre*: busca da liberdade e desafio da história. São Paulo: Boitempo, 2012.

MIRANDA, Orlando. *Obscuros Heróis de Capricórnio*. São Paulo: Global, 1987.
MONTEIRO, Thiago William Nunes Gusmão. *Como pode um povo viver nesta carestia:* o movimento do custo de vida em São Paulo (1973-1982). 2015. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-11032016-132815/pt-br.php. Acesso em: 27 fev. 2023.

MORELLI, Anne. Exhumer l'histoire des femmes exilées politiques. *In*: MORELLI, Anne (org.). *Femmes exilées politiques. Exhumer leur histoire.* Bruxelas: Editions de l'Université de Bruxelles, 2009. p. 7-16, p. 7.

MORELLI, Anne (org.). *Femmes exilées politiques. Exhumer leur histoire.* Bruxelas: Editions de l'Université de Bruxelles, 2009.

MORENO, Ricardo Alberto *et al*. *Aprendendo a viver com o transtorno bipolar*: manual educativo. Porto Alegre: Artmed, 2015.

MORICONI, Italo. (org.). *Os cem melhores contos brasileiros do século.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MOTTA, Marly. A estabilização e a estabilidade: do Plano Real aos governos FHC (1993-2002). *In*: FERREIRA, Jorge; NEVES DELGADO, Lucília de Almeida. (org). *O Brasil Republicano. O tempo da Nova República*: Da transição democrática à crise política de 2016. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. v. 5, p. 219-254.

MOTTA, Marly Silva da. *O lugar da cidade do Rio de Janeiro na federação brasileira: uma questão em três momentos.* Rio de Janeiro: CPDCOC, 2001. Disponível em: https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace;/handle/10438/6799. Acesso em: 21 jan. 2022.

MOTTA, Marly. *O Rio de Janeiro continua sendo?* Rio de Janeiro: CPDOC, 2000.

MOTTA, Marly Silva da. *Rio de Janeiro*: de cidade-capital a Estado da Guanabara. Rio de Janeiro: ALERJ, 2001.

MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO 8 DE OUTUBRO, A experiência da guerrilha urbana, no Brasil. *In*: MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO 8 DE OUTUBRO. *A Arma da crítica* [mimeo.], n. 1, out. 1970. p. 10. Disponível em: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO [IFCS]. *Arquivo da Memória Operária do Rio de Janeiro - Fundo Organizações de Esquerda*, Série 7, doc. 2. (periódicos)

MUNAKATA apud SANTANA, Marco Aurélio. Trabalhadores, sindicatos e política no Brasil: do golpe à redemocratização (1964-1985). *In*: FERREIRA, Jorge; NEVES DELGADO, Lucília de Almeida. (org.). *O Brasil republicano. O tempo do regime autoritário*: ditadura militar e redemocratização. 9. ed. (digital) Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019. p. 717-846.

MULLER, Angelica (coord.). *1968 em movimento*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018.

MURARO, Rose Marie. *Sexualidade da mulher brasileira. Corpo e classe social no Brasil.* Petrópolis: Editora Vozes, 1983.

MURILO DE CARVALHO, José. *A formação das almas*: o imaginário da república no Brasil. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

MUXEL, Anne. La politisation dans ou par l'intime. *In*: MUXEL, Anne (org.). *La vie privée des convictions. Politique; affectivité, intimité*. Paris, França: Presses de Sciences Po, 2014.

MUXEL, Anne (org.). *La vie privée des convictions. Politique; affectivité, intimité*. Paris, França: Presses de Sciences Po, 2014.

NAPOLITANO, Marcos. Forjando a revolução, remodelando o mercado: arte engajada no Brasil (1956-1968). *In*: AARÃO REIS FIHO, Daniel; FERREIRA, Jorge. *Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

NAPOLITANO, Marcos. Os historiadores na 'batalha pela memória': resistência e transição democrática no Brasil. *In*: QUADRAT, Samantha Viz; ROLLEMBERG, Denise. *História e memória das ditaduras do século XX.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015(b). v. 1, p. 96-108.

NAPOLITANO, Marcos. Recordar é vencer: as dinâmicas e vicissitudes da construção da memória sobre o regime militar brasileiro. *Antíteses*, [*s.I.*], v. 8, n. 15esp, p. 9-44, 2015(a). p. 10. DOI: 10.5433/1984-3356.2015v8n15espp9.
Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/23617. Acesso em: 22 mar. 2023.

NETTO, José Paulo. *Karl Marx*: uma biografia. São Paulo: Boitempo, 2020.

NEVES DELGADO, Lucília de Almeida. Diretas-Já: vozes das cidades. *In*: FERREIRA, Jorge; AARÃO REIS, Daniel. *Revolução e democracia (1964-).* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 409-428.

O'DONNELL, Guillermo; SCHMITTER, Phillipe. Tentative Conclusions about Uncertain Democracies. *In*: O'DONNELL, Guillermo; SCHMITTER, Philippe; WHITEHEAD, L. (ed.). *Transitions from Authoritarian Rule.* Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1994.

O'DONNELL, Guillermo; SCHMITTER, Philippe; WHITEHEAD, L. (ed.). *Transitions from Authoritarian Rule.* Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1994.

OFFICE FRANÇAIS DE PROTECTION DES RÉFUGIÉS ET APATRIDES. *Certificat de refugié*, nov. 1976.

JOHNSTONE, Monty. Um instrumento político de tipo novo: o partido leninista de vanguarda. *In*: HOBSBAWM, Eric J (org.). *História do Marxismo*. São Paulo: Paz e Terra, 1985. v. 6.

OLIVEIRA, Lucas Monteiro de. *As dinâmicas da luta pela anistia política.* 2014. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-02062015171603/publico/2015_LucasMonteiroDeOliveira_VCorr.pdf. Acesso em: 27 fev. 2023.

O SONHO de um guerrilheiro em Cuba. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 5 maio 1996. Caderno +Mais! Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/5/05/mais!/12.html. Acesso em: 15 dez. 2022.

PACHECO, Halley. Carta ao médico Richard Hoppe. 07/05/1990. 1f. *In*: *Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro*. Fundo Vera Sílvia Magalhães, Caixa 1, Documentos Pessoais II (Relatórios médicos).

PAGIS, Julie. *Mai 68, um pavê dans leur histoire.* Paris, França: Presses de Sciences Po, 2014.
PATTO SÁ MOTTA, Rodrigo (org.). *Culturas políticas na História*: Novos estudos. Belo Horizonte: Argumentum, 2009.

PALMEIRA, Vladimir. *O leninismo até 1917*: Estratégia política e doutrina sobre o Estado. 2005. Tese (Doutorado em História) – Instituto de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

PANDOLFI, Dulce Chaves. *Camaradas e companheiros*: memória e história do PCB. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: Fundação Roberto Marinho, 1995.

PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL (PCB), *Manifesto de Agosto de 1950*. p. 7 Disponível em*:* https://pcb.org.br/fdr/index.php?option=com_content&view=article&id=89:o-manifesto-de-agosto&catid=1:historia-do-pcb. Acesso em: 17 fev. 2017.

PATTO SÁ MOTTA, Rodrigo *As universidades e o regime militar*: cultura política brasileira e modernização autoritária. Rio de Janeiro: Zahar, 2014

PATTO SÁ MOTTA, Rodrigo (org.). *Culturas políticas na História*: Novos estudos. Belo Horizonte: Argumentum, 2009.

PATTO SÁ MOTTA, Rodrigo. Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política pela historiografia. *In*: PATTO SÁ MOTTA, Rodrigo (org.). *Culturas políticas na História*: Novos estudos. Belo Horizonte: Argumentum, 2009.

PEDRO, Joana Maria. A experiência com contraceptivos no Brasil: uma questão de geração." *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 23, n. 45, p. 239-260, 2003.

PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe; VEIGA, Ana Maria (org.). *Resistências, gênero e feminismos contra as ditaduras no Cone Sul*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2011.

PEETERS, Benoît. *Trois ans avec Derrida. Les carnets d'un biographe* (Édition numérique). Paris: Flammarion, 2010. p. 39.

PERRINEAU, Pascal. Les affects en politique. Ce qu'en dit la science politique. *In*: MUXEL, Anne. La politisation dans ou par l'intime. *In*: MUXEL, Anne (org.). *La vie privée des convictions. Politique; affectivité, intimité*. Paris, França: Presses de Sciences Po, 2014.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história.* Bauru: EDUSC, 2005.

PESSOA, Fernando. *Poemas completos de Álvaro de Campos.* Domínio Público. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/. Acesso em: 16 maio 2023.

PEZAT, Paulo Ricardo. *Carlos Torres Gonçalves, a família, a pátria e a humanidade*: a recepção do positivismo por um filho espiritual de Auguste Comte e de Clotilde de Vaux no Brasil (1875-1974). 2003. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/ndh/files/2019/06/Pezat-TeseCompleta.pdf. Acesso em: 7 jun. 2021.

PEZZANIA, Rodrigo. Entre o 'massismo' e o 'militarismo': embates teóricos da luta armada em Fernando de Andrade e Jamil Rodrigues. *OPSIS*, v. 14, n. 1, p. 38-59, 2014. Disponível em: https://www.revistas.ufg.br/Opsis/article/view/28997/17884#.Wzu00tJKjIU. Acesso em: 3 jul. 2022.

POERNER, Arthur *O poder jovem:* história da participação política dos estudantes brasileiros. 5. ed. Rio de Janeiro: Booklink, 2004.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Revista Estudos Históricos,* Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

POLARI DE ALVERGA, Alex. *Inventário de cicatrizes.* 2. ed. Rio de Janeiro: Comitê Brasileiro pela Anistia, 1978.

PRADO JÚNIOR, Caio. *A revolução brasileira. (1966).* 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PRESOT, Aline. Celebrando a "Revolução": as Marchas da Família com Deus pela Liberdade e o Golpe de 1964. *In*: ROLLEMBERG, Denise; QUADRAT, Samantha Viz. (org.). *A construção social dos regimes autoritários. Legitimidade, consenso e consentimento no século XX. Brasil e América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. v. 1, p. 71-96.

PRIORE, Mary del. Biografia: quando o indivíduo encontra a história. *Topoi*, v. 10, n. 19, p. 7-16, jul./dez. 2009.

PROJETO BRASIL NUCA MAIS. *BNM.* Disponível em: http://bnmdigital.mpf.mp.br/. Acesso em: 7 mar. 2022.

QUADRAT, Samantha Viz; ROLLEMBERG, Denise. *História e memória das ditaduras do século XX.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015(b).

QUARTIM DE MORAES, João. Che Guevara: o antiimperialismo em atos. *Crítica Marxista,* São Paulo, v. 1, n. 5, p. 137-138, 1997. Disponível em: http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/dossie17Dossie.pdf. Acesso em: 15 abr. 2021.

RAMONET, Ignacio. *Fidel Castro*: biografia a duas vozes. São Paulo: Boitempo, 2016.

REICH, Wihelm. *A revolução sexual.* 8. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

RÉMOND, René (org.). *Por uma história política.* 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

RIBEIRO, Jayme. Os 'combatentes da paz' – a participação dos comunistas brasileiros na Campanha Pela Proibição das Armas Atômicas (1950). *Estudos Históricos,* Rio de Janeiro, v. 21, n. 42, p. 261-283. jul./dez. 2008.

RICŒUR, Paul. *Tempo e narrativa.* Campinas/SP: Papirus, 1994. tomo 1.

RIDENTI, Marcelo. Ação Popular: Cristianismo e Marxismo. *In*: AARÃO REIS FILHO, Daniel; RIDENTI, Marcelo (orgs.). *História do Marxismo no Brasil*: Partidos e organizações dos anos 1920 aos 1960. Campinas: Editora Unicamp, 2002.

RIDENTI, Marcelo. A ‘relativa hegemonia cultural de esquerda’ e a revista *Cadernos Brasileiros* na época de 1968. *In*: MULLER, Angelica (coord.). *1968 em movimento*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018.

RIDENTI, Marcelo Siqueira. As mulheres na política brasileira: os anos de chumbo. *Tempo Social*, v. 2, n.2, p. 113-128, 1990. DOI: https://doi.org/10.1590/ts.v2i2.84806.

RIDENTI, Marcelo. A Vanguarda Armada e as Massas na Revolução que não ocorreu. *Ciências Sociais Hoje*. São Paulo: Vértice: Editora dos Tribunais: ANPOCS, 1987.

RIDENTI, Marcelo. *Brasilidade revolucionária. Um século de cultura e política.* São Paulo: Editora UNESP, 2010.

RIDENTI, Marcelo. *O fantasma da revolução brasileira. 2ªed***.** São Paulo: Editora da UNESP, 2010.

RIDENTI, Marcelo. Que história é essa? *In*: AARÃO REIS *et al.* 1997.

RIO DE JANEIRO (Estado). Comissão da Verdade do Rio. *Relatório Comissão da Verdade do Rio.* Rio de Janeiro: CEV-Rio, 2014.

RIZEK, Cibele S. *Osasco 1968*: a experiência de um movimento. 1988. Dissertação Mestrado (Mestrado em Engenharia) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 1988.

RODEGHERO, Carla Simone. A anistia de 1979 e as heranças da ditadura. *In*: FERREIRA, Jorge; NEVES DELGADO, Lucília de Almeida. (org.). *O Brasil republicano. O tempo do regime autoritário*: ditadura militar e redemocratização. 9. ed. (digital) Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019. v. 4.

RODEGHERO, Carla Simone. A Anistia de 1979 e seus significados, ontem e hoje. *In*: AARÃO REIS FILHO, Daniel; PATTO SÁ MOTTA, Rodrigo; RIDENTI, Marcelo (orgs.). *A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 199.

ROLLEMBERG, Denise. A Vanguarda Popular Revolucionária: os ‘marginais’ na revolução brasileira. *In*: MEDEIROS DE MENEZES, Lená; MUNTEAL FILHO, Oswaldo; ROLLEMBERG, Denise (org.). *Olhares sobre o político*: novos ângulos, novas perspectivas. Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 2002. p. 77-88.

ROLLEMBERG, Denise. Esquecimento das memórias. *In*: MARTINS FILHO, João Roberto. (org.). *O golpe de 1964 e o regime mil*itar. São Carlos: Ed. UFSCar, 2006.

ROLLEMBERG, Denise. Esquerdas revolucionárias e luta armada. *In*: FERREIRA, Jorge; NEVES, Lucília de Almeida (org.). *O tempo da ditadura. Regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. v. 4, p. 75.

ROLLEMBERG, Denise. *Exílio. Entre raízes e radares.* Rio de Janeiro: Editora Record, 1999.

ROLLEMBERG, Denise. História, Memória e Verdade: em busca do universo dos homens. *In*: MACDOWELL SANTOS, Cecília; ALMEIDA TELES, Edson Luís de; ALMEIDA TELES, Janaína de (org.). *Desarquivando a Ditadura*: Memória e Justiça no Brasil. São Paulo: Hucitec, 2009. v. 2.
ROLLEMBERG, Denise. *O apoio de Cuba à luta armada no Brasil*: o treinamento guerrilheiro. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

ROLLEMBERG, Denise; QUADRAT, Samantha Viz. (org.). *A construção social dos regimes autoritários. Legitimidade, consenso e consentimento no século XX. Brasil e América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

ROUSSO, Henry. *A última catástrofe. A história, o presente, o contemporâneo.* Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2016.

SADER, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SALLUM JÚNIOR, Brasilio. O governo e o *impeachment* de Fernando Collor de Mello. *In*: FERREIRA, Jorge; NEVES DELGADO, Lucília de Almeida. (orgs.). *O Brasil Republicano. O tempo da Nova República*: Da transição democrática à crise política de 2016. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. v. 5, p. 163-192.

SANTANA, Marco Aurelio. Bravos companheiros: a aliança comunista-trabalhista no sindicalismo brasileiro (1945-1964). *In*: AARÃO REIS FIHO, Daniel; FERREIRA, Jorge. *Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

SANTANA, Marco Aurélio. Classe trabalhadora, confronto político e democracia: o ciclo de greves do abc paulista e os desafios do sindicalismo atual. *Lua nova*: revista de cultura e política, n. 104, p. 19-65, 2018. p. 30. DOI: https://doi.org/10.1590/0102-019065/104.

SARLO, Beatriz. *Tempo Passado*: Cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SARTI, Cynthia. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. *Estudos Feministas,* v. 12, p. 35-50, maio/ago. 2004. p. 38. Disponível em: http://www.jstor.org/stable/43596613. Acesso em: 17 fev. 2020.

SAWICKI, F., SIMÉANT, J., Décloisonner la sociologie de l'engagement militant. Note critique sur quelques tendances récentes des travaux français. *Sociologie du travail,* v. 51, n. 1, p. 97-125, 2009. DOI: https://doi.org/10.1016/j.soctra.2008.12.006.

SCHMIDT, Benito. Quando o historiador espia pelo buraco da fechadura: biografia e ética. *História*, São Paulo, v. 33, p. 124-144, jan./jun. 2014.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e realidade,* v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SEMPRUN, Jorge. *Autobiografia de Federico Sánchez.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

SERGE, Victor. La ville en danger. *In*: *Mémoires d'un révolutionnaire et autres écrits politiques*. Paris: Laffont, 2001.

SETEMY, Adrianna. O mercado de revistas e a construção cultural da transformação dos costumes no Brasil dos anos 1960. *Escuta*. *Revista de política e cultura*, 2017. Disponível em: https://revistaescuta.wordpress.com/2017/11/24/o-mercado-de-revistas-e-a-construcao-cultural-da-transformacao-dos-costumes-no-brasil-dos-anos-1960/. Acesso em: 11 ago. 2022.

SILVA, Humberto Pereira da. *Glauber Rocha*: Cinema, Estética e Revolução. Jundiaí: Paco Editorial, 2016. *E-book*

SILVA, Izabel Priscila Pimentel da. *Os filhos rebeldes de um velho camarada*: A Dissidência Comunista da Guanabara (1964-1969). 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009. p. 61. Disponível em: www.historia.uff.br/stricto/td/1338.pdf. Acesso em: 20 jan. 2022.

SIRINELLI, Jean-François. A Geração. *In*: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos e Abusos da História Oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

SIRINELLI, Jean-François. Génération, Générations, *Vingtième Siècle. Revue d'histoire*, n. 98, p. 113-124, 2008/2.

SIRINELLI, Jean-François. Les générations. Génération et histoire politique. *Vingtième Siècle*. *Revue d'histoire*, n. 22, p. 67-80, avril-juin 1989.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. *In*: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política.* 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SOIHET, Rachel. Mulheres moldando esteticamente suas existências: feminismo como alavanca para uma sociedade mais justa. *Projeto História*, São Paulo, v. 45, dez. 2012. p. 37. Disponível em: http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/15006/11200. Acesso em: 6 jul. 2021.

SONTAG, Susan. *Doença como metáfora.* Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

SPECTOR, Nelson. Halley Pacheco de Oliveira: médico, mestre e amigo. *Revista Brasileira de Hematologia e Hemoterapia*, v. 22, n. 2, p. 9A–10A, maio 2000.

STANFORD UNIVERSITY MEDICAL CENTER. Departament of Medicine Oncology Day Care Center. Evaluation of her recurrent Hodkin's disease. 1990. *In*: *Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro*. Fundo Vera Sílvia Magalhães, Caixa 1, Documentos Pessoais II, doc. 3, p. 1.

TESSITORE, Viviane. Projeto 'Brasil: Nunca Mais': Reconstrução histórica, recuperação e aplicação da metodologia. *Projeto História*, São Paulo, n. 50, p. 275-288, ago. 2014. Disponível em: http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/24044. Acesso em: 13 fev. 2017.

TRAVERSO, Enzo. *Melancolia de esquerda*: marxismo, história e memória. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2018.

TRISTAN, Haute; MATHIEU, Lilian; ORANGE, Sophie. Les enfants indociles de la massification scolaire. *In*: BEROUD, Sophie. *et al*. (orgs.). *Changer le monde, changer sa vie.* Paris: Actes Sud, 2018.

TROTSKI, Léon. *A história da revolução russa.* Brasília: Senado Federal, 2017. v. 1.

VALLI, Virginia (org.). *Eu, Zuzu Angel, procuro meu filho.* 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1987.

VANEIGEM, Raoul. *Traité de savoir-vivre à l'usage des jeunes générations.* Paris: Galimard, 1967.

VARGAS, Mariluci Cardoso. O Movimento Feminino pela Anistia como partida para a redemocratização brasileira. *In*: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA: VESTÍGIO DO PASSADO – A HISTÓRIA E SUAS FONTES - ANPUH-RS, 9., 2008, Porto Alegre. *Anais* [...]. Porto Alegre: ANPUH, 2008.

VELHO, Gilberto. *A utopia urbana. Um estudo de antropologia social.* 7. ed. (ed. digital). Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose*. *Antropologia das sociedades complexas.* Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

VENTURA, Zuenir. *1968. O ano que não terminou.* São Paulo: Círculo do Livro, 1988.

VENTURA, Zuenir. *1968. O ano que não terminou.* São Paulo: Objetiva, 2018.

VIANNA, Martha. *Uma tempestade como a sua memória: a história de Lia, Maria do Carmo Brito.* Rio de Janeiro: Record, 2003.

VIEIRA, Lizst. *A busca. Memórias da resistência.* 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2019.

VIÑAR, Marcelo; VIÑAR, Maren. *Exílio e tortura.* São Paulo: Escuta, 1992.

WEFFORT, Francisco. Participação e conflito industrial: Contagem e Osasco, 1968. *Cadernos CEBRAP*, São Paulo, n. 5, 1972.

WOLFF, Cristina Scheibe. Razón y emoción: mujeres militantes en las dictaduras del cono sur. *Historia del presente*, n. 33, p. 75-87, 2019. p. 75.

ZANCARINI-FOURNEL Michelle. Genre et politique: les années 1968; *Vingtième Siècle. Revue d'histoire*, n. 75, p. 133-143, 2002/3. DOI: 10.3917/ving.075.0133. Disponível em: https://www.cairn.info/revue-vingtieme-siecle-revue-d-histoire-2002-3-page-133.html. Acesso em: 2 fev. 2023.

ZANELLO, Valeska. *Saúde mental, gênero e dispositivos. Cultura e processos de subjetivação.* Curitiba: Appris, 2018.